

5.2 MEIO BIÓTICO

5.2.1 Apresentação

O modal ferroviário será instalado em função do traçado a ser definido no trecho dos Estados de Goiás, Mato Grosso e Rondônia, gerando corredor ferroviário com extensão aproximada de 1.700 Km, o qual transitará por dois Biomas de significado e significância ambiental brasileiro - o Cerrado e o Amazônico - na conformação potencial de ecótonos e áreas de tensão ecológica, permeando basicamente cinco regiões fitoecológicas básicas, sendo Cerrado, Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Estacional Decidual, acrescentando-se outras variações fitoecológicas possíveis e formações secundárias derivadas.

A macrolocalização dos traçados para efeitos de análise das alternativas locacionais para este modal terá início na cidade de Uruaçu – GO sobre o eixo da BR-153 no sentido oeste-noroeste, atravessando de leste a oeste no Estado de Mato Grosso, alinhando-se pelas cidades de Cocalinho sobre o rio Araguaia, Lucas do Rio Verde – MT sobre a BR – 163, até a cercanias de Vilhena – RO.

De forma geral, a vegetação primária da área de influência caracteriza-se por mosaico de distintas fisionomias dos biomas Cerrado e Amazônia, além da transição entre eles.

Nos fundos de vales e encaves, bem como nas porções com maior disponibilidade de água (áreas aplainadas de baixa altitude), geralmente associadas a baixos índices de dinâmica de antropização, domina em uma primeira aproximação, as formações florestais e nas áreas de interflúvio, encostas as savânicas, preferencialmente “florestadas” e em transição para o amazônico.

De modo geral, a área aparenta boa preservação, possuindo graus de antropização variados (quanto mais próximos dos núcleos de desenvolvimento dos pólos agrícolas estaduais e municipais, maior é a dinâmica), conforme o grau de facilidade de deslocamento (estradas).

Ocorrem remanescentes/fragmentos extensos de formação florestada, quase sempre de forma continuada, intercalados por formações agrícolas (agricultura e pecuária), testemunhado as fisionomias pretéritas nas circunvizinhanças.

Já as fisionomias de feições savânicas apresentam maior continuidade nos platôs e/ou áreas com relevo menos movimentado mas com inclinações não superiores a 15% (quinze por cento).

O Cerrado representa o segundo maior bioma do país em área de extensão, cobrindo cerca de 23% do território nacional, localizado principalmente no Planalto Central Brasileiro (Ribeiro & Walter, 1998). Por apresentar elevada diversidade biológica e taxa de endemismos, este bioma se constitui uma das áreas prioritárias no mundo para conservação (Myers, 2003; Cavalcanti & Joly, 2002). A região compõe-se de um complexo vegetacional, composto por diversos tipos fitofisionômicos distribuídos entre formas campestres, savânicas e florestais (Oliveira-Filho & Ratter, 2002).

Atualmente, o Cerrado é um dos biomas mais ameaçados do Brasil pela rápida transformação e degradação dos ambientes naturais, principalmente devido à ocupação desordenada através do crescimento de cidades, atividades agrícolas e construção de grandes empreendimentos (Ratter *et al.*, 1992, Klink & Moreira, 2002). É considerada como um dos 34 hotspots mundiais, pois além de ser um bioma ameaçado, é a savana com maior diversidade de espécies do mundo (Myers, 2003).

O Cerrado possui um clima sazonal bem delimitado, com uma estação seca e uma chuvosa, uma grande heterogeneidade de habitats e conseqüentemente uma diversidade comparável à da Amazônia (Colli *et al.*, 2002).

Nos últimos 30 anos, intensas mudanças têm ocorrido sobre a cobertura vegetal do Cerrado, em função da expansão das atividades agrícolas, especialmente a soja, das fazendas de criação de gado e, também, da urbanização. Ainda, nas últimas décadas, foram implantados, na região, grandes reservatórios para produção hidroelétrica reduzindo significativamente a diversidade da fauna nos remanescentes naturais de Cerrado. Como reflexo destes impactos, há o atual cenário de rápida substituição de áreas naturais de Cerrado por ambientes fortemente antropizados, comprometendo a conservação da flora e fauna silvestres da região (Klink & Moreira, 2002).

A ação do homem como devastador da vegetação original se iniciou com a colonização do Brasil, tendo sido e sendo mais acentuada nas regiões Sul, Sudeste, Nordeste e parte do Centro-Oeste.

Já na Região Norte a ação depredadora data da década de 60, com crescimento nos anos 70/80, provocando o desaparecimento de espécies raras (muitas ainda não perfeitamente estudadas) e já sendo motivo de preocupação em áreas como Rondônia, oeste do Tocantins, oeste do Mato Grosso e sul do Pará, enquanto o reflorestamento e a preservação são incipientes.

O conhecimento sobre a fauna do Cerrado está restrito principalmente às proximidades dos grandes centros urbanos (Goiânia, Brasília, Cuiabá) ou a áreas de construção de hidroelétricas, como em Serra da Mesa e no Manso. Embora diversos

levantamentos tenham sido realizados nos Parques Nacionais localizados no Bioma (Chapada dos Veadeiros, Chapada dos Guimarães e Emas, dentre outros), a maior parte destes dados não se encontra publicado, estando ainda na forma de relatórios pouco disponíveis para consultas.

De acordo com alguns estudos, a fauna de vertebrados do Cerrado é rica, sendo que são conhecidas 196 espécies de mamíferos (Marinho-Filho et al., 2002), 841 espécies de aves (Silva, 1995a, Bagno & Marinho-Filho, 2001; Macedo 2002), 183 de répteis e 121 de anfíbios (Colli et al., 2002), e 780 de peixes (Ribeiro, 2006). Quanto aos invertebrados, estima-se que existem 90.000 espécies (Dias, 1992).

Os ecossistemas aquáticos vêm sofrendo diversos tipos de impactos antrópicos que causam a deterioração da qualidade ambiental das bacias hidrográficas (Callisto *et al.*, 2002). Conservar estes ecossistemas é fundamental para que possam ter seus múltiplos usos garantidos tais como fornecimento de água para abastecimento doméstico e industrial, geração de energia elétrica, produção de alimentos, lazer e conservação (Esteves, 1998).

Os rios e córregos integram o que ocorre nas áreas ao seu redor de acordo com o tipo de uso e ocupação do solo. A construção de barragens, o desmatamento das matas de galeria, o uso de pesticidas, entre outros, afetam as comunidades de organismos aquáticos devido aos processos de lavagem e carreamento (Callisto *et al.*, 2001).

Desde o início da ciência Limnologia, os estudos ecológicos acerca de comunidades de macroinvertebrados bentônicos tiveram um papel importante na classificação do estado trófico de lagos e rios. Os rios e riachos exibem características resultantes de seu papel como canais para o transporte do excesso de água, derivada da precipitação, que os ambientes terrestres não conseguem absorver. Como todo ecossistema, os rios envolvem uma complexa interação da biota com o seu ambiente físico e químico. O fluxo unidirecional da corrente impõe uma grande limitação ao estabelecimento dos organismos no ambiente lótico (águas correntes) exigindo estratégias adaptativas de morfologia do corpo (achatamento), comportamento de mobilidade e orientação dentro do rio. Tais estratégias levam os organismos à seleção de microhabitats visando reduzir a exposição às fortes correntes (Petts e Calow, 1996 apud Silveira, 2004).

Devido a algumas características intrínsecas à biota, a utilização da comunidade aquática em estudos ecológicos oferece vantagens importantes sobre as medições químicas, tais como exposição prolongada a todas as variações de parâmetros ambientais, fornecendo, portanto, uma resposta integrada. Os dados químicos são

eficientes, mas são dados instantâneos, requerendo um grande número de medições para se obter uma representação fiel, enquanto que a biota apresenta diferentes sensibilidades e taxas de recuperação (dependendo da espécie e dos ciclos de vida) além da capacidade de concentrar e armazenar substâncias em seus tecidos (muitas vezes tais substâncias não são detectadas no ambiente por meios químicos).

Organismos bentônicos são aqueles que vivem no substrato de fundo de ecossistemas aquáticos (rios, lagos, oceanos, etc.), ao menos, durante parte de seu ciclo de vida. Este substrato pode ser formado por sedimento, pedaços de madeira, folhas, algas, rochas, etc (Moulton, 1998). Os macroinvertebrados bentônicos, ou simplesmente zoobentos, são os animais que ficam retidos em redes com malha de 200 a 500 mm

Estes organismos têm sido amplamente utilizados como indicadores de qualidade ambiental, pois são sensíveis a vários tipos de degradação e respondem de maneiras diferentes a um amplo espectro de tipos e níveis de poluição (Arias *et al.*, 2007). Seu sedentarismo permite a representação das condições locais e seu ciclo de vida longo é capaz de registrar a qualidade ambiental. Assim, a estrutura da comunidade de macroinvertebrados bentônicos reflete o estado de todo o ecossistema aquático onde o estabelecimento de espécies nas comunidades bentônicas depende do número de espécies já residentes, dos tipos de substratos, dos padrões de corrente, do regime de luz e das concentrações de nutrientes nos rios (Baptista *et al.*, 2001).

Os macroinvertebrados apresentam um papel importante na ciclagem de nutrientes e no fluxo de energia dos córregos e rios participando dos processos de decomposição da matéria orgânica (Silveira, 2004). Estes organismos participam do processo de decomposição da matéria orgânica reduzindo o tamanho das partículas e, através da atividade mecânica, liberam nutrientes do sedimento para a coluna d'água. Além disso, fazem parte da cadeia alimentar de vários organismos aquáticos, principalmente peixes (Esteves, 1998), servindo como um link entre os nutrientes que filtram e se alimentam e animais vertebrados de maior porte (Merritt & Cummins, 1996). Por este e por outros motivos, os macroinvertebrados têm sido amplamente usados para avaliar a base de presas disponíveis para a manutenção das populações de peixes e principalmente para avaliar a qualidade da água (Karr, 1999).

Macroinvertebrados bentônicos são amplamente utilizados como bioindicadores de qualidade de água e saúde de ecossistemas por apresentarem as seguintes características (Rosenberg & Wiens (1976) ; Hellawell (1986), Callisto *et al.*, 2001, 2002):

Ciclos de vida longo, comparando-se com os organismos do plâncton que em geral tem ciclos de vida em torno de horas, dias, 1 ou 2 semanas; os macroinvertebrados bentônicos podem viver entre semanas, meses e mesmo mais de 1 ano, caracterizando-se como "organismos sentinelas".

Em geral, são organismos grandes (maiores que 125 ou 250 μm), sésseis ou de pouca mobilidade;

Fácil amostragem, com custos relativamente baixos;

Elevada diversidade taxonômica e de identificação relativamente fácil (ao nível de família e alguns gêneros);

Organismos sensíveis a diferentes concentrações de poluentes no meio, fornecendo ampla faixa de respostas frente a diferentes níveis de contaminação ambiental.

Sendo assim, podemos dizer que a comunidade de macroinvertebrados bentônicos é composta por diversos organismos que podem ser utilizados como indicadores biológicos, já que possuem uma série de características (como listadas acima) que os tornam forte instrumento para a detecção de alterações ambientais (Navas-Pereira & Henrique, 1996).

Com o objetivo de melhor avaliar a condição dos ecossistemas e propor medidas de monitoramento que interrompam ou minimizem os efeitos da poluição de origem antrópica, muitos pesquisadores adaptaram ou desenvolveram índices com uma abordagem holística para a avaliação das condições ecológicas. Índices bióticos tem sido uma importante ferramenta em estudos de monitoramento dessas condições, em geral considerando a composição taxonômica e dominância de alguns grupos tolerantes a poluição. A estrutura da comunidade de insetos e outros invertebrados é relacionada com variações nas características ambientais dos rios. Tais análises são usadas para gerar e testar hipóteses sobre os possíveis fatores que influenciam a estrutura da comunidade de rios, e também modelar as respostas da biota às mudanças naturais e antropogênicas no ambiente (Silveira, 2004).

O uso de indicadores biológicos para avaliação da qualidade das águas é sustentado também pela legislação dos Recursos Hídricos (Lei 9433/97, que institui a Política Nacional de Recursos Hídricos e cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos), a qual tem como um de seus preceitos "considerar que a saúde e o bem estar humanos, bem como o equilíbrio ecológico aquático, não devem ser afetados como consequência da deterioração da qualidade das águas". Desse modo, se justifica a necessidade de avaliar a condição da comunidade biológica para a manutenção da integridade dos ecossistemas aquáticos, a qual pode ser definida

como a capacidade do sistema em manter a sua biodiversidade natural e os processos ecológicos essenciais para seu perfeito funcionamento.

Índices bióticos têm sido uma importante ferramenta em estudos de monitoramento de condições ecológicas, em geral considerando a composição taxonômica e dominância de alguns grupos tolerantes a poluição. No Brasil, algumas iniciativas têm sido propostas para bacias hidrográficas que vêm sofrendo a influência do lançamento de esgotos domésticos e efluentes industriais, na maioria das vezes utilizando técnicas de estatísticas multivariadas. Os limnólogos geralmente relacionam a estrutura da comunidade de insetos e outros invertebrados com variações nas características ambientais dos rios. Tais análises são usadas para gerar e testar hipóteses sobre os possíveis fatores que influenciam a estrutura da comunidade de rios, e também modelar as respostas da biota às mudanças naturais e antropogênicas no ambiente (Silveira, 2004).

As análises das condições dos ecossistemas de rios podem ser feitas através das guildas de alimentação (utilizam a mesma fonte de alimento), onde se estabelecem grupos funcionais. Essa abordagem se concentra nos mecanismos, na morfologia e no comportamento, na qual os invertebrados adquirem seus alimentos (GFA Terra Systems, 2003) distinguindo taxons que desempenham diferentes funções dentro dos ecossistemas aquáticos. As categorias referentes aos mecanismos de aquisição de alimento foram escolhidas tendo como base o tamanho das partículas (fina ou grossa) e sua localização (coluna d'água, em superfícies, sedimentada, etc) (Tabela 4.2.2 A) (Merritt e Cummins, 1996). O alimento dos macroinvertebrados bentônicos e a sua maneira de obtenção possuem uma relação direta com os impactos que podem ocorrer nos rios. Isto pode ser explicado pelo fato de que com a retirada da mata ciliar ou com o assoreamento do leito do rio, haveria alterações na abundância de determinados grupos, em função da maior ou menor disponibilidade de alimento. Portanto, as categorias de alimentação (ou categorias tróficas) são freqüentemente usadas em estudos de impacto ambiental, pois fornecem uma boa medida sobre o que está afetando a fauna local, em função da proporção e da abundância dos diversos organismos que compõem a comunidade de macroinvertebrados daquele ambiente em estudo (Silveira, 2004).

Cerca de um milhão de espécies de insetos são conhecidas, o que corresponde a 3/4 da diversidade animal do planeta. O número estimado de espécies é ainda maior, fontes diferentes concordam que existam entre 5 e 80 milhões de espécies. Um exemplo dessa diversidade se refere a única família de besouros, os Curculionidae,

que possui cerca de 60 mil espécies conhecidas, o que corresponde a mais do que todas as espécies conhecidas de vertebrados somados.

Quatro ordens de insetos se destacam pelo grande número de espécies conhecidas. As Ordens Coleoptera (besouros), Hymenoptera (vespas e abelhas), Diptera (moscas e mosquitos) e Lepidoptera (borboletas e mariposas) são consideradas “megadiversas” pelo fato de possuírem mais de 150 mil espécies descritas no mundo, destacando-se os besouros, com mais de 300 mil espécies conhecidas. Por esta razão a identificação das espécies destas ordens de insetos é bastante difícil. Por outro lado grupos oligodiversos, como Orthoptera, Blatária e Dermaptera, entre outros, possuem poucos especialistas e/ou coleções no Brasil que facilitem sua identificação no nível da espécie.

Uma alternativa para contornar esta dificuldade é a caracterização dos táxons amostrados em grupos funcionais que facilitem o entendimento de sua permanência ou ausência no contexto do meio ou do bioma em que foram coletados. Informações sobre os hábitos alimentares (herbívoros, predadores, hematófagos, etc), tipo de ambiente (terrestre *versus* aquático), tipo de desenvolvimento pós-embrionário (completo ou incompleto) ou mesmo associações antrópicas (sinantrópia *versus* assinantropia).

Dentre os vertebrados os peixes representam o grupo que possui o maior número de espécies nos ambientes aquáticos, com aproximadamente 31.300 (Froese & Pauly, 2009). De acordo com Nelson (1994), são 9.966 espécies de peixes que habitam exclusivamente as águas doces do planeta.

Com o advento de novos estudos torna-se crescente a descoberta e descrição de novas espécies de peixes nas águas continentais neotropicais. São reconhecidas por Reis *et al.* (2003) 4.475 espécies válidas para a América do Sul e Central, e este número pode crescer para cerca de 6.000 espécies, considerando estimativas de trabalhos ainda em andamento. Sabino & Prado (2005) estimam para o Brasil 3.416 espécies de peixes, sendo 2.122 habitantes de águas doces. Destas, 16 são Chondrichthyes (Rosa & Carvalho, 2003) e 2.106 são Osteichthyes (Buckup & Meneses, 2003). O Brasil apresenta a maior riqueza de espécies de peixes de água doce do mundo e a Bacia Amazônica aparece como a maior contribuinte dessa diversidade (Meneses, 1996). A grande dimensão da Bacia Amazônica (7,05 milhões Km²; IBGE, 1992) e sua grande heterogeneidade ambiental são fatores que viabilizam e garantem uma alta diversidade biológica (Lowe-McConnell, 1987).

São quatro as principais estruturas geológicas que moldam a Bacia Amazônica: Cordilheira dos Andes, Escudos Cristalinos da Guiana, Escudo Cristalino do Brasil e bacia sedimentar. Essas formações geológicas interferem na composição química das águas e, conseqüentemente, na composição e produção dos peixes (Fittkau *et al.*, 1975). As águas dos rios amazônicos, seguindo as origens geológicas de cada região, são classificadas em: claras, brancas e pretas (Sioli, 1975; Sioli & Klinge, 1965). Os rios de águas brancas (p. ex., Juruá, Purus e Madeira) são aqueles localizados na porção oeste amazônica sob influência da Cordilheira dos Andes. As águas desses rios são alcalinas, transportam grande quantidade de sedimentos (elevada turbidez) e apresentam altos níveis de Ca, Mg, Na e Cl (Sioli, 1968). Já os rios de águas claras (p. ex., Trombetas, Tapajós, Jarí, Xingu e Tocantins) localizam-se nos Escudos Cristalinos das Guianas e Brasileiro e suas águas drenam regiões com concentrações de silício (Araújo-Lima & Rufino, 2003). Por fim os rios de águas pretas (p. ex., Negro) drenam regiões de solos encharcados com enriquecimento de sílica, altas concentrações de Fe, Al e H e baixas de ânions (Araújo-Lima & Rufino, 2003).

A região hidrográfica do Tocantins é classificada pelo IBGE como sendo uma bacia geograficamente independente da bacia Amazônica; no entanto, sua composição faunística é bastante similar a dos demais rios amazônicos. A bacia do Alto Rio Tocantins é caracterizada por representar uma área de grande lacuna para o conhecimento ictico. Miranda & Mazzoni (2003) inventariando três riachos da bacia do Alto Rio Tocantins – GO (córregos Água Boa, Acaba Saco e Cavalo) identificaram 47 espécies de peixes, sendo as ordens Characiformes e Siluriformes as mais representativas. Esses autores ressaltam a carência de estudos taxonômicos para a região evidenciados nas identificações com *status* deficiente.

Ribeiro *et al.* (1995) destacam para a bacia Araguaia-Tocantins as espécies *Serrasalmus geryi* Jégu & Santos, 1998; *Leporinus affinis* Günther, 1864 e *Serrasalmus eigenmanni* Norman, 1929 como sendo endêmicas para a bacia. Melo *et al.* (2007) caracterizando ecologicamente a comunidade de peixes do baixo Rio das Mortes (maior afluente da margem esquerda do Rio Araguaia) identificaram altos valores de diversidade, riqueza e abundância de peixes. O mesmo estudo verificou diferentes composições na comunidade ictica em função da sazonalidade, mostrando a influencia dos pulsos de inundação na região. Ao longo da bacia do Rio das Mortes, na planície de inundação do Bananal, são observadas áreas alagadas que atuma como berçário tanto para espécies migradoras quanto para as residentes; as lagoas fornecem abrigo e alimento para essas espécies nos períodos chuvosos (Melo *et al.*, 2005). A importância da preservação das áreas de reprodução, alimentação e berçário

dos peixes é indispensável para a sustentabilidade da pesca no Rio das Mortes (Melo *et al.*, 2005). Benedito-Cecilio *et al.* (2004) avaliando a composição e estrutura da comunidade íctica no Parque Nacional das Emas identificaram 22 espécies, sendo 18 encontradas no Rio Araguaia (rio de maior diversidade no Parque).

Para bacia do Rio Xingu são estimadas 600 espécies de peixes, em sua maioria frugívora (Isaac *et al.*, 2002). Camargo *et al.* (2004) identificaram para a bacia do Xingu 467 espécies de peixes das quais 69 ocorrem em toda bacia. Esses autores identificam duas áreas principais para conservação baseados na distribuição da ictiofauna: as regiões de cabeceiras (ocorrência de pequenos caracídeos e ciclídeos e forte pressão antrópica) e o médio Xingu (alta diversidade de espécies das famílias Cichlidae, Anostomidae e Loricariidae).

Camargo *et al.* (2005) realizando levantamento ictiofaunístico dos tributários do médio-baixo Tapajós e Curuá identificaram 146 espécies. Nesse estudo foi constatado um alto grau de raridade e baixa similaridade entre as áreas amostradas indicaram grande fragilidade dos ambientes. Uma alta frequência de exemplares jovens, ao longo da bacia, indica que esses tributários constituem áreas para crescimento de recrutas. Estudo em afluentes do Rio Teles Pires, na drenagem do Tapajós, identificou 82 espécies de peixes com maioria de espécies carnívoras (*Hoplias* aff. *malabaricus*, *Cichla pinima*, *Serrassalmus rhombeus* entre outras) e espécies forrageiras (*Prochilodus* cf. *nigricans*, *Leporinus* cf. *fridericii* e *Brycon falcatus*) (Smerman, 2007).

Na porção ocidental amazônica, a Bacia do Rio Madeira é uma das maiores contribuintes do sistema Solimões - Amazonas, apresentando uma alta riqueza de espécies. Goulding (1979) destaca as espécies de maior relevância comercial e alguns aspectos ecológicos dos peixes no Rio Madeira. Batista (1998) ressalta a importância comercial do pescado proveniente dessa bacia entre os anos 1994 – 1996. Novos estudos apresentam para o Médio Rio Madeira uma riqueza de 448 espécies distribuídas em 44 famílias (Rapp Py-Daniel *et al.*, 2007). Rapp Py-Daniel *et al.* (2007) apontam, ainda, para alterações na composição das taxocenoses ícticas em virtude do histórico de ocupação humana na região, que vem provocando desequilíbrios nas populações naturais de peixes.

O Rio Guaporé, um dos tributários do Rio Madeira, atravessa uma área de transição de fauna andina para fauna do escudo brasileiro, e esta região vem sendo alvo de grandes intervenções antrópicas (Barthem, 2001). Algumas espécies migratórias de peixes utilizam o Alto Rio Madeira para se alimentar de presas de menores portes (migração trófica) (Barthem & Goulding, 1997). Espécies migratórias de grande

importância econômica com ampla distribuição, como o tambaqui (*Colossoma macropomum*), podem ser encontradas no Rio Guaporé realizando desovas (Araújo-Lima & Goulding, 1998).

A herpetofauna do Cerrado apresenta uma alta diversidade de espécies, sendo comparável à diversidade encontrada na Amazônia, e ainda um alto grau de endemismo (Colli et al., 2002). Em anfisbenas, 50% das espécies são endêmicas do bioma, porcentagem comparável a da flora do Cerrado.

O Brasil está entre os países com maior diversidade de espécies de aves do planeta, apresentando cerca de 1.900 espécies (Sick, 1997; CBRO, 2006). No Cerrado foram levantadas 841 espécies de aves (Silva, 1995a, Bagno & Marinho-Filho, 2001), das quais 90,7% se reproduzem nessa região. A grande diversidade de fitofisionomias presentes no bioma é distribuída na forma de um mosaico de *habitats*, o que favorece a existência de uma avifauna bastante rica. Considerando as aves residentes, 51,8% das espécies são dependentes de ambientes de floresta, 27,4% vivem em áreas abertas, e 20,8% são generalistas, isto é, vivem tanto em florestas como em áreas abertas (Silva, 1995b). O bioma Cerrado, por localizar-se numa região central da América do Sul, apresenta uma composição de avifauna com influências de outros grandes domínios fitogeográficos do país, fazendo limites com Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica e Chaco (Silva, 1995a). Assim, apenas 36 espécies (4,3%) são aves endêmicas do Cerrado (Silva, 1997; Cavalcanti, 1999; Silva & Bates, 2002).

Os primeiros estudos ornitológicos referentes à região do alto curso do rio Xingu, e do curso médio superior do Araguaia datam de 1937, incluindo coletas realizadas por Walter Garbe durante a expedição de desbravamento intitulada “Bandeira Anhanguera” (PINTO, 1938).

Outra relevante investida na região de transição entre os biomas Amazônia e Cerrado foi a expedição Roncador-Xingu, da Fundação Brasil Central que proporcionou novas e excelentes oportunidades para a exploração científica do sertão ainda inesplorado de Mato Grosso. Helmut Sick acompanhou a expedição e realizou relevantes coletas de dados e exemplares de espécimes nos cerrados do centro-leste matogrossense e no alto rio Xingu, sendo um marco na construção do conhecimento sobre as aves dessas regiões (PINTO & CAMARGO, 1948; PACHECO & BAUER, 1993).

Existe um trabalho publicado Fry (1970) sobre a distribuição ecológica de aves dos cerrados, campos naturais e florestas de transição na serra do Roncador. Este estudo fornece importantes informações sobre a distribuição das espécies em relação aos diferentes habitats, fornece também uma lista bastante completa das aves dessa

região, além de abordar aspectos como a ecologia alimentar, migração e período reprodutivo de algumas espécies de aves. No inventário consta 263 espécies que foram registradas, incluindo diversas coletas.

Outro relevante fator que vale ser ressaltado mediante a pouca informação disponível, refere-se ao conhecimento filogenético da avifauna referente a região de intersecção entre os bioma Amazônico e o Cerrado, diante da possibilidade de existirem táxons ainda desconhecidos e com distribuição geográfica restrita nas áreas a serem afetadas pelo empreendimento. Apesar de ser um dos grupos mais estudados dentre os vertebrados (LEWINSOHN, 2006), a cada ano novas espécies ainda são descritas, de regiões remotas ou pouco amostradas, como é o caso de grande parte da Amazônia. A intensificação de estudos em áreas de interflúvio e de transição entre os dois biomas em questão tem levado à descoberta tanto de populações de espécies antes conhecidas apenas de outras regiões da Amazônia (e.g., OREN & SILVA, 1987; GRAVES & ZUSI, 1990; ALEIXO et al., 2000).

Diante do exposto acima, muito podem contribuir os estudos que explorem mais a rica e complexa estrutura da comunidade de aves que habita a faixa transitória entre Amazônia e Cerrado, incluindo as regiões de interflúvio presentes e seu diverso mosaico vegetacional.

O Brasil possui 652 espécies de mamíferos registradas, o que representa 13% das espécies de mamíferos do mundo. De acordo com Reis *et al.* (2006) a Floresta Amazônica é o primeiro bioma brasileiro em número de espécies e endemismos de mamíferos, seguida da Mata Atlântica e do Cerrado, com respectivamente 311 (73% das espécies de toda a Amazônia (Rylands, *et al.*, 2002)), 250 e 194 espécies descritas. O Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção relaciona 69 espécies de mamíferos (10,6% das espécies nativas), 19 para o Cerrado e 21 para a Amazônia (MMA, 2008).

Sabe-se que a comunidade de mamíferos da Amazônia influencia fortemente a mastofauna do Cerrado, ao partilhar muitos de seus elementos (Marinho-Filho *et al.*, 2002). No Cerrado brasileiro, os morcegos representam 42% da mastofauna, compondo o grupo mais rico de espécies dentre os mamíferos, seguido pelos roedores, carnívoros, e marsupiais (Redford & Fonseca, 1986). Existem 16 espécies endêmicas de mamíferos no Cerrado (Bonvicino *et al.*, 2002; Marinho-Filho, *et al.*, 2002; Weksler & Bonvicino, 2005). A maioria destas espécies endêmicas (56%) é exclusiva de áreas abertas (e.g. *Oxymycterus delator*). Do restante, 22% são

endêmicas de formações florestais e 22% utilizam as duas formações (florestais e abertas).

A variação dos tipos de vegetação do Cerrado, decorrentes de diferentes condições edáficas e hídricas, geram uma grande diversidade de *habitats* favoráveis para a fauna (Fonseca, 1996). Embora as matas de galeria representem apenas 5% da área total do bioma, abrigam 80% das espécies do Cerrado, sendo 24% ameaçadas (Ribeiro *et al.*, 2001). Marinho-Filho *et al.* (2002) analisaram a utilização de habitats pelos mamíferos no Cerrado e identificaram a predominância de espécies generalistas em relação às especialistas, exceto para primatas, que são especialistas de florestas, e roedores, que podem ser especialistas de florestas ou de áreas abertas. As áreas de campo úmido que apresentam especialistas a este tipo de habitat (e.g. *O. delator*) possuem maior riqueza se comparado às outras áreas abertas (campo limpo e campo sujo).

Associados às formações savânicas de Cerrado estão alguns gêneros mais raros, como os roedores *Euryzygomatomys*, *Wiedomys* e os marsupiais *Thylamys*. Entre os especialistas de habitats florestais estão a maioria dos marsupiais e dos roedores da família Cricetidae (Vieira & Palma, 2005; Bonvicino *et al.*, 2008).

Com mais de 6,5 milhões de quilômetros quadrados, a Amazônia é a maior floresta tropical do planeta e a região de maior diversidade do planeta (Ab'Saber, 1977). A Amazônia abriga entre 15 e 20% de todas as espécies de organismos existentes. Muitas destas espécies são endêmicas à Amazônia, ou seja, não ocorrem em nenhuma outra região do planeta.

A Amazônia como um todo, é composta por uma série contínua de formações vegetais que são, floristicamente bastante distintas. Apesar de ser determinada por Pires (1972) a ocorrência de nove (9) tipos principais de vegetação na Amazônia, as Matas de Terra Firme cobrem aproximadamente 90% da área de toda a região, representando, de longe, o ecossistema mais conspícuo e o de maior interesse científico.

O estudo florístico da floresta Amazônica é uma tarefa complexa, que ainda hoje pode ser considerado escasso. A extensão territorial, a diversidade florística, o acesso às áreas de amostragem, a altura das árvores e a dificuldade de coleta, a enorme sinonímia vulgar existente, a escassez de taxonomistas e as dificuldades de preparo do material botânico são os principais óbices para um entendimento mais global da floresta de Terra Firme da Amazônia.

A Floresta Amazônica de Terra Firme está implantada sobre solos bastante diversos, de fertilidade muito variável. No geral as árvores deste ecossistema são bastante elevadas, com copas sobrepostas, que determinam em sombreamento permanente do solo; a ciclagem da matéria orgânica e dos nutrientes é bem rápida e os processos de sucessão e regeneração da mata são fortemente influenciados pela capacidade das plantas se desenvolverem na sombra; o número de espécies por área é muito elevado e a dominância de determinadas espécies por área não é, via de regra elevada, destacando-se um grande número de espécies raras (Pires, 1972).

Segundo Haffer (1982), a alta diversidade em florestas tropicais pode ser explicada pela soma de vários fatores, como a produtividade elevada dos ecossistemas, a redução da área de nicho, a sobreposição de espécies em um mesmo nicho, entre outros.

Segundo Prance (1979), o estudo de gêneros com razoável número de espécies, como *Parinari*, *Caryocar*, *Licania* e *Eschweilera*, mostram que o processo mais comum de especiação é o simpátrico. Esta simpatria de várias espécies ocorreu em função de várias circunstâncias - inicialmente, a um nível mais amplo, pela deriva continental que isolou grupos de espécies em vários continentes; em uma segunda etapa, ao nível continental com a elevação dos Andes e isolamento da Costa Pacífica e Atlântica; posteriormente com o advento de climas mais secos no Nordeste e o isolamento da floresta atlântica e amazônica.

As atuais florestas tropicais podem ser consideradas como um ecossistema desenvolvido pós-glaciação (Raven, 1979). As florestas tropicais mais antigas foram destruídas com o início das glaciações, em uma escala mundial, no Mioceno Superior e parecem não ter originado as atuais florestas tropicais, pelo menos como um todo. A partir do Eoceno iniciou-se a diferenciação das massas continentais da América do Norte e Central (cerca de 53-54 milhões de anos) e somente a partir desta época houve possibilidade de contacto entre a flora da América do Sul e a América Central e do Norte.

Até este período, o contato era excessivamente entre flora da América do Sul e África, contato cada vez menos estreito em função da deriva continental. O processo de especiação na Amazônia é muito complexo pois existem várias circunstâncias influenciando no mesmo. Existem na flora amazônica lenhosa, várias espécies atlânticas. Andrade-Lima (1953) identifica cerca de 132 espécies lenhosas comuns à mata atlântica e amazônica. Afora os elementos atlânticos existem muitas espécies mais recentes, originadas após glaciações em áreas restritas (Prance, 1982) e

numerosas espécies originadas nos outros vários ecossistemas existentes na Amazônia.

A um nível de áreas menores, que ficaram disjuntas em função de períodos alternados de maior ou menor seca, o processo prevalente de especiação deve ter sido alopátrico, com populações disjuntas ocupando nichos restritos. Este conceito se enquadra bem ao exposto por Prance (1982) quando cita áreas de refúgio na Amazônia, e/ou às áreas de endemismo (Silva et al., 2005).

É relativamente comum a ocorrência de espécies de ampla distribuição que exibem ao longo de sua área de ocorrência variações morfológicas que nem sempre podem ser relacionadas com a área e o clima.

Algumas famílias são particularmente conspícuas e abundantes na floresta amazônica de terra firme. Algumas dessas famílias - *Sapotaceae*, *Caesalpinaceae*, *Lecythidaceae*, *Moraceae*, *Chrysobalanaceae*, *Burseraceae*, *Mimosaceae*, *Apocynaceae*, *Annonaceae*, *Lauraceae*, *Fabaceae*, são muito comuns e no geral apresentam um maior número de espécies e indivíduos. O número de espécies raras (poucos indivíduos) é quase que sempre muito elevado.

Devido a sua grande extensão e diversidade, e também devido ao pequeno número de profissionais especializados e pesquisadores trabalhando na Amazônia, os trabalhos científicos e as coleções zoológicas existentes ainda não apresentam um quadro claro sobre a fauna do bioma (Overal & Mascarenhas, 1993).

Estudos recentes indicam que a Amazônia abriga aproximadamente 40.000 espécies de plantas, 427 espécies de mamíferos, 1.294 de aves, 427 de anfíbios, 3.000 espécies de peixes (Rylands et al., 2002), 109 espécies de lagartos e anfisbenas (Rodrigues, 2005), 305 espécies de serpentes (CI, 2008) e 14 espécies de quelônios e quatro jacarés.

As espécies endêmicas à Amazônia não estão amplamente distribuídas na região, mas se agrupam em áreas específicas denominadas de áreas de endemismo (Silva et al., 2005).

Estudos recentes sobre a distribuição dos vertebrados terrestres indicam que podemos dividir a Amazônia em oito grandes centros de endemismo (Silva et al., 2005). Estes centros foram denominados de Guiana, Imeri, Napo, Inambari, Rondônia, Tapajós, Xingu e Belém. De forma simplificada, estes centros de endemismo podem ser descritos como grandes ilhas separadas entre si por rios largos e caudalosos que juntos formam o maior sistema de águas doce do planeta (Silva et al., 2005).

As áreas de endemismo variam de tamanho, sendo que a menor é a de Belém e a maior a da Guiana. A provável área de estudo para o eixo ferroviário proposto, está inserida em três áreas de endemismo: Inambari, Rondônia e Tapajós.

Dentre as ameaças às áreas de endemismo, destacam-se a perda de habitat, a degradação e a fragmentação de habitat, causado principalmente pelo desmatamento, extração de madeira e agropecuária (Gascon et al., 2001).

Na Amazônia brasileira, assim como no Cerrado, os grupos de mamíferos mais especiosos são o dos quirópteros e o dos roedores, respectivamente. Atualmente são conhecidos cerca de 123 espécies de morcegos e 72 de roedores para este bioma (Py-Daniel *et al.*, 2007). Com 174 espécies endêmicas, este é o bioma com maior nível de endemismo (55,9%) do Brasil (Reis, 2006). Considerando as espécies que ocorrem no Brasil, podemos citar os seguintes mamíferos endêmicos da Amazônia: primatas como *Cebueella pygmaea*, *Callimico goeldii* e mais de uma espécie dos gêneros *Alouatta*, *Aotus*, *Ateles*, *Chiropotes* e *Pithecia* (Eisenberg & Redford, 1999; Reis, 2006), roedores (e.g. *Coendou nychtemera*), um cetáceo (*Sotalia fluviatilis*) e o peixe-boi (*Trichechus inunguis*). Estudos sobre a comunidade de mamíferos na Amazônia sugeriram que áreas de floresta de terra firme apresentam maior riqueza de mamíferos de médio e grande porte do que áreas inundáveis de floresta de várzea (Haugaasen & Peres, 2005).

Apesar de frequentemente vista como um contínuo de floresta tropical úmida, a região amazônica possui fragmentos de vegetação savânica isolados (rodeados por floresta) e não-isolados (próximos à fronteira com o norte do Cerrado) (Sanaiotti *et al.*, 2002). Estes fragmentos partilham espécies de mamíferos com as savanas do Cerrado, como o roedor *Necromys lasiurus* que ocorre e forrageia exclusivamente nesses fragmentos e não reside nas formações florestais (Magnusson *et al.*, 1999). O mosaico de vegetação decorrente dessa fragmentação natural parece não restringir os movimentos e a dispersão de morcegos filostomídeos, que cruzam os fragmentos de savana para chegar às suas áreas de forrageio (Bernard & Fenton, 2007; Bernard & Fenton, 2003).

Dentre os vertebrados os peixes representam o grupo que possui o maior número de espécies nos ambientes aquáticos, com aproximadamente 31.300 (Froese & Pauly, 2009). De acordo com Nelson (1994), são 9.966 espécies de peixes que habitam exclusivamente as águas doces do planeta.

Com o advento de novos estudos torna-se crescente a descoberta e descrição de novas espécies de peixes nas águas continentais neotropicais. São reconhecidas por

Reis *et al.* (2003) 4.475 espécies válidas para a América do Sul e Central, e este número pode crescer para cerca de 6.000 espécies, considerando estimativas de trabalhos ainda em andamento. Sabino & Prado (2005) estimam para o Brasil 3.416 espécies de peixes, sendo 2.122 habitantes de águas doces. Destas, 16 são Chondrichthyes (Rosa & Carvalho, 2003) e 2.106 são Osteichthyes (Buckup & Meneses, 2003). O Brasil apresenta a maior riqueza de espécies de peixes de água doce do mundo e a Bacia Amazônica aparece como a maior contribuinte dessa diversidade (Meneses, 1996). A grande dimensão da Bacia Amazônica (7,05 milhões Km²; IBGE, 1992) e sua grande heterogeneidade ambiental são fatores que viabilizam e garantem uma alta diversidade biológica (Lowe-McConnell, 1987).

São quatro as principais estruturas geológicas que moldam a Bacia Amazônica: Cordilheira dos Andes, Escudos Cristalinos da Guiana, Escudo Cristalino do Brasil e bacia sedimentar. Essas formações geológicas interferem na composição química das águas e, conseqüentemente, na composição e produção dos peixes (Fittkau *et al.*, 1975). As águas dos rios amazônicos, seguindo as origens geológicas de cada região, são classificadas em: claras, brancas e pretas (Sioli, 1975; Sioli & Klinge, 1965). Os rios de águas brancas (p. ex., Juruá, Purus e Madeira) são aqueles localizados na porção oeste amazônica sob influência da Cordilheira dos Andes. As águas desses rios são alcalinas, transportam grande quantidade de sedimentos (elevada turbidez) e apresentam altos níveis de Ca, Mg, Na e Cl (Sioli, 1968). Já os rios de águas claras (p. ex., Trombetas, Tapajós, Jarí, Xingu e Tocantins) localizam-se nos Escudos Cristalinos das Guianas e Brasileiro e suas águas drenam regiões com concentrações de silício (Araújo-Lima & Rufino, 2003). Por fim os rios de águas pretas (p. ex., Negro) drenam regiões de solos encharcados com enriquecimento de sílica, altas concentrações de Fe, Al e H e baixas de ânions (Araújo-Lima & Rufino, 2003).

O objetivo do presente estudo é de realizar um diagnóstico da flora e da fauna de insetos, invertebrados aquáticos, peixes, répteis e anfíbios, aves e mamíferos, que servirá como subsídio para a elaboração do EIA-RIMA da Ferrovia EF 354 Uruaçu, GO – Vilhena, RO.

5.2.2 Áreas de Estudo e de Captura

As áreas de estudo e de captura foram identificadas através de uma viagem de reconhecimento de campo, realizada entre os dias 24 de maio e 04 de junho de 2009. A área de influência direta do empreendimento, por ser muito extensa, foi dividida em seis regiões, para facilitar os estudos de campo. Portanto, cada região será estudada como uma unidade de pesquisa independente, sendo que ao final, as avaliações serão feitas em cada região e na área como um todo.

Serão apresentados para cada região, levantamentos dos diferentes grupos de fauna encontrados na literatura científica. Não foram encontrados levantamentos na literatura para alguns grupos de fauna, em algumas regiões.

REGIÃO I

A primeira região visitada compreende os municípios de Uruaçu, Campinorte, Santa Terezinha de Goiás, Campos Verdes e Crixás, no estado de Goiás. A região se encontra na bacia do rio Tocantins.

Nos dias 25 e 26 de maio a equipe percorreu a área de influência do empreendimento na região dos municípios supra citados, sempre procurando pelos ambientes naturais e fragmentos que apresentavam o maior grau de conservação, além de maior tamanho (Figuras 5.2-1 e 5.2-2). Podemos constatar que a região apresenta um alto grau de degradação e de fragmentação de habitat. Quase todos os fragmentos são pequenos e não possuem conexão ou corredores com áreas grandes e bem preservadas.

Os poucos fragmentos de grande porte e com alguma conexão com outras áreas naturais foram escolhidos para os estudos, por representarem melhor, a fauna e flora original da região. Essas áreas foram percorridas, para se determinar as fitofisionomias existentes e escolher as áreas onde se concentrarão os estudos de campo.

Os maiores fragmentos que se encontram dentro da área de influência do empreendimento, se localizam nos municípios de Santa Terezinha de Goiás e Crixás, Goiás.

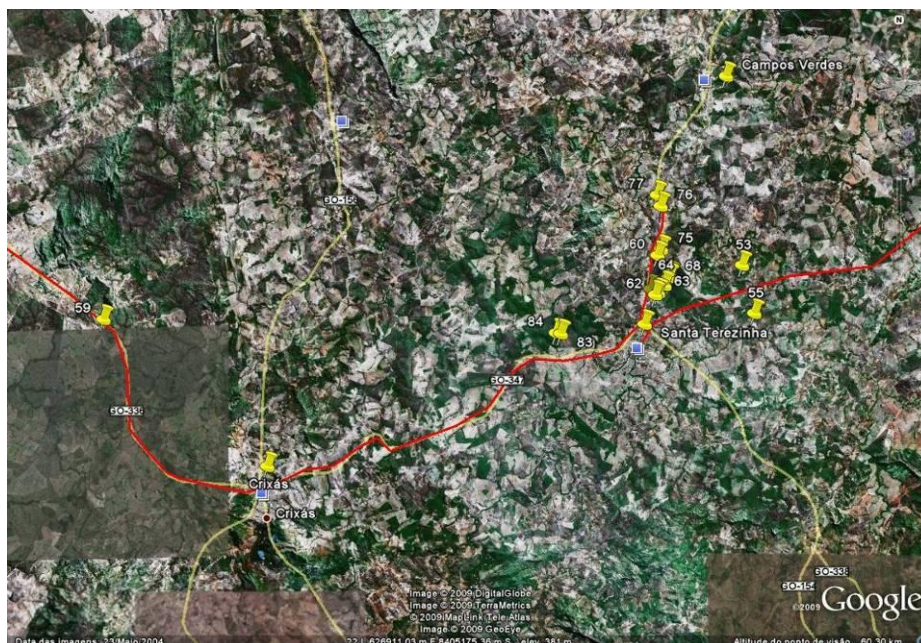


Figura 5.2-1. Deslocamento (vermelho) realizado em 25 de maio, para o reconhecimento e seleção dos pontos de estudo na região I.



Figura 5.2-2 Deslocamento (vermelho) realizado em 26 de maio, para o reconhecimento e seleção dos pontos de estudo na região I.

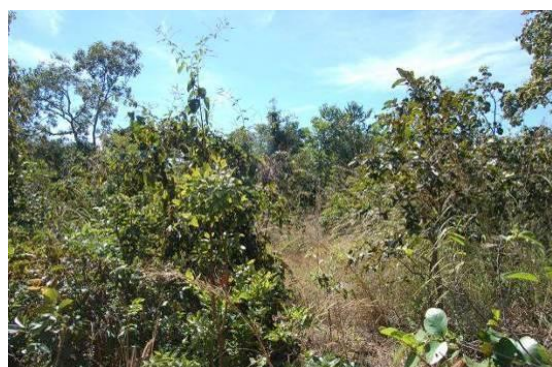
As três áreas que apresentavam melhor estado de conservação foram percorridos e os pontos de estudo foram selecionados. Em toda a região I, encontramos fitofisionomias típicas do Cerrado.

Entre essas fitofisionomias, foram identificados brejos (Figura 5.2-3a), cerrado *sensu stricto* (Figura 5.2-3b), matas de galeria (Figura 5.2-3c) e vereda (Figura 5.2-3d). Além disso, foram selecionados pontos de estudo em ambientes como cerradão (Figura 5.2-

4a), cerrado denso (Figura 5.2-4b), mata seca (Figura 5.2-4c) e cerrado sobre pedra (Figura 5.2-4d). Segue tabela com os pontos selecionados para a realização dos estudos de campo (Tabela 5.2-1).



a)



b)



c)



d)

Figura 5.2-3. Fitofisionomias típicas de Cerrado selecionadas para o estudo do meio biótico na região I: a) brejo; b) cerrado *sensu stricto*; c) mata de galeria; e d) vereda.



a)



b)



c)



d)

Figura 5.2-4. Fitofisionomias selecionadas para o estudo do meio biótico na região I: a) cerrado; b) cerrado denso; c) mata seca; e d) cerrado sobre pedra.

Tabela 5.2-1 Pontos selecionados para os estudos do meio biótico na Região I.

N.	N. GPS	UTM (SAT 69)	LOCAL	DESCRIÇÃO
1	51	0670629/8418304	RIBEIRÃO DO MEIO	Mata de galeria estreita. Ruim estado de conservação.
2	52	0650421/8408787	CORREGO FUNDO	Mata de galeria estreita. Relativo estado de conservação.
3	53	0646584/8408770	CERRADO <i>SENSU STRICTO</i>	Área extensa de cerrado. Bom estado de conservação.
4	55	0647724/8405073	BREJO	Área extensa de brejo. Bom estado de conservação.
5	60	0640684/8409636	CERRADO <i>SENSU STRICTO</i>	Área pequena de cerrado. Ruim estado de conservação.
6	62	0640444/8406873	VEREDA	Pequena vereda rodeada de cerrado. Bom estado de conservação.
7	63	0640525/8406823	VEREDA	Pequena vereda rodeada de cerrado. Bom estado de conservação.
8	64	0641195/8407264	CERRADO <i>SENSU STRICTO</i>	Área extensa de cerrado. Bom estado de conservação.
9	66	0641206/8407602	CERRADÃO	Área extensa de cerradão. Bom estado de conservação.
10	67	0641284/8407706	CÓRREGO	Pequeno córrego em mata seca. Bom estado de conservação.
11	68	0641518/8407959	CERRADO SOBRE PEDRA	Pequena área de cerrado sobre pedra. Bom estado de conservação.
12	69	0641583/8408087	CERRADO <i>SENSU STRICTO</i>	Área extensa de cerrado. Bom estado de conservação.
13	70	0641502/8408444	CERRADO DENSO	Área extensa de cerrado denso. Bom estado de conservação.
14	76	0640913/8413130	VEREDA	Extensa vereda. Bom estado de conservação.
15	77	0640787/8414155	RIO DO PEIXE	Mata de galeria larga. Relativo estado de conservação.
16	84	0633330/8403685	MATA GALERIA CÓRREGO LIMOEIRO	Mata de galeria larga. Relativo estado de conservação.

REGIÃO II

A região II compreende principalmente o município de Cocalinho, no estado do Mato Grosso. Os rios dessa região estão inseridos na bacia hidrográfica do rio Araguaia.

No dia 28 de maio a equipe percorreu a área de influência do empreendimento na região II (Figura 5.2-5) para seleção dos pontos de estudo, sendo que uma parte de automóvel, outra de barco e ainda onze quilômetros de caminhada.

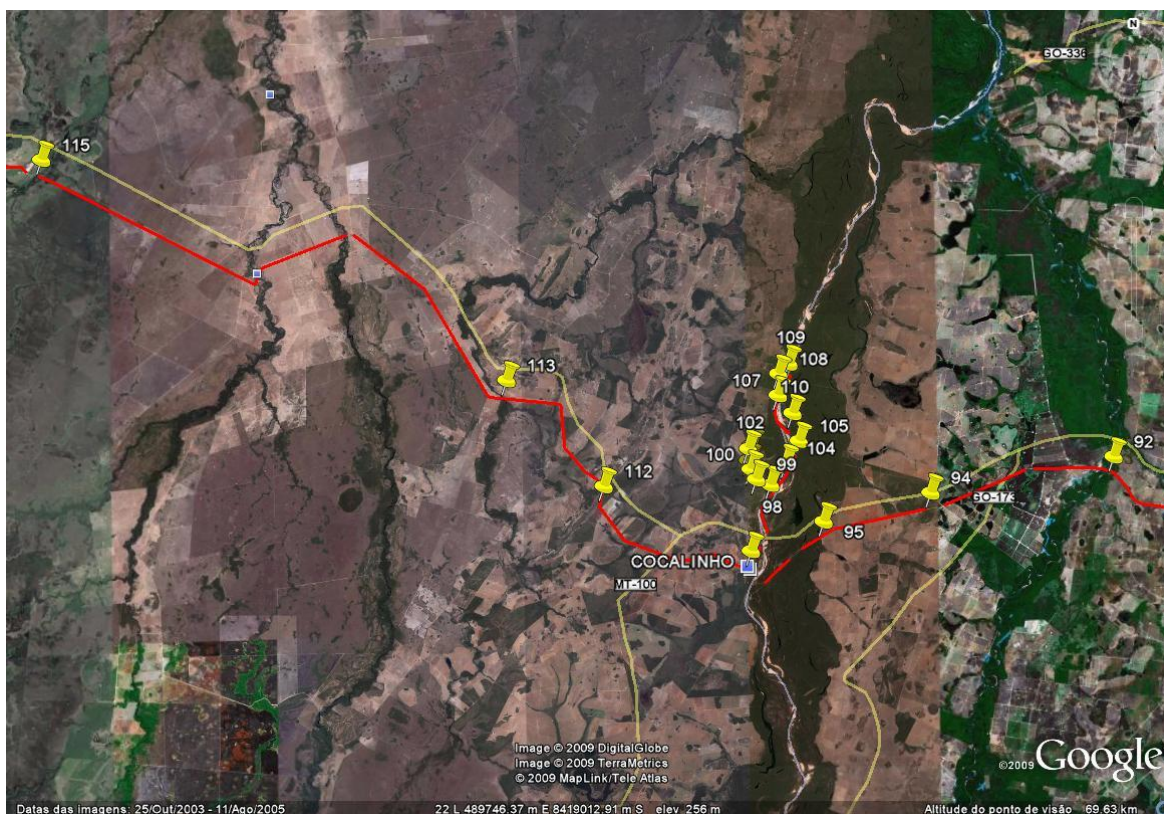


Figura 5.2-5 Deslocamento (vermelho) realizado em 28 de maio, para o reconhecimento e seleção dos pontos de estudo na região II.

A primeira área (Figura 5.2-6), ainda do lado de Goiás (pontos 92, 94 e 95) e no rio Araguaia nos dois estados (GO e MT), foi percorrida de automóvel, de barco e em caminhada. De automóvel, foram marcados os pontos citados acima no estado de Goiás, na mata do rio do Peixe (Figura 5.2-7), mata do rio Araguaia (Figura 5.2-8) e em uma área de cerrado *sensu stricto*.

Da área do rio Araguaia percorrida de barco, foram marcados os pontos de entrada para a mata que acompanha o rio (Figura 5.2-9). A caminhada foi realizada em uma área relativamente grande de cerrado, em bom estado de conservação (Figura 5.2-10). Nessa área, foram identificadas fitofisionomias diferentes, como cerrado ralo (Figura 5.2-11), cerrado *sensu stricto*, cerrado denso (Figura 5.2-12), mata seca (Figura 5.2-13), além de lagoas e áreas alagadas (Figura 5.2-14).

Foi constatado que a área apresenta bom estado de conservação, sendo que foram registradas através de rastros, várias espécies da fauna, incluindo espécies ameaçadas de extinção, como a onça-parda ou suçuarana (*Puma concolor*) (Figura 5.2-15).

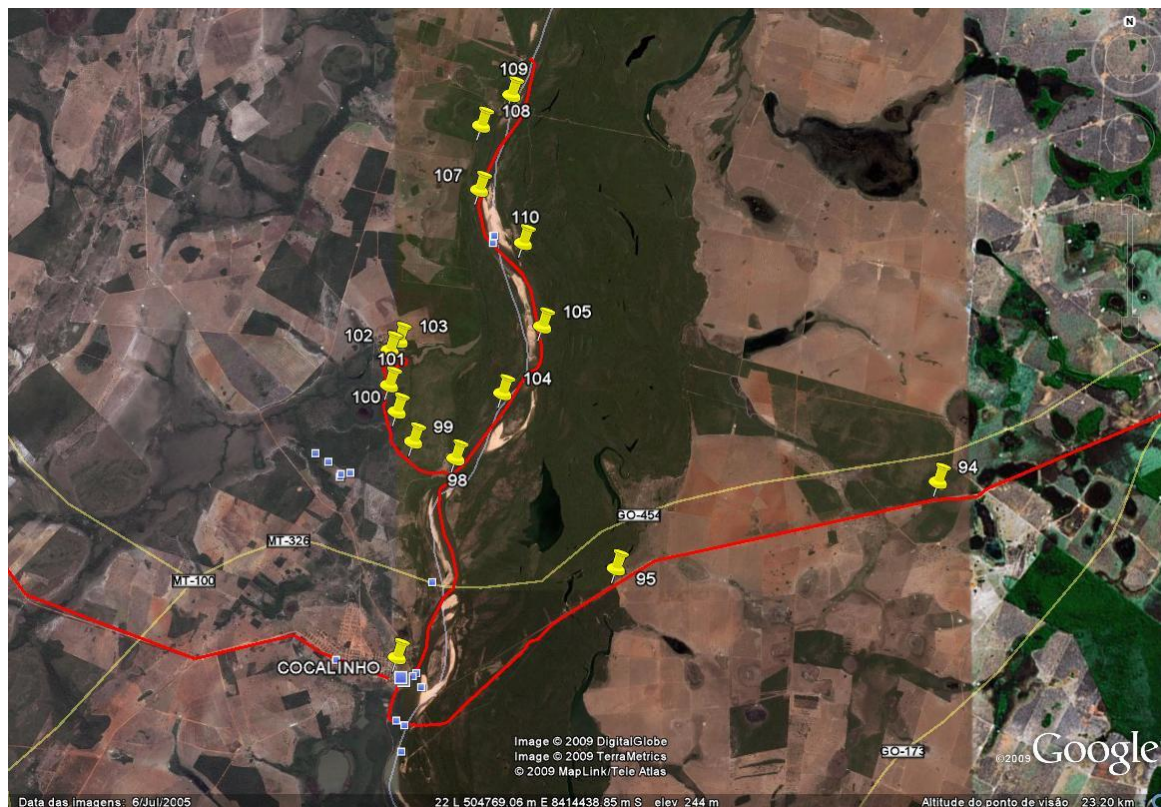


Figura 5.2-6. Primeira área vistoriada na região II.



Figura 5.2-7. Rio do Peixe.

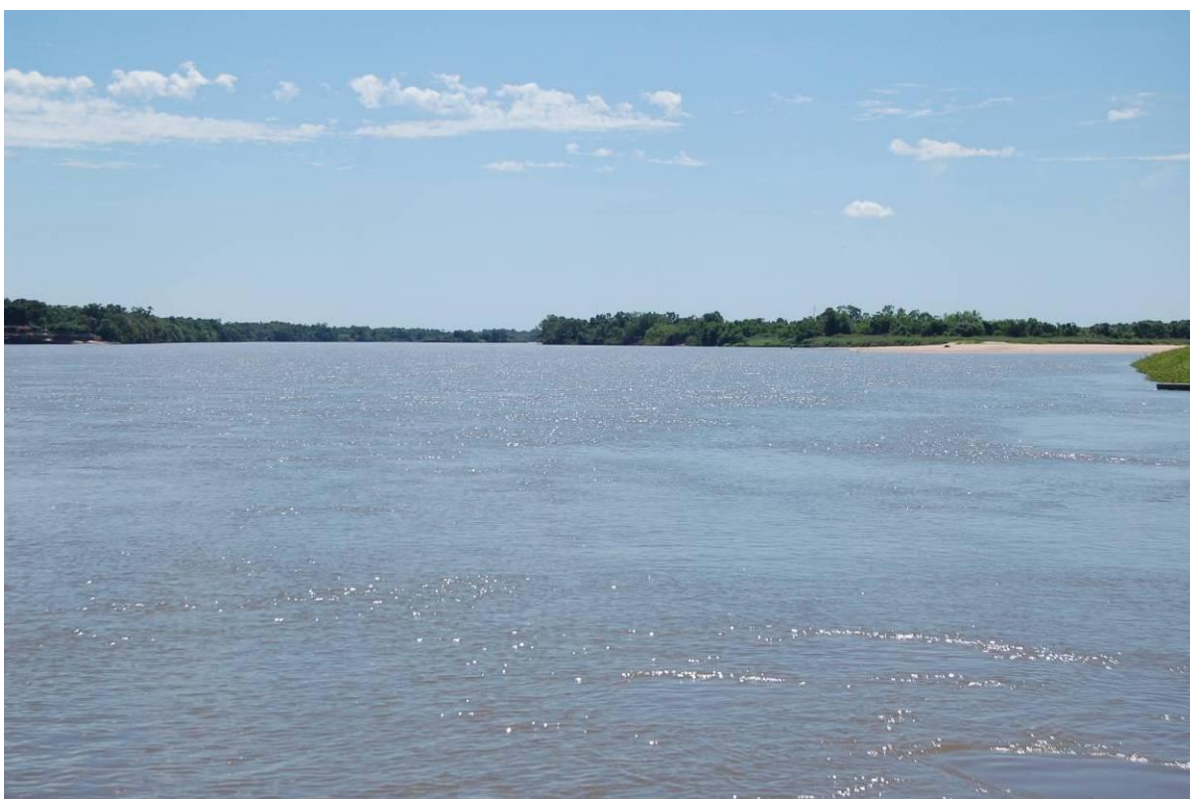


Figura 5.2-8. Rio Araguaia.



Figura 5.2-9. Mata do Rio Araguaia.



Figura 5.2-10. Caminhada realizada em área de cerrado no dia 28 de maio.



Figura 5.2-11. Cerrado ralo.



Figura 5.2-12. Cerrado denso.



Figura 5.2-13 Mata seca.



Figura 5.2-14. Mata alagada.



Figura 5.2-15 Pegada de onça-parda (*Puma concolor*).

A segunda área vistoriada (Figura 5.2-16) foi percorrida também de automóvel, com áreas de cerrado rupestre (Figura 5.2-17), uma lagoa (Figura 5.2-18) e um campo de murunduns (Figura 5.2-19).



Figura 5.2-16. Segunda área vistoriada na região II.

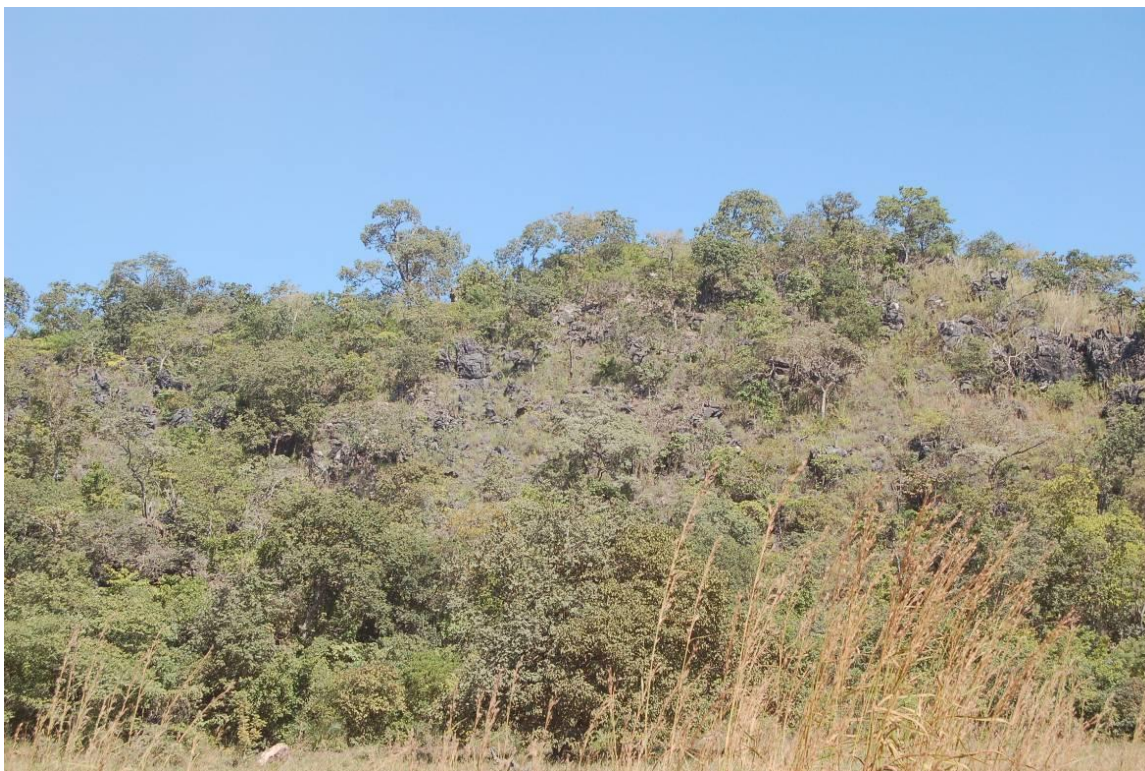


Figura 5.2-17 Cerrado rupestre.



Figura 5.2-18 Lagoa.



Figura 5.2-19. Campo de murunduns.

Seguem abaixo os pontos marcados na região II para os estudos de meio biótico.

Tabela 5.2-2. Pontos selecionados para os estudos do meio biótico na Região II.

N.	N. GPS	UTM (SAT 69)	LOCAL	DESCRIÇÃO
17	92	0525211/8414800	RIO DO PEIXE	Afluente do rio Araguaia. Mata de galeria estreita. Relativo estado de conservação.
18	94	0512735/8412339	CERRADO <i>SENSU STRICTO</i>	Área pequena de cerrado. Relativo estado de conservação.
19	95	0505115/8410417	MATA ARAGUAIA	Mata larga e com árvores de grande porte. Bom estado de conservação.
20	99	0500616/8413405	CERRADO RALO	Grande área de cerrado ralo. Bom estado de conservação.
21	100	0500231/8414012	CERRADO DENSO	Grande área de cerrado denso. Bom estado de conservação.
22	101	0500094/8414658	MATA SECA	Pequena área de mata seca. Bom estado de conservação.
23	103	0500290/8415698	MATA ALAGADA	Pequena área de mata alagável durante as chuvas. Relativo estado de conservação.
24	104	0502676/8414509	LAGO	Pequeno lago circundado por mata seca e alagada. Relativo estado de conservação.
25	105	0503513/8415958	PRAIA DO GADO	Praia de areia nas margens do rio Araguaia, e acesso a mata em bom estado de conservação.
26	108	0502274/8420574	LAGOA FERREIRINHA	Lagoa extensa e comprida em bom estado de conservação.

N.	N. GPS	UTM (SAT 69)	LOCAL	DESCRIÇÃO
27	110	0503142/8417867	MATA RIO ARAGUAIA	Mata larga e com árvores de grande porte. Bom estado de conservação.
28	112	0490181/8412911	CERRADO RUPESTRE	Pequena área de cerrado rupestre em bom estado de conservação.
29	113	0483523/8420355	LAGOA	Lagoa extensa em bom estado de conservação.
30	115	0451709/8435752	CAMPO DE MURUNDUM	Pequena área de campo com murunduns em relativo estado de conservação.

REGIÃO III

A região III compreende principalmente o município de Água Boa, no estado do Mato Grosso. A região está inserida na bacia hidrográfica do rio Araguaia.

Nos dias 30 e 31 de maio a equipe percorreu de automóvel a área de influência do empreendimento na região III (Figura 5.2-20) para seleção dos pontos de estudo.

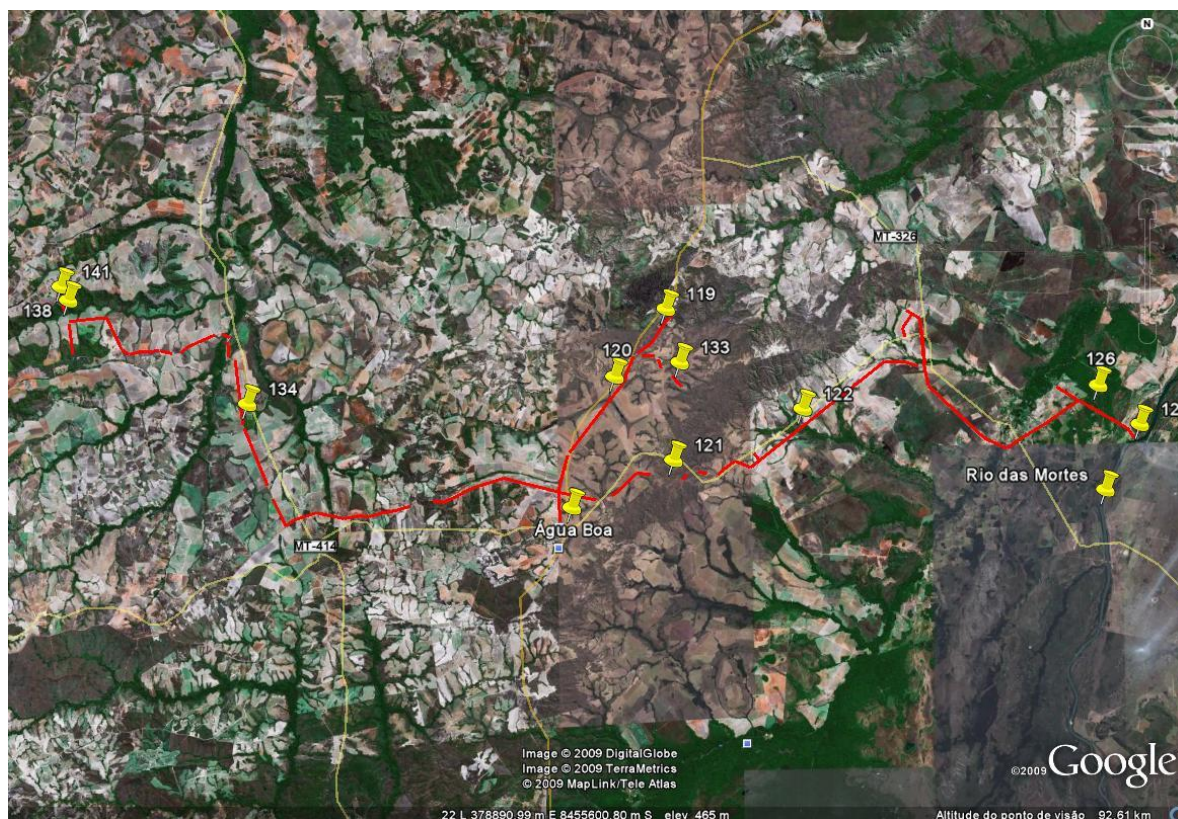


Figura 5.2-20. Deslocamentos (vermelho) realizados em 30 e 31 de maio, para o reconhecimento e seleção dos pontos de estudo na região III.

A região foi dividida em três áreas: a primeira (Figura 5.2-21), no rio das Mortes, predomina a mata que acompanha o rio (Figura 5.2-22), mas foi marcado para estudo também o córrego Angico e uma área de cerrado denso, próximo ao rio das Mortes; na segunda área (Figura 5.2-23), próxima à Água Boa, predominam ambientes em serra,

como uma área de cerrado rupestre, e outra de floresta sub-montana (Figura 5.2-24); e na terceira área, a noroeste de Água Boa (Figura 5.2-25), foram marcados ambientes de cerrado *sensu stricto* (Figura 5.2-26) e de floresta sub-montana (Figura 5.2-27).

A região III encontra-se intensamente degradada e fragmentada, principalmente devido às atividades agropecuárias. As áreas e fragmentos relativamente conservados foram selecionados para a realização dos estudos de campo para o meio biótico.



Figura 5.2-21. Primeira área vistoriada na região III.



Figura 5.2-22. Rio das Mortes.

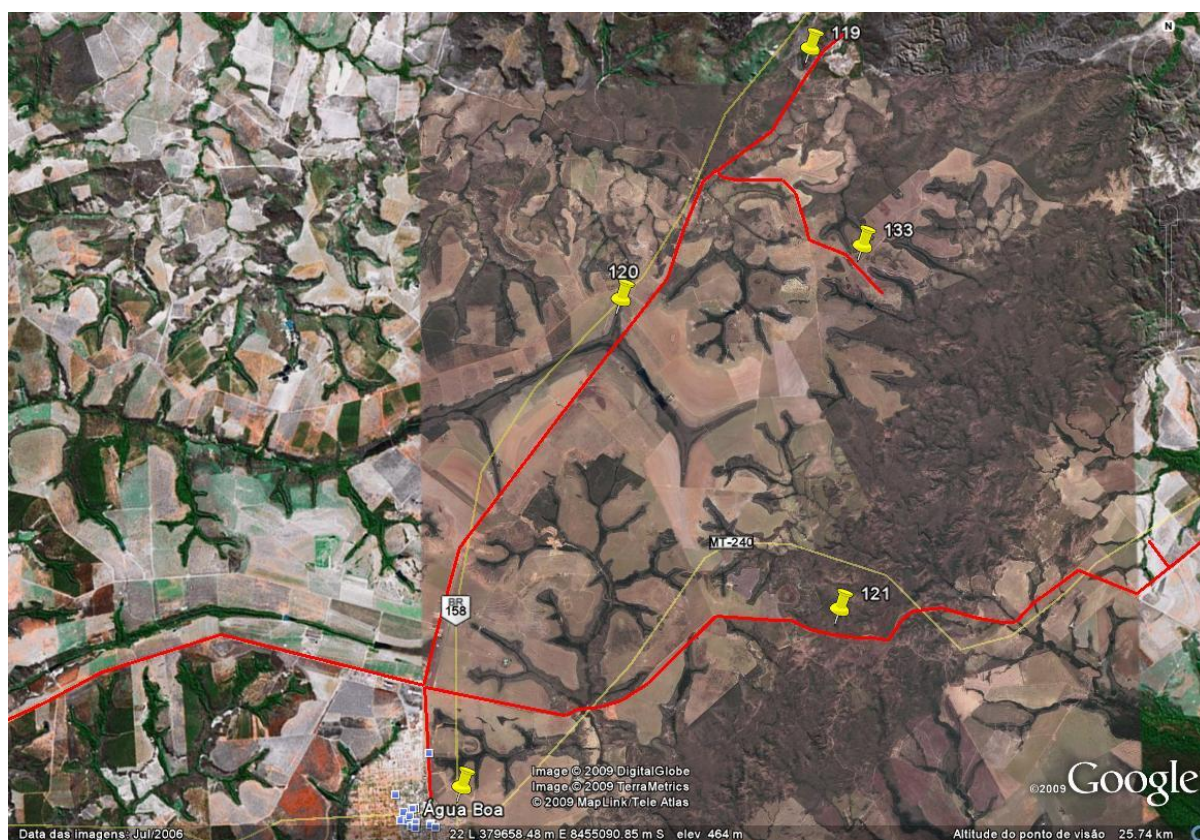


Figura 5.2-23. Segunda área vistoriada na região III.



Figura 5.2-24. Floresta sub-montana.

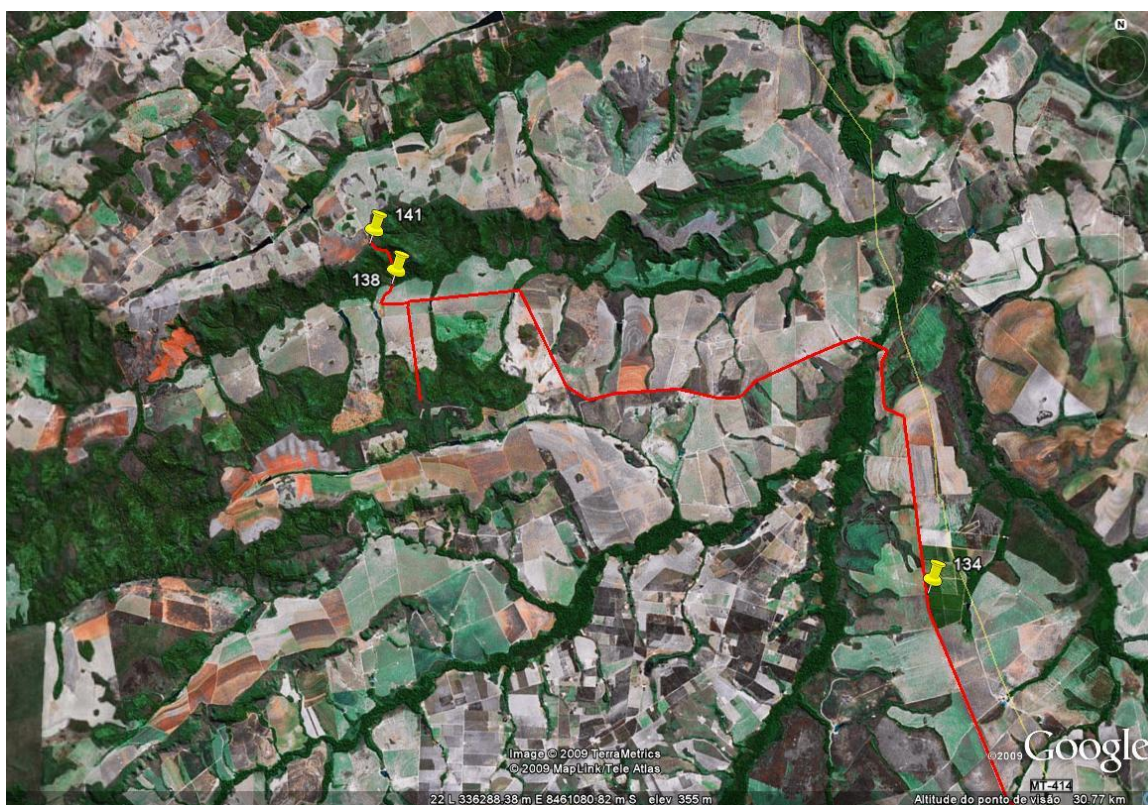


Figura 5.2-25 Terceira área vistoriada na região III.



Figura 5.2-26 Cerrado *sensu stricto*.

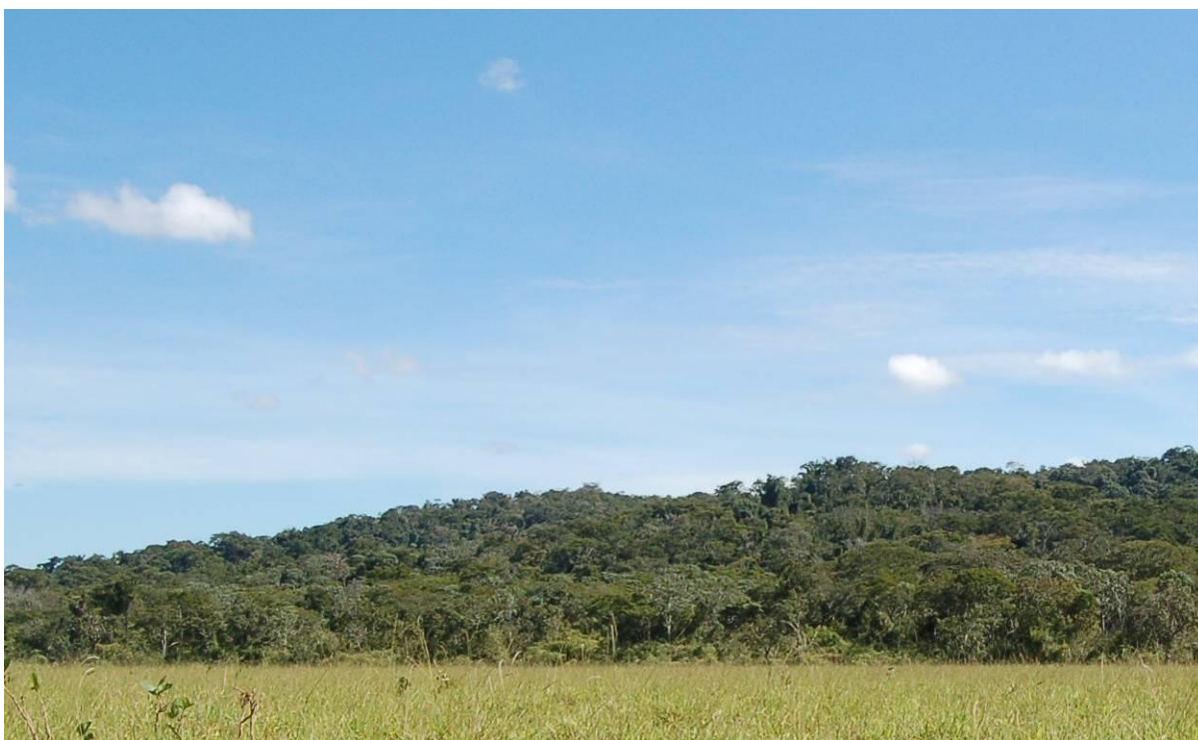


Figura 5.2-27. Floresta sub-montana.

Seguem abaixo os pontos marcados na região III para os estudos de meio biótico.

Tabela 5.2-3. Pontos selecionados para os estudos do meio biótico na Região III.

N.	N. GPS	UTM (SAT 69)	LOCAL	DESCRIÇÃO
31	121	0385068/8450138	CERRADO RUPESTRE	Cerrado rupestre extenso, em bom estado de conservação.
32	122	0396742/8454490	CÓRREGO ANJICO	Mata de galeria. Ruim estado de conservação.
33	126	0423173/8457251	CERRADO DENSO	Pequena área de cerrado denso. Relativo estado de conservação.
34	127	0427240/8453435	RIO DAS MORTES	Rio e mata extensa com árvores de grande porte. Bom estado de conservação.
35	133	0385647/8459002	FLORESTA SUB-MONTANA	Pequena área de floresta sub-montana em bom estado de conservação.
36	138	0330407/8464913	CERRADO <i>SENSU STRICTO</i>	Área relativamente extensa de cerrado. Relativo estado de conservação.
37	141	0329753/8466281	FLORESTA SUB-MONTANA	Pequena área de floresta sub-montana em bom estado de conservação.

REGIÃO IV

A região IV compreende os municípios de Canarana e Gaúcha do Norte, no estado do Mato Grosso. Os rios desta região fazem parte da bacia hidrográfica do Xingú.

Devido à ausência de estradas asfaltadas e poucas rodovias estaduais de terra, foi realizado um sobrevôo no dia 01 de junho nessa região (Figura 5.2-28), com o objetivo de facilitar a localização das áreas de estudo e das estradas para deslocamento por automóvel no dia seguinte. No dia 02 de junho, as áreas selecionadas durante o sobrevôo foram vistoriadas por terra pela equipe de campo (Figura 5.2-29), para confirmação das mesmas.

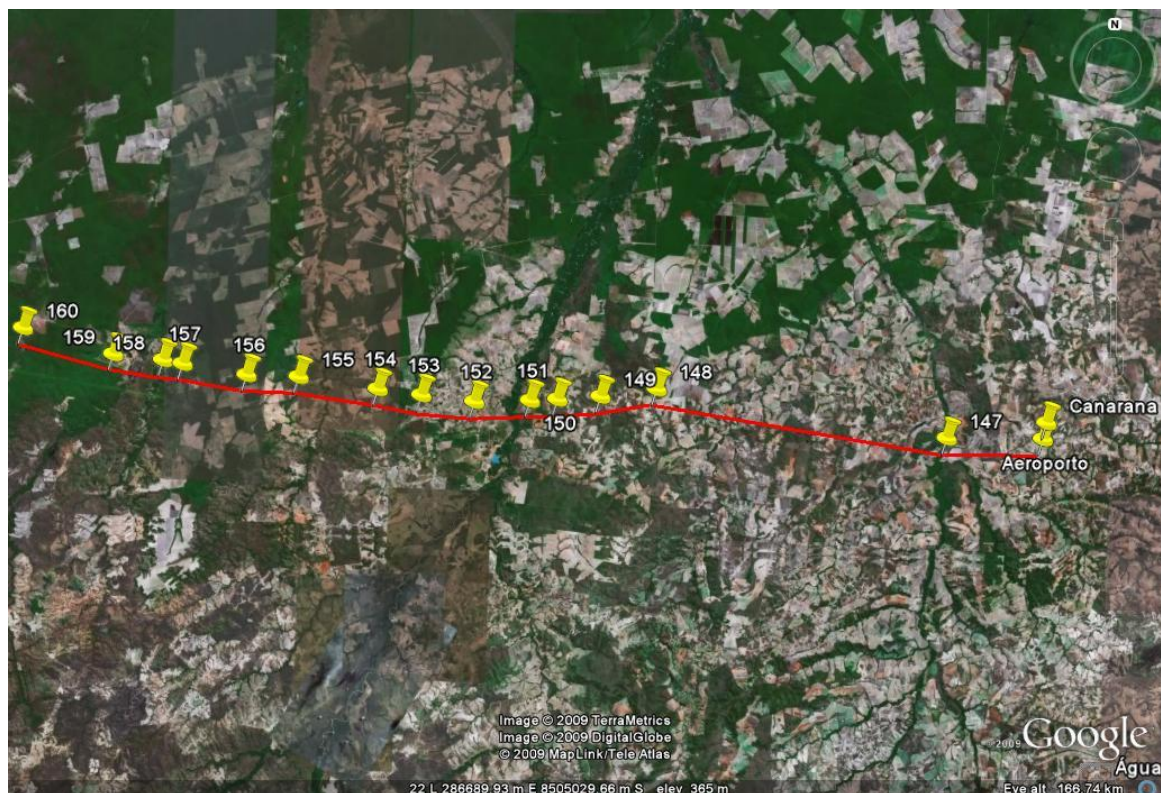


Figura 5.2-28. Sobrevôo realizado no dia 01 de junho (vermelho), para o reconhecimento e seleção dos pontos de estudo na região IV.

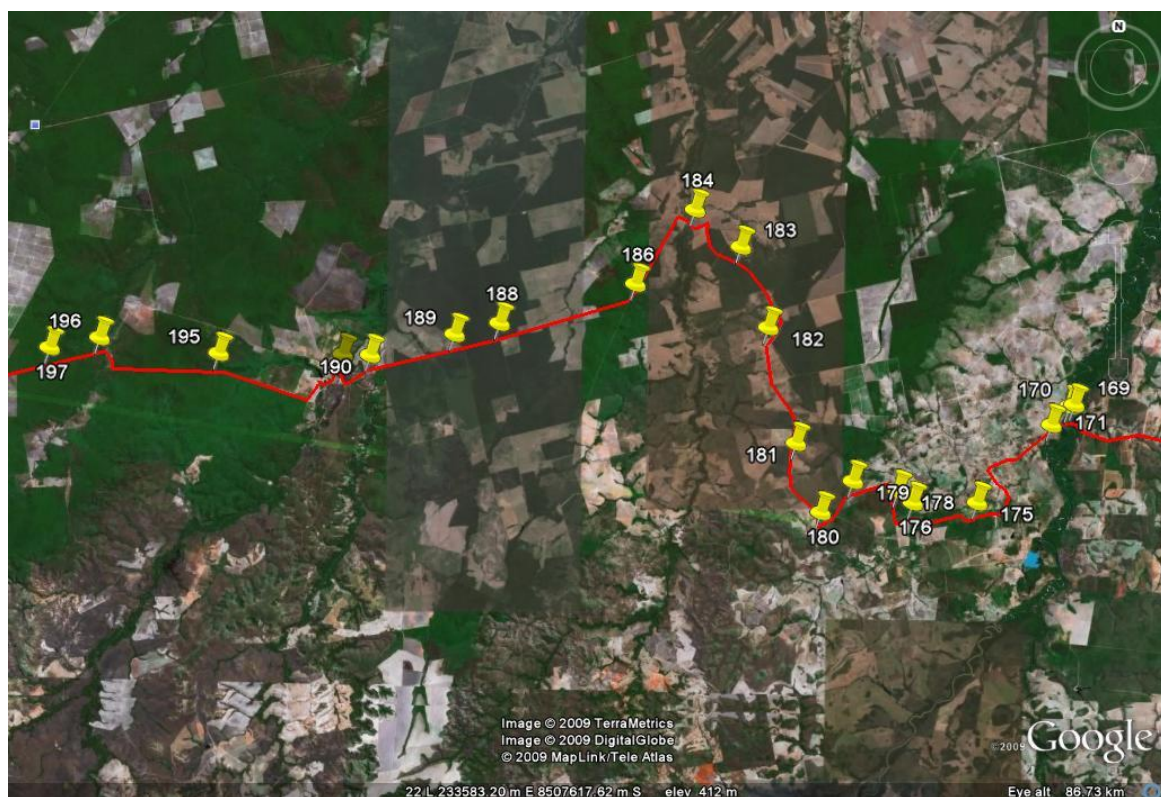


Figura 5.2-29. Deslocamento terrestre realizado no dia 02 de junho (vermelho), para o reconhecimento e seleção dos pontos de estudo na região IV.

A região foi dividida em duas áreas: a primeira (Figura 5.2-30), se localiza na região entre o rio Culuene (Figura 5.2-31) e o rio Pacuneiro, onde foram marcadas áreas de mata que acompanha os rios (Figura 5.2-32), veredas (Figura 5.2-33), florestas de transição (Figura 5.2-34), campo sujo (Figura 5.2-35) e cerrado sobre areia (Figura 5.2-36); na segunda área (Figura 5.2-37), entre os rios Piranha e Curiservo (Figura 5.2-38), foram selecionadas para estudo as matas que acompanham os rios (Figura 5.2-39 e 5.2-40), lagoas (Figura 5.2-41) e uma extensa área de floresta de transição (Figura 5.2-42).

A região IV, apesar da intensa atividade agropecuária e do alto grau de fragmentação (Figura 5.2-43), ainda apresenta grandes áreas em bom estado de conservação (Figura 5.2-44), evidenciado através do registro da presença de várias espécies de fauna, incluindo a onça-pintada (*Panthera onca*). Além disso, essas áreas ainda apresentam conexão com grandes áreas naturais bem preservadas, a Reserva Indígena do Xingú e o Parque Nacional do Xingú.



Figura 5.2-30. Primeira área vistoriada na região IV.



Figura 5.2-31 Vista aérea do Rio Culuene.



Figura 5.2-32. Rio Culuene.



Figura 5.2-33 Área de vereda.



Figura 5.2-34. Floresta de transição.



Figura 5.2-35 Campo sujo.



Figura 5.2-36 Cerrado sobre areia.

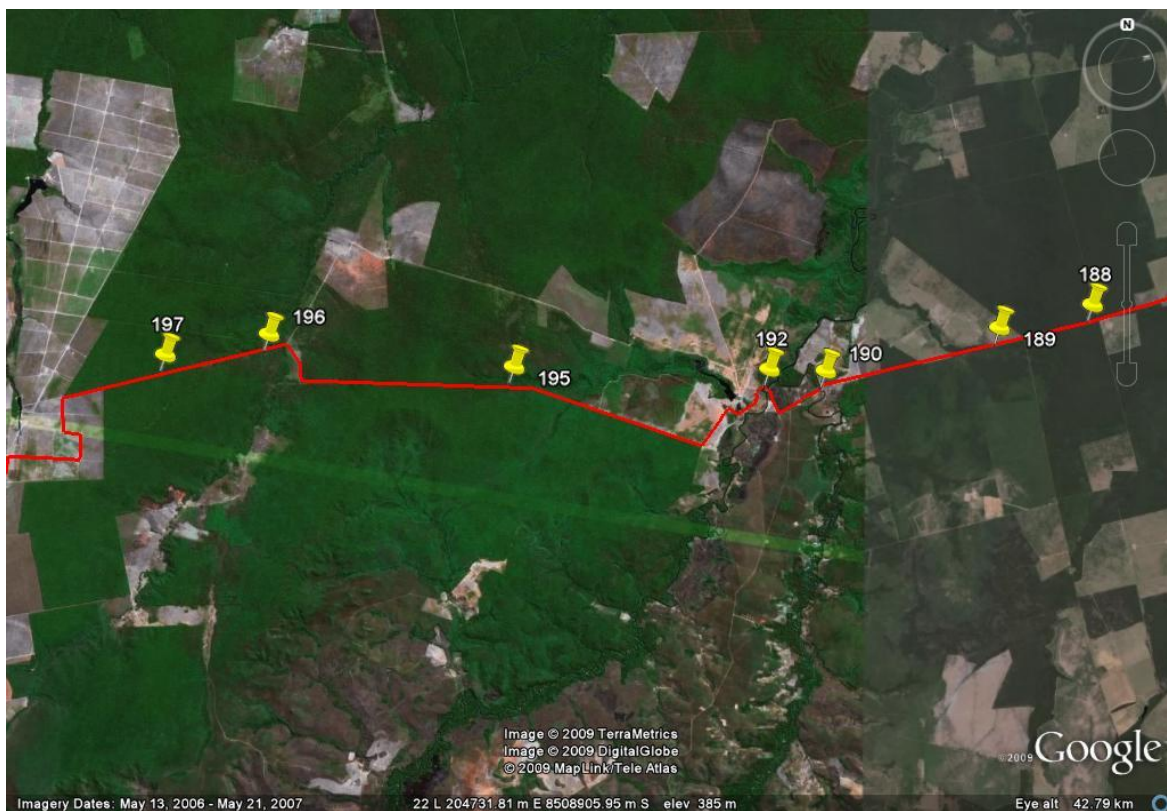


Figura 5.2-37 Segunda área vistoriada na região IV.



Figura 5.2-38 Vista aérea do Rio Curiservo.



Figura 5.2-39 Rio Piranhas.



Figura 5.2-40 Rio Curiservo.



Figura 5.2-41 Lagoa próxima ao rio Piranhas.



Figura 5.2-42. Floresta de transição.



Figura 5.2-43 Vista aérea de fragmentos criados pela atividade agropecuária na região IV.



Figura 5.2-44. Vista aérea de floresta de transição com grande extensão.

Seguem abaixo os pontos marcados na região IV para os estudos de meio biótico.

Tabela 5.2-4 Pontos selecionados para os estudos do meio biótico na Região IV.

N.	N. GPS	UTM (SAT 69)	LOCAL	DESCRIÇÃO
38	169	0274852/8507021	RIO CULUENE	Extensa mata com árvores de grande porte. Bom estado de conservação.
39	175	0266842/8498613	FLORESTA DE TRANSIÇÃO	Floresta de grande porte em relativo estado de conservação.
40	176	0261514/8498365	CAMPO SUJO	Pequena área de campo sujo em relativo estado de conservação.
41	178	0260007/8499588	CERRADO SOBRA AREIA	Área extensa de cerrado sobre areia em bom estado de conservação.
42	183	0246069/8520294	FLORESTA DE TRANSIÇÃO	Floresta de grande porte em bom estado de conservação.
43	184	0242055/8523426	RIO PACUNEIRO	Mata estreita em bom estado de conservação.
44	189	0221555/8512000	LAGOA RIO PIRANHA	Lagoa grande circundada de mata, em bom estado de conservação.
45	190	0214295/8510012	RIO PIRANHA	Mata de galeria estreita em bom estado de conservação.
46	192	0211998/8510090	RIO CURISERVO	Extensa mata com árvores de grande porte. Bom estado de conservação.
47	195	0201291/8509841	FLORESTA DE TRANSIÇÃO	Floresta de grande porte em bom estado de conservação.
48	196	0190970/8511013	FLORESTA DE TRANSIÇÃO	Floresta de grande porte em bom estado de conservação.

REGIÃO V

A região V compreende os municípios de Campo Novo do Parecis, Brasnorte e Sapezal, no estado do Mato Grosso. Os rios desta região fazem parte da bacia hidrográfica do Tapajós.

No dia 04 de junho, a região V foi percorrida por terra (Figura 5.2-45), e foram selecionados os pontos de estudo, divididos em duas áreas: a primeira (Figura 5.2-46) se localiza nas redondezas do rio Papagaio (Figura 5.2-47), onde foram selecionados ambientes de cerrado *sensu stricto* (Figura 5.2-48), de campo sujo, de floresta de transição (Figura 5.2-49), de cerradão e da mata que acompanha o rio (Figura 5.2-50); na segunda área (Figura 5.2-51), na região do rio Craveri, foram identificados ambientes de mata que acompanha o rio (Figura 5.2-52), de cerradão e de floresta de transição (Figura 5.2-53).

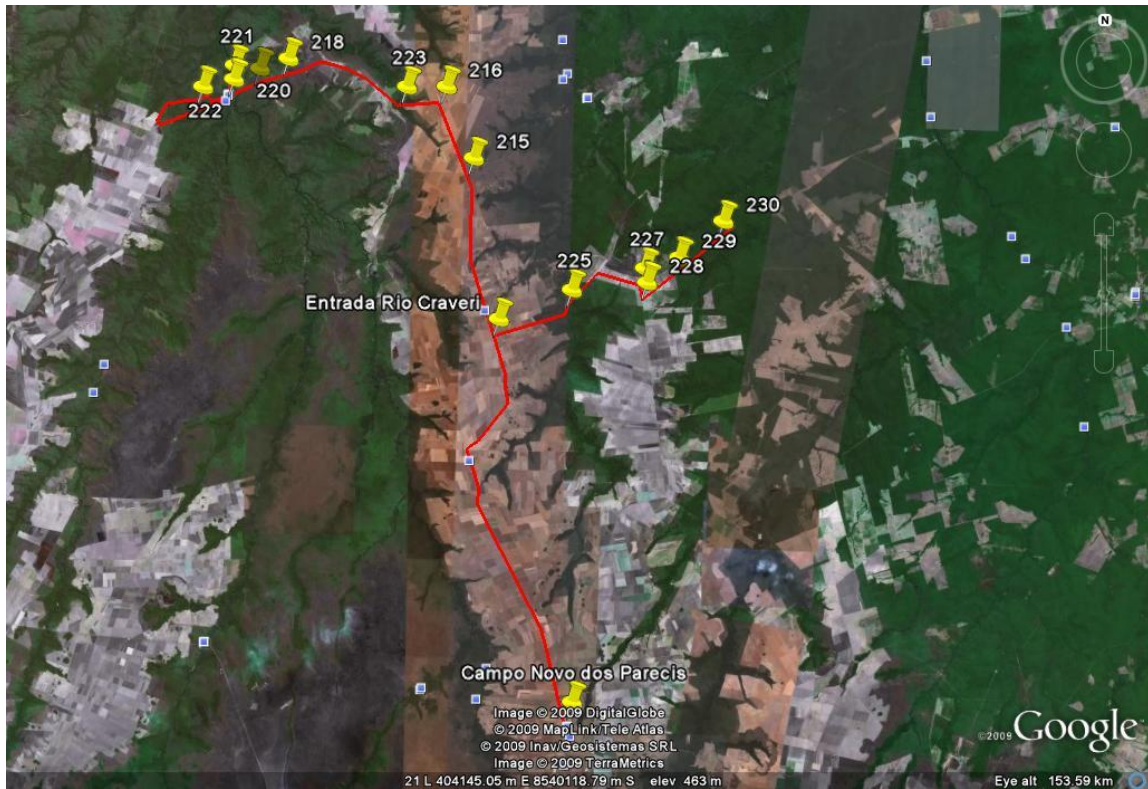


Figura 5.2-45 Deslocamento realizado no dia 04 de junho na região V.

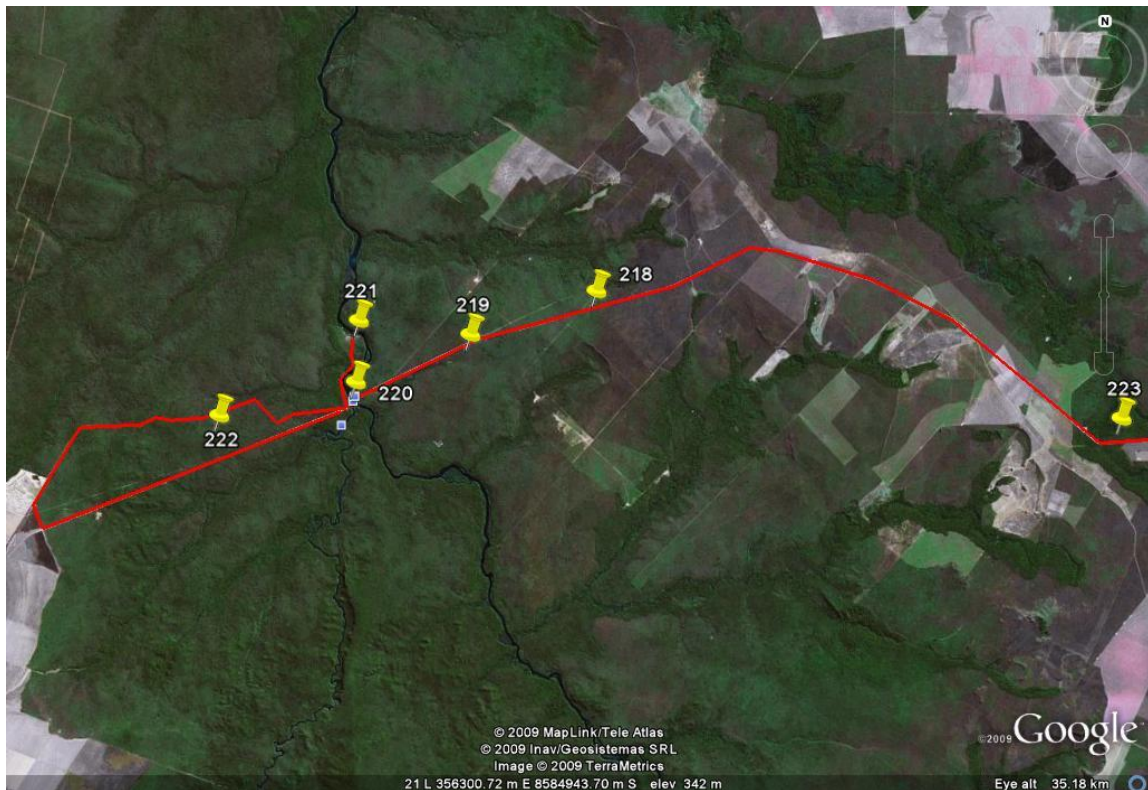


Figura 5.2-46 Primeira área vistoriada na região V.



Figura 5.2-47. Rio Papagaio.



Figura 5.2-48 Área de cerrado *sensu stricto*.



Figura 5.2-49 Floresta de transição.

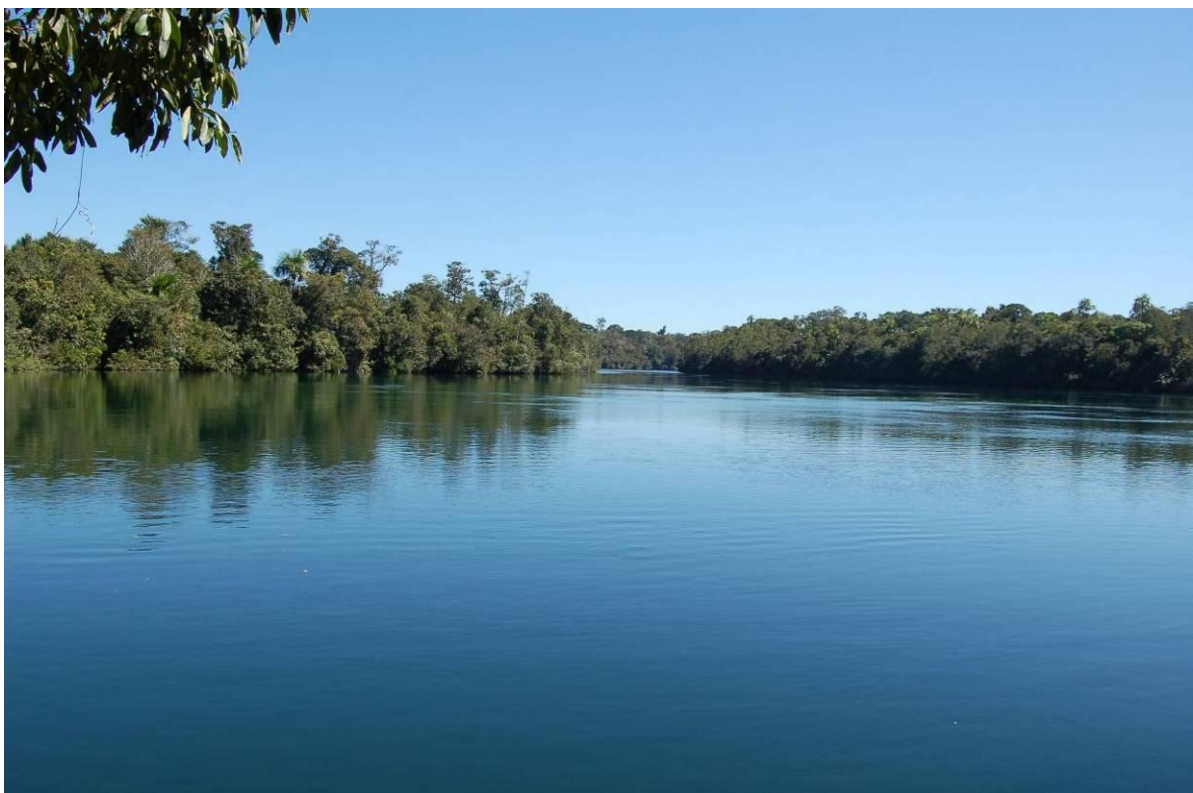


Figura 5.2-50 Mata do rio Papagaio.



Figura 5.2-51 Segunda área vistoriada na região V.



Figura 5.2-52 Mata do rio Craveri.



Figura 5.2-53 Floresta de transição.

Seguem abaixo os pontos marcados na região V para os estudos de meio biótico.

Tabela 5.2-5. Pontos selecionados para os estudos do meio biótico na Região V.

N.	N. GPS	UTM (SAT 69)	LOCAL	DESCRIÇÃO
49	218	0356664/8588203	SENSU STRICTO	Extensa área de cerrado. Bom estado de conservação.
50	219	0352900/8587000	CAMPO SUJO	Pequena área de campo sujo em relativo estado de conservação.
51	220	348267/8584593	RIO PAPAGAIO	Mata larga com árvores de grande porte. Bom estado de conservação.
52	222	0343525/8583316	CERRADÃO	Área extensa de cerradão em bom estado de conservação.
53	223	0375259/8584125	FLORESTA DE TRANSIÇÃO	Floresta de grande porte em bom estado de conservação.
54	225	0401796/8553873	RIO CRAVERI	Mata estreita em bom estado de conservação.
55	228	0413298/8555422	CERRADÃO	Área extensa de cerradão em bom estado de conservação.
56	229	0418184/8559611	FLORESTA DE TRANSIÇÃO	Floresta de grande porte em bom estado de conservação.

REGIÃO VI

A região VI compreende os municípios de Comodoro, no Mato Grosso, e Vilhena em Rondônia. Existem poucas áreas em bom estado de conservação nessa região e que estejam fora de terras indígenas. Dentre essas áreas, selecionamos duas na região VI (Figura 5.2-54): a primeira se localiza na região do rio Pardo (Figura 5.2-55), da bacia hidrográfica do rio Guaporé, onde existem áreas de cerrado, de floresta sub-montana e de floresta de transição; a segunda área se localiza na região do rio Camararé (Figura 5.2-56), da bacia hidrográfica do rio Tapajós, e apresenta ambientes de cerrado e de floresta de transição. Portanto, a região apresenta características únicas, pois representa o encontro de duas grandes bacias hidrográficas, e ainda, caracteriza-se por uma região de ecótono entre os biomas Cerrado e Amazônia.

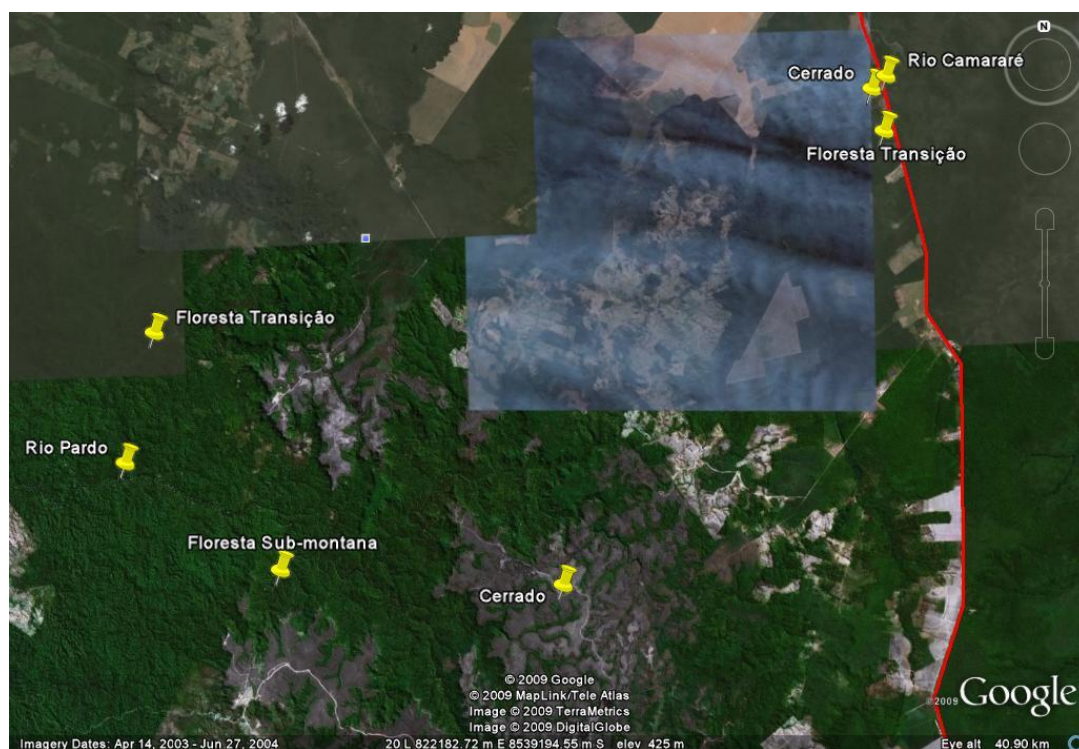


Figura 5.2-54 Imagem de satélite da região VI.



Figura 5.2-55. Primeira área selecionada na região VI, próximo ao rio Pardo.



Figura 5.2-56. Segunda área selecionada na região VI, próximo ao rio Camararé.

Seguem abaixo os pontos pré-selecionados na região VI para os estudos de meio biótico.

Tabela 5.2-6. Pontos pré-selecionados para os estudos do meio biótico na Região VI.

N.	N. GPS	UTM (SAT 69)	LOCAL	DESCRIÇÃO
57	1	0181000/8546500	FLORESTA DE TRANSIÇÃO	Floresta de grande porte em bom estado de conservação.
58	2	0178000/8550000	RIO PARDO	Mata em bom estado de conservação. Margeada por floresta de transição.
59	3	0177000/8548000	FLORESTA SUB-MONTANA	Área extensa de floresta sub-montana. Bom estado de conservação.
60	4	0182000/8544000	CERRADO	Área extensa de cerrado em bom estado de conservação.
61	5	0186123/8549091	FLORESTA DE TRANSIÇÃO	Floresta de grande porte em bom estado de conservação.
62	6	0186236/8551447	RIO CAMARARÉ	Mata estreita em bom estado de conservação.
63	7	0185605/8550913	CERRADO	Área extensa de cerrado em bom estado de conservação.

5.2.3 Metodologia

O presente diagnóstico da área de influência direta foi elaborado a partir dos dados primários coletados durante os estudos de campo para os levantamentos da fauna e flora, realizados ao longo do trecho do empreendimento. O diagnóstico da área de influência indireta foi realizado com base em dados secundários disponíveis na literatura.

As coletas em campo foram realizadas em dois períodos de aproximadamente 60 dias, sendo um período na estação seca ou início da chuva, entre o dia 25 de setembro e o dia 15 de dezembro de 2009 (com intervalos); e outro na estação chuvosa, entre os dias 15 de janeiro e 16 de março de 2010, totalizando 120 dias de estudos em campo. Cada região citada acima, foi amostrada intensamente durante aproximadamente 10 dias em cada estação, totalizando 20 dias de trabalhos de campo em cada região. Além dos pontos que foram amostrados através de armadilhas, todos os pontos selecionados foram amostrados através de procura ativa. Todos os pontos selecionados foram amostrados tanto para a flora quanto para todos os grupos de fauna.

É importante ressaltar que o ano de 2009 foi atípico em termos de sazonalidade, pois chueu a partir de agosto e setembro, o que seria normalmente o auge da estação seca. Por isso, só foi realizada uma campanha de campo para ictiofauna e para flora, já que a realização de uma segunda campanha não acrescentaria informações significativas ao estudo.

Além disso, durante os outros meses de 2009, foram buscadas referências bibliográficas, dados secundários e registros em coleções científicas, como forma de complementar o diagnóstico realizado.

A seguir descrevemos as metodologias que foram utilizadas pelos diversos grupos de estudo:

5.2.3.1 Flora

Para o estudo da vegetação, após identificadas as principais unidades fitogeográficas em cada região selecionada, a partir da interpretação das imagens e fotografias aéreas e análise pelo sistema de informações geográficas, foi feito o levantamento de campo, o qual foi executado tendo em vista a necessidade de conhecimento e regularidade para o manejo sustentado.

Foram escolhidos alguns pontos de amostragem da flora em cada área de acordo com o grau de conservação, a acessibilidade e o tipo de fitofisionomia. Foram amostrados pelo menos um ponto de cada fitofisionomia encontrada na área de influência direta.

O Levantamento Florístico foi realizado com base na metodologia de transectos lineares e objetivou identificar e qualificar os principais componentes vegetacionais presentes nas regiões, conforme o Termo de Referência, permitindo o reconhecimento da composição florística das áreas. O levantamento foi executado considerando duas etapas: em um primeiro momento foram identificadas as principais unidades fitogeográficas em cada região selecionada, a partir da interpretação das imagens, fotografias aéreas e análise pelo sistema de informações geográficas. Em etapa posterior foram realizados transectos lineares de levantamento florístico com intenção de abranger pontos de amostragem da flora em cada área, de acordo com o grau de conservação, a acessibilidade e o tipo de fitofisionomia. Sendo assim, amostrados pelo menos um ponto de cada fitofisionomia encontrada na área de influência direta.

Os transectos percorridos em cada ponto de amostragem abrangeram, em média, 1.500m de extensão, nos quais eram identificados todos os indivíduos arbóreos observados dentro de um raio de 20m da linha mestra do transecto. A amostragem em cada ponto ocorreu na borda e no interior dos fragmentos, variando de tamanho de acordo com a área amostrada. Desta forma, cada um das seis áreas consideradas no estudo foram amostrados, em média, 6.000m em transectos lineares, abrangendo uma área de 24.000m². No total o levantamento florístico considerou 30.000m percorridos em transectos lineares, que resultam numa amostragem de cerca de 100.000m² (10ha).

Considerou-se também o tempo de amostragem em cada fragmento. Oportunizando assim a possibilidade de estimar o dado levantamento florístico/ hora. Neste caso, o tempo de amostragem em cada fragmento variou de 2 a 4 horas, sendo variável dependente da riqueza de espécies e do nível de conservação do mesmo. Desta forma, em locais homogêneos, em formações savânicas e em lugares depauperados a amostragem foi realizada em tempo menor do que em locais mais conservados, heterogêneos e em formações florestais. Em algumas áreas de Floresta Ombrófitas, a amostragem ultrapassou 4 horas, sendo assim planejado o retorno ao mesmo ponto no dia seguinte.

Para a identificação precisa das espécies encontradas no levantamento florístico utilizou-se além do reconhecimento da espécie em campo, majoritariamente a técnica de coleta de indivíduos para produção de exsicatas e posterior confirmação em herbários renomados.

As exsicatas foram incorporadas ao herbário do Departamento de Botânica da Universidade de Brasília, onde foram devidamente catalogadas, contribuindo para a riqueza da mesma e permitindo que sejam estudadas por pesquisadores em posteriores revisões taxonômicas.

O material herborizado também foi identificado com o auxílio de guias de campo (Ribeiro et al., 1999; Silva-Júnior, 2005; Silva-Júnior, 2009) e/ou remetido a especialistas que realizaram a comparação com exsicatas no Herbário João Murça Pires, do Museu Paraense Emílio Goeldi, e no Herbário da Embrapa Cenargen no Distrito Federal.

Para classificação de hábito, foram consideradas as definições apresentadas em Raunkiaer (1934), Aubréville (1963), Dislich & Mantovani (1998) e Kim (1996):

- a) Árvore - Planta lenhosa que ramifica acima de 0,5m. Apresenta caule do tipo tronco.
- b) Arbusto - Planta pequena, de base lenhosa, que ramifica abaixo de 0,5m de altura.
- c) Palmeira - Planta que apresenta caule do tipo estipe, pertencentes à família Arecaceae.
- d) Erva - Planta herbácea (cujo caule não apresenta tecido lenhoso).
- e) Liana - toda planta de hábito escandente de forma ampla, tanto herbácea quanto lenhosa.

- f) Epífita - Foram incluídas nesta categoria apenas as epífitas vasculares verdadeiras, que são aquelas que utilizam outro vegetal apenas como suporte, e durante todo o seu ciclo de vida.
- g) Hemiepífita - Planta que se apresenta na condição epifítica apenas durante uma parte do seu ciclo de vida.
- h) Parasita - Planta que vive sobre outra, recorrendo ao sistema vascular do hospedeiro para suprir suas necessidades nutricionais.

Além dos dados de campo, foi gerada uma lista de espécies complementar para alguns municípios a partir da Plataforma FloResCer - Flora Integrada da Região Centro-Oeste (<http://www.florescer.unb.br/>), um site administrado por pesquisadores da UnB que disponibiliza dados dos seguintes herbários: CEN - EMBRAPA Centro de Recursos Genéticos e Biotecnologia; HEPH - Jardim Botânico de Brasília; HMS - EMBRAPA Gado de Corte; NX - Universidade do Estado do Mato Grosso; UFG - Universidade Federal de Goiás; e UB - Universidade de Brasília. As espécies encontradas no site estão, em sua maioria, identificadas por taxonomistas especialistas, aumentando, assim, a confiabilidade da informação. Dentre os municípios amostrados no estudo, os de Água Boa, Canarana, Cocalinho, Comodoro, Querência e Ribeirão Cascalheira estão presentes nesta lista secundária pois estão bem representados nessas coleções, os demais tinham poucas espécies coletadas.

Para classificação das fitofisionomias, foi adotado o sistema do IBGE (1991), e acrescentada um novo tipo de fitofisionomia (Floresta Estacional Perenifólia) proposto por Ivanauskas et al. (2008), baseado em análises comparativas entre as formações do Alto Xingu, florestas ombrófilas da Bacia do Amazonas e florestas estacionais do Planalto Central.

As curvas do coletor foram feitas por fitofisionomia, considerando os acréscimos de espécies coletadas em cada área. Para melhor clareza na análise das curvas, as formações florestais foram agrupadas em Floresta Estacional e Floresta Estacional Aluvial apenas.

Tabela 5.2-7. Legenda das fitofisionomias dos pontos amostrados, por área, de acordo com IBGE (1991).

Região	Município	Fitofisionomia	Abreviação
1	Santa Terezinha de GO	Savana Arborizada	Sa1
1	Santa Terezinha de GO	Savana Florestada	Sd1
1	Santa Terezinha de GO	Floresta Ombrófila Aberta	A1
1	Santa Terezinha de GO	Floresta Estacional Semidecidual Aluvial	Fa1
2	Cocalinho	Floresta Ombrófila Aberta	A2
2	Cocalinho	Floresta Estacional Semidecidual Aluvial	Fa2
2	Cocalinho	Savana Florestada	Sd2
2	Cocalinho	Savana Arborizada	Sa2
2	Cocalinho	Savana Parque	Sp2
3	Água Boa	Floresta Ombrófila Aberta	A3
3	Água Boa	Savana Florestada	Sd3
3	Água Boa	Savana Arborizada	Sa3
3	Água Boa	Floresta Estacional Semidecidual Aluvial	Fa3
3	Água Boa	Savana Arborizada	Sa3
4	Alto Xingu	Savana Arborizada	Sa4
4	Alto Xingu	Floresta Estacional Semidecidual Aluvial	Fa4
4	Alto Xingu	Ecótono Savana/Floresta Ombrófila	SO4
4	Alto Xingu	Savana Arborizada	Sa4
4	Alto Xingu	Floresta Ombrófila Aberta Aluvial	Aa4
4	Alto Xingu	Savana Florestada	Sd4
5	Papagaio	Ecótono Savana/Floresta Ombrófila	SO5
5	Papagaio	Floresta Ombrófila Aberta Aluvial	Aa5
5	Papagaio	Floresta Ombrófila Aberta	A5
6	Vilhena	Floresta Ombrófila Densa Aluvial	Da6
6	Vilhena	Floresta Ombrófila Densa	D6
6	Vilhena	Floresta Ombrófila Aberta Aluvial	Aa6
6	Vilhena	Savana Arborizada	Sa6

5.2.3.1.1 Análise da Fragmentação de Paisagens

A análise da fragmentação de paisagens tem como objetivo Identificar e caracterizar os fragmentos/remanescentes florestais a serem impactados pelo traçado, em termos de localização, área total (ha) de cada fragmento, área de supressão (ha e %) e área remanescente para cada novo fragmento; fitofisionomia e estágio de sucessão, índice ou fator de forma e grau de isolamento, bem como apresentar estimativa das áreas em que haverá supressão de vegetação, caracterizando qualitativa e quantitativamente a vegetação a ser suprimida com respectivo mapeamento.

A partir da classificação da vegetação (arquivo fornecido em formato shape para a área do entorno do traçado em um raio de 25 km), os polígonos florestais a serem desmatados foram selecionados pela sobreposição da área de supressão da

vegetação de 40 m a partir da linha do traçado (arquivo fornecido em formato shape). Os 90 polígonos atingidos foram numerados e submetidos à análise de paisagem pelo aplicativo Patch Analyst 4.0 como extensão no ArcGis 9.3. Assim foram obtidas as métricas para cada fragmento florestal, das quais foram selecionadas as métricas de forma, borda e área. No mapa síntese com fragmentos/remanescentes florestais (anexo), podem ser visualizados 43 fragmentos os quais agrupam os 90 polígonos.

Os centróides dos polígonos foram gerados para extrair a informação de localização geográfica, apresentados em graus decimais, no sistema de projeção South American Datum 1969. O grau de isolamento foi calculado pela ferramenta Average Nearest Neighbor Distance (ArcGis 9.3), que calcula um índice de vizinho mais próximo a partir da média das distancias entre as feições adjacentes, baseado na Distância Euclidiana. Com base nas imagens de satélite foi realizada uma classificação subjetiva de todo os fragmentos para se determinar o estado de conservação e, por consequência, sugerir o estágio de sucessão no qual se encontra cada mancha florestal.

A caracterização da vegetação a ser suprimida foi baseada nas métricas de paisagem (Patch Analyst 4.0) em duas abordagens. A primeira a partir das classes de vegetação (savana, floresta, urbano e agrícola) e a segunda pelas fitofisionomias propostas pelo IBGE. Um teste de proporcionalidade foi realizado no aplicativo R para se verificar a significância das áreas a serem suprimidas por classes de vegetação e por fitofisionomias.

5.2.3.2 Fauna

Para cada grupo da fauna, foram utilizadas as seguintes metodologias para a coleta de dados primários:

Entomofauna

Foram utilizados dois métodos de coleta para amostragem da entomofauna: (1) coleta ativa com redes entomológicas e (2) coletas passivas com dois tipos de armadilhas, (a) Armadilha Malaise, Armadilhas PET e Van Someren-Rydon.

A Rede Entomológica é utilizada para captura ativa de insetos em vôo ou pousados. As coletas podem ser direcionadas, onde se coletam os insetos à vista e ao alcance da rede ou utilizando a rede para de encontro a vegetação (varredura) onde são coletados os insetos que não estão ao alcance da vista.

A Malaise é uma armadilha de interceptação de vôo e coleta os insetos que apresentam tendência de subir quando encontram um obstáculo vertical. Consiste de uma tenda aberta com um septo (ou mais septos no caso de armadilha multidirecional) no meio, preferencialmente de cor escura; uma cobertura inclinada, de cor clara para direcionar os insetos ao frasco coletor; este deve ser total ou parcialmente transparente, situado na parte mais alta, contendo no seu interior uma substância fixadora ou gás mortífero, este último para coleta seco. Podem ficar montadas por tempo indeterminado, de dia e de noite.

As armadilhas “PET” e “Van Someren-Rydon” são armadilhas de atração de insetos com iscas. As iscas são matéria orgânica animal (carne moída, fígado, vísceras de galinha ou peixe) ou vegetal (frutos) em decomposição. As armadilhas PET são confeccionadas com garrafas de refrigerante tipo pet, pintadas de cor preta. As armadilhas Van Someren-Rydon são confeccionadas com dois aros de metal e um cilindro de sombrite de cor preta. Ambas podem ser montadas por tempo indeterminado, de dia e de noite. As iscas devem ser trocadas todas as vezes que os insetos forem retirados das armadilhas.



Foto 5.2-1 Armadilha Malaise. (Foto: Rogério Cansi)



Foto 5.2-2 Armadilha PET (esquerda) e Armadilha Van Someren-Rydon (direita)

(Fotos: Rogério Cansi)

Invertebrados aquáticos

Este grupo de organismos foi coletado em 23 sítios de coleta (Tabela X), sendo as amostras replicadas três vezes em cada estação. O diagnóstico da comunidade de macroinvertebrados bentônicos foi realizado através de amostradores do tipo Surber e redes em D (D-net) em habitats de *riffle* e *pool* (Merritt & Cummins, 1996).

Primeiramente foram identificados em cada córrego os diferentes microhabitats existentes segundo a classificação: remansos de silte e folhas; corredeiras de cascalho e de pedras; macrófitas e vegetação marginal. Para áreas de correnteza foi usado o amostrador Surber com um esforço amostral de 15 minutos numa área de 10 m². Para áreas de remanso e de vegetação foi usada a rede em D (Fig A2) sendo coletado todo sedimento na área de 1 m².

Os macroinvertebrados foram identificados e enumerados sob lupas estereoscópicas e microscópios óticos com o auxílio de literatura especializada (Merritt & Cummings, 1996; Trivinho-Strixino & Strixino, 1995; Epler, 1995; Pes et al, 2005; Hamada & Coceiro, 2003, Salles, 2006).



Figura 5.2-57: Amostradores de Macroinvertebrados bentônicos: 1 – Rede Surber; 2 – Rede “D”.

Tabela 5.2-8 Localização dos trechos amostrados para ictiofauna na área de influência da EF-354.

Região	Unidade hidrográfica	Coordenadas
1	Rio Crixás	22L 0631831 UTM 8411852
	Rio dos Peixes	22L 0640005 UTM 8414775
	Rio Crixás	22L 0639891 UTM 8413716
	Córrego Baltazar	22L 0638920 UTM 8401066
	Córrego Limoeiro	22L 0633300 UTM 8403650
2	Lagoa Fuchim	22L. 0501043 UTM 8412724
	Lagoa Fuchim	22L. 0500938 UTM 8412564
	Lagoa do Gado	22L. 0500033 UTM 8414296
	Rio Araguaia	22L. 0500681 UTM 8407054
3	Rio Borecaia	22L 0415279 UTM 8452978
	Rio Borecaia	22L 0414175 UTM 8453298
	Rio das Mortes	22L 0427195 UTM 8453394
	Rio das Mortes	22L. 0427645 UTM 8453654
4	Rio Culuene	22L 0275544 UTM 8507320
	Rio Culuene	22L 02756116 UTM 8507792
	Rio Culuene	22L 0274847 UTM 8507792
5	Rio Cravarí	21L 0401754 UTM 8553826
	Rio Cravarí	21L 0401535 UTM 8553920
	Rio Papagaio	21L 0349502 UTM 8582590
	Rio Papagaio	21L 0349603 UTM 8582700
6	Córrego do Garimpeiro	21L 0178313 UTM 8549180
	Rio Mutum	21L 0186252 UTM 8551558
	Córrego 12 de outubro	20L 0824347 UTM 8563538



Rio Crixás.



Rio dos Peixes.



Córrego Baltazar.



Córrego Limoeiro.



Rio Berecaia.



Rio Borecaia.



Rio das Mortes.



Lagoa Fuchim.



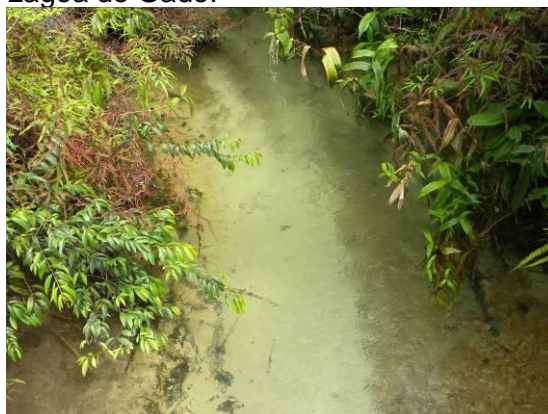
Lagoa Fuchim.



Lagoa do Gado.



Rio Araguaia.



. Córrego do Garimpo.



Rio Mutum.



Rio Cravari.



Rio Papagaio.



Rio Papagaio.



Rio Coluene.



Rio Coluene.



Rio Coluene.

Foto 5.2-3 Pontos amostrados na área de influência da EF-354.

Ictiofauna

Foram amostrados os seis sítios amostrais totalizando 23 trechos de unidades hidrográficas (entre rios e lagos), buscando caracterizar as possíveis variações de composição da ictiofauna. Os pontos de amostragem foram os mesmos dos estudos de invertebrados aquáticos (Tabela 5.2-8). Visto o grande número de micro-habitats (trechos encachoeirados, corredeiras e remansos; áreas sombreadas e expostas; trechos rasos e profundos; fundos de lama, areia, seixos ou blocos), a coleta dos peixes será realizada com a combinação de diversos métodos de captura, buscando amostrar a maior quantidade de espécies de peixes presente em cada unidade amostral.

Em trechos com menores profundidades e nas margens dos rios foram utilizadas peneiras (30 cm de raio e malha de 2 mm) e redes de arrasto (3 x 1 m e malha 2 mm). Em trechos com profundidades superiores a 2 m, foram utilizadas redes de espera com variadas dimensões (em geral, 15 x 2 m e malhas 2,0; 4,0; 6,0; 10,0 e 12,0 cm entre nós), que permaneceram dentro d'água pelo menos 24 horas. Foram, também, realizadas pescarias com tarrafa, linha e anzol (pescaria convencional). Os exemplares fixados foram fixados em campo com formol 10% e, posteriormente, tombados na Coleção Ictiológica da Universidade de Brasília (CIUnB) onde permanecem conservados em etanol 70%.

A realização de mergulhos livres (observações naturalísticas) e entrevistas com os moradores e pescadores locais será empregada como metodologia complementar. A identificação das espécies será realizada com o auxílio de especialistas e a utilização de chaves para grupos específicos.

Análises para caracterização da comunidade íctica

Uma curva de acumulação de espécies, expressa pelo número de indivíduos coletados, foi gerada e estimadores de riqueza por extrapolação foram utilizados, a fim de avaliar a adequação da metodologia de coleta dos peixes e a robustez dos dados coletados.

Para cada região foram analisadas as diversidades (a partir de índices de diversidade), riqueza e abundâncias relativas das espécies. Foram utilizadas análises de agrupamento buscando melhor caracterizar as áreas amostradas em função da composição das espécies.

Herpetofauna

Em cada região descrita acima, foram selecionadas quatro áreas de fitofisionomias diferentes (duas áreas abertas e duas florestais), onde foram instalados dez pontos em cada área, de armadilhas de queda (“pitfall”) com barreiras (drift fence) para a captura de répteis e anfíbios. As armadilhas de queda foram utilizadas como a principal metodologia de captura para espécies da herpetofauna. Em cada região foram utilizados um total de 160 baldes durante dez dias em cada estação.

Cada ponto de armadilhas de queda (“pitfall traps”) consiste em quatro baldes plásticos de 35 a 40 litros, enterrados no solo até a borda dispostos em forma de “Y”. Estas armadilhas capturam pequenos vertebrados e invertebrados que estejam andando na superfície do solo. As armadilhas foram vistoriadas uma vez ao dia, e os animais capturados foram identificados, fotografados e soltos no mesmo local de captura. Foram capturados dois indivíduos de cada espécie como testemunho científico. Quando a coleta foi necessária para a correta identificação da espécie capturada, cinco indivíduos foram coletados, eutanasiados com o uso de anestésicos, fixados em formol e depositados em coleção científica para posterior análise.

Como metodologia complementar, todas as áreas foram vistoriadas durante o dia e durante a noite, através de caminhadas em trilhas, ou no caso de rios, riachos e lagos, através de barco. Nessas vistorias, os animais foram localizados através do contato visual direto, e da procura em troncos caídos, acúmulos de folhas e buracos nas árvores. Quando possível os animais foram capturados manualmente, identificados, fotografados e soltos no mesmo local de captura.

Avifauna

Para a elaboração do Estudo de Impacto Ambiental foi realizado o levantamento das espécies de aves (dados qualitativos) da área de influência da ferrovia **EF 354 Trecho: Uruaçu – GO – Vilhena – RO** ao longo de todo o projeto. Foram selecionados seis regiões ao longo do trajeto da ferrovia, sendo estes denominados: Santa Terezinha, Cocalinho, Água Boa, Xingu, Papagaio, Vilhena.

Para este inventário têm sido considerados todos os registros oportunistas e assistemáticos oriundos de procuras ativas diurnas, excursões ao longo dos rios, buscas noturnas com o auxílio de farol de mão. Os registros baseiam-se em: registro fotográfico, registro sonoro, observação direta (visualização), identificação de cantos e chamados (zoofonia), capturas em redes de neblinas e indução sonora (*play-back*) do canto de certas espécies crípticas, que se aproximam ou ao menos respondem ao

indutor. Os materiais de apoio utilizados no campo incluem câmera fotográfica (Canon EOS), GPS (Garmin), binóculos Nikon 8 x 32, gravadores digitais portáteis (Marantz PMD 22), microfone direcional, caixa amplificadora e redes de neblina. Foram utilizados preferencialmente os horários de pico de atividade dos animais, em todas as amostragens: as primeiras horas do dia, de 6:00 hs às 11:00 hs, ou em torno do crepúsculo, a partir das 16:00 hs às 20:00 hs, por vezes prolongado até às 22:00 hs, para a busca de espécies noturnas (Bibby *et al.* 1992).

Para auxiliar na identificação das espécies são utilizados: 1) guias de campo e livros de referência (Hilty & Tudor 1986, Ridgely & Tudor 1989, 1994, Sick 1997, Ferguson-Lees & Christie 2001, De la Peña & Rumboll 2000, Develey & Endrigo 2004, Souza 2004, Forshaw 2006, Sigrist 2006); 2) sonogramas presentes em bancos de cantos de aves, para identificações comparativas dos registros sonoros (xeno-canto, 2008), bem como, 3) eventuais consultas das peles da Coleção Ornitológica Marcelo Bagno (COMB) da Universidade de Brasília (UnB). Toda a nomenclatura científica utilizada é baseada na lista oficial do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO 2009).

Para aprimorar o estudo foram combinadas duas metodologias complementares: 1) censos pontuais de indivíduos e espécies, e 2) captura com redes de neblina.

Censos pontuais

Com intuito de identificar variações de abundância relativa das espécies nas fitofisionomias consideradas, são realizadas observações, através da metodologia de **censo em ponto fixo** (Bibby *et al.* 1992, Develey 2003, Sutherland *et al.* 2004, Anjos 2007). Através desta metodologia, em cada uma das 6 regiões de amostragem serão realizados cerca de 32 pontos de amostragem, incluindo a maior variedade de fitofisionomias possível presente na área de influência do empreendimento. Cada censo pontual é realizado em cerca de 20 minutos, para registros das espécies e número de indivíduos por espécie, num raio de 50 metros, identificados através da visualização e/ou da escuta de cantos e chamados. Os censos são realizados em pontos georeferenciados com, pelo menos, 200 metros de distância entre si, para evitar sobreposição entre os pontos amostrais. Pares reprodutivos e grupos familiares são contados como um só contato, evitando-se sobreestimar o número de indivíduos. As amostragens são realizadas nas horas menos quentes do dia, entre as 05:30 e 09:00 hs da manhã e 16:00 e 18:30. A partir dos dados de pontos fixos realizados nas duas estações, foi calculado um índice pontual de abundância (IPA, Vielliard e Silva 1990). O índice pontual de abundância consiste no número de contatos de cada espécie dividido pelo número total de pontos amostrados, representando uma

abundância relativa. Portanto, o índice IPA será para as espécies de aves registradas nos censos para cada um dos pontos de amostragem definidos.

Captura

Para complementar o inventário das aves da área de influência do presente empreendimento está sendo utilizada a metodologia de **captura** com auxílio de redes de neblina (Bibby *et al.* 1992). Esta metodologia permite o registro de espécies crípticas que diificilmente são registradas através de busca observações ou vocalização. As redes de neblina (12 m de comprimento, 3,5 m de altura, malha 38 mm) foram utilizadas para a amostragem das aves associadas às formações florestais e savânicas. Em cada sítio de estudo foram selecionados dois pontos de fitofisionomias florestais e outros dois pontos de cerrado, quando estes estavam presentes na área, totalizando quatro pontos de amostragem com redes de neblina por sítio amostral. Em cada um dos 24 pontos distribuídos pelos seis sítios foram instaladas 10 redes de neblina, as quais capturam indivíduos entre 5 e 100g, totalizando 120 m de linha de rede em cada ponto. As redes foram mantidas por, pelo menos, 10 horas amostrais efetivas por ponto. As redes foram abertas ao amanhecer, sendo recolhidas ao final do dia.

Durante este período as redes foram visitadas a intervalos regulares (entre 30 e 60 minutos), visando evitar excessiva exposição dos indivíduos ao sol e estresse, o que poderia levar os animais ao óbito. Os indivíduos capturados foram cuidadosamente retirados das redes e acondicionados em sacos de panos brancos, evitando-se ao máximo o estresse durante seu manuseio. Após serem pesados e terem o comprimento de asas, bico, cauda e tarsos medidos, os indivíduos saudáveis foram soltos no mesmo local de captura segundo recomendações do próprio CEMAVE (IBAMA, 1994).

Amostragens Oportunísticas

Além das metodologias descritas, observações oportunísticas também foram conduzidas em todos ambientes identificados nas áreas de estudo a fim de inventariar o maior número de espécies possível uma vez que a diversidade de aves está diretamente relacionada com a composição da paisagem local e seus ambientes correspondentes.

Mastofauna

Para a captura de pequenos mamíferos não voadores foram selecionados quatro pontos de amostragem por região. Em cada um dos pontos foram colocadas até sessenta armadilhas de vida (*live traps*), sendo de 40 a 50 *shermans* e dez gaiolas (*tomahawk*), dispostas em transectos e instaladas no chão ou no estrato arbóreo, distantes 15m umas das outras. Elas permaneceram em operação durante quatro noites consecutivas, em cada um dos quatro pontos selecionados para cada região durante duas campanhas. As armadilhas foram vistoriadas e iscadas diariamente após o amanhecer. Armadilhas de interceptação e queda (*pitfalls*) foram utilizadas como metodologia complementar para a amostragem desse grupo (ver metodologia para herpetofauna). Para amostragem da quiropterofauna foram utilizadas redes de neblina. As redes foram abertas antes do anoitecer. Foram realizadas quatro amostragens em pontos diferentes. Para amostragem de médios e grandes mamíferos foram utilizadas quatro armadilhas fotográficas, uma em cada um dos pontos. As armadilhas fotográficas foram instaladas a uma distância mínima de 2 km umas das outras, para garantir a independência na coleta dos dados e permaneceram ativas em cada ponto por até dez dias. Observações diretas (avistamentos, vocalizações, animais atropelados) e indiretas (pegadas, fezes e tocas) foram utilizadas como metodologia complementar para o inventário deste grupo. Rondas noturnas foram realizadas ao longo dos trajetos percorridos de carro ou a pé, durante o período de amostragem, com o auxílio de um silibim.

Os indivíduos capturados foram identificados, sempre que possível em espécie, medidos (medidas morfométricas e peso), sexados e foram registrados seus estágios de desenvolvimento (filhotes, jovens ou adultos) e reprodutivo (fêmeas grávidas, lactantes, pós-lactantes ou não reprodutivas e machos escrotados ou não). Alguns indivíduos foram coletados e serão depositados na Coleção de Mamíferos da Universidade de Brasília, para confirmação da espécie e registro de material testemunho da região.

5.2.4 CARACTERIZAÇÃO DO ECOSSISTEMA DA ÁREA DE INFLUÊNCIA DO EMPREENDIMENTO

Apresentamos a seguir, o resultado das buscas bibliográficas realizadas e dos dados secundários encontrados na literatura para a região do empreendimento, no diagnóstico da área de influência indireta, e o resultado dos estudos de campo para o diagnóstico da área de influência direta.

5.2.4.1 ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA

5.2.4.1.1 FLORA

A flora da região por onde atravessará a Ferrovia 354 abriga componentes dos vários interflúvios amazônicos, congregando uma elevada riqueza de espécies vegetais. Foram identificados segundo dados secundários 1.179 espécies vegetais de 102 famílias distintas. Este valor de riqueza total mostra-se relativamente elevado, em função de reunir inúmeras espécies aparentadas (do mesmo gênero e família) que se segregam geograficamente entre os grandes rios da Amazônia meridional.

Comparando-se as regiões separadamente, o número de espécies varia em torno de centenas de espécies, sendo que a maior diversidade encontrada foi para a região 2 próximo ao rio Araguaia (704 espécies;) o equivalente a 59,7% do total das espécies registradas. Em seguida tem-se a região 4 das Cabeceiras do Alto Xingu, que possuem 600 espécies arbóreas catalogadas (50,1%). A região 3 do Rio das Mortes e a região 5 da bacia do Tapajós apresentaram valores intermediários, 235 (19,9%) e 187 (15,8%). As regiões que obtiveram menor número de espécies, região 1 de Santa Teresinha do Goiás e região 6 Vilhena, RO não possuem estudos consistentes de florística, sendo que os valores encontrados não devem refletir a real riqueza regional. Nestes pontos será fundamental a obtenção e análise dos dados primários.

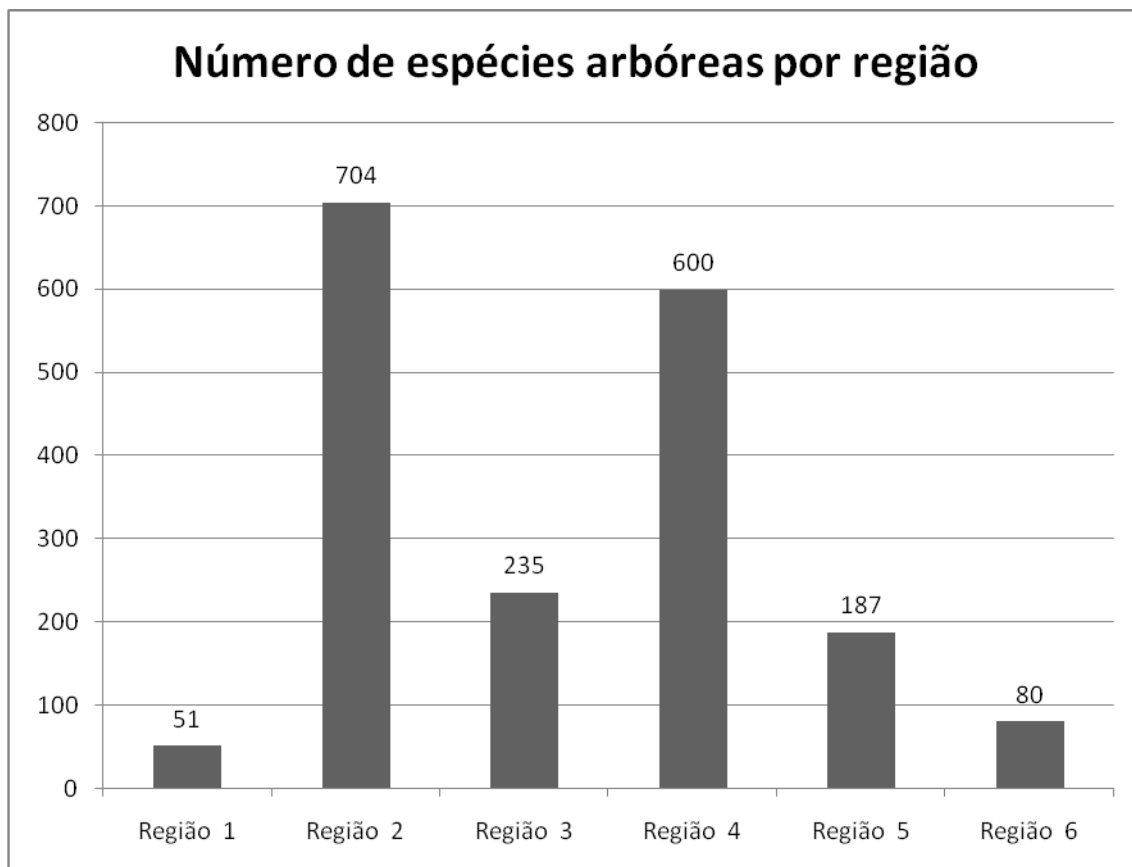


Figura 5.2-58 Riqueza de espécies vegetais por região

5.2.4.1.1.1 Região I

Para a Região I, correspondente às proximidades de Santa Teresinha do Goiás, no Alto da bacia do Rio Tocantins, foram registradas apenas 52 espécies arbóreas de 30 famílias diferentes. A família mais abundante foi a Leguminosae com 13 espécies, sendo destas 7 Caesaphinioidea, duas Faboidae e quatro Mimosoidae. Esta família foi seguida de Combretaceae , 5 espécies e Myrtaceae , com 4 espécies.

Dentre as nove espécies de potencial madeireiro registradas na região incluem-se: o Pau-d'arco-branco *Aspidosperma cf multiflorum* A.DC., o Pau-de-leite *Himatanthus obovatus* (Muell.-Arg.) Woods., o Angico *Anadenathera colubrina*, o Tamboril *Enterolobium sp.*, e o cedro *Cedrela fissilis* Vell..

Entre as quatorze arbóreas registradas que possuem elevado potencial extrativista não-madeireiro, encontrou-se o cajuí *Anacardium. occidentale* L., o Jatobá-da-mata *Hymenaea courbaril* L., a guabiroba *Campomanesia velutina* (Camb.) O. Berg., a catuaba *Eugenia sulcata* Spring ex Mart., a mutamba *Guazuma ulmifolia* Lam..

Tabela 5.2-9 Espécies vegetais da região I do Alto Tocantins, Santa Teresinha de Goiás.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
ANACARDIACEAE			
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajuí	X	
<i>Spondias lutea</i> L.	Cajá		
ANNONACEAE			
<i>Xylopia sericeae</i> St. Hill	Pindaíba	X	
APOCYNACEAE			
<i>Aspidosperma cf multiflorum</i> A.DC.	Pau-d'arco-branco		X
<i>Aspidosperma</i> sp.			
<i>Himatanthus obovatus</i> (Muell.-Arg.) Woods.	Pau-de-leite	X	X
ARECACEAE			
<i>Astrocaryum</i> sp.		X	
BIGNONIACEAE			
<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl) Nichols	Pau-d'arco-branco		X
<i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl.	Orelha-de-onça		X
BORAGINACEAE			
<i>Cordia</i> sp			
CHRYSOBALANACEAE			
<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti		
COMBRETACEAE			
<i>Terminalia argentea</i> Mart. & Zucc	Piquiá-preto		
<i>Terminalia</i> sp.2	Canudeiro		
<i>Terminalia glabrescens</i> Mart	Carrapateira		
<i>Terminalia</i> aff. <i>fagifolia</i> Mart. & Zucc.	Caatinga-de-porco		
<i>Terminalia</i> aff. <i>actinophylla</i> Mart.	Bacurí-da-mata		
CONNARACEAE			
<i>Rourea induta</i> Planch.	Caneleira	X	
EBENACEAE			
<i>Diospyros hispida</i> DC.	Olho-de-boi		
ERYTHROXYLACEAE			
<i>Erythroxylum vacciniifolium</i> Mart.	Catuaba		
EUPHORBIACEAE			
<i>Cnidoscolus vitifolius</i> (Mill.) Pohl.	Cansanção-preto		
FABACEAE CAESALPINIOIDEAE			
<i>Bauhinia</i> sp.			
<i>Dimorphandra gardneriana</i> Tul.	Fava-d'anta		
<i>Dialium guianensis</i> (Aubl.) Sandw.			
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá-da-mata	X	
<i>Peltogyne paniculatum</i> Benth.	Sucupira preta		X
<i>Senna spectabilis</i> (DC.) H.S. Irwin & Barneby x	Canafistula		
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	Maria-mole		
FABACEAE FABOIDEAE			
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Marmelada-de-cavalo		
<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	Amargoso-preto		
FABACEAE MIMOSOIDEAE			
<i>Anadenathera colubrina</i>	Angico		X
<i>Enterolobium</i> sp.	Tamboril		X
<i>Inga</i> sp.	Ingá	X	

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Piptadenia moniliformis</i> Benth.	Candeia-brava		
FLACOURTIACEAE			
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Folha-de-carne		
<i>Casearia ulmifolia</i> Vahl ex Ventenat	Laranjinha		
MALPIGHIACEAE			
<i>Byrsonima</i> sp.	Murici	X	
MELIACEAE			
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Cedro		X
MORACEAE			
<i>Brosimum</i> sp.	Amapá amargoso		
MYRTACEAE			
<i>Campomanesia velutina</i> (Camb.) O. Berg.	Guabiraba	X	
<i>Eugenia sulcata</i> Spring ex Mart.	Catuaba	X	
<i>Eugenia egensis</i> DC.	Criolí		
<i>Psidium sartorianum</i> (O. Berg.) Nied.	Mamaluco	X	
OPILIACEAE			
<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers	Marfim		X
PIPERACEAE			
<i>Piper</i> aff. <i>caldense</i> C.DC.	Pimenta-de-macaco		
POLYGONACEA			
<i>Triplaris surinamensis</i> Cham.	Pajeú		
RUBIACEAE			
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	X	
RUTACEAE			
<i>Xanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Laranjinha-do-brejo		
SAPINDACEAE			
<i>Talisia</i> sp.	Pitombarana		
SAPOTACEAE			
<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	Maçaranduba		
SMILACACEAE			
<i>Smilax</i> sp.	Cipó-japécanga		
STERCULIACEAE			
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	X	
VERBENACEAE			
<i>Vitex panshiniana</i> Mold.	Mama-cachorro	X	

5.2.4.1.1.2 Região II

A área de influência da Ferrovia EF 354, está inserida no corredor Araguaia-Bananal, e apresenta vários tipos vegetacionais, entre formações campestres, como campos sujos e rupestres; formações savânicas, como veredas e cerrado sensu stricto; e florestais como matas de galeria, matas secas e florestas densas, de influência amazônica.

Foram registradas para a região, 205 espécies distribuídas em 71 famílias, sendo que entre estas, 35 espécies possuem potencial não madeireiro e 28 possuem potencial madeireiro.

Entre as formações campestres, destacam-se na área de estudo, o campo sujo, fitofisionomia exclusivamente herbáceo-arbustivo, e o campo sujo de murunduns, onde ocorrem micro elevações do relevo. Nesses ambientes predominam as famílias Poaceae e Cyperaceae.

Destacamos alguns gêneros entre as famílias Poaceae: *Aristida*, *Echinolaena*, *Ichnanthus*, *Loudetiopsis*, *Panicum*, *Paspalum*, *Trachypogon* e *Tristachya*; e Cyperaceae *Bulbostylis* e *Ryncosphora*.

Entre as formações savânicas, a região apresenta principalmente a fitofisionomia cerrado senso stricto, constituída de dois componentes básicos, um estrato baixo com gramíneas e pequenos arbustos e um estrato mais alto com arbustos e árvores baixas, e a fitofisionomia vereda, com predominância de buritis (*Mauritia flexuosa*) em meio a agrupamentos mais ou menos densos de espécies arbustivo-herbáceas.

Destacamos algumas espécies que caracterizam o cerrado senso stricto: *Acosmium asycarpum* (amargosinha), *Annona crassiflora* (araticum), *Astronium fraxinifolium* (Gonçalo-alves), *Bowdichia virgilioides* (sucupira-preta), *Byrsonima coccolobifolia* (murici), *Caryocar brasiliense*, *Curatella americana* (lixeira), *Hancornia speciosa* (mangaba), *Hymenaea stigonocarpa* (jatobá-do-cerrado), *Machaerium acutifolium* (jacarandá), *Pouteria ramiflora* (curriola), *Qualea grandiflora*, *Q. multiflora* (pau-terra-liso), *Q. parviflora* (pau-terra-roxo), *Roupala montana* (carvalho-de-vaca), *Tabebuia urea*, *T. achracea* (ipê-amarelo) e *Tocoyena formosa* (jenipapo-do-cerrado).

As formações florestais são predominantes na área de influência do empreendimento, com destaque para as matas ciliares, vegetação florestal que acompanha os rios de médio e grande porte, as matas secas, formação florestal em solos que não são periodicamente alagados, ocorrendo nos interflúvios em solos geralmente mais ricos em nutrientes, as florestas aluviais, que são formações que acompanham cursos de água onde o lençol freático está próximo ou sobre a superfície do terreno em alguns trechos durante todo o ano, e as florestas densas, com espécies arbóreas de grande porte e de origem amazônica.

Entre as espécies florestais, destacamos algumas: *Anadenanthera* spp. (angicos), *Apeibatibourbou* (pau-de-jangada), *Aspidosperma* spp. (perobas), *Celtis iguanaea* (grão-de-galo), *Enterolobium contortisiliquum* (tamboril), *Inga* spp. (ingás), *Myracrodruon urundeuva* (aroeira), *Sterculia striata* (chichá), *Tabebuia* spp. (ipês),

Trema micrantha (crindiuva), *Triplaris gardneriana*, *Cedrela odorata* (cedro), *Dendropanax cuneatum* (Maria-mole), *Euplassa inaequalis*, *Euterpe edulis* (Jussara), *Hedyosmum brasiliense* (chá-de-soldado), *Guarea macrophylla* (marinheiro), *Mauritia flexuosa*, *Prunus* spp., *Virola urbaniana* (virola) e *Xylopia emarginata* (pindaíba-preta).

Tabela 5.2-10. - Listagem geral das espécies de flora registradas na região do corredor Bananal-Araguaia.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
ALSTROEMERIACEAE <i>Alstroemeria</i> sp.
AMARANTHACEAE <i>Pffafia paniculata</i> (Mart.) O. Kuntze.
ANACARDIACEAE <i>Myracrodruon urundeuva</i>
ANNONACEAE <i>Annona crassiflora</i> Mart. <i>Annona</i> sp. <i>Guateria</i> sp. <i>Xylopia aromatica</i> St. Hill. <i>Xylopia sericeae</i> St. Hill.
APOCYNACEAE <i>Aspidosperma</i> cf. <i>multiflorum</i> A.DC. <i>Hymatanthus bracteosus</i> Woods. <i>Temnadessia</i> sp.
ARACEAE <i>Anthurium kuntii</i> Popp & Endl. <i>Syngonium</i> sp.
ARISTOLOCHIACEAE <i>Aristolochia</i> sp. <i>Arrabidea</i> cf. <i>pubescens</i> <i>Adenocalymma</i> cf. <i>marginatum</i> <i>Anthurium kuntii</i> Popp & Endl.
BIGNONIACEAE <i>Tabebuia</i> cf. <i>impetiginosa</i> Stamd.
BOMBACACEAE <i>Ceiba</i> sp. <i>Eriotheca gracilipes</i> (K. Schum) Robyns. <i>Pseudobombax longiflorum</i> Robyns.
BROMELIACEAE <i>Aechmea</i> sp.
BALANOFORACEAE <i>Langsdorfii</i> sp.
BURSERACEAE <i>Commifora leptophloeos</i> J.B.Gillet. <i>Protium unifoliolatum</i> Engl. <i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl) March.
CACTACEAE <i>Epiphyllum</i> sp.
CARYOCARACEAE <i>Caryocar brasiliense</i> Camb.
CHRYSOBALANACEAE <i>Hirtella glandulosa</i> Spreng. <i>Licania</i> sp.1 <i>Licania</i> sp.2
COMBRETACEAE <i>Combretum</i> cf. <i>Laxum</i> <i>Terminalia</i> cf. <i>Brasiliensis</i>
COMPOSITAE <i>Elephantopus mollis</i> H.B.K. <i>Vernonia</i> cf. <i>herbaceae</i> (Vell.) Rusby.
CONVOLVULACEAE <i>Ipomaea rubens</i> Choisy.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

CUCURBITACEAE

Cylacanthra sp.

CYPERACEAE

Cyperus ferax L.C. Rich.

Cyperus sp.1

Cyperus brevifolius (Rottb.) Hassk.

Cyperus sp.2

Cyperus sp.

Rhynchospora sp.

DICAPETALACEAE

Tapura amazonica Poepp. & Endl.

DILLENACEAE

Curatella americana L.

EBENACEAE

Diospyros poeppigiana A.DC.

ERYTHROXYLACEAE

Erythroxylum cf. *pelleterianum* St. Hill.

EUPHORBIACEAE

Alchornea sp.

Cathedra cf. *acuminata* (Benth) Mier.

Euphorbia sp.

Mabea cf. *inodorum* S. Moore.

Maprounea guianensis M. Arg.

Sapium sp. Saran.

GRAMINEAE

Andropogon bicornis L.

Arberella aff. *Costaricensis* (Hitchc.) Soderstr & Calder.

Axonopus aff. *suffultus* (Tin.) Arodi.

Eragrostis cilianensis (All.) Vignolo.

Guadua aff. *tagoara*

Ichnanthus camporum Swallen.

Ichnanthus pallens (Sw.) Munro.

Panicum hylaecum Mez.

Panicum hylaecum Mez.

Paspalum cf. *plicatulum* Michx.

Paspalum repens Berg.

Reimarochloa acuta (Flueg.) Hitchc.

GUTTIFERAE

Rheedia brasiliensis Camb.

Callophylum brasiliense Camb.

HELICONIACEAE

Heliconia cf. *Hirsuta*

ICACCINACEAE

Emmotum nitens (Benth) Miers.

LAURACEAE

Ocotea sp.

LECYTHIDACEAE

Gustavia augusta L.

LEGUMINOSAE

Acosmium sp.

Anadenathera colubrina

Bauhinia aff. *malacotrichoides*

Chamaechrista conferta

Dioclea sp.

Hymenaea stilbocarpa var *courbaril* Mart. Ex. Rayne

Inga cf. *fagifolia* Willd.

Mimosa gracilis Benth.

Pterodon pubescens Benth.

Sclerolobium aureum (Tull) Benth.

LORANTHACEAE

Ptyrusa ovata (Pohl) Eicl.

LYTHRACEAE

Physocallyma scaberrimum Pohl.

MALPIGHIACEAE

Heteropteris cf. *campestris* Adr. Juss.

Byrsonima sp.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

MALVACEAE

Peltae acutifolia (Gunke) Krapov & Crist.

Sida cordifolia L.

Tropvikasia sp.

MARANTACEAE

Calatea sp.

MELASTOMATACEAE

Tibouchina sp.

Miconia sp.

MORACEAE

Pseudomedia sp.

Pseudomedia longiflorum

Cecropia cf. *pachystachia*

Brosimum gaudichaudii

MYRTACEAE

Psidium sp.1

Psidium sp.2

Eugenia sp.

Siphoneugena sp.

Sizigium sp.

OLACACEAE

Heisteria ovata Benth.

ORQUIDACEAE

Cattleya araguaiensi

Brassavola sp.

Oncidium sp.

PALMACEAE

Astrocaryum vulgare

Desmoncus sp.

PASSIFLORACEAE

Passiflora cerradensis Sacco.

PONTEDERIACEAE

Eichornia cf. *Crassipes*

POLYGONACEAE

Polygonum lapathifolium L.

RUBIACEAE

Alibertia sp.

Borreria eryngioides Cham. & Schl.

Borreria simplicicaulis K. Schum.

Borreria latifolia

Coussarea sp.

Ixora sp.

Ixora sp.

Psichotira carthaginensis Jacq.

Richrdia stellaris (Cham. & Schl.) Steud.

Rudgea sp.

Staelia virgata (Willd.ex Roem & Schult.) K. Schum.

SAPINDACEAE

Cupania sp.

SAPOTACEAE

Pouteria cf. *glabrescens* (Miq) Bachni.

SIMAROUBACEAE

Simarouba versicolor St. Hill.

VITACEAE

Cissus erosa Rich.

VOCHYSIACEAE

Qualea grandiflora Mart.

Qualea multiflora Mart.

Vochysia divergens Pohl.

ZINGIBERACEAE

Costus subacaulis (Nees & Mart) Mass.

5.2.4.1.1.3 Região III

A região III do entorno do Rio das Mortes constitui-se numa zona de transição que ainda resguarda grandes remanescentes de Cerrado, entremeados de Florestas com influência amazônica. Nesta região foram identificadas 235 espécies vegetais de 59 famílias diferentes, que demonstra a notória diversidade local.

As famílias com maior riqueza foram a Leguminosae com 35 espécies, dentre Caesaphinioidea (16 spp), Faboidae (10 spp) e Mimosoidae (9 spp) e Myrtaceae, com 11 espécies. Outras quatro famílias tiveram registradas dez espécies cada: Rubiaceae, Euphorbiaceae, Arecaceae, e Annonaceae.

Nesta região III foram registradas 47 espécies consideradas de elevado potencial madeireiro na qual se destacam o Pau-d'arco-branco *Aspidosperma cf multiflorum* A.DC., o Pau-de-leite *Himatanthus obovatus* (Muell.-Arg.) Woods., o buriti *Mauritia flexuosa*, o Jacarandá *Jacaranda brasiliana* (Lam.) Pers., várias espécies de ipês *Tabebuia* spp., o carvoeiro *Sclerolobium aureum* (Tull) Benth, Sucupira-branca *Pterodon pubescens* Benth, ucuubas *Virola* spp, e o cedro *Cedrela fissilis* Vell..

Também foram registradas 34 espécies com potencial extrativista não-madeireiro, na qual se destacam cajus *Anacardium* spp., araticuns *Annona* spp., a mangaba *Hancornia speciosa* Gomes A (R) A (F), o Tucumã *Astrocaryum vulgare* Mart., o Babaçu *Attalea speciosa* Mart. ex Spreng., e o pequi *Caryocar brasiliense* Camb.

Tabela 5.2-11 Espécies vegetais da região III Rio das Mortes.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
ANACARDIACEAE			
<i>Anacardium humile</i> St. Hil.		X	
<i>Anacardium. occidentale</i> L.	Cajuí	X	
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott.			X
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Tatapiririca	X	X
ANNONACEAE			
<i>Annona coriacea</i> Mart.		X	
<i>Annona dioica</i> St. Hil.		X	
<i>Annona</i> sp2			
<i>Cardiopetalum calophyllum</i> Schlttdl.		X	X
<i>Duguetia furfuracea</i> (A. St.-Hil.) Saff.		X	
<i>Duguetia marcgraviana</i> Mart.		X	
<i>Unonopsis lindmanii</i> R. E. Fries			
<i>Xylopia aromatica</i> St. Hill	Pindaíba	X	
<i>Xylopia sericeae</i> St. Hill	Pindaíba	X	
<i>Xylopia</i> sp2			
APOCYNACEAE			
<i>Aspidosperma cf multiflorum</i> A.DC.	Pau-d'arco-branco		X

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.			X
<i>Aspidosperma nobile</i> Muell.-Arg.			X
<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.			X
20. <i>Hancornia speciosa</i> Gomes A (R) A (F)		X	
<i>Hymatanthus bracteatus</i> ADC Woods.	Pau-de-leite	X	X
<i>Himatanthus obovatus</i> (Muell.-Arg.) Woods.	Pau-de-leite	X	X
<i>Odontadenia lutea</i> (Vell.) Markgr.			
ARALIACEAE			
<i>Scheffera morototoni</i> (Aubl.) Maguire	Morototó	X	
ARECACEAE			
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart. *	Tucum, Tucumã	X	
<i>Allagoptera leucocalyx</i> (Mart.) Kuntze		X	
<i>Attalea eichleri</i> (Drude) Henderson		X	X
<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	Babaçú	X	
<i>Bactris glaucescens</i> Drude		X	
<i>Desmoncus cf. cuyabensis</i> Barb. Rodr.		X	
<i>Mauritiella armata</i> (Mart.) Burret		X	
<i>Mauritia flexuosa</i> L.		X	X
<i>Syagrus comosa</i> (Mart.) Mart.		X	
<i>Syagrus flexuosa</i> (Mart.) Becc.		X	
BIGNONIACEAE			
<i>Arrabidaea corallina</i> (Jacq.) Sandw.			
<i>Jacaranda brasiliensis</i> (Lam.) Pers.			X
<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore			X
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (DC.) Standl.	Ipê roxo		X
<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl) Nichols	Pau-d'arco-branco		X
<i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl.	Orelha-de-onça		X
BOMBACACEAE			
<i>Erythrina gracilipes</i> (K.Schum) Robyns	Paineira	X	
<i>Quararibea</i> sp	Mamorana		
BORAGINACEAE			
<i>Cordia glabrata</i> (Mart.)			X
<i>Cordia sellowiana</i> Cham.			X
BURSERACEAE			
<i>Protium unifoliolatum</i> Engl.			
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl) March.	Breu	X	
<i>Protium</i> sp1.			
CARYOCARACEAE			
<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Pequizeiro	X	X
<i>Caryocar</i> sp.			
CECROPIACEAE			
<i>Cecropia palmata</i> Willd.			
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul		X	
CHRYSOBALANACEAE			
<i>Couepia grandiflora</i> (Mart. & Zucc.) Benth. ex Hook.			X
<i>Couepia</i> sp1			X

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Hirtella glandulosa</i> Spreng	Bosta-de-rato		X
<i>Hirtella gracilipes</i> (Hook. f.) Prance			X
<i>Licania apetala</i> (E. Mey.) Fritsch	Caripé torrado		
<i>Licania</i> cf. <i>kunthiana</i> Hook.			
<i>Licania</i> cf. <i>parvifolia</i> Huber			
<i>Licania gardneri</i> (Hook. f.) Fritsch			
CLUSIACEAE			
<i>Callophyllum brasiliensis</i> Camb.			X
<i>Caraipa densifolia</i> Mart.			
<i>Kielmeyera rubriflora</i> A. St.-Hil.			
<i>Kielmeyera speciosa</i> A. St.-Hil.			
<i>Rheedia brasiliense</i> (Mart.) Planch. & Triana			
COCHLOSPERMACEAE			
<i>Cochlospermum regium</i> (Schränk) Pilg.			
COMBRETACEAE			
<i>Buchenavia capitata</i> (Vahl.) Eichl.			
<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichl.			
<i>Terminalia argentea</i> Mart. & Zucc.	Piquiá-preto		
<i>Terminalia lucida</i> Hoffmanns. ex Mart.			
CONNARACEAE			
<i>Connarus suberosus</i> Planch.		X	
<i>Rourea induta</i> Planch.	Caneleira	X	
DICAPETALACEAE			
<i>Tapura amazonica</i> Poepp. & Endl.			
DILLENIACEAE			X
<i>Curatella americana</i> L.	Lixeira	X	X
<i>Davilla elliptica</i> St. Hil.		X	
<i>Davilla nitida</i> (Vahl.) Kubitzki		X	
<i>Doliocarpus dentatus</i> (Aubl.) Standl.			
EBENACEAE			
<i>Diospyros sericea</i> A. DC. x			
<i>Diospyros hispida</i> DC.	Olho-de-boi		
<i>Diospyros obovata</i> Jacq.			
ERYTHROXYLACEAE			
<i>Erythroxylum engleri</i> O. E. Schulz			
<i>Erythroxylum suberosum</i> St. Hil.		X	
<i>Erythroxylum testaceum</i> Peyr.		X	
<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.			
ELAEOCARPACEAE			
<i>Sloanea eichleri</i> K. Schum.			
<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth.			
<i>Sloanea sinemariensis</i> Aubl.			
EUPHORBIACEAE			
<i>Alchornea schomburgkii</i> Klotzsch			
<i>Alchornea gardneri</i> Muell.			
<i>Chaetocarpus echinocarpus</i> (Baill.) Ducke			
<i>Croton cuneatus</i> Klotzsch			

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Mabea pohliana</i> (Benth.) Muell.			
<i>Maprounea guianensis</i> M.Arg	Amendoim	X	
<i>Pera coccinea</i> (Benth.) Muell. -Arg.			
<i>Sapium longifolium</i> (Muell. -Arg.) Huber			
<i>Sapium</i> sp1			
<i>Sapium</i> sp2			
FABACEAE CAESALPINIOIDEAE			
<i>Apuleia leiocarpa</i> (Spruce ex Benth.) Koeppen			
<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud.			
<i>Cenostigma macrophyllum</i> Tul.			
<i>Chamaecrista</i> sp2.			
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.			
<i>Copaifera martii</i> Hayne			
<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.			
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá-da-mata	X	
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne x			
<i>Macrolobium bifolium</i> (Aubl.) Pers.			
<i>Peltogyne confertiflora</i> (Hayne) Benth.			
<i>Sclerolobium aureum</i> (Tull) Benth	Carvoeiro	X	X
<i>Sclerolobium chrysophyllum</i> Poepp. & Endl.			
<i>Sclerolobium froesii</i> Pires			
<i>Sclerolobium paniculatum</i> Vogel			
<i>Senna silvestris</i> (Vell.) Irw. & Barn.			
FABACEAE FABOIDEAE			
<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev			
<i>Acosmium nitens</i> (Vogel) Yakovlev			
<i>Andira cuyabensis</i> Benth.			
<i>Bowdichia virgilioides</i> H.B.K.			
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Marmelada-de-cavalo		
<i>Luetzelburgia praecox</i> (Harms) Harms			
<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel			
<i>Platypodium elegans</i> Vogel			
<i>Pterodon pubescens</i> Benth	Sucupira-branca		X
<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	Amargoso-preto		
FABACEAE MIMOSOIDEAE			
<i>Albizia polyantha</i> (Spreng. f.) Lewis			
<i>Enterolobium schomburgkii</i> (Benth.) Benth.	Orelha de macaco		
<i>Inga</i> sp.			
<i>Mimosa</i> sp.			
<i>Pithecellobium</i> sp1			
<i>Pithecellobium</i> sp2			
<i>Plathymentia reticulata</i> Benth.			
<i>Stryphnodendron coriaceum</i> Benth.			
<i>Stryphnodendron obovatum</i> Benth.			
FLACOURTIACEAE			
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Folha-de-carne		

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Homalium mattogrossense</i> Malme			
HIPPOCRATEACEAE			
<i>Anthodon decussatum</i> Ruiz & Pav.			
<i>Cheiloclinium cognatum</i> (Miers) A. C. Smith			
<i>Peritassa campestris</i> (Camb.) A. C. Smith			
<i>Peritassa laevigata</i> (Hoffmanns. ex Link) A. C. Smith			
<i>Salacia crassifolia</i> (Mart.) G. Don	Bacupari	X	
<i>Salacia elliptica</i> (Mart.) G. Don			
<i>Tontelea brachypoda</i> Miers			
ICACCINACEAE			
<i>Emmotum nitens</i> (Benth) Miers	Sobre		X
LACISTEMATACEAE			
<i>Lacistema aggregatum</i> (O. Berg.) Rusby			
LAURACEAE			
<i>Mezilaurus crassiramea</i> (Meissn.) Taub.			
<i>Nectandra</i> sp.			
<i>Ocotea guianensis</i> Aubl.			
LOGANIACEAE			
<i>Antonia ovata</i> Pohl. (Vog.)			
<i>Strychnos pseudo-quina</i> A. St. Hil.			
LYTHRACEAE			
<i>Physocallyma scaberrimum</i> Pohl.	Cega-machado		X
<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.			
MALPIGHIACEAE			
<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A. Juss.			
<i>Banisteriopsis pubipetala</i> (A. Juss.) Cuatr.			
<i>Byrsonima coccolobifolia</i> H.B.K.	Murici	X	
<i>Byrsonima crassa</i> Nied.	Murici	X	
<i>Byrsonima intermedia</i> A. Juss.	Murici	X	
<i>Byrsonima orbignyana</i> A. Juss.	Murici	X	
<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) Rich. ex A. Juss.	Murici	X	
<i>Byrsonima intermedia</i> A. Juss.	Murici	X	
<i>Byrsonima</i> sp2	Murici	X	
MALVACEAE			
<i>Luehea candicans</i> Mart.			
MELASTOMATACEAE			
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana			
<i>Miconia pyrifolia</i> Naud sensu Cogn.			
<i>Miconia stenostachya</i> DC.			
MELIACEAE			
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Cedro		X
MEMECYLACEAE			
<i>Mouriri apiranga</i> Spruce ex Triana			
<i>Mouriri elliptica</i> Mart.			
<i>Mouriri pusa</i> Gardner			
MENISPERMACEAE			
<i>Abuta grandifolia</i> (Mart.) Sandwith			

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Abuta selloana</i> (Benth.) Eichler			
MONIMIACEAE			
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.			
MORACEAE			
<i>Brosimum lactescens</i> (S. Moore) C.C. Berg			
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trüch	Mamacadela		
<i>Ficus</i> sp.			
<i>Pseudolmedia laevigata</i> Tréc.	Pama		
<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaudich.			
<i>Sorocea sprucei</i> (Baill.) Macbr.			
MYRISTICACEAE			
<i>Virola sebifera</i> Aubl.	Ucuuba preta		X
<i>Virola urbaniana</i> Warb.			X
MYRSINACEAE			
<i>Cybianthus detergens</i> Mart.			
MYRTACEAE			
<i>Campomanesia</i> sp.			
<i>Eugenia aurata</i> O. Berg			
<i>Eugenia chrysantha</i> O. Berg			
<i>Eugenia inundata</i> DC.			
<i>Eugenia</i> cf. <i>klotzschiana</i> O. Berg			
<i>Eugenia</i> cf. <i>pyriformis</i> Camb.			
<i>Eugenia</i> sp2			
<i>Eugenia</i> sp3			
<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC.			
<i>Psidium</i> aff. <i>kennedyanum</i> Morong.			
<i>Psidium</i> sp1			
NYCTAGINACEAE			
<i>Neea hermaphrodita</i> S. Moore			
<i>Neea macrophylla</i> Poepp. & Engl.			
<i>Neea theifera</i> Oerst.			
OCHNACEAE			
<i>Ouratea castaneifolia</i> (DC.) Engl.			
<i>Ouratea hexasperma</i> (St. Hil.) Baill.			
<i>Ouratea nana</i> (St. Hil.) Engl.			
OLACACEAE			
<i>Cathedra acuminata</i> (Benth.) Miers			
<i>Heisteria ovata</i> Benth.			
<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.	Acariquara		
OPILIACEAE			
<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers	Marfim		X
POLYGALACEAE			
<i>Bredemeyera floribunda</i> Willd			
POLYGONACEA			
<i>Coccoloba molis</i> Casar			
<i>Coccoloba ochreolata</i> Wedd.			
<i>Coccoloba</i> sp.			
PROTEACEAE			

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Euplassa inaequalis</i> (Pohl) Engl.			
<i>Panopsis rubescens</i> (Pohl) Pittier.			
<i>Roupala montana</i> Aubl.			
<i>Roupala nitida</i> Rudge			
QUIINACEAE			
<i>Quiina</i> cf. <i>paraensis</i> Pires & Froes			
RHAMNACEAE			
<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek			
RUBIACEAE			
<i>Alibertia edulis</i> A. Rich.	Marmelada		
<i>Alibertia sessilis</i> (Vell.) K. Schum.			
<i>Amaioua guianensis</i> Aubl.			
<i>Chomelia ribesoides</i> Benth. ex A. Gray			
<i>Coussarea platyphylla</i> Muell.			
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	X	
<i>Psychotria prunifolia</i> (H.B.K.) Steyer.			
<i>Rudgea amazonica</i> Muell.			
<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schtdl.) K. Schum.			
<i>Uncaria guianensis</i> (Aubl.) J. F. Gmel.	Unha de gato		
RUTACEAE			
<i>Zanthoxylum riedelianum</i> Engl.			
SAPINDACEAE			
<i>Magonia pubescens</i> St. Hil.			
<i>Matayba guianensis</i> Aubl.			
<i>Matayba</i> sp.			
<i>Serjania glutinosa</i> Radlk.			
SAPOTACEAE			
<i>Chrysophyllum</i> sp.			
<i>Micropholis venulosa</i> (Mart. & Eichl.) Pierre			
<i>Pouteria macrophylla</i> (Lam.) Eyma			
<i>Pouteria</i> cf. <i>glomerata</i>			
<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	Maçaranduba		
<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.			
<i>Pouteria</i> sp1.			
<i>Sideroxylon venulosum</i> Mart. & Eichl.			
SIMAROUBACEAE			
<i>Simarouba versicolor</i> St. Hill	Simaruba		
<i>Simaba intermedia</i> Mansf.			
STERCULIACEAE			
<i>Helicteres brevispira</i> A. Juss.			
TERNSTROEMACEAE			
<i>Ternstroemia candolleana</i> Wawra			

5.2.4.1.1.4 Região IV

A região IV engloba a porção das cabeceiras do Alto Rio Xingu, ainda com bastante influência do Cerrado, mas já com alta predominância floresta amazônica. A elevada diversidade regional é demonstrada pelo inventário que abrangeu 600 espécies vegetais de 62 famílias distintas. Nesta região, novamente as Leguminosae consistiram no grupo mais diversificado, com 123 espécies, cerca de um quinto do total de táxons registrados. Dentre as Leguminosae houve maior dominância de Mimosoidae com 45 espécies, enquanto a Caesaphinioidea e Faboidae obtiveram 41 e 37 espécies, respectivamente. As outras famílias com elevada riqueza de espécies na região são tipicamente frutíferas, sendo encontradas 53 espécies do grupo dos Abius (Sapotaceae), 31 espécies de amoras (Moraceae) e 27 vegetais aparentados com aticum e graviola (Annonaceae). Estes registros ilustram a maior predominância de frutos na região da Amazônia.

Dentre as espécies de potencial madeireiro, foram listados 43 táxons, que incluem as Carapanaúbas *Aspidospermum* spp. , dois ipês *Tabebuia heptaphylla* (Vell.) Toledo e *T. serratifolia* (Vahl.) Nichols, a sucupiras pretas *Peltogyne paniculatum* Benth. e *Diplostropis purpurea* (L.C. Rich.) Amsh., o Paricá *Schizolobium amazonicum* Huber ex Ducke , Tamboris *Enterolobium* spp. , o cedro *Cedrela odorata* L. , a andiroba *Carapa guianensis* Aubl., e várias espécies de ucuubas *Virola* spp.

Dentre as espécies utilizadas regionalmente com elevado potencial extrativista destacam-se a castanheira *Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl., e a Seringueira *Hevea brasiliensis* Muell. Arg. típicos produtos extrativistas amazônicos. Também são encontrados variados cajus *Anacardium* spp., araticuns *Annona* spp., o Tucumã *Astrocaryum vulgare* Mart., a bacaba *Oenocarpus bacaba* Mart., o Jatobá-da-mata *Hymenaea courbaril* L., a guabiroba *Campomanesia velutina* (Camb.) O. Berg., o Barbatimão *Stryphnodendron barbatimam* Mart., muricis *Byrsonima* spp. , o juá *Solanum spinosum* e o cupuaçu *Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng.) K. Schum..

Tabela 5.2-12 Espécies vegetais da região IV nas cabeceiras do rio Xingu.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
ANACARDIACEAE			
<i>Anacardium giganteum</i> W. Hancock ex Engl	Cajú-açú	X	
<i>Astronium lecointei</i> Ducke	Muiracatiara		
<i>Spondias mombim</i> L.	Taperebá	X	
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Tatapiririca	X	X
<i>Tapirira peckoltiana</i> Engl.			
<i>Thyrsodium paraense</i> Huber	Amaparana		

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
ANNONACEAE			
<i>Annona ambotay</i> Aubl.	Envira	X	
<i>Annona montana</i> Macfad.	Araticum	X	
<i>Annona</i> sp3			
<i>Bocageopsis multiflora</i> (Mart.) R. E. Fries	Conduruzinho		
<i>Bocageopsis</i> sp.	Envira-turi		
<i>Duguetia cadaverica</i> Huber		X	
<i>Duguetia calycina</i> R. Benoi.	Envira	X	
<i>Duguetia echinophora</i> R.E.Fries	Envira surucucu	X	
<i>Duguetia</i> sp.	Envira	X	
<i>Fusaea longifolia</i> (Aubl.) Saff.	Ata ameju		
<i>Guatteria poeppigiana</i> Mart.	Envira preta	X	X
<i>Guatteria schomburgkiana</i> Mart.		X	
<i>Guatteria villosissima</i> St.Hilaire	Envira preta	X	
<i>Onychopetalum amazonicum</i> R.E. Fr.	Condurú	X	
<i>Rollinia exsua</i> (DC. ex Dunal) A. DC.	Biribá da mata	X	
<i>Rollinia mucosa</i> Jacq.	Biribá	X	
<i>Rollinia</i> sp.	Biribá	X	
<i>Unonopsis</i> sp. A	Envira		
<i>Unonopsis guaterioides</i> A. DC.	Envira		
<i>Unonopsis</i> sp. 1	Condurú		
<i>Xylopia aromatica</i> St. Hill	Pindaíba	X	
<i>Xylopia amazonica</i> R.E.Fries	Envira tachi vermelho	X	
<i>Xylopia cayennensis</i> Sieb. ex Presl	Envira	X	
<i>Xylopia frutescens</i> Aubl	Envira vassourinha	X	
<i>Xylopia nitida</i> Mart.	Envira cana	X	
<i>Xylopia ochrantha</i> Mart.	Envira dura	X	
<i>Xylopia</i> sp.	Envira	X	
APOCYNACEAE			
<i>Aspidosperma nitidum</i> B. Ex Muell. Arg.			X
<i>Aspidospema auriculatum</i> Markgr.	Carapanaúba		X
<i>Aspidospema carapanauba</i> Pichon	Carapanaúba		X
<i>Aspidospema excelsum</i> Benth.	Carapanaúba		X
<i>Aspidospema sandwithianum</i> Markgr.	Araracanga		X
<i>Aspidospema</i> sp.	Carapanaúba		X
<i>Aspidospema desmanthum</i> Benth. ex M. Arg.	Araracanga preta		X
<i>Couma utilis</i> (Mart.) M. Arg.			
<i>Geissospermum sericium</i> (Benth.) Hook	Quinarana		
<i>Geissospermum velosii</i> All.	Quinarana		
<i>Himatanthus sucuba</i> (Spruce) Woodson	Sucuuba	X	X
<i>Lacmelia aculeata</i> (Ducke) Monach.	Pau de colher		
<i>Macoubea guianensis</i> Aubl.	Amapá amargoso		
<i>Rauwolfia</i> sp.			
<i>Tabernaemontana</i> sp.			
ARALIACEAE			

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Scheffera morototoni</i> (Aubl.) Maguire	Morototó	X	
ARECACEAE			
<i>Astrocaryum mumbaca</i> Mart. *	Mumbaca	X	
<i>Astrocaryum jauari</i> Mart.	Jaurari	X	
<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	Murumuru	X	
<i>Astrocaryum</i> sp.		X	
<i>Astrocaryum tucuma</i> Mart.	Tucumã	X	
<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	Babaçú	X	
<i>Bactris major</i> Jacq.	Marajá-açú	X	X
<i>Bactris maraja</i> Mart.	Marajá	X	X
<i>Euterpe oleracea</i> Mart. *	Açaí	X	
<i>Geonoma</i> sp.		X	
<i>Iriartea exorrhiza</i> Mart.	Paxiúba	X	
<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	Bacabá	X	
<i>Oenocarpus distichus</i> Mart.	Bacabá de leque	X	
<i>Oenocarpus minor</i> Mart.	Bacabaí	X	
<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) Wendl.	Paxiuba	X	
<i>Syagrus</i> sp.	Pati	X	
BIGNONIACEAE			
<i>Arrabidaea</i> sp.	Cipó Liana		
<i>Cydista aequinoctialis</i> (L.) Miers	Cipó gibata		
<i>Cydista</i> sp.	Liana		
<i>Jacaranda copaia</i> (Aubl.)	Pará-pará		
<i>Memora magnifica</i> (Mart.) Bureau			
<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	Ipê		X
<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl.) Nichols	Ipê amarelo		X
BOMBACACEAE			
<i>Bombax longipedicelatum</i> Ducke	Mamorana		
<i>Ceiba pentandra</i> (L.) Gaertn.	Sumaúma	X	
<i>Eriotheca longipedicellatum</i> (Ducke) A.Robyns	Mamorana	X	
<i>Matisia paraensis</i> Huber	Inajá		
<i>Matisia</i> sp.	Inajá		
<i>Pachira aquática</i> Aubl.	Munguba	X	
<i>Quararibea guianensis</i> Aubl.	Mamorana		
<i>Quararibea</i> sp.	Mamorana		
BORAGINACEAE			
<i>Cordia bicolor</i> A. DC.	Freijó-branco		X
BURSERACEAE			
<i>Crepidospermum goudotianum</i> (Tul.) Triana & Planch	Breu serrote		
<i>Protium robustum</i> (Swart.) Porter	Breu grande		
<i>Protium apiculatum</i> Swart	Breu grande		
<i>Protium crenatum</i> Swart.			
<i>Protium decandrum</i> (Aubl.) Marchand	Breu vermelho		
<i>Protium guianensis</i> (Aubl.) March.	Breu		
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Breu		
<i>Protium pallidum</i> Cuatr.	Breu branco		

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Protium pillosum</i> (Cuatrec.) Daly	Breuí		
<i>Protium pilosissimum</i> Engl.	Breu		
<i>Protium polybotrium</i> (Turcz.) Engl.	Breu duro		
<i>Protium polyphylla</i>	Breu		
<i>Protium spruceanum</i> (Benth.) Engl.	Breu		
<i>Protium tenuifolium</i> (Engl.) Engl.	Breu vermelho		
<i>Protium trifoliolatum</i> Engl.	Breu		
<i>Protium unifoliolatum</i> Engl.	Breu		
<i>Protium</i> sp3			
<i>Trattinnickia rhoifolia</i> Willd.	Breu sucuruba		
<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	Breu		
<i>Tetragastris panamensis</i> (Engl.) Kuntze	Barrotinha		
<i>Trattinnickia lawrancei</i> Standl.	Breu sucuruba		
CARICACEAE			
<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) DC.	Mamão-da-mata	X	
CAPPARIDACEAE			
<i>Capparis coccolobifolia</i> Mart.			
CARYOCARACEAE			
<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers.	Piquiá	X	X
CECROPIACEAE			
<i>Cecropia distachya</i> Huber	Embaúba-vermelha		
<i>Cecropia juramensis</i>	Embaúba		
<i>Cecropia palmata</i> Willd.	Embaúba-branca	X	
<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.	Embaúba-torém		
<i>Cecropia</i> sp.	Embaúba		
CELASTRACEAE			
<i>Maytenus patens</i> Reis.			
<i>Maytenus</i> sp2.			
CHRYSOBALANACEAE			
<i>Couepia guianensis</i> Benth. ex Hook. f.	Macucú folha branca		
<i>Couepia</i> sp3			
<i>Hirtella excelsa</i> Standl. Ex Prance	Cariperana		
<i>Hirtella guianense</i> (Frits) Sand.	Cariperana		
<i>Hirtella</i> sp.	Cariperana		
<i>Hirtella tentaculata</i> Poepp.	Macucú folha peluda		
<i>Hirtella glandulosa</i> Spreng	Bosta-de-rato		X
<i>Hirtella racemosa</i> Lam.			X
<i>Licania apetala</i> (E. Mey.) Fritsch	Caripé torrado		
<i>Licaria canescens</i> R. Ben.	Cariperana		
<i>Licania cladantha</i>	Caripé		
<i>Licania densiflora</i> Kleinh.	Caripé		
<i>Licania egleri</i> Prance	Cariperana		
<i>Licania heteromorpha</i> Benth.	Macucu vermelho		
<i>Licania kunthii</i> Hook.	Caripé		
<i>Licania octandra</i> (Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) Kuntze	Cariperana		
<i>Licaria</i> sp4	Bananinha		

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Parinari excelsa</i> Sabine	Parinari		
<i>Parinari guianense</i> (Aubl.) Lemée	Cumati		
<i>Parinari montana</i> Aubl.			
<i>Prunus myrtifolia</i> (L.) Urb.			
CLUSIACEAE			
<i>Caraipa densifolia</i> Mart.			
<i>Clusia grandiflora</i> Spligz.	Cebola-brava		
<i>Clusia</i> sp.	Cipó rosa brava		
<i>Rheedia acuminata</i> (Ruiz & Pav.) Planch. & Triana	Bacurirana		
<i>Rheedia brasiliensis</i> (Mart.) Planch & Triana	Bacurirana		
<i>Rheedia gardneriana</i> Planch. & Triana	Bacurirana		
<i>Rheedia macrophylla</i> (Mart.) Planch & Triana	Bacurirana		
<i>Tovomita brasiliensis</i> (Mart.) Walp.			
COMBRETACEAE			
<i>Buchenavia grandis</i> Ducke	Cuiarana		
<i>Combretum</i> sp.	Liana		
<i>Combretum cf laxum</i> Jacq.			
<i>Terminalia amazonica</i> (J.F. Gmel.) Exell	Tanimbuca		
CONNARACEAE			
<i>Connarus perrottetii</i> var. <i>angustifolius</i> Radlk.			
DILLENIACEAE			X
<i>Davilla kunthii</i> A. St.-Hil.	Cipó de fogo		
<i>Doliocarpus</i> sp.	Cipó d'água		
<i>Tetracera wilddenowiana</i> Steud			
EBENACEAE			
<i>Diospyros guianensis</i> (Aubl.) Gürke x			
<i>Diospyrus melinonii</i> (Hiern) A. C. Sm.	Caqui folha branca		
<i>Diospyrus poeppigiana</i> A. DC.	Caqui folha grande		
<i>Diospyrus praetermissa</i> Sandwith	Caqui		
<i>Diospyrus</i> sp2.			
ERYTHROXYLACEAE			
<i>Erythroxylum macrocarpa</i>	Paduzinho		
<i>Erythroxylum</i> sp.	Paduzinho		
<i>Erythroxylum macrophyllum</i> Mart.	Paduzinho		
ELAEOCARPACEAE			
<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth.			
<i>Sloanea garckeana</i> K. Schum.	Urucurana		
<i>Sloanea grandiflora</i> C.E.SM.JR.	Urucurana		
<i>Sloanea</i> sp	Urucurana		
EUPHORBIACEAE			
<i>Conceveiba guianensis</i> Aubl	Arraieira		
<i>Conceveiba martiniana</i> Baill.			
<i>Conceveibastrum martianum</i> (Baill.) Pax & K. Hoffm.	Arraieira grande		
<i>Discocarpus</i> sp. <i>ruceanus</i> Kl.			
<i>Dodecastigma integrifolium</i> (Lanj.) Lanj. & Sandwith			
<i>Glycydendron amazonicum</i> Ducke	Pau doce		
<i>Hevea brasiliensis</i> Muell. Arg.	Seringueira	X	

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Hevea guianensis</i> Aubl.	Seringa-itaúba	X	
<i>Hieronyma</i> sp.			
<i>Mabea caudata</i> Pax et Hoffm.	Taquari		
<i>Mabea guianensis</i>			
<i>Mabea</i> sp.			
<i>Manihot</i> sp.	Maniva de veadó		
<i>Onphalea diandra</i> L.	Comadre de azeite		
<i>Piranhea triflora</i> Baill.	Piranheira		
<i>Sagotia brachysepalá</i> (Müll. Arg.) Secco	Aratassiurana		
<i>Sagotia racemosa</i> Baill.	Arataciú		
<i>Sapium marmiere</i> Huber	Burra leiteira	X	
<i>Sapium</i> sp4			
FABACEAE CAESALPINIOIDEAE			
<i>Apuleia molaris</i> Spruce ex Benth.	Amarelão		
<i>Batesia floribunda</i> Spruce ex Benth.	Capurana da terra firme		
<i>Bauhinia acreana</i> Harms.	Cipó escada		
<i>Bauhinia guianensis</i> Aubl.	Cipó escada		
<i>Bauhinia macrostachya</i> Benth.	Cipó escada		
<i>Bauhinia</i> sp. Caesalpiniaceae	Cipó escada		
<i>Capsiandra laurifolia</i> (Benth.) Cowan	Acapurana		
<i>Cassia leiandra</i> Benth.	Marí-marí		
<i>Cassia xinguensis</i> Ducke			
<i>Cenostigma tocantinum</i> Ducke	Pau preto		
<i>Capsiandra laurifolia</i> (Benth.) Cowan	Acapurana		
<i>Cassia leiandra</i> Benth.	Marí-marí		
<i>Cassia xinguensis</i> Ducke			
<i>Cenostigma tocantinum</i> Ducke	Pau preto		
<i>Copaifera reticulata</i> Ducke			
<i>Cynometra bauhinifolia</i> Bth.	Jutaírana		
<i>Dialium guianense</i> (Aubl.) Sandw.	Jutaí pororoca		
<i>Dimorphandra</i> sp.	Rabo-de-arara		
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá-da-mata	X	
<i>Hymenaea intermedia</i> Ducke	Jutaí		
<i>Hymenaea oblongifolia</i> Huber	Jutaí		
<i>Hymenaea parviflora</i> Huber	Jutaí-mirim		
<i>Macrolobium acaciaefolium</i> Benth.	Arapari		
<i>Macrolobium bifolium</i> (Aubl.) Ders.	Iperana		
<i>Macrolobium campestre</i> Huber			
<i>Macrolobium lijugum</i> (P. & E.) Cowan			
<i>Macrolobium</i> sp.			
<i>Macrolobium bifolium</i> (Aubl.) Pers.			
<i>Peltogyne paniculatum</i> Benth.	Sucupira preta		X
<i>Schizolobium amazonicum</i> Huber ex Ducke	Paricá		X
<i>Sclerolobium albiflorum</i> Benoist	Tachi		
<i>Sclerolobium paniculatum</i> Vog.	Tachi-do-campo		

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Sclerolobium schomburgkii</i>	Tachi		
<i>Sclerolobium</i> sp. '	Tachi branco		
<i>Sclerolobium chrysophyllum</i> Poepp. & Endl.			
<i>Tachigali guianensis</i> (Benth.) Zaruc. & Herend.	Tachi preto		
<i>Tachigali mymercophila</i> Ducke	Tachi preto		
<i>Tachigali paniculata</i> Aubl.	Tachi vermelho		
<i>Tachigalia alba</i> Ducke	Tachi preto		
<i>Vouacapoua americana</i> Aubl.	Acapú		
<i>Zollernia paraensis</i> Hub.	Pau santo		
FABACEAE FABOIDEAE			
<i>Balizia pedicellaris</i> (DC.) Barneby & J.W. Grimes	Mapuxiqui		
<i>Chamaecrista bahiae</i> (H.S. Irwin) H.S. Irwin & Barneby	Coração de negro		
<i>Chamaecrista xinguensis</i> (Ducke) H.S. Irwin & Barneby	Balaio de cutia		
<i>Dalbergia monetaris</i> L.F.	Cipó veronica		
<i>Dalbergia</i> sp2.			
<i>Derris floribunda</i> (Benth.) Ducke	Cipó timbó bravo	X	
<i>Derris macrophylla</i> Benth.	Timbó-bravo	X	
<i>Derris</i> sp.	Cipó timbó	X	
<i>Dimorphandra pullei</i> Amsh.	Fava alho		
<i>Dioclea bicolor</i> Benth.			
<i>Diploptropis purpurea</i> (L.C. Rich.) Amsh.	Sucupira preta		X
<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.	Cumarú	X	
<i>Dipteryx</i> sp.			
<i>Erythrina</i> sp.	Assacurana		
<i>Hymenolobium flavum</i> Kleinhoonte	Favinha amarela		
<i>Hymenolobium pulcherrimum</i> Ducke			
<i>Hymenolobium</i> sp.			
<i>Machaerium multifoliolatum</i> Ducke	Sara tudo	X	
<i>Machaerium</i> sp.			
<i>Mucuna altissima</i> Bojer ex Benth.	Mucunã	X	
<i>Ormosia coutinhoi</i> Ducke	Tento		
<i>Ormosia holerythra</i> Ducke	Tento vermelho		
<i>Ormosia paraensis</i> Ducke	Tento		
<i>Ormosia</i> sp.	Tento		
<i>Poecilanthus effusus</i> (Huber) Ducke	Pau-de-tucandeira		
<i>Pterocarpus amazonicus</i> Huber	Mututi duro		X
<i>Pterocarpus officinalis</i> Jacq.	Mututi		
<i>Pterocarpus rohrii</i> Vahl.	Mututi		
<i>Pterocarpus</i> sp.	Mututi		
<i>Swartzia arborescens</i> (Aubl.) Pitt.	Gombeira preta		
<i>Swartzia brachyrachis</i> Harms.	Pacapeuá		
<i>Swartzia laurifolia</i> Benth.	Capeuá		
<i>Swartzia polyphylla</i> Benth.	Pitaíca		
<i>Swartzia recurva</i> Poepp.	Capeuá		
<i>Swartzia</i> sp.	Pacapeuá		

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Taralea oppositifolia</i> Aubl.	Cumarurana		
<i>Vatairea guianensis</i> Aubl.	Fava maré		
FABACEAE MIMOSOIDEAE			
<i>Dinizia excelsa</i> Ducke	Angelim pedra		X
<i>Enterolobium contortissilicum</i> (Vell.) Morong.	Fava tamboril		X
<i>Enterolobium</i> sp.	Tamboril		X
<i>Enterolobium maximum</i> Ducke	Fava tamboril		X
<i>Inga alba</i> (Sw.) Willd.	Ingá vermelho	X	
<i>Inga auristellae</i> Harms.	Ingá	X	
<i>Inga brachystachys</i> Ducke	Ingá	X	
<i>Inga capitata</i> Desv.	Ingá	X	
<i>Inga cayennensis</i> Benth.	Ingá-peludo	X	
<i>Inga cinammonea</i> Spruce ex Benth.	Ingá	X	
<i>Inga edulis</i> Mart.	Ingá-cipó	X	
<i>Inga fagifolia</i> Willd.	Ingá-bravo		
<i>Inga falcistipula</i> Ducke	Ingá	X	
<i>Inga gracilifolia</i> Ducke	Ingá coração de preguiça	X	
<i>Inga guianensis</i>	Ingá	X	
<i>Inga heterophylla</i> Willd.	Ingá pretinho	X	
<i>Inga ingoides</i> (Rich.) Willd.	Ingá	X	
<i>Inga macrophylla</i> Humb. & Bonpl. Ex	Ingá	X	
<i>Inga marginata</i> Willd.	Ingá	X	
<i>Inga microcalyx</i> Spruce ex Benth.	Ingá	X	
<i>Inga nitida</i> Willd.	Ingá amarelo	X	
<i>Inga nobillis</i> Willd.	Ingá	X	
<i>Inga rubiginosa</i> (Rich.) DC.	Ingá	X	
<i>Inga</i> sp.	Ingá	X	
<i>Inga stipularis</i> DC.	Ingá-de-orelha	X	
<i>Inga thibaudiana</i> DC.	Ingá-roceiro	X	
<i>Inga velutina</i> Willd.	Ingá	X	
<i>Marmaroxylon racemosum</i> (Ducke) Killip	Angelim rajado		
<i>Newtonia psilostachya</i> (DC.) Brenan	Timborana grande		
<i>Newtonia suaveolens</i> (Miq.) Brenan	Timborana		
<i>Parkia nítida</i> Miq.	Fava margarida		
<i>Parkia oppositifolia</i> Spruce ex Benth.	Fava benguê		
<i>Parkia paraensis</i> Miq.	Fava margarida		
<i>Parkia ulei</i> (Harms.) Kuhl.	Paricá angico		X
<i>Parkia velutina</i> Benoist.	Faveira		
<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Benth. ex Walp.	Fava bolota		
<i>Stryphnodendron barbatimam</i> Mart.	Paricarana	X	
<i>Stryphnodendron guianense</i> (Aubl.) Benth.	Paricarana		
<i>Stryphnodendron paniculatum</i> Poepp. & Endl.	Paricarana		
<i>Stryphnodendron pulcherrimum</i> (Willd.) Hochr.	Fava barbatimão		
<i>Stryphnodendron</i> sp	Tachirana		
<i>Stryphonodendron polystachia</i> (Miq.) Kleinch.	Paricarana		

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Zygia inaequalis</i> Benth.	Farinha seca		
<i>Zygia racemosa</i> (Ducke) Barn. & Grimes	Farinha seca		
<i>Zygia ramiflora</i> (Benth.) Barn. & Grimes			
FLACOURTIACEAE			
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Folha-de-carne		
<i>Casearia javitensis</i> Kunth	Mata calado		
<i>Casearia</i> sp.	Canellarana		
<i>Laetia procera</i> (Poepp. & Endl.) Eichl.	Pau jacaré		X
<i>Lindackeria paraensis</i> Kuhl.	Farinha seca		
<i>Mayana odorata</i>			
GUTTIFERAE			
<i>Symphonia globulifera</i> L.	Ananim		
<i>Vismia baccifera</i> (L.) Triana & Planch.	Lacre		
<i>Vismia cayennensis</i> var. <i>sessilifolia</i> (Aubl.) M.E. Berg	Lacre		
<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	Lacre vermelho		
<i>Vismia</i> sp.	Lacre		
HIPPOCRATEACEAE			
<i>Hippocrotea</i> sp.			
<i>Salacia impressifolia</i> (Miers) A.C. Sm.			
HUMIRIACEAE			
<i>Endopleura uchi</i> (Huber) Cuatrec.			
<i>Sacoglottis guianensis</i> Aubl.	Uchirana		
<i>Vantanea parviflora</i> Lam.	Paruru		
LAURACEAE			
<i>Aniba canelilla</i> (H.B.K.) Mez.	Preciosa		
<i>Aniba guianensis</i> Aubl.			
<i>Aniba riparia</i> (Nees) Mez			
<i>Aniba</i> sp.			
<i>Endlicheria</i> sp.			
<i>Licaria brasiliensis</i> (Nees) Kosterm.	Arituzinho		
<i>Licaria chrysophylla</i> (Meissn.) Kosterm.	Louro amarelo		
<i>Licaria</i> sp.	Louro		
<i>Ocotea baturitensis</i> Vattimo			
<i>Ocotea rubra</i> Mez			
<i>Ocotea canaliculata</i> (Rich.) Mez	Louro pimenta		
<i>Ocotea caudata</i> Mez	Louro canela		
<i>Ocotea cernua</i> (Nees) Mez	Louro preto		
<i>Ocotea cf. cinerea</i> van der Werff	Louro fedorento		
<i>Ocotea costulata</i> (Nees) Mez	Louro		
<i>Ocotea cujumari</i> Mart.	Louro-acanelado		
<i>Ocotea glandulosa</i> Lasser			
<i>Ocotea glomerata</i> (Nees) Mez			
<i>Ocotea longifolia</i> Kunth	Louro-preto		
<i>Ocotea</i> sp.	Louro		
<i>Ocotea guianensis</i> Aubl.			
LECYTHIDACEAE			

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Bertholletia excelsa</i> Humb. & Bonpl.	Castanheira	X	X
<i>Cariniana micrantha</i> Ducke	Tauari cocô		
<i>Couratari oblongifolia</i> Ducke et Kruth			
<i>Couratari</i> sp.			
<i>Couratari stelata</i> A.C. Sm.			
<i>Eschweilera amazonica</i> R. Knuth	Matamatá	X	
<i>Eschweilera coriacea</i> (A. DC.) Mori	Matamatá--branco		
<i>Eschweilera obversa</i> (Berg) Miers	Matamatá		
<i>Eschweilera apiculata</i> (Miers) A.C. Sm. <i>Lecythidaceae</i>	Matamatá-ci		
<i>Matamatá-ci</i>			
<i>Eschweilera bracteosa</i> (Poepp. ex O. Berg) Miers	Matamatá-rosa		
<i>Eschweilera grandiflora</i> (Aubl.) Sandwith	Matamatá-vermelho		
<i>Eschweilera idatimom</i> Aubl	Matamatá		
<i>Eschweilera pedicellata</i> (Rich.) S.A. Mori	Matamatá-casca-fina		
<i>Eschweilera</i> sp.	Matamatá		
<i>Eschweilera</i> sp. 1	Matamatá-babão		
<i>Gustavia augusta</i> L.	Geniparana	X	
<i>Gustavia hexapetala</i> (Aubl.) Sm.	Geniparana		
<i>Gustavia poeppigiana</i> O. Berg	Geniparana		
<i>Holopyxidium itacaiunensis</i>	Jarana		
<i>Lecythis holcogyne</i> (Sandwith) S.A. Mori	Matamatá estopeiro		
<i>Lecythis idatimon</i> Aubl.	Jatereu		
<i>Lecythis lurida</i> (Miers) Mori	Jarana folha miúda		
<i>Lecythis pisonis</i> (Cambess.) Miers	Sapucaia	X	
<i>Lecythis serrata</i> S.A. Mori	Jarani folha miúda		
<i>Lecythis</i> sp.	Castanha sapucaia	X	
LOGANIACEAE			
<i>Strychnos</i> sp.			
MALPIGHIACEAE			
<i>Banisteriopsis</i> sp.	Cipó rei Liana		
<i>Byrsonima aerugo</i> Sagot.	Murici	X	
<i>Byrsonima amazonica</i> Griseb.	Murici	X	
<i>Byrsonima densa</i> (Poir.) DC.	Murici	X	
<i>Byrsonima</i> sp.	Murici	X	
<i>Tetrapteryx poeppigiana</i> (Jus.) Griseb	Cipó reis		
MELASTOMATACEAE			
<i>Bellucia dichotoma</i> Cogn.	Muúba		
<i>Bellucia grossularioides</i> (L) Triana.	Muúba		
<i>Bellucia guianensis</i>	Muúba		
<i>Miconia cuspidata</i> Naudin	Tinteiro vermelho		
<i>Miconia lepidota</i> Schrank & Mart. ex DC.	Tinteiro		
<i>Miconia minutiflora</i> (Bonpl.) DC.	Tinteiro		
<i>Miconia</i> sp. 4	Tinteiro		
<i>Mouriri myrtifolia</i> Spruce & Triana	Muiráuba		
<i>Mouriri</i> sp.	Muiráuba		
MELIACEAE			
<i>Cedrela odorata</i> L.	Cedro		X

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Guararibea guianensis</i> Aubl.	Andirobarana		X
<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba		X
<i>Guarea carinata</i> Ducke	Andirobarana-peluda		X
<i>Guarea guidonea</i> (L.) Sleum			
<i>Guarea kunthiana</i> A. Juss.			
<i>Guarea kunthii</i>			
<i>Guarea lecointei</i>			
<i>Guarea macrophylla</i> Vahl.			
<i>Guarea silvatica</i> C.DC.	Fruto de porco		
<i>Guarea</i> sp.	Andirobarana		X
<i>Guarea trichilioides</i>	Jataúba		
<i>Trichilia elegans</i> A. Juss.	Jatuá		
<i>Trichilia lecointei</i> Ducke	Cachuá		
<i>Trichilia pleena</i> (A. Juss.) C. DC.	Cachuá		
<i>Trichilia septentrionalis</i> C. DC.	Jatuá		
<i>Trichilia</i> sp.	Jatuá		
MENISPERMACEAE			
<i>Anomospermum glaucescens</i> Moldenke	Cipó Liana		
MONIMIACEAE			
<i>Siparuna decipiens</i> (Tul.) A.DC.	Capitiú		
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Capitiú		
<i>Siparuna</i> sp.	Siparuna		X
MORACEAE			
<i>Bagassa guianensis</i> Aubl.	Inharé		
<i>Brosimum lactescens</i> (S. Moore) C.C. Berg	Muirapiranga branca		
<i>Brosimum paraense</i> Huber			
<i>Brosimum parinarioides</i> Ducke			
<i>Brosimum potabili</i> Ducke	Amapá amargoso		
<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	Arapiranga		
<i>Brosimum</i> sp.	Amapá amargoso		
<i>Clarisia ilicifolia</i> (Spreng.) Lanj. & Rossberg	Fura fura		
<i>Clarisia</i> sp.			
<i>Coussapoua</i> sp.	Hemiepifito		
<i>Ficus paraensis</i> Miq.	Ficus	X	
<i>Chlorophora tinctoria</i> (L.) Gaud.	Moreira	X	
<i>Helicostylis pedunculata</i> R. Ben.	Janitá		
<i>Helicostylis tomentosa</i> (Poepp. & Endl.) Rusby			
<i>Maquira guianensis</i> Aubl.	Muiratinga amarela		
<i>Maquira sclerophylla</i> (Ducke) C.C. Berg	Muiratinga branca		
<i>Maquira</i> sp.	Muiratinga		
<i>Ficus maxima</i> P. Miller			
<i>Ficus nymphaeifolia</i> P. Miller			
<i>Ficus</i> sp.			
<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	Muiratinga mão-de-onça		
<i>Perebea mollis</i> (Poepp. & Endl.) Huber	Caussurana		

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Pourouma bicolor</i> subsp. <i>digitata</i> (Trecul) C.C. Berg & Heusden			
<i>Pourouma</i> cf. <i>vilosa</i> Trécul	Imbaubarana		
<i>Pourouma digitata</i> Trécul	Embaúba		
<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.	Embaúba		
<i>Pourouma</i> sp.	Capitiú		
<i>Pseudolmedia laevis</i> (Ruiz & Pavon) Macbr.	Pama		
<i>Pseudolmedia murure</i> Standl. Moraceae	Pama		
<i>Pseudolmedia laevigata</i> Tréc.	Pama		
<i>Trymatococcus</i> sp.			
MYRISTICACEAE			
<i>Iryanthera laevis</i> Markgr.			
<i>Iryanthera juruensis</i> Warb.	Ucuubarana		
<i>Iryanthera paraensis</i> Huber	Ucuubarana		
<i>Iryanthera</i> sp.	Ucuubarana		
<i>Osteophleum platispermum</i>	Ucuuba chorona		
<i>Virola calophylla</i> (Spruce) Warb.	Ucuuba amarela		X
<i>Virola crebrinervia</i> Ducke			X
<i>Virola elongate</i> (Benth.) Warb.	Ucuuba vermelha		X
<i>Virola michelii</i> Heckel	Ucuuba de terra firme		X
<i>Virola</i> sp.	Ucuuba		X
<i>Virola surinamensis</i> Rol. Warb.	Ucuuba		X
<i>Virola sebifera</i> Aubl.	Ucuuba preta		X
MYRTACEAE			
<i>Calyptranthes bipennis</i> O. Berg	Goiabinha		
<i>Calyptranthes</i> cf. <i>cuspidata</i> DC.			
<i>Calyptranthes</i> sp.			
<i>Eugenia brachypoda</i> DC.	Goiabarana		
<i>Eugenia bracteata</i> Rich.	Goiabinha		
<i>Eugenia cladanta</i>	Fruta-de-jaboti		
<i>Eugenia cofeaefolia</i> DC.	Pau aranha		
<i>Eugenia flavescens</i> DC.			
<i>Eugenia lambertiana</i> DC.			
<i>Eugenia omissa</i> McVaugh			
<i>Eugenia patrisii</i> Vahl	Goiabinha		
<i>Eugenia ramiflora</i> O. Berg			
<i>Eugenia</i> sp.	Ginja		
<i>Psidium acutangulum</i> DC.	Goiaba	X	
NYCTAGINACEAE			
<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz.			
<i>Guapira venosa</i> (Choisy) Lundell	João mole		
<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.	João mole		
<i>Neea glomerata</i>	João mole		
<i>Neea glomeruliflora</i>	João mole		
<i>Neea macrophylla</i> Poepp. & Endl.	João mole		
<i>Neea oppositifolia</i> Ruiz & Pav.	João mole		

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Neea</i> sp.	João mole		
OCHNACEAE			
<i>Ouratea discophora</i> Ducke	Canela de saracura		
OLACACEAE			
<i>Chaunochiton kappleri</i> (Sagot ex Engl.) Ducke	Pau vermelho		
<i>Dulacia guianensis</i> (Engl.) Kuntze	Azeitona de macaco		
<i>Heisteria barbata</i> Cuatrec.	Pipo de macaco		
<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.	Acariquara		
PIPERACEAE			
<i>Piper</i> sp.			
POLYGONACEA			
<i>Triplaris surinamensis</i> Cham.	Pajeú		
PROTEACEAE			
<i>Roupala</i> sp.	Pau de cobra		
QUIINACEAE			
<i>Lacunaria jenmanii</i> (Oliv.) Ducke			
<i>Lacunaria crenata</i> (Tul.) A.C. Sm.	Papo de mutum		
<i>Lacunaria</i> sp.			
<i>Quiina blackii</i> Pires	Quinarana		
<i>Quiina crenata</i> Tul.	Papo de mutum		
<i>Quiina</i> sp.	Papo de mutum		
RHAMNACEAE			
<i>Gouania cornifolia</i> Reissek.			
RUBIACEAE			
<i>Capirona decorticans</i> Spruce	Pau mulato		
<i>Capirona</i> sp.			
<i>Calicophyllum brasiliensis</i> Camb.	Pau mulato		
<i>Chimarrhis turbinata</i> DC.	Puruirana		
<i>Duroia macrophylla</i> Huber	Puruirana		
<i>Duroia</i> sp.			
<i>Palicourea</i> sp.			
<i>Psychotria</i> sp.			
<i>Uncaria guianensis</i> (Aubl.) J. F. Gmel.	Unha de gato		
RUTACEAE			
<i>Fagarea guianense</i>			
<i>Ferdinandusa</i> sp.			
<i>Metrodorea flavescens</i> K. Krause	Laranjinha		
<i>Rhabdodendron amazonicum</i> (Spruce ex Benth.) Huber			
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Tamanqueira		
<i>Zanthoxylum</i> sp.	Tamanqueira		
SAPINDACEAE			
<i>Cupania scrobiculata</i> Kunth	Espeturanha Liana		
<i>Cupania</i> sp.	liana		
<i>Matayba arborescens</i> (Aubl.) Radlk.			
<i>Matayba inelegans</i> Spruce ex Radlk.	Espeturanha vermelha		
<i>Matayba</i> sp.			
<i>Pseudima frutescens</i> Rodlk			

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Sapindus saponaria</i> L.	Sabonete	X	
<i>Serjania</i> sp.			
<i>Talisia</i> aff. <i>carinata</i> Radlk.	Pitombarana		
SAPOTACEAE			
<i>Chrysophyllum</i> sp.			
<i>Chrysophyllum anomalum</i> Pires	Abiu rosadinho		
<i>Chrysophyllum excelsum</i> Huber			
<i>Ecclinusa guianensis</i> Eyma	Abiu leite amarelo		
<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.	Balatarana		
<i>Franchetella gongrypii</i> (Eyma) Aubr.	Abiu vermelho		
<i>Diploon venezuelanum</i> Aubrév.	Catuaba de macaco		
<i>Labatia macrocarpa</i> Mart.	Cabeça de macaco		
<i>Manilkara amazonica</i> (Huber) A. Chev	Maparajuba		
<i>Manilkara huberi</i> (Ducke) Chev.	Maçaranduba	X	
<i>Micropholis venulosa</i> (Mart. & Eichl.) Pierre			
<i>Micropholis acutangula</i> (Ducke) Eyma	Abiu rosadinho		
<i>Micropholis cyrtobotrya</i> (C. Mart. ex Miq.) Baill.	Mangabarana		
<i>Micropholis guyanensis</i> (A. DC.) Pierre	Mangabarana		
<i>Micropholis melinoniana</i> Pierre	Mangabarana		
<i>Micropholis</i> sp.	Guajará		
<i>Myrtilluma eugeniifolia</i> (Pierre) Aubrév.	Farinha seca		
<i>Neoxythece cladantha</i> (Sandwith) Aubrév.	Abiu vermelho		
<i>Neoxythece cuspidata</i>	Abiurana		
<i>Neoxythece elegans</i> (Huber) Aubr.	Abiurana		
<i>Neoxythece opposita</i> (Ducke) Aubr.	Caramuri		
<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	Abiu		
<i>Pouteria decorticans</i> T.D. Penn	Abiu		
<i>Pouteria filipes</i> Eyma	Abiu prateado		
<i>Pouteria freitasii</i> Pires	Bucheira		
<i>Pouteria golosa</i>	Abiu grande		
<i>Pouteria gongrijpii</i> Eyma	Abiurana		
<i>Pouteria guianensis</i> Aubl.	Abiu branco		
<i>Pouteria jariensis</i> Pires & T.D. Penn.	Abiu preto		
<i>Pouteria krukovi</i> (A.C. Sm.) Baehni	Abiurana		
<i>Pouteria laevigata</i> (Mart.) Radlk.	Abiu goiabão		
<i>Pouteria lasiocarpa</i> (Mart.) Radlk.	Abiu seco		
<i>Pouteria macrocarpa</i> (Huber) Ducke	Abiu cutite		
<i>Pouteria oblanceolata</i> Pires	Abiu		
<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.			
<i>Pouteria reticulata</i> (Engl.) Eyma	Guajará mole		
<i>Pouteria retinervis</i> T.D. Penn.	Abiu amarelo		
<i>Pouteria</i> sp.	Abiurana		
<i>Pouteria speciosa</i> (Ducke) Baehni	Guajará		
<i>Pouteria trifoliolata</i>	Abiurana		
<i>Pouteria trilocularis</i> Cronq.	Abiurana		

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Pouteria unilocularis</i> (Donn.) Baehni	Abiurana		
<i>Pouteria venosa</i> (Mart.) Baehni	Abiurana		
<i>Pouteria verticilata</i>	Abiurana		
<i>Pradosia praealta</i> (Ducke) Ducke	Abiu casca doce folha		
<i>Prieurella prieurii</i> (A. DC.) Aubrév.	Abiurana		
<i>Radkoffera macrocarpa</i> (Huber) Aubr.	Guajará		
<i>Ragala</i> sp.	Abiu		
<i>Richardella macrophylla</i> (Lam.) Aubrév.	Abiu amarelo		
<i>Sandwithiodoxa egregia</i> (Sandwith) Aubrév. & Pellegr.	Guajarazinho		
<i>Sarcaulus brasiliensis</i> (A. DC.) Eyma			
<i>Syzygiopsis oppositifolia</i> Ducke			
<i>Syzygiopsis pachicarpa</i>			
SIMAROUBACEAE			
<i>Simaba cedron</i> Planch.	Maruparana		
<i>Simaba guianensis</i> Aubl.	Maruparana		
<i>Simaba paraensis</i> Ducke	Marupá amarelo		
<i>Simaruba amara</i> Aubl.	Marupá		
SYMPLOCACEAE			
<i>Symplocos guianensis</i> (Aubl.) Gürke	Pitiuba		
SOLANACEAE			
<i>Solanum spinosum</i>	Juá	X	
STERCULIACEAE			
<i>Sterculia elata</i> Ducke	Tacacazeiro		
<i>Sterculia pruriens</i> (Aubl.) Schum	Castanha de periquito Axixá		
<i>Sterculia</i> sp.			
<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	X	
<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K. Schum.	Cupuaçu	X	
<i>Theobroma guianensis</i> (Aubl.) Gmel.	Cacauí	X	
<i>Theobroma speciosum</i> Willd. ex Spreng.			
<i>Theobroma subincanum</i> Mart			
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	X	
<i>Herrania mariae</i> (Mart.) Dec ex Goudot.			
<i>Theobroma subincanum</i> Mart.	Cupuí	X	
<i>Theobroma speciosum</i> Willd.	Cupuí	X	
STRILITZIACEAE			
<i>Phenakospermum guyanensis</i> Aubl.	Sororoca		
TILIACEAE			
<i>Apeiba burchellii</i> Sprague	Escova de macaco		
<i>Apeiba echinata</i> Gaertn.	Pente de macaco		
<i>Luheea</i> sp.	Açoita cavalo		
<i>Mollia lepidota</i> Spruce ex Benth.	Urucuzinho		
<i>Mollia lucens</i> Baehni	Muruci d'anta		
URTICACEAE			
<i>Urera</i> sp			
VERBENACEAE			
<i>Vitex triflora</i> Vahl.	Tarumã	X	

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
VIOLACEAE			
<i>Leonia cymosa</i> Mart.	Trapiarana		
<i>Leonia glycyarpa</i> Ruiz et Pavon	Trapiarana		
<i>Leonia psycarpa</i>	Saracura		
<i>Leonia</i> sp.	Trapiana		
<i>Paypayrola</i> sp.	Paipairola		
<i>Rinorea flavescens</i> (Aubl.) Kuntze	Canela de jacamim		
<i>Rinorea psycarpa</i>	Jacamim		
<i>Rinorea pubiflora</i> (Benth.) Spraq. & Sand.	Jacamim		
<i>Rinorea racemosa</i> (Mart.) Kuntze	Jacamim branco		
<i>Rinorea riana</i> DC) Kuntze	Jacamim		
<i>Rinorea</i> sp.	Jacamim		
<i>Rinorea quianensis</i> Aubl.	Quariquarana		
VOCHYSIACEAE			
<i>Vochysia maxima</i> Ducke	Quaruba		
<i>Vochysia obscura</i> Warm.	Quaruba		
<i>Vochysia surinamensis</i> Stafleu	Quaruba		

5.2.4.1.1.5 Região V

Já a região V inclui-se num outro interflúvio amazônico, o Xingu Tapajós, passando pelas nascentes da bacia do rio Tapajós. A flora regional apresenta-se sob elevada influência amazônica, visto a alta diversidade de espécies, 187 taxa de 48 famílias. Nesta região 4 houve um número mais equilibrado de espécies por família, sendo que dentre as mais abundantes, figuram as Leguminosae, com 42 espécies, destas 16 Caesaphinioidea, 13 Mimosoidea, e outras 13 Faboidea, e também as Moraceae, com 12 espécies registradas. Outras famílias que tiveram grande número de representantes são tipicamente amazônicas, tais como Arecaceae (9 spp.), Euphorbiaceae (8 spp.), Lauraceae (9 spp.), e Lecythidaceae (9 spp.).

Ressalta-se a elevada proporção de espécies locais de potencial madeireiro, 22 táxons equivalente a 10% das arbóreas identificadas. Dentre as espécies de madeira, foram encontrados ipês *Tabebuia* spp., sucupiras pretas *Diploptropis purpurea* (L.C. Rich.) Amsh., Angelim pedra *Dinizia excelsa* Ducke, Fava tamboril *Enterolobium maximum* Ducke, Pau jacaré *Laetia procera* (Poepp. & Endl.) Eichl. e algumas espécies de ucuabas *Virola* spp.

Esta região também abriga as árvores típicas do extrativismo amazônico como a castanheira *Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl., e a seringueira *Hevea brasiliensis* Muell. Arg., o tucumã *Astrocaryum vulgare* Mart., a bacaba *Oenocarpus bacaba* Mart., e o açaí *Euterpe oleracea* Mart, ojuá *Solanum spinosum*. Dentre as 34 espécies utilizadas regionalmente com elevado potencial extrativista também encontrados

Morototós *Scheffera morototoni* (Aubl.) Maguire., Cumaru *Dipteryx odorata* (Aubl.) Willd., várias espécies de ingás *Inga* spp. , matamatás *Escheweilera amazonica* R. Knuth, a sapucaia *Lecythis pisonis* (Cambess.) Miers,

Tabela 5.2-13 Espécies vegetais da região V nas nascentes do rio Tapajós.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
ANACARDIACEAE			
<i>Anacardium humile</i> St. Hil.		X	
<i>Astronium lecointei</i> Ducke	Muiracatiara		
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Tatapiririca	X	X
ANNONACEAE			
<i>Annona densicoma</i> Mart.			
<i>Guatteria poeppigiana</i> Mart.	Envira preta	X	X
<i>Xylopia nitida</i> Dun.		X	
APOCYNACEAE			
<i>Ambelania acida</i> Aubl.			
<i>Aspidosperma album</i> (Vahl) Ex Pinchon			X
<i>Aspidosperma nitidum</i> B. Ex Muell. Arg.			X
<i>Aspidosperma nobile</i> Muell.-Arg.			X
<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce) Woodson	Sucuuba	X	X
ARALIACEAE			
<i>Scheffera morototoni</i> (Aubl.) Maguire	Morototó	X	
ARECACEAE			
<i>Attalea eichleri</i> (Drude) Henderson		X	X
<i>Desmoncus</i> sp		X	
<i>Desmoncus</i> cf. <i>cuyabensis</i> Barb. Rodr.		X	
<i>Euterpe oleracea</i> Mart. *	Açaí	X	
<i>Mauritiella armata</i> (Mart.) Burret		X	
<i>Maximiliana martiana</i> karst. *		X	
<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	Bacabá	X	
<i>Orbignya phalerata</i> Mart. *		X	
<i>Syagrus comosa</i> (Mart.) Mart.		X	
BIGNONIACEAE			
<i>Jacaranda copaia</i> (Aubl.)	Pará-pará		
<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl) Nichols	Pau-d'arco-branco		X
<i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl.	Orelha-de-onça		X
<i>Tabebuia</i> sp.			
BIXACEAE			
<i>Bixa arborea</i> Huber		X	
BORAGINACEAE			
<i>Cordia glabrata</i> (Mart.)			X
<i>Cordia sellowiana</i> Cham.			X
BURSERACEAE			
<i>Protium punctulatum</i> Macbr.			
<i>Protium robustum</i> (Swart.) Porter	Breu grande		
<i>Trattinnickia rhoifolia</i> Willd.	Breu sucuruba		
CARICACEAE			
<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) DC.	Mamão-da-mata	X	

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
CARYOCARACEAE			
<i>Caryocar sp.</i>			
CECROPIACEAE			
<i>Cecropia obtusa</i> Trecul.		X	
<i>Cecropia palmata</i> Willd.			
<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.		X	
<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.			
<i>Pourouma paraensis</i> Hub.			
CELASTRACEAE			
<i>Goupia glabra</i> Aubl.		X	X
<i>Maytenus floribunda</i> Reiss		X	X
CHRYSOBALANACEAE			
<i>Licaria canescens</i> R. Ben.	Cariperana		
<i>Licaria sp1.</i>	Bananinha		
CLUSIACEAE			
<i>Callophyllum brasiliensis</i> Camb.			X
<i>Platonia insignis</i> Mart.	Bacuri		
<i>Symphonia globulifera</i> L.f.			
<i>Vismia cayennensis</i> (Jacq.) Pers.			
<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy			
<i>Vismia japurensis</i> H.G. Reich.			
COCHLOSPERMACEAE			
<i>Cochlospermum orinocense</i> (H.B.K.) Steud.			
COMBRETACEAE			
<i>Terminalia dichotoma</i> G. Meyer			
EBENACEAE			
<i>Diospyros sp.</i>			
ELAEOCARPACEAE			
<i>Sloanea nitida</i> Don			
EUPHORBIACEAE			
<i>Croton cajucara</i> Benth.			
<i>Glycydendron amazonicum</i> Ducke	Pau doce		
<i>Hevea brasiliensis</i> Muell. Arg.	Seringueira	X	
<i>Hura crepitans</i> L.			
<i>Joannesia hevioides</i> Ducke			
<i>Mabea angustifolia</i> Benth.			
<i>Pogonophora schomburgkiana</i> Benth			
<i>Sapium sp3</i>	Saran		
FABACEAE CAESALPINIOIDEAE			
<i>Apuleia leiocarpa</i> (Spruce ex Benth.) Koeppen			
<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud.			
<i>Chamaecrista steroxylon</i> Irwin & Barby			
<i>Chamaecrista sp2.</i>			
<i>Copaifera martii</i> Hayne			
<i>Dialium guianensis</i> (Aubl.) Sandw.			
<i>Eperua schomburgkiana</i> Benth.			
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá-da-mata	X	

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Hymenaea parvifolia</i> Huber			
<i>Peltogyne panicul.</i> Benth. Subsp. <i>Paniculata</i>			
<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke			
<i>Sclerolobium melinonii</i> Harms			
<i>Sclerolobium</i> sp1			
<i>Senna spectabilis</i> (DC.) H.S. Irwin & Barneby	Canafistula		
<i>Senna</i> sp.			
<i>Zollernia paraensis</i> Hub.	Pau santo		
FABACEAE FABOIDEAE			
<i>Alexa grandiflora</i> Ducke			
<i>Bowdichia nitida</i> Spruce			
<i>Diplostropis purpurea</i> (L.C. Rich.) Amsh.	Sucupira preta		X
<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.	Cumarú	X	
<i>Hymenolobium excelsum</i> (Ducke) Benth.			
<i>Hymenolobium</i> sp.			
<i>Ormosia</i> sp.			
<i>Platymiscium</i> sp.			
<i>Pterocarpus amazonum</i> (Mart.ex Benth) Amsh.			
<i>Swartzia polyphylla</i> A. DC.			
<i>Swartzia</i> sp.			
<i>Vatairea paraensis</i> Ducke			
<i>Vataireopsis speciosa</i> Ducke			
FABACEAE MIMOSOIDEAE			
<i>Dinizia excelsa</i> Ducke	Angelim pedra		X
<i>Enterolobium maximum</i> Ducke	Fava tamboril		X
<i>Enterolobium schomburgkii</i> (Benth.) Benth.	Orelha de macaco		
<i>Inga alba</i> (Sw.) Willd.	Ingá vermelho	X	
<i>Inga heterophylla</i> Willd.	Ingazeiro	X	
<i>Inga</i> sp.			
<i>Marmaroxylon racemosum</i> (Ducke) Killip	Angelim rajado		
<i>Parkia multijuga</i> Benth.	Fava tanã		
<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Benth. ex Walp.	Fava bolota		
<i>Pithecelobium amplissimum</i>			
<i>Pithecelobium jupumba</i> (Willd) Urb.			
<i>Pseudopiptadenia psilostachya</i> Benth.			
<i>Stryphnodendron pulcherrimum</i> (Willd.) Hoc			
FLACOURTIACEAE			
<i>Casearia grandiflora</i> Cambess			
<i>Laetia procera</i> (Poepp. & Endl.) Eichl.	Pau jacaré		X
HUMIRIACEAE			
<i>Endopleura uchi</i> (Huber) Cuatrec.			
<i>Sacoglottis guianensis</i> Aubl.	Uchirana		
<i>Sagotia racemosa</i> Baill.			
LAURACEAE			
<i>Aniba canelilla</i> (H.B.K.) Mez.	Preciosa		
<i>Aniba rosaeodora</i> Ducke			

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Licaria brasiliensis</i> (Nees) Kosterm.	Arituzinho		
<i>Mezilaurus itauba</i> (Meissn.) Taub. Ex Mez			
<i>Mezilaurus lindaviana</i> Schw. & Mez			
<i>Ocotea baturitensis</i> Vattimo			
<i>Ocotea rubra</i> Mez			
<i>Ocotea</i> sp2.			
<i>Sweetia nitens</i> (Vog.) Benth.			
LECYTHIDACEAE			
<i>Bertholletia excelsa</i> Humb. & Bonpl.	Castanheira	X	X
<i>Couratari guianensis</i> Aubl.	Tauari		
<i>Eschweilera amazonica</i> R. Knuth	Matamatá	X	
<i>Eschweilera coriacea</i> (A. DC.) Mori	Matamatá--branco		
<i>Eschweilera obversa</i> (Berg) Miers	Matamatá		
<i>Eschweilera odorata</i> (Poepp.) Miers.			
<i>Gustavia augusta</i> L.	Geniparana	X	
<i>Lecythis lurida</i> (Miers) Mori	Jarana folha miúda		
<i>Lecythis pisonis</i> (Cambess.) Miers	Sapucaia	X	
MALPIGHIACEAE			
<i>Byrsonima</i> sp1.	Murici	X	
MALVACEAE			
<i>Apeiba echinata</i> Gaertn.			
<i>Bombacopsis cf. paraensis</i> (Ducke) Robyns			
<i>Ceiba pentandra</i> (L.) Gaertn.			
<i>Eriotheca globosa</i> (Aubl.) Robyns			
<i>Luehea speciosa</i> Willd.			
MELASTOMATACEAE			
<i>Bellucia dichotoma</i> Cogn.	Muúba		
<i>Bellucia grossularioides</i> (L.) Triana.	Muúba		
<i>Miconia guianensis</i> (Aubl.) Cogn.			
<i>Mouriri brevipes</i> Hook.			
MELIACEAE			
<i>Carapa guianensis</i> Aubl.			
<i>Guararibea guianensis</i> Aubl.	Andirobarana		X
<i>Guarea</i> sp.			
<i>Trichilia</i> sp.			
MONIMIACEAE			
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.			
MORACEAE			
<i>Bagassa guianensis</i> Aubl.	Inharé		
<i>Brosimum acutifolium</i> Huber			
<i>Brosimum lactescens</i> (S. Moore) C.C. Berg			
<i>Brosimum parinarioides</i> Ducke			
<i>Brosimum rubescens</i> Taub.			
<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber			
<i>Castilla ulei</i> Warb.			
<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	Gurariuba		
<i>Ficus maxima</i> P. Miller			

FAMILIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Ficus nymphaeifolia</i> P. Miller			
<i>Maquira sclerophylla</i> (Ducke) C.C. Berg			
<i>Mora paraensis</i> Ducke			
MYRISTICACEAE			
<i>Iryanthera grandis</i> Ducke			
<i>Iryanthera sagotiana</i> (Benth.) Warb.			
<i>Virola melinonii</i> (Ben.) Warb.			X
<i>Virola multicostata</i> Ducke			X
MYRTACEAE			
<i>Eugenia uniflora</i> L.			
<i>Murcia bracteata</i> (Rich) DC.			
<i>Myrciaria floribunda</i> (Willd.) O.Berg			
OLEACEAE			
<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.			
POLYGONACEAE			
<i>Coccoloba latifolia</i> Lan.	Pajeú		
QUIINACEAE			
<i>Lacunaria jenmanii</i> (Oliv.) Ducke			
RUBIACEAE			
<i>Alibertia edulis</i> A. Rich.	Marmelada		
<i>Chimarrhis turbinata</i> DC.	Puruirana		
<i>Piper cyrtopodon</i> (Miq.) A. DC.			
<i>Palicourea</i> sp.			
RUTACEAE			
<i>Coussarea racemosa</i> A. Rich. ex DC.			
<i>Zanthoxylum rhöifolium</i> Lam			
SAPINDACEAE			
<i>Talisia</i> aff. <i>carinata</i> Radlk.	Pitombarana		
<i>Talisia esculenta</i> Radlk.			
SAPOTACEAE			
<i>Manilkara huberi</i> (Ducke) Chev.	Maçaranduba	X	
<i>Manilkara paraensis</i> (Hub.) Standl.			
<i>Micropholis venulosa</i> (Mart. & Eichl.) Pierre			
<i>Pouteria bilocularis</i> (Winkler) Baehni			
<i>Pouteria guianensis</i> Aubl.]			
<i>Pouteria macrophylla</i> (Lam.) Eyma			
<i>Pouteria</i> sp2			
SIMAROUBACEAE			
<i>Simarouba amara</i> Aubl.			
SOLANACEAE			
<i>Solanum juripeba</i> Rich			
STERCULIACEAE			
<i>Sterculia speciosa</i> Schum.	Axixá		
<i>Theobroma subincanum</i> Mart.	Cupuí	X	
<i>Theobroma speciosum</i> Willd.	Cupuí	X	
ULMACEAE			
<i>Trema micrantha</i> (L.) Bl.			
VIOLACEAE			

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	Nome vernacular	EPNM	EPM
<i>Rinorea quianensis</i> Aubl.	Quariquarana		
VOCHYSIACEAE			
<i>Erisma uncinatum</i> Warm.			
<i>Qualea gracilior</i> Pilger			
<i>Vochysia maxima</i> Ducke	Quaruba		

5.2.4.1.1.6 Região VI

Segundo Miranda et al. (2006), os cerrados estudados em Rondônia apresentaram riqueza de espécies comparável às dos cerrados do Brasil Central. Em savanas amazônicas isoladas, o número de espécies encontrado é normalmente baixo. Apesar dos cerrados de Rondônia localizarem-se na Amazônia, eles são unidos por corredores contínuos ao cerrado do Brasil Central, o que explica a maior riqueza nestas áreas, se comparadas às savannas amazônicas isoladas por florestas densas.

A maioria das espécies arbóreas encontradas nos cerrados estudados em Rondônia é comum às espécies que ocorrem nas principais áreas dos cerrados brasileiros. Apenas a espécie *Caraipa savannarum*, encontrada em Rondônia, não ocorre no Brasil Central.

Aparentemente, os cerrados de Rondônia constituem uma transição entre os cerrados do Brasil Central e as savanas do Norte de América do Sul.

Nas quatro áreas amostradas, uma de cerradão, uma de campo sujo e duas de cerrado sensu stricto, foram registradas 92 espécies arbóreas, distribuídas em 38 famílias. Quinze espécies apresentam ampla distribuição nos cerrados brasileiros: *Qualea grandiflora*, *Qualea multiflora*, *Qualea parviflora*, *Kielmeyera coriacea*, *Lafoensia pacari*, *Roupala montana*, *Tabebuia ochracea*, *Tocoyena formosa*, *Xylopia aromatica*, *Bowdichia virgilioides*, *Byrsonima coccolobifolia*, *Caryocar brasiliensis*, *Conarus suberosus*, *Curatella americana* e *Hancornia speciosa*.

Espécies como a *Vochysia rufa*, a *Qualea multiflora*, *Caryocar brasiliense* e *Bowdichia virgilioides* foram encontradas em altas densidades em todas as áreas, enquanto outras estavam presentes em apenas uma das áreas e também em grandes densidades, como *Pouteria* sp.2, *Caraipa savannarum* e *Eugenia* sp.

Tabela 5.2-14 - Listagem geral das espécies de árvores registradas em quatro áreas de cerrado (Cerradão, Campo Sujo, Cerrado *Sensu Stricto*) do município de Vilhena, Rondônia.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
ANNONACEAE
<i>Annona coriacea</i> Mart.
<i>Guateria</i> sp.
<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.
APOCYNACEAE
<i>Aspidosperma</i> sp.
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes
<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spr. ex Müll. Arg.) Wood.
AQUIFOLIACEAE
<i>Ilex</i> sp.
ARECACEAE
<i>Bactris</i> sp.
<i>Mauritiella</i> sp.
<i>Oenocarpus distichus</i> Mart.
Arecaceae
ASTERACEAE
<i>Eremanthus</i> sp.
<i>Vernonia</i> sp.
BIGNONIACEAE
<i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl.
BOMBACACEAE
<i>Eriotheca</i> sp.1
<i>Eriotheca</i> sp.2
<i>Eriotheca</i> sp.3
<i>Pseudobombax</i> sp.
BURSERACEAE
<i>Protium</i> sp.
CAESALPINIACEAE
<i>Bauhinia</i> sp.
<i>Sclerolobium</i> sp.
CARYOCARACEAE
<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.
CELASTRACEAE
<i>Maytenus</i> sp.
CHRYSOBALANACEAE
<i>Couepia</i> sp.
<i>Licania humilis</i> Cham. & Schltdl.
CLUSIACEAE
<i>Caraipa savannarum</i> Kubitzki
<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.
<i>Kielmeyera rubriflora</i> Cambess.
COMBRETACEAE
Combretaceae 1
Combretaceae 2
CONNARACEAE
<i>Connarus suberosus</i> Planch.
<i>Curatella americana</i> L.
<i>Davilla</i> sp.
<i>Davilla</i> sp.
ERYTHOXYLACEAE
<i>Erythroxylum</i> sp.1
<i>Erythroxylum</i> sp.2
EUPHORBIACEAE
<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.
FABACEAE
<i>Andira</i> sp.
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.
<i>Dalbergia</i> sp.
<i>Pterodon</i> cf. <i>emarginatus</i> Vog.
<i>Vatairea</i> sp.
FLACOURTIACEAE
<i>Casearia</i> sp.
HUMIRIACEAE
<i>Humiriaceae</i> Indet.
ICACINACEAE
<i>Emotum nitens</i>

INDETERMINADA

Indeterminada

LAURACEAE

Lauraceae Indet.

LECYTHIDACEAE

Eschweilera nana (O. Berg) Miers

LYTHRACEAE

Lafoensia pacari A. St.-Hil.

MALPIGHIACEAE

Byrsonima cf. *intermedia* A. Juss.

Byrsonima coccolobaefolia Kunth

Byrsonima crassifolia Nied.

Byrsonima sp. 1

Byrsonima sp. 2

Byrsonima tomentosa

MELASTOMATACEAE

Miconia albicans (Sw.) Triana

Miconia sp.1

Miconia sp.2

Miconia stenostachya DC.

MEMECYLACEAE

Mouriri elliptica Mart.

MIMOSACEAE

Enterolobium cf. *ellipticum* Benth.

Stryphnodendron sp.

MYRISTICACEAE

Viola sebifera Aubl.

MYRTACEAE

Eugenia aurata O. Berg

Eugenia sp.2

Eugenia sp1

Marlierea sp.

Myrtaceae 1

Myrtaceae 2

Myrtaceae 3

NYCTAGINACEAE

Neea sp.

OCHNACEAE

Ouratea hexasperma (A. St.-Hil.) Baill.

PROTEACEAE

Roupala Montana Aubl.

RUBIACEAE

Alibertia sp.

Ferdinandusa elliptica Pohl

guettarda sp.

Palicourea rigida Kunth

Rubiaceae Indet 1

Rubiaceae Indet.2

Tocoyena formosa (Cham.& Schltdl.)K.Schum.

SAPOTACEAE

Pouteria sp.1

Pouteria sp.2

Pouteria sp.3

SCROPHULARIACEAE

Esterhazia macrodonta Bartl.

SIMAROUBACEAE

Simarouba amara Aubl.

STYRACACEAE

Styrax camporum Pohl

VOCHYSIACEAE

Qualea grandiflora Mart.

Qualea multiflora Mart.

Qualea parviflora Mart.

Vochysia cinnamomea Pohl

Vochysia haenkeana Mart.

Vochysia rufa Mart.

5.2.4.1.2 FAUNA

5.2.4.1.2.1 ENTOMOFAUNA

Para a entomofauna, foram encontradas listas de espécies para alguns grupos, apenas para a região VI, que engloba a área de influência próxima à cidade de Vilhena, RO. Apresentamos a seguir, os dados obtidos para a entomofauna.

Região VI

Cupins

O estudo de Isoptera realizado em Vilhena, foram registradas 35 espécies, distribuídas em quatro famílias e 23 gêneros: Termitidae (18 gêneros e 30 espécies), Kalotermitidae (um gênero e uma espécie), Rhinotermitidae (três gêneros e três espécies) e Serritermitidae (um gênero e uma espécie).

Tabela 5.2-15. Espécies de cupins coletadas em Vilhena, RO.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
TERMITIDAE
<i>Anoplotermes</i> sp.
<i>Armitermes euamignathus</i>
<i>Armitermes manni</i>
<i>Armitermes teevani</i>
<i>Atlantitermes osborni</i>
<i>Atlantitermes snyderi</i>
<i>Coatitermes clevelandi</i>
<i>Cornitermes silvestrii</i>
<i>Crepititermes verruculosus</i>
<i>Curvitermes odontognathus</i>
<i>Cylindrotermes brevipilosus</i>
<i>Embiratermes festivellus</i>
<i>Microcerotermes strunckii</i>
<i>Nasutitermes coxipoensis</i>
<i>Nasutitermes gaigei</i>
<i>Nasutitermes guayanae</i>
<i>Nasutitermes macrocephalus</i>
<i>Nasutitermes major</i>
<i>Nasutitermes wheeleri</i>
<i>Paraconvexitermes acangapua</i>
<i>Planicapritermes planiceps</i>
<i>Spinitermes allognathus</i>
<i>Spinitermes nigrostomus</i>
<i>Subulitermes microsoma</i>
<i>Subulitermes</i> sp.
<i>Syntermes grandis</i>
<i>Termes bolivianus</i>
<i>Velocitermes glabrinotus</i>
<i>Velocitermes heteropterus</i>
<i>Velocitermes</i> sp.
KALOTERMITIDAE
<i>Glyptotermes sicki</i>

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
RHINOTERMITIDAE
<i>Coptotermes testaceus</i>
<i>Dolichorhinotermes longilabius</i>
<i>Heterotermes tenuis</i>
SERRITERMITIDAE
<i>Serritermes serrifer</i>

Saturnídeos

Em Vilhena foram capturados 183 exemplares pertencentes a 19 espécies distribuídas em 15 gêneros e cinco sub-famílias de mariposas (família Saturniidae). A área com menor tamanho apresentou maior diversidade biológica, sendo que o maior número de espécies foi observado na área de tamanho médio.

Tabela 5.2-16. Espécies de saturnídeos coletados em Vilhena, RO.

SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES
ARSENURINAE
<i>Paradaemonia andensis</i>
<i>Rhescyntis hippodamia</i>
<i>Titaea timur</i>
CERATOCAMPINAE
<i>Adeloneivaia boisduvalli</i>
<i>Adeloneivaia catoxantha</i>
<i>Eacles guianensis</i>
<i>Eacles masoni</i>
<i>Eacles penelope</i>
<i>Othorene hodeva</i>
<i>Syssphinx molina</i>
HEMILEUCINAE
<i>Automeris midea</i>
<i>Dirphia fraterna</i>
<i>Gamelia abas</i>
<i>Hylesia canitia</i>
<i>Leucanella memusae</i>
<i>Pseudodirphia agis</i>
OXITENINAE
<i>Oxytenis leda</i>
<i>Oxytenis modesta</i>
SATURNIINAE
<i>Copaxa decrescens</i>

Drosofilídeos

No estudo realizado em Vilhena (PROBIO/MMA), foram registradas dez espécies, sendo oito espécies nativas e duas introduzidas. Duas espécies coletadas não foram identificadas ao nível de espécie, uma pertencendo ao grupo *repleta* e outra ao grupo *willistoni*.

A espécie *Zaprionus indianus*, recentemente introduzida no Brasil, originária da África, possui o potencial de se transformar em praga de plantações.

Drosophila mercatorum é uma espécie generalista altamente competitiva pelos recursos alimentares. É um dos drosofilídeos mais abundantes nas áreas abertas da América do Sul. A espécie neotropical foi capaz de colonizar o hemisfério norte, a África, Índia e Havaí.

Tabela 5.2-17. Espécies de drosofilídeos coletados em Vilhena, RO.

ESPÉCIES
INTRODUZIDAS
<i>Drosophila simulans</i>
<i>Zaprionus indianus</i>
NATIVAS
<i>Drosophila cardini</i>
<i>Drosophila mercatorum</i>
<i>Drosophila paranaensis</i>
<i>Drosophila sturtevantii</i>
<i>Drosophila prosaltans</i>
<i>Drosophila nebulosa</i>
<i>Gitona</i> sp.
gr. <i>repleta</i>
gr. <i>willistoni</i>

5.2.4.1.2.2 ICTIOFAUNA

Região I

A região hidrográfica do Tocantins é classificada pelo IBGE como sendo uma bacia geograficamente independente da bacia Amazônica; no entanto, sua composição faunística é bastante similar a dos demais rios amazônicos. A bacia do Alto Rio Tocantins é caracterizada por representar uma área de grande lacuna para o conhecimento ictico. Miranda & Mazzoni (2003) inventariando três riachos da bacia do Alto Rio Tocantins – GO (córregos Água Boa, Acaba Saco e Cavalo) identificaram 47 espécies de peixes, sendo as ordens Characiformes e Siluriformes as mais representativas. Esses autores ressaltam a carência de estudos taxonômicos para a região evidenciados nas identificações com *status* deficiente.

Ribeiro *et al.* (1995) destacam para a bacia Araguaia-Tocantins as espécies *Serrasalmus geryi* Jégu & Santos, 1998; *Leporinus affinis* Günther, 1864 e *Serrasalmus eigenmanni* Norman, 1929 como sendo endêmicas para a bacia.

Tabela 5.2-18. Lista das Espécies de Peixes Registradas nos Córregos Água Boa, Acaba Saco e Cavalo, na Região do AHE Serra da Mesa, Alto Rio Tocantins, GO.

Fonte: Miranda, J. C. & Mazzoni, R. Composição da Ictiofauna de Três Riachos do Alto Rio Tocantins – GO. Biota Neotropica v3 (n1) – <http://www.biotaneotropica.org.br/v3n1/pt/abstract?article+BN00603012003>.

ORDENS, FAMÍLIAS E ESPÉCIES
CHARACIFORMES
ERYTHRINIDAE
<i>Hoplias</i> gr. <i>malabaricus</i> (Bloch, 1794)
PARODONTIDAE
<i>Apareiodon machrisi</i> Travassos, 1957

ORDENS, FAMÍLIAS E ESPÉCIES

HEMIODONTIDAE

Hemiodus ternetzi Myers, 1927

CRENUCHIDAE

Characidium sp.1

Characidium sp.2

CHARACIDAE

Acestrocephalus sp.

Astyanax gr. *bimaculatus* (Linnaeus, 1758)

Astyanax sp.

Bryconamericus sp.

Creagrutus sp.

Knodus sp.1

Knodus sp.2

Knodus sp.3

Knodus sp.4

Knodus sp.5

Moenkhausia sp.1

Moenkhausia sp.2

Mylesinus paucisquamatus Jégu & Santos, in Santos & Jégu, 1988

ANOSTOMIDAE

Leporinus sp.

Leporellus vittatus Valenciennes in, Cuvier & Valenciennes, 1850

Siluriformes

PIMELODIDAE

Cetopsorhamdia sp.

Cetopsorhamdia molinae Milles, 1943

Imparfinis borodini Mees & Cala, 1989

Imparfinis cf. *schubarti* (Gomes, 1956)

Pimelodella sp.

Phenacorhamdia sp.

Rhamdia quelen (Quoy & Gaimard, 1824)

CETOPSIDAE

Pseudocetopsis sp.

LORICARIIDAE

Ancistrus aguaboensis (Fisch-Muller, Mazzoni & Weber, 2001)

Ancistrus minutus (Fisch-Muller, Mazzoni & Weber, 2001)

Cochliodon sp.

Hypostomus cf. *plecostomus* (Linnaeus, 1758)

Hypostomus sp.2

Hypostomus sp.3

Hypostomus sp.4

Hypostomus sp.5

Harttia punctata Rapp Py-Daniel & Oliveira, 2001

Loricaria sp.

Microlepidogaster sp.

Corumbataia tocantinensis Britski, 1997

CALLICHTHYIDAE

Aspidoras sp.

GYMNOTIFORMES

APTERONOTIDAE

Apteronotus aff. *albifrons* (Linnaeus, 1766)

GYMNOTIDAE

Gymnotus carapo Linnaeus, 1758

STERNOPGIDAE

Steronpygus macrurus (Bloch & Schneider, 1801)

Eigenmannia cf. *virescens* (Valenciennes, 1847)

PERCIFORMES

CICHLIDAE

Retroculus lapidifer (Castelnau, 1855)

Cichlasoma araguaensis Kullander, 1983

Acestrocephalus sp.

Ancistrus aguaboensis

Ancistrus minutus *Apareiodon machrisi*

Apteronotus aff. *albifrons*

Aspidoras sp.

Astyanax gr. *Bimaculatus*

ORDENS, FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Astyanax sp
Cichlasoma araguaensis
Bryconamericus sp.
Cetopsorhamdia molinae
Characidium sp.2
Cochliodon sp.
Creagrutus sp.
Eigenmannia cf. *virescens*
Gymnotus carapo
Harttia punctata.
Hemiodus ternetzi
Hoplias gr. *malabaricus*
Microlepidogaster sp.
Corumbataia tocantinensis
Hypostomus cf. *plecostomus*
Hypostomus sp.2
Hypostomus sp.3
Hypostomus sp.4
Hypostomus sp.5
Imparfinis borodini
Imparfinis cf. *schubarti*
Knodus sp.1
Knodus sp.2
Knodus sp.3
Knodus sp.4
Knodus sp.5
Leporellus vittatus
Leporinus sp.
Loricaria sp.
Moenkhausia sp.1
Moenkhausia sp.2
Mylesinus paucisquamatus
Phenacorhamdia sp.
Pimelodella sp.
Pseudocetopsis sp.
Retroculus lapidifer
Rhamdia quelen
Sternopygus macrurus

Região II

O Rio Araguaia pertence à bacia Amazônica, que apresenta a maior diversidade de espécies de peixes do mundo, estimada em 3.000 espécies. A região do Araguaia – Tocantins apresenta 257 espécies. De acordo com BRASIL (1982) in Seplan-TO (2000) 257. Podemos destacar algumas espécies, como o poraquê (*Electrophorus electricus*), a piranha-preta (*Serrasalmus rhombeus*), o piau (*Leporinus frederici*), a traíra (*Hoplias malabaricus*), entre outros.

A Bacia do Araguaia apresenta muitas espécies de grande interesse comercial, como o pirarucu, (*Arapaima gigas*) , maior peixe de escamas de água doce do Brasil, podendo atingir 100 quilos de peso e dois metros de comprimento, a dourada (*Brachyplatystoma* sp.), o surubim (*Sorubim lima*), o pintado (*Pseudoplatystoma fasciatum*), o tucunaré (*Cichla monoculos*), entre outros.

Tabela 5.2-19. Espécies de peixes registradas na região do corredor Bananal-Araguaia.

Fonte: Galinkin et al. 2000. Projeto Corredor Ecológico Bananal - Araguaia. IBAMA/CENAQUA.

ESPÉCIES E NOMES POPULARES	
<i>Hoplias malabaricus</i>	Traira
<i>Crenicla lugubris</i>	Peixe Sabão
<i>Pachyurus schomburgki</i>	Curvina
<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>	Surubim
<i>Metynnis fasciatus</i>	Pacu babona, sadadoia
<i>Arapaima gigas</i>	Pirarucu
<i>Potamotrygon</i> sp.	Arraia
<i>Lycengraulis batesii</i>	Apapá
<i>Pellona castelnaeana</i>	Tubarana
<i>Osteoglossum bairrhorosum</i>	Aruanã
<i>Pristigaster cayana</i>	Pataca
<i>Anchovia surinamensis</i>	Piabuçu
<i>Triportheus elongatus</i>	Sardinha
<i>Chalceus erythrus</i>	Piau duro
<i>Serrasalmus nattereri</i>	Piranha boca de fogo
<i>Serrasalmus eigenmanni</i>	Pirambeba
<i>Myloplus asterias</i>	Pacu
<i>Metynnis fasciatus</i>	Pacu do Porto
<i>Serrasalmus</i> sp.	Pirambeba
<i>Colossoma bidens</i>	Corupet.
<i>Mylossoma duriventris</i>	Pacu manteiga
<i>Myloplus schomburgkii</i>	Pacu São Pedro
<i>Acnodon oligacanthus</i>	Pacu dente seco
<i>Myleus</i> sp.	Pacu
<i>Myloplus</i> sp.	Pacu branco
<i>Serrasalmus rhambeus</i>	Piranha preta
<i>Pygocentrus nattereri</i>	Piranha comum
<i>Sehizodon fasciatus</i>	Piau listrado
<i>Leporinus fasciatus</i>	Piau flamengo
<i>Schizodon vittatus</i>	Piau cabeça grande
<i>Hydrolycus scomberoides</i>	Cachorra
<i>Hidrolycus</i> sp.	Cachorra
<i>Rhaphiodon valpinus</i>	Sardinha gata
<i>Prochilodus brama</i>	Jaraqui
<i>Prochilodus nigricans</i>	Curimatã
<i>Anodus orinocensis</i>	Ubarana
<i>Argonectas longiceps</i>	Ubarana
<i>Pinirampus pirinampu</i>	Barbado
<i>Pimelodina flavipinnis</i>	Mandi pintado
<i>Brachyplatystoma filamentosum</i>	Mandi liro
<i>Sorubim</i> sp.	Surubim bico de pato
<i>Pharactiocephalus hemiliopterus</i>	Pirarara
<i>Ageneiosus brevifilis</i>	Fidalgo

Região III

Melo *et al.* (2007) caracterizando ecologicamente a comunidade de peixes do baixo Rio das Mortes (maior afluente da margem esquerda do Rio Araguaia) identificaram altos valores de diversidade, riqueza e abundância de peixes. O mesmo estudo verificou diferentes composições na comunidade íctica em função da sazonalidade, mostrando a influencia dos pulsos de inundação na região.

Ao longo da bacia do Rio das Mortes, na planície de inundação do Bananal, são observadas áreas alagadas que atuma como berçário tanto para espécies migradoras quanto para as residentes; as lagoas fornecem abrigo e alimento para essas espécies nos períodos chuvosos (Melo *et al.*, 2005). A importância da preservação das áreas de reprodução, alimentação e berçário dos peixes é indispensável para a sustentabilidade da pesca no Rio das Mortes (Melo *et al.*, 2005). Benedito-Cecilio *et al.* (2004) avaliando a composição e estrutura da comunidade íctica no Parque Nacional das Emas identificaram 22 espécies, sendo 18 encontradas no Rio Araguaia (rio de maior diversidade no Parque).

Tabela 5.2-20 Espécies de peixes registradas na região do baixo Rio da Mortes, Mato Grosso.

Fonte: Melo T. L.; Tejerina-Garro, F. L. & Melo, C. E. Diversidade biológica da comunidade de peixes no baixo Rio das Mortes, Mato Grosso, Brasil. Revista Brasileira de Zoologia. Vol. 24 (3): pgs. 657-665.

ORDEM, FAMÍLIA, SUB-FAMÍLIA E ESPÉCIES
CLUPEIFORMES
ENGRAULIDAE
<i>Lycengraulis batesii</i> (Gunther, 1868)
PRISTIGASTERIDAE
<i>Pellona castelnaeana</i> (Valenciennes, 1847)
<i>Pristigaster cayana cuvier</i> , 1829
CHARACIFORMES
CURIMATIDAE
<i>Curimata cyprinoides</i> (Linnaeus, 1766)
<i>Cyphocharax spiluroopsis</i> (Eigenmann 1889)
PROCHILODONTIDAE
<i>Prochilodus nigrans</i> Agassiz, 1829
<i>Semaprochilodus brama</i> (Valenciennes, 1850)
ANOSTOMIDAE
<i>Laemolyta fernandezi</i> Myers, 1950
<i>Laemolyta taeniata</i> (Kner, 1859)
<i>Leporinus affinis</i> Günther, 1864
<i>Leporinus desmotes</i> Fowler, 1914
<i>Leporinus friderici</i> (Bloch, 1794)
<i>Shizodon . vittatus</i> (Valenciennes, 1850)
CHILODONTIDAE
<i>Caenotropus labyrinthicus</i> (Kner, 1858)
HEMIDONTIDAE
<i>Anodus elongates</i> Agassiz, 1829
<i>Hemiodus argenteus</i> pellegrin, 1908
<i>Hemiodus "microlepis</i> Kner 1858
<i>Hemiodus unimaculatus</i> (Bloch, 1794)
CHARACIDAE
<i>Agoniatas halecinus</i> Müller&Troschel, 1845
<i>Brycon falcatus</i> (Müller & Troschel, 1844)
<i>Brycon pesu</i> (Müller & Troschel, 1845)

ORDEM, FAMÍLIA, SUB-FAMÍLIA E ESPÉCIES

Brycon sp.

Bryconops albumoides Kner, 1858

Chalceus epakros Zanata & Toledo-Piza 2004

Moenkhausia sp.z

Myleus cf. pacu (Jardine & Schomburgk, 1841)

Myleus schomburgkii (Jardine & Schomburgk, 1841)

Myleus torquatus (Kner, 1858)

Pygocentrus nattereri Kner, 1858

Serrasalmus eigenmanni Norman, 1929

Serrasalmus geryi Jégu & Santos, 1988

Serrasalmus gibbus Castelnau, 1855

Serrasalmus rhombeus (Linnaeus, 1766)

Tetragonopterus argenteus Cuvier, 1816

Tetragonopterus chalceus Spix & Agassiz, 1829

Tetragonopterus SP.

Triportheus albus Cope, 1872

Triportheus auritus (Valenciennes in Curvir & valenciennes, 1850)

Triportheus trifurcatus (Castelnau, 1855)

CHARACIFORMES

CYNODONTIDAE

Cynodon gibbus Spix & Agassiz, 1829

Hydrolycus armatus (Jardine & Schomburgk, 1841)

Hydrolycus tatauaia Toledo-Piza, Menezes & Santos, 1999

Rhaphiodon vulpinus Spix & Agassiz, 1829

CTENOLUCIIDAE

Boulengerella curvieri (Agassiz, 1829)

SILURIFORMES

LORICARIIDAE

Fariowella sp.

Hypoptopoma sp.

Hypostornus sp.

Loricaria SP.

Squaliforma emarginata (Valenciennes 1840)

Sturisoma nigriristrum Fowler, 1940

PIMELODIDAE

Hemisorubim, platyrhynchos (Valenciennes, 1840)

Pimelodus blochii Valenciennes, 1840

Pimelodus pirinampus (Spix & Agassiz, 1829)

Pseudoplatytoma fasciatum (Linnaeus, 1766)

Sorubim lima (Bloch & Schneider, 1801)

Zungaro zungaro (Humboldt, 1895)

DORADIDAE

Hassar wilderi (Kindle, 1895)

AUCHENIPTERIDAE

Ageneiosus inermis (Linnaeus, 1766)

Ageneiosus sp.

Auchenipterichtys caracoideus (Eignmann & Allen, 1942)

Auchenipterus nuchalis (Spix & Agassiz, 1826)

BILOMIFORMES

BELONIDAE

Pseudotyloturus sp.

PERCIFORMES

SCIAENIDAE

Pachypops fourcroi (La Capède, 1802)

Plagioscion Squamosissimus (Heckel, 1840)

CICHLIDAE

Cichla piquiti Kullander & Ferreira, 2006

Crenicichla lugubris Heckel, 1840

Crenicichla SP.

Geophagus sp

Retroculus lapidifer (Castelnau, 1855)

Satanoperca sp

Jupiaba apenina (Zanata, 1997)

Jupiaba polylepis (Gunther, 1864)

Moenkhausia copei (Steindachner, 1882)

Moenkhausia oligolepis (Guntter, 1864)

ORDEM, FAMÍLIA, SUB-FAMÍLIA E ESPÉCIES

Serrapinnus micropterus (Eigenmann, 1907)

Tetragonopterus chalcus (Spix & Agassiz, 1829)

Thayeria obliqua (Eigenmann, 1909)

SERRASSALMINAE

Metynnis argenteus (Ahl, 1923)

Metynnis lippincotianus

Myleus cf. rubripinnis (Miller & Troschel, 1844)

Myloplus asterias (Miller & Troschel, 1844)

Myloplus schomburgkii (Vardine & Schomburgk, 1841)

Serrassalmus cf. gibbus (Casteuneau, 1855)

Serrassalmus maculatus

Serrassalmus rhombeus

ACESTRORHYNCHINAE

Acestrorhynchus falcatus (Bloch, 1574)

Acestrorhynchus cf. microlepis (Schomburgk, 1841)

CRENUCHIDAE

CHARACIDIINAE

Characidium sp.

ERYTHRINIDAE

Hoplerethrinus unitaeniatus (Agassiz, 1829)

Hoplias aff. malabaricus (Bloch, 1794)

Hoplias sp. (*lacerdae*)

LEBIASINIDAE

Pamphorichthys scalpridens (Garman, 1895)

SILURIFORMES

TRICHOMYCTERIDAE

Trichomycterus sp.

CALLICHTHYIDAE

Corydoras sp.

Aspidoras palciradiatus

Corydoras xinguensis (Nijssen, 1972)

LORICARIIDAE

Otocincus cf.

LORICARIINAE

Rineloricaria cf. hasemani (Isbrucker & Nijssen, 1979)

HYPOSTOMINAE

Hypostomus sp.1

Hypostomus sp.2

Hypostomus sp.3

ANCISTRINAE

Ancistrus sp.1

Ancistrus sp.2

Ancistrus sp.3

HEPTAPTERIDAE

Imparfinis cf. hermani (Steindachner, 1917)

Phenacorhamdia cf. somnians (Mees, 1974)

Pimelodella steindachneri (Eigenmann, 1917)

Rhamdia quelen (Quoy & Gaimard in Freycinet, 1824)

PIMELODIDAE

PIMELODINAE

Pimelodus albofasciatus (Mees, 1974)

SORUBIMINAE

Pseudoplatystoma fasciatus

Surubim cf. lima (Bloch & Schneider, 1801)

AUCHENIPTERIDAE

AUCHENIPTERIDAE JOVEM

Parauchenipterus cf. porosus (Eig & Eig, 1888)

Tatia aulopygia (Kner, 1853)

GYMNOTIFORMES

GYMNOTIDAE

Eigenmannia limbata (Schereiner & Mir-Ribeiro, 1903)

Gymnorhamphichthys rondoni (Mir-Ribeiro, 1920)

Sternopygus macrurus (Bloch & Schneider,

Brachyhypopomus brevirostris (Steindachner, 1868)

APTERONOTIDAE

Apteronotus albifrons (Linnaeus, 1766)

ORDEM, FAMÍLIA, SUB-FAMÍLIA E ESPÉCIES

SYNBRANCHIFORMES
SYNBRANCHIDAE
Synbranchus marmoratus
PERCIFORMES
CICHLIDAE
Aequidens epae
Apistogramma eonotus (Kullander, 1981)

Astronotus ocellatus (Agassiz, 1831)

Cichla pinima (Kullander & Ferreira, 2007)

Crenicichla “alta”

Crenicichla “baixa”

Crenicichla aff. *Hemera* (Kullander, 1990)

Satanoperca acuticeps (Heckel, 1840)

Satanoperca jurupari (Heckel, 1840)

Região IV

Para bacia do Rio Xingu são estimadas 600 espécies de peixes, em sua maioria frugívora (Isaac *et al.*, 2002). Camargo *et al.* (2004) identificaram para a bacia do Xingu 467 espécies de peixes das quais 69 ocorrem em toda bacia. Esses autores identificam duas áreas principais para conservação baseados na distribuição da ictiofauna: as regiões de cabeceiras (ocorrência de pequenos caracídeos e ciclídeos e forte pressão antrópica) e o médio Xingu (alta diversidade de espécies das famílias Cichlidae, Anostomidae e Loricariidae).

Região V

Camargo *et al.* (2005) realizando levantamento ictiofaunístico dos tributários do médio-baixo Tapajós e Curuá identificaram 146 espécies. Nesse estudo foi constatado um alto grau de raridade e baixa similaridade entre as áreas amostradas indicaram grande fragilidade dos ambientes. Uma alta frequência de exemplares jovens, ao longo da bacia, indica que esses tributários constituem áreas para crescimento de recrutas. Estudo em afluentes do Rio Teles Pires, na drenagem do Tapajós, identificou 82 espécies de peixes com maioria de espécies carnívoras (*Hoplias* aff. *malabaricus*, *Cichla pinima*, *Serrassalmus rhombeus* entre outras) e espécies forrageiras (*Prochilodus* cf. *nigricans*, *Leporinus* cf. *fridericii* e *Brycon falcatus*) (Smerman, 2007).

Tabela 5.2-21. Espécies de Ictiofauna registradas na bacia do rio Tapajós.

Fonte: Smerman, W. 2007. Ictiofauna de Riachos Formadores de Rio Teles Pires, Drenagem do Rio Tapajós, Bacia Amazônica. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho” Centro de Aquicultura – CAUNESP. Jaboticabal – São Paulo.

ORDENS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIA E ESPÉCIES

CHARACIFORMES
CURIMATIDAE
Cyphocharax gangamon (Vari, 1992)

Steindachnerina fasciata (Vari & Gery, 1985)

PROCHILODONTIDAE
Prochilodus cf. *nigricans* (Agassiz, 1829)

ANOSTOMIDAE

ORDENS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIA E ESPÉCIES

Caenotropus labyrinthicus

Leporinus cf. fridericii (Bloch, 1794)

Leporinus taeniofasciatus (Bitsk, 1997)

Leporinus vanzoi (Britsk & Garavello, 2005)

Shizodon cf. vittatus (Valenciennes, 1850)

HEMIODONTIDAE

Hemiodus microlepis

Hemiodus "microlepis" (longo)

Hemiodus unimaculatus

CHARACIDAE

Brycon falcatus (Miller & Troschel, 1844)

Brycon peso (Miller & Troschel, 1844)

Bryconops cf. gracilis (Eienmann, 1908)

CHARACINAE

Cynopostomus juruena (Menezes, 1987)

STETHAPIONINAE

Brachychalcinus orbicularis (Valenciennes In Cuv. & Val., 1849)

TETRAGONOPTERINAE

Astyanax argyrimarginatus (Garutti, 1999)

Astyanax sp.

Astyanax maculisquamis (Garutti & Brtsk, 1997)

Hemigrammus sp.

Hyphessobrycon heliacus (Moreira, Landin & Costa, 2002)

Jupiaba acanthogaster (Eigenmann, 1911)

Jupiaba apenina (Zanata, 1997)

Jupiaba polylepis (Gunther, 1864)

Moenkhausia copei (Steindachner, 1882)

Moenkhausia oligolepis (Guntter, 1864)

Serrapinnus micropterus (Eigenmann, 1907)

Tetragonopterus chalceus (Spix & Agassiz, 1829)

Thayeria obliqua (Eigenmann, 1909)

SERRASSALMINAE

Metynnis argenteus (Ahl, 1923)

Metynnis lippincotianus

Myleus cf. rubripinnis (Miller & Troschel, 1844)

Myleinae juvenis

Myloplus asterias (Miller & Troschel, 1844)

Myloplus schomburgkii (Vardine & Schomburgki, 1841)

Serrassalmus cf. gibbus (Casteuneau, 1855)

Serrassalmus maculatus

Serrassalmus rhombeus

ACESTRORHYNCHINAE

Acestrorhynchus falcatus (Bloch, 1574)

Acestrorhynchus cf. microlepis (Schomburgki, 1841)

CRENUCHIDAE

CHARACIDIINAE

Characidium sp.

ERYTHRINIDAE

Hoplerethrinus unitaeniatus (Agassiz, 1829)

Hoplias aff. *malabaricus* (Bloch, 1794)

Hoplias sp. (*lacerdae*)

LEBIASINIDAE

Pamphorichthys scalpridens (Garman, 1895)

SILURIFORMES

TRICHOMYCTERIDAE

Trichomycterus sp.

CALLICHTHYIDAE

Corydoras sp.

Aspidoras palciradiatus

Corydoras xinguensis (Nijssen, 1972)

LORICARIIDAE

Otocincus cf.

LORICARIINAE

Rineloricaria cf. hasemani (Isbrucker & Nijssen, 1979)

HYPOSTOMINAE

Hypostomus sp.

ORDENS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIA E ESPÉCIES

Hypostomus sp.

Hypostomus sp.

ANCISTRINAE

Ancistrus sp.

Ancistrus sp.

Ancistrus sp.

HEPTAPTERIDAE

Imparfinis cf. *hermani* (Steindachner, 1917)

Phenacorhamdia cf. *somnians* (Mees, 1974)

Pimelodella steindachneri (Eigenmann, 1917)

Rhamdia quelen (Quoy & Gaimard in Freycinet, 1824)

PIMELODIDAE

PIMELODINAE

Pimelodus albofasciatus (Mees, 1974)

SORUBIMINAE

Pseudoplatystoma fasciatus

Surubim cf. *lima* (Bloch & Schneider, 1801)

AUCHENIPTERIDAE

Auchenipteridae jovem

Parauchenipterus cf. *porosus* (Eig & Eig, 1888)

Tatia aulopygia (Kner, 1853)

GYMNOTIFORMES

GYMNOTIDAE

Eigenmannia limbata (Schreiner & Mir-Ribeiro, 1903)

Gymnorhamphichthys rondoni (Mir-Ribeiro, 1920)

Sternopygus macrurus (Bloch & Schneider, 1801)

HYPOPOMIDAE

Brachyhypopomus brevirostris (Steindachner, 1868)

APTERONOTIDAE

Apteronotus albifrons (Linnaeus, 1766)

SYNBRANCHIFORMES

Família Synbranchidae

Synbranchus marmoratus

PERCIFORMES

CICHLIDAE

Aequidens epae

Apistogramma eonotus (Kullander, 1981)

Astronotus ocellatus (Agassiz, 1831)

Cichla pinima (Kullander & Ferreira, 2007)

Crenicichla

Crenicichla

Crenicichla aff. *Hemera* (Kullander, 1990)

Satanoperca acuticeps (Heckel, 1840)

Satanoperca jurupari (Heckel, 1840).

Região VI

Na porção ocidental amazônica, a Bacia do Rio Madeira é uma das maiores contribuintes do sistema Solimões - Amazonas, apresentando uma alta riqueza de espécies. Goulding (1979) destaca as espécies de maior relevância comercial e alguns aspectos ecológicos dos peixes no Rio Madeira. Batista (1998) ressalta a importância comercial do pescado proveniente dessa bacia entre os anos 1994 – 1996. Novos estudos apresentam para o Médio Rio Madeira uma riqueza de 448 espécies distribuídas em 44 famílias (Rapp Py-Daniel *et al.*, 2007). Rapp Py-Daniel *et al.* (2007) apontam, ainda, para alterações na composição das taxocenoses ícticas em virtude do

histórico de ocupação humana na região, que vem provocando desequilíbrios nas populações naturais de peixes.

O Rio Guaporé, um dos tributários do Rio Madeira, atravessa uma área de transição de fauna andina para fauna do escudo brasileiro, e esta região vem sendo alvo de grandes intervenções antrópicas (Barthem, 2001). Algumas espécies migratórias de peixes utilizam o Alto Rio Madeira para se alimentar de presas de menores portes (migração trófica) (Barthem & Goulding, 1997). Espécies migratórias de grande importância econômica com ampla distribuição, como o tambaqui (*Colossoma macropomum*), podem ser encontradas no Rio Guaporé realizando desovas (Araújo-Lima & Goulding, 1998).

Espécies ameaçadas de extinção

A perda de hábitat com a degradação ambiental vem sendo a principal ameaça para a manutenção das comunidades ícticas nos ecossistemas límnicos brasileiros. A perda de habitat pode ser observada pelo barramento dos rios com a construção de hidrelétricas que transformam ambientes lóticos em lênticos; a retirada da vegetação ripária que funciona como fonte de abrigo e alimento para muitas espécies e poluição dos cursos d'água com a emissão de efluentes de origem doméstica e industrial (Rosa & Lima, 2005).

Após as amostragens dos períodos de seca e chuva serem efetivadas as espécies serão avaliadas quanto ao seu *status* de ameaça em listas de espécies ameaçadas de extinção (Rosa & Meneses, 1996; Rosa & Lima, 2005).

Espécies anuais

Na América do Sul, os peixes que apresentam ciclo de vida anual pertencem à família Rivulidae (Costa, 1998). Exemplares dessa família apresentam marcado dimorfismo sexual e em algumas espécies ocorre fertilização interna. Esses peixes anuais, durante as cheias, se desenvolvem em regiões sazonalmente alagadas onde atingem precocemente maturidade sexual. Com a chegada da estação seca, esses locais alagados começam a secar e os indivíduos adultos acabam morrendo sem água; no entanto, os ovos desses indivíduos são enterrados no substrato e permanecem ali até a próxima estação chuvosa (Costa, 2002). Ao longo da área do empreendimento é possível constatar a presença de lagoas com grande possibilidade da ocorrência dessas espécies.

Espécies de interesse econômico

A pesca possui importante papel socioeconômico na Amazônia. A partir da pesca se obtém o pescado para consumo humano e peixes para ornamentação. Desde a pré-história, se tem relatos da utilização de peixes amazônicos como alimento (Santos *et al.*, 2006). Seguramente a principal fonte de proteína animal consumida pela população ribeirinha amazônica é a oriunda do pescado (ultrapassando 400 g de peixe por pessoa ao dia) (Santos *et al.*, 2006). De maneira geral, as espécies de maior importância para o pescado possuem maior porte e ampla distribuição na bacia Amazônica.

5.2.4.1.2.3 HERPETOFAUNA

Para a herpetofauna, não foram encontrados estudos e listas de espécies para a região III e região V, que correspondem ao Rio das Mortes e ao alto Tapajós, respectivamente. Apresentamos a seguir os dados das outras quatro regiões da área de influência do presente empreendimento.

Região I

A lista de espécies de répteis e anfíbios de provável ocorrência para a área de estudo apresenta um total de 142 espécies, sendo 45 espécies de anfíbios, distribuídas nas famílias Bufonidae (5), Dendrobatidae (2), Hylidae (16), Leptodactylidae (18), Microhylidae (3) e Caeciliidae (1); 25 espécies de lagartos, distribuídas nas famílias Anguidae (1), Gekkonidae (4), Gymnophthalmidae (6), Polychrotidae (3), Scincidae (3), Teiidae (4), Tropiduridae (4); seis espécies de anfisbenas (*Amphisbaena alba*, *Amphisbaena anaemarie*, *Amphisbaena fuliginosa*, *Amphisbaena mensae*, *Amphisbaena vermicularis* e *Leposternon infraorbitale*); 60 espécies de serpentes distribuídas nas famílias Aniliidae (1), Anomalepididae (1), Boidae (4), Colubridae (47), Elapidae (2), Leptotyphlopidae (1), Typhlopidae (1) e Viperidae (3), além de duas espécies de jacarés (*Caiman crocodilus* e *Paleosuchus palpebrosus*) e quatro de quelônios (*Chelonoides carbonaria*, *Phrynops geoffranus*, *Phrynops gibbus* e *Podocnemis unifilis*).

De acordo com nossos resultados, concluímos que a Herpetofauna regional é bastante representativa em relação à Herpetofauna do Cerrado. A região apresenta aproximadamente 37% do total de espécies de anfíbios encontradas no bioma, enquanto que os répteis apresentaram 53% do total de espécies presentes no Cerrado. Levando-se em consideração que a região representa uma pequena porção

do território total do Cerrado e que apresenta uma significativa perda e fragmentação de habitats, essa representatividade pode ser considerada alta.

Várias espécies registradas no presente estudo são comuns em áreas de Cerrado, normalmente possuem ampla distribuição geográfica, ocorrendo também em outros biomas, e muitas delas são generalistas em termos de uso do habitat.

Entre os anfíbios, podemos citar o sapo-cururu (*Rhinella schneiderii*), várias pererecas (*Dendropsophus minutus*; *Scinax fuscomarginatus*), e algumas rãs (*Leptodactylus labyrinthicus*; *Leptodactylus fuscus* –; *Physalaemus cuvieri*).

Entre os répteis, alguns exemplos de espécies relativamente comuns e que possuem ampla distribuição geográfica são os lagartos *Ameiva ameiva*, a *Mabuya nigropunctata*, o calango *Tropidurus oreadicus*, a cobra-de-duas-cabeças *Ambisbaena alba*, a sucuri *Eunectes murinus* e a periquitambóia *Corallus hortulanus*.

Espécies Ameaçadas, Endêmicas e/ou Raras

Com relação às espécies ameaçadas de extinção, a Lista Oficial do IBAMA (2003) não contempla nenhuma espécie de répteis e anfíbios do Cerrado. No entanto, o Cerrado hoje, é um dos biomas mais ameaçados do Brasil, sendo inclusive considerado como um dos 34 hotspots mundiais. Por isso, podemos considerar todas as espécies endêmicas do bioma, como vulneráveis ou em vias de se tornarem ameaçadas de extinção.

O Cerrado apresenta um alto grau de endemismo para répteis e anfíbios. Até o momento, sabe-se que 10 espécies de tartarugas, 5 crocodilianos, 15 anfisbenas, 47 lagartos, 106 serpentes e 121 anfíbios constituem a herpetofauna do Cerrado, totalizando 294 espécies (Colli et al., 2002); sendo que desse total, 8 espécies de anfisbenas (50% do total de espécies), 12 espécies de lagartos (26%), 11 espécies de cobras (10%) e 32 (28%) espécies de anfíbios são endêmicos do bioma. O nível de endemismo é alto se comparado à taxa de endemismo das aves (3,8%) e dos mamíferos (9,1%) neste bioma (Colli et al., 2002; Macedo, 2002; Marinho-Filho et al., 2002). Já a taxa de endemismo de anfisbenas é comparável com a registrada para a flora do Cerrado, com aproximadamente 50% (Heringer et al., 1977; Colli et al., 2002).

Entre as espécies registradas, destacamos como endêmicas do Cerrado, três espécies de anfíbios, *Barycholos savagei*, *Proceratophrys goyana* e *Leptodactylus* sp., sendo que a última por se tratar provavelmente de uma espécie não descrita.

Entre os répteis, registramos cinco espécies endêmicas do Cerrado, sendo três de lagartos, *Bachia breslaui*, *Tupinambis quadrilineatus* e *Micrablepharus atticolus*, e duas de serpentes, *Apostolepis flavotorquata* e *Bothrops moojeni*.

Devemos ainda destacar algumas espécies que podem ser consideradas raras, ou que pelo menos apresentam baixa densidade populacional, e dificilmente são registradas em estudos de campo de curta duração. Algumas dessas espécies foram registradas na região de Uruaçu, como os anfíbios *Hypsiboas crepitans* e *Allobates goianus*, o lagarto *Bachia breslaui*, todas as anfisbenas, com exceção da *Amphibaena alba*, e ainda as serpentes *Lystrophis hystrix*, *Rachidelus brazili*, *Simophis rhinostoma* e *Xenopholis undulatus*.

Tabela 5.2-22 - Espécies de anfíbios de provável ocorrência na região de Uruaçu, GO, com nome popular e localidade do registro (SM = UHE Serra da Mesa, GO; CB = UHE Cana Brava, GO).

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
ANURA			
BUFONIDAE (5)			
<i>Rhinella schneiderii</i>	Sapo-cururu	X	X
<i>Rhinella granulosa</i>	Sapo-cururu	X	X
<i>Rhaebo guttatus</i>	Sapo-cururu	X	
<i>Rhinella ocellata</i>	Sapo-cururu	X	X
<i>Rhinella gr. margaritifera</i>	Sapo-cururu	X	X
DENDROBATIDAE (2)			
<i>Allobates goianus</i>	Rãzinha-do-chão-da-mata	X	
<i>Ameerega flavopicta</i>	Sapo-flecha	X	X
HYLIDAE (16)			
<i>Dendropsophus anataliasiasi</i>	Perereca	X	X
<i>Dendropsophus melanargyreus</i>	Perereca	X	X
<i>Dendropsophus microcephalus</i>	Perereca	X	X
<i>Dendropsophus minutus</i>	Perereca	X	X
<i>Hypsiboas albopunctatus</i>	Perereca	X	X
<i>Hypsiboas crepitans</i>	Perereca	X	X
<i>Hypsiboas multifasciata</i>	Perereca	X	X
<i>Hypsiboas raniceps</i>	Perereca	X	X
<i>Hypsiboas sp.</i>	Perereca	X	
<i>Phyllomedusa hypocondrialis</i>	Sapo verde	X	X
<i>Scinax egleri</i>	Perereca	X	
<i>Scinax fuscomarginatus</i>	Perereca	X	
<i>Scinax fuscovarius</i>	Perereca-de-banheiro	X	X
<i>Scinax rubra</i>	Perereca	X	
<i>Scinax sp.</i>	Perereca	X	
<i>Trachycephalus venulosus</i>	Perereca	X	X
LEPTODACTYLIDAE (18)			
<i>Barycholos savagei</i>	Rãzinha-da-mata	X	
<i>Eupemphix nattereri</i>	Rã	X	X
<i>Ischnocnema sp.</i>	Rã	X	X
<i>Leptodactylus fuscus</i>	Rã	X	X
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	Rã-pimenta	X	X
<i>Leptodactylus mystaceus</i>	Rã	X	X
<i>Leptodactylus mystacinus</i>	Rã	X	X
<i>Leptodactylus ocellatus</i>	Rã	X	X
<i>Leptodactylus petersi</i>	Rã	X	X
<i>Leptodactylus poedicipinus</i>	Rã	X	
<i>Leptodactylus syphax</i>	Rã	X	X
<i>Leptodactylus sp.</i>	Rã	X	

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
<i>Physalaemus centralis</i>	Rãzinha		X
<i>Physalaemus cuvieri</i>	Sapo-cachorro	X	X
<i>Proceratophrys goyana</i>	Rã	X	X
<i>Pseudopaludicola falcipes</i>	Rãzinha	X	X
<i>Pseudopaludicola sp.1</i>	Rãzinha		X
<i>Pseudopaludicola sp.2</i>	Rãzinha		X
MICROHYLIDAE (3)			
<i>Chiasmocleis albopunctata</i>	Rãzinha	X	X
<i>Dermatonotus muelleri</i>	Rãzinha		X
<i>Elachistocleis ovalis</i>	Rãzinha	X	X
GYMNOPHIONA			
CAECILIIDAE (1)			
<i>Siphonops paulensis</i>	Cecília	X	X

Fonte: NATURAE, 2002

Tabela 5.2-23 - Espécies de lagartos e anfisbenas de provável ocorrência na região de Uruaçu, GO, com nome popular e localidade do registro (SM = UHE Serra da Mesa, GO; CB = UHE Cana Brava, GO).

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
ANGUIDAE (1)			
<i>Ophiodes striatus</i>	Cobra de vidro	X	
GEKKONIDAE (4)			
<i>Coleodactylus brachystoma</i>	Lagartixa-do-folho	X	X
<i>Gymnodactylus geckooides</i>	Lagartixa	X	X
<i>Hemidactylus mabouia</i>	Lagartixa—doméstica	X	X
<i>Phyllopezuz pollicaris</i>	Lagartixa	X	
GYMNOPHTALMIDAE (6)			
<i>Bachia breslaui</i>	Calanguinho	X	
<i>Cercosaura ocellata</i>	Calanguinho	X	X
<i>Cercosaura schreibersii</i>	Calanguinho	X	
<i>Colobosaura modesta</i>	Bíblia ou briba	X	X
<i>Micrablepharus atticolus</i>	Bíblia ou briba	X	
<i>Micrablepharus maximiliani</i>	Bíblia ou briba	X	X
POLYCHROTIDAE (3)			
<i>Polychrus acutirostris</i>	Lagarto-preguiça	X	X
<i>Anolis chrysolepis</i>	Papa-vento	X	X
<i>Anolis meridionalis</i>	Papa-vento	X	
SCINCIDAE (3)			
<i>Mabuya bistrata</i>	Calango-liso	X	X
<i>Mabuya frenata</i>	Calango-liso	X	X
<i>Mabuya nigropunctata</i>	Calango-liso		X
TEIIDAE (4)			
<i>Ameiva ameiva</i>	Calango-verde	X	X
<i>Cnemidophorus ocellifer</i>	Calanguinho-do-cerrado	X	X
<i>Tupinambis merianae</i>	Teiú-açu	X	X
<i>Tupinambis quadrilineatus</i>	Teiú	X	X
TROPIDURIDAE (4)			
<i>Tropidurus itambere</i>	Calango	X	
<i>Tropidurus oreadicus</i>	Calango	X	X
<i>Tropidurus montanus</i>	Calango	X	
<i>Tropidurus torquatus</i>	Calango	X	X
AMPHISBAENIDAE (6)			
<i>Amphisbaena alba</i>	Cobra-de-duas-cabeças	X	X
<i>Amphisbaena anaemariae</i>	Cobra-de-duas-cabeças	X	X
<i>Amphisbaena fuliginosa</i>	Cobra-de-duas-cabeças	X	
<i>Amphisbaena mensae</i>	Cobra-de-duas-cabeças	X	
<i>Amphisbaena vermicularis</i>	Cobra-de-duas-cabeças	X	X
<i>Leposternon infraorbitale</i>	Cobra-de-duas-cabeças	X	

Fonte: NATURAE, 2002

Tabela 5.2-24- Espécies de serpentes de provável ocorrência na região de Uruaçu, GO, com nome popular e localidade do registro (SM = UHE Serra da Mesa, GO; CB = UHE Cana Brava, GO).

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
ANILIIDAE (1)			
<i>Anilius scytale</i>	Coral falsa	X	
ANOMALEPIDIDAE (1)			
<i>Liotyphlops beui</i>	Cobra-de-vidro	X	
BOIDAE (4)			
<i>Boa constrictor</i>	Jibóia	X	X
<i>Corallus hortulanus</i>	Periquitambóia	X	
<i>Epicrates cenchria</i>	Jibóia-arco-íris	X	X
<i>Eunectes murinus</i>	Sucuri	X	X
COLUBRIDAE (47)			
<i>Apostolepis assimilis</i>	Coral falsa	X	
<i>Apostolepis flavotorquata</i>	Coral falsa	X	
<i>Apostolepis</i> sp.1	Coral falsa	X	
<i>Apostolepis</i> sp.2	Coral falsa	X	
<i>Apostolepis</i> sp.3	Coral falsa	X	
<i>Atractus pantosticus</i>	Cobra	X	X
<i>Chironius exoletus</i>	Cobra-cipó	X	
<i>Chironius flavolineatus</i>	Cobra-cipó	X	X
<i>Chironius quadricarinatus</i>	Cobra-cipó	X	
<i>Clelia plumbea</i>	Muçurana	X	X
<i>Dipsas indica</i>	Cobra	X	
<i>Drymarchon corais</i>	Papa-pinto	X	X
<i>Drymoluber brazili</i>	Cobra	X	
<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	Coral falsa	X	X
<i>Helicops angulatus</i>	Cobra-dágua	X	X
<i>Hydrodynastes bicinctus</i>	Surucucu-do-brejo	X	
<i>Hydrodynastes gigas</i>	Surucucu-do-brejo	X	
<i>Imantodes cechoa</i>	Dormideira	X	X
<i>Leptodeira anullata</i>	Dormideira	X	X
<i>Liophis almadensis</i>	Corre-campo	X	
<i>Liophis dilepis</i>	Corre-campo	X	X
<i>Liophis paucidens</i>	Corre-campo	X	X
<i>Liophis poecilogyus</i>	Cobra-dágua	X	X
<i>Liophis reginae</i>	Cobra-dágua	X	X
<i>Liophis</i> sp.	Cobra-dágua	X	
<i>Lystrophis histricus</i>	Cobra-dágua	X	
<i>Mastigodryas bifossatus</i>	Jararacuçu-do-brejo	X	X
<i>Mastigodryas boddaerti</i>	Jararacuçu-do-brejo	X	
<i>Oxybelis aeneus</i>	Bicuda	X	
<i>Oxyrhopus rhombifer</i>	Coral falsa	X	
<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	Coral falsa	X	X
<i>Phyllodrias nattereri</i>	Corre-campo	X	X
<i>Phyllodrias olfersii</i>	Cobra-cipó	X	X
<i>Phimophis guerini</i>	Corre-campo	X	X
<i>Pseudablades agassizi</i>	Cobra	X	
<i>Pseudoboa coronata</i>	Coral falsa	X	
<i>Pseudoboa nigra</i>	Coral falsa	X	
<i>Psomophis joberti</i>	Cobra	X	
<i>Rachidelus brazili</i>	Cobra	X	
<i>Simophis rhinostoma</i>	Cobra	X	
<i>Sibynomorphus mikanii</i>	Coral falsa	X	X
<i>Spilotes pullatus</i>	Caninana	X	
<i>Taeniophallus occipitalis</i>	Cobra	X	X
<i>Tantilla melanocephala</i>	Coral falsa	X	X
<i>Thamnodynastes strigilis</i>	Jararaquinha	X	
<i>Waglerophis merremi</i>	Achatadeira, boipeva	X	X
<i>Xenopholis undulatus</i>	Coral falsa	X	
ELAPIDAE (2)			
<i>Micrurus frontalis</i>	Coral verdadeira	X	X

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
<i>Micrurus lemniscatus</i> LEPTOTYPHLOPIDAE (1)	Coral verdadeira	X	
<i>Leptotyphlops koppersi</i> TYPHLOPIDAE (1)	Cobra-de-vidro	X	X
<i>Typhlops brongersmianus</i> VIPERIDAE (3)	Cobra-de-vidro	X	
<i>Bothrops moojeni</i>	Jararaca; jararacuçu	X	X
<i>Bothrops newvidi</i>	Jararaca-pintada	X	
<i>Crotalus durissus</i>	Cascavel	X	X

Fonte: NATURAE, 2002

Tabela 5.2-25- Espécies de jacaré e tartarugas de provável ocorrência na região de Uruaçu, GO, com nome popular e localidade do registro (SM = UHE Serra da Mesa, GO; CB = UHE Cana Brava, GO).

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
CROCODYLIA			
ALLIGATORIDAE (2)			
<i>Caiman crocodilus</i>	Jacaré-tinga	X	
<i>Paleosuchus palpebrosus</i>	Jacaré-coroa	X	X
TESTUDINES			
TESTUDINIDAE (1)			
<i>Chelonoides carbonaria</i>	Jabuti	X	X
CHELIDAE (2)			
<i>Phrynops geoffranus</i>	Cágado	X	X
<i>Phrynops gibbus</i>	Cágado	X	
PELOMEDUSIDAE (1)			
<i>Podocnemis unifilis</i>	Tracajá		X

Fonte: NATURAE, 2002

Região II

A lista de espécies de répteis e anfíbios apresentada pelo Projeto Corredor Ecológico Bananal-Araguaia, indica um total de 142 espécies, sendo 19 espécies de anfíbios, distribuídas nas famílias Bufonidae (5), Hylidae (7), Leptodactylidae (6) e Microhylidae (1); 09 espécies de lagartos, distribuídas nas famílias Gekkonidae (2), Iguanidae (1), Polychrotidae (1), Scincidae (1), Teiidae (3), Tropiduridae (1); 18 espécies de serpentes distribuídas nas famílias Boidae (5), Colubridae (8), Elapidae (1) e Viperidae (4), além de duas espécies de jacarés (*Caiman crocodylus* e *Melanosuchus niger*) e três de quelônios (*Podocnemis expansa*, *Podocnemis unifilis* e *Chelus fimbriatus*).

Poucos estudos sobre a herpetofauna da região foram realizados, no entanto estes, indicam uma fauna composta predominantemente de espécies do Cerrado com algumas espécies típicas da Amazônia.

Várias espécies registradas são comuns em áreas de Cerrado, normalmente possuem ampla distribuição geográfica, ocorrendo também em outros biomas, e muitas delas são generalistas em termos de uso do habitat.

Entre os anfíbios, podemos citar o sapo-cururu (*Bufo schneiderii*), várias pererecas (*Hyla raniceps*), e algumas rãs (*Leptodactylus ocellatus* e *Physalaemus cuvieri*)

Entre os répteis, alguns exemplos de espécies relativamente comuns e que possuem ampla distribuição geográfica são os lagartos *Ameiva ameiva*, a *Mabuya nigropunctata*, o calango *Tropidurus oreadicus*, a sucuri *Eunectes murinus* e a periquitambóia *Corallus hortulanus*.

Podemos destacar também, a presença de espécies amazônicas como o teiú ou jacuraru (*Tupinambis teguixin*), o calango-da-mata (*Kentropyx calcarata*), e a serpente surucucu-pico-de-jaca (*Lachesis* sp.).

Tabela 5.2-26. Espécies de anfíbios registradas na região do corredor Bananal-Araguaia.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
HYLIDAE
<i>Hyla microcephala</i>
<i>Hyla melanargyrea</i>
<i>Hyla raniceps</i>
<i>Phrynohyas venulosa</i>
<i>Phyllomedusa hypochondrialis</i>
<i>Scinax gr. ruber</i>
<i>Scinax cf. staufferi</i>
LEPTODACTYLIDAE
<i>Adenomera cf. bokermanni</i>
<i>Leptodactylus mistacinus</i>
<i>Leptodactylus ocellatus</i>
<i>Leptodactylus podicipinus</i>
<i>Leptodactylus pustulosus</i>
<i>Physalaemus cuvieri</i>
BUFONIDAE
<i>Bufo guttatus</i>
<i>Bufo marinus</i>
<i>Bufo ocellatus</i>
<i>Bufo rufus</i>
<i>Bufo paracnemis</i>
MICROHYLIDAE
<i>Elaschistocleis</i> sp.

Tabela 5.2-27. Espécies de lagartos registradas na região do corredor Bananal-Araguaia.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
IGUANIDAE
<i>Iguana iguana</i>
TROPIDURIDAE
<i>Tropidurus torquatus</i>
POLYCHROTIDAE
<i>Norops nitens</i>
GEKKONIDAE
<i>Gonatodes humeralis</i>
<i>Hemidactylus mabouia</i>
TEIIDAE

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
<i>Ameiva ameiva</i>
<i>Kenthopix calcaratus</i>
<i>Tupinambis teguixin</i>
SCINCIDAE
<i>Mabuya frenata</i>

Tabela 5.2-28. Espécies de serpentes registradas na região do corredor Bananal-Araguaia.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
COLUBRIDAE
<i>Apostolepis</i> sp.
<i>Atractus pantos</i>
<i>Liophis miliaris</i>
<i>Liophis reginae</i>
<i>Oxyrhopus</i> sp.
<i>Philodrias</i> sp.
<i>Waglerophis ricardinii</i>
<i>Spillotes pullatus</i>
ELAPIDAE
<i>Micrurus</i> sp.
BOIDAE
<i>Boa constrictor</i>
<i>Epicrates cenchria</i>
<i>Corallus hortulanus</i>
<i>Corallus caninus</i>
<i>Eunectes murinus</i>
VIPERIDAE
<i>Crotalus durissus</i>
<i>Bothrops moojeni</i>
<i>Bothrops neuwiedi</i>
<i>Lachesis</i> sp.

Tabela 5.2-29. Espécies de jacarés e quelônios registradas na região do corredor Bananal-Araguaia.

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES
CROCODILIA
ALLIGATORIDAE
<i>Caiman crocodylus</i>
<i>Melanosuchus niger</i>
CHELONIA
PELOMEDUZIDAE
<i>Podocnemis expansa</i>
<i>Podocnemis unifilis</i>
CHELIDAE
<i>Chelus fimbriatus</i>

Região IV

A lista de espécies de répteis e anfíbios apresentada para a região do Xingu, indica um total de 142 espécies, sendo 68 espécies de anfíbios, distribuídas nas famílias Aromobatidae (2), Bufonidae (5), Caeciliidae (2), Centrolenidae (2), Ceratophryidae (1), Cycloramphidae (1), Dendrobatidae (3), Hylidae (31), Leiuperidae (2), Leptodactylidae (12), Microhylidae (5) e Strabomantidae (2); 37 espécies de lagartos, distribuídas nas famílias Gekkonidae (7), Gymnophthalmidae (10), Iguanidae (1), Polychrotidae (6), Scincidae (2), Teiidae (6), Tropiduridae (5) e quatro espécies de Amphisbaenidae; 18 espécies de serpentes distribuídas nas famílias Aniliidae (1), Anomalepididae (2), Boidae (5), Colubridae (64), Elapidae (5), Leptotyphlopidae (1), Typhlopidae (2) e Viperidae (5).

Os estudos sobre a herpetofauna realizados na região, indicam uma fauna com forte influência amazônica. Podemos citar como exemplos, os anfíbios *Hypsiboas boans*, *Osteocephalus taurinus*, *Phyllomedusa bicolor*, *Allophryne ruthveni*, *Adelphobates castaneoticus* e a *Microcaecilia* sp.; os lagartos *Thecadactylus rapicauda*, *Alopoglossus angulatus*, *Neusticurus ecleopus*, *Polychrus marmoratus*, *Crocodylus amazonicus* e o *Uranoscodon superciliosus*; além das serpentes *Corallus caninus*, *Oxybelis fulgidus*, *Micrurus paraensis*, *Bothriopsis bilineatus* e a *Bothrops brazili*.

Tabela 5.2-30. Espécies de anfíbios registradas na região do médio-baixo rio Xingu - MT.

Fonte: Complexo Hidrelétrico Belo Monte – Estudo de Impacto Ambiental (Eletronorte, 2001). Leme Engenharia Ltda.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
BUFONIDAE
<i>Rhinella castaneotica</i>
<i>Rhinella</i> gr. <i>margaritifera</i>
<i>Rhinella granulosa</i>
<i>Rhinella marina</i>
<i>Rhaebo guttatus</i>
CERATOPHRYIDAE
<i>Ceratophrys cornuta</i>
CYCLORAMPHIDAE
<i>Proceratophrys</i> sp.
LEPTODACTYLIDAE
<i>Leptodactylus fuscus</i>
<i>Leptodactylus leptodactyloides</i>
<i>Leptodactylus lineatus</i>
<i>Leptodactylus longirostris</i>
<i>Leptodactylus macrosternum</i>
<i>Leptodactylus mystaceus</i>
<i>Leptodactylus paraensis</i>
<i>Leptodactylus pentadactylus</i>
<i>Leptodactylus petersii</i>
<i>Leptodactylus podicipinus</i>
<i>Leptodactylus rhodomystax</i>
<i>Leptodactylus</i> sp. (<i>Adenomera</i> sp.)
STRABOMANTIDAE
<i>Pristimantis fenestratus</i>

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Pristimantis cf. marmoratus

HYLIDAE

Dendropsophus brevifrons

Dendropsophus leucophyllatus

Dendropsophus melanargyreus

Dendropsophus schubarti

Dendropsophus sp.

Dendropsophus sp.

Dendropsophus sp.

Hypsiboas boans

Hypsiboas calcaratus

Hypsiboas cinerascens

Hypsiboas fasciatus

Hypsiboas geographicus

Hypsiboas multifasciatus

Hypsiboas raniceps

Hypsiboas wavrini

Osteocephalus oophagus

Osteocephalus leprieurii

Osteocephalus sp.

Osteocephalus taurinus

Phyllomedusa bicolor

Phyllomedusa hypochondrialis

Phyllomedusa vaillantii

Scinax boesemani

Scinax cruentommus

Scinax fuscomarginatus

Scinax garbei

Scinax nebulosus

Scinax ruber

Scinax cf. x-signatus

Trachycephalus resinifictrix

Trachycephalus venulosus

CENTROLENIDAE

Allophryne ruthveni

Hyalinobatrachium sp.

AROMOBATIDAE

Allobates crombiei

Allobates femoralis

LEIUPERIDAE

Engystomops petersi

Physalaemus ephippifer

DENDROBATIDAE

Adelphobates castaneoticus

Ameerega hahneli

Adelphobates galactonotus

MICROHYLIDAE

Chiasmocleis sp.

Chiasmocleis jimi

Ctenophryne geayi

Elachistocleis ovalis

Hamptophryne boliviana

CAECILIIDAE

Microcaecilia sp.

Potomotyphlus kaupii

Tabela 5.2-31. Espécies de lagartos registradas na região do médio-baixo rio Xingu - MT.

Fonte: Complexo Hidrelétrico Belo Monte – Estudo de Impacto Ambiental (Eletronorte, 2001).

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
AMPHISBAENIDAE
<i>Amphisbaena alba</i>
<i>Amphisbaena fuliginosa</i>
<i>Amphisbaena mitchelli</i>
<i>Bronia brasiliiana</i>
GEKKONIDAE
<i>Coleodactylus amazonicus</i>
<i>Gonatodes hasemani</i>
<i>Gonatodes humeralis</i>
<i>Gonatodes sp.</i>
<i>Lepidoblepharis heyerorum</i>
<i>Pseudogonatodes guianensis</i>
<i>Thecadactylus rapicauda</i>
GYMNOPHTHALMIDAE
<i>Alopoglossus angulatus</i>
<i>Arthrosaura kockii</i>
<i>Arthrosaura reticulata</i>
<i>Bachia flavescens</i>
<i>Cercosaura ocellata</i>
<i>Cercosaura argulus</i>
<i>Leposoma percarinatum</i>
<i>Neusticurus eupleopus</i>
<i>Ptychoglossus brevifrontalis</i>
<i>Tretioscincus agilis</i>
IGUANIDAE
<i>Iguana iguana</i>
POLYCHROTIDAE
<i>Anolis fuscoauratus</i>
<i>Anolis ortonii</i>
<i>Anolis punctatus</i>
<i>Anolis trachyderma</i>
<i>Enyalius leechii</i>
<i>Polychrus marmoratus</i>
SCINCIDAE
<i>Mabuya nigropunctata</i>
<i>Mabuya bistrata</i>
TEIIDAE
<i>Ameiva ameiva</i>
<i>Cnemidophorus cryptus</i>
<i>Crocodylus amazonicus</i>
<i>Kentropyx altamazonica</i>
<i>Kentropyx calcarata</i>
<i>Tupinambis teguixin</i>
TROPIDURIDAE
<i>Plica umbra</i>
<i>Plica plica</i>
<i>Tropidurus oreadicus</i>
<i>Uracentron azureum</i>
<i>Uranoscodon superciliosus</i>

Tabela 5.2-32. Espécies de serpentes registradas na região do Médio-Baixo Rio Xingú - MT. Fonte: Complexo Hidrelétrico Belo Monte – Estudo de Impacto Ambiental (Eletronorte, 2001).

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
ANILIIDAE
<i>Anilius scytale</i>
ANOMALEPIDIDAE
<i>Liotyphlops ternetzii</i>
<i>Typhlophis squamosus</i>
BOIDAE
<i>Boa constrictor</i>
<i>Corallus caninus</i>
<i>Corallus hortulanus</i>
<i>Epicrates cenchria</i>
<i>Eunectes murinus</i>
COLUBRIDAE
<i>Apostolepis pyrami</i>
<i>Atractus albuquerquei</i>
<i>Atractus alphonsehogei</i>
<i>Atractus major</i>
<i>Atractus schach</i>
<i>Atractus snethlageae</i>
<i>Chironius exoletus</i>
<i>Chironius fuscus</i>
<i>Chironius multiventris</i>
<i>Chironius scurrulus</i>
<i>Clelia clélia</i>
<i>Dendrophidion dendrophis</i>
<i>Dipsas catesbyi</i>
<i>Dipsas indica</i>
<i>Dipsas pavonina</i>
<i>Dipsas variegata</i>
<i>Drepanoides anomalus</i>
<i>Drymarchon corais</i>
<i>Drymoluber dichrous</i>
<i>Erythrolamprus aesculapii</i>
<i>Helicops angulatus</i>
<i>Helicops hagmanni</i>
<i>Helicops leopardinus</i>
<i>Helicops polylepis</i>
<i>Helicops trivittatus</i>
<i>Hydrodynastes bicinctus</i>
<i>Hydrops martii</i>
<i>Hydrops triangularis</i>
<i>Imantodes cenchoa</i>
<i>Imantodes lentiferus</i>
<i>Leptodeira annulata</i>
<i>Leptophis ahaetulla</i>
<i>Liophis cobellus</i>
<i>Liophis miliaris</i>
<i>Liophis oligolepis</i>
<i>Liophis reginae</i>
<i>Liophis typhlus</i>
<i>Mastigodryas bifossatus</i>
<i>Mastigodryas boddaerti</i>
<i>Oxybelis aeneus</i>
<i>Oxybelis fulgidus</i>
<i>Oxyrhopus formosus</i>
<i>Oxyrhopus melanogenys</i>
<i>Oxyrhopus petola</i>
<i>Oxyrhopus trigeminus</i>
<i>Philodryas olfersii</i>
<i>Philodryas viridissimus</i>
<i>Pseudoboa coronata</i>

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Pseudoeryx plicatilis
Pseustes poecilonotus
Pseustes sulphureus
Rhinobothryum lentiginosum
Sibon nebulata
Siphlophis cervinus
Siphlophis compressus
Spilotes pullatus
Taeniophallus brevirostris
Tantilla melanocephala
Thamnodynastes strigilis
Waglerophis merremii
Xenodon rabdocephalus
Xenodon severus
Xenopholis scalaris
Xenoxybelis argenteus

ELAPIDAE

Micrurus hemprichii
Micrurus lemniscatus
Micrurus paraensis
Micrurus spixii
Micrurus surinamensis

LEPTOTYPHLOPIDAE

Leptotyphlops albifrons

TYPHLOPIDAE

Typhlops brongersmianus
Typhlops reticulatus

VIPERIDAE

Bothriopsis bilineatus
Bothriopsis taeniatus
Bothrops atrox
Bothrops brazili
Lachesis muta

Região VI

O estudo da herpetofauna realizado em Vilhena pelo projeto "Estrutura e dinâmica da biota de isolados naturais e antrópicos de Cerrado: lições para a biologia da conservação" foi direcionado para o aprofundamento de conhecimento em poucas espécies de lagartos, e não teve como objetivo geral o inventário geral de espécies. Não foram apresentadas listas para os outros grupos de répteis (serpentes, crocodilianos e tartarugas) e nem para os anfíbios.

Foram registradas um total de 14 espécies. Dentre essas espécies, sete possuem ampla distribuição geográfica, ocorrendo em mais de um bioma, *Ameiva ameiva*, *Anolis meridionalis*, *Mabuya nigropunctata*, *Polychrus acutirostris* e *Tupinambis merianae*.

Outras espécies como *Kentropyx altamazonica*, *K. vanzoi*, *Iphisa elegans* e *Bachia cacerensis* são mais restritos à Amazônia ou ao Mato Grosso.

Podemos destacar ainda, que a partir deste estudo realizado em Vilhena, foi descoberto e descrito uma espécie nova de lagarto, o *Cnemidophorus parecis*,

endêmico da região, além de uma espécie de *Stenocercus* ainda não identificada ao nível de espécie.

Tabela 5.2-33 Espécies de répteis coletados em Vilhena, RO.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
GYMNOPHTHALMIDAE
<i>Bachia cacerensis</i>
<i>Cercosaura eigenmanni</i>
<i>Iphisa elegans</i>
<i>Micrablepharus atticolus</i>
POLYCHROTIDAE
<i>Anolis meridionalis</i>
<i>Polychrus acutirostris</i>
SCINCIDAE
<i>Mabuya frenata</i>
<i>Mabuya nigropunctata</i>
TEIIDAE
<i>Ameiva ameiva</i>
<i>Cnemidophorus parecis</i>
<i>Kentropyx altamazonica</i>
<i>Kentropyx vanzoi</i>
<i>Tupinambis merianae</i>
TROPIDURIDAE
<i>Stenocercus</i> sp.

5.2.4.1.2.4 AVIFAUNA

Por cortar transversalmente sucessivos interflúvios amazônicos, a área de influência da Ferrovia 354 é notória por corresponder à região das maiores diversidade de aves do mundo: a Amazônia. Assim foram inventariadas na região 866 espécies de aves, distribuídas em 77 famílias.

As maiores riquezas de espécies são encontradas nas famílias tipicamente neotropicais, sobretudo naquelas com notória diversidade na Amazônia. A família dos bem-te-vis, suiriris, papa-moscas e afins (Tyrannidae) foi a com maior número de espécies, 116 taxa, seguida pelos Thamnophilidae, família dos papa-formigas, com 62 espécies. Ambas são famílias de pequenas aves preferencialmente insetívoras, bastante abundantes nas formações florestais da região Neotropical. Ressalta-se o elevado número de beija-flores registrados (44 espécies), uma proporção relativamente alto destas aves ecologicamente importantes na função de polinização das plantas angiospermas. Outros grupos de aves também foram abundantes, tais como gaviões e águias (família Accipitridae, 34 spp), periquitos, papagaios e araras (Psittacidae, 42 spp), saíras e sanhaços (Thraupidae, 42 spp), e coleiros e tico-ticos (Emberizidae, 34 spp). Todos estes grupos sendo abundantes na região, já refletem o nível de complexidade das comunidades de aves locais, visto que estão incluídos

variados grupos com funções ecológicas fundamentais, tais como animais frugívoros, granívoros e de topo de cadeia alimentar (aves rapinas) .

Comparando-se as regiões a serem amostradas, nota-se uma maior diversidade de aves para a região 5 da bacia do Tapajós, que apresentou 687 espécies inventariadas, o que corresponde a 79% do total de aves listadas para a área de estudo. Em seguida vem a região 2 do Rio Araguaia que, com 616 espécies de aves (71%), sugere apresentar elevada diversidade de animais. Esta região congela áreas de transição entre os dois biomas: Cerrado e a Amazônia, o que acarreta em alta riqueza de aves típicas dos dois centros de distribuição. A região 4 das Cabeceiras do Alto Xingu, também mostrou-se bastante diversificada, possuindo 456 espécies de aves catalogadas, o que equivale a mais de 50% do total de espécies.

Outras duas regiões tiveram valores compatíveis com bons inventários de aves, porém inferiores as demais regiões apresentadas, sendo que na região 1 de Santa Teresinha do Goiás foram anotadas 307 espécies de aves (35%) e na região 3 do Rio das Mortes, 337 espécies (39%). A região 6 Vilhena, RO possui um histórico mais escasso de estudos ornitológicos, com apenas 145 táxons registrados. Em função disso, ressalta-se a importância de se despendere esforços de campo para se coletar dados primários, principalmente, na grande abrangência da área de estudo.

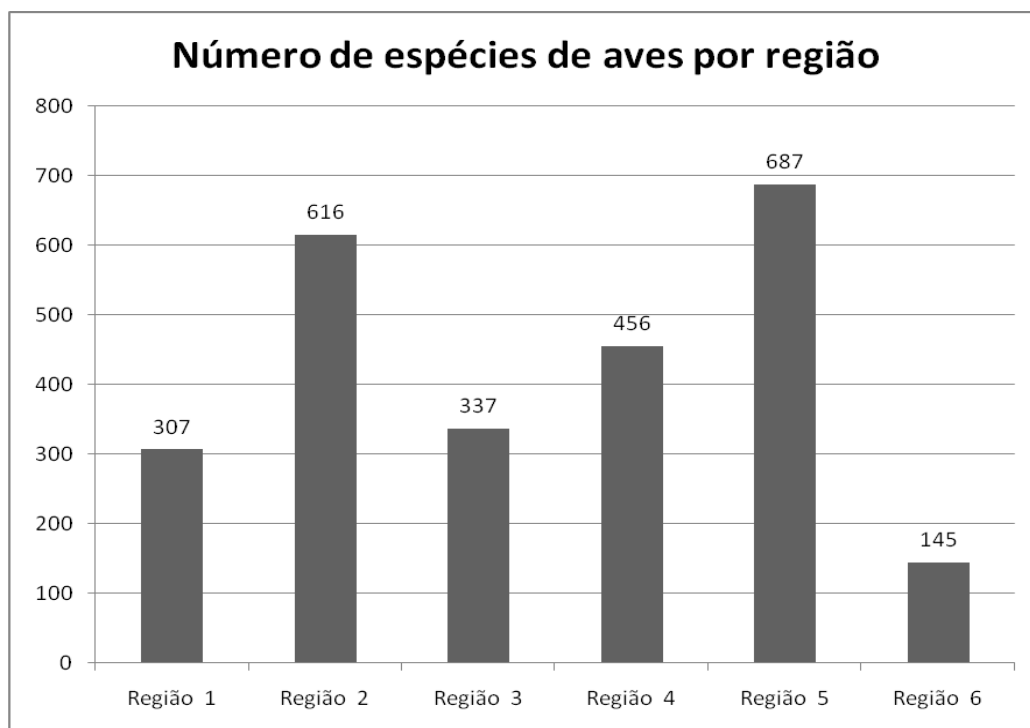


Figura 5.2-59 Riqueza de espécies de aves por região de amostragem.

Região I

Para a região de Uruaçu, GO, foram listadas 307 espécies de aves de provável ocorrência (Tabela 06). Essas espécies de aves representam 36,7% do total de espécies de aves registradas para o Cerrado (Silva, 1995b), uma proporção relativamente alta se comparada a outros inventários de aves realizados no Estado de Goiás, como p.ex.: no Parque Nacional de Emas (130.000ha), foram registradas cerca de 350 espécies de aves (Hass, com. pessoal), e no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (60.000ha), foram encontradas 305 aves distintas (Reinert *et al.*, 1997; Antas, 1999).

A região de Uruaçu engloba uma grande variedade de formas fitofisionômicas típicas do Cerrado, algumas de distribuição pontual e restrita, como o cerradão e as matas secas, que certamente abrigam uma diversidade considerável da biota silvestre do Cerrado. Outras áreas do Cerrado que possuem levantamentos ornitológicos exaustivos, apresentam valores de riqueza de aves comparáveis, como, por exemplo, Parque Nacional de Brasília, 279 espécies em cerca de 30.000ha (Antas, 1995; Braz & Cavalcanti, 2001), Área de Proteção Ambiental (APA) Gama/Cabeça de Veado, DF, com 308 espécies de aves em cerca de 10.000ha (Negret, 1983; CDT, 2004), APA do Cafuringa, DF, com 261 espécies em 46.510ha (Bagno *et al.*, 2006) e Estação Ecológica de Águas Emendadas, 307 aves em cerca de 8.000ha (Bagno, 1998; Lopes, 2005).

Das aves inventariadas, a família Tyrannidae (dos bem-te-vis, suiriris e papa-moscas) foi a que apresentou maior riqueza 48 espécies, seguida dos Thraupidae (sanhaços e saíras) (21 spp), Accipitridae (gaviões) (17spp) e Psittacidae (araras, periquitos, papagaios e afins) (14 spp).

Espécies Ameaçadas

Atualmente, a destruição, a degradação e a fragmentação de habitats têm sido os principais fatores da extinção de inúmeras espécies vegetais e animais. A proteção dos ecossistemas parece ser uma forma de efetivamente manter a biodiversidade. Destacamos a seguir algumas espécies da avifauna ameaçadas a nível nacional e mundial (MMA, 2003; Biodiversitas, 2003; IUCN, 2006).

Espécie próxima de ser considerada ameaçada (IUCN, 2006), a maior ave brasileira, a Ema (*Rhea americana*) vive em bandos em formações campestres, considerada relativamente comum em grandes áreas agro-pastoris (Sick, 1997). Onívora, esta espécie tem grande importância ecológica como dispersora de sementes e por controlar populações de insetos e plantas daninhas. As principais ameaças à

conservação desta espécie são: caça predatória, que visa geralmente à utilização da carne e das penas; e a utilização de agrotóxicos, que podem causar a morte de indivíduos devido à ingestão de sementes contaminadas (Machado *et al.*, 1998; Birdlife International, 2006). A sua criação comercial, viável economicamente, surge como alternativa a se evitar os riscos de extinção para a espécie.

Outras duas espécies são tidas como próximas de serem consideradas ameaçadas (“near-dangered”): o sanhaço-do-cerrado (*Neothraupis fasciata*) e a bandoleta (*Cypsnagra hirundinacea*)

Uma outra espécie é tida como rara, o mutum-de-penacho (*Crax fasciolata*), Cracidae, galináceo silvestre raro localmente devido a elevada pressão de caça na região, atividade hoje tida como ilegal.

Espécies Endêmicas

O bioma Cerrado apresenta um total de 36 espécies de aves endêmicas (Silva, 1995, 1997; Cavalcanti, 1999; Macedo, 2002; Silva e Bates, 2002). Destacamos a seguir algumas espécies endêmicas listadas para a região de Uruaçu, GO.

Tabela 5.2-34 Espécies de aves endêmicas com ocorrência para a região de Uruaçu, GO. Espécies endêmicas de: (CER) Cerrado, segundo (Silva, 1995, 1997; Cavalcanti, 1999; Silva e Bates, 2002; Macedo, 2002) e (BR) Brasil, segundo Sick (1997).

Família	nome científico	nome popular	Endêmico
Bucconidae	<i>Nystalus maculatus</i>	rapazinho-dos-velhos	BR
Thamnophilidae	<i>Herpsilochmus longirostris</i>	chorozinho-de-bico-comprido	CER
Pipridae	<i>Antilophia galeata</i>	Soldadinho	CER
Corvidae	<i>Cyanocorax cristatellus</i>	gralha-do-campo	CER
Corvidae	<i>Cyanocorax cyanopogon</i>	gralha-cancã	BR
Cardinalidae	<i>Saltator atricollis</i>	bico-de-pimenta	CER

Espécies Endêmicas do Cerrado

1) *Herpsilochmus longirostris* (chorozinho-de-bico-comprido), Thamnophilidae.

Esta espécie habita os níveis baixos e sub-bosque de matas de galeria e matas decíduas (Ridgely e Tudor, 1994). Quando canta abana a longa cauda exibindo as pontas brancas das retrizes. Sua distribuição vai do Piauí, Goiás, Mato Grosso até o Paraná; e também ocorre na Bolívia (Sick, 1997).

2) *Antilophia galeata* (soldadinho), Pipridae.

Espécie associada a ambientes florestais (matas de galeria, matas secas e cerradão). Espécie notável do Brasil central, de aspecto diverso pelo grande tufo ou topete frontal. A fêmea é verde-escura com topete apenas esboçado, enquanto o macho é

preto com o topete vermelho. Espécie típica das matas da região, mas que eventualmente é vista forrageando em áreas de cerrado aberto próximo as matas (Tubelis, 2004). Sua dieta é composta basicamente por frutos e uma fração por artrópodes, sendo identificadas 17 espécies de frutos consumidos pelo soldadinho (Marini, 1992). Habita a mata de galeria, capões, mata em terreno pantanoso, buritizais, e tem distribuição no Maranhão, Piauí, Bahia, Mato Grosso, Goiás, oeste de Minas Gerais, Paraná e também no Paraguai (Sick, 1997).

3) *Cyanocorax cristatellus* (gralha-do-campo), Corvidae.

Em geral, é encontrada em áreas de cerrado e também de campo (Sick, 1997), mas também habitam ambientes alterados por pastagens e plantações, desde que tenha uma certa densidade de espécies arbóreas intercaladas (Amaral, 2001). Apresenta ampla distribuição pela porção central do Brasil e também no extremo noroeste do continente, no Paraguai (Ridgely e Tudor, 1989). Nidifica em áreas de cerrado *sensu stricto*, utilizando principalmente *Caryocar brasiliense* (pequizeiro). A alimentação desta espécie, consiste basicamente de insetos (47%), frutos (40%) e néctar (12%), podendo ser importantes dispersores de sementes no Cerrado devido aos extensos deslocamentos que fazem; e há alta frequência de indivíduos em sentinela durante o período de atividade diurna (Amaral, 2001).

4) *Saltator atricollis* (bico-de-pimenta), Cardinalidae.

Esta espécie habita o cerrado e paisagens abertas, desce no solo e nas estradas, onde costuma forragear (Sick, 1997). Durante a estação reprodutiva, costuma andar em bandos, e alguns indivíduos ficam de sentinelas contra possíveis predadores (Ragusa-Netto, 2001). Ocorre no Paraguai, Bolívia e Brasil, de Mato Grosso e Goiás ao interior do Nordeste (Ridgely e Tudor, 1989; Sick, 1997). Apresenta sensibilidade média à alteração de *habitats*, e se trata de uma espécie importante para a pesquisa (Stotz *et al.*, 1996), por haver poucos estudos de sua biologia.

Espécies Endêmicas do Brasil

1) *Nystalus maculatus* (rapazinho-dos-velhos), Bucconidae.

Espécie comum na Caatinga, habita mata baixa e seca, ocorre do Mato Grosso ao Maranhão, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais (Sick, 1997). No Sudeste, expande sua área de ocorrência devido à destruição das florestas (Sigrist, 2006).

2) *Cyanocorax cyanopogon* (gralha-cancã), Corvidae.

Esta espécie ocorre em cerrado denso, cerradão e lugares não muito fechados da mata de galeria e da Caatinga, em todo o Brasil centro-oriental (Sick, 1997). Sua vocalização é bem variada, chega a imitar outras aves.

Tabela 5.2-35 Espécies de aves de provável ocorrência na região de Uruaçu, GO, com nome popular e localidade do registro (SM = UHE Serra da Mesa, GO; CB = UHE Cana Brava, GO).

FAMILIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
RHEIDAE (1)			
<i>Rhea americana</i>	Ema	X	X
TINAMIDAE (6)			
<i>Crypturellus parvirostris</i>	Inhambu-xororó	X	X
<i>Crypturellus soui</i>	Tururim	X	X
<i>Crypturellus tataupa</i>	Inhambu-xintã		X
<i>Crypturellus undulatus</i>	Jaó	X	X
<i>Rhynchotus rufescens</i>	Perdiz	X	X
<i>Nothura maculosa</i>	Codorna	X	X
ANATIDAE (3)			
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Marreca-ananaí	X	X
<i>Cairina moschata</i>	Pato-do-mato	X	X
<i>Dendrocygna viduata</i>	Irerê	X	X
THRESKIORNITHIDAE (2)			
<i>Ajaia ajaia</i>	Colhereiro	X	
<i>Theristicus caudatus</i>	Curicaca	X	X
CICONIIDAE (1)			
<i>Euxenura maguari</i>	Maguari	X	X
PHALACROCORACIDAE (1)			
<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	Biguá (mergulhão)	X	X
ANHINGIDAE (1)			
<i>Anhinga anhinga</i>	Biguatinga	X	X
ARDEIDAE (10)			
<i>Ardea cocoi</i>	Garça-moura	X	X
<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-vaqueira	X	X
<i>Butorides striatus</i>	Socozinho	X	X
<i>Casmerodius albus</i>	Garça-branca-grande	X	X
<i>Egretta caerulea</i>	Garça-azul		X
<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena	X	X
<i>Nycticorax nycticorax</i>	Socó-dorminhoco		X
<i>Pilherodius pileatus</i>	Garça-real	X	X
<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira	X	X
<i>Trigisoma lineatum</i>	Socó-boi	X	X
COCHLEARIDAE (1)			
<i>Cochlearius cochlearius</i>	Arapapá	X	X
CATHARTIDAE (3)			
<i>Cathartes aura</i>	Urubu-de-cabeça-vermelha	X	X
<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-comum	X	X
<i>Sarcorampus papa</i>	Urubu-rei	X	X
ACCIPITRIDAE (17)			
<i>Accipiter striatus</i>	Gavião-miúdo	X	X
<i>Asturina nitida</i>	Gavião-padrês	X	X
<i>Busarellus nigricollis</i>	Gavião-belo	X	X
<i>Buteo albicaudatus</i>	Gavião-de-rabo-branco	X	X
<i>Buteo albonotatus</i>	Gavião-de-rabo-barrado		X
<i>Buteogallus meridionalis</i>	Gavião-caboclo	X	X
<i>Buteogallus urubitinga</i>	Gavião-preto	X	X
<i>Elanus leucurus</i>	Gavião-peneira		X
<i>Gampsonyx swainsonii</i>	Gaviãozinho-branco	X	X
<i>Geranoaetus melanoleucus</i>	Águia-chilena	X	X
<i>Geranospiza caerulescens</i>	Gavião-pernilongo	X	X

FAMILIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
<i>Ictinia plumbea</i>	Gavião-sauveiro	X	X
<i>Leptodon cayanensis</i>	Gavião-cabeça-cinza	X	
<i>Leucopternis albigollis</i>	Gavião-branco	X	
<i>Rostrhamus sociabilis</i>	Gavião-caramujeiro		X
<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó	X	X
<i>Spizaetus ornatus</i>	Gavião-de-penacho	X	
FALCONIDAE (5)			
<i>Caracara plancus</i>	Cara-cará	X	X
<i>Falco rufigularis</i>	Gavião	X	
<i>Falco sparverius</i>	Quiri-quiri	X	X
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	Acauã	X	X
<i>Milvago chimachima</i>	Carrapateiro	X	X
CRACIDAE (2)			
<i>Crax fasciolata</i>	Mutum-de-penacho	X	X
<i>Penelope superciliosus</i>	Jacupemba	X	X
RALIDAE (4)			
<i>Aramides cajaneus</i>	Saracura-três-potes	X	X
<i>Laterallus melanophaius</i>	Sanã-parda	X	X
<i>Porphyrio martinica</i>	Frango-d'água-azul	X	X
<i>Porzana albigollis</i>	Sanã-carijó	X	
CARIAMIDAE (1)			
<i>Cariama cristata</i>	Seriema	X	X
JACANIDAE (1)			
<i>Jaçana jaçana</i>	Jaçana	X	X
CHARADRIIDAE (3)			
<i>Charadrius collaris</i>	Maçariquinho	X	X
<i>Vanellus cayanus</i>	Mexeriqueira	X	X
<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero	X	X
SCOLOPACIDAE (1)			
<i>Tringa flaviceps</i>	Maçarico	X	
RECURVIROSTRIDAE (1)			
<i>Himantopus mexicanus</i>	Perna-longa	X	
RYNCHOPIDAE (1)			
<i>Rynchops niger</i>	Talha-mar-preto	X	X
LARIDAE (1)			
<i>Sterna superciliosus</i>	Trinta-réis-anão		X
COLUMBIDAE (13)			
<i>Claravis pretiosa</i>	Pomba-de-espelho	X	X
<i>Columba cayennensis</i>	Pomba-galega	X	X
<i>Columba picaruzo</i>	Asa-branca	X	X
<i>Columba plumbea</i>	Pomba-amargosa		X
<i>Columbina minuta</i>	Rolinha		X
<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa	X	X
<i>Columbina picui</i>	Rolinha-branca	X	X
<i>Claravis pretiosa</i>	Juriti-azul	X	X
<i>Patagioenas picazuro</i>	Asa-branca	X	X
<i>Leptotila rufaxilla</i>	Juriti-gemeadeira	X	X
<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti	X	X
<i>Scardafella squammata</i>	Fogo-pagou	X	X
<i>Uropelia campestris</i>	Rolinha-vaqueira	X	X
PSITTACIDAE (14)			
<i>Ara ararauna</i>	Arara-canindé	X	X
<i>Ara maracana</i>	Maracã-verdadeira	X	X
<i>Aratinga aurea</i>	Periquito-rei	X	X
<i>Aratinga jandaya</i>	Jandaia	X	X
<i>Aratinga leucophthalmus</i>	Periquitão-maracanã	X	X
<i>Aratinga solstitialis</i>	Maracanã	X	
<i>Amazona aestiva</i>	Papagaio-verdadeiro	X	X
<i>Amazona amazonica</i>	Papagaio-do-mangue	X	X
<i>Brotogeris chiriri</i>	Maritaca	X	X
<i>Diopsittacus nobilis</i>	Maracanã-nobre	X	X
<i>Forpus xanthopterygius</i>	Pacu		X
<i>Pionus maximiliani</i>	Maitaca	X	
<i>Pionus menstruus</i>	Maritaca-de-cabeça-azul		X
<i>Salvatoria xanthops</i>	Papagaio-galego		X

FAMILIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
CUCULIDAE (6)			
<i>Coccyzus euleri</i>	Papa-lagarta-de-euler		X
<i>Coccyzus melacoryphus</i>	Papa-lagarta-acanelado	X	X
<i>Playa cayana</i>	Alma-de-gato	X	X
<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto	X	X
<i>Guira guira</i>	Anu-branco	X	X
<i>Tapera naevia</i>	Saci	X	X
TYTONIDAE (1)			
<i>Tyto alba</i>	Suindara	X	X
STRIGIDAE (5)			
<i>Asio clamator</i>	Coruja-orelhuda	X	
<i>Glaucidium brasilianum</i>	Caburezinho	X	X
<i>Megascops choliba</i>	Corujinha-do-mato	X	X
<i>Pulsatrix perspicillata</i>	Murucutu	X	X
<i>Speotyto cunicularia</i>	Coruja-buraqueira	X	X
NYCTIBIIDAE (1)			
<i>Nyctibius griseus</i>	Urutau	X	X
CAPRIMULGIDAE (6)			
<i>Caprimulgus parvulus</i>	Bacurau	X	X
<i>Caprimulgus rufus</i>	João-corta-pau	X	X
<i>Chordeiles pusillus</i>	Bacurauzinho	X	X
<i>Nyctidromus albicollis</i>	Curiango	X	X
<i>Hydropsalis brasiliensis</i>	Bacurau	X	X
<i>Podager nacunda</i>	Coruçã	X	X
APODIDAE (2)			
<i>Chaetura andrei</i>	Andorinhão-do-temporão	X	
<i>Tachornis squamata</i>	Tesourinha		X
TROCHILIDAE (13)			
<i>Phaethornis pretrei</i>	Limpa-casa	X	X
<i>Phaethornis ruber</i>	Rabo-branco-rubro	X	
<i>Eupetomena macroura</i>	Tesourão	X	X
<i>Chlorostilbon aureoventris</i>	Bizunga-bico-vermelho		X
<i>Colibri serripes</i>	Beija-flor-de-orelha-violeta	X	X
<i>Thalurania furcata</i>	Beija-flor-de-barriga-violeta	X	X
<i>Amazilia fimbriata</i>	Beija-flor-de-garganta-verde	X	X
<i>Amazilia versicolor</i>	Beija-flor-de-banda-branca	X	X
<i>Anthracoceros nigricollis</i>	Beija-flor-de-veste-preta		X
<i>Heliactin cornuta</i>	Chifre-de-ouro	X	
<i>Heliomaster longirostris</i>	Beija-flor	X	
<i>Heliophryx aurita</i>	Beija-flor-fada	X	
<i>Hylocharis sapphirina</i>	Beija-flor-saphira	X	X
TROGONIDAE (2)			
<i>Trogon curucui</i>	Surucua-de-barriga-vermelha	X	X
<i>Trogon surrucura</i>	Surucua-de-peito-azul		X
ALCEDINIDAE (4)			
<i>Ceryle torquata</i>	Martim-pescador-matraca	X	X
<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde		X
<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno	X	X
<i>Chloroceryle inda</i>	Martim-pescador-da-mata	X	X
MOMOTIDAE (2)			
<i>Baryphthengus ruficapillus</i>	Juruva	X	X
<i>Momotus momota</i>	Udu-de-coroa-azul-do-nordeste	X	X
GALBULIDAE (1)			
<i>Galbula ruficauda</i>	Ariramba	X	X
BUCCONIDAE (5)			
<i>Chelidoptera tenebrosa</i>	Urubuzinho	X	X
<i>Monasa nigrifrons</i>	Chora-chuva-preto	X	X
<i>Nonnula rubecula</i>	Macuru	X	X
<i>Nystalus chacuru</i>	João-bobo	X	X
<i>Nystalus maculatus</i>	Rapazinho-dos-Velhos	X	X
RAMPHASTIDAE (3)			
<i>Pteroglossus castanotis</i>	Araçari-castanho	X	X
<i>Ramphastos toco</i>	Tucano	X	X
<i>Ramphastos vitellinus</i>	Tucano-de-bico-preto	X	X
PICIDAE (10)			

FAMILIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
<i>Picumnus minutissimus</i>	Pica-pauzinho	X	X
<i>Veniliornis passerinus</i>	Pica-pauzinho	X	X
<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo	X	X
<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-carijó	X	X
<i>Celeus flavescens</i>	João-velho	X	X
<i>Dryocopus lineatus</i>	Pica-pau-de-banda-branca	X	X
<i>Campephilus melanoleucos</i>	Pica-pau-de-topete-vermelho	X	X
<i>Campephilus rubicollis</i>	Pica-pau-de-barriga-vermelha	X	X
<i>Melanerpes candidus</i>	Birro	X	X
<i>Melanerpes flavifrons</i>	Benedito-de-testa-amarela	X	
CONOPOPHAGIDAE (1)			
<i>Corythopsis delalandi</i>	Chupa-dente-de-capuz	X	
DENDROCOLAPTIDAE (7)			
<i>Campylorhamphus trochilirostris</i>	Arapaçu-beija-flor	X	X
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	Arapaçu-grande	X	X
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	Arapaçu-verde	X	X
<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	Arapaçu-do-nordeste		X
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	Arapaçu-do-cerrado	X	X
<i>Xiphorhynchus picus</i>	Arapaçu-de-bico-branco	X	X
<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	Arapaçu-de-garganta-amarela		X
FURNARIIDAE (8)			
<i>Automolus leucophthalmus</i>	Barranqueiro-de-olho-branco	X	
<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro	X	X
<i>Hylocryptus rectirostris</i>	Fura-barreira		X
<i>Synallaxis frontalis</i>	Petrim	X	X
<i>Synallaxis albescens</i>	Estrelinha-preta		X
<i>Certhiaxis cinnamomea</i>	Curutiê		X
<i>Phacellodomus rufifrons</i>	João-graveteiro		X
<i>Xenops rutilans</i>	Bico-virado-carijó	X	
THAMNOPHILIDAE (11)			
<i>Dysithamnus mentalis</i>	Choquinha-de-asa-ferrugem	X	X
<i>Formicivora grisea</i>	Papa-formigas-pardo	X	X
<i>Formicivora melanogaster</i>	Formigueiro-de-barriga-preta	X	X
<i>Formicivora rufa</i>	Papa-formiga-vermelho	X	X
<i>Herpsilochmus longirostris</i>	Chorozinho	X	X
<i>Herpsilochmus pileatus</i>	Chorozinho-da-bahia	X	X
<i>Taraba major</i>	Chororó	X	X
<i>Thamnophilus caerulescens</i>	Choca-da-mata-do-nordeste		X
<i>Thamnophilus doliatus</i>	Corrocóia		X
<i>Thamnophilus punctatus</i>	Choca-bate-rabo	X	X
<i>Thamnophilus torquatus</i>	Choca-de-asa-ruiva	X	X
TYRANNIDAE (48)			
<i>Arundinicola leucocephala</i>	Lavadeira	X	X
<i>Capsiempis flaveola</i>	Marianinha-amarela	X	
<i>Campostoma obsoletum</i>	Risadinha		X
<i>Casiornis rufa</i>	Caneleiro-ferrugem	X	X
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	Guaracavuçu	X	X
<i>Colonia colonus</i>	Viuvinha	X	X
<i>Contopus cinereus</i>	Papa-mosca-cinzentos		X
<i>Doptilon aurantioatrocristatus</i>	-		X
<i>Doptilon striaticollis</i>	-		X
<i>Elaenia flavogaster</i>	Guracava-de-barriga-amarela		X
<i>Elaenia chiriquensis</i>	Cucurutada	X	X
<i>Elaenia mesoleuca</i>	Cucurutada		X
<i>Empidonamus varius</i>	Peitica	X	X
<i>Fluvicola albiventris</i>	Lavadeira		X
<i>Fluvicola leucocephala</i>	Viuvinha		X
<i>Fluvicola pica</i>	Lavadeira-de-cabeça-branca		X
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i>	Peitica-de-chapéu-preto	X	
<i>Gubernates yetapa</i>	Tesoura-do-brejo		X
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i>	Sebinho-de-olho-de-ouro	X	
<i>Hirundinea ferruginea</i>	Gibão-de-couro	X	X
<i>Idiotoplon striaticollis</i>	Sebinho		X
<i>Lathrotriccus euleri</i>	Enferrugado	X	X
<i>Legatus leucophaeus</i>	Bem-te-vi-pirata	X	

FAMILIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	Cabeçudo	X	X
<i>Megarhynchus pitangua</i>	Bem-te-vi-do-bico-chato	X	X
<i>Muscivora tyrannus</i>	Tesourinha		X
<i>Myiarchus ferox</i>	Maria-cavaleira		X
<i>Myiarchus swainsoni</i>	Irré		X
<i>Myiarchus tyrannulus</i>	Maria-Cavaleira-de-Rabo-Enferrujado	X	X
<i>Myiopagis caniceps</i>	Guaracava		X
<i>Myiopagis viridicatus</i>	Maria-verde		X
<i>Myiobius barbatus</i>	Assanhadinho	X	X
<i>Myiodynastes maculatus</i>	Bem-te-vi-rajado	X	X
<i>Myiophobus fasciatus</i>	Filipe	X	
<i>Myiozetetes cayanensis</i>	Bem-te-vizinho-de-asa-ferruginea	X	X
<i>Myiozetetes similis</i>	Bem-te-vizinho	X	X
<i>Phaeomyias murina</i>	Bagageiro	X	
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	Piolhinho	X	X
<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi	X	X
<i>Platyrinchus mystaceus</i>	Patinho-do-nordeste		X
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	Verão	X	
<i>Satrapa icterophrys</i>	Papa-moscas		X
<i>Todirostrum cinereum</i>	Relógio		X
<i>Todirostrum latirostre</i>	Ferreirinho-de-cara-parda	X	X
<i>Tolmomyias flaviventris</i>	Bico-chato-amarelo	X	X
<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri	X	X
<i>Tyrannus savana</i>	Tesourinha		X
<i>Xolmis cinerea</i>	Maria-branca	X	X
PIPRIDAE (3)			
<i>Antilophia galeata</i>	Soldadinho	X	X
<i>Neopelma pallescens</i>	Fruchu-do-cerradão	X	
<i>Pipra fasciicauda</i>	Uirapuru-laranja	X	X
TITYRIDAE (5)			
<i>Tityra cayana</i>	Anambé-branco-de-rabo-preto	X	X
<i>Tityra inquisitor</i>	Anambé-branco-de-bochecha-parda	X	X
<i>Platypsaris rufus</i>	Caneleirinho		X
<i>Pyroderus scutatus</i>	Pavó		X
<i>Pachyramphus polychropterus</i>	Caneleiro-preto	X	
HIRUNDINIDAE (5)			
<i>Tachycineta albiventer</i>	Andorinha-do-rio	X	X
<i>Progne chalybea</i>	Andorinha-doméstica-grande	X	X
<i>Atticora melanoleuca</i>	Andorinha-de-coleira		X
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa		X
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	Andorinha-serradora	X	X
FRINGILIDAE (4)			
<i>Euphonia chlorotica</i>	Vi-vi	X	X
<i>Euphonia violacea</i>	Gaturamo-verdadeiro	X	X
<i>Cyanerpes cyaneus</i>	Saíra-beija-flor	X	X
<i>Scaphidura oryzivora</i>	Iraúna		X
CORVIDAE (2)			
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	Gralha-do-campo	X	X
<i>Cyanocorax cyanopogon</i>	Cancã	X	X
TROGLODYTIDAE (2)			
<i>Thryothorus leucotis</i>	Garrinchão-de-barriga-vermelha	X	X
<i>Troglodytes aedon</i>	Rouxinol	X	X
MIMIDAE (2)			
<i>Donacobius atricapillus</i>	Japacanim	X	X
<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo	X	X
TURDIDAE (4)			
<i>Catharus fuscescens</i>	Sabiá-norte-americano	X	
<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-branco	X	X
<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-branco	X	X
<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-gongá		X
SYLVIIDAE (1)			
<i>Poliophtila dumicola</i>	Sebito	X	X
VIREONIDAE (3)			
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	Pitiguari	X	X
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	Verdinho-coroado		X

FAMILIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
<i>Viero olivaceus</i>	Juruviara	X	X
PARULIDAE (4)			
<i>Basileuterus hypoleucus</i>	Pula-pula	X	X
<i>Basileuterus flaveolus</i>	Pula-pula	X	X
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	Pia-cobra	X	X
<i>Parula pitiayumi</i>	Mariquita	X	X
COEREVIDAE (2)			
<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica	X	X
<i>Conirostrum speciosum</i>	Figuinha	X	
CARDINALIDAE (5)			
<i>Passerina brissoni</i>	Azulão		X
<i>Saltator atricollis</i>	Bico-de-pimenta	X	X
<i>Saltator coerulescens</i>	Sabiá-gongá		X
<i>Saltator maximus</i>	Trinca-ferro	X	X
<i>Saltator similis</i>	Trinca-ferro		X
ICTERIDAE (7)			
<i>Gnorimopsar chopi</i>	Graúna	X	X
<i>Cacicus cela</i>	Xexéu	X	X
<i>Cacicus solitarius</i>	Bico-de osso		X
<i>Icterus cayanensis</i>	Xexéu-de-banana	X	X
<i>Icterus icterus</i>	Concriz		X
<i>Molothrus bonariensis</i>	Pássaro-preto		X
<i>Psarocolius decumanus</i>	Japu	X	X
THRAUPIDAE (21)			
<i>Cissopis leveriana</i>	Tiê-tinga		X
<i>Conirostrum speciosum</i>	Figuinha	X	
<i>Emberizoides herbicola</i>	Canário-do-campo	X	X
<i>Eucometis penicillata</i>	Pipira-da-taoca	X	X
<i>Neothraupis fasciata</i>	Tiê-do-cerrado	X	
<i>Cypsnagra hirundinacea</i>	Bandoleta	X	
<i>Ramphocelus carbo</i>	Pipira-vermelha	X	X
<i>Tiaris fuliginosa</i>	Cigarra-do-coqueiro	X	
<i>Thlypopsis sordida</i>	Saíra-canário		X
<i>Tersina viridis</i>	Saíra-andorinha	X	X
<i>Sicalis citrina</i>	Canário-rasteiro	X	
<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra		X
<i>Dacnis cayana</i>	Saíra-azul	X	X
<i>Hemithraupis guira</i>	Saíra-de-papo-preto	X	X
<i>Nemosia pileata</i>	Saíra-de-chapéu-preto	X	X
<i>Tachyphonus rufus</i>	Pipira-preta	X	X
<i>Piranga flava</i>	Sanhaço-de-fogo	X	X
<i>Schistochlamys melanopsis</i>	Sanhaço-de-coleira	X	X
<i>Tangara cayana</i>	Saíra-amarela	X	X
<i>Thraupis palmarum</i>	Sanhaço-do-coqueiro	X	X
<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaço	X	X
EMBEREZIDAE (9)			
<i>Ammodramus humeralis</i>	Tico-tico-do-campo	X	X
<i>Arremon taciturnus</i>	Tico-tico-da-mata	X	X
<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu	X	X
<i>Oryzoborus angolensis</i>	Curió	X	X
<i>Oryzoborus maximiliani</i>	Bicudo		X
<i>Sporophila nigricollis</i>	Baiano		X
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	Tico-tico rei		X
<i>Coryphospingus pileatus</i>	Maria-fita	X	X
<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico (Vin-vin-deus-deus)	X	X

Fonte: NATURAE, 2002

Região II

A avifauna da região do rio Araguaia é caracterizada basicamente por espécies do Cerrado, com influência de espécies Amazônicas e do Pantanal.

Nessa região foi observada a presença da harpia (*Harpia harpia*), animal ameaçado de extinção, sendo este um dos pouco lugares no Brasil Central onde ela ocorre.

Essa região também é importante como área de nidificação de aves migratórias.

Das aves registradas, a família Tyrannidae (dos bem-te-vis, suiriris e papa-moscas) foi a que apresentou maior riqueza 79 espécies, seguida dos Thraupidae (sanhaços e saíras) (33 spp), Accipitridae (gaviões) (32spp), Furnaridae (27spp), Trochilidae (25spp) e Psittacidae (araras, periquitos, papagaios e afins) (20 spp).

Tabela 5.2-36. Espécies de aves registradas na região do corredor Bananal-Araguaia.

Fonte: Galinkin et al. 2000. Projeto Corredor Ecológico Bananal - Araguaia. IBAMA/CENAQUA.

FAMÍLIAS E ESPÉCIES
RHEIDAE
<i>Rhea americana</i>
TINAMIDAE
<i>Tinamus tao</i>
<i>Tinamus major</i>
<i>Crypturellus cinereus</i>
<i>Crypturellus soui</i>
<i>Crypturellus undulates</i>
<i>Crypturellus variegates</i>
<i>Crypturellus parvirostris</i>
<i>Rhynchotus rufescens</i>
<i>Northura minor</i>
<i>Northura maculosa</i>
<i>Taoniscus namus</i>
PODICIPEDIDAE
<i>Podiceps dominicus</i>
<i>Podilymbus podiceps</i>
PHALACROCORACIDAE
<i>Phalacrocorax brasilianus</i>
<i>Phalacrocorax olivaceus</i>
ANHINGIDAE
<i>Anhinga anhinga</i>
ARDEIDAE
<i>Butorides striatus</i>
<i>Botaurus pinanatus</i>
<i>Casmerodius albus</i>
<i>Bubulcus ibis</i>
<i>Ixobrychus exilis</i>
<i>Trigrisoma lineatum</i>
<i>Zebrilus undulatus</i>
<i>Nycticorax nycticorax</i>
<i>Pilherodius pileatus</i>
<i>Syrigma sibilatrix</i>
<i>Cochlearius cochlearius</i>
<i>Egretta thula</i>
<i>Ardea cocoi</i>
<i>Egretta alba</i>
<i>Agamia agami</i>
COCHLEARIIDAE

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Cochlearius cochlearius

CICONIIDAE

Jabiru mycteria

Mycteria americana

THRESKIORNITHIDAE

Ajaia ajaja

Theristicus caudatus

Mesembrinibis cayennensis

Phimosus infuscatus

ANHIMIDAE

Anhima cornuta

ANATIDAE

Cairina moschata

Dendrocygna bicolor

Dendrocygna viduata

Dendrocygna autumnalis

Neochen jubata

Amazonetta brasiliensis

Mergus octosetaceus

Sarkidiornis melanotos

Oxyura dominica

CATHARTIDAE

Coragyps atratus

Cathartes aura

Cathartes burrovianus

Sarcoramphus papa

ACCIPITRIDAE

Spizaetus ornatus

Spizaetus tyrannus

Leptodon cayanensis

Chondrohierax uncinatus

Elanoides forficatus

Gampsonyx swainsoni

Elanus leucurus

Rostrhamus sociabilis

Harpagus diodon

Ictinia plumbea

Geranospiza caerulescens

Circus buffoni

Accipiter striatus

Accipiter superciliosus

Accipiter bicolor

Accipiter poliogaster

Leucopternis albicollis

Buteo albonotatus

Rupornis magnirostris

Buteogallus urubitinga

Harpyhaliaetus coronatus

Heterospizais meridionalis

Busarellus nigricollis

Parabuteo unicinctus

Buteo nitidus

Buteo magnirostris

Buteo brachyurus

Buteo albicaudatus

Morphnus guianensis

Harpia harpyja

Spizastur melanoleucus

PANDIONIDAE

Pandion haliaetus

FALCONIDAE

Caracara plancus

Daptrius ater

Daptrius americanus

Milvago chimachima

Herpetotheres cachinnans

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Micrastur ruficollis

Micrastur semitorquatus

Falco sparverius

Falco rufigularis

Falco femoralis

Falco deiroleucus

Falco peregrinus

CRACILIDADE

Ortalis supercilialis

Penelope supercilialis

Penelope pileata

Penelope ochrogaster

Pipile pipile

Pipile cunjubi

Ortalis ruficeps

Crax fasciolata

PHASIANIDAE

Odontophorus capueira

OPISTHOCOMIDAE

Opisthocomus hoazin

ARAMIDAE

Aramus guarauna

RALLIDAE

Rallus nigricans

Rallus maculatus

Aramides cajanea

Aramides ypecaha

Porzana albicollis

Laterallus viridis

Laterallus exilis

Laterallus melanophaius

Micropygia schomburgkii

Gallinula chloropus

Porphyryla martinica

Porphyryla flavirostris

HELIORNITHIDAE

Heliornis fulica

EURYPYGIDAE

Eurypyga helias

CARIAMIDAE

Cariama cristata

JACANIDAE

Jacana jacana

CHARADRIIDAE

Gallinago undulata

Gallinago gallinago

Batramia longicauda

Tringa solitaria

Tringa flavipes

Tringa melanoleuca

Actitis macularia

Calidris fuscicollis

Calidris melanotos

Vanellus chilensis

Hoploxypterus cayanus

Pluvialis squatarola

Charadrius semipalmatus

Charadrius collaris

RECURVIROSTRIDAE

Himantopus himantopus

SCOLOPACIDAE

Tringa solitaria

Tringa flavipes

Actitis macularia

Calidris sp.

Gallinago gallinago paraguaiiae

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

LARIDAE

Sterna superciliaris

Sterna simplex

RYNCHOPIDAE

Rynchops nigra

COLUMBIDAE

Columba speciosa

Columba picazuro

Columba cayennensis

Columba plumbea

Zenaida auriculata

Columbina minuta

Columbina talpacoti

Columbina cyanopsis

Columba subvinacea

Claravis pretiosa

Scardafella squammata

Uropelia campestris

Leptotila verreauxi

Leptotila rufaxilla

Geotrygon montana

PSITTACIDAE

Ara ararauna

Ara chloroptera

Ara manilata

Ara maracana

Ara auricollis

Anodorthynchus hyacinthinus

Ara nobilis

Aratinga leucophthalmus

Aratinga jandaya

Aratinga aurocapilla

Aratinga aurea

Amazona amazonica

Pyrrhura picta

Pyrrhura leucotis

Forpus crassirostris

Brotogeris versicolorus

Pionus menstruus

Amazonas aestiva

Amazona xanthops

Deroptyus accipitrinus

CUCULIDAE

Crotophaga ani

Crotophaga major

Coccyzus euleri

Coccyzus melacoryphus

Coccyzus cinereus

Piaya cayana

Piaya minuta

Tapera naevia

Dromococcyx phasianellus

Dromococcyx pavoninus

Neomorphus geoffroyi

Guira guira

TYTONIDAE

Tyto alba

STRIGIDAE

Ciccaba huhula

Ciccaba virgata

Rhinoptynx clamator

Asio strygius

Bubo virginianus

Otus choliba

Otus watsonii

Pulsatrix perspicillata

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Glaucidium brasilianum

Speotyto cunicularia

NYCTIBIIDAE

Nyctibius grandis

Nyctibius griseus

CAPRIMULGIDAE

Nyctidromus albigollis

Podager nacunda

Chordeiles acutipennis

Chordeiles minor

Chordeiles rupestris

Caprimulgus rufus

Nyctiphrynus ocellatus

Hydropsalis brasiliensis

Lurocalis semitorquatus

Nyctiprogne leucopygia

Caprimulgus maculicaudus

Caprimulgus parvulus

Hydropsalis climacocerca

APODIDAE

Streptoprocne zonaris

Streptoprocne biscutata

Panyptila cayennensis

Chaetura spinicauda

Cyseloides senex

Chaetura andrei

Reinarda squamata

TROCHILIDAE

Eupetomena macroura

Glaucis hirsuta

Phaethornis pretrei

Phaethornis ruber

Phaethornis maranhaoensis

Chlorostilbon mellisugus

Florisuga mellivora

Melanotrochilus fuscus

Colibri serrirostris

Anthracothorax nigricollis

Chrysolampis mosquitus

Lophornis magnifica

Chlorestes notatus

Chlorostilbon aureoventris

Thalurania fucata

Hylocharis chrysura

Polytmus guainumbi

Amazilia versicolor

Amazilia fimbriata

Aphantochroa cirrochioris

Heliophryx aurita

Heliactin cornuta

Heliomaster longirostris

Heliomaster squamosus

Calliphlox amethystina

TROGONIDAE

Trogon melanurus

Trogon viridis

Trogon curucui

Trogon surrucura

ALCEDINIDAE

Ceryle torquata

Chloroceryle americana

Chloroceryle amazona

Chloroceryle inda

Chloroceryle aenea

MOMOTIDAE

Momotus momota

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Beryphetengus ruficapillus

GALBULIDAE

Brachygalba lugubris

Galbula rufociridis

Galbula ruficauda

Galbula dea

Jacamerops aurea

BUCONIDAE

Chelidoptera tenebrosa

Notharchus macrorhynchus

Notharchus tectus

Bucco tamatia

Nystalus chacuru

Nystalus maculatus

Nonnula rubecula

Monesha nigrifrons

RAMPHASTIDAE

Ramphastos vitellinus

Ramphastos tucanus

Ramphastos culminatus

Ramphastos toco

Ramphastos dicolorus

Ramphastos aracari

Ramphastos castanotis

Ramphastos viridis

Ramphastos maculirostris

Pteroglossus aracari

Pteroglossus inscriptus

PICIDAE

Celeus flavescens

Celeus jumna

Celeus flavus

Colaptes campestris

Chrysomitris melanochloros

Piculus flavigula

Piculus chrysocloros

Dryocopus lineatus

Picumnus albosquamatus

Celeus torquatus

Melanerpes candidus

Veniliornis affinis

Melanerpes cruentatus

Melanerpes flavifrons

Leuconerpes candidus

Veniliornis passerinus

Dendrocopos mixtus

Campephilus robustus

Campephilus melanoleucus

Campephilus rubicollis

Picumnus minutissimus

THAMNOPHILIDAE

Taraba major

Sakesphorus luctuosus

Thamnophilus doliatus

Thamnophilus amazonicus

Dysithamnus mentalis

Myrmotherula surinamensis

Myrmotherula axillaris

Herpsilochmus atricapillus

Herpsilochmus longirostris

Formicivora rufa

Formicivora grisea

Cercomacra ferdinandi

Hypocnemoides maculicauda

DENDROCOLAPTIDAE

Campyloramphus trochilirostris

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Dendrocincia fuliginosa
Sittasomus griseicapillus
Nasica longirostris
Xiphocolaptes albicollis
Dendrocolaptes certhia
Dendrocolaptes platyrostris
Xiphocorynchus guttatus
Xiphorhynchus picus
Xiphorhynchus obsoletus
Lepidocolaptes fuscus
Lepidocolaptes angustirostris

FURNARIIDAE

Furnarius rufus
Furnarius leucopus
Furnarius figulus
Geobates poecilopterus
Synallaxis frontalis
Synallaxis albescens
Synallaxis gujanensis
Synallaxis brachyura
Synallaxis spixi
Synallaxis rutilans
Poecilurus scutatus
Synallaxis simoni
Cranioleuca vulpina
Certhiopsis cinnamomea
Cranioleuca semicincta
Cranioleuca vulpina
Phacellodomus ruber
Anumbius anumbi
Berlepsichia rikeri
Philydor dimidiatus
Philydor rufus
Philydor lichtensteini
Automolus leucophthalmus
Hylocryptus rectirostris
Xenops minutus
Xenops rutilans
Sclerurus scansor

FORMICARIIDAE

Tamnophilus amazonicus
Tamnophilus caerulescens
Tamnophilus torquatus
Tamnophilus doliatus
Tamnophilus palliatus
Tamnophilus punctatus
Taraba major
Sakesphorus luctuosus
Dysitamnus mentalis
Thamnomanes caesius
Myrmotherula surinamensis
Herpsilochmus pileatus
Formicivora grisea
Formicivora melanogaster
Formicivora rufa
Cercomacra melanaria
Cercomacra ferdinandi
Formicarius colma
Formicarius analis
Conopophaga lineata

PTEROPTOCHIDAE

Melanopareia torquata

CONTIGIDAE

Phibalura flavirostris
Contiga contiga
Contiga cayana

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Iodopleura isabellae
Lipaugus vociferans
Pachyramphus viridis
Pachyramphus castaneus
Pachyramphus polychopterus
Platypsaris rufus
Tityra cayana
Tityra semifasciata
Tityra inquisitor
Querula purpurata
Pyroderus scutatus
Gymnoderus foetidus
Cephalopterus ornatus

PIPRIDAE

Manacus manacus
Pipra erythrocephala
Pipra fasciicauda
Antilophia galeata
Chiroxiphia pareola
Tyrannneutes stolzmanni
Machaeropterus pyrocephalus
Neopleuma pallescens
Schiffornis turdinus

OXYRUNCIDAE

Oxyruncus cristatus

HIRUNDINIDAE

Tachycineta albiventer
Progne tapera
Progne chalybea
Notiochelidon cyanoleuca
Phaeoprogne tapera
Atticora melanoleuca
Alopochelidon fucata
Stelgidopteryx ruficollis
Hirundo rustica

CORVIDAE

Cyanocorax cyanopogon
Cyanocorax cristatellus

TROGLODYTIDAE

Thryothorus genibarbis
Thryothorus leucotis
Campylorhynchus turdinus
Donacobius atricapillus
Troglodytes aedon

MIMIDAE

Mimus saturninus
Donacobius atricapillus

TYRANNIDAE

Pitangus sulphuratus
Pitangus lictor
Xolmis cinerea
Xolmis velata
Colonia colonus
Gubernetes yetapa
Alectrurus tricolor
Knipolegus lophotes
Knipolegus orenocensis
Fluvicola pica
Arundinicola leucocephala
Pyrocephalus rubinus
Satrapa icterophrys
Sirystes sibilator
Muscivora tyrannus
Tyrannus melancholicus
Tyrannus albogularis
Tyrannopsis sulphurea

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Tyrannopsis luteiventris
Tyrannulus elatus
Myiopagis gaimardii
Serpophaga hypoleuca
Hemitriccus striaticollis
Hemitriccus minor
Todirostrum maculatum
Todirostrum fumifrons
Ramphotrigon ruficauda
Tolmomyias assimilis
Tolmomyias poliocephalus
Inezia subflava
Empidonomus varius
Empidonomus aurentioatrocristatus
Legatus leucophainus
Megarhynchus pitangua
Myodynastes maculatus
Myiozetetes cayanensis
Myiozetetes similis
Myiarchus tyrannulus
Myiarchus swainsoni
Myiarchus ferox
Pseudattila phonicurus
Casiornis rufa
Casiornis fusca
Rhytipterna simplex
Contopus cinereus
Empidonax euleri
Cnemotriccus fuscatus
Myiobius barbatus
Myiophobus fasciatus
Hirudinea bellicosa
Onychorhynchus coronatus
Platyrinchus mystaceus
Tolmomyias sulphurescens
Tolmomyias flaviventris
Todirostrum cinereum
Todirostrum latirostre
Todirostrum sylvia
Idioptilon striaticollis
Idioptilon margaritaceiventer
Myiornis auricularis
Capsiempis flaveola
Euscarthmus meloryphus
Serpophaga araguayae
Elaenia flavogaster
Elaenia spectabilis
Elaenia parvirostris
Elaenia mesoleuca
Elaenia cristata
Elaenis chiriquensis
Myiopagis caniceps
Myopagis viridicata
Suiriri suiriri
Sublegatus modestus
Phaeomyias murina
Camptostoma obsoletum
Phyllomyias fasciatus
Xanthomyias virescens
Leptopongo amaurocephalus
Corythopsis delalandi
TURDIDAE
Turdus albicollis
Turdus nigriceps
Turdus rufiventris
Turdus leucomelas

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Turdus fumigatus

Turdus amaurochalinus

Catharus fuscescens

VIREONIDAE

Cyclarhis gujanensis

Vireo olivaceus

Hylophilus semicinereus

Hylophilus pectoralis

SYLVIIDAE

Polipptila dumicola

MOTACILLIDAE

Anthus lutescens

Cyclarhis gujanensis

Vireo olivaceus

Hylophilus pectoralis

ICTERIDAE

Cacicus cela

Cacicus haemorrhous

Cacicus solitarius

Molothrus conariensis

Scaphidura oryzivora

Psarocolius decumanus

Psarocolius viridis

Gymnostinops yuracares

Angelaius ruficapillus

Angelaius cyanopus

Gnorimopsar chopi

Icterus cayanensis

Pseudoleistes guirahuro

Leistes militaris

PARULIDAE

Geothypis aequinoctialis

Parula pitiayumi

Granatellus pelzelni

Basileuterus flaveolus

Basileuterus culicivorus

Basileuterus hypoleucus

Phaeothlypis leucophrys

Phaeothlypis rivularis

Coereba flaveola

Conirostrum speciosum

TERSINIDAE

Tersina viridis

THRAUPIDAE

Thraupis sayaca

Thraupis episcopus

Thraupis palmarum

Ramphocelus carbo

Euphonia musica

Euphonia minuta

Euphonia chlorotica

Euphonia violacea

Euphonia pectoralis

Cyanerpes caeruleus

Cyanerpes cyaneus

Chlorophanes spiza

Dacnis cayana

Dacnis lineata

Dacnis flaviventer

Tangara cynicollis

Tangara cayana

Pipraeida melanonota

Piranga flava

Tachyphonus rufus

Tachyphonus cristatus

Tachyphonus luctuosus

FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Eucometis penicilata
Trichothraupis melanops
Cypsnagra hirundinacea
Nemosia pileata fruteiro
Hemithraupis guira
Thlypopsis fasciata
Sericossypha loricata
Neothraupis fasciata
Cissopis leveriana
Schistochlamys ruficapillus
Schistochlamys melanopis

FRIGILLIDAE

Saltator maximus
Saltator similis
Saltator coerulescens
Saltator atricollis
Pitylus grossus
Paroaria baeri
Cyanocompsa cyanea
Porphyrospiza caerulescens
Volatina jacarina
Sporophila plumbea
Sporophila collaris
Sporophila lineola
Sporophila nigricollis
Sporophila melanops
Sporophila caerulescens
Sporophila leucoptera
Sporophila minuta
Sporophila ruficollis
Sporophila bouvreuil
Sporophila cinnsomea
Oryzoborus maximiliani
Oryzoborus angolensis
Sicalis citrina
Sicalis columbiana
Sicalis flaveola
Sicalis luteola
Charitospiza eucosma
Coryphospingus cucullatus
Coryphospingus pileatua
Arremon taciturnus
Arremon flavirostris
Ammodramus humeralis
Zonotrichia capensis
Emberizoides herbicola
Poospiza cinerea
Carduelis magellanicus

PLOCEIDAE

Passer domesticus

Região III

Para a Região III referente à bacia do Rio das Mortes, foram registradas 337 espécies de aves, muitas delas relacionadas aos ambientes savânicos de Cerrado, ou aos habitats florestais, tipicamente influenciados pela Amazônia. Dentre os táxons inventariadas foram encontradas três aves listadas entre os animais ameaçados de extinção : a arara-azul-grande *Anodorhynchus hyacinthinus* (Latham, 179), tida como vulnerável a nível global (IUCN 2006); o arapaçu-pardo *Dendrocincla fuliginosa trumai* (Vieillot, 1818), pequena sub-espécie restrita ao interflúvio Xingu-Tapajós, classificada como vulnerável a nível nacional (MMA 2003); e por, fim, a garça-da-mata *Agamia agami* (Gmelin, 1789), tida como próxima a ser considerada como ameaçada de extinção (*near-threatened*).

Nesta região são encontradas aves notórias na Amazônia, tais como a ariramba-do-paráiso *Galbula dea* (Linnaeus, 1758); o rapazinho-carijó *Bucco tamatia* Gmelin, 1788; o tucano-grande-de-papo-branco *Ramphastos tucanus* Linnaeus, 1758; o benedito-de-testa-vermelha *Melanerpes cruentatus* (Boddaert, 1783), a choca-d'água *Sakesphorus luctuosus* (Lichtenstein, 1813), e o anambé-azul *Cotinga cayana* (Linnaeus, 1766),

Também foram registradas na região espécies endêmicas do Cerrado, tais como: o tapaculo-de-colarinho *Melanopareia torquata* (Wied, 1831), a choca-de-asa-vermelha *Thamnophilus torquatus* Swainson, 1815; o chorozinho-de-bico-comprido *Herpsilochmus longirostris* Pelzeln, 1868; a maria-corruíra *Euscarthmus rufomarginatus* (Pelzeln, 1868); o soldadinho *Antilophia galeata* (Lichtenstein, 1813), o gralha-do-campo *Cyanocorax cristatellus* (Temminck, 1813), e o mineirinho *Charitospiza eucosma* Oberholser, 1950 e o bico-de-pimenta *Saltator atricollis* Vieillot, 1817.

Dentre as aves inventariadas foram listadas quatro espécies de distribuição restrita ao interflúvio Xingu-Tapajós, que provavelmente só serão registradas nesta região ou nos pontos adjacentes. São elas: a maria-sebinha *Hemitriccus minor* (Snethlage, 1970), o cabeça-de-prata *Lepidothrix iris* (Schinz, 1851), o coroa-de-fogo *Heterocercus linteatus* (Strickland, 1850), além do já citado arapaçu-pardo *Dendrocincla fuliginosa trumai* (Vieillot, 1818).

Tabela 5.2-37. Espécies de aves registradas na região do Rio das Mortes, MT.

Fonte: Sick, H. 1956. O aspecto fitofisionômico da paisagem do médio rio das Mortes, Mato Grosso, e a avifauna da região. Arquivos do Museu Nacional 42: 541-616; Fry, C. 1970. "Ecological distribution of birds in north-eastern Mato Grosso state, Brazil. Na. Acad. Brás. Ciên. 42: 275-318.

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

STRUTHIONIFORMES
RHEIDAE
TINAMIFORMES
TINAMIDAE

Tinamus tao Temminck, 1815

azulona

Crypturellus soui (Hermann, 1783)

tururim

Crypturellus undulatus (Temminck, 1815)

jaó

Crypturellus parvirostris (Wagler, 1817)

inhambu-chororó

Crypturellus tataupa (Temminck, 1815)

inhambu-chintã

Rhynchotus rufescens (Temminck, 1815)

perdiz

ANSERIFORMES
ANHIMIDAE
ANATIDAE
DENDROCYGNINAE

Dendrocygna autumnalis (Linnaeus, 1758)

asa-branca

ANSERINAE
ANATINAE

Cairina moschata (Linnaeus, 1758)

pato-do-mato

GALLIFORMES
CRACIDAE

Penelope superciliaris Temminck, 1815

jacupemba

Aburria cumanensis (Jacquin, 1784)

jacutinga-de-garganta-azul

Crax fasciolata Spix, 1815

mutum-de-penacho

ODONTOPHORIDAE

Odontophorus gujanensis (Gmelin, 1789)

uru-corcovado

PODICIPEDIFORMES
PODICIPEDIDAE

Rollandia rolland (Quoy & Gaimard, 1814)

mergulhão-de-orelha-branca

PELECANIFORMES
PHALACROCORACIDAE

Phalacrocorax brasilianus (Gmelin, 1789)

biguá

ANHINGIDAE

Anhinga anhinga (Linnaeus, 1766)

biguatinga

CICONIIFORMES
ARDEIDAE

Tigrisoma lineatum (Boddaert, 1783)

socó-boi

Agamia agami (Gmelin, 1789)

garça-da-mata

Butorides striata (Linnaeus, 1758)

socozinho

Ardea cocoi Linnaeus, 1766

garça-moura

Ardea alba Linnaeus, 1758

garça-branca-grande

Pilherodius pileatus (Boddaert, 1783)

garça-real

Egretta thula (Molina, 1781)

garça-branca-pequena

THRESKIORNITHIDAE

Mesembrinibis cayennensis (Gmelin, 1789)

coró-coró

Phimosus infuscatus (Lichtenstein, 1813)

tapicuru-de-cara-pelada

Theristicus caudatus (Boddaert, 1783)

curicaca

CICONIIDAE

Jabiru mycteria (Lichtenstein, 1819)

tuiuiú

Mycteria americana Linnaeus, 1758

cabeça-seca

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

CATHARTIFORMES
CATHARTIDAE

<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-de-cabeça-vermelha
<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	urubu-de-cabeça-amarela
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	urubu-de-cabeça-preta
<i>Sarcorhamphus papa</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-rei

FALCONIFORMES
PANDIONIDAE
ACCIPITRIDAE

<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-tesoura
<i>Gampsonyx swainsonii</i> Vigors, 1815	gaviãozinho
<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	sovi
<i>Buteogallus urubitinga</i> (Gmelin, 1788)	gavião-preto
<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 179)	gavião-caboclo
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	gavião-carijó
<i>Buteo albicaudatus</i> Vieillot, 1816	gavião-de-rabo-branco
<i>Buteo nitidus</i> (Latham, 179)	gavião-pedrés
<i>Buteo swainsoni</i> Bonaparte, 1838	gavião-papa-gafanhoto
<i>Spizaetus ornatus</i> (Daudin, 18)	gavião-de-penacho

FALCONIDAE

<i>Daptrius ater</i> Vieillot, 1816	gavião-de-anta
<i>Ibycter americanus</i> (Boddaert, 1783)	gralhão
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	caracara
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	carrapateiro
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	acauã
<i>Falco sparverius</i> Linnaeus, 1758	quiriquiri
<i>Falco ruficularis</i> Daudin, 18	cauré
<i>Falco femoralis</i> Temminck, 1811	falcão-de-coleira

GRUIFORMES
ARAMIDAE

<i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus, 1766)	carão
-----------------------------------------	-------

PSOPHIIDAE
RALLIDAE

<i>Micropygia schomburgkii</i> (Schomburgk, 1848)	maxalalagá
<i>Laterallus viridis</i> (Statius Muller, 1776)	sanã-castanha
<i>Gallinula chloropus</i> (Linnaeus, 1758)	frango-d'água-comum
<i>Porphyrio flavirostris</i> (Gmelin, 1789)	frango-d'água-pequeno

HELIORNITHIDAE
EURYPYGIDAE

<i>Eurypyga helias</i> (Pallas, 1781)	pavãozinho-do-pará
---------------------------------------	--------------------

CARIAMIDAE
CHARADRIIFORMES
CHARADRII
CHARADRIIDAE

<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 179)	batuíra-de-esporão
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1781)	quero-quero
<i>Pluvialis dominica</i> (Statius Muller, 1776)	batuiraçu

RECURVIROSTRIDAE
SCOLOPACI
SCOLOPACIDAE

<i>Gallinago paraguaiae</i> (Vieillot, 1816)	narceja
<i>Actitis macularius</i> (Linnaeus, 1766)	maçarico-pintado
<i>Tringa solitaria</i> Wilson, 1813	maçarico-solitário

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

JACANIDAE
Jacana jacana (Linnaeus, 1766)

jaçanã

LARI
LARIDAE
STERNIDAE
Phaetusa simplex (Gmelin, 1789)

trinta-réis-grande

RYNCHOPIDAE
COLUMBIFORMES
COLUMBIDAE
Columbina minuta (Linnaeus, 1766)

rolinha-de-asa-canela

Columbina talpacoti (Temminck, 1811)

rolinha-roxa

Columbina squammata (Lesson, 1831)

fogo-apagou

Claravis pretiosa (Ferrari-Perez, 1886)

pararu-azul

Uropelia campestris (Spix, 1815)

rolinha-vaqueira

Patagioenas speciosa (Gmelin, 1789)

pomba-trocal

Patagioenas cayennensis (Bonnaterre, 1791)

pomba-galega

Zenaida auriculata (Des Murs, 1847)

pomba-de-bando

Leptotila verreauxi Bonaparte, 1855

juriti-pupu

Geotrygon montana (Linnaeus, 1758)

pariri

PSITTACIFORMES
PSITTACIDAE
Anodorhynchus hyacinthinus (Latham, 179)

arara-azul-grande

Ara ararauna (Linnaeus, 1758)

arara-canindé

Orthopsittaca manilata (Boddaert, 1783)

maracanã-do-buriti

Diopsittaca nobilis (Linnaeus, 1758)

maracanã-pequena

Aratinga aurea (Gmelin, 1788)

periquito-rei

Forpus xanthopterygius (Spix, 1814)

tuim

Brotogeris versicolurus (Statius Muller, 1776)

periquito-de-asa-branca

Brotogeris chiriri (Vieillot, 1818)

periquito-de-encontro-amarelo

Pionites leucogaster (Kuhl, 181)

marianinha-de-cabeça-amarela

Pionus menstruus (Linnaeus, 1766)

maitaca-de-cabeça-azul

Pionus maximiliani (Kuhl, 181)

maitaca-verde

Amazona amazonica (Linnaeus, 1766)

curica

OPISTHOCOMIFORMES
OPISTHOCOMIDAE
CUCULIFORMES
CUCULIDAE
CUCULINAE
Piaya cayana (Linnaeus, 1766)

alma-de-gato

CROTOPHAGINAE
Crotophaga ani

anu-preto

TAPERINAE
Tapera naevia (Linnaeus, 1766)

saci

NEOMORPHINAE
STRIGIFORMES
TYTONIDAE
STRIGIDAE
Megascops choliba (Vieillot, 1817)

corujinha-do-mato

Megascops usta (Sclater, 1858)

corujinha-relógio

Bubo virginianus (Gmelin, 1788)

jacurutu

Glaucidium brasilianum (Gmelin, 1788)

caburé

Asio stygius (Wagler, 1831)

mocho-diabo

CAPRIMULGIFORMES

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

NYCTIBIIDAE

Nyctibius griseus (Gmelin, 1789)

mãe-da-lua

CAPRIMULGIDAE

Podager nacunda (Vieillot, 1817)

coruçã

Nyctidromus albigollis (Gmelin, 1789)

bacurau

Caprimulgus rufus Boddaert, 1783

joão-corta-pau

Caprimulgus parvulus Gould, 1837

bacurau-chintã

Hydropsalis torquata (Gmelin, 1789)

bacurau-tesoura

APODIFORMES
APODIDAE

Streptoprocne zonaris (Shaw, 1796)

taperuçu-de-coleira-branca

Chaetura egregia Todd, 1916

taperá-de-garganta-branca

Chaetura meridionalis Hellmayr, 197

andorinhão-do-temporal

Tachornis squamata (Cassin, 1853)

tesourinha

TROCHILIDAE
PHAETHORNITHINAE

Glaucis hirsutus (Gmelin, 1788)

balança-rabo-de-bico-torto

Phaethornis ruber (Linnaeus, 1758)

rabo-branco-rubro

Phaethornis superciliosus (Linnaeus, 1766)

rabo-branco-de-bigodes

TROCHILINAE

Eupetomena macroura (Gmelin, 1788)

beija-flor-tesoura

Florisuga mellivora (Linnaeus, 1758)

beija-flor-azul-de-rabo-branco

Colibri serrirostris (Vieillot, 1816)

beija-flor-de-orelha-violeta

Anthracothorax nigricollis (Vieillot, 1817)

beija-flor-de-veste-preta

Chrysolampis mosquitus (Linnaeus, 1758)

beija-flor-vermelho

Lophornis magnificus (Vieillot, 1817)

topetinho-vermelho

Chlorostilbon lucidus (Shaw, 1811)

besourinho-de-bico-vermelho

Thalurania furcata (Gmelin, 1788)

beija-flor-tesoura-verde

Hylocharis cyanus (Vieillot, 1818)

beija-flor-roxo

Amazilia versicolor (Vieillot, 1818)

beija-flor-de-banda-branca

Amazilia fimbriata (Gmelin, 1788)

beija-flor-de-garganta-verde

Heliactin bilophus (Temminck, 181)

chifre-de-ouro

Heliomaster longirostris (Audebert & Vieillot, 181)

bico-reto-cinzent

TROGONIFORMES
TROGONIDAE

Trogon viridis Linnaeus, 1766

surucuá-grande-de-barriga-amarela

Trogon curucui Linnaeus, 1766

surucuá-de-barriga-vermelha

CORACIIFORMES
ALCEDINIDAE

Megasceryle torquata (Linnaeus, 1766)

martim-pescador-grande

Chloroceryle amazona (Latham, 179)

martim-pescador-verde

Chloroceryle aenea (Pallas, 1764)

martinho

Chloroceryle americana (Gmelin, 1788)

martim-pescador-pequeno

Chloroceryle inda (Linnaeus, 1766)

martim-pescador-da-mata

MOMOTIDAE

Momotus momota (Linnaeus, 1766)

udu-de-coroa-azul

GALBULIFORMES
GALBULIDAE

Brachygalba lugubris (Swainson, 1838)

ariramba-preta

Galbula ruficauda Cuvier, 1816

ariramba-de-cauda-ruiva

Galbula leucogastra Vieillot, 1817

ariramba-bronzeada

Galbula dea (Linnaeus, 1758)

ariramba-do-paraíso

BUCCONIDAE

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Notharchus macrorhynchos (Gmelin, 1788)

Bucco tamatia Gmelin, 1788

Nystalus chacuru (Vieillot, 1816)

Nystalus maculatus (Gmelin, 1788)

Monasa nigrifrons (Spix, 1814)

Chelidoptera tenebrosa (Pallas, 1781)

PICIFORMES
CAPITONIDAE
RAMPHASTIDAE
Ramphastos toco Statius Muller, 1776

Ramphastos tucanus Linnaeus, 1758

Ramphastos vitellinus Lichtenstein, 1813

Pteroglossus inscriptus Swainson, 1811

Pteroglossus aracari (Linnaeus, 1758)

Pteroglossus castanotis Gould, 1834

PICIDAE
Picumnus albosquamatus d'Orbigny, 184

Melanerpes candidus (Otto, 1796)

Melanerpes cruentatus (Boddaert, 1783)

Veniliornis passerinus (Linnaeus, 1766)

Colaptes punctigula (Boddaert, 1783)

Celeus flavescens (Gmelin, 1788)

Dryocopus lineatus (Linnaeus, 1766)

Campephilus rubricollis (Boddaert, 1783)

PASSERIFORMES
TYRANNI
FURNARIIDA
MELANOPAREIIDAE
Melanopareia torquata (Wied, 1831)

THAMNOPHILOIDEA
THAMNOPHILIDAE
Cymbilaimus lineatus (Leach, 1814)

Taraba major (Vieillot, 1816)

Sakesphorus luctuosus (Lichtenstein, 1813)

Thamnophilus doliatus (Linnaeus, 1764)

Thamnophilus aethiops Sclater, 1858

Thamnophilus punctatus (Shaw, 189)

Thamnophilus pelzelni Hellmayr, 1914

Thamnophilus torquatus Swainson, 1815

Dysithamnus mentalis (Temminck, 1813)

Myrmotherula multostriata Sclater, 1858

Myrmotherula axillaris (Vieillot, 1817)

Herpsilochmus atricapillus Pelzelin, 1868

Herpsilochmus longirostris Pelzelin, 1868

Formicivora grisea (Boddaert, 1783)

Formicivora melanogaster Pelzelin, 1868

Formicivora rufa (Wied, 1831)

Myrmoborus leucophrys (Tschudi, 1844)

Myrmoborus myotherinus (Spix, 1815)

Hypocnemis cantator (Boddaert, 1783)

Hypocnemoides maculicauda (Pelzelin, 1868)

Myrmeciza atrothorax (Boddaert, 1783)

CONOPOPHAGIDAE

macuru-de-testa-branca

rapazinho-carijó

joão-bobo

rapazinho-dos-velhos

chora-chuva-preto

urubuzinho

tucanuçu

tucano-grande-de-papo-branco

tucano-de-bico-preto

araçari-miudinho-de-bico-riscado

araçari-de-bico-branco

araçari-castanho

pica-pau-anão-escamado

birro, pica-pau-branco

benedito-de-testa-vermelha

picapauzinho-anão

pica-pau-de-peito-pontilhado

pica-pau-de-cabeça-amarela

pica-pau-de-banda-branca

pica-pau-de-barriga-vermelha

tapaculo-de-colarinho

papa-formiga-barrado

choró-boi

choca-d'água

choca-barrada

choca-lisa

choca-bate-cabo

choca-do-planalto

choca-de-asa-vermelha

choquinha-lisa

choquinha-estriada-da-amazônia

choquinha-de-flanco-branco

chorozinho-de-chapéu-preto

chorozinho-de-bico-comprido

papa-formiga-pardo

formigueiro-de-barriga-preta

papa-formiga-vermelho

papa-formiga-de-sobrancelha

formigueiro-de-cara-preta

papa-formiga-cantador

solta-asa

formigueiro-de-peito-preto

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

FURNARIOIDEA
GRALLARIIDAE
RHINOCRYPTIDAE
FORMICARIIDAE

Formicarius colma Boddaert, 1783

galinha-do-mato

SCLERURIDAE

Sclerurus mexicanus Sclater, 1857

vira-folha-de-peito-vermelho

DENDROCOLAPTIDAE

Dendrocincla fuliginosa trumai (Vieillot, 1818)

arapaçu-pardo

Sittasomus griseicapillus (Vieillot, 1818)

arapaçu-verde

Hylexetastes perrotii (Lafresnaye, 1844)

arapaçu-de-bico-vermelho

Dendrocolaptes certhia (Boddaert, 1783)

arapaçu-barrado

Xiphorhynchus picus (Gmelin, 1788)

arapaçu-de-bico-branco

Xiphorhynchus obsoletus (Lichtenstein, 181)

arapaçu-riscado

Xiphorhynchus guttatus (Lichtenstein, 181)

arapaçu-de-garganta-amarela

Lepidocolaptes angustirostris (Vieillot, 1818)

arapaçu-de-cerrado

Lepidocolaptes albolineatus (Lafresnaye, 1845)

arapaçu-de-listras-brancas

FURNARIIDAE

Synallaxis frontalis Pelzeln, 1859

petrim

Synallaxis albescens Temminck, 1813

uí-pi

Synallaxis scutata Sclater, 1859

estrelinha-preta

Cranioleuca vulpina (Pelzeln, 1856)

arredio-do-rio

Phacellodomus ruber (Vieillot, 1817)

graveteiro

Automolus infuscatus (Sclater, 1856)

barranqueiro-pardo

Automolus leucophthalmus (Wied, 1811)

barranqueiro-de-olho-branco

Hylocryptus rectirostris (Wied, 1831)

fura-barreira

Xenops minutus (Sparrman, 1788)

bico-virado-miúdo

Xenops rutilans Temminck, 1811

bico-virado-carijó

TYRANNIDA
TYRANNIDAE
PIPMORPHINAE

Mionectes oleagineus (Lichtenstein, 1813)

abre-asa

Leptopogon amaurocephalus Tschudi, 1846

cabeçudo

Corythopsis delalandi (Lesson, 183)

estalador

Lophotriccus vitiensis (Bangs & Penard, 1911)

maria-fiteira

Hemitriccus minor (Snethlage, 197)

maria-sebina

Hemitriccus striaticollis (Lafresnaye, 1853)

sebinho-rajado-amarelo

Hemitriccus margaritaceiventer

sebinho-de-olho-de-ouro

Poecilatriccus fumifrons (Hartlaub, 1853)

ferreirinho-de-testa-parda

Poecilatriccus latirostris (Pelzeln, 1868)

ferreirinho-de-cara-parda

Todirostrum cinereum (Linnaeus, 1766)

ferreirinho-relógio

ELAENIINAE

Myiopagis gaimardii (d'Orbigny, 1839)

maria-pechim

Elaenia flavogaster (Thunberg, 1811)

guaracava-de-barriga-amarela

Elaenia spectabilis Pelzeln, 1868

guaracava-grande

Elaenia mesoleuca (Deppe, 183)

tuque

Elaenia cristata Pelzeln, 1868

guaracava-de-topete-uniforme

Elaenia chiriquensis Lawrence, 1865

chibum

Camptostoma obsoletum (Temminck, 1814)

risadinha

Suiriri suiriri (Vieillot, 1818)

suiriri-cinzento

Phaeomyias murina (Spix, 1815)

bagageiro

Euscarthmus meloryphus Wied, 1831

barulhento

Euscarthmus rufomarginatus (Pelzeln, 1868)

maria-corrúira

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Sublegatus modestus</i> (Wied, 1831)	guaracava-modesta
<i>Tolmomyias sulphureus</i> (Spix, 1815)	bico-chato-de-orelha-preta
<i>Tolmomyias flaviventris</i> (Wied, 1831)	bico-chato-amarelo
<i>Platyrinchus mystaceus</i> Vieillot, 1818	patinho
FLUVICOLINAE	
<i>Myiophobus fasciatus</i> (Statius Muller, 1776)	filipe
<i>Myiobius barbatus</i> (Gmelin, 1789)	assanhadinho
<i>Terenotriccus erythrurus</i> (Cabanis, 1847)	papa-moscas-uirapuru
<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)	enferrujado
<i>Cnemotriccus fuscatus</i> (Wied, 1831)	guaracavuçu
<i>Contopus cinereus</i> (Spix, 1815)	papa-moscas-cinzento
<i>Pyrocephalus rubinus</i> (Boddaert, 1783)	príncipe
<i>Knipolegus hudsoni</i> Sclater, 1871	maria-preta-do-sul
<i>Xolmis cinereus</i> (Vieillot, 1816)	primavera
<i>Gubernates yetapa</i> (Vieillot, 1818)	tesoura-do-brejo
<i>Fluvicola albiventer</i> (Spix, 1815)	lavadeira-de-cara-branca
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	freirinha
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	viuvinha
TYRANNINAE	
<i>Myiozetetes cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	bentevizinho-de-asa-ferrugínea
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bem-te-vi
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Statius Muller, 1776)	bem-te-vi-rajado
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	neinei
<i>Tyrannopsis sulphurea</i> (Spix, 1815)	suiriri-de-garganta-rajada
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	peitica
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i>	peitica-de-chapéu-preto
<i>Tyrannus albogularis</i> Burmeister, 1856	suiriri-de-garganta-branca
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	suiriri
<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 188	tesourinha
<i>Rhytipterna simplex</i> (Lichtenstein, 1813)	vissia
<i>Sirystes sibilator</i> (Vieillot, 1818)	gritador
<i>Casiornis rufus</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro
<i>Myiarchus swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859	irré
<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira
<i>Myiarchus tyrannulus</i> (Statius Muller, 1776)	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado
<i>Attila phoenicurus</i> Pelzeln, 1868	capitão-castanho
COTINGIDAE	
RUPICOLINAE	
COTINGINAE	
<i>Cotinga cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-azul
<i>Lipaugus vociferans</i> (Wied, 181)	cricrió
PIPRIDAE	
<i>Neopelma pallescens</i> (Lafresnaye, 1853)	fruxu-do-cerradão
<i>Machaeropterus pyrocephalus</i> (Sclater, 1851)	uirapuru-cigarra
<i>Lepidothrix iris</i> (Schinz, 1851)	cabeça-de-prata
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)	rendeira
<i>Antilophia galeata</i> (Lichtenstein, 1813)	soldadinho
<i>Chiroxiphia pareola</i> (Linnaeus, 1766)	tangará-falso
<i>Xenopipo atronitens</i> Cabanis, 1847	pretinho
<i>Heterocercus linteatus</i> (Strickland, 185)	coroa-de-fogo
<i>Pipra fasciicauda</i> Hellmayr, 196	uirapuru-laranja
<i>Pipra rubrocapilla</i> Temminck, 1811	cabeça-encarnada
TITYRIDAE	

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Schiffornis turdina</i> (Wied, 1831)	flautim-marrom
<i>Tityra semifasciata</i> (Spix, 1815)	anambé-branco-de-máscara-negra
<i>Pachyramphus viridis</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro-verde
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	caneleiro-preto
PASSERI	
CORVIDA	
VIREONIDAE	
<i>Vireo olivaceus</i> (Linnaeus, 1766)	juruviara
<i>Hylophilus pectoralis</i> Sclater, 1866	vite-vite-de-cabeça-cinza
CORVIDAE	
<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1813)	gralha-do-campo
<i>Cyanocorax chrysops</i> (Vieillot, 1818)	gralha-piçaca
<i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1811)	gralha-cancã
PASSERIDA	
HIRUNDINIDAE	
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora
TROGLODYTIDAE	
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1813	corruíra
<i>Pheugopedius genibarbis</i> (Swainson, 1838)	garrinchão-pai-avô
<i>Cantorchilus leucotis</i> (Lafresnaye, 1845)	garrinchão-de-barriga-vermelha
DONACOBIIIDAE	
POLIOPTILIDAE	
<i>Ramphocaenus melanurus</i> Vieillot, 1819	bico-assovelado
<i>Poliophtila dumicola</i> (Vieillot, 1817)	balança-rabo-de-máscara
TURDIDAE	
<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	sabiá-barranco
<i>Turdus fumigatus</i> Lichtenstein, 1813	sabiá-da-mata
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 185	sabiá-poca
<i>Turdus subalaris</i> (Seeböhm, 1887)	sabiá-ferreiro
MIMIDAE	
<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1813)	sabiá-do-campo
MOTACILLIDAE	
<i>Anthus lutescens</i> Pucheran, 1855	caminheiro-zumbidor
COEREBOIDAE	
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	cambacica
THRAUPIDAE	
<i>Schistochlamys melanopsis</i> (Latham, 179)	sanhaçu-de-coleira
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> (Vieillot, 1817)	bico-de-veludo
<i>Nemosia pileata</i> (Boddaert, 1783)	saíra-de-chapéu-preto
<i>Thlypopsis sordida</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	saí-canário
<i>Piranga flava</i> (Vieillot, 1811)	sanhaçu-de-fogo
<i>Eucometis penicillata</i> (Spix, 1815)	pipira-da-taoca
<i>Tachyphonus cristatus</i> (Linnaeus, 1766)	tiê-galo
<i>Tachyphonus luctuosus</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	tem-tem-de-dragona-branca
<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	pipira-preta
<i>Ramphocelus carbo</i> (Pallas, 1764)	pipira-vermelha
<i>Thraupis sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaçu-cinzento
<i>Thraupis palmarum</i> (Wied, 1813)	sanhaçu-do-coqueiro
<i>Tangara mexicana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-de-bando
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-amarela
<i>Tangara cyanicollis</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	saíra-de-cabeça-azul
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	saí-andorinha
<i>Dacnis lineata</i> (Gmelin, 1789)	saí-de-máscara-preta

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saí-azul
<i>Cyanerpes cyaneus</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-beija-flor
<i>Chlorophanes spiza</i> (Linnaeus, 1758)	saí-verde
<i>Hemithraupis guira</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-de-papo-preto
<i>Hemithraupis flavicollis</i> (Vieillot, 1818)	saíra-galega
EMBERIZIDAE	
<i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico
<i>Ammodramus humeralis</i> (Bosc, 1791)	tico-tico-do-campo
<i>Emberizoides herbicola</i> (Vieillot, 1817)	canário-do-campo
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu
<i>Sporophila plumbea</i> (Wied, 183)	patativa
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho
<i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1813)	baiano
<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1813)	coleirinho
<i>Sporophila albogularis</i> (Spix, 1815)	golinho
<i>Sporophila leucoptera</i> (Vieillot, 1817)	chorão
<i>Sporophila bouvreuil</i> (Statius Muller, 1776)	caboclinho
<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	curió
<i>Tiaris fuliginosus</i> (Wied, 183)	cigarra-do-coqueiro
<i>Arremon taciturnus</i> (Hermann, 1783)	tico-tico-de-bico-preto
<i>Charitospiza eucosma</i> Oberholser, 195	mineirinho
<i>Coryphospingus pileatus</i> (Wied, 1811)	tico-tico-rei-cinza
<i>Coryphospingus cucullatus</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico-rei
CARDINALIDAE	
<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	tempera-viola
<i>Saltator similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	trinca-ferro-verdadeiro
<i>Saltator atricollis</i> Vieillot, 1817	bico-de-pimenta
<i>Cyanoloxia glaucocaerulea</i>	azulinho
PARULIDAE	
<i>Parula pitiayumi</i> (Vieillot, 1817)	mariquita
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	pia-cobra
<i>Basileuterus hypoleucus</i> Bonaparte, 183	pula-pula-de-barriga-branca
<i>Basileuterus flaveolus</i> (Baird, 1865)	canário-do-mato
ICTERIDAE	
<i>Psarocolius viridis</i> (Statius Muller, 1776)	japu-verde
<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	japu
<i>Cacicus cela</i> (Linnaeus, 1758)	xexéu
<i>Molothrus oryzivorus</i> (Gmelin, 1788)	iraúna-grande
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	vira-bosta
FRINGILLIDAE	
<i>Carduelis magellanica</i> (Vieillot, 185)	pintassilgo
<i>Euphonia minuta</i> Cabanis, 1849	gaturamo-de-barriga-branca

Região IV

A região IV corresponde a uma das áreas de nascentes do rio Xingu, também caracterizada pela transição entre o bioma Cerrado e a Floresta Amazônica. Nesta região foram registradas 600 espécies de aves, demonstrando elevada diversidade das comunidades de avifauna.

Nesta área do rio Xingu, foram identificados cinco espécies de aves classificadas em alguma categoria de ameaça de extinção: 1) a arara-azul-grande *Anodorhynchus hyacinthinus* (Latham, 179), tida como vulnerável a nível global (IUCN 2006); 2) o arapaçu-pardo *Dendrocicla fuliginosa trumai* (Vieillot, 1818), pequena sub-espécie restrita ao interflúvio Xingu-Tapajós, classificada como vulnerável a nível nacional (MMA 2003); 3) o araçari-de-pescoço-vermelho *Pteroglossus bitorquatus* Vigors, 1816, espécie das família dos tucanos, que possui distribuição restrita pelos grandes rios meridionais da Amazônia, também classificada como vulnerável a nível nacional; e outras duas espécies consideradas como próxima a obterem o status de ameaçada de extinção (*near-threatened*): 4) o gavião-real *Harpia harpyja* (Linnaeus, 1758), e a garça-da-mata *Agamia agami* (Gmelin, 1789).

Também nesta região de amostragem são comuns aves típicas da na Amazônia, incluindo a pipira-de-bico-vermelho *Lamprospiza melanoleuca* (Vieillot, 1817); o cardeal-da-amazônia *Paroaria gularis* (Linnaeus, 1766), a cigana *Opisthocomus hoazin* (Statius Muller, 1776), o chupa-dente-de-cinta *Conopophaga aurita pallida* (Gmelin, 1789), e o uirapuru-verdadeiro *Cyphorhinus arada* (Hermann, 1783).

Apenas uma espécie considerada endêmica do Cerrado foi listada para esta região: limpa-folha-do-buriti *Berlepschia rikeri* (Ridgway, 1886).

Nesta região foram registradas várias espécies de aves que possuem distribuição restrita pelos grandes rios meridionais da Amazônia, entre elas a tiriba-de-hellmayr *Pyrrhura amazonum* Hellmayr, 1960, o piui-preto *Contopus nigrescens* (Sclater & Salvin, 1880), o falcão-críptico *Micrastur mintoni*, e o chupa-dente-grande *Conopophaga melanogaster* Ménétriès, 1835. Algumas destas espécies possuem distribuições restritas pelo rio Xingu e o Tapajós: incluindo, além do já citado araçari-de-pescoço-vermelho *Pteroglossus bitorquatus* Vigors, 1816, a mãe-de-taoca-de-cara-branca *Rhegmatorhina gymnops* Ridgway, 1888, a ararajuba *Guarouba guarouba* (Gmelin, 1788), barranqueiro-do-pará *Automolus paraensis* Hartert, 1910 e também algumas sub-espécies de papa-taoca *Pyriglena leuconota interposita* (Spix, 1814), de jacamim-de-costas-verdes *Psophia viridis dextralis* Spix, 1815 e da tiriba-de-barriga-vermelha *Pyrrhura perlata perlata* (Spix, 1814).

Tabela 5.2-38. Espécies de aves registradas na região do Médio-Baixo Rio Xingú - MT.

Fonte: Complexo Hidrelétrico Belo Monte – Estudo de Impacto Ambiental (Eletronorte, 2001).

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES
STRUTHIONIFORMES
RHEIDAE
TINAMIFORMES
TINAMIDAE
Tinamus tao Temminck, 1815

Azulona

Tinamus major (Gmelin, 1789)

inhambu-de-cabeça-vermelha

Tinamus guttatus Pelzeln, 1863

inhambu-galinha

Crypturellus cinereus (Gmelin, 1789)

inhambu-preto

Crypturellus soui (Hermann, 1783)

Tururim

Crypturellus undulatus (Temminck, 1815)

Jaó

Crypturellus strigulosus (Temminck, 1815)

inhambu-relógio

Crypturellus variegatus (Gmelin, 1789)

inhambu-anhangá

ANSERIFORMES
ANHIMIDAE
ANATIDAE
DENDROCYGNINAE
Dendrocygna autumnalis (Linnaeus, 1758)

asa-branca

ANSERINAE
ANATINAE
Cairina moschata (Linnaeus, 1758)

pato-do-mato

GALLIFORMES
CRACIDAE
Ortalis motmot (Linnaeus, 1766)

aracua-pequeno

Penelope supercilialis Temminck, 1815

Jacupemba

Penelope pileata Wagler, 183

Jacupiranga

Aburria kujubi (Pelzeln, 1858)

Cujubi

Mitu tuberosum (Spix, 1815)

mutum-cavalo

Crax fasciolata Spix, 1815

mutum-de-penacho

ODONTOPHORIDAE
Odontophorus gujanensis (Gmelin, 1789)

uru-corcovado

PODICIPEDIFORMES
PODICIPEDIDAE
PELECANIFORMES SHARPE, 1891
PHALACROCORACIDAE
Phalacrocorax brasilianus (Gmelin, 1789)

Biguá

ANHINGIDAE
Anhinga anhinga (Linnaeus, 1766)

Biguatinga

CICONIIFORMES
ARDEIDAE
Tigrisoma lineatum (Boddaert, 1783)

socó-boi

Agamia agami (Gmelin, 1789)

garça-da-mata

Cochlearius cochlearius (Linnaeus, 1766)

Arapapá

Zebrilus undulatus (Gmelin, 1789)

socoí-zigue-zague

Butorides striata (Linnaeus, 1758)

Socozinho

Bubulcus ibis (Linnaeus, 1758)

garça-vaqueira

Ardea cocoi Linnaeus, 1766

garça-moura

Ardea alba Linnaeus, 1758

garça-branca-grande

Pilherodius pileatus (Boddaert, 1783)

garça-real

Egretta thula (Molina, 1781)

garça-branca-pequena

THRESKIORNITHIDAE
Mesembrinibis cayennensis (Gmelin, 1789)

coró-coró

CICONIIDAE

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Mycteria americana Linnaeus, 1758

cabeça-seca

CATHARTIFORMES

CATHARTIDAE

Cathartes aura (Linnaeus, 1758)

urubu-de-cabeça-vermelha

Cathartes burrovianus Cassin, 1845

urubu-de-cabeça-amarela

Cathartes melambrotus Wetmore, 1964

urubu-da-mata

Coragyps atratus (Bechstein, 1793)

urubu-de-cabeça-preta

Sarcoramphus papa (Linnaeus, 1758)

urubu-rei

FALCONIFORMES

PANDIONIDAE

Pandion haliaetus (Linnaeus, 1758)

águia-pescadora

ACCIPITRIDAE

Chondrohierax uncinatus (Temminck, 1811)

Caracoleiro

Elanoides forficatus (Linnaeus, 1758)

gavião-tesoura

Rostrhamus sociabilis (Vieillot, 1817)

gavião-caramujeiro

Harpagus bidentatus (Latham, 179)

gavião-ripina

Ictinia plumbea (Gmelin, 1788)

Sovi

Accipiter superciliosus (Linnaeus, 1766)

gavião-miudinho

Leucopternis schistaceus (Sundevall, 1851)

gavião-azul

Leucopternis kuhli Bonaparte, 185

gavião-vaqueiro

Leucopternis albicollis (Latham, 179)

gavião-branco

Buteogallus urubitinga (Gmelin, 1788)

gavião-preto

Heterospizias meridionalis (Latham, 179)

gavião-caboclo

Busarellus nigricollis (Latham, 179)

gavião-belo

Rupornis magnirostris (Gmelin, 1788)

gavião-carijó

Buteo albicaudatus Vieillot, 1816

gavião-de-rabo-branco

Buteo nitidus (Latham, 179)

gavião-pedrês

Buteo brachyurus Vieillot, 1816

gavião-de-cauda-curta

Morphnus guianensis (Daudin, 18)

uiraçu-falso

Harpia harpyja (Linnaeus, 1758)

gavião-real

Spizaetus tyrannus (Wied, 181)

gavião-pega-macaco

Spizaetus melanoleucus (Vieillot, 1816)

gavião-pato

Spizaetus ornatus (Daudin, 18)

gavião-de-penacho

FALCONIDAE

Daptus ater Vieillot, 1816

gavião-de-anta

Ibycter americanus (Boddaert, 1783)

Gralhão

Caracara plancus (Miller, 1777)

Caracará

Milvago chimachima (Vieillot, 1816)

Carrapateiro

Herpetotheres cachinnans (Linnaeus, 1758)

Acauã

Micrastur ruficollis (Vieillot, 1817)

falcão-caburé

Micrastur mintoni Whittaker, 11

falcão-críptico

Micrastur mirandollei (Schlegel, 1861)

Tanatau

Micrastur semitorquatus (Vieillot, 1817)

falcão-relógio

Falco rufigularis Daudin, 18

Cauré

Falco deiroleucus Temminck, 1815

falcão-de-peito-laranja

GRUIFORMES

ARAMIDAE

Aramus guarauna (Linnaeus, 1766)

Carão

PSOPHIIDAE

Psophia viridis Spix, 1815

jacamim-de-costas-verdes

RALLIDAE

Aramides cajanea (Statius Muller, 1776)

saracura-três-potes

Laterallus viridis (Statius Muller, 1776)

sanã-castanha

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Laterallus exilis</i> (Temminck, 1831)	sanã-do-capim
<i>Porphyrio martinica</i> (Linnaeus, 1766)	frango-d'água-azul
HELIORNITHIDAE	
<i>Heliornis fulica</i> (Boddaert, 1783)	Picaparra
EURYPYGIDAE	
<i>Eurypyga helias</i> (Pallas, 1781)	pavãozinho-do-pará
CARIAMIDAE	
CHARADRIIFORMES	
CHARADRII	
CHARADRIIDAE	
<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 179)	batuíra-de-esporão
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1781)	quero-quero
<i>Charadrius collaris</i> Vieillot, 1818	batuíra-de-coleira
RECURVIROSTRIDAE	
SCOLOPACI	
SCOLOPACIDAE	
<i>Actitis macularius</i> (Linnaeus, 1766)	maçarico-pintado
<i>Tringa solitaria</i> Wilson, 1813	maçarico-solitário
JACANIDAE	
<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	Jaçanã
LARI	
LARIDAE	
STERNIDAE	
<i>Sternula superciliaris</i> (Vieillot, 1819)	trinta-réis-anão
<i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin, 1789)	trinta-réis-grande
<i>Gelochelidon nilotica</i> (Gmelin, 1789)	trinta-réis-de-bico-preto
RYNCHOPIDAE	
<i>Rynchops niger</i> Linnaeus, 1758	talha-mar
COLUMBIFORMES	
COLUMBIDAE	
<i>Columbina passerina</i> (Linnaeus, 1758)	rolinha-cinzenta
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)	rolinha-roxa
<i>Patagioenas speciosa</i> (Gmelin, 1789)	pomba-trocal
<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1791)	pomba-galega
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	pomba-amargosa
<i>Patagioenas subvinacea</i> (Lawrence, 1868)	pomba-botafogo
<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855	juriti-pupu
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1791)	juriti-gemeadeira
<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)	Pariiri
PSITTACIFORMES	
PSITTACIDAE	
<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i> (Latham, 179)	arara-azul-grande
<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	arara-canindé
<i>Ara macao</i> (Linnaeus, 1758)	Araracanga
<i>Ara chloropterus</i> Gray, 1859	arara-vermelha-grande
<i>Ara severus</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-guaçu
<i>Guarouba guarouba</i> (Gmelin, 1788)	Ararajuba
<i>Aratinga leucophthalma</i> (Statius Muller, 1776)	periquitão-maracanã
<i>Aratinga aurea</i> (Gmelin, 1788)	periquito-rei
<i>Pyrrhura perlata</i> (Spix, 1814)	tiriba-de-barriga-vermelha
<i>Pyrrhura amazonum</i> Hellmayr, 196	tiriba-de-hellmayr
<i>Brotogeris chrysoptera</i> (Linnaeus, 1766)	periquito-de-asa-dourada
<i>Pionites leucogaster</i> (Kuhl, 181)	marianinha-de-cabeça-amarela

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Graydidascalus brachyurus</i> (Kuhl, 181)	curica-verde
<i>Gypsopsitta vulturina</i> (Kuhl, 181)	curica-urubu
<i>Pionus menstruus</i> (Linnaeus, 1766)	maitaca-de-cabeça-azul
<i>Pionus fuscus</i> (Statius Muller, 1776)	maitaca-roxa
<i>Amazona ochrocephala</i> (Gmelin, 1788)	papagaio-campeiro
<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	Curica
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)	papagaio-moleiro
<i>Deroptyus accipitrinus</i> (Linnaeus, 1758)	Anacã
OPISTHOCOMIFORMES	
OPISTHOCOMIDAE	
<i>Opisthocomus hoazin</i> (Statius Muller, 1776)	Cigana
CUCULIFORMES	
CUCULIDAE	
CUCULINAE	
<i>Coccyzus minuta</i> (Vieillot, 1817)	chincoã-pequeno
<i>Playa cayana</i> (Linnaeus, 1766)	alma-de-gato
CROTOPHAGINAE	
<i>Crotophaga major</i> Gmelin, 1788	anu-coroca
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	anu-preto
<i>Taperinae</i> Verheyen, 1956	
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	Saci
<i>Dromococcyx phasianellus</i> (Spix, 1814)	peixe-frito-verdadeiro
NEOMORPHINAE	
<i>Neomorphus squamiger</i> Todd, 1915	jacu-estalo-escamoso
STRIGIFORMES	
TYTONIDAE	
<i>Tyto alba</i> (Scopoli, 1769)	coruja-da-igreja
STRIGIDAE	
<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)	corujinha-do-mato
<i>Megascops usta</i> (Sclater, 1858)	corujinha-relógio
<i>Lophostrix cristata</i> (Daudin, 18)	coruja-de-crista
<i>Pulsatrix perspicillata</i> (Latham, 179)	Murucututu
<i>Strix virgata</i> (Cassin, 1849)	coruja-do-mato
<i>Glaucidium hardyi</i> Vielliard, 199	caburé-da-amazônia
<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	Caburé
<i>Athene cunicularia</i> (Molina, 1781)	coruja-buraqueira
<i>Rhinoptynx clamator</i> (Vieillot, 188)	coruja-orelhuda
CAPRIMULGIFORMES	
NYCTIBIIDAE	
<i>Nyctibius grandis</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua-gigante
<i>Nyctibius aethereus</i> (Wied, 181)	mãe-da-lua-parda
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua
CAPRIMULGIDAE	
<i>Lurocalis semitorquatus</i> (Gmelin, 1789)	Tuju
<i>Chordeiles rupestris</i> (Spix, 1815)	bacurau-da-praia
<i>Chordeiles acutipennis</i> (Hermann, 1783)	bacurau-de-asa-fina
<i>Nyctiprogne leucopyga</i> (Spix, 1815)	bacurau-de-cauda-barrada
<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)	Bacurau
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i> (Tschudi, 1844)	bacurau-ocelado
<i>Caprimulgus rufus</i> Boddaert, 1783	joão-corta-pau
<i>Caprimulgus nigrescens</i> Cabanis, 1848	bacurau-de-lajeado
<i>Hydropsalis climacocerca</i> (Tschudi, 1844)	Acurana
APODIFORMES	

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

APODIDAE

Chaetura spinicaudus (Temminck, 1839)
Chaetura cinereiventris Sclater, 1861
Chaetura brachyura (Jardine, 1846)
Tachornis squamata (Cassin, 1853)
Panyptila cayennensis (Gmelin, 1789)

andorinhão-de-sobre-branco
andorinhão-de-sobre-cinzentos
andorinhão-de-rabo-curto
Tesourinha
andorinhão-estofador

TROCHILIDAE
PHAETHORNITHINAE

Glaucis hirsutus (Gmelin, 1788)
Threnetes leucurus (Linnaeus, 1766)
Phaethornis rupurumii Boucard, 1891
Phaethornis ruber (Linnaeus, 1758)
Phaethornis bourcierii (Lesson, 1831)
Phaethornis superciliosus (Linnaeus, 1766)

balança-rabo-de-bico-torto
balança-rabo-de-garganta-preta
rabo-branco-do-rupununi
rabo-branco-rubro
rabo-branco-de-bico-reto
rabo-branco-de-bigodes

TROCHILINAE

Campylopterus largipennis (Boddaert, 1783)
Florisuga mellivora (Linnaeus, 1758)
Anthracothorax nigricollis (Vieillot, 1817)
Avocettula recurvirostris (Swainson, 1811)
Lophornis gouldii (Lesson, 1831)
Thalurania furcata (Gmelin, 1788)
Hylocharis cyanus (Vieillot, 1818)
Polytmus guainumbi (Pallas, 1764)
Amazilia versicolor (Vieillot, 1818)
Amazilia fimbriata (Gmelin, 1788)
Heliodoxa aurescens (Gould, 1846)
Heliothryx auritus (Gmelin, 1788)

asa-de-sabre-cinza
beija-flor-azul-de-rabo-branco
beija-flor-de-veste-preta
beija-flor-de-bico-virado
topetinho-do-brasil-central
beija-flor-tesoura-verde
beija-flor-roxo
beija-flor-de-bico-curvo
beija-flor-de-banda-branca
beija-flor-de-garganta-verde
beija-flor-estrela
beija-flor-de-bochecha-azul

TROGONIFORMES
TROGONIDAE

Trogon viridis Linnaeus, 1766
Trogon violaceus Gmelin, 1788
Trogon rufus Gmelin, 1788
Trogon melanurus Swainson, 1838

surucuá-grande-de-barriga-amarela
surucuá-pequeno
surucuá-de-barriga-amarela
surucuá-de-cauda-preta

CORACIIFORMES
ALCEDINIDAE

Megaceryle torquata (Linnaeus, 1766)
Chloroceryle amazona (Latham, 179)
Chloroceryle aenea (Pallas, 1764)
Chloroceryle americana (Gmelin, 1788)
Chloroceryle inda (Linnaeus, 1766)

martim-pescador-grande
martim-pescador-verde
Martinho
martim-pescador-pequeno
martim-pescador-da-mata

MOMOTIDAE

Momotus momota (Linnaeus, 1766)

udu-de-coroa-azul

GALBULIFORMES
GALBULIDAE

Galbula cyanicollis Cassin, 1851
Galbula ruficauda Cuvier, 1816
Galbula dea (Linnaeus, 1758)
Jacamerops aureus (Statius Muller, 1776)

ariramba-da-mata
ariramba-de-cauda-ruiva
ariramba-do-paraiso
Jacamaraçu

BUCCONIDAE

Notharchus hyperrhynchus (Sclater, 1856)
Notharchus tectus (Boddaert, 1783)
Bucco tamatia Gmelin, 1788
Bucco capensis Linnaeus, 1766

macuru-de-pescoço-branco
macuru-pintado
rapazinho-carijó
rapazinho-de-colar

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Malacoptila rufa (Spix, 1814)

Nonnula ruficapilla (Tschudi, 1844)

Monasa nigrifrons (Spix, 1814)

Monasa morphoeus (Hahn & Küster, 1813)

Chelidoptera tenebrosa (Pallas, 1781)

barbudo-de-pescoço-ferrugem

freirinha-de-coroa-castanha

chora-chuva-preto

chora-chuva-de-cara-branca

Urubuzinho

PICIFORMES
CAPITONIDAE
RAMPHASTIDAE
Ramphastos tucanus Linnaeus, 1758

Ramphastos vitellinus Lichtenstein, 1813

Selenidera gouldii (Natterer, 1837)

Pteroglossus inscriptus Swainson, 1811

Pteroglossus bitorquatus Vigors, 1816

Pteroglossus aracari (Linnaeus, 1758)

tucano-grande-de-papo-branco

tucano-de-bico-preto

saripoca-de-gould

araçari-miudinho-de-bico-riscado

araçari-de-pescoço-vermelho

araçari-de-bico-branco

PICIDAE
Picumnus aurifrons Pelzeln, 187

Melanerpes cruentatus (Boddaert, 1783)

Veniliornis affinis (Swainson, 1811)

Piculus leucolaemus (Natterer & Malherbe, 1845)

Piculus flavigula (Boddaert, 1783)

Piculus chrysocloros (Vieillot, 1818)

Celeus undatus (Linnaeus, 1766)

Celeus elegans (Statius Muller, 1776)

Celeus flavus (Statius Muller, 1776)

Celeus torquatus (Boddaert, 1783)

Dryocopus lineatus (Linnaeus, 1766)

Campephilus rubricollis (Boddaert, 1783)

Campephilus melanoleucos (Gmelin, 1788)

pica-pau-anão-dourado

benedito-de-testa-vermelha

picapauzinho-avermelhado

pica-pau-de-garganta-branca

pica-pau-bufador

pica-pau-dourado-escuro

pica-pau-barrado

pica-pau-chocolate

pica-pau-amarelo

pica-pau-de-coleira

pica-pau-de-banda-branca

pica-pau-de-barriga-vermelha

pica-pau-de-topete-vermelho

PASSERIFORMES
TYRANNI
FURNARIIDA
MELANOPAREIIDAE
THAMNOPHILOIDEA
THAMNOPHILIDAE
Cymbilaimus lineatus (Leach, 1814)

Taraba major (Vieillot, 1816)

Sakesphorus luctuosus (Lichtenstein, 1813)

Thamnophilus palliatus (Lichtenstein, 1813)

Thamnophilus aethiops Sclater, 1858

Thamnophilus schistaceus d'Orbigny, 1835

Thamnophilus stictocephalus Pelzeln, 1868

Thamnophilus amazonicus Sclater, 1858

Thamnomanes caesius (Temminck, 181)

Pygiptila stellaris (Spix, 1815)

Myrmotherula leucophthalma (Pelzeln, 1868)

Myrmotherula ornata Sclater, 1853

Myrmotherula brachyura (Hermann, 1783)

Myrmotherula sclateri Snethlage, 1911

Myrmotherula multostriata Sclater, 1858

Myrmotherula huxwelli (Sclater, 1857)

Myrmotherula axillaris (Vieillot, 1817)

Myrmotherula longipennis Pelzeln, 1868

Myrmotherula menetriesii (d'Orbigny, 1837)

papa-formiga-barrado

choró-boi

choca-d'água

choca-listrada

choca-lisa

choca-de-olho-vermelho

choca-de-natterer

choca-canela

lpecuá

choca-cantadora

choquinha-de-olho-branco

choquinha-ornada

choquinha-miúda

choquinha-de-garganta-amarela

choquinha-estriada-da-amazônia

choquinha-de-garganta-clara

choquinha-de-flanco-branco

choquinha-de-asa-comprida

choquinha-de-garganta-cinza

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Dichrozona cincta</i> (Pelzeln, 1868)	Tovaquinha
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i> (Temminck, 1811)	chorozinho-de-asa-vermelha
<i>Microrhopias quixensis</i> (Cornalia, 1849)	papa-formiga-de-bando
<i>Formicivora grisea</i> (Boddaert, 1783)	papa-formiga-pardo
<i>Cercomacra cinerascens</i> (Sclater, 1857)	chororó-pocué
<i>Cercomacra nigrescens</i> (Cabanis & Heine, 1859)	chororó-negro
<i>Pyriglena leuconota interposita</i> (Spix, 1814)	papa-taoca
<i>Myrmoborus leucophrys</i> (Tschudi, 1844)	papa-formiga-de-sobrancelha
<i>Myrmoborus myotherinus</i> (Spix, 1815)	formigueiro-de-cara-preta
<i>Hypocnemis cantator</i> (Boddaert, 1783)	papa-formiga-cantador
<i>Hypocnemis hypoxantha</i> Sclater, 1869	cantador-amarelo
<i>Hypocnemoides maculicauda</i> (Pelzeln, 1868)	solta-asa
<i>Sclateria naevia</i> (Gmelin, 1788)	papa-formiga-do-igarapé
<i>Schistocichla leucostigma</i> (Pelzeln, 1868)	formigueiro-de-asa-pintada
<i>Myrmeciza hemimelaena</i> Sclater, 1857	formigueiro-de-cauda-castanha
<i>Myrmornis torquata</i> (Boddaert, 1783)	pinto-do-mato-carijó
<i>Rhegmatorhina gymnops</i> Ridgway, 1888	mãe-de-taoca-de-cara-branca
<i>Hylophylax naevius</i> (Gmelin, 1789)	guarda-floresta
<i>Hylophylax punctulatus</i> (Des Murs, 1856)	guarda-várzea
<i>Hylophylax poecilnotus</i> (Cabanis, 1847)	Rendadinho
<i>Phlegopsis nigromaculata confinis</i>	mãe-de-taoca
CONOPOPHAGIDAE	
<i>Conopophaga aurita pallida</i> (Gmelin, 1789)	chupa-dente-de-cinta
<i>Conopophaga melanogaster</i> Ménétriers, 1835	chupa-dente-grande
FURNARIOIDEA	
GRALLARIIDAE	
<i>Grallaria varia</i> (Boddaert, 1783)	Tovacuçu
<i>Hylopezus macularius</i> (Temminck, 1813)	torom-carijó
<i>Hylopezus berlepschi</i> (Hellmayr, 193)	torom-torom
<i>Myrmothera campanisona</i> (Hermann, 1783)	tovaca-patinho
RHINOCRYPTIDAE	
FORMICARIIDAE	
<i>Formicarius colma</i> Boddaert, 1783	galinha-do-mato
<i>Formicarius analis</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	pinto-do-mato-de-cara-preta
<i>Chamaeza nobilis</i> Gould, 1855	tovaca-estriada
SCLERURIDAE	
<i>Sclerurus mexicanus</i> Sclater, 1857	vira-folha-de-peito-vermelho
<i>Sclerurus ruficularis</i> Pelzeln, 1868	vira-folha-de-bico-curto
<i>Sclerurus caudacutus</i> (Vieillot, 1816)	vira-folha-pardo
DENDROCOLAPTIDAE	
<i>Dendrocincla fuliginosa trumai</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-pardo
<i>Dendrocincla merula</i> (Lichtenstein, 1819)	arapaçu-da-taoca
<i>Deconychura longicauda</i> (Pelzeln, 1868)	arapaçu-rabudo
<i>Deconychura stictolaema</i> (Pelzeln, 1868)	arapaçu-de-garganta-pintada
<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-verde
<i>Glyphorhynchus spirurus</i> (Vieillot, 1819)	arapaçu-de-bico-de-cunha
<i>Nasica longirostris</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-de-bico-comprido
<i>Dendrexetastes rufigula</i> (Lesson, 1844)	arapaçu-galinha
<i>Hylexetastes uniformis</i> Hellmayr, 199	arapaçu-uniforme
<i>Hylexetastes brigidai</i> Silva, Novaes & Oren, 1996	arapaçu-de-loro-cinza
<i>Xiphocolaptes promeropirhynchus</i> (Lesson, 184)	arapaçu-vermelho
<i>Dendrocolaptes certhia</i> (Boddaert, 1783)	arapaçu-barrado
<i>Dendrocolaptes picumnus</i> Lichtenstein, 181	arapaçu-meio-barrado

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Xiphorhynchus picus</i> (Gmelin, 1788)	arapaçu-de-bico-branco
<i>Xiphorhynchus spixii</i> (Lesson, 183)	arapaçu-de-spix
<i>Xiphorhynchus obsoletus</i> (Lichtenstein, 181)	arapaçu-riscado
<i>Xiphorhynchus guttatus</i> (Lichtenstein, 181)	arapaçu-de-garganta-amarela
<i>Lepidocolaptes albolineatus</i> (Lafresnaye, 1845)	arapaçu-de-listras-brancas
<i>Campylorhamphus procurvoides</i> (Lafresnaye, 185)	arapaçu-de-bico-curvo
FURNARIIDAE	
<i>Furnarius figulus</i> (Lichtenstein, 1813)	casaca-de-couro-da-lama
<i>Synallaxis albescens</i> Temminck, 1813	uí-pi
<i>Synallaxis rutilans</i> Temminck, 1813	joão-teneném-castanho
<i>Synallaxis cherriei</i> Gyldenstolpe, 193	Puruchém
<i>Synallaxis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	joão-teneném-becuá
<i>Cranioleuca gutturata</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)	joão-pintado
<i>Berlepschia rikeri</i> (Ridgway, 1886)	limpa-folha-do-buriti
<i>Simoxenops ucayalae</i> (Chapman, 1918)	limpa-folha-de-bico-virado
<i>Philydor ruficaudatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye)	limpa-folha-de-cauda-ruiva
<i>Philydor erythrocerum</i> (Pelzeln, 1859)	limpa-folha-de-sobre-ruivo
<i>Philydor pyrrhodes</i> (Cabanis, 1848)	limpa-folha-vermelho
<i>Automolus ochrolaemus</i> (Tschudi, 1844)	barranqueiro-camurça
<i>Automolus paraensis</i> Hartert, 191	barranqueiro-do-pará
<i>Automolus rufipileatus</i> (Pelzeln, 1859)	barranqueiro-de-coroa-castanha
<i>Xenops minutus</i> (Sparrman, 1788)	bico-virado-miúdo
<i>Xenops rutilans</i> Temminck, 1811	bico-virado-carijó
TYRANNIDA	
TYRANNIDAE	
PIPROMORPHINAE	
<i>Mionectes oleagineus</i> (Lichtenstein, 1813)	abre-asa
<i>Mionectes macconnelli</i> (Chubb, 1919)	abre-asa-da-mata
<i>Corythopsis torquatus</i> (Tschudi, 1844)	estalador-do-norte
<i>Lophotriccus galeatus</i> (Boddaert, 1783)	caga-sebino-de-penacho
<i>Hemitriccus minor</i> (Snethlage, 197)	maria-sebinha
<i>Hemitriccus griseipectus</i> (Snethlage, 197)	maria-de-barriga-branca
<i>Hemitriccus minimus</i> (Todd, 1915)	maria-mirim
<i>Taeniotriccus andrei</i> (Berlepsch & Hartert, 191)	maria-bonita
<i>Todirostrum maculatum</i> (Desmarest, 186)	ferreirinho-estriado
<i>Todirostrum cinereum</i> (Linnaeus, 1766)	ferreirinho-relógio
<i>Todirostrum chrysocrotaphum</i> Strickland, 185	ferreirinho-pintado
ELAENIINAE	
<i>Tyrannulus elatus</i> (Latham, 179)	maria-te-viu
<i>Myiopagis gaimardii</i> (d'Orbigny, 1839)	maria-pechim
<i>Myiopagis caniceps</i> (Swainson, 1835)	guaracava-cinzenta
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1811)	guaracava-de-barriga-amarela
<i>Ornithion inerme</i> Hartlaub, 1853	poiaieiro-de-sobrancelha
<i>Campostoma obsoletum</i> (Temminck, 1814)	Risadinha
<i>Phaeomyias murina</i> (Spix, 1815)	Bagageiro
<i>Capsiempis flaveola</i> (Lichtenstein, 1813)	marianinha-amarela
<i>Zimmerius gracilipes</i> (Sclater & Salvin, 1868)	poiaieiro-de-pata-fina
<i>Sublegatus obscurior</i> Todd, 191	sertanejo-escuro
<i>Inezia subflava</i> (Sclater & Salvin, 1873)	Amarelinho
<i>Myiornis ecaudatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	Caçula
<i>Rhynchocyclus olivaceus</i> (Temminck, 181)	bico-chato-grande
<i>Tolmomyias sulphureus</i> (Spix, 1815)	bico-chato-de-orelha-preta
<i>Tolmomyias assimilis</i> (Pelzeln, 1868)	bico-chato-da-copa

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Tolmomyias poliocephalus</i> (Taczanowski, 1884)	bico-chato-de-cabeça-cinza
<i>Tolmomyias flaviventris</i> (Wied, 1831)	bico-chato-amarelo
<i>Platyrinchus saturatus</i> Salvin & Godman, 1881	patinho-escuro
<i>Platyrinchus coronatus</i> Sclater, 1858	patinho-de-coroa-dourada
<i>Platyrinchus platyrhynchos</i> (Gmelin, 1788)	patinho-de-coroa-branca

FLUVICOLINAE

<i>Onychorhynchus coronatus</i> (Statius Muller, 1776)	maria-leque
<i>Myiophobus fasciatus</i> (Statius Muller, 1776)	Filipe
<i>Myiobius barbatus</i> (Gmelin, 1789)	Assanhadinho
<i>Myiobius atricaudus</i> Lawrence, 1863	assanhadinho-de-cauda-preta
<i>Terenotriccus erythrurus</i> (Cabanis, 1847)	papa-moscas-uirapuru
<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)	Enferrujado
<i>Contopus nigrescens</i> (Sclater & Salvin, 188)	piui-preto
<i>Knipolegus poecilocercus</i> (Pelzeln, 1868)	pretinho-do-igapó
<i>Knipolegus orenocensis</i> Berlepsch, 1864	maria-preta-ribeirinha
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	Freirinha
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	Viuvinha

TYRANNINAE

<i>Legatus leucophaeus</i> (Vieillot, 1818)	bem-te-vi-pirata
<i>Myiozetetes cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	bentevizinho-de-asa-ferrugínea
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1815)	bentevizinho-de-penacho-vermelho
<i>Myiozetetes luteiventris</i> (Sclater, 1858)	bem-te-vi-barulhento
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bem-te-vi
<i>Philohydor lictor</i> (Lichtenstein, 1813)	bentevizinho-do-brejo
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Statius Muller, 1776)	bem-te-vi-rajado
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	Neinei
<i>Tyrannopsis sulphurea</i> (Spix, 1815)	suiriri-de-garganta-rajada
<i>Tyrannus albogularis</i> Burmeister, 1856	suiriri-de-garganta-branca
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	Suiriri
<i>Rhytipterna simplex</i> (Lichtenstein, 1813)	Vissia
<i>Sirystes sibilator</i> (Vieillot, 1818)	Gritador
<i>Myiarchus tuberculifer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	maria-cavaleira-pequena
<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira
<i>Myiarchus tyrannulus</i> (Statius Muller, 1776)	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado
<i>Ramphotrigon megacephalum</i> (Swainson, 1835)	maria-cabeçuda
<i>Ramphotrigon ruficauda</i> (Spix, 1815)	bico-chato-de-rabo-vermelho
<i>Attila cinnamomeus</i> (Gmelin, 1789)	tinguaçu-ferrugem
<i>Attila spadiceus</i> (Gmelin, 1789)	capitão-de-saíra-amarelo

COTINGIDAE
RUPICOLINAE
COTINGINAE

<i>Cotinga cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-azul
<i>Lipaugus vociferans</i> (Wied, 181)	Cricrió
<i>Gymnoderus foetidus</i> (Linnaeus, 1758)	anambé-pombo
<i>Querula purpurata</i> (Statius Muller, 1776)	anambé-una
<i>Cephalopterus ornatus</i> Geoffroy Saint-Hilaire, 189	anambé-preto

PIPRIDAE

<i>Tyranneutes stolzmanni</i> (Hellmayr, 196)	Uirapuruzinho
<i>Piprites chloris</i> (Temminck, 1811)	papinho-amarelo
<i>Chiroxiphia pareola</i> (Linnaeus, 1766)	tangará-falso
<i>Heterocercus linteatus</i> (Strickland, 185)	coroa-de-fogo
<i>Dixiphia pipra</i> (Linnaeus, 1758)	cabeça-branca
<i>Pipra fasciicauda</i> Hellmayr, 196	uirapuru-laranja

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Pipra rubrocapilla</i> Temminck, 1811	cabeça-encarnada
TITYRIDAE	
<i>Schiffornis turdina</i> (Wied, 1831)	flautim-marrom
<i>Laniocera hypopyrra</i> (Vieillot, 1817)	chorona-cinza
<i>Iodopleura isabellae</i> Parzudaki, 1847	anambé-de-coroa
<i>Tityra inquisitor</i> (Lichtenstein, 1813)	anambé-branco-de-bochecha-parda
<i>Tityra cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-branco-de-rabo-preto
<i>Tityra semifasciata</i> (Spix, 1815)	anambé-branco-de-máscara-negra
<i>Pachyrampus rufus</i> (Boddaert, 1783)	caneleiro-cinzento
<i>Pachyrampus castaneus</i> (Jardine & Selby, 1817)	Caneleiro
<i>Pachyrampus marginatus</i> (Lichtenstein, 1813)	caneleiro-bordado
<i>Pachyrampus minor</i> (Lesson, 183)	caneleiro-pequeno
PASSERI	
CORVIDA	
VIREONIDAE	
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	Pitiguari
<i>Vireolanius leucotis</i> (Swainson, 1838)	assobiador-do-castanhal
<i>Hylophilus semicinereus</i> Sclater & Salvin, 1867	verdinho-da-várzea
<i>Hylophilus hypoxanthus</i> Pelzelin, 1868	vite-vite-de-barriga-marela
<i>Hylophilus ochraceiceps</i> Sclater, 186	vite-vite-uirapuru
CORVIDAE	
PASSERIDA	
HIRUNDINIDAE	
<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	andorinha-do-rio
<i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-do-campo
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	andorinha-doméstica-grande
<i>Atticora fasciata</i> (Gmelin, 1789)	Peitoril
<i>Atticora melanoleuca</i> (Wied, 181)	andorinha-de-coleira
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora
<i>Riparia riparia</i> (Linnaeus, 1758)	andorinha-do-barranco
<i>Hirundo rustica</i> Linnaeus, 1758	andorinha-de-bando
TROGLODYTIDAE	
<i>Microcerculus marginatus</i> (Sclater, 1855)	uirapuru-veado
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1813	Corruíra
<i>Campylorhynchus turdinus</i> (Wied, 1831)	Catatau
<i>Pheugopedius coraya</i> (Gmelin, 1789)	garrinchão-coraia
<i>Cantorchilus leucotis</i> (Lafresnaye, 1845)	garrinchão-de-barriga-vermelha
<i>Cyphorhinus arada</i> (Hermann, 1783)	uirapuru-verdadeiro
DONACOBIIDAE	
<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	Japacanim
POLIOPTILIDAE	
<i>Ramphocaenus melanurus</i> Vieillot, 1819	bico-assovelado
<i>Poliophtila plumbea</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-chapéu-preto
TURDIDAE	
<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	sabiá-barranco
<i>Turdus fumigatus</i> Lichtenstein, 1813	sabiá-da-mata
<i>Turdus albicollis</i> Vieillot, 1818	sabiá-coleira
MIMIDAE	
MOTACILLIDAE	
COEREVIDAE	
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	Cambacica
THRAUPIDAE	
<i>Cissopis leverianus</i> (Gmelin, 1788)	Tietinga

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Lamprospiza melanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	pipira-de-bico-vermelho
<i>Habia rubica</i> (Vieillot, 1817)	tiê-do-mato-grosso
<i>Tachyphonus cristatus</i> (Linnaeus, 1766)	tiê-galo
<i>Tachyphonus luctuosus</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	tem-tem-de-dragona-branca
<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	pipira-preta
<i>Lanio versicolor</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	pipira-de-asa-branca
<i>Ramphocelus carbo</i> (Pallas, 1764)	pipira-vermelha
<i>Thraupis episcopus</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaçu-da-amazônia
<i>Thraupis palmarum</i> (Wied, 1813)	sanhaçu-do-coqueiro
<i>Tangara mexicana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-de-bando
<i>Dacnis flaviventer</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	saí-amarela
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saí-azul
<i>Cyanerpes cyaneus</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-beija-flor
<i>Hemithraupis guira</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-de-papo-preto
<i>Conirostrum speciosum</i> (Temminck, 1814)	figuinha-de-rabo-castanho

EMBERIZIDAE

<i>Ammodramus aurifrons</i> (Spix, 1815)	cigarrinha-do-campo
<i>Sicalis columbiana</i> Cabanis, 1851	canário-do-amazonas
<i>Emberizoides herbicola</i> (Vieillot, 1817)	canário-do-campo
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	Tiziu
<i>Sporophila americana</i> (Gmelin, 1789)	coleiro-do-norte
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	Bigodinho
<i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1813)	Baiano
<i>Sporophila minuta</i> (Linnaeus, 1758)	caboclinho-lindo
<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	Curió
<i>Tiaris fuliginosus</i> (Wied, 183)	cigarra-do-coqueiro
<i>Arremon taciturnus</i> (Hermann, 1783)	tico-tico-de-bico-preto
<i>Paroaria gularis</i> (Linnaeus, 1766)	cardeal-da-amazônia

CARDINALIDAE

<i>Caryothraustes canadensis</i> (Linnaeus, 1766)	Furriel
<i>Saltator grossus</i> (Linnaeus, 1766)	bico-encarnado
<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	tempera-viola
<i>Saltator coerulescens</i> Vieillot, 1817	sabiá-gongá
<i>Cyanocompsa cyanoides</i> (Lafresnaye, 1847)	azulão-da-amazônia

PARULIDAE

<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	pia-cobra
<i>Phaeothlypis rivularis</i> (Wied, 1811)	pula-pula-ribeirinho
<i>Granatellus pelzelni</i> Sclater, 1865	polícia-do-mato

ICTERIDAE

<i>Psarocolius viridis</i> (Statius Muller, 1776)	japu-verde
<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	Japu
<i>Psarocolius bifasciatus</i> (Spix, 1814)	Japuaçu
<i>Cacicus cela</i> (Linnaeus, 1758)	Xexéu
<i>Icterus cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	Encontro
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	vira-bosta
<i>Sturnella militaris</i> (Linnaeus, 1758)	polícia-inglesa-do-norte

FRINGILLIDAE

<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	fim-fim
<i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758)	gaturamo-verdadeiro
<i>Euphonia chrysopasta</i> Sclater & Salvin, 1869	gaturamo-verde
<i>Euphonia rufiventris</i> (Vieillot, 1819)	gaturamo-do-norte

PASSERIDAE

<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	Pardal
-------------------------------------------	--------

Região V

As áreas alvos de estudo na região V englobam as cabeceiras do alto rio Tapajós, uma porção com fauna nitidamente influenciada pela Floresta Amazônica. Nesta foram inventariadas 687 espécies de aves, até o presente momento, a maior diversidade dentre os pontos de amostragem. Dentre as aves amostradas, apenas seis espécies figuram dentre as aves ameaçadas de extinção: além das já anteriormente citadas, a região do Tapajós resguarda os ambientes típicos da 1) mãe-de-taoca-papuda *Rhegmatorhina hoffmannsi* (Hellmayr, 1970), um formicarídeo de distribuição restrita, tido como vulnerável a nível nacional (MMA 2003). As demais espécies são:

2) a arara-azul-grande *Anodorhynchus hyacinthinus* (Latham, 179), tida como vulnerável a nível global (IUCN 2006);

3) o arapaçu-pardo *Dendrocincla fuliginosa trumai* (Vieillot, 1818), pequena sub-espécie restrita ao interflúvio Xingu-Tapajós, classificada como vulnerável a nível nacional (MMA 2003);

4) o araçari-de-pescoço-vermelho *Pteroglossus bitorquatus* Vigors, 1816, classificada como vulnerável a nível nacional;

5) o gavião-real *Harpia harpyja* (Linnaeus, 1758), considerado como próxima a ser incluída como de ameaçada de extinção (*near-threatened*), e

6) a garça-da-mata *Agamia agami* (Gmelin, 1789) (*near-threatened*).

São várias as aves notórias da Amazônia encontradas nesta região, variadas espécies que possuem distribuição restrita pelos grandes rios meridionais da Amazônia, entre elas: a cambaxirra-cinzenta *Odontorchilus cinereus* (Pelzeln, 1868), o saí-de-barriga-branca *Dacnis albiventris* (Sclater, 1851), o chororó-de-manu *Cercomacra manu* Fitzpatrick & Willard, 1990, o choquinha-de-olho-branco *Myrmotherula leucophthalma* (Pelzeln, 1868), o zidedê-de-encontro *Terenura humeralis* Sclater & Salvin, 1880, o papagaio-dos-garbes *Amazona kawalli* Grantsau & Camargo, 1989, e o papagaio-de-cabeça-laranja *Gypopsitta aurantiocephala* (Gaban-Lima, Raposo & Höfling, 2001). Algumas possuem a distribuição restrita aos interflúvios que engloba o Tapajós, como a subespécie do papa-taoca *Pyriglena leuconota interposita* (Spix, 1814).

Tabela 5.2-39. Espécies de aves registradas na região do Alto Rio Tapajós, MT.

Fontes: Eletronorte, 2005. Diagnóstico ambiental (Meio Biótico: Avifauna) para o EIA-RIMA da área de influência do AHE Dardanelos, Aripuanã – MT. Eletronorte; Geoflora 2002. Diagnóstico ambiental (Meio Biótico: Avifauna) para o Plano de Manejo Florestal da Reserva Extrativista Jaci-Paraná. Porto Velho, MT: Geoflora; Henriques, L. M. P. ; J. M. Wunderle, Jr., & M. R. Willig, 2003. "Birds Of The Tapajos National Forest, Brazilian Amazon: a preliminary assessment". *Ornitologia Neotropical* 14: 1 – 32; Niefa, 2008. Lista das Aves da Região de Alta Floresta, Matupá, Peixoto de Azevedo, Apiacás e Sinop, MT. Niefa - Núcleo Integrado de Estudo Faunístico da Universidade Federal do Mato Grosso. Disponível *on-line* em (<http://www.ufmt.br/niefa/tabelaaves.html>), data de acesso 02/07/2008; Pacheco, J. F. & Olmos, F. 2003. "Birds of a Latitudinal Transect in the Tapajós-Xingu Interfluvium, eastern Brazilian Amazonia". *Ararajuba* 13 (1):29-46

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

STRUTHIONIFORMES
RHEIDAE
TINAMIFORMES
TINAMIDAE

<i>Tinamus tao</i> Temminck, 1815	azulona
<i>Tinamus major</i> (Gmelin, 1789)	inhambu-de-cabeça-vermelha
<i>Tinamus guttatus</i> Pelzeln, 1863	inhambu-galinha
<i>Crypturellus cinereus</i> (Gmelin, 1789)	inhambu-preto
<i>Crypturellus soui</i> (Hermann, 1783)	tururim
<i>Crypturellus obsoletus</i> (Temminck, 1815)	inhambuguaçu
<i>Crypturellus undulatus</i> (Temminck, 1815)	jaó
<i>Crypturellus strigulosus</i> (Temminck, 1815)	inhambu-relógio
<i>Crypturellus variegatus</i> (Gmelin, 1789)	inhambu-anhangá
<i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1817)	inhambu-chororó
<i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815)	inhambu-chintã
<i>Rhynchotus rufescens</i> (Temminck, 1815)	perdiz

ANSERIFORMES
ANHIMIDAE
ANATIDAE

<i>Dendrocygnae</i> Reichenbach, 185	
<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)	irerê
<i>Dendrocygna autumnalis</i> (Linnaeus, 1758)	asa-branca

ANSERINAE
ANATINAE

<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	pato-do-mato
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	pé-vermelho

GALLIFORMES
CRACIDAE

<i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1815)	aracuã
<i>Ortalis motmot</i> (Linnaeus, 1766)	aracuã-pequeno
<i>Penelope superciliaris</i> Temminck, 1815	jacupemba
<i>Penelope jacquacu</i> Spix, 1815	jacu-de-spix
<i>Aburria kujubi</i> (Pelzeln, 1858)	cujubi
<i>Mitu tuberosum</i> (Spix, 1815)	mutum-cavalo
<i>Crax fasciolata</i> Spix, 1815	mutum-de-penacho

ODONTOPHORIDAE

<i>Odontophorus gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	uru-corcovado
-----------------------------------------------	---------------

PODICIPEDIFORMES
PODICIPEDIDAE

<i>Tachybaptus dominicus</i> (Linnaeus, 1766)	mergulhão-pequeno
-----------------------------------------------	-------------------

PELECANIFORMES
PHALACROCORACIDAE

<i>Phalacrocorax brasilianus</i> (Gmelin, 1789)	biguá
-------------------------------------------------	-------

ANHINGIDAE

<i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	biguatinga
-----------------------------------------	------------

CICONIIFORMES

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

ARDEIDAE

<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	socó-boi
<i>Agamia agami</i> (Gmelin, 1789)	garça-da-mata
<i>Zebrilus undulatus</i> (Gmelin, 1789)	socoí-zigue-zague
<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	socozinho
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	garça-vaqueira
<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766	garça-moura
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	garça-branca-grande
<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1814)	maria-faceira
<i>Pilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	garça-real
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1781)	garça-branca-pequena
<i>Egretta caerulea</i> (Linnaeus, 1758)	garça-azul

THRESKIORNITHIDAE

<i>Mesembrinibis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	coró-coró
<i>Theristicus caudatus</i> (Boddaert, 1783)	curicaca

CICONIIDAE

<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)	tuiuiú
<i>Mycteria americana</i> Linnaeus, 1758	cabeça-seca

CATHARTIFORMES

CATHARTIDAE

<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-de-cabeça-vermelha
<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	urubu-de-cabeça-amarela
<i>Cathartes melambrotus</i> Wetmore, 1964	urubu-da-mata
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	urubu-de-cabeça-preta
<i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-rei

FALCONIFORMES BONAPARTE, 1831

PANDIONIDAE BONAPARTE, 1854

<i>Pandion haliaetus</i> (Linnaeus, 1758)	águia-pescadora
-------------------------------------------	-----------------

ACCIPITRIDAE VIGORS, 1814

<i>Leptodon cayanensis</i> (Latham, 179)	gavião-de-cabeça-cinza
<i>Chondrohierax uncinatus</i> (Temminck, 1811)	caracoleiro
<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-tesoura
<i>Gampsonyx swainsonii</i> Vigors, 1815	gaviãozinho
<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	gavião-peneira
<i>Rostrhamus sociabilis</i> (Vieillot, 1817)	gavião-caramujeiro
<i>Helicolestes hamatus</i> (Temminck, 1811)	gavião-do-igapó
<i>Harpagus bidentatus</i> (Latham, 179)	gavião-ripina
<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	sovi
<i>Accipiter poliogaster</i> (Temminck, 1814)	tauató-pintado
<i>Accipiter superciliosus</i> (Linnaeus, 1766)	gavião-miudinho
<i>Accipiter bicolor</i> (Vieillot, 1817)	gavião-bombachinha-grande
<i>Geranospiza caerulescens</i> (Vieillot, 1817)	gavião-pernilongo
<i>Leucopternis schistaceus</i> (Sundevall, 1851)	gavião-azul
<i>Leucopternis kuhli</i> Bonaparte, 185	gavião-vaqueiro
<i>Leucopternis albicollis</i> (Latham, 179)	gavião-branco
<i>Buteogallus urubitinga</i> (Gmelin, 1788)	gavião-preto
<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 179)	gavião-caboclo
<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham, 179)	gavião-belo
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	gavião-carijó
<i>Buteo albicaudatus</i> Vieillot, 1816	gavião-de-rabo-branco
<i>Buteo nitidus</i> (Latham, 179)	gavião-pedres
<i>Buteo platypterus</i> (Vieillot, 1813)	gavião-de-asa-larga
<i>Buteo swainsoni</i> Bonaparte, 1838	gavião-papa-gafanhoto

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Buteo brachyurus</i> Vieillot, 1816	gavião-de-cauda-curta
<i>Morphnus guianensis</i> (Daudin, 18)	uiraçu-falso
<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-real
<i>Spizaetus tyrannus</i> (Wied, 181)	gavião-pegas-macaco
<i>Spizaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-pato
<i>Spizaetus ornatus</i> (Daudin, 18)	gavião-de-penacho
FALCONIDAE	
<i>Daptrius ater</i> Vieillot, 1816	gavião-de-anta
<i>Ibycter americanus</i> (Boddaert, 1783)	gralhão
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	caracará
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	carrapateiro
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	acauã
<i>Micrastur ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	falcão-caburé
<i>Micrastur gilvicollis</i> (Vieillot, 1817)	falcão-mateiro
<i>Micrastur mintoni</i> Whittaker, 11	falcão-crítico
<i>Micrastur mirandollei</i> (Schlegel, 1861)	tanatau
<i>Micrastur semitorquatus</i> (Vieillot, 1817)	falcão-relógio
<i>Falco sparverius</i> Linnaeus, 1758	quiriquiri
<i>Falco rufigularis</i> Daudin, 18	cauré
<i>Falco deiroleucus</i> Temminck, 1815	falcão-de-peito-laranja
<i>Falco femoralis</i> Temminck, 1811	falcão-de-coleira
GRUIFORMES	
ARAMIDAE	
<i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus, 1766)	carão
PSOPHIIDAE	
<i>Psophia viridis</i> Spix, 1815	jacamim-de-costas-verdes
RALLIDAE	
<i>Aramides cajanea</i> (Statius Muller, 1776)	saracura-três-potes
<i>Laterallus viridis</i> (Statius Muller, 1776)	sanã-castanha
<i>Laterallus melanophaius</i> (Vieillot, 1819)	sanã-parda
<i>Laterallus exilis</i> (Temminck, 1831)	sanã-do-capim
<i>Porzana albicollis</i> (Vieillot, 1819)	sanã-carijó
<i>Neocrex erythrops</i> (Sclater, 1867)	turu-turu
<i>Gallinula chloropus</i> (Linnaeus, 1758)	frango-d'água-comum
<i>Porphyrio martinica</i> (Linnaeus, 1766)	frango-d'água-azul
<i>Porphyrio flavirostris</i> (Gmelin, 1789)	frango-d'água-pequeno
HELIORNITHIDAE	
<i>Heliornis fulica</i> (Boddaert, 1783)	picaparra
EURYPYGIDAE	
<i>Eurypyga helias</i> (Pallas, 1781)	pavãozinho-do-pará
CARIAMIDAE	
CHARADRIIFORMES	
CHARADRII	
CHARADRIIDAE	
<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 179)	batuíra-de-esporão
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1781)	quero-quero
<i>Pluvialis dominica</i> (Statius Muller, 1776)	batuiraçu
<i>Charadrius collaris</i> Vieillot, 1818	batuíra-de-coleira
RECURVIROSTRIDAE	
SCOLOPACI	
SCOLOPACIDAE	
<i>Bartramia longicauda</i> (Bechstein, 1811)	maçarico-do-campo
<i>Actitis macularia</i> (Linnaeus, 1766)	maçarico-pintado

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Tringa solitaria</i> Wilson, 1813	maçarico-solitário
<i>Tringa melanoleuca</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-grande-de-perna-amarela
<i>Tringa flavipes</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-de-perna-amarela
<i>Calidris fuscicollis</i> (Vieillot, 1819)	maçarico-de-sobre-branco
<i>Calidris melanotos</i> (Vieillot, 1819)	maçarico-de-colete
JACANIDAE	
<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	jaçanã
LARI	
LARIDAE	
STERNIDAE	
<i>Sternula supercilialis</i> (Vieillot, 1819)	trinta-réis-anão
<i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin, 1789)	trinta-réis-grande
RYNCHOPIDAE	
<i>Rynchops niger</i> Linnaeus, 1758	talha-mar
COLUMBIFORMES	
COLUMBIDAE	
<i>Columbina passerina</i> (Linnaeus, 1758)	rolinha-cinzenta
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)	rolinha-roxa
<i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831)	fogo-apagou
<i>Claravis pretiosa</i> (Ferrari-Perez, 1886)	pararu-azul
<i>Uropelia campestris</i> (Spix, 1815)	rolinha-vaqueira
<i>Columba livia</i> Gmelin, 1789	pombo-doméstico
<i>Patagioenas speciosa</i> (Gmelin, 1789)	pomba-trocal
<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)	pombão
<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1791)	pomba-galega
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	pomba-amargosa
<i>Patagioenas subvinacea</i> (Lawrence, 1868)	pomba-botafogo
<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855	juriti-pupu
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1791)	juriti-gemeadeira
<i>Geotrygon violacea</i> (Temminck, 189)	juriti-vermelha
<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)	pariri
PSITTACIFORMES	
PSITTACIDAE	
<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i> (Latham, 179)	arara-azul-grande
<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	arara-canindé
<i>Ara macao</i> (Linnaeus, 1758)	aracanga
<i>Ara chloropterus</i> Gray, 1859	arara-vermelha-grande
<i>Ara severus</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-guaçu
<i>Orthopsittaca manilata</i> (Boddaert, 1783)	maracanã-do-buriti
<i>Primolius maracana</i> (Vieillot, 1816)	maracanã-verdadeira
<i>Diopsittaca nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-pequena
<i>Guarouba guarouba</i> (Gmelin, 1788)	ararajuba
<i>Aratinga leucophthalma</i> (Statius Muller, 1776)	periquitão-maracanã
<i>Aratinga weddellii</i> (Deville, 1851)	periquito-de-cabeça-suja
<i>Aratinga aurea</i> (Gmelin, 1788)	periquito-rei
<i>Aratinga pertinax</i> (Linnaeus, 1758)	periquito-de-bochecha-parda
<i>Pyrrhura perlata</i> (Spix, 1814)	tiriba-de-barriga-vermelha
<i>Pyrrhura picta</i> (Statius Muller, 1776)	tiriba-de-testa-azul
<i>Pyrrhura amazonum</i> Hellmayr, 196	tiriba-de-hellmayr
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1814)	tuim
<i>Forpus modestus</i> (Cabanis, 1848)	tuim-de-bico-escuro
<i>Brotogeris versicolurus</i> (Statius Muller, 1776)	periquito-de-asa-branca
<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1818)	periquito-de-encontro-amarelo

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Brotogeris chrysoptera</i> (Linnaeus, 1766)	periquito-de-asa-dourada
<i>Touit huetii</i> (Temminck, 183)	apuim-de-asa-vermelha
<i>Touit purpuratus</i> (Gmelin, 1788)	apuim-de-costas-azuis
<i>Pionites leucogaster</i> (Kuhl, 181)	marianinha-de-cabeça-amarela
<i>Gypopsitta vulturina</i> (Kuhl, 181)	curica-urubu
<i>Gypopsitta aurantiocephala</i> (Gaban-Lima, Raposo & Höfling, 11)	papagaio-de-cabeça-laranja
<i>Gypopsitta barrabandi</i> (Kuhl, 181)	curica-de-bochecha-laranja
<i>Pionus menstruus</i> (Linnaeus, 1766)	maitaca-de-cabeça-azul
<i>Pionus fuscus</i> (Statius Muller, 1776)	maitaca-roxa
<i>Amazona festiva</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-da-várzea
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-verdadeiro
<i>Amazona ochrocephala</i> (Gmelin, 1788)	papagaio-campeiro
<i>Amazona kawalli</i> Grantsau & Camargo, 1989	papagaio-dos-garbes
<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	curica
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)	papagaio-moleiro
<i>Deroptyus accipitrinus</i> (Linnaeus, 1758)	anacã
OPISTHOCOMIFORMES	
OPISTHOCOMIDAE	
<i>Opisthocomus hoazin</i> (Statius Muller, 1776)	cigana
CUCULIFORMES	
CUCULIDAE	
CUCULINAE	
<i>Coccyzua minuta</i> (Vieillot, 1817)	chincão-pequeno
<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	alma-de-gato
<i>Piaya melanogaster</i> (Vieillot, 1817)	chincão-de-bico-vermelho
<i>Coccyzus melacoryphus</i> Vieillot, 1817	papa-lagarta-acanelado
CROTOPHAGINAE	
<i>Crotophaga major</i> Gmelin, 1788	anu-coroca
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	anu-preto
<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)	anu-branco
TAPERINAE	
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	saci
<i>Dromococcyx phasianellus</i> (Spix, 1814)	peixe-frito-verdadeiro
<i>Dromococcyx pavoninus</i> Pelzelin, 187	peixe-frito-pavonino
NEOMORPHINAE	
<i>Neomorphus geoffroyi</i> (Temminck, 181)	jacu-estalo
STRIGIFORMES	
TYTONIDAE	
<i>Tyto alba</i> (Scopoli, 1769)	coruja-da-igreja
STRIGIDAE	
<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)	corujinha-do-mato
<i>Megascops watsonii</i> (Cassin, 1849)	corujinha-orelhuda
<i>Megascops usta</i> (Sclater, 1858)	corujinha-relógio
<i>Lophostrix cristata</i> (Daudin, 18)	coruja-de-crista
<i>Pulsatrix perspicillata</i> (Latham, 179)	murucututu
<i>Strix virgata</i> (Cassin, 1849)	coruja-do-mato
<i>Strix huhula</i> Daudin, 18	coruja-preta
<i>Glaucidium hardyi</i> Vielliard, 199	caburé-da-amazônia
<i>Glaucidium minutissimum</i> (Wied, 183)	caburé-miudinho
<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	caburé
<i>Athene cunicularia</i> (Molina, 1781)	coruja-buraqueira
CAPRIMULGIFORMES	
NYCTIBIIDAE	

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Nyctibius grandis</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua-gigante
<i>Nyctibius aethereus</i> (Wied, 181)	mãe-da-lua-parda
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua
<i>Nyctibius leucopterus</i> (Wied, 1811)	uratau-de-asa-branca
CAPRIMULGIDAE	
<i>Lurocalis semitorquatus</i> (Gmelin, 1789)	tuju
<i>Chordeiles pusillus</i> Gould, 1861	bacurauzinho
<i>Chordeiles acutipennis</i> (Hermann, 1783)	bacurau-de-asa-fina
<i>Chordeiles minor</i> (Forster, 1771)	bacurau-norte-americano
<i>Podager nacunda</i> (Vieillot, 1817)	corucão
<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)	bacurau
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i> (Tschudi, 1844)	bacurau-ocelado
<i>Caprimulgus maculicaudus</i> (Lawrence, 1861)	bacurau-de-rabo-maculado
<i>Caprimulgus parvulus</i> Gould, 1837	bacurau-chintã
<i>Caprimulgus nigrescens</i> Cabanis, 1848	bacurau-de-lajeado
<i>Hydropsalis climacocerca</i> (Tschudi, 1844)	acurana
<i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789)	bacurau-tesoura
APODIFORMES	
APODIDAE	
<i>Cypseloides fumigatus</i> (Streubel, 1848)	taperuçu-preto
<i>Cypseloides senex</i> (Temminck, 1816)	taperuçu-velho
<i>Streptoprocne zonaris</i> (Shaw, 1796)	taperuçu-de-coleira-branca
<i>Chaetura spinicaudus</i> (Temminck, 1839)	andorinhão-de-sobre-branco
<i>Chaetura cinereiventris</i> Sclater, 1861	andorinhão-de-sobre-cinzentos
<i>Chaetura egregia</i> Todd, 1916	taperá-de-garganta-branca
<i>Chaetura chapmani</i> Hellmayr, 197	andorinhão-de-chapman
<i>Chaetura viridipennis</i> Cherrie, 1916	andorinhão-da-amazônia
<i>Chaetura meridionalis</i> Hellmayr, 197	andorinhão-do-temporal
<i>Chaetura brachyura</i> (Jardine, 1846)	andorinhão-de-rabo-curto
<i>Tachornis squamata</i> (Cassin, 1853)	tesourinha
<i>Panyptila cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	andorinhão-estofador
TROCHILIDAE	
PHAETHORNITHINAE	
<i>Glaucis hirsutus</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-bico-torto
<i>Threnetes leucurus</i> (Linnaeus, 1766)	balança-rabo-de-garganta-preta
<i>Phaethornis ruber</i> (Linnaeus, 1758)	rabo-branco-rubro
<i>Phaethornis hispidus</i> (Gould, 1846)	rabo-branco-cinza
<i>Phaethornis philippii</i> (Bourcier, 1847)	rabo-branco-amarelo
<i>Phaethornis bourcieri</i> (Lesson, 1831)	rabo-branco-de-bico-reto
<i>Phaethornis superciliosus</i> (Linnaeus, 1766)	rabo-branco-de-bigodes
<i>Phaethornis malaris</i> (Nordmann, 1835)	besourão-de-bico-grande
TROCHILINAE	
<i>Campylopterus largipennis</i> (Boddaert, 1783)	asa-de-sabre-cinza
<i>Florisuga mellivora</i> (Linnaeus, 1758)	beija-flor-azul-de-rabo-branco
<i>Anthracothonax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-de-veste-preta
<i>Avocettula recurvirostris</i> (Swainson, 1811)	beija-flor-de-bico-virado
<i>Topaza pella</i> (Linnaeus, 1758)	beija-flor-brilho-de-fogo
<i>Chrysolampis mosquitus</i> (Linnaeus, 1758)	beija-flor-vermelho
<i>Lophornis gouldii</i> (Lesson, 1831)	topetinho-do-brasil-central
<i>Discosura langsdorffi</i> (Temminck, 1811)	rabo-de-espinho
<i>Discosura longicaudus</i> (Gmelin, 1788)	bandeirinha
<i>Chlorestes notata</i> (Reich, 1793)	beija-flor-de-garganta-azul
<i>Thalurania furcata</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-tesoura-verde

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Hylocharis sapphirina</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-safira
<i>Hylocharis cyanus</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-roxo
<i>Polytmus theresiae</i> (Da Silva Maia, 1843)	beija-flor-verde
<i>Amazilia versicolor</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-banda-branca
<i>Amazilia fimbriata</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-garganta-verde
<i>Heliothryx auritus</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-bochecha-azul
<i>Heliomaster longirostris</i> (Audebert & Vieillot, 181)	bico-reto-cinzento
<i>Calliphlox amethystina</i> (Boddaert, 1783)	estrelinha-ametista
TROGONIFORMES	
TROGONIDAE	
<i>Trogon viridis</i> Linnaeus, 1766	surucuá-grande-de-barriga-amarela
<i>Trogon curucui</i> Linnaeus, 1766	surucuá-de-barriga-vermelha
<i>Trogon violaceus</i> Gmelin, 1788	surucuá-pequeno
<i>Trogon collaris</i> Vieillot, 1817	surucuá-de-coleira
<i>Trogon rufus</i> Gmelin, 1788	surucuá-de-barriga-amarela
<i>Trogon melanurus</i> Swainson, 1838	surucuá-de-cauda-preta
<i>Pharomachrus pavoninus</i> (Spix, 1814)	surucuá-pavão
CORACIIFORMES	
ALCEDINIDAE	
<i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-grande
<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 179)	martim-pescador-verde
<i>Chloroceryle aenea</i> (Pallas, 1764)	martinho
<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin, 1788)	martim-pescador-pequeno
<i>Chloroceryle inda</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-da-mata
MOMOTIDAE	
<i>Electron platyrhynchum</i> (Leadbeater, 1819)	udu-de-bico-largo
<i>Baryphthengus martii</i> (Spix, 1814)	juruvá-ruiva
<i>Momotus momota</i> (Linnaeus, 1766)	udu-de-coroa-azul
GALBULIFORMES	
GALBULIDAE	
<i>Brachygalba lugubris</i> (Swainson, 1838)	ariramba-preta
<i>Galbula albirostris</i> Latham, 179	ariramba-de-bico-amarelo
<i>Galbula cyanicollis</i> Cassin, 1851	ariramba-da-mata
<i>Galbula ruficauda</i> Cuvier, 1816	ariramba-de-cauda-ruiva
<i>Galbula leucogastra</i> Vieillot, 1817	ariramba-bronzeada
<i>Galbula dea</i> (Linnaeus, 1758)	ariramba-do-paraiso
<i>Jacamerops aureus</i> (Statius Muller, 1776)	jacamaraçu
BUCCONIDAE	
<i>Notharchus macrorhynchos</i> (Gmelin, 1788)	macuru-de-testa-branca
<i>Notharchus ordii</i> (Cassin, 1851)	macuru-de-peito-marrom
<i>Notharchus tectus</i> (Boddaert, 1783)	macuru-pintado
<i>Bucco tamatia</i> Gmelin, 1788	rapazinho-carijó
<i>Bucco capensis</i> Linnaeus, 1766	rapazinho-de-colar
<i>Nystalus striolatus</i> (Pelzelin, 1856)	rapazinho-estriado
<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	rapazinho-dos-velhos
<i>Malacoptila rufa</i> (Spix, 1814)	barbudo-de-pescoço-ferrugem
<i>Nonnula ruficapilla</i> (Tschudi, 1844)	freirinha-de-coroa-castanha
<i>Monasa nigrifrons</i> (Spix, 1814)	chora-chuva-preto
<i>Monasa morphoeus</i> (Hahn & Küster, 1813)	chora-chuva-de-cara-branca
<i>Chelidoptera tenebrosa</i> (Pallas, 1781)	urubuzinho
PICIFORMES	
CAPITONIDAE	
<i>Capito dayi</i> Cherrie, 1916	capitão-de-cinta

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Capito niger (Statius Muller, 1776)

capitão-de-bigode-carijó

RAMPHASTIDAE

Ramphastos toco Statius Muller, 1776

tucanuçu

Ramphastos tucanus Linnaeus, 1758

tucano-grande-de-papo-branco

Ramphastos vitellinus Lichtenstein, 1813

tucano-de-bico-preto

Selenidera gouldii (Natterer, 1837)

saripoca-de-gould

Pteroglossus inscriptus Swainson, 1811

araçari-miudinho-de-bico-riscado

Pteroglossus bitorquatus Vigors, 1816

araçari-de-pescoço-vermelho

Pteroglossus aracari (Linnaeus, 1758)

araçari-de-bico-branco

Pteroglossus castanotis Gould, 1834

araçari-castanho

Pteroglossus beauharnaesii Wagler, 1831

araçari-mulato

PICIDAE

Picumnus aurifrons Pelzeln, 187

pica-pau-anão-dourado

Melanerpes candidus (Otto, 1796)

birro, pica-pau-branco

Melanerpes cruentatus (Boddaert, 1783)

benedito-de-testa-vermelha

Veniliornis affinis (Swainson, 1811)

picapauzinho-avermelhado

Veniliornis passerinus (Linnaeus, 1766)

picapauzinho-anão

Piculus flavigula (Boddaert, 1783)

pica-pau-bufador

Piculus chrysochloros (Vieillot, 1818)

pica-pau-dourado-escuro

Colaptes campestris (Vieillot, 1818)

pica-pau-do-campo

Celeus grammicus (Natterer & Malherbe, 1845)

picapauzinho-chocolate

Celeus elegans (Statius Muller, 1776)

pica-pau-chocolate

Celeus flavus (Statius Muller, 1776)

pica-pau-amarelo

Celeus torquatus (Boddaert, 1783)

pica-pau-de-coleira

Dryocopus lineatus (Linnaeus, 1766)

pica-pau-de-banda-branca

Campephilus rubicollis (Boddaert, 1783)

pica-pau-de-barriga-vermelha

Campephilus melanoleucos (Gmelin, 1788)

pica-pau-de-topete-vermelho

PASSERIFORMES

TYRANNI

FURNARIIDA

MELANOPAREIIDAE

Melanopareia torquata (Wied, 1831)

tapaculo-de-colarinho

THAMNOPHILOIDEA

THAMNOPHILIDAE

Cymbilaimus lineatus (Leach, 1814)

papa-formiga-barrado

Cymbilaimus sanctaemariae Gyldenstolpe, 1941

choca-do-bambu

Taraba major (Vieillot, 1816)

choró-boi

Sakesphorus luctuosus (Lichtenstein, 1813)

choca-d'água

Thamnophilus doliatus (Linnaeus, 1764)

choca-barrada

Thamnophilus palliatus (Lichtenstein, 1813)

choca-listrada

Thamnophilus aethiops Sclater, 1858

choca-lisa

Thamnophilus schistaceus d'Orbigny, 1835

choca-de-olho-vermelho

Thamnophilus punctatus (Shaw, 189)

choca-bate-cabo

Thamnophilus stictocephalus Pelzeln, 1868

choca-de-natterer

Thamnophilus amazonicus Sclater, 1858

choca-canela

Thamnophilus torquatus Swainson, 1815

choca-de-asa-vermelha

Megastictus margaritatus (Sclater, 1855)

choca-pintada

Thamnomanes saturninus (Pelzeln, 1878)

uirapuru-selado

Thamnomanes caesius (Temminck, 181)

ipeçuá

Pygiptila stelleris (Spix, 1815)

choca-cantadora

Myrmotherula leucophthalma (Pelzeln, 1868)

choquinha-de-olho-branco

Myrmotherula ornata Sclater, 1853

choquinha-ornada

Myrmotherula brachyura (Hermann, 1783)

choquinha-miúda

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Myrmotherula sclateri</i> Snethlage, 1911	choquinha-de-garganta-amarela
<i>Myrmotherula multostriata</i> Sclater, 1858	choquinha-estriada-da-amazônia
<i>Myrmotherula hauxwelli</i> (Sclater, 1857)	choquinha-de-garganta-clara
<i>Myrmotherula axillaris</i> (Vieillot, 1817)	choquinha-de-flanco-branco
<i>Myrmotherula longipennis</i> Pelzeln, 1868	choquinha-de-asa-comprida
<i>Myrmotherula iheringi</i> Snethlage, 1914	choquinha-de-ihering
<i>Myrmotherula menetriesii</i> (d'Orbigny, 1837)	choquinha-de-garganta-cinza
<i>Dichrozona cincta</i> (Pelzeln, 1868)	tovaquinha
<i>Herpsilochmus sellowi</i> Whitney & Pacheco, 1	chorozinho-da-caatinga
<i>Herpsilochmus atricapillus</i> Pelzeln, 1868	chorozinho-de-chapéu-preto
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i> (Temminck, 1811)	chorozinho-de-asa-vermelha
<i>Microhoppas quixensis</i> (Cornalia, 1849)	papa-formiga-de-bando
<i>Formicivora grisea</i> (Boddaert, 1783)	papa-formiga-pardo
<i>Drymophila devillei</i> (Menegaux & Hellmayr, 196)	trovoada-listrada
<i>Terenura humeralis</i> Sclater & Salvin, 188	zidedê-de-encontro
<i>Cercomacra cinerascens</i> (Sclater, 1857)	chororó-pocúa
<i>Cercomacra nigrescens</i> (Cabanis & Heine, 1859)	chororó-negro
<i>Cercomacra manu</i> Fitzpatrick & Willard, 199	chororó-de-manu
<i>Pyriglena leuconota interposita</i> (Spix, 1814)	papa-taoca
<i>Myrmoborus leucophrys</i> (Tschudi, 1844)	papa-formiga-de-sobrancelha
<i>Myrmoborus myotherinus</i> (Spix, 1815)	formigueiro-de-cara-preta
<i>Hypocnemis cantator</i> (Boddaert, 1783)	papa-formiga-cantador
<i>Hypocnemis hypoxantha</i> Sclater, 1869	cantador-amarelo
<i>Hypocnemoides maculicauda</i> (Pelzeln, 1868)	solta-asa
<i>Sclateria naevia</i> (Gmelin, 1788)	papa-formiga-do-igarapé
<i>Schistocichla leucostigma</i> (Pelzeln, 1868)	formigueiro-de-asa-pintada
<i>Myrmeciza ferruginea</i> (Statius Muller, 1776)	formigueiro-ferrugem
<i>Myrmeciza hemimelaena</i> Sclater, 1857	formigueiro-de-cauda-castanha
<i>Myrmeciza atrothorax</i> (Boddaert, 1783)	formigueiro-de-peito-preto
<i>Myrmornis torquata</i> (Boddaert, 1783)	pinto-do-mato-carijó
<i>Rhegmatorhina gymnops</i> Ridgway, 1888	mãe-de-taoca-de-cara-branca
<i>Rhegmatorhina hoffmannsi</i> (Hellmayr, 197)	mãe-de-taoca-papuda
<i>Hylophylax naevius</i> (Gmelin, 1789)	guarda-floresta
<i>Hylophylax punctulatus</i> (Des Murs, 1856)	guarda-várzea
<i>Hylophylax poecilinotus</i> (Cabanis, 1847)	rendadinho
<i>Phlegopsis nigromaculata confinis</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	mãe-de-taoca
<i>Skutchia borbæ</i> (Hellmayr, 197)	mãe-de-taoca-dourada
CONOPOPHAGIDAE	
<i>Conopophaga aurita pallida</i> (Gmelin, 1789)	chupa-dente-de-cinta
<i>Conopophaga melanogaster</i> Ménétériès, 1835	chupa-dente-grande
FURNARIOIDEA	
GRALLARIIDAE	
<i>Grallaria varia</i> (Boddaert, 1783)	tovacuçu
<i>Hylopezus macularius</i> (Temminck, 1813)	torom-carijó
<i>Hylopezus berlepschi</i> (Hellmayr, 193)	torom-torom
<i>Myrmothera campanisona</i> (Hermann, 1783)	tovaca-patinho
RHINOCRYPTIDAE	
<i>Liosceles thoracicus</i> (Sclater, 1865)	corneteiro-da-mata
FORMICARIIDAE	
<i>Formicarius colma</i> Boddaert, 1783	galinha-do-mato
<i>Formicarius analis</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	pinto-do-mato-de-cara-preta
<i>Chamaeza nobilis</i> Gould, 1855	tovaca-estriada
SCLERURIDAE	

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Sclerurus mexicanus Sclater, 1857
Sclerurus rufigularis Pelzeln, 1868
Sclerurus caudacutus (Vieillot, 1816)
Sclerurus albigularis Sclater & Salvin, 1869

DENDROCOLAPTIDAE

Dendrocincla fuliginosa trumai (Vieillot, 1818)
Dendrocincla merula (Lichtenstein, 1819)
Deconychura longicauda (Pelzeln, 1868)
Deconychura stictolaema (Pelzeln, 1868)
Sittasomus griseicapillus (Vieillot, 1818)
Glyphorhynchus spirurus (Vieillot, 1819)
Nasica longirostris (Vieillot, 1818)
Dendrexetastes rufigula (Lesson, 1844)
Hylexetastes perrotii (Lafresnaye, 1844)
Hylexetastes uniformis Hellmayr, 199
Hylexetastes brigidai Silva, Novaes & Oren, 1996
Xiphocolaptes promeropirhynchus (Lesson, 184)
Xiphocolaptes carajaensis Silva, Novaes & Oren, 11
Dendrocolaptes certhia (Boddaert, 1783)
Dendrocolaptes picumnus Lichtenstein, 181
Dendrocolaptes hoffmannsi Hellmayr, 199
Dendrocolaptes platyrostris Spix, 1815
Xiphorhynchus picus (Gmelin, 1788)
Xiphorhynchus elegans (Pelzeln, 1868)
Xiphorhynchus spixii (Lesson, 183)
Xiphorhynchus obsoletus (Lichtenstein, 181)
Xiphorhynchus guttatus (Lichtenstein, 181)
Lepidocolaptes angustirostris (Vieillot, 1818)
Lepidocolaptes albolineatus (Lafresnaye, 1845)
Campylorhamphus procurvoides (Lafresnaye, 185)

FURNARIIDAE

Synallaxis frontalis Pelzeln, 1859
Synallaxis albescens Temminck, 1813
Synallaxis rutilans Temminck, 1813
Synallaxis cherriei Gyldenstolpe, 193
Synallaxis cabanisi Berlepsch & Leverkühn, 189
Synallaxis gujanensis (Gmelin, 1789)
Cranioleuca vulpina (Pelzeln, 1856)
Cranioleuca gutturata (d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)
Berlepschia rikeri (Ridgway, 1886)
Simoxenops ucayalae (Chapman, 1918)
Ancistrops strigilatus (Spix, 1815)
Hyloctistes subulatus (Spix, 1814)
Philydor ruficaudatum (d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)
Philydor erythrocerum (Pelzeln, 1859)
Philydor erythropterum (Sclater, 1856)
Philydor pyrrhodes (Cabanis, 1848)
Anabazenops dorsalis (Sclater & Salvin, 188)
Automolus ochrolaemus (Tschudi, 1844)
Automolus infuscatus (Sclater, 1856)
Automolus paraensis Hartert, 191
Automolus rufipileatus (Pelzeln, 1859)
Xenops milleri (Chapman, 1914)

vira-folha-de-peito-vermelho
vira-folha-de-bico-curto
vira-folha-pardo
vira-folha-de-garganta-cinza

arapaçu-pardo
arapaçu-da-taoca
arapaçu-rabudo
arapaçu-de-garganta-pintada
arapaçu-verde
arapaçu-de-bico-de-cunha
arapaçu-de-bico-comprido
arapaçu-galinha
arapaçu-de-bico-vermelho
arapaçu-uniforme
arapaçu-de-loro-cinza
arapaçu-vermelho
arapaçu-do-carajás
arapaçu-barrado
arapaçu-meio-barrado
arapaçu-marrom
arapaçu-grande
arapaçu-de-bico-branco
arapaçu-elegante
arapaçu-de-spix
arapaçu-riscado
arapaçu-de-garganta-amarela
arapaçu-de-cerrado
arapaçu-de-listras-brancas
arapaçu-de-bico-curvo

petrim
uí-pi
joão-teneném-castanho
puruchém
joão-do-norte
joão-teneném-becua
arredio-do-rio
joão-pintado
limpa-folha-do-buriti
limpa-folha-de-bico-virado
limpa-folha-picanço
limpa-folha-riscado
limpa-folha-de-cauda-ruiva
limpa-folha-de-sobre-ruivo
limpa-folha-de-asa-castanha
limpa-folha-vermelho
barranqueiro-de-topete
barranqueiro-camurça
barranqueiro-pardo
barranqueiro-do-pará
barranqueiro-de-coroa-castanha
bico-virado-da-copa

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

Xenops tenuirostris Pelzeln, 1859

Xenops minutus (Sparman, 1788)

Xenops rutilans Temminck, 1811

bico-virado-fino

bico-virado-miúdo

bico-virado-carijó

TYRANNIDA
TYRANNIDAE
PIPRMORPHINAE
Mionectes oleagineus (Lichtenstein, 1813)

Mionectes macconnelli (Chubb, 1919)

Leptopogon amaurocephalus Tschudi, 1846

Corythopsis torquatus (Tschudi, 1844)

Lophotriccus galeatus (Boddaert, 1783)

Hemitriccus minor (Sneath, 197)

Hemitriccus zosterops (Pelzeln, 1868)

Hemitriccus griseipectus (Sneath, 197)

Hemitriccus striatocollis (Lafresnaye, 1853)

Hemitriccus margaritaceiventer
Hemitriccus minimus (Todd, 1915)

Poecilotriccus capitalis (Sclater, 1857)

Poecilotriccus latirostris (Pelzeln, 1868)

Todirostrum maculatum (Desmarest, 186)

Todirostrum chrysocrotaphum Strickland, 185

abre-asa

abre-asa-da-mata

cabeçudo

estalador-do-norte

caga-sebino-de-penacho

maria-sebino

maria-de-olho-branco

maria-de-barriga-branca

sebino-rajado-amarelo

sebino-de-olho-de-ouro

maria-mirim

maria-picaça

ferreirinho-de-cara-parda

ferreirinho-estriado

ferreirinho-pintado

ELAENIINAE
Tyrannulus elatus (Latham, 179)

Myiopagis gaimardii (d'Orbigny, 1839)

Myiopagis caniceps (Swainson, 1835)

Myiopagis viridicata (Vieillot, 1817)

Elaenia flavogaster (Thunberg, 1811)

Elaenia spectabilis Pelzeln, 1868

Elaenia parvirostris Pelzeln, 1868

Elaenia cristata Pelzeln, 1868

Ornithion inerme Hartlaub, 1853

Camptostoma obsoletum (Temminck, 1814)

Phaeomyias murina (Spix, 1815)

Capsiempis flaveola (Lichtenstein, 1813)

Euscarthmus meloryphus Wied, 1831

Euscarthmus rufomarginatus (Pelzeln, 1868)

Zimmerius gracilipes (Sclater & Salvin, 1868)

Sublegatus obscurior Todd, 191

Sublegatus modestus (Wied, 1831)

Myiornis ecaudatus (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Rhynchocyclus olivaceus (Temminck, 181)

Tolmomyias sulphurescens (Spix, 1815)

Tolmomyias assimilis (Pelzeln, 1868)

Tolmomyias poliocephalus (Taczanowski, 1884)

Tolmomyias flaviventris (Wied, 1831)

Platyrinchus saturatus Salvin & Godman, 1881

Platyrinchus coronatus Sclater, 1858

Platyrinchus platyrhynchos (Gmelin, 1788)

maria-te-viu

maria-pechim

guaracava-cinzena

guaracava-de-crista-alaranjada

guaracava-de-barriga-amarela

guaracava-grande

guaracava-de-bico-curto

guaracava-de-topete-uniforme

poiairo-de-sobrancelha

risadinha

bagageiro

marianinha-amarela

barulhento

maria-corruíra

poiairo-de-pata-fina

sertanejo-escuro

guaracava-modesta

caçula

bico-chato-grande

bico-chato-de-orelha-preta

bico-chato-da-copa

bico-chato-de-cabeça-cinza

bico-chato-amarelo

patinho-escuro

patinho-de-coroa-dourada

patinho-de-coroa-branca

FLUVICOLINAE
Onychorhynchus coronatus (Statius Muller, 1776)

Myiophobus fasciatus (Statius Muller, 1776)

Myiobius barbatus (Gmelin, 1789)

Myiobius atricaudus Lawrence, 1863

maria-leque

filipe

assanhadinho

assanhadinho-de-cauda-preta

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Terenotriccus erythrurus</i> (Cabanis, 1847)	papa-moscas-uirapuru
<i>Lathrotriccus eulerei</i> (Cabanis, 1868)	enferrujado
<i>Cnemotriccus fuscatus</i> (Wied, 1831)	guaracavuçu
<i>Contopus cooperi</i> (Nuttall, 1831)	piui-boreal
<i>Contopus fumigatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	piui-de-topete
<i>Contopus virens</i> (Linnaeus, 1766)	piui-verdadeiro
<i>Contopus nigrescens</i> (Sclater & Salvin, 188)	piui-preto
<i>Pyrocephalus rubinus</i> (Boddaert, 1783)	príncipe
<i>Ochthornis littoralis</i> (Pelzeln, 1868)	maria-da-praia
<i>Satrapa icterophrys</i> (Vieillot, 1818)	suiriri-pequeno
<i>Xolmis cinereus</i> (Vieillot, 1816)	primavera
<i>Fluvicola albiventer</i> (Spix, 1815)	lavadeira-de-cara-branca
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	viuvinha
TYRANNINAE	
<i>Legatus leucophaeus</i> (Vieillot, 1818)	bem-te-vi-pirata
<i>Myiozetetes cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	bentevizinho-de-asa-ferrugínea
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1815)	bentevizinho-de-penacho-vermelho
<i>Myiozetetes granadensis</i> Lawrence, 1861	bem-te-vi-de-cabeça-cinza
<i>Myiozetetes luteiventris</i> (Sclater, 1858)	bem-te-vi-barulhento
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bem-te-vi
<i>Philohydor lictor</i> (Lichtenstein, 1813)	bentevizinho-do-brejo
<i>Conopias trivirgatus</i> (Wied, 1831)	bem-te-vi-pequeno
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Statius Muller, 1776)	bem-te-vi-rajado
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	neinei
<i>Tyrannopsis sulphurea</i> (Spix, 1815)	suiriri-de-garganta-rajada
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	peitica
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	peitica-de-chapéu-preto
<i>Tyrannus albogularis</i> Burmeister, 1856	suiriri-de-garganta-branca
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	suiriri
<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 188	tesourinha
<i>Rhytipterna simplex</i> (Lichtenstein, 1813)	vissíá
<i>Rhytipterna immunda</i> (Sclater & Salvin, 1873)	vissíá-cantor
<i>Sirystes sibilator</i> (Vieillot, 1818)	gritador
<i>Casiornis rufus</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro
<i>Myiarchus tuberculifer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	maria-cavaleira-pequena
<i>Myiarchus swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859	irré
<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira
<i>Myiarchus tyrannulus</i> (Statius Muller, 1776)	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado
<i>Ramphotrigon megacephalum</i> (Swainson, 1835)	maria-cabeçuda
<i>Ramphotrigon ruficauda</i> (Spix, 1815)	bico-chato-de-rabo-vermelho
<i>Ramphotrigon fuscicauda</i> Chapman, 1915	maria-de-cauda-escura
<i>Attila phoenicurus</i> Pelzeln, 1868	capitão-castanho
<i>Attila cinnamomeus</i> (Gmelin, 1789)	tinguaçu-ferrugem
<i>Attila spadiceus</i> (Gmelin, 1789)	capitão-de-saíra-amarelo
COTINGIDAE	
RUPICOLINAE	
<i>Phoenicircus carnifex</i> (Linnaeus, 1758)	saurá
<i>Phoenicircus nigricollis</i> Swainson, 1831	saurá-de-pescoço-preto
COTINGINAE	
<i>Cotinga cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-azul
<i>Procnias albus</i> (Hermann, 1783)	araponga-da-amazônia
<i>Lipaugus vociferans</i> (Wied, 181)	cricrió
<i>Porphyrolaema porphyrolaema</i> (Deville & Sclater, 1851)	cotinga-de-garganta-encarnada

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Xipholena punicea</i> (Pallas, 1764)	anambé-pompadora
<i>Xipholena lamellipennis</i> (Lafresnaye, 1839)	anambé-de-rabo-branco
<i>Gymnoderus foetidus</i> (Linnaeus, 1758)	anambé-pombo
<i>Querula purpurata</i> (Statius Muller, 1776)	anambé-una
<i>Cephalopterus ornatus</i> Geoffroy Saint-Hilaire, 189	anambé-preto
PIPRIDAE	
<i>Neopelma pallescens</i> (Lafresnaye, 1853)	fruxu-do-cerradão
<i>Tyrannetes stolzmanni</i> (Hellmayr, 196)	uirapuruzinho
<i>Piprites chloris</i> (Temminck, 1811)	papinho-amarelo
<i>Machaeropterus pyrocephalus</i> (Sclater, 1851)	uirapuru-cigarra
<i>Lepidothrix nattereri</i> (Sclater, 1865)	uirapuru-de-chapéu-branco
<i>Lepidothrix vilasboasi</i> (Sick, 1959)	dançador-de-coroa-dourada
<i>Lepidothrix iris</i> (Schinz, 1851)	cabeça-de-prata
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)	rendeira
<i>Chiroxiphia pareola</i> (Linnaeus, 1766)	tangará-falso
<i>Xenopipo atronitens</i> Cabanis, 1847	pretinho
<i>Heterocercus linteatus</i> (Strickland, 185)	coroa-de-fogo
<i>Dixiphia pipra</i> (Linnaeus, 1758)	cabeça-branca
<i>Pipra aureola</i> (Linnaeus, 1758)	uirapuru-vermelho
<i>Pipra fasciicauda</i> Hellmayr, 196	uirapuru-laranja
<i>Pipra rubrocapilla</i> Temminck, 1811	cabeça-encarnada
TITYRIDAE	
<i>Schiffornis major</i> Des Murs, 1856	flautim-ruivo
<i>Schiffornis turdina</i> (Wied, 1831)	flautim-marrom
<i>Laniocera hypopyrra</i> (Vieillot, 1817)	chorona-cinza
<i>Iodopleura isabellae</i> Parzudaki, 1847	anambé-de-coroa
<i>Tityra inquisitor</i> (Lichtenstein, 1813)	anambé-branco-de-bochecha-parda
<i>Tityra cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-branco-de-rabo-preto
<i>Tityra semifasciata</i> (Spix, 1815)	anambé-branco-de-máscara-negra
<i>Pachyramphus rufus</i> (Boddaert, 1783)	caneleiro-cinzento
<i>Pachyramphus castaneus</i> (Jardine & Selby, 1817)	caneleiro
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	caneleiro-preto
<i>Pachyramphus marginatus</i> (Lichtenstein, 1813)	caneleiro-bordado
<i>Pachyramphus minor</i> (Lesson, 183)	caneleiro-pequeno
<i>Pachyramphus validus</i> (Lichtenstein, 1813)	caneleiro-de-chapéu-preto
<i>Xenopsaris albinucha</i> (Burmeister, 1869)	tijerila
PASSERI	
CORVIDA	
VIREONIDAE	
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	pitiguari
<i>Vireolanius leucotis</i> (Swainson, 1838)	assobiador-do-castanhal
<i>Vireo olivaceus</i> (Linnaeus, 1766)	juruvira
<i>Vireo altiloquus</i> (Vieillot, 188)	juruvira-barbuda
<i>Hylophilus semicinereus</i> Sclater & Salvin, 1867	verdinho-da-várzea
<i>Hylophilus hypoxanthus</i> Pelzeln, 1868	vite-vite-de-barriga-marela
<i>Hylophilus muscicapinus</i> Sclater & Salvin, 1873	vite-vite-camurça
<i>Hylophilus ochraceiceps</i> Sclater, 186	vite-vite-uirapuru
CORVIDAE	
<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1813)	gralha-do-campo
<i>Cyanocorax chrysops</i> (Vieillot, 1818)	gralha-picaça
PASSERIDA	
HIRUNDINIDAE	
<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	andorinha-do-rio

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-do-campo
<i>Progne subis</i> (Linnaeus, 1758)	andorinha-azul
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	andorinha-doméstica-grande
<i>Progne elegans</i> Baird, 1865	andorinha-do-sul
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-pequena-de-casa
<i>Atticora fasciata</i> (Gmelin, 1789)	peitoril
<i>Atticora melanoleuca</i> (Wied, 181)	andorinha-de-coleira
<i>Neochelidon tibialis</i> (Cassin, 1853)	calcinha-branca
<i>Alopocheilidon fucata</i> (Temminck, 1811)	andorinha-morena
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora
<i>Hirundo rustica</i> Linnaeus, 1758	andorinha-de-bando
TROGLODYTIDAE	
<i>Microcerculus marginatus</i> (Sclater, 1855)	uirapuru-veado
<i>Odontorchilus cinereus</i> (Pelzeln, 1868)	cambaxirra-cinzenta
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1813	corruíra
<i>Campylorhynchus turdinus</i> (Wied, 1831)	catatau
<i>Pheugopedius genibarbis</i> (Swainson, 1838)	garrinchão-pai-avô
<i>Pheugopedius coraya</i> (Gmelin, 1789)	garrinchão-coraia
<i>Cantorchilus leucotis</i> (Lafresnaye, 1845)	garrinchão-de-barriga-vermelha
<i>Cyphorhinus arada</i> (Hermann, 1783)	uirapuru-verdadeiro
DONACOBIIIDAE	
<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	japacanim
POLIOPTILIDAE	
<i>Ramphocaenus melanurus</i> Vieillot, 1819	bico-assoavelado
<i>Polioptila guianensis</i> Todd, 191	balança-rabo-guianense
TURDIDAE	
<i>Catharus fuscescens</i> (Stephens, 1817)	sabiá-norte-americano
<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	sabiá-barranco
<i>Turdus hauxwelli</i> Lawrence, 1869	sabiá-bicolor
<i>Turdus fumigatus</i> Lichtenstein, 1813	sabiá-da-mata
<i>Turdus lawrencii</i> Coues, 188	caraxué-de-bico-amarelo
<i>Turdus ignobilis</i> Sclater, 1858	caraxué-de-bico-preto
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 185	sabiá-poca
<i>Turdus albicollis</i> Vieillot, 1818	sabiá-coleira
MIMIDAE	
<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1813)	sabiá-do-campo
MOTACILLIDAE	
COEREVIDAE	
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	cambacica
THRAUPIDAE	
<i>Schistochlamys melanopsis</i> (Latham, 179)	sanhaçu-de-coleira
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> (Vieillot, 1817)	bico-de-veludo
<i>Cissopis leverianus</i> (Gmelin, 1788)	tietinga
<i>Lamprospiza melanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	pipira-de-bico-vermelho
<i>Nemosia pileata</i> (Boddaert, 1783)	saíra-de-chapéu-preto
<i>Piranga flava</i> (Vieillot, 1811)	sanhaçu-de-fogo
<i>Habia rubica</i> (Vieillot, 1817)	tiê-do-mato-grosso
<i>Eucometis penicillata</i> (Spix, 1815)	pipira-da-taoca
<i>Tachyphonus cristatus</i> (Linnaeus, 1766)	tiê-galo
<i>Tachyphonus surinamus</i> (Linnaeus, 1766)	tem-tem-de-topete-ferrugíneo
<i>Tachyphonus luctuosus</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	tem-tem-de-dragona-branca
<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	pipira-preta
<i>Tachyphonus phoenicius</i> Swainson, 1838	tem-tem-de-dragona-vermelha

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Lanio versicolor</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	pipira-de-asa-branca
<i>Ramphocelus carbo</i> (Pallas, 1764)	pipira-vermelha
<i>Thraupis episcopus</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaçu-da-amazônia
<i>Thraupis palmarum</i> (Wied, 1813)	sanhaçu-do-coqueiro
<i>Tangara mexicana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-de-bando
<i>Tangara chilensis</i> (Vigors, 1831)	sete-cores-da-amazônia
<i>Tangara schrankii</i> (Spix, 1815)	saíra-ouro
<i>Tangara punctata</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-negaça
<i>Tangara gyrola</i> (Linnaeus, 1758)	saíra-de-cabeça-castanha
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-amarela
<i>Tangara cyanicollis</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	saíra-de-cabeça-azul
<i>Tangara nigrocincta</i> (Bonaparte, 1838)	saíra-mascarada
<i>Tangara velia</i> (Linnaeus, 1758)	saíra-diamante
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	saí-andorinha
<i>Dacnis albiventris</i> (Sclater, 1851)	saí-de-barriga-branca
<i>Dacnis lineata</i> (Gmelin, 1789)	saí-de-máscara-preta
<i>Dacnis flaviventer</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	saí-amarela
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saí-azul
<i>Cyanerpes nitidus</i> (Hartlaub, 1847)	saí-de-bico-curto
<i>Cyanerpes caeruleus</i> (Linnaeus, 1758)	saí-de-perna-amarela
<i>Cyanerpes cyaneus</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-beija-flor
<i>Chlorophanes spiza</i> (Linnaeus, 1758)	saí-verde
<i>Hemithraupis guira</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-de-papo-preto
<i>Hemithraupis flavicollis</i> (Vieillot, 1818)	saíra-galega
<i>Conirostrum speciosum</i> (Temminck, 1814)	figuinha-de-rabo-castanho
EMBERIZIDAE	
<i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico
<i>Ammodramus humeralis</i> (Bosc, 1791)	tico-tico-do-campo
<i>Sicalis citrina</i> Pelzel, 187	canário-rasteiro
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu
<i>Sporophila schistacea</i> (Lawrence, 1861)	cigarrinha-do-norte
<i>Sporophila plumbea</i> (Wied, 183)	patativa
<i>Sporophila americana</i> (Gmelin, 1789)	coleiro-do-norte
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho
<i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1813)	baiano
<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1813)	coleurinho
<i>Sporophila castaneiventris</i> Cabanis, 1849	caboclinho-de-peito-castanho
<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	curió
<i>Arremon taciturnus</i> (Hermann, 1783)	tico-tico-de-bico-preto
<i>Paroaria gularis</i> (Linnaeus, 1766)	cardeal-da-amazônia
CARDINALIDAE	
<i>Caryothraustes canadensis</i> (Linnaeus, 1766)	furriel
<i>Parkerthraustes humeralis</i> (Lawrence, 1867)	furriel-de-encontro
<i>Periporphyrus erythromelas</i> (Gmelin, 1789)	bicudo-encarnado
<i>Saltator grossus</i> (Linnaeus, 1766)	bico-encarnado
<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	tempera-viola
<i>Saltator coerulescens</i> Vieillot, 1817	sabiá-gongá
<i>Cyanocompsa cyanoidea</i> (Lafresnaye, 1847)	azulão-da-amazônia
PARULIDAE	
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	pia-cobra
<i>Basileuterus culicivorus</i> (Deppe, 183)	pula-pula
<i>Basileuterus flaveolus</i> (Baird, 1865)	canário-do-mato
<i>Phaeothlypis fulvicauda</i> (Spix, 1815)	pula-pula-de-cauda-avermelhada

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Phaeothlypis rivularis</i> (Wied, 1811)	pula-pula-ribeirinho
<i>Granatellus pelzelni</i> Sclater, 1865	polícia-do-mato
ICTERIDAE	
<i>Psarocolius viridis</i> (Statius Muller, 1776)	japu-verde
<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	japu
<i>Psarocolius bifasciatus</i> (Spix, 1814)	japuaçu
<i>Procacicus solitarius</i> (Vieillot, 1816)	iraúna-de-bico-branco
<i>Cacicus chrysopterus</i> (Vigors, 1815)	tecelão
<i>Cacicus haemorrhous</i> (Linnaeus, 1766)	guaxe
<i>Cacicus cela</i> (Linnaeus, 1758)	xexéu
<i>Icterus cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	encontro
<i>Molothrus oryzivorus</i> (Gmelin, 1788)	iraúna-grande
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	vira-bosta
<i>Sturnella militaris</i> (Linnaeus, 1758)	polícia-inglesa-do-norte
<i>Sturnella supercilialis</i> (Bonaparte, 185)	polícia-inglesa-do-sul
FRINGILLIDAE	
<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	fim-fim
<i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758)	gaturamo-verdadeiro
<i>Euphonia lanirostris</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	gaturamo-de-bico-grosso
<i>Euphonia chrysopasta</i> Sclater & Salvin, 1869	gaturamo-verde
<i>Euphonia minuta</i> Cabanis, 1849	gaturamo-de-barriga-branca
<i>Euphonia xanthogaster</i> Sundevall, 1834	fim-fim-grande
<i>Euphonia rufiventris</i> (Vieillot, 1819)	gaturamo-do-norte
PASSERIDAE	
<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	Pardal

Região VI

Já a região VI, dos arredores de Vilhena, MT, não possui um histórico freqüente de estudos ornitológicos, estando restrito a uma amostragem dos enclaves de Cerrado disjuntos da área core, presente na região. Assim, as espécies encontradas demonstram esta explanação, havendo variadas aves associadas às campestres, típicas do Brasil Central, em contraposição a uma menor proporção de aves amazônicas.

Entretanto, considerando as espécies de aves classificadas como as ameaçadas de extinção, há uma proporção maior de táxons relacionados, totalizando oito aves dentre várias categorias: além das citadas para outras regiões, para a região 6, listou-se duas aves como próxima de ser considerada ameaçadas (*near threatened*):

- 1) a ema *Rhea americana* (Linnaeus, 1758), grande espécie comum nos campos e áreas de cultivo do Planalto Central;
- 2) o papagaio-galego *Alipiopsitta xanthops* (Spix, 1814), ave endêmica do Cerrado, também encontrada em Vilhena; além dos anteriormente citados:
- 3) a arara-azul-grande *Anodorhynchus hyacinthinus* (Latham, 179), tida como vulnerável a nível global (IUCN 2006);

- 4) mãe-de-taoca-papuda *Rhegmatorhina hoffmannsi* (Hellmayr, 1970), um formicarídeo de distribuição restrita, tido como vulnerável a nível nacional (MMA 2003). As demais espécies são:
- 5) o arapaçu-pardo *Dendrocinclá fuliginosa trumai* (Vieillot, 1818), pequena sub-espécie restrita ao interflúvio Xingu-Tapajós, classificada como vulnerável a nível nacional (MMA 2003);
- 6) o araçari-de-pescoço-vermelho *Pteroglossus bitorquatus* Vigors, 1816, classificada como vulnerável a nível nacional;
- 7) o gavião-real *Harpia harpyja* (Linnaeus, 1758), considerado como próxima a ser incluída como de ameaçada de extinção (*near-threatened*), e
- 8) a garça-da-mata *Agamia agami* (Gmelin, 1789) (*near-threatened*).

O interessante da avifauna da região 5 é que trata-se de uma porção nitidamente amazônica, que abriga espécies de aves que se restringem pelos rios amazônicos, tais como: o coroa-de-fogo *Heterocercus linteatus* (Strickland, 1805), o cabeça-branca *Dixiphia pipra* (Linnaeus, 1758), cambaxirra-cinzenta *Odontorchilus cinereus* (Pelzeln, 1868), o araponga-da-amazônia *Procnias albus* (Hermann, 1783), saurá-de-pescoço-preto *Phoenicircus nigricollis* Swainson, 1831, o curica-urubu *Gypopsitta vulturina* (Kuhl, 1810).

Ao mesmo tempo a região 5 abriga variadas peculiares e/ou endêmicas do Cerrado, incluindo o já citado o papagaio-galego *Alipiopsitta xanthops* (Spix, 1814), mas também, o tapaculo-de-colarinho *Melanopareia torquata* (Wied, 1831), a choca-de-asa-vermelha *Thamnophilus torquatus* Swainson, 1815; o chorozinho-de-bico-comprido *Herpsilochmus longirostris* Pelzeln, 1868; o limpa-folha-do-buriti *Berlepschia rikeri* (Ridgway, 1886), a maria-corrúia *Euscarthmus rufomarginatus* (Pelzeln, 1868); o soldadinho *Antilophia galeata* (Lichtenstein, 1813), o gralha-do-campo *Cyanocorax cristatellus* (Temminck, 1813), o bandoleta *Cypsnagra hirundinacea* (Lesson, 1831), mineirinho *Charitospiza eucosma* Oberholser, 1950 e o bico-de-pimenta *Saltator atricollis* Vieillot, 1817.

Além disso, estão listadas entre as aves inventariadas para a região de Vilhena, algumas espécies tipicamente encontradas no Pantanal, indicando a influencia deste bioma da avifauna regional. Dentre as aves registradas, incluem-se o cardeal do pantanal *Paroaria coronata* (Miller, 1776), o caboclinho-do-sertão *Sporophila nigrorufa* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837), a calhandra-de-três-rabos *Mimus triurus* (Vieillot, 1818), a garrincha-do-oeste *Cantorchilus guarayanus* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837), a gralha-do-pantanal *Cyanocorax cyanomelas* (Vieillot, 1818), o joão-do-pantanal

Synallaxis albiflora Pelzeln, 1856; o pica-pau-louro *Celeus lugubris* (Malherbe, 1851), e até o tuiuiú *Jabiru mycteria* (Lichtenstein, 1819).

Tabela 5.2-40. Espécies de aves registradas na região de Vilhena, RO.

Fonte: Roma, J.C. 2006. A Fragmentação e seus efeitos sobre aves de fitofisionomias abertas do Cerrado. Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasília. Tese de Doutorado.

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES	
STRUTHIONIFORMES	
RHEIDAE	
TINAMIFORMES	
TINAMIDAE	
<i>Crypturellus soui</i> (Hermann, 1783)	Tururim
<i>Crypturellus undulatus</i> (Temminck, 1815)	Jaó
<i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1817)	inhambu-chororó
<i>Rhynchotus rufescens</i> (Temminck, 1815)	Perdiz
<i>Nothura maculosa</i> (Temminck, 1815)	codorna-amarela
ANSERIFORMES	
ANHIMIDAE	
ANATIDAE	
DENDROCYGNINAE	
ANSERINAE	
ANATINAE	
GALLIFORMES	
CRACIDAE	
ODONTOPHORIDAE	
PODICIPEDIFORMES	
PODICIPEDIDAE	
PELECANIFORMES	
PHALACROCORACIDAE	
ANHINGIDAE	
CICONIIFORMES	
ARDEIDAE	
THRESKIORNITHIDAE	
CICONIIDAE	
CATHARTIFORMES SEEBOHM, 189	
CATHARTIDAE	
FALCONIFORMES	
PANDIONIDAE	
ACCIPITRIDAE	
<i>Gampsonyx swainsonii</i> Vigors, 1815	Gaviãozinho
<i>Harpagus bidentatus</i> (Latham, 179)	gavião-ripina
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	gavião-carijó
<i>Buteo albicaudatus</i> Vieillot, 1816	gavião-de-rabo-branco
FALCONIDAE	
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	Carrapateiro
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	Acauã
GRUIFORMES	
ARAMIDAE	
PSOPHIIDAE	
RALLIDAE	
<i>Micropterygia schomburgkii</i> (Schomburgk, 1848)	Maxalalagá
<i>Laterallus viridis</i> (Statius Muller, 1776)	sanã-castanha
HELIORNITHIDAE	

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

EURYPYRIDAE
CARIAMIDAE
Cariama cristata (Linnaeus, 1766)

Seriema

CHARADRIIFORMES
CHARADRII
CHARADRIIDAE
Vanellus chilensis (Molina, 1781)

quero-quero

RECURVIROSTRIDAE
SCOLOPACI
SCOLOPACIDAE
JACANIDAE
LARI
LARIDAE
STERNIDAE
RYNCHOPIDAE
COLUMBIFORMES
COLUMBIDAE
Columbina talpacoti (Temminck, 1811)

rolinha-roxa

Patagioenas speciosa (Gmelin, 1789)

pomba-trocal

Patagioenas picazuro (Temminck, 1813)

Pombão

Patagioenas cayennensis (Bonnaterre, 1791)

pomba-galega

Patagioenas plumbea (Vieillot, 1818)

pomba-amargosa

Patagioenas subvinacea (Lawrence, 1868)

pomba-botafogo

Leptotila verreauxi Bonaparte, 1855

juriti-pupu

Leptotila rufaxilla (Richard & Bernard, 1791)

juriti-gemeadeira

PSITTACIFORMES
PSITTACIDAE
Ara severus (Linnaeus, 1758)

maracanã-guaçu

Aratinga aurea (Gmelin, 1788)

periquito-rei

Amazona aestiva (Linnaeus, 1758)

papagaio-verdadeiro

Amazona farinosa (Boddaert, 1783)

papagaio-moleiro

OPISTHOCOMIFORMES
OPISTHOCOMIDAE
CUCULIFORMES
CUCULIDAE
CUCULINAE
Piaya cayana (Linnaeus, 1766)

alma-de-gato

CROTOPHAGINAE
Crotophaga ani Linnaeus, 1758

anu-preto

TAPERINAE
NEOMORPHINAE
STRIGIFORMES
TYTONIDAE
STRIGIDAE
Glaucidium brasilianum (Gmelin, 1788)

Caburé

Athene cunicularia (Molina, 1781)

coruja-buraqueira

CAPRIMULGIFORMES
NYCTIBIIDAE
CAPRIMULGIDAE
Nyctidromus albicollis (Gmelin, 1789)

Bacurau

Caprimulgus parvulus Gould, 1837

bacurau-chintã

APODIFORMES
APODIDAE

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

TROCHILIDAE

PHAETHORNITHINAE

Glaucis hirsutus (Gmelin, 1788)
Phaethornis nattereri Berlepsch, 1887
Phaethornis ruber (Linnaeus, 1758)
Phaethornis malaris (Nordmann, 1835)

balança-rabo-de-bico-torto
besourão-de-sobre-amarelo
rabo-branco-rubro
besourão-de-bico-grande

TROCHILINAE

Florisuga mellivora (Linnaeus, 1758)
Colibri serrirostris (Vieillot, 1816)
Anthracothorax nigricollis (Vieillot, 1817)
Chrysolampis mosquitus (Linnaeus, 1758)
Discosura langsdorffi (Temminck, 1811)
Thalurania furcata (Gmelin, 1788)
Hylocharis cyanus (Vieillot, 1818)
Polytmus guainumbi (Pallas, 1764)
Polytmus theresiae (Da Silva Maia, 1843)
Amazilia chionogaster (Tschudi, 1845)
Amazilia versicolor (Vieillot, 1818)
Heliactin bilophus (Temminck, 1811)

beija-flor-azul-de-rabo-branco
beija-flor-de-orelha-violeta
beija-flor-de-veste-preta
beija-flor-vermelho
rabo-de-espinho
beija-flor-tesoura-verde
beija-flor-roxo
beija-flor-de-bico-curvo
beija-flor-verde
beija-flor-verde-e-branco
beija-flor-de-banda-branca
chifre-de-ouro

TROGONIFORMES

TROGONIDAE

CORACIIFORMES

ALCEDINIDAE

MOMOTIDAE

GALBULIFORMES

GALBULIDAE

Galbula ruficauda Cuvier, 1816

ariramba-de-cauda-ruiva

BUCCONIDAE

Nystalus chacuru (Vieillot, 1816)
Nystalus maculatus (Gmelin, 1788)
Chelidoptera tenebrosa (Pallas, 1781)

joão-bobo
rapazinho-dos-velhos
Urubuzinho

PICIFORMES

CAPITONIDAE

RAMPHASTIDAE

PICIDAE

Picumnus albosquamatus d'Orbigny, 184
Melanerpes candidus (Otto, 1796)
Melanerpes cruentatus (Boddaert, 1783)
Veniliornis affinis (Swainson, 1811)
Dryocopus lineatus (Linnaeus, 1766)

pica-pau-anão-escamado
birro, pica-pau-branco
benedito-de-testa-vermelha
picapauzinho-avermelhado
pica-pau-de-banda-branca

PASSERIFORMES

TYRANNI

FURNARIIDA

MELANOPAREIIDAE

Melanopareia torquata (Wied, 1831)

tapaculo-de-colarinho

THAMNOPHILOIDEA

THAMNOPHILIDAE

Taraba major (Vieillot, 1816)
Thamnophilus doliatus (Linnaeus, 1764)
Thamnophilus pelzelni Hellmayr, 1914
Formicivora grisea (Boddaert, 1783)
Formicivora rufa (Wied, 1831)
Pyriglena leuconota interposita (Spix, 1814)

choró-boi
choca-barrada
choca-do-planalto
papa-formiga-pardo
papa-formiga-vermelho
papa-taoca

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

CONOPOPHAGIDAE
FURNARIOIDEA
GRALLARIIDAE
RHINOCRYPTIDAE
FORMICARIIDAE
SCLERURIDAE
DENDROCOLAPTIDAE

Glyphorhynchus spirurus (Vieillot, 1819)

Dendrocolaptes picumnus Lichtenstein, 181

Xiphorhynchus picus (Gmelin, 1788)

Lepidocolaptes angustirostris (Vieillot, 1818)

arapaçu-de-bico-de-cunha

arapaçu-meio-barrado

arapaçu-de-bico-branco

arapaçu-de-cerrado

FURNARIIDAE

Furnarius rufus (Gmelin, 1788)

Xenops rutilans Temminck, 1811

joão-de-barro

bico-virado-carijó

TYRANNIDA
TYRANNIDAE
PIPRMORPHINAE

Mionectes macconnelli (Chubb, 1919)

Hemitriccus striaticollis (Lafresnaye, 1853)

Hemitriccus margaritaceiventer

Poecilotriccus latirostris (Pelzeln, 1868)

abre-asa-da-mata

sebinho-rajado-amarelo

sebinho-de-olho-de-ouro

ferreirinho-de-cara-parda

ELAENIINAE

Tyrannulus elatus (Latham, 179)

Elaenia flavogaster (Thunberg, 1811)

Elaenia spectabilis Pelzeln, 1868

Elaenia albiceps (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Elaenia parvirostris Pelzeln, 1868

Elaenia cristata Pelzeln, 1868

Elaenia chiriquensis Lawrence, 1865

Camptostoma obsoletum (Temminck, 1814)

Phaeomyias murina (Spix, 1815)

Euscarthmus meloryphus Wied, 1831

Sublegatus modestus (Wied, 1831)

Myiornis ecaudatus (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Tolmomyias flaviventris (Wied, 1831)

Platyrinchus mystaceus Vieillot, 1818

maria-te-viu

guaracava-de-barriga-amarela

guaracava-grande

guaracava-de-crista-branca

guaracava-de-bico-curto

guaracava-de-topete-uniforme

Chibum

Risadinha

Bagageiro

Barulhento

guaracava-modesta

Caçula

bico-chato-amarelo

Patinho

FLUVICOLINAE

Cnemotriccus fuscatus (Wied, 1831)

Pyrocephalus rubinus (Boddaert, 1783)

Guaracavuçu

Príncipe

TYRANNINAE

Legatus leucophaeus (Vieillot, 1818)

Myiozetetes cayanensis (Linnaeus, 1766)

Pitangus sulphuratus (Linnaeus, 1766)

Philohydor lictor (Lichtenstein, 1813)

Myiodynastes maculatus (Statius Muller, 1776)

Megarynchus pitangua (Linnaeus, 1766)

Empidonomus varius (Vieillot, 1818)

Tyrannus melancholicus Vieillot, 1819

Casiornis rufus (Vieillot, 1816)

Myiarchus swainsoni Cabanis & Heine, 1859

Myiarchus ferox (Gmelin, 1789)

Myiarchus tyrannulus (Statius Muller, 1776)

bem-te-vi-pirata

bentevizinho-de-asa-ferrugínea

bem-te-vi

bentevizinho-do-brejo

bem-te-vi-rajado

Neinei

Peitica

Suiriri

Caneleiro

Irré

maria-cavaleira

maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado

COTINGIDAE

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

RUPICOLINAE

COTINGINAE

PIPRIDAE

Neopelma pallescens (Lafresnaye, 1853)

fruxu-do-cerradão

Tyrannetes stolzmanni (Hellmayr, 196)

Uirapuruzinho

Chiroxiphia pareola (Linnaeus, 1766)

tangará-falso

Xenopipo atronitens Cabanis, 1847

Pretinho

Pipra rubrocapilla Temminck, 1811

cabeça-encarnada

TITYRIDAE

Schiffornis turdina (Wied, 1831)

flautim-marrom

Pachyramphus polychopterus (Vieillot, 1818)

caneleiro-preto

PASSERI

CORVIDA

VIREONIDAE

Cyclarhis gujanensis (Gmelin, 1789)

Pitiguari

Vireo olivaceus (Linnaeus, 1766)

Juruviara

CORVIDAE

Cyanocorax cristatellus (Temminck, 1813)

gralha-do-campo

Cyanocorax chrysops (Vieillot, 1818)

gralha-picaça

PASSERIDA

HIRUNDINIDAE

TROGLODYTIDAE

Troglodytes musculus Naumann, 1813

Corruíra

Pheugopedius genibarbis (Swainson, 1838)

garrinchão-pai-avô

DONACOBIIDAE

POLIOPTILIDAE

Ramphocaenus melanurus Vieillot, 1819

bico-assoavelado

TURDIDAE

Turdus leucomelas Vieillot, 1818

sabiá-barranco

Turdus ignobilis Sclater, 1858

caraxué-de-bico-preto

Turdus amaurochalinus Cabanis, 185

sabiá-poca

MIMIDAE

Mimus saturninus (Lichtenstein, 1813)

sabiá-do-campo

MOTACILLIDAE

COEREVIDAE

Coereba flaveola (Linnaeus, 1758)

Cambacica

THRAUPIDAE

Schistochlamys melanopsis (Latham, 179)

sanhaçu-de-coleira

Schistochlamys ruficapillus (Vieillot, 1817)

bico-de-veludo

Neothraupis fasciata (Lichtenstein, 1813)

cigarra-do-campo

Tachyphonus rufus (Boddaert, 1783)

pipira-preta

Tachyphonus phoenicius Swainson, 1838

tem-tem-de-dragona-vermelha

Ramphocelus carbo (Pallas, 1764)

pipira-vermelha

Thraupis episcopus (Linnaeus, 1766)

sanhaçu-da-amazônia

Thraupis sayaca (Linnaeus, 1766)

sanhaçu-cinzento

Thraupis palmarum (Wied, 1813)

sanhaçu-do-coqueiro

Dacnis cayana (Linnaeus, 1766)

saí-azul

Cyanerpes cyaneus (Linnaeus, 1766)

saíra-beija-flor

EMBERIZIDAE

Zonotrichia capensis (Statius Muller, 1776)

tico-tico

Ammodramus humeralis (Bosc, 1791)

tico-tico-do-campo

Emberizoides herbicola (Vieillot, 1817)

canário-do-campo

Volatinia jacarina (Linnaeus, 1766)

Tiziu

ORDENS, SUB-ORDENS, SUPER-FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, SUB-FAMÍLIAS E ESPÉCIES

<i>Sporophila plumbea</i> (Wied, 183)	Patativa
<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	Curió
<i>Charitospiza eucosma</i> Oberholser, 195	Mineirinho
CARDINALIDAE	
<i>Saltator grossus</i> (Linnaeus, 1766)	bico-encarnado
<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	tempera-viola
PARULIDAE	
<i>Basileuterus flaveolus</i> (Baird, 1865)	canário-do-mato
ICTERIDAE	
<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	Japu
FRINGILLIDAE	
<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	fim-fim

5.2.4.1.2.5 MASTOFAUNA
Região I

Através do levantamento de dados secundários foram registradas 216 espécies de mamíferos, o que representa 33% das espécies descritas para o Brasil. Chiroptera foi a ordem com maior número de espécies, seguida de Rodentia e Primates.

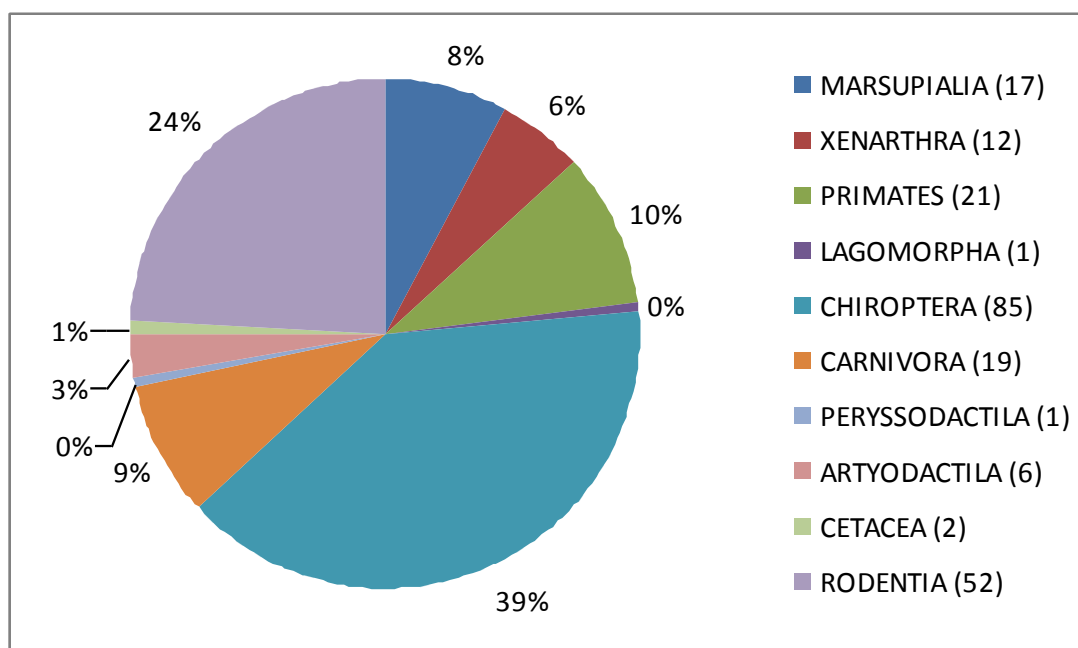


Figura 5.2-60. Número de espécies por ordem de mamíferos, registradas no levantamento de dados secundários, para toda a região do empreendimento “Ferrovia EF 354 trecho Uruaçu, GO – Vilhena, RO” encontradas nos biomas brasileiros Cerrado e Floresta Amazônica.

A Região IV teve o maior número de mamíferos registrados, através de dados secundários (137 espécies), seguida pelas Regiões I (111), V (97), II (93), III (66) e VI

(31). A diferença no número de espécies registradas para cada região provavelmente se deu pela diferença nas metodologias de levantamento dos mamíferos, como a falta de esforço amostral para pequenos mamíferos, além de esforço amostral total diferenciado entre os estudos consultados. Nos estudos com menor número de espécies não estão presentes pequenos mamíferos não voadores (tabelas III e VI) e quirópteros (tabela VI). Estes estudos certamente teriam um grande acréscimo no número de espécies, já que os pequenos mamíferos (< 5kg) representam 85% da mastofauna do Cerrado (Marinho-Filho *et al.*, 2002).

Para região I foram inventariadas 111 espécies da mastofauna, sendo 13 marsupiais (Didelphidae), seis xenarthras (Myrmecophagidae e Dasypodidae), três primatas (Atelidae, Cebidae e Callithricidae), um lagomorfo (*Sylvilagus brasiliensis*), 41 quirópteros (Emballonuridae, Furipteridae, Molossidae, Moormopidae, Natalidae, Phyllostomidae, Noctilionidae e Vespertilionidae), 11 carnívoros (Canidae, Procyonidae, Mustelidae, Felidae), um perissodátilo (*Tapirus terrestris*), cinco artiodátilos (Cervidae e Tayassuidae), dois cetáceos (*Inia geoffrensis* e *Sotalia fluviatilis*) e 28 roedores (Cuniculidae, Hydrochaeridae, Dasyproctidae, Echimidae, Erethizontidae e Cricetidae).

A representatividade da área do empreendimento com relação à mastofauna do Cerrado pode ser considerada significativa, sendo que 56 % das espécies do bioma ocorrem na região.

Entre as espécies oficialmente ameaçadas de extinção, oito foram listadas para a região, sendo eles o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), a lontra (*Lontra longicaudis*), o gato-do-mato (*Leopardus tigrinus*), a suçuarana (*Puma concolor*), a onça-pintada (*Panthera onca*), o boto-cor-de-rosa (*Inia geoffrensis*) e o veado-campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*).

Tabela 5.2-41 Espécies de mamíferos de provável ocorrência na região de Uruaçu, GO, com nome popular e localidade do registro (SM = UHE Serra da Mesa, GO; CB = UHE Cana Brava, GO).

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
MARSUPIALIA			
DIDELPHIDAE (13)			
<i>Caluromys lanatus</i>	Catita	X	
<i>Caluromys philander</i>	Catita	X	
<i>Chironectes minimus</i>	Catita	X	
<i>Didelphis albiventris</i>	Saruê	X	X
<i>Gracilinanus agilis</i>	Cuíca		X
<i>Gracilinanus emiliae</i>	Cuíca	X	X
<i>Marmosa murina</i>	Catita	X	X
<i>Marmosops parvidens</i>	Catita	X	
<i>Micoureus demerarae</i>	Catita	X	
<i>Monodelphis domestica</i>	Timbó	X	X
<i>Monodelphis cf. kunsii</i>	Timbó	X	
<i>Philander opossum</i>	Saruê	X	X
<i>Thylamys pusilla</i>	Catita	X	
RODENTIA			
AGOUTIDAE (1)			
<i>Agouti paca</i>	Paca	X	X
CAVIIDAE (1)			
<i>Galea spixii</i>	Preá	X	
HYDROCHAERIDAE (1)			
<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara	X	X
DASYPROCTIDAE (1)			
<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia	X	X
ECHIMIDAE (4)			
<i>Trichomys apereoides</i>	Punaré	X	X
<i>Dactylomys dactylinus</i>	Rato-silvestre	X	
<i>Proechimys roberti</i>	Rato-silvestre	X	X
<i>Proechimys sp.</i>	Rato-do-mato		X
ERETHIZONTIDAE (1)			
<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro	X	X
MURIDAE (19)			
<i>Akodon sp.</i>	Rato-silvestre		X
<i>Thalpomys sp.</i>	Rato-silvestre	X	
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	Rato-silvestre	X	X
<i>Oryzomys capito</i>	Rato-silvestre	X	X
<i>Oryzomys cf. goeldi</i>	Rato-silvestre	X	
<i>Oryzomys subflavus</i>	Rato-silvestre	X	X
<i>Oryzomys sp.</i>	Rato-silvestre	X	X
<i>Pseudoryzomys sp.</i>	Rato-silvestre	X	
<i>Necomys lasiurus</i>	Rato-silvestre	X	X
<i>Nectomys squamipes</i>	Rato-silvestre	X	X
<i>Oecomys sp.</i>	Rato-silvestre	X	X
<i>Oecomys bicolor</i>	Rato-silvestre		X
<i>Oligoryzomys cf. chacoensis</i>	Rato-silvestre	X	X
<i>Oligoryzomys fulvescens</i>	Rato-silvestre	X	X
<i>Oligoryzomys sp.</i>	Rato-silvestre	X	X
<i>Calomys callosus</i>	Rato-silvestre	X	
<i>Calomys tener</i>	Rato-silvestre	X	
<i>Calomys sp.</i>	Rato-silvestre	X	
<i>Rattus rattus</i>	Ratazana	X	X
LAGOMORPHA			
LEPORIDAE (1)			
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapeti	X	X
EDENTATA			
MYRMECOPHAGIDAE (2)			
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira	X	X
<i>Tamanduá tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim	X	X
DASYPODIDAE (4)			

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
<i>Cabassous unicinctus</i>	Tatu-do-rabo-mole	X	
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Peba	X	X
<i>Dasyus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	X	X
<i>Dasyus septemcinctus</i>	Tatu-peba	X	X
CARNIVORA			
CANIDAE (3)			
<i>Lycalopex vetulus</i>	Raposinha	X	X
<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	X	X
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará	X	X
PROCYONIDAE (2)			
<i>Nasua nasua</i>	Quati	X	X
<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada, Guaxinim	X	X
MUSTELIDAE (2)			
<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	X	X
<i>Eira barbara</i>	Irara	X	X
FELIDAE (4)			
<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato	X	X
<i>Panthera onca</i>	Onça-pintada	X	X
<i>Puma concolor</i>	Suçarana	X	X
<i>Puma yaguaroundi</i>	Gato-vermelho	X	X
PERISSODACTYLA			
TAPIRIDAE (1)			
<i>Tapirus terrestris</i>	Anta	X	X
ARTIODACTYLA			
CERVIDAE (4)			
<i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro	X	X
<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingueiro	X	
<i>Mazama sp.</i>	Veado		X
<i>Ozotocerus bezoarticus</i>	Veado-campeiro	X	
TAYASSUIDAE (1)			
<i>Pecari tajacu</i>	Caititu	X	X
PRIMATES			
CEBIDAE (2)			
<i>Alouatta caraya</i>	Bugio	X	X
<i>Cebus apella</i>	Macaco-prego	X	X
CALLITHRICIDAE (1)			
<i>Callithrix penicillata</i>	Sauim, Sagui	X	X
CETACEA			
DELPHINIDAE (1)			
<i>Sotalia fluviatilis</i>	Tucuxi	X	
PLATANISTIDAE (1)			
<i>Inia geoffrensis</i>	Boto-cor-de-rosa	X	X
CHIROPTERA			
EMBALLONURIDAE (3)			
<i>Saccopteryx bilineata</i>	Morcego	X	
<i>Peropteryx macrotis</i>	Morcego	X	
<i>Rhynchonycteris naso</i>	Morcego	X	
FURIPTERIDAE (1)			
<i>Furipterus horrens</i>	Morcego	X	
MOLOSSIDAE (3)			
<i>Molossops temminckii</i>	Morcego-de-telhado	X	
<i>Neoplatymops mattogrossensis</i>	Morcego-de-pedras	X	X
<i>Nyctinomops macrotis</i>	Morcego	X	
MOORMOPIDAE (1)			
<i>Pteronotus parnelli</i>	Morcego	X	X
NATALIDAE (1)			
<i>Natalus stramineus</i>	Morcego	X	
PHYLLOSTOMIDAE (29)			
<i>Carollia perspicillata</i>	Morcego-da-fruta	X	X
<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego-vampiro	X	X
<i>Anoura geoffroyi</i>	Morcego	X	X
<i>Glossophaga soricina</i>	Morcego-da-fruta	X	X
<i>Lionycteris spurelli</i>	Morcego	X	X
<i>Lonchophylla bokermanni</i>	Morcego	X	

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		SM	CB
<i>Macrophyllum macrophyllum</i>	Morcego	X	X
<i>Lonchorhina aurita</i>	Morcego	X	
<i>Macrophyllum macrophyllum</i>	Morcego	X	X
<i>Micronycteris megalotis</i>	Morcego	X	
<i>Micronycteris danviesi</i>	Morcego		X
<i>Mimon bennettii</i>	Morcego		X
<i>Mimon crenulatum</i>	Morcego	X	
<i>Phyllostomus hastatus</i>	Morcego	X	X
<i>Phyllostomus discolor</i>	Morcego	X	X
<i>Tonatia bidens</i>	Morcego	X	X
<i>Tonatia silvicola</i>	Morcego	X	
<i>Trachops cirrhosus</i>	Morcego	X	X
<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego-da-fruta	X	X
<i>Artibeus jamaicensis</i>	Morcego-da-fruta	X	X
<i>Artibeus obscurus</i>	Morcego	X	
<i>Chiroderma villosum</i>	Morcego	X	X
<i>Mesophylla macconnelli</i>	Morcego	X	
<i>Sturmira lilium</i>	Morcego	X	X
<i>Platyrrhinus helleri</i>	Morcego	X	
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	Morcego	X	
<i>Uroderma magnirostrum</i>	Morcego	X	
<i>Vampyressa pusilla</i>	Morcego	X	
<i>Vampyrodes caraccioli</i>	Morcego	X	
NOCTILIONIDAE (1)			
<i>Noctilio leporinus</i>	Morcego-pescador	X	X
VESPERTILIONIDAE (3)			
<i>Eptesicus brasiliensis</i>	Morcego	X	
<i>Myotis nigricans</i>	Morcego	X	X
<i>Rhogessa tumida</i>	Morcego	X	

Fonte: NATURAE, 2002

Região II

Para região II foram inventariadas 93 espécies da mastofauna, sendo sete marsupiais (Didelphidae), nove xenarthras (Brasypodidae, Myrmecophagidae e Dasypodidae), sete primatas (Aotidae, Atelidae, Cebidae, Callithricidae e Pitheciidae), um lagomarfo (*Sylvilagus brasiliensis*), 30 quirópteros (Emballonuridae, Furipteridae, Molossidae, Moormopidae, Natalidae, Phyllostomidae, Noctilionidae e Vespertilionidae), 17 carnívoros (Canidae, Mephitidae, Procyonidae, Mustelidae, Felidae), um perissodátilo (*Tapirus terrestris*), cinco artiodátilos (Cervidae e Tayassuidae), dois cetáceos (*Inia geoffrensis* e *Sotalia fluviatilis*) e 15 roedores (Cuniculidae, Hydrochaeridae, Dasyproctidae, Echimidae, Erethizontidae e Cricetidae).

A mastofauna da região do Araguaia apresenta uma fauna de mamíferos com predominância de espécies do Cerrado e espécies generalistas, com algumas espécies amazônicas como o boto-cor-de-rosa (*Inia geoffrensis*) e a preguiça (*Bradypus* sp), entre outros.

A fauna de pequenos mamíferos das matas ciliares é muito especializada, composta de espécies como *Oligoryzomys elurus*, *Gracilianus agilis* e *Akodon cursor*, *Nectomys*

squamipes, *Oryzomys capito*, *Oecomys concolor*, *Nectomys squamipes*, *Oecomys bicolor*, *Monodelphis americana* e *Rhipidomys mastacalis*.

Entre os médios mamíferos, podemos encontrar o gambá (*Didelphis albiventris*), a cutia (*Dasyprocta sp.*), a capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*), o tapeti (*Sylvilagus brasiliensis*), entre outras.

Espécies de primatas são bastante comuns, como o soím (*Callithrix penicillata*), o macaco-prego (*Cebus apella*), e o bugiu (*Alouatta caraya*).

Podemos indicar a presença de diversas espécies ameaçadas de extinção, como a onça-pintada (*Panthera onca*) e outros felinos, o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), o cachorro-do-mato-vinagre (*Speothos venaticus*), o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), e o veado-campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*), entre outros.

Tabela 5.2-42. Espécies de mamíferos registradas na região do corredor Bananal-Araguaia. Fonte: Arruda et al., 2000.

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR
MARSUPIALIA	
DIDELPHIDAE (7)	
<i>Caluromys philander</i>	Cuíca-lanosa
<i>Didelphis albiventris</i>	Saruê
<i>Didelphis marsupialis</i>	Saruê
<i>Marmosa murina</i>	Marmosa
<i>Marmosops parvidens</i>	Marmosa
<i>Metachirus nudicaudatus</i>	Cuíca de quatro olhos
<i>Philander opossum</i>	Cuíca-de-quatro-olhos
XENARTHRA	
BRADYPODIDAE (1)	
<i>Bradypus variegatus</i>	Preguiça-de-guarganta-marron
MYRMECOPHAGIDAE (3)	
<i>Cyclopes didactylus</i>	Tamanduá
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim
DASYPODIDAE (5)	
<i>Cabassous unicinctus</i>	Tatu-do-rabo-mole
<i>Dasyus novemcinctus</i>	Tatu-galinha
<i>Dasyus septemcinctus</i>	Tatu-galinha
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Peba
<i>Priodontes maximus</i>	Tatu-canastra
PRIMATES	
AOTIDAE (1)	
<i>Aotus infulatus (=azara)</i>	Macaco-da-noite
ATELIDAE (2)	
<i>Alouatta belzebul</i>	Bugio
<i>Alouatta caraya</i>	Bugio
CEBIDAE (1)	
<i>Callithrix penicillata</i>	Sauim, Sagui
<i>Cebus apella</i>	Macaco-prego
PITHECIIDAE (2)	
<i>Callicebus moloch</i>	Zogue-zogue
<i>Chiropotes satanas</i>	Cuxiú-preto
LAGOMORPHA	
LEPORIDAE (1)	
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapeti
CHIROPTERA	

EMABALLONURIDAE (3)

Peropteryx sp.

Morcego

Rhynchonycteris naso

Morcego

Saccopteryx sp.

Morcego

MOLOSSIDAE (5)

Cynomops sp.

Morcego

Eumops sp.

Morcego

Molossops sp.

Morcego

Molossus sp.

Morcego

Nyctinomops sp.

Morcego

PHYLLOSTOMIDAE (17)

Artibeus sp.

Morcego

Carollia sp.

Morcego

Choeroniscus sp.

Morcego

Desmodus rotundus

Morcego-vampiro

Diphylla ecaudata

Morcego

Lichonycteris obscura

Morcego

Lonchophylla sp.

Morcego

Lonchorhina sp.

Morcego

Micronycteris sp.

Morcego

Mimon sp.

Morcego

Phyllostomus sp.

Morcego

Platyrrhinus sp.

Morcego

Rhinophylla sp.

Morcego

Sturnira sp.

Morcego

Tonatia sp.

Morcego

Trachops cirrhosus

Morcego

Uroderma sp.

Morcego

NOCTILIONIDAE (1)

Noctilio sp.

Morcego-pescador

VESPERTILIONIDAE (4)

Eptesicus sp.

Morcego

Lasiurus sp.

Morcego

Myotis sp.

Morcego

Rhogeessa tumida

Morcego

CARNIVORA

CANIDAE (3)

Cerdocyon thous

Cachorro-do-mato

Pseudalopex (=Lycalopex) vetulus

Raposinha

Speothos venaticus

Cachorro-vinagre

PROCYONIDAE (3)

Nasua nasua

Quati

Potos flavus

Jupará

Procyon cancrivorus

Mão-pelada, Guaxinim

MEPHITIDAE (1)

Conepatus sp.

Jaratatoca

MUSTELIDAE (4)

Eira barbara

Irara

Galictis vittata

Furão

Lontra longicaudis

Lontra

Pteronura brasiliensis

Ariranha

FELIDAE (6)

Herpailurus (=Puma) yagouaroundi

Gato-vermelho

Leopardus pardalis

Jaguatirica

Leopardus tigrina (=tigrinus)

Gato-do-mato

Leopardus wiedii

Gato-maracajá

Panthera onca

Onça-pintada

Puma concolor

Suçuarana

PERISSODACTYLA

TAPIRIDAE (1)

Tapirus terrestris

Anta

ARTIODACTYLA

CERVIDAE (3)

Blastocerus dichotomus

Cervo-do-Pantanal

Mazama americana

Veado-mateiro

Mazama gouazoubira

Veado-catingueiro

TAYASSUIDAE (2)

<i>Pecari tajacu</i>	Caititu
<i>Tayassu pecari</i>	Queixada
CETACEA	
DELPHINIDAE (1)	
<i>Sotalia fluviatilis</i>	Tucuxi
PLATANISTIDAE (1)	
<i>Inia geoffrensis</i>	Boto-cor-de-rosa
RODENTIA	
CUNICULIDAE (1)	
<i>Agouti (=Cuniculus) paca</i>	Paca
HYDROCHAERIDAE (1)	
<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara
DASYPROCTIDAE (1)	
<i>Dasyprocta agouti</i>	Cutia
ECHIMIDAE (1)	
<i>Proechimys</i> sp.	Rato-do-mato
ERETHIZONTIDAE (1)	
<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro
CRICETIDAE (9)	
<i>Holochilus</i> sp.	Rato-silvestre
<i>Mus musculus</i> *	Camundongo-doméstico
<i>Nectomys</i> sp.	Rato-silvestre
<i>Oecomys</i> sp.	Rato-silvestre
<i>Oligoryzomys</i> sp.	Rato-silvestre
<i>Oxymycterus amazonicus</i>	Rato-silvestre
<i>Rattus rattus</i> *	Ratazana
<i>Rhipidomys</i> sp.	
<i>Oryzomyine (Oryzomys</i> sp.)	Rato-silvestre
SCIURIDAE (1)	
<i>Sciurus (=Guerlinguetus) aestuans</i>	Caxinguelê

* espécie exótica

Região III

Para região III foram registradas através de dados secundários 66 espécies da mastofauna, sendo um marsupial (didelphidae), cinco xenarthras (Myrmecophagidae e Dasypodidae), 2 primatas (Atelidae e Cebidae), 1 lagomorfa (*Sylvilagus brasiliensis*), 31 quirópteros (Emballonuridae, Furipteridae, Molossidae, Moormopidae, Natalidae, Phyllostomidae, Noctilionidae e Vespertilionidae), 11 carnívoros (Canidae, Procyonidae, Mustelidae, Felidae), um perissodátilo (*Tapirus terrestris*), três artiodátilos (Cervidae e Tayassuidae), dois cetáceos (*Inia geoffrensis* e *Sotalia fluviatilis*) e cinco roedores (Cuniculidae, Hydrochaeridae, Dasyproctidae, Echimidae, Erethizontidae e Cricetidae).

Tabela 5.2-43 Espécies de mamíferos registradas do rio das Mortes. Fonte: Rocha, E. C. & Dalponte, J. C. 2006; Bacellar-Schittini, 2009.

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR	LOCALIDADE	
		RM	AB
MARSUPIALIA			
DIDELPHIDAE (1)			
<i>Didelphis albiventris</i>	Saruê	X	X
XENARTHRA			
MYRMECOPHAGIDAE (1)			
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira	X	X

DASYPODIDAE (4)			
<i>Cabassous unicinctus</i>	Tatu-do-rabo-mole	X	
<i>Dasytus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	X	X
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Peba	X	X
<i>Prionomys maximus</i>	Tatu-canastra	X	X
PRIMATES			
ATELIDAE (1)			
<i>Alouatta caraya</i>	Bugio	X	
CEBIDAE (1)			
<i>Cebus libidinosus</i>	Macaco-prego	X	X
LAGOMORPHA			
LEPORIDAE (1)			
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapeti	X	
CARNIVORA			
CANIDAE (3)			
<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	X	X
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará	X	X
<i>Pseudalopex (=Lycalopex) vetulus</i>	Raposa	X	X
PROCYONIDAE (2)			
<i>Nasua nasua</i>	Quati	X	X
<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada, Guaxinim	X	X
MUSTELIDAE (1)			
<i>Eira barbara</i>	Irara	X	X
FELIDAE (5)			
<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguar	X	X
<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato	X	
<i>Panthera onca</i>	Onça-pintada		X
<i>Puma concolor</i>	Suçuarana	X	X
<i>Puma yagouaroundi</i>	Gato-vermelho	X	X
PERISSODACTYLA			
TAPIRIDAE (1)			
<i>Tapirus terrestris</i>	Anta	X	X
ARTIODACTYLA			
CERVIDAE (2)			
<i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro	X	X
<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingueiro	X	X
TAYASSUIDAE (1)			
<i>Pecari tajacu</i>	Caititu	X	X
CETACEA			
DELPHINIDAE (1)			
<i>Sotalia fluviatilis</i>	Tucuxi	X	
PLATANISTIDAE (1)			
<i>Inia geoffrensis</i>	Boto-cor-de-rosa	X	
RODENTIA			
CUNICULIDAE (1)			
<i>Cuniculus paca</i>	Paca	X	X
CAVIIDAE (1)			
<i>Cavia aperea</i>	Preá	X	
HYDROCHAERIDAE (1)			
<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara	X	X
DASYPROCTIDAE (1)			
<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia	X	X
ERETHIZONTIDAE (1)			
<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro	X	

Região IV

Para região IV foram registradas 137 espécies da mastofauna, sendo nove marsupiais (Didelphidae), 10 xenarthras (Brasyopodidae, Myrmecophagidae e Dasypodidae), 10 primatas (Aotidae, Atelidae, Cebidae, Callithricidae e Pitheciidae), 1 lagomorfa (*Sylvilagus brasiliensis*), 64 quirópteros (Emballonuridae, Furipteridae, Molossidae, Moormopidae, Natalidae, Phyllostomidae, Noctilionidae e Vespertilionidae), nove

carnívoros (Canidae, Mephitidae, Procyonidae, Mustelidae, Felidae), um perissodátilo (*Tapirus terrestris*), quatro artiodátilos (Cervidae e Tayassuidae), dois cetáceos (*Inia geoffrensis* e *Sotalia fluviatilis*) e 27 roedores (Cuniculidae, Hydrochaeridae, Dasyproctidae, Echimidae, Erethizontidae e Cricetidae).

Tabela 5.2-44. Espécies de mamíferos registradas na região do Médio-Baixo Rio Xingú - MT. Fonte: Eletronorte, 2001.

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR
MARSUPIALIA	
DIDELPHIDAE (9)	
<i>Caluromys philander</i>	Cuíca-lanosa
<i>Didelphis marsupialis</i>	Saruê
<i>Marmosa murina</i>	Marmosa
<i>Marmosops parvidens</i>	Marmosa
<i>Metachirus nudicaudatus</i>	Cuíca de quatro olhos
<i>Micoureus demerarae</i>	Cuíca
<i>Monodelphis brevicaudata</i>	Catita
<i>Monodelphis emiliae</i>	Catita
<i>Philander opossum</i>	Cuíca-de-quatro-olhos
XENARTHRA	
BRADYPODIDAE (2)	
<i>Bradypus variegatus</i>	Preguiça-de-guarganta-marron
<i>Choloepus didactylus</i>	Preguiça-real
MYRMECOPHAGIDAE (3)	
<i>Cyclopes didactylus</i>	Tamanduaí
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim
DASYPODIDAE (5)	
<i>Cabassous unicinctus</i>	Tatu-do-rabo-mole
<i>Dasybus kappleri</i>	Tatu-de-quinze-quilos
<i>Dasybus novemcinctus</i>	Tatu-galinha
<i>Dasybus septemcinctus</i>	Tatu- galinha
<i>Priodontes maximus</i>	Tatu-canastra
PRIMATES	
AOTIDAE (1)	
<i>Aotus azarai</i>	Macaco-da-noite
ATELIDAE (2)	
<i>Alouatta belzebul</i>	Macaco-da-noite
<i>Ateles marginatus</i>	
CEBIDAE (4)	
<i>Cebus apella</i>	Macaco-prego
<i>Mico argentatus (=leucippe)</i>	Sauim-branco
<i>Saguinus midas</i>	Mico
<i>Saimiri sciureus</i>	Macaco-de-cheiro
PITHECIIDAE (3)	
<i>Callicebus moloch</i>	Zogue-zogue
<i>Chiropotes albinasus</i>	Cuxiú-preto
<i>Chiropotes satanas</i>	Cuxiú-preto
LAGOMORPHA	
LEPORIDAE (1)	
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapeti
CHIROPTERA	
EMBALLONURIDAE (7)	
<i>Pteropus leucoptera</i>	Morcego
<i>Pteropus kappleri</i>	Morcego
<i>Pteropus macrotis</i>	Morcego
<i>Pteropus sp.</i>	Morcego
<i>Rhinonycteris naso</i>	Morcego
<i>Saccopteryx bilineata</i>	Morcego
<i>Saccopteryx canescens</i>	Morcego
FURIPTERIDAE (3)	

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR
<i>Furipterus horrens</i>	Morcego
<i>Thyroptera discifera</i>	Morcego
<i>Thyroptera tricolor</i>	Morcego
MOLOSSIDAE (2)	
<i>Neoplatymops matogrossensis</i>	Morcego-de-pedras
<i>Nyctinomops</i> sp.	Morcego
MOORMOPIDAE (3)	
<i>Pteronotus gymnonotus</i>	Morcego
<i>Pteronotus parnelli</i>	Morcego
<i>Pteronotus personatus</i>	
NATALIDAE (1)	
<i>Natalus stramineus</i>	Morcego
PHYLLOSTOMIDAE (45)	
<i>Anoura caudifer</i>	Morcego
<i>Anoura geoffroyi</i>	Morcego
<i>Artibeus cinereus</i>	Morcego
<i>Artibeus gnomus</i>	Morcego
<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego-da-fruta
<i>Artibeus obscurus</i>	Morcego
<i>Artibeus planirostris</i>	Morcego
<i>Carollia brevicauda</i>	Morcego
<i>Carollia castanea</i>	Morcego
<i>Carollia perspicillata</i>	Morcego-da-fruta
<i>Chiroderma trinitatum</i>	Morcego
<i>Chiroderma villosum</i>	Morcego
<i>Choeroniscus</i> sp.	Morcego
<i>Chrotopterus auritus</i>	Morcego
<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego-vampiro
<i>Glossophaga soricina</i>	Morcego-da-fruta
<i>Glyphoncycteris sylvestris</i>	Morcego
<i>Lichonycteris obscura</i>	Morcego
<i>Lionycteris spurrelli</i>	Morcego
<i>Lonchophylla thomasi</i>	Morcego
<i>Lonchorhina aurita</i>	Morcego
<i>Lophostoma brasiliense</i>	Morcego
<i>Lophostoma silvicolium</i>	Morcego
<i>Macrophyllum macrophyllum</i>	Morcego
<i>Mesophylla macconnelli</i>	Morcego
<i>Micronycteris megalotis</i>	Morcego
<i>Micronycteris minuta</i>	Morcego
<i>Mimon crenulatum</i>	Morcego
<i>Phylloderma stenops</i>	Morcego
<i>Phyllostomus elongates</i>	Morcego
<i>Phyllostomus hastatus</i>	Morcego
<i>Platyrrhinus brachycephalus</i>	Morcego
<i>Platyrrhinus helleri</i>	Morcego
<i>Rhinophylla fischeriae</i>	Morcego
<i>Rhinophylla pumilio</i>	Morcego
<i>Sturnira lilium</i>	Morcego
<i>Sturnira tildae</i>	Morcego
<i>Tonatia saurophila</i>	Morcego
<i>Trachops cirrhosus</i>	Morcego
<i>Trinycteris nicefori</i>	Morcego
<i>Uroderma bilobatum</i>	Morcego
<i>Uroderma magnirostrum</i>	Morcego
<i>Vampyressa bidens</i>	Morcego
<i>Vampyressa brocki</i>	Morcego
<i>Vampyrodes caraccioli</i>	Morcego
NOCTILIONIDAE (1)	
<i>Noctilio albiventris</i>	Morcego-pescador
VESPERTILIONIDAE (2)	
<i>Myotis albescens</i>	Morcego
<i>Myotis riparius</i>	Morcego
CARNIVORA	
CANIDAE (1)	
<i>Atelocynus microtis</i>	Cachorro-do-mato-de-orelha-curta

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR
PROCYONIDAE (2)	
<i>Nasua nasua</i>	Quati
<i>Potos flavus</i>	Jupará
MUSTELIDAE (3)	
<i>Eira barbara</i>	Irara
<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra
<i>Pteronura brasiliensis</i>	Ariranha
FELIDAE (3)	
<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguatirica
<i>Panthera onca</i>	Onca-pintada
<i>Puma concolor</i>	Suçuarana
PERISSODACTYLA	
TAPIRIDAE (1)	
<i>Tapirus terrestris</i>	Anta
ARTIODACTYLA	
CERVIDAE (2)	
<i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro
<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingueiro
TAYASSUIDAE (2)	
<i>Pecari tajacu</i>	Caititu
<i>Tayassu pecari</i>	Queixada
CETACEA	
DELPHINIDAE (1)	
<i>Sotalia fluviatilis</i>	Tucuxi
PLATANISTIDAE (1)	
<i>Inia geoffrensis</i>	Boto-cor-de-rosa
RODENTIA	
CUNICULIDAE (1)	
<i>Agouti (=Cuniculus) paca</i>	Paca
CAVIIDAE (2)	
<i>Cavia aperea</i>	Preá
<i>Galea spixii</i>	Preá
HYDROCHAERIDAE (1)	
<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara
DASYPROCTIDAE (1)	
<i>Dasyprocta leporina</i>	Cutia
ECHIMIDAE (8)	
<i>Dactylomys dactylinus</i>	Rato-silvestre
<i>Echimys chrysurus</i>	Rato-do-mato
<i>Echimys didelphoides</i>	Rato-silvestre
<i>Lonchothrix emiliae</i>	Rato-do-mato
<i>Mesomys hispidus</i>	Rato-do-mato
<i>Proechimys cuvieri</i>	Rato-do-mato
<i>Proechimys goeldi</i>	Rato-do-mato
<i>Proechimys oris (=guyannensis)</i>	Rato-do-mato
ERETHIZONTIDAE (1)	
<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro
CRICETIDAE (12)	
<i>Euryoryzomys macconnelli</i>	Rato-silvestre
<i>Euryoryzomys nitidus</i>	Rato-silvestre
<i>Mus musculus</i>	Camundongo-doméstico
<i>Neacomys guianae (=spinosus)</i>	Rato-silvestre
<i>Nectomys squamipes</i>	Rato-silvestre
<i>Oecomys bicolor</i>	Rato-silvestre
<i>Oecomys paricola</i>	Rato-silvestre
<i>Oecomys trinitatis</i>	Rato-silvestre
<i>Oligoryzomys cf. microtis</i>	Rato-silvestre
<i>Oryzomys capito (=Hylaeamys megacephalus)</i>	
<i>Oxymycterus amazonicus</i>	Rato-silvestre
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	Rato-silvestre
SCIURIDAE (1)	
<i>Sciurus (=Gerlingetus) gilvularis</i>	Caxinguelê

* espécie exótica

Região V

Para região V foram registradas 97 espécies da mastofauna, sendo seis marsupiais (Didelphidae), 10 xenarthras (Brasypodidae, Myrmecophagidae e Dasypodidae), 12 primatas (Aotidae, Atelidae, Cebidae, Callithricidae e Pitheciidae), um lagomarfo (*Sylvilagus brasiliensis*), 33 quirópteros (Emballonuridae, Molossidae, Moormopidae, Natalidae, Phyllostomidae, Noctilionidae e Vespertilionidae), 13 carnívoros (Canidae, Mephitidae, Procyonidae, Mustelidae, Felidae), um perissodátilo (*Tapirus terrestris*), quatro artiodátilos (Cervidae e Tayassuidae), dois cetáceos (*Inia geoffrensis* e *Sotalia fluviatilis*) e 15 roedores (Cuniculidae, Hydrochaeridae, Dasyproctidae, Echimidae, Erethizontidae e Cricetidae).

Esta lista das espécies da mastofauna foi realizada com base em um artigo de 1988 (George *et al.*, 1988) e pode ter sofrido alterações na composição das espécies uma vez que já se passaram 30 anos do citado levantamento.

Tabela 5.2-45 Espécies de mamíferos registradas na bacia do rio Tapajós. Fonte: George *et al.*, 1988.

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR
MARSUPIALIA	
DIDELPHIDAE (6)	
<i>Caluromys philander</i>	Cuíca-lanosa
<i>Chironectes minimus</i>	Cuíca-d'água
<i>Didelphis marsupialis</i>	Saruê
<i>Marmosa cinerea</i> (= <i>Micoureus demerarae</i>)	Cuíca
<i>Monodelphis brevicaudata</i>	Catita
<i>Monodelphis emiliae</i>	Catita
XENARTHRA	
BRADYPODIDAE (3)	
<i>Bradypus variegatus</i>	Preguiça-de-guarganta-marron
<i>Bradypus tridactylus</i>	Preguiça-de-guarganta-amarela
<i>Choloepus didactylus</i>	Preguiça-real
MYRMECOPHAGIDAE (3)	
<i>Cyclopes didactylus</i>	Tamanduaí
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim
DASYPODIDAE (4)	
<i>Cabassous unicinctus</i>	Tatu-do-rabo-mole
<i>Dasypus kappleri</i>	Tatu-de-quinze-quilos
<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha
<i>Priodontes maximus</i>	Tatu-canastra
PRIMATES	
AOTIDAE (1)	
<i>Aotus trivirgatus</i>	Macaco-da-noite
ATELIDAE (3)	
<i>Alouatta belzebul</i>	Macaco-da-noite
<i>Ateles belzebuth</i>	Macaco-aranha
<i>Ateles paniscus</i>	Macaco-aranha-preto
CEBIDAE (3)	
<i>Callithrix</i> (= <i>Mico</i>) <i>humeralifer</i>	Mico
<i>Callithrix</i> (= <i>Mico</i>) <i>leucippe</i>	Sauim-branco
<i>Cebus albifrons</i>	Macaco-prego
<i>Cebus apella</i>	Macaco-prego
<i>Saimiri sciureus</i>	Macaco-de-cheiro

PITHECIIDAE (3)

Callicebus moloch

Chiropotes albinasus

Pithecia hirsuta (=monachus)

Zogue-zogue

Cuxiú-preto

Macaco-cabeludo

LAGOMORPHA

LEPORIDAE (1)

Sylvilagus brasiliensis

Tapeti

CHIROPTERA

EMBALLONURIDAE (1)

Rhynchonycteris naso

Morcego

MOLOSSIDAE (2)

Molossus ater (=rufus)

Morcego

Nyctinomops laticaudatus

Morcego

MOORMOPIDAE (2)

Pteronotus parnelli

Morcego

Pteronotus personatus

Morcego

PHYLLOSTOMIDAE (26)

Ametrida centurio

Morcego

Artibeus concolor

Morcego

Artibeus jamaicensis

Morcego-da-fruta

Artibeus lituratus

Morcego-da-fruta

Carollia perspicillata

Morcego-da-fruta

Chiroderma villosus

Morcego

Desmodus rotundus

Morcego-vampiro

Glossophaga soricina

Morcego-da-fruta

Lichonycteris obscura

Morcego

Lonchophylla thomasi

Morcego

Lonchorhina aurita

Morcego

Macrophyllum macrophyllum

Morcego

Phylloderma stenops

Morcego

Phyllostomus discolor

Morcego

Phyllostomus elongatus

Morcego

Phyllostomus hastatus

Morcego

Rhinophylla fischeri

Morcego

Rhinophylla pumilio

Morcego

Sturnira lilium

Morcego

Sturnira tildae

Morcego

Tonatia (=Lophostoma) *silvicolus*

Morcego

Trachops cirrhosus

Morcego

Uroderma bilobatum

Morcego

Uroderma magnirostrum

Morcego

Vampyressa bidens

Morcego

Vampyrops (=Platyrrhinus) *helleri*

Morcego

NOCTILIONIDAE (1)

Noctilio albiventris

Morcego-pescador

VESPERTILIONIDAE (1)

Myotis nigricans

Morcego

CARNIVORA

CANIDAE (3)

Atelocynus microtis

Cachorro-do-mato-de-orelha-curta

Cerdocyon thous

Cachorro-do-mato

Speothos venaticus

Cachorro-vinagre

PROCYONIDAE (2)

Nasua nasua

Quati

Potos flavus

Jupará

MUSTELIDAE (3)

Eira barbara

Irara

Lontra longicaudis

Lontra

Pteronura brasiliensis

Ariranha

FELIDAE (5)

Felis (=Leopardus) *pardalis*

Jaguatirica

Felis (=Leopardus) *wiedii*

Gato-maracajá

Felis (=Puma) *concolor*

Suçuarana

Felis (=Puma) *yagouaroundi*

Gato-vermelho

Panthera onca

Onça-pintada

PERISSODACTYLA

TAPIRIDAE (1)

<i>Tapirus terrestris</i>	Anta
ARTIODACTYLA	
CERVIDAE (2)	
<i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro
<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingueiro
TAYASSUIDAE (2)	
<i>Pecari tajacu</i>	Caititu
<i>Tayassu pecari</i>	Queixada
CETACEA	
DELPHINIDAE (1)	
<i>Sotalia fluviatilis</i>	Tucuxi
PLATANISTIDAE (1)	
<i>Inia geoffrensis</i>	Boto-cor-de-rosa
RODENTIA	
CUNICULIDAE (1)	
<i>Cuniculus paca</i>	Paca
HYDROCHAERIDAE (1)	
<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara
DASYPROCTIDAE (2)	
<i>Dasyprocta</i> sp.	Cutia
<i>Myoprocta</i> sp.	Cutia
ECHIMIDAE (1)	
<i>Proechimys</i> sp.	Rato-do-mato
ERETHIZONTIDAE (2)	
<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro
<i>Coendou</i> sp.	Ouriço-cacheiro
CRICETIDAE (5)	
<i>Nectomys squamipes</i>	Rato-silvestre
<i>Oryzomyine (Oryzomys sp.)</i>	Rato-silvestre
<i>Oryzomyine (Oryzomys sp.)</i>	Rato-silvestre
<i>Rhipidomys</i> sp.	
<i>Zygodontomys</i> sp.	Rato-silvestre
SCIURIDAE (3)	
<i>Gerlingetus gilvularis</i>	Caxinguelê
<i>Sciurillus pusillus</i>	Coatipuruzinho
<i>Urosciurus spadiceus</i>	Coatipuru-vermelho

Região VI

Para região VI foram registradas 31 espécies da mastofauna, sendo dois marsupiais (didelphidae), cinco xenarthras (Brasypodidae, Myrmecophagidae e Dasypodidae), quatro primatas (Atelidae, Cebidae e Callithricidae), um lagomarfo (*Sylvilagus brasiliensis*), dois quirópteros (Molossidae e Phyllostomidae), seis carnívoros (Mephitidae, Procyonidae, Mustelidae, Felidae), um perissodátilo (*Tapirus terrestris*), três artiodátilos (Cervidae e Tayassuidae), dois cetáceos (*Inia geoffrensis* e *Sotalia fluviatilis*) e cinco roedores (Cuniculidae, Hydrochaeridae, Dasyproctidae e Cricetidae).

Tabela 5.2-46. Espécies de mamíferos registradas em Rondônia. Fonte: Terassini, et al., 2008.

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR
MARSUPIALIA	
DIDELPHIDAE (2)	
<i>Didelphis marsupialis</i>	Saruê
<i>Marmosa murina</i>	Marmosa
XENARTHRA	
BRADYPODIDAE (1)	

ORDEM, FAMÍLIAS E ESPÉCIES	NOME POPULAR
<i>Bradypus variegatus</i>	Preguiça-de-guarganta-marron
MYRMECOPHAGIDAE (2)	
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim
DASYPODIDAE (2)	
<i>Dasybus novemcinctus</i>	Tatu-galinha
<i>Priodontes maximus</i>	Tatu-canastra
PRIMATES	
ATELIDAE (1)	
<i>Ateles paniscus</i>	Macaco-aranha-preto
CEBIDAE (3)	
<i>Callithrix (=Mico) nigriceps</i>	Sauim-branco
<i>Cebus apella</i>	Macaco-prego
<i>Saimiri ustus</i>	
LAGOMORPHA	
LEPORIDAE (1)	
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapeti
CHIROPTERA	
MOLOSSIDAE (1)	
<i>Molossus molossus</i>	Morcego
PHYLLOSTOMIDAE (1)	
<i>Carollia perspicillata</i>	Morcego-da-fruta
CARNIVORA	
PROCYONIDAE (2)	
<i>Nasua nasua</i>	Quati
<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada, Guaxinim
MUSTELIDAE (1)	
<i>Galictis vittata</i>	Furão
FELIDAE (3)	
<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguaritica
<i>Panthera onca</i>	Onça-pintada
<i>Puma concolor</i>	Suquarana
PERISSODACTYLA	
TAPIRIDAE (1)	
<i>Tapirus terrestris</i>	Anta
ARTIODACTYLA	
CERVIDAE (1)	
<i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro
TAYASSUIDAE (2)	
<i>Pecari tajacu</i>	Caititu
<i>Tayassu pecari</i>	Queixada
CETACEA	
DELPHINIDAE (1)	
<i>Sotalia fluviatilis</i>	Tucuxi
PLATANISTIDAE (1)	
<i>Inia geoffrensis</i>	Boto-cor-de-rosa
RODENTIA	
CUNICULIDAE (1)	
<i>Agouti (=Cuniculus) paca</i>	Paca
HYDROCHAERIDAE (1)	
<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara
DASYPROCTIDAE (2)	
<i>Dasyprocta fuliginosa</i>	Cutia
<i>Dasyprocta punctata</i>	Cutia
CRICETIDAE (1)	
<i>Hylaeamys megacephalus</i>	Rato-silvestre

5.2.4.2 ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA

5.2.4.2.1 FLORA

Foram registradas aproximadamente 739 espécies de plantas, distribuídas em 94 famílias. As famílias mais representadas foram Fabaceae (82 sp.), Rubiaceae (44 sp.), Orchidaceae (43 sp.), Myrtaceae (40 sp.) e Melastomataceae (38 sp.). Os dados secundários obtidos da Plataforma Florescer acrescentam 485 espécies e 17 famílias. Somando os dados primários e secundários, são aproximadamente 1.224 espécies distribuídas em 111 famílias botânicas. A Figura a seguir mostra um padrão de levantamentos florísticos em grandes áreas, como observado por Clayton (1973), a distribuição de frequência das famílias se aproxima de uma forma logarítmica, exceto por um excesso considerável de famílias monotípicas.

Das espécies registradas em campo, apenas uma está presente na Lista Oficial de Flora Ameaçada de Extinção (IBAMA, 1992), como vulnerável: a ucuuba, *Virola surinamensis*, registrada na área 5 (município de Querência, MT).

Das espécies obtidas pelo Florescer, foram encontradas algumas classificadas como plantas raras de acordo com Giulietti (2009):

- *Tassadia geniculata*, coletada por Ivanauskas, N.M. (4216) no município de Gaúcha do Norte, MT; lat. -13,166667 long. -55,250000, em área urbana, borda da floresta próximo ao afluente do Pau d'alho.
- *Diospyros xavantina*, coletada por Marimon, B.S. (530) no município de Cocalinho, GO aos -12,902222 e -50,833056, na fazenda Volpec, margem do Rio Cristalino.

Plantas registradas no estudo de interesse medicinal e econômico, segundo Almeida *et al.* (1998): *Acrocomia aculeata* (macaúba), *Agonandra brasiliensis* (pau-marfim), *Alibertia edulis* (marmelada-de-bezerro), *Anacardium giganteum* (cajú), *A. humile* (cajuzinho-do-cerrado), *A. occidentale* (cajú), *Ananas ananassoides* (ananás-do-cerrado), *Annona coriacea* (marolo), *A. crassiflora* (araticum), *Apeiba tibourbou* (pau-de-jangada), *Apuleia leiocarpa* (garapa), *Aspidosperma macrocarpon* (guatambú), *Astrocaryum vulgare* (tucum), *Astronium fraxinifolium* (gonçalo-alves), *Attalea speciosa* (babaçu), *Bowdichia virgilioides* (sucupira-preta), *Brosimum gaudichaudii* (mamacadela), *Byrsonima verbascifolia* (murici), *Callophyllum brasiliense* (landim), *Caryocar brasiliense* (piqui), *Casearia sylvestris* (erva-de-teiú), *Copaifera langsdorfii* (copaíba), *Curatella americana* (lixeira), *Dalbergia miscolobium* (jacarandá-do-cerrado), *Dimorphandra mollis* (faveira), *Dipteryx alata* (barú), *Emmotum nitens* (aderno),

Eriotheca pubescens (paineira), *Eugenia dysenterica* (cagaita), *Guazuma ulmifolia* (mutamba), *Hancornia speciosa* (mangaba), *Hymenaea courbaril* (jatobá-da-mata), *H. stigonocarpa* (jatobá-do-cerrado), *Inga* spp. (ingá), *Kielmeyera* spp. (pau-santo), *Machaerium acutifolium* (jacarandá-muchiba), *Magonia pubescens* (tingui), *Mauritia flexuosa* (buriti), *Mimosa laticifera* (sabiá), *Myracrodruon urundeuva* (aroeira), *Physocalymma scaberrimum* (cega-machado), *Piptocarpha rotundifolia* (coração-de-negro), *Plathymeria reticulata* (vinhático), *Platypodium elegans* (canzileiro), *Pouteria ramiflora* (curriola), *Pseudobombax longiflorum* (imbiruçu), *Pterodon emarginatus* (sucupira-branca), *Qualea grandiflora* (pau-terra-de-folha-larga), *Roupala montana* (carne-de-vaca), *Rourea induta* (botica inteira), *Salacia crassifolia* (bacupari), *Salvertia convallariaeodora* (pau-de-arara), *Sclerolobium paniculatum* (carvoeiro), *Solanum lycocarpum* (lobeira), *Serjania* spp. (cipó-uva), *Strychnos pseudoquina* (quina-do-cerrado), *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão), *Syagrus flexuosa* (coco-babão), *Tabebuia* spp. (ipê), *Tapirira guianensis* (pau-pombo), *Tocoyena formosa* (genipapo-bravo), *Virola sebifera* (ucuuba), *Vochysia thyrsoidea* (gomeira) e *Xylopia aromatica* (pimenta-de-macaco).

As ecorregiões são um conjunto de comunidades naturais, geograficamente distintas, que compartilham a maioria das suas espécies, dinâmicas, processos ecológicos, e condições ambientais similares (Dinnerstein, 1995). Foram delimitadas 22 ecorregiões para o bioma Cerrado e 23 para a Amazônia. No presente estudo foram registrados alguns táxons indicadores das seguintes ecorregiões, de acordo com Arruda et al. (2008),:

- Araguaia Tocantins: *Jacaranda rufa*, *Mimosa laticifera*, *Tabebuia aurea*, *T. impetiginosa*, *T. ochracea* e *T. roseo-alba*.
- Bananal: *Aechmea bromeliifolia*, *Jacaranda rufa*, *Miconia albicans*, *M. chrysophylla*, *M. elegans*, *Tabebuia aurea* e *T. ochracea*.
- Depressão Cuiabana: *Jacaranda rufa*.
- Parecis: *Jacaranda copaia*, *Miconia albicans*, *M. tomentosa*, *Solanum lycocarpum*, *Tabebuia impetiginosa* e *T. serratifolia*.

Não foi encontrado trabalho similar ao de Arruda et al. (2008) para identificar os táxons indicadores das ecorregiões da Amazônia.

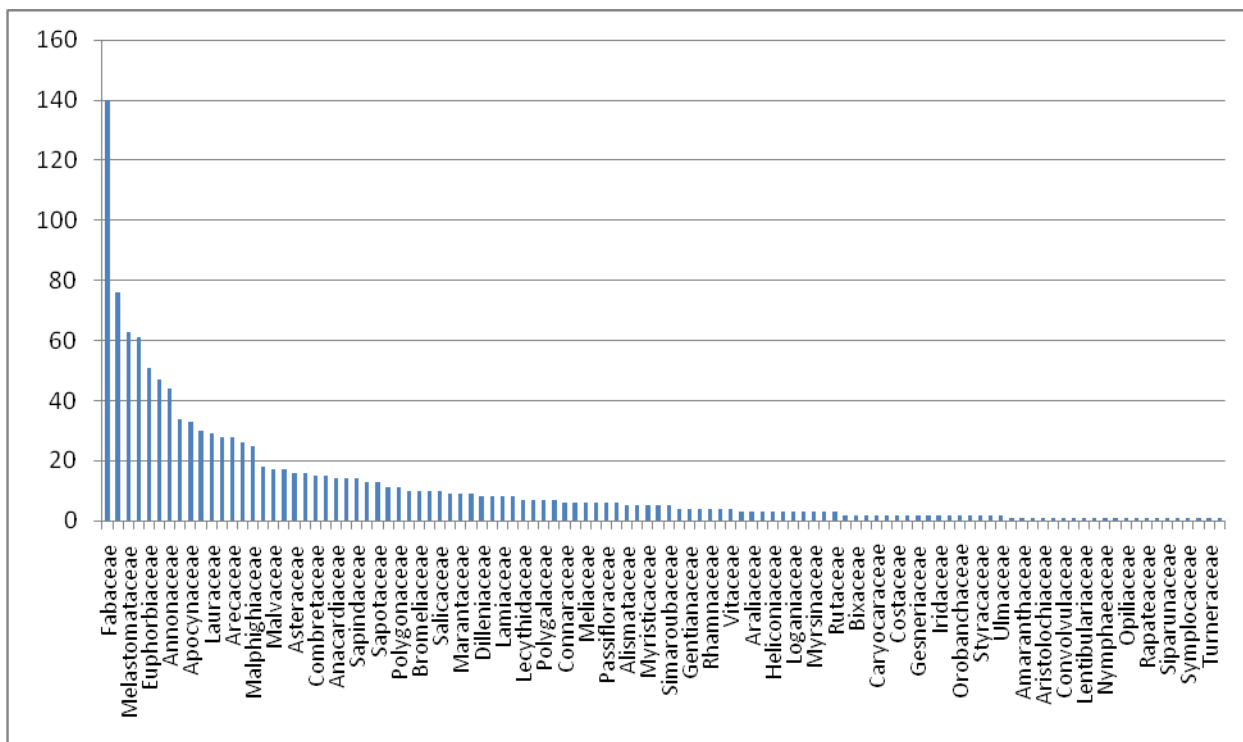


Figura 5.2-61. Distribuição de freqüência das famílias botânicas. Estão destacadas uma a cada duas famílias.

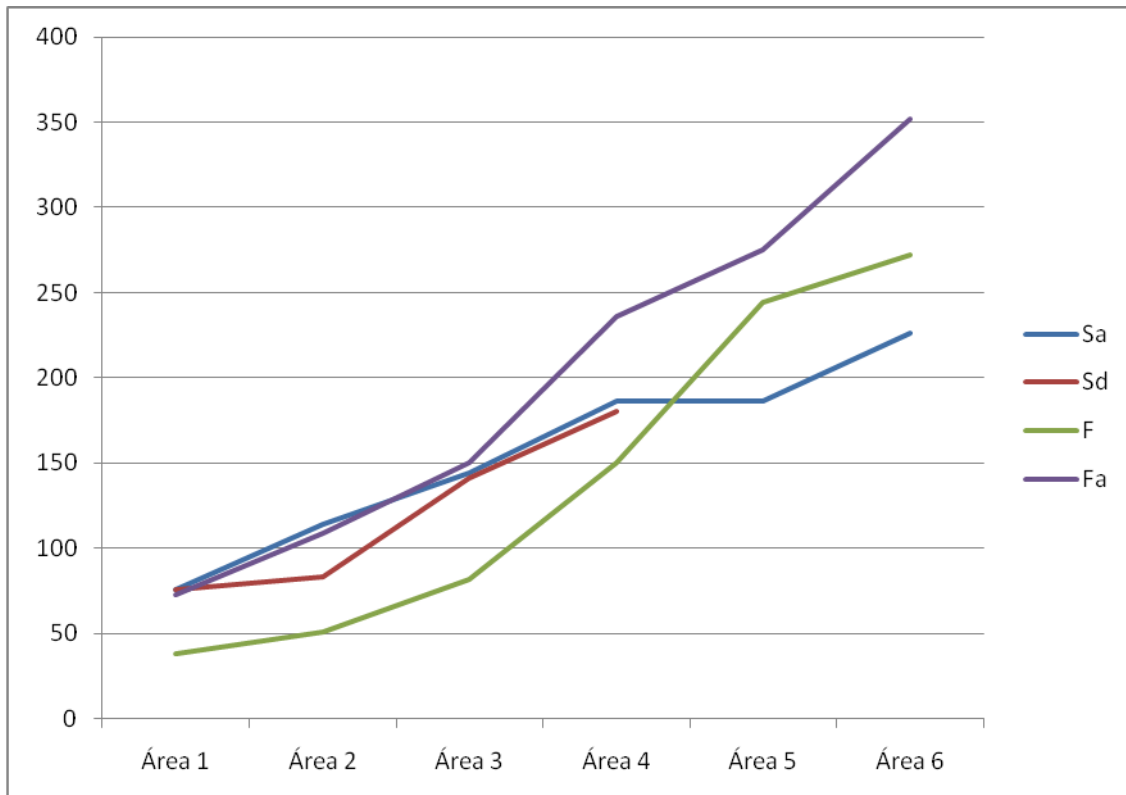


Figura 5.2-62. Curvas do coletor de cada fitofisionomia, indicando a progressão por área do número de espécies.

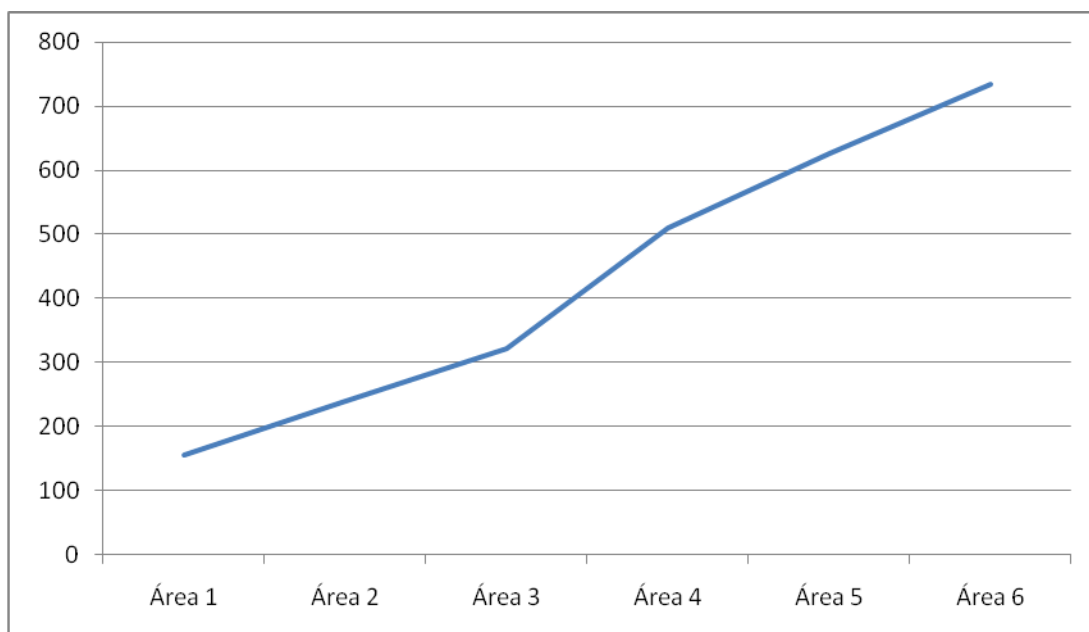


Figura 5.2-63. Curva do coletor geral, indicando a progressão por área do número de espécies.

As curvas do coletor geral e por fitofisionomia não apresentaram uma clara estabilização devido à baixa similaridade entre os pontos de uma mesma fitofisionomia em áreas diferentes e à baixa similaridade entre áreas. Isso ocorre provavelmente por ser uma região de ecótono do bioma Amazônia e Cerrado.

5.2.4.2.1.1 Identificação e Caracterização dos Fragmentos/Remanescentes Florestais a serem impactados pelo traçado do empreendimento.

Foram identificados 43 fragmentos florestais parcialmente suprimidos pela área direta de influência da Ferrovia, conforme o quadro a seguir. O tamanho dos polígonos varia de 51 a 561.000 ha, com média de 47.668 ha. A maior perda de área florestal será no fragmento no 37, em aproximadamente 950 ha, área que representa apenas 0,23% desse polígono.

A dimensão fractal dos fragmentos florestais vai de 1,20 a 1,40. Esse índice determina a complexidade de um polígono, onde quanto menos complexo, a dimensão fractal é igual a um, e conforme a complexidade do polígono aumenta, esse índice chega a dois. A complexidade dos polígonos é de mediana para baixa, já que os maiores valores não chegaram à metade da variação do intervalo possível.

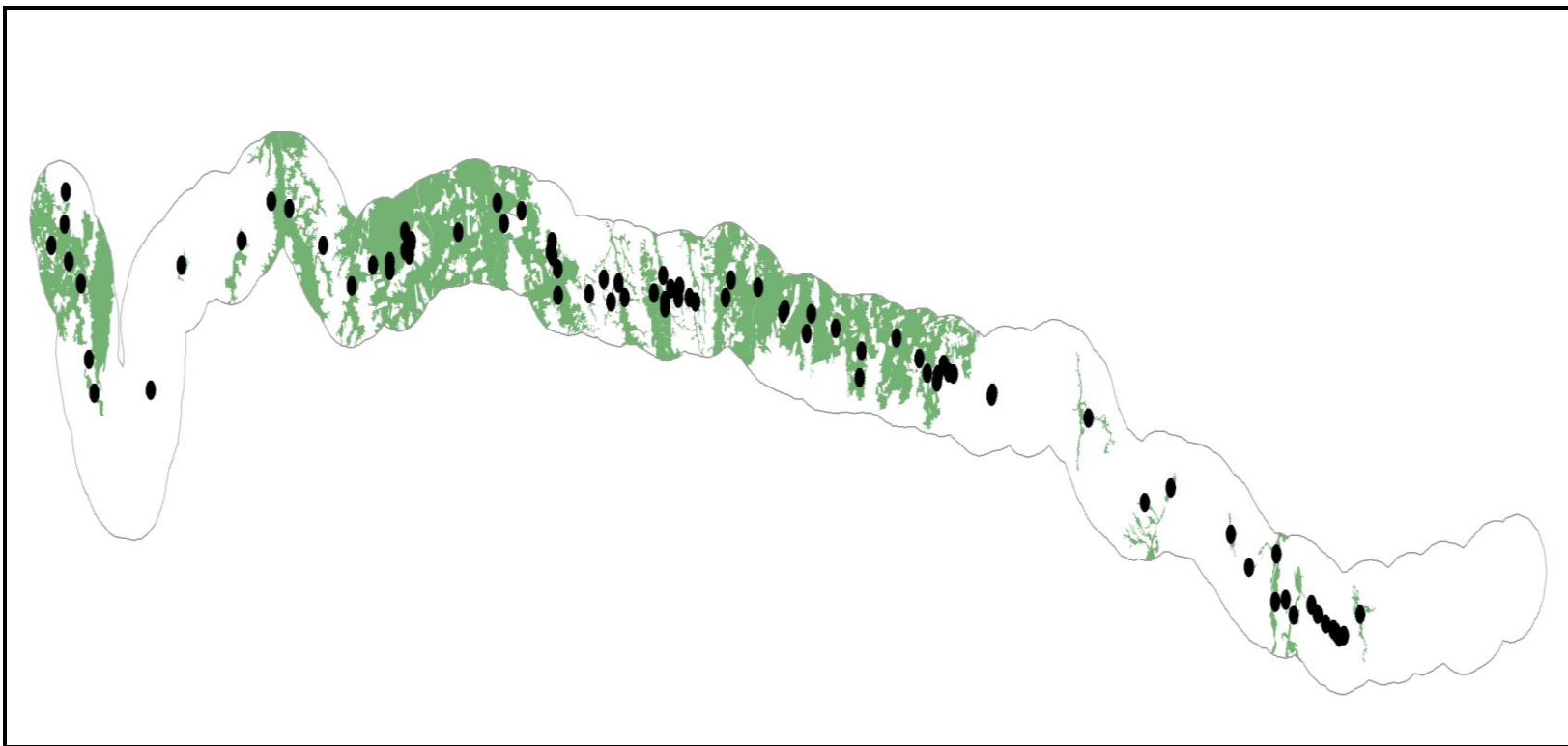
Há uma alta concordância entre a dimensão fractal e o índice de forma, já que ambos caracterizam os fragmentos em relação ao seu formato, porém, o índice de forma não é limitado a um valor específico, sendo influenciado também pelo tamanho do polígono. Dessa maneira, esse índice combina uma relação entre perímetro/área e tamanho dos fragmentos, complementando a informação fornecida pela dimensão fractal. Apesar disso, a dimensão fractal caracteriza de maneira mais precisa um conjunto de fragmentos, pois há um intervalo para comparação dos valores obtidos.

Pela análise de agrupamento, as florestas não estão isoladas. Considerando a escala de -2,58 (agrupado) a +2,58 (disperso), o valor crítico ($VC=-2,58$) incluiu os dados na classe de maior agrupamento ($Z=-57$; $P=0,01$). A análise de agrupamento leva em consideração as médias das distâncias entre cada ponto e seu vizinho mais próximo. Dessa maneira os centróides podem estar agrupados em nuvens distantes umas das outras, como é observado na Figura abaixo, onde nota-se a proximidade entre os vizinhos mais próximos, mas uma grande distância entre os demais, especialmente dos pontos extremos. A proximidade entre os remanescentes florestais é de extrema importância para a manutenção das populações, pois possibilita a dispersão da fauna e da flora.

Caracterização dos fragmentos florestais parcialmente suprimidos pelo traçado da ferrovia.

N	Longitude	Latitude	Fisionomia	Estágio de sucessão	Área florestal original (ha)	Área a ser suprimida (ha)	Área a ser suprimida (%)	Área Final (ha)	Borda total (m)	Dimensão fractal	Índice de forma
1	-50.4696	-14.4994	Fa	Secundário	267.33	10.80	4.04	256.53	21368.10	1.35	3.69
2	-50.4347	-14.4949	Fa	Secundário	153.42	2.47	1.61	150.95	16471.06	1.36	3.75
3	-50.4183	-14.4874	Fa	Secundário	54.77	0.07	0.12	54.71	3730.04	1.24	1.42
4	-50.4910	-14.4826	Fa	Secundário	127.03	7.66	6.03	119.38	9196.00	1.30	2.30
5	-50.5113	-14.4722	Fa	Primário	220.53	8.26	3.75	212.27	7419.46	1.22	1.41
6	-50.5721	-14.4502	Fs	Primário	164.80	15.61	9.47	149.19	12447.72	1.32	2.74
7	-50.5814	-14.4217	Fs	Primário	204.23	0.01	0.00	204.22	16393.25	1.34	3.24
8	-50.6304	-14.4118	Fs	Primário	1161.01	22.79	1.96	1138.22	50818.82	1.33	4.21
9	-50.6782	-14.3745	Fa	Secundário	204.33	7.72	3.78	196.61	13889.94	1.31	2.74
10	-50.3111	-14.4111	Fs	Secundário	7947.91	9.94	0.13	7937.97	284525.36	1.38	9.00
11	-50.8114	-14.4163	Fa	Secundário	17430.59	9.50	0.05	17421.09	308288.56	1.33	6.59
12	-51.1481	-14.2279	Fa	Secundário	1126.75	7.83	0.69	1118.93	48681.90	1.33	4.09
13	-50.9486	-14.3637	Fa	Regeneração	14184.73	82.45	0.58	14102.27	179771.74	1.29	4.26
14	-50.9536	-14.1746	Fa	Secundário	9075.39	8.55	0.09	9066.84	159784.13	1.31	4.73
15	-51.2858	-14.1000	Fa	Primário	2498.70	43.03	1.72	2455.67	91170.09	1.34	5.15
16	-51.9217	-14.0947	Fa	Regeneração	16086.45	21.27	0.13	16065.18	536055.98	1.40	11.92
17	-51.7386	-13.9189	Fa	Secundário	3277.94	21.46	0.65	3256.48	71051.26	1.29	3.50
18	-53.0830	-13.5600	Fa	Regeneração	307.16	3.09	1.01	304.06	15131.34	1.29	2.44
19	-59.4128	-13.5375	Pa	Regeneração	723.90	22.57	3.12	701.33	29291.15	1.30	3.07
20	-53.0780	-13.5483	Fa	Secundário	1223.92	7.55	0.62	1216.37	56713.72	1.34	4.57
21	-53.3959	-13.4667	Ap+SN	Secundário	233.71	8.20	3.51	225.51	17661.57	1.33	3.26
22	-59.8378	-13.5485	SN	Regeneração	5974.20	145.52	2.44	5828.68	73467.84	1.25	2.68
23	-59.8779	-13.4175	SN	Secundário	2141.50	48.77	2.28	2092.74	25484.01	1.20	1.55
24	-52.3580	-13.6443	Fs	Primário	12901.58	31.02	0.24	12870.56	475715.08	1.40	11.81
25	-54.4774	-13.3178	ON	Primário	83.31	3.12	3.74	80.20	5904.14	1.27	1.82

N	Longitude	Latitude	Fisionomia	Estágio de sucessão	Área florestal original (ha)	Área a ser suprimida (ha)	Área a ser suprimida (%)	Área Final (ha)	Borda total (m)	Dimensão fractal	Índice de forma
26	-53.6643	-13.3868	Fs	Primário	211662.60	362.02	0.17	211300.57	1507625.09	1.33	9.24
27	-55.3595	-13.1776	Fs	Primário	738.36	6.65	0.90	731.71	47901.55	1.36	4.97
28	-55.9498	-13.1945	Fs	Secundário	2400.83	25.42	1.06	2375.41	91143.30	1.34	5.25
29	-55.4337	-13.1340	Fs	Primário	51.15	2.57	5.03	48.58	5326.75	1.31	2.10
30	-55.8926	-13.1202	Fs	Secundário	304.87	13.53	4.44	291.34	14606.18	1.28	2.36
31	-56.1120	-13.1624	Fs	Primário	3329.97	4.00	0.12	3325.98	131034.97	1.36	6.41
32	-56.0020	-13.1061	Fs	Primário	1917.84	12.99	0.68	1904.85	94221.24	1.37	6.07
33	-59.1789	-13.0506	Fa	Primário	3754.99	42.14	1.12	3712.85	118345.94	1.34	5.45
34	-55.5929	-13.2150	Fs	Secundário	74659.88	212.99	0.29	74446.89	830345.09	1.33	8.57
35	-55.3263	-13.0690	Fs	Secundário	16974.60	12.59	0.07	16962.01	361335.97	1.35	7.82
36	-58.7702	-13.0638	Fs	Secundário	14959.66	14.49	0.10	14945.16	214641.02	1.30	4.95
37	-54.6643	-13.2207	Fs	Secundário	420892.69	948.92	0.23	419943.77	2644009.25	1.33	11.50
38	-55.8471	-13.1762	Fs	Secundário	32057.01	42.80	0.13	32014.21	775387.49	1.38	12.22
39	-60.0515	-12.7652	Fs	Primário	2362.83	16.97	0.72	2345.86	47474.74	1.27	2.76
40	-59.9818	-13.0784	Fs	Primário	259968.18	423.16	0.16	259545.03	1254437.95	1.30	6.94
41	-56.4889	-13.0063	Da	Primário	176744.51	336.18	0.19	176408.33	1400154.85	1.33	9.40
42	-57.3497	-12.9626	As	Primário	561098.81	904.60	0.16	560194.21	2574511.98	1.32	9.70
43	-58.3314	-12.8570	Saf	Primário	168072.13	214.68	0.13	167857.45	1811553.58	1.36	12.47
Médias					47668.05	96.42	1.57	47571.63	382662.54	1.32	01/05/44



Fragmentos florestais diretamente atingidos no raio de 25 km e os centróides usados para a análise de agrupamento.

A fitofisionomia mais representativa na paisagem é a Savana Arborizada, com cerca de 290.000 ha dos 7,5 milhões de hectares, conforme apresentado no quadro a seguir. A maior supressão (4.328 ha) irá ocorrer no contato Savana-Floresta Estacional, segunda fitofisionomia mais abundante na paisagem. De acordo com a dimensão fractal média, os fragmentos remanescentes possuem forma pouco complexa, o que é desejável para a diminuição do efeito de borda e da manutenção da integridade desses ambientes.

A supressão da vegetação não se dará de maneira proporcional em relação às fitofisionomias. Na Tabela a seguir está descrita a composição da paisagem do empreendimento (áreas de influência direta e indireta) e os percentuais que serão suprimidos de cada fitofisionomia, considerando as classes naturais.

Savana Arborizada será a fitofisionomia com maior índice de supressão, representando 27% da faixa de impacto direto (40 m a partir do traçado), porém é também a fitofisionomia mais abundante na área total da paisagem (31%), conforme apresentado na figura a seguir. De acordo com o teste qui-quadrado de proporcionalidade, a proporção da área suprimida dessa classe é significativamente menor do que a proporção dessa na paisagem total. O mesmo ocorre com as Florestas Estacionais semidecíduais submontanas. Savana Parque apresenta exatamente a mesma proporção tanto na área de supressão quanto na área total.

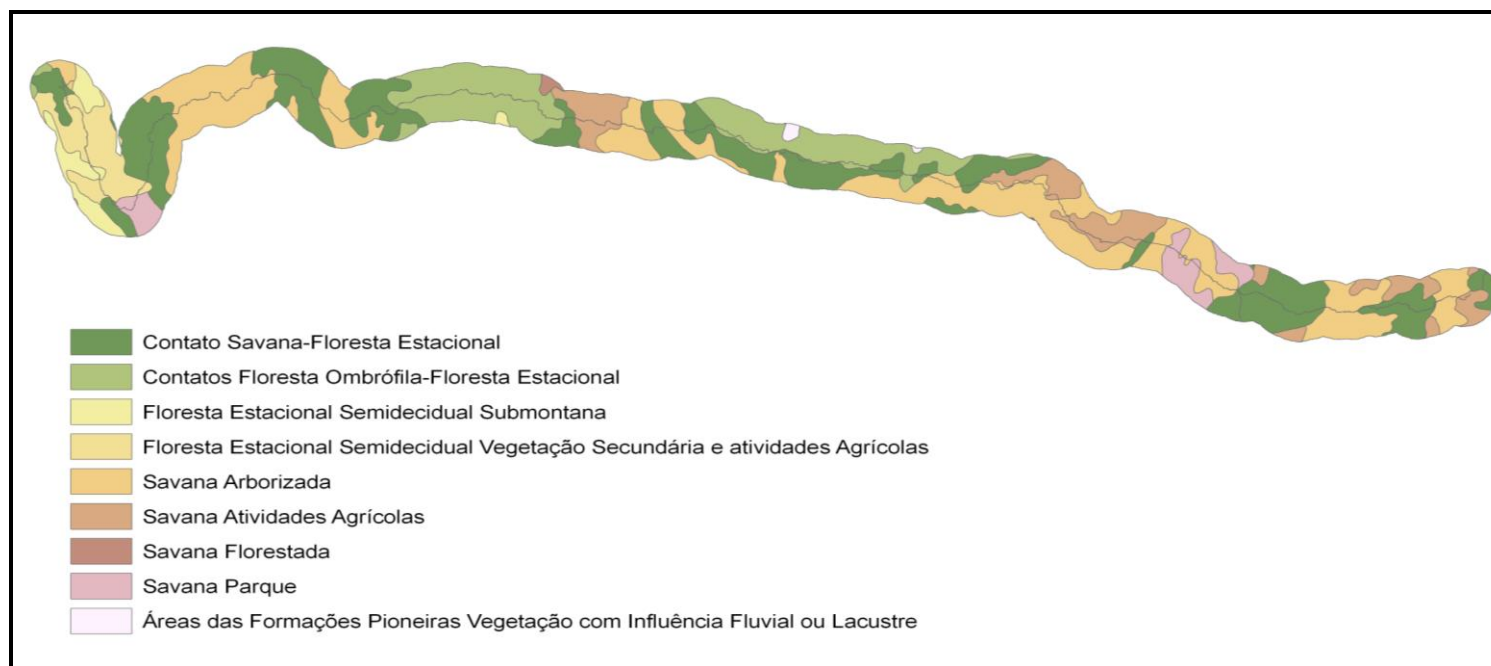
As fitofisionomias proporcionalmente mais impactadas pelo traçado serão Contato Floresta ombrófila-Floresta Estacional e Contato Floresta ombrófila-Floresta Estacional, ambas com diferença significativa entre as proporções. É portanto, indicada maior cautela e eventuais ações mitigadoras voltadas para essas fitofisionomias.

Métricas de paisagem geradas para as classes fitofisionomias (IBGE) na área de influência indireta (raio de 25 km).

	Classe	Área (ha)	Número de fragmentos	Tamanho médio dos fragmentos (ha)	Tamanho mediano dos fragmentos (ha)	Desvio Padrão do tamanho dos fragmentos	Dimensão fractal média dos fragmentos
R	Savana Parque	282683	4	70671	73235	49036	1.20
R	Savana Arborizada	2323361	8	290420	189297	242962	1.20
R	Contatos Floresta Ombrófila-Floresta Estacional	1228519	3	409506	19000	554598	1.20
R	Áreas das Formações Pioneiras Vegetação com Influência Fluvial ou Lacustre	21822	1	21822	21822	0	1.17
R	Contato Savana-Floresta Estacional	2277423	15	151828	77293	158732	1.19
R	Savana Florestada	20036	1	20036	20036	0	1.17
R	Floresta Estacional Semidecidual Submontana	229048	3	76349	63829	58558	1.18
R	Savana Atividades Agrícolas	726072	8	90759	42447	104014	1.18
R	Floresta Estacional Semidecidual Vegetação Secundária e atividades Agrícolas	407494	1	407494	407494	0	1.23
S	Savana Parque	463	2	231	231	14	1.50
S	Savana Arborizada	3488	8	436	231	394	1.50
S	Contatos Floresta Ombrófila-Floresta Estacional	2401	1	2401	2401	0	1.57
S	Contato Savana-Floresta Estacional	4328	12	361	286	294	1.49
S	Floresta Estacional Semidecidual Submontana	127	1	127	127	0	1.48
S	Savana Atividades Agrícolas	1294	3	431	359	290	1.51
S	Floresta Estacional Semidecidual Vegetação Secundária e atividades Agrícolas	936	1	936	936	0	1.55

Tabela. Resultado do teste de proporcionalidade entre a área (em hectares) ocupada pelas diferentes fitofisionomias naturais (IBGE) na paisagem de análise (buffer de 25km) e na faixa que será desmatada (40 metros). O impacto do traçado da ferrovia sobre cada fitofisionomia é avaliada como a diferença entre a proporção da fitofisionomia na paisagem e na proporção que será desmatada.

Fisionomia	Área (%) da fitofisionomia na paisagem	Área (%) da fitofisionomia suprimida na faixa de desmate	Valor X2 (GL=1)	Valor de p	Impacto
Savana Parque	283146 (4%)	463 (4%)	1,515	0.218	—
Savana Arborizada	2326849 (31%)	3488 (27%)	104,712	<0.001	menor
Contato Floresta ombrófila-Floresta Estacional	1230921 (16%)	2401 (18%)	40,574	<0.001	maior
Contato savana - Floresta Estacional	2281752 (30%)	4328 (33%)	51,453	<0.001	maior
Floresta Estacional semidecidual submontana	229175 (3%)	127 (1%)	191,812	<0.001	menor



Fitofisionomias (IBGE) na área de influência indireta da Ferrovia (25 km).

5.2.4.2.1.2 Caracterização quantitativa das fitofisionomias existentes e áreas antropizadas nas Áreas de Influência Direta e Indireta.

A caracterização quantitativa das fitofisionomias existentes da Área de Influência Direta (AID), bem como da Área de Influência Indireta (AII), apresenta grande relevância para a avaliação dos impactos que a implantação de um empreendimento pode gerar à flora local. Conforme definido no Capítulo 4 Área de Influência do Empreendimento, para o meio biótico, foi definida em uma faixa em cada lado do traçado da ferrovia de 5 km (cinco quilômetros) para a AID e 25 km para para a (AII). Sendo assim, os quadros abaixo apresentam os quantitativos totais e percentuais de áreas (km²) de cada fitofisionomia existente, bem como de áreas antropizadas (áreas urbanas e agropecuária), tanto para as Áreas de Influência Direta e Indireta.

Quantitativo de uso e cobertura do solo para Área de Influência Direta (5km)					
Fitoecológico	Nº manchas	Sigla	Grupo	Area (km ²)	Area (%)
Água	97	Agua	Água	39,8	0,27
Agropecuária	352	Ag	Antropico rural	5.574,64	38,45
Vegetação secundária	21	Vs	Antropico rural	62,65	0,43
Influência urbana	6	Iu	Antropico urbano	15,79	0,11
Ecótono Floresta Ombrófila / Floresta Estacional	18	ON	Floresta	1.794,34	12,37
Ecótono Savana / Floresta Estacional	36	SN	Floresta	312,89	2,16
Floresta Estacional Semidecidual Aluvial	42	Fa	Floresta	287,38	1,98
Floresta Estacional Semidecidual Submontana	87	Fs	Floresta	1148,4	7,92
Floresta Ombrófila Aberta Submontana	9	As	Floresta	117,11	0,81
Floresta Ombrófila Densa Aluvial	13	Da	Floresta	68,83	0,47
Formações com influência fluvial e/ou lacustre	3	Pa	Floresta	17,76	0,12
Savana Arborizada	211	Sa	Savana	3.762,68	25,95
Savana Florestada	58	Sd	Savana	827,23	5,70
Savana Gramíneo-Lenhosa	1	Sg	Savana	11,15	0,08
Savana Parque	48	Sp	Savana	459,51	3,17
Total				14.500,16	100,00

Quantitativo de uso e cobertura do solo para Área de Influência Indireta (25km)					
Fitoecológico	Nº manchas	Sigla	Grupo	Area (km ²)	Area (%)
Água	561	Agua	Água	259,76	0,37
Agropecuária	1269	Ag	Antrópico Rural	25.522,84	36,66
Reflorestamento	1	R	Antrópico Rural	2,73	0,00
Vegetação secundária	66	Vs	Antrópico Rural	230,50	0,33
Influência urbana	25	Iu	Antrópico Urbano	100,37	0,14
Ecótono Floresta Ombrófila / Floresta Estacional	102	ON	Floresta	8.157,04	11,72
Ecótono Savana / Floresta Estacional	135	SN	Floresta	3.639,99	5,23
Floresta Estacional Decidual Submontana	4	Cs	Floresta	11,71	0,02
Floresta Estacional Semidecidual Aluvial	146	Fa	Floresta	1.263,68	1,82

Quantitativo de uso e cobertura do solo para Área de Influência Indireta (25km)					
Fitoecológico	Nº manchas	Sigla	Grupo	Area (km²)	Area (%)
Floresta Estacional Semidecidual Submontana	381	Fs	Floresta	5.484,56	7,88
Floresta Ombrófila Aberta Submontana	10	As	Floresta	173,42	0,25
Floresta Ombrófila Densa Aluvial	52	Da	Floresta	284,60	0,41
Formações com influência fluvial e/ou lacustre	21	Pa	Floresta	143,71	0,21
Savana Arborizada	876	Sa	Savana	18.054,18	25,93
Savana Florestada	256	Sd	Savana	2.830,78	4,07
Savana Gramíneo-Lenhosa	3	Sg	Savana	66,10	0,09
Savana Parque	203	Sp	Savana	3.395,49	4,88
Total				6.9621,43	100,00

5.2.4.2.1.3 Estimativa das áreas em que haverá supressão de vegetação.

A Área Diretamente Afetada pelo empreendimento (ADA) refere-se às áreas que sofrerão as intervenções diretas durante a implantação e a operação do empreendimento, perfaz toda a área seccionada pelo traçado da Ferrovia, bem como sua Faixa de Domínio, que é de 40 metros para cada lado do eixo da ferrovia, sendo que desta forma, para o meio biótico/flora, compreende imediatamente os trechos em terra onde haverá remoção da vegetação.

A área total da ADA é 119,47 km², sendo que a área com a presença de indivíduos arbóreos (Floresta Ombrófila Aberta Submontana – As; Floresta Ombrófila Densa Aluvial – Da; Floresta Estacional Semidecidual Aluvial – Fa; Floresta Estacional Semidecidual Submontana – Fs; Ecótono Floresta Ombrófila / Floresta Estacional – ON; Formações com influência fluvial e/ou lacustre – Pa; Ecótono Savana / Floresta Estacional – SN; Savana Arborizada – As; Savana Florestada – Sd e Savana Parque - Sp) foi estimada em aproximadamente 75,01 km², o que corresponde a 62,79% da área total. O quadro abaixo apresenta a o quantitativo de uso e cobertura do solo para ADA, bem como a estimativa das áreas em que haverá supressão de vegetação, caracterizada pelas fitofisionomias existentes.

Quantitativo de uso e cobertura do solo para Área Direta Afetada (40m)					
Fitoecológico	Nº manchas	Sigla	Grupo	Area (km²)	Area (%)
Água	13	Água	Água	0,195	0,16
Agropecuária	326	Ag	Antrópico Rural	43,725	36,60
Vegetação secundária	3	Vs	Antrópico Rural	0,305	0,26
Influência urbana	1	Iu	Antrópico Urbano	0,228	0,19
Floresta Ombrófila Aberta Submontana	8	As	Floresta	1,053	0,88
Floresta Ombrófila Densa Aluvial	6	Da	Floresta	0,417	0,35
Floresta Estacional Semidecidual Aluvial	41	Fa	Floresta	2,712	2,27
Floresta Estacional Semidecidual Submontana	74	Fs	Floresta	11,668	9,77
Ecótono Floresta Ombrófila / Floresta Estacional	30	ON	Floresta	14,052	11,76
Formações com influência fluvial e/ou lacustre	1	Pa	Floresta	0,247	0,21

Quantitativo de uso e cobertura do solo para Área Direta Afetada (40m)					
Fitoecológico	Nº manchas	Sigla	Grupo	Area (km²)	Area (%)
Ecótono Savana / Floresta Estacional	10	SN	Floresta	2,582	2,16
Savana Arborizada	275	Sa	Savana	31,62	26,47
Savana Florestada	49	Sd	Savana	7,607	6,37
Savana Parque	9	Sp	Savana	3,054	2,56
Total				119,47	100,00
Total de vegetação a ser suprimida				75,01	62,79

Tabela 5.2-47 Listagem das espécies encontradas em ordem alfabética de famílias, em APG II (2003), com nome-popular, hábito (av: árvore, ab: arbusto, er: erva, pl: palmeira, li: liana, ep: epífita, he: hemi-epífita, pr: parasita) e local de ocorrência.

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
Acanthaceae																											
<i>Justicia</i> L.		er										x															
Amaryllidaceae																											
<i>Bromarea edulis</i> (Tussac.) Herb.		li					x																				
<i>Hypeastrum</i> sp.	Lírio	er					x																				
<i>Curculigo</i> Gaertn.		er										x															
Anacardiaceae																											
<i>Anacardium giganteum</i> W. Hancock ex Engl.	Cajueiro	av																				x					
<i>Anacardium humile</i> A.St.-Hil.	Cajuzinho	ab					x																				
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajú	av			x	x	x		x																		
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	Gonçalo Alves			x		x			x		x				x		x	x	x								
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemao	Aroeira	av		x											x	x			x								
<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá	av													x	x											
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Pau pombo	av		x				x	x						x		x		x							x	
<i>Tapirira obtusa</i> (Benth.) J.D.Mitch.	Pau pombo	av									x										x						
Annonaceae																											
<i>Annona coriacea</i> Mart.	Marolo	av	x		x		x																				
<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Araticum	av				x																					

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Annona paludosa</i> Aubl.		av												x													
<i>Annona</i> sp.	Ata	av															x										
<i>Annona squamata</i> L.	Fruta do conde	av													x												
<i>Bocageopsis</i> sp.	Ata	av																				x					
<i>Cardiopetalum calophyllum</i> Schltld.											x																
<i>Cardiopetalum</i> sp.		av									x																
<i>Duguetia furfuracea</i> (A.St.-Hil.) Benth. & Hook.f.	Pinha de guará	ab				x																					
<i>Guatteria</i> sp. 1	Ata	av														x											
<i>Guatteria</i> sp. 2		av																			x						
<i>Guatteria schomburgniana</i> Mart.		av																							x		
<i>Guatteria sellowiana</i> Schltld.	Ata	av	x							x	x																
<i>Guatteria</i> sp. 3	Ata	av															x										
<i>Guatteria</i> sp. 4	Ata	av																x									
<i>Guatteria</i> sp. 5	Ata	av											x														
<i>Guatteria</i> sp. 6	Ata	av																x									
<i>Tetrameranthus</i> R.E. Fr.		ab										x															
<i>Unonopsis burchtienii</i> R. E. Fries		av																				x					
<i>Xylopia</i>		av																			x						
<i>Xylopia amazonica</i> R. E. Fries		av						x						x											x	x	
<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	Pimenta de macaco	av	x	x	x	x	x	x	x						x		x		x								
<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	Pindaíba	av																				x					
<i>Xylopia</i> cf. <i>benthamii</i> R.E. Fr.			x																								

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Xylopia frutescens</i> Aubl. var. <i>ferruginea</i> R. E. Fries		av																								x	
<i>Xylopia sericea</i> A.St.-Hil.	Pindaíba	av	x						x		x				x		x	x			x						
<i>Xylopia</i> sp. 1	Pindaíba	av									x		x					x					x				
<i>Xylopia</i> sp. 2	Pindaíba-preta	av											x														
Apocynaceae																											
<i>Aspidosperma album</i> (Vahl) Benoist ex Pichon		av											x														
<i>Aspidosperma cylindrocarpon</i> Müll.Arg.	Guatambú	av			x			x			x							x									
<i>Aspidosperma darienense</i> Woodson ex Dwyer		av											x														
<i>Aspidosperma discolor</i> A.DC.	Guatambú	av													x												
<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	Guatambú	av			x	x	x		x																		
<i>Aspidosperma marcgravianum</i> Woodson																							x				
<i>Aspidosperma nobile</i> Mull. Arg.									x																		
<i>Aspidosperma obscurinervium</i> Azambuja													x														
<i>Aspidosperma spruceanum</i> Benth. ex Müll.Arg.	Guatambú	av			x	x			x									x									
<i>Aspidosperma subincanum</i> Mart. ex A.DC.	Guatambú	av		x		x			x		x				x	x	x										
<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	Guatambú	av		x	x	x	x																				
<i>Aspidosperma verbascifolium</i> M. Arg.		av						x																			
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangaba	av		x	x	x																					

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Himatanthus bracteatus</i> (A.DC.) Woodson	Tiborna	av													x		x										
<i>Himatanthus drasticus</i> (Mart.) Plumel		av																							x		
<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll.Arg.) Woodson	Tiborna	av		x	x	x					x						x										
<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce ex Müll.Arg.) Woodson	Tiborna	av						x			x		x					x			x		x				
<i>Mandevilla velutina</i> (Mart.) Woods		li										x															
<i>Stipecoma peltigera</i> (Stadelm.)		li						x																			
<i>Tabernaemontana sp.</i>																	x										
<i>Tassadia sp.</i>		li						x																			
Aquifoliaceae																											
<i>Ilex sp.</i>		av																		x							
Araceae																											
<i>Anthurium bonplandii</i> G.S. Bunting	Antúrio	ep																			x			x			
<i>Anthurium gracile</i> (Rudge) Schott	Antúrio	ep						x															x	x	x		
<i>Anthurium kunthianum</i> Liebm.		er																						x			
<i>Anthurium pranceanum</i> Croat	Antúrio	er																			x			x			
<i>Caladium sp.</i>	Tajazinho	er										x															
<i>Desmoncus orthacanthos</i> Mart.	Jacitara	li													x						x						
<i>Monotagma densiflorum</i> K. Schum.	Arumãzinho	er																			x						
<i>Monstera subpinnata</i> (Schott) Engl.		he																							x		

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Philodendron arcuatum</i> K. Krause	Imbé da água	he																			x				x		X
<i>Philodendron billietiae</i> Croat	Imbé	he																					x				
<i>Philodendron fragrantissimum</i> (Hook.) G. Don	Tajá	he																					x				
<i>Philodendron megalophyllum</i> Schott	Tajá-de-formiga	he																						x			
<i>Philodendron pectinatum</i> no prelo		er																								x	
<i>Philodendron solimoesense</i> A.C. Sm.	Imbezão	he											x								x				x	x	
<i>Spathiphyllum</i> sp.	Copo-de-leite	er																						x			
<i>Syngonium</i> sp.		er					x																				
<i>Urospatha sagittifolia</i> (Rudge) Schott	Tajá	er																			x						
<i>Xanthosoma syngoniifolium</i> Rusby	Tajazinho	er											x														
Araliaceae																											
<i>Schefflera distractiflora</i> (Harms) Frodim.		av						x																			
<i>Schefflera morototonii</i> (Aubl.) Maguire, Steyer. & Frodin	Morototó	av			x												x	x									
<i>Schefflera</i> sp.		av		x																							
Arecaceae																											
<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Macaúba	av													x												
<i>Astrocaryum gynacanthum</i> Mart.	Mumbaca	pl																								x	
<i>Astrocaryum jauari</i> Mart.	Jauari	pl										x															

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	Tucum	pl	x								x	x				x	x	x	x				x				
<i>Attalea maripa</i> (Aubl.) Mart.	Inajá	pl																						x		X	
<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng	Babaçú	pl									x						x										
<i>Bactris acanthocarpa</i> Mart.		pl																								X	
<i>Bactris acanthocarpoides</i> Barb. Rodr.	Marajá	pl																						x			
<i>Bactris cuspidata</i> Mart.		pl																			x			x			
<i>Bactris hirta</i> Mart.	Marajazinho	pl																			x		x	x		X	
<i>Bactris maraja</i> Mart.	Marajazinho	pl																			x	x					
<i>Bactris simplicifrons</i> Mart.	Ubinzinho	pl																			x		x	x			
<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	Açaí	pl																			x						
<i>Geonoma maxima</i> (Poit.) Kunth		pl																						x			
<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Buriti	pl																			x		x				
<i>Mauritiella armata</i> (Mart.) Burret	Buritirana	pl													x						x		x				
<i>Oenocarpus distichus</i> Mart.	Bacaba-de-leque	pl																x					x	x		X	
<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	Paxiúba	pl																								X	
<i>Syagrus</i> aff. <i>cocoides</i> Mart.		pl										x															
<i>Syagrus flexuosa</i> (Mart.) Becc.		pl					x																				
<i>Syagrus</i> sp. 1	Guerobinha	pl										x															
<i>Syagrus</i> sp. 2	Patii	pl					x																				
Asteraceae																											
<i>Aspiliasp.</i>		ab					x																				
<i>Ichthyothere terminalis</i> (Spreng.) Malme		er										x															

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker		av				x																					
<i>Vernonia</i> sp.						x																					
<i>Wunderlichia crulsiana</i> Taub.					x																						
Bignoniaceae																											
<i>Arrabidaea brachypoda</i> (DC.) Bureau		li																					x				
<i>Cuspidaria</i> DC.		li												x													
<i>Cybistax antispyllitica</i> (Mart.) Mart. ex DC.	Ipê verde	av									x																
<i>Distictella elongata</i> (Vahl) Urb.		li						x																			
<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) A. DC.	Caroba	av	x														x										
<i>Jacaranda copaia</i> (Aubl.) D. Don	Pará-pará, Caroba	av																					x				
<i>Jacaranda mimosifolia</i> D. Don	Caroba	av		x					x																		
<i>Jacaranda puberula</i> Cham.																	x										
<i>Jacaranda rhombifolia</i> G. Mey.									x																		
<i>Jacaranda rufa</i> Silva Manso		ab						x																			
<i>Memora</i> sp.		li																					x				
<i>Pleonotoma</i> sp.		li																							x		
<i>Tabebuia chrysotricha</i> (Mart. ex A. DC.) Standl.		av															x										
<i>Tabebuia aquatilis</i> (E. Mey.) Sprague & Sandwith		av																				x					
<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f	Caraíba	av	x	x	x	x			x		x																

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Ipê roxo	av	x								x																
<i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standley	Ipê amarelo	av				x	x		x								x										
<i>Tabebuia roseo-alba</i> (Ridley) Sandwith	Ipê branco	av															x		x								
<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl) G. Nicholson	Ipê amarelo	av	x								x				x	x	x						x				
<i>Zeyheria montana</i> Mart.	Bolsa de pastor	ab				x						x															
Bixaceae																											
<i>Cochlospermum orinocense</i> (Kunth) Steud.																		x									
Boraginaceae																											
<i>Cordia glabrata</i> (Mart.) A. DC.		av							x	x						x	x										
<i>Cordia sellowiana</i> Cham.		av																x					x				
<i>Cordia</i> sp. 1		av	x						x		x						x	x									
<i>Cordia</i> sp. 2		av					x																				
<i>Cordia</i> sp. 3		av																						x			
<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arrab. ex Steudel		av														x											
Bromeliaceae																											
<i>Aechmea bromeliifolia</i> (Rudge) Baker	Bromélia	ep																						x			
<i>Aechmea mertensii</i> (G. Mey.) Schult. & Schult. f.	Bromélia	ep											x														
<i>Aechmea tocantina</i> Baker		ep																							x		
<i>Ananas ananassoides</i> (Baker) L.B. Sm.	Abacaxizinho	er										x													x		

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Bilbergia</i> sp 1	Bromélia	ep											x														
<i>Bilbergia</i> sp 2	Bromélia	ep																			x						
<i>Bromelia pinguin</i> L.	Gravatá	er	x			x	x																				
<i>Bromelia</i> sp. 1		er																						x			
<i>Bromelia</i> sp. 2	gravata	er					x																				
Burseraceae																											
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Breu	av	x	x	x	x	x		x		x					x	x	x	x								
<i>Protium pilosissimum</i> Engl.																					x						
<i>Protium</i> sp. 5	Breu	av											x														
<i>Protium</i> sp. 1	Breu	av												x													
<i>Protium</i> sp. 2	Breu	av																			x						
<i>Protium</i> sp. 3	Breu	av																			x						
<i>Protium</i> sp. 4		av																						x			
<i>Protium spruceanum</i> (Benth.) Engl.	Almescla	av									x		x					x			x						
<i>Protium unifoliolatum</i> Engl.																					x						
<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.)		av														x	x	x									
<i>Tetragastris panamensis</i> (Engl.) Kuntz.		av												x													
<i>Tetragastris</i> sp. 1		av																						x			
<i>Tetragastris unifoliolata</i> (Engl.) Cuatrec.		av									x		x					x			x		x				
Cactaceae																											
<i>Epiphyllum</i> Haw.		ep																								x	
<i>Epiphyllum phyllanthus</i> (L.) Haw.	Dama-da-noite	ep											x										x				

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
Caryocaraceae																											
<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess	Pequi	av		x			x	x	x																		
<i>Caryocar glabrum</i> Pers.	Piquiarana	av																						x			
Celastraceae																											
<i>Cheiloclinium cognatum</i> (Miers) A.C. Sm.	Bacupari da mata	av											x					x									
<i>Goupia glabra</i> Aubl. <i>Maytenus floribunda</i> Reissek	Cupiúba	av									x					x	x	x				x	x				
<i>Maytenus robusta</i> Reissek		av																	x								
<i>Plenckia populnea</i> Reissek		av		x					x						x				x								
<i>Salacia crassifolia</i> (Mart. ex Schult.)	Bacupari	av		x	x	x	x		x																		
<i>Salacia elliptica</i> (Mart. ex Schult.)	Bacupari da mata	av			x										x				x								
Chrysobalanaceae																											
<i>Couepia canomensis</i> (Mart.) Benth. ex Hook. f.																		x									
<i>Couepia</i> cf. <i>bracteosa</i> Benth.													x					x									
<i>Couepia grandiflora</i> (Mart. & Zucc.) Benth. ex Hook.f		av			x																	x					
<i>Couepia</i> sp. 1		av			x																						
<i>Couepia</i> sp. 2													x														
<i>Hirtella bicornis</i> Mart. & Zucc.		av																				x					
<i>Hirtella eriandra</i> Benth. <i>Hirtella excelsa</i> Standl. ex Prance																		x									
<i>Hirtella glandulosa</i> Spreng.		av			x				x		x		x				x	x									
<i>Hirtella gracilipes</i> (Hook.f.) Prance		av		x											x		x	x			x		x				

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Hirtella racemosa</i> Lam.																		x									
<i>Hirtella tentaculata</i> Poepp.							x																				
<i>Licania apetala</i> (E.Mey.) Fritsch.		av									x					x		x					x				
<i>Licania blackii</i> Prance					x																						
<i>Licania kunthiana</i> Hook F.		av																			x						
<i>Licania octandra</i> (Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) Kuntze																							x				
<i>Licania sclerophylla</i> (Hook. f.) Fritsch											x																
<i>Licania</i> sp. 1		av													x												
<i>Licania</i> sp. 2		av													x												
<i>Licania</i> sp. 3	Bananinha	av									x				x				x	x	x						
<i>Licania</i> sp. 4		av					x																				
Clusiaceae																											
<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Landim	av																		x			x				
<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	Pau santo	av			x	x																					
<i>Kielmeyera speciosa</i> St.-Hil.	Pau santo	av		x	x	x																					
<i>Kielmeyera variabilis</i> Mart.	Pau santo	av			x																						
<i>Symphonia globulifera</i> L.f.																							x				
<i>Vismia baccifera</i> L. Tr. et Planch.		av																							x		
<i>Vismia decipiens</i> Schltdl. & Cham.		av		x																							
<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Seem.	Lacre	av											x														
<i>Vismia latifolia</i> (Aubl.) Choisy		av						x															x				
Combretaceae																											
<i>Buchenavia oxycarpa</i> (Mart.) Eichler																		x									

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Buchenavia reticulata</i> Eichler																			x								
<i>Buchenavia</i> sp. 1	Mirindiba	av			x																						
<i>Buchenavia</i> sp. 2	Mirindiba	av		x	x	x			x		x		x				x	x	x					x			
<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler	Mirindiba	av		x		x	x		x							x		x	x								
<i>Combretum</i> sp.													x														
<i>Terminalia argentea</i> Mart.	Capitão	av		x		x			x								x		x								
<i>Terminalia glabrescens</i> Mart.		av								x	x								x								
<i>Terminalia lucida</i> Hoffmanns. ex Mart.													x														
<i>Terminalia</i> sp.		av					x																				
Commelinaceae																											
<i>Commelina erecta</i> L.	Maria-mole	er										x												x			
Connaraceae																											
<i>Connarus suberosus</i> Planchon	Pau brinco	av		x	x	x	x		x																		
<i>Rourea doniana</i> Baker		av																				x					
<i>Rourea induta</i> Planchon		av			x	x	x																				
Costaceae																											
<i>Costus arabicus</i> L.	Cana-de-índio	er																				x		x			
<i>Costus congestiflorus</i> Rich. ex L.F. Gagnep.	Costus	er										x															
Cucurbitaceae																											
<i>Cayaponia</i> sp.		li						x																			
Cyperaceae																											
<i>Cyperus</i> sp. 1		er																				x					
<i>Cyperus</i> sp. 2		er																					x				
<i>Cyperus</i> sp. 3		er																					x				

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Cyperus</i> sp. 4		er																				x					
<i>Cyperus</i> sp. 5		er						x																			
<i>Diplasia karataefolia</i> Rich. ex Pers.		er																				x					
<i>Diplasia</i> sp.		er																					x				
<i>Scleria cyperina</i> Willd. ex Kunth		er																				x					
<i>Scleria secans</i> (L.) Urb.	Tiririca	er						x														x		x			
<i>Scleria</i> sp. 1	Tiriricão	er																						x			
<i>Scleria</i> sp. 2		er																				x					
<i>Scleria</i> sp. 3	Tiririca	er						x																			
sp.	Tiriricão	er																					x				
Dichapetalaceae																											
<i>Tapura amazonica</i> Poepp.		av											x					x									
Dilleniaceae																											
<i>Curatella americana</i> L.	Lixera/Sambaíba	av	x	x	x	x	x		x						x		x	x	x								
<i>Davilla cuspidulata</i> Mart. ex Eichler	Cipó-de-fogo	li					x																				
<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	Lixerinha	av		x	x	x	x																				
Dioscoreaceae																											
<i>Dioscorea</i> cf. <i>polygonoides</i> H. & B.		li					x																				
Ebenaceae																											
<i>Diospyros carbonaria</i> Benoist							x																				
<i>Diospyros hispida</i> DC.	Caqui do cerrado	av					x												x								
<i>Diospyros burchelli</i>	Olho de boi	av			x	x	x																				
<i>Diospyros hispida</i>	Caqui do cerrado	av		x					x						x				x								
Elaeocarpaceae																											
<i>Sloanea grandiflora</i> Sm.		av																				x					

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Sloanea sp.</i>	Ouriço	av														x											
Eriocaulaceae																											
<i>Syngonanthus umbellatus</i> (Lam.) Ruhland		er																								x	
Erythroxylaceae																											
<i>Erythroxylum amplifolium</i> (Mart.) O.E.Schulz	Fruta de pombo	av		x		x					x																
<i>Erythroxylum cf. macrophyllum</i> Cav.		ab																								x	
<i>Erythroxylum daphnites</i> Mart.	Fruta de pombo	ab	x	x			x		x						x		x		x								
<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	Fruta de pombo	ab			x	x																					
<i>Erythroxylum nanum</i> A. St.-Hil.					x																						
<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	Fruta de pombo	ab		x	x	x																					
Euphorbiaceae																											
<i>Chaetocarpus schomburgkianus</i> (Kuntze) Pax & K. Hoffm.																		x									
<i>Croton palanostigma</i> Kl.		av																								x	
<i>Croton urucurana</i> Baill.	Sangra d'água	av															x										
<i>Hyeronima alchorneoides</i> Allemão															x												
<i>Hyeronyma sp.</i>	Pau-pedra												x														
<i>Mabea angustifolia</i> Spruce ex Benth.		av						x																			
<i>Mabea fistulifera</i> Mart.		av																								x	
<i>Mabea nitida</i> Spruce ex Benth.		av													x		x			x	x						
<i>Mabea sp.</i>	Inharé	av														x	x	x					x				
<i>Manihot</i> aff. <i>salicifolia</i> Pohl.		ab						x																			
<i>Manihot</i> sp. 1		ab										x															

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Manihot</i> sp. 2	maniçoba	ab					x																				
<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.	Cascudinho	av					x				x			x			x	x			x					x	
<i>Pera membranacea</i> Leal													x														
<i>Sapium glandulatum</i> (Vell.) Pax	Leitera										x				x												
<i>Sapium glandulatum</i> (Vell.) Pax											x																
<i>Sapium longifolium</i> (Müll. Arg.) Huber	Leitera																x										
<i>Sebastiania bidendata</i> (Mart.) Pax.		ab										x															
<i>Sebastiania brasiliensis</i> Spreng.															x												
Fabaceae																											
<i>Abarema piresii</i> Barneby & J.W. Grimes	Angico-branco	av																								x	
<i>Acacia polyphylla</i> DC.	Acacia	av															x										
<i>Acacia</i> sp.	Acacia	av														x	x										
<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovl	Chapadinha	ab	x	x	x	x			x																		
<i>Acosmium nitens</i> (Vogel) Yakovlev		ab										x															
<i>Albizia niopoides</i> (Spruce ex Benth.) Burkart		av														x	x										
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.)	Angico	av									x				x	x	x		x								
<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg.	Angico preto	av									x																
<i>Andira cuyabensis</i> Benth.		av	x						x	x																	
<i>Andira</i> sp.	Angelim	av		x	x				x								x	x									
<i>Andira vermifuga</i> Mart. ex Benth.	Amargoso	av			x	x					x																
<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F.Macbr.	Garapa	av	x								x				x		x	x									
<i>Bauhinia coronata</i> Benth.		av																			x						

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Bauhinia cupulata</i> Benth.		av														x											
<i>Bauhinia mollis</i> (Bong.) D. Dietr.		av															x										
<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steudel	Pata de vaca	ab															x										
<i>Bauhinia</i> sp. 1	Pata de vaca	av													x												
<i>Bauhinia</i> sp. 2	Pata de vaca	av	x																								
<i>Bauhinia</i> sp. 3	Pata de vaca	av				x																					
<i>Bauhinia</i> sp. 4	Escada de jabuti	av																							x		
<i>Bauhinia</i> sp. 5		av					x																				
<i>Bauhinia</i> sp. 6		av					x																				
<i>Bauhinia</i> sp. 7		av										x															
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira preta	av			x	x	x		x																		
<i>Cassia lucens</i> Vogel		ab						x																			
<i>Cenostigma gardnerianum</i> Tul.		av						x																			
<i>Centrosema angustifolium</i> (H. B. K.) Benth.		li										x															
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaíba	av	x						x		x		x		x		x	x					x				
<i>Copaifera martii</i> Hayne		av			x	x												x									
<i>Dalbergia cuiabensis</i> Benth.	Jacarandá	av			x																						
<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton		av	x						x																		
<i>Dalbergia miscolobium</i> Benth	Jacarandá-do-cerrado	av			x	x																					
<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	Faveira	av		x	x	x	x		x																		
<i>Diploptropis</i> sp.													x														
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Barú	av	x	x		x			x		x																
<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.	Cumarú, Cambarú	av																					x			x	

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong.	Tamboril	av					x									x	x										
<i>Enterolobium gummiiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.			Orelha de macaco	av		x	x	x																			
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá da mata	av				x					x		x		x	x	x	x	x				x	x			
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá do cerrado			x	x	x	x		x						x												
<i>Inga cylindrica</i> (Vell.) Mart.	Ingá	av							x								x										
<i>Inga edulis</i> Mart.	Ingá	av											x			x											
<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd.	Ingá	av	x												x	x	x						x				
<i>Inga pilosula</i> (Rich.) J. F. Macbr.	Ingá	av																				x					
<i>Inga</i> sp. 1	Ingá	av									x																
<i>Inga</i> sp. 2	Ingá	av																					x				
<i>Inga</i> sp. 3	Ingá	av												x													
<i>Inga</i> sp. 4	Ingá	av																						x			
<i>Inga</i> sp. 5	Ingá	av																x									
<i>Inga thibaudiana</i> DC.	Ingá	av																								x	
<i>Inga vera</i> Willd.				x											x	x											
<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	Jacaranda muchiba	av					x										x	x									
<i>Machaerium</i> sp. 1		av													x												
<i>Machaerium</i> sp. 2	Jacarandá	av																x									
<i>Mimosa laticifera</i> Rizzini & Mattos f		av				x																					
<i>Mimosa</i> sp. 1															x												
<i>Mimosa</i> sp. 2		ab										x															
<i>Ormosia</i>	Olho-de-cabra	av																				x		x			
<i>Ormosia arborea</i> (Vell.) Harms																											

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Ormosia coarctata</i> Jacks.																x											
<i>Ormosia</i> sp.	Tento	av											x														
<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Benth. ex Walp.	Visgueiro	av																					x			x	
<i>Peltogyne</i> sp 2		av					x																				
<i>Peltogyne</i> sp. 1		av			x																						
<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.	Cambuí	av											x														
<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Vinhático	av		x	x	x			x																		
<i>Platypodium elegans</i> Vogel		av																	x								
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	Sucupira branca	av		x	x	x	x	x					x														
<i>Schizolobium amazonicum</i> Huber ex Ducke	Pinho cuiabano	av											x														
<i>Sclerolobium aureum</i> (Tul.) Benth.	Pau bosta	av	x	x	x																						
<i>Sclerolobium paniculatum</i> Vogel	Carvoeiro	av		x	x	x	x		x				x	x				x									
<i>Sclerolobium</i> sp.		av																			x						
<i>Senna</i> sp.		ab					x																				
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	av				x	x	x																			
<i>Stylosanthes aurea</i> M. B. Ferr et Souza Costa		er										x															
<i>Swartzia multijuga</i> Vogel				x																							
<i>Swartzia</i> sp.	Banha de galinha	av													x												
<i>Tachigalia</i> sp.													x														
<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke		av		x	x	x	x				x																
<i>Vatairea</i> sp.		av									x																
<i>Vigna</i> sp.		er					x																				

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6	
<i>Zygia ampla</i> (Benth.) Pottier		av																				x						
Gentianaceae																												
<i>Irlbachia alata</i> (Aubl.) Maas		er						x																				
<i>Irlbachia purpurascens</i> (Aubl.) Maas		er																									x	
<i>Tachia grandiflora</i> Maguire & Weaver		er																									x	
Gesneriaceae																												
<i>Codonanthe calcarata</i> (Miq.) Hanst.		ep																			x			x				
<i>Codonanthe crassifolia</i> (H. Focke) C.V. Morton		ep						x																x				
Heliconiaceae																												
<i>Heliconia psittacorum</i> L. f.		er										x		x														
Humiriaceae																												
<i>Endopleura uchi</i> (Huber) Cuatrec.		av																x										
<i>Sacoglottis guianensis</i> Benth.	Guaraná-do-mato	av						x																	x			
<i>Schistostemon</i> <i>macrophyllum</i> (Benth.) Cuatrec.														x														
Icacinaceae																												
<i>Emmotum nitens</i> (Benth.)	Sobre	av		x	x	x					x				x	x												
<i>Emmotum orbiculatum</i> Miers		ab						x																				
Iridaceae																												
<i>Cipura paludosa</i> Aubl.	Íris	er										x																
Lacistemataceae																												
<i>Lacistema cf</i> <i>aggregatum</i> (P.J. Bergius) Rusby		av	x																									
<i>Lacistema hasslerianum</i> Chodat		av	x																									

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
Lamiaceae																											
<i>Amasonia campestris</i> (Aubl.) Moldenke		er										x															
<i>Hyptis hirsuta</i> Kunth		er										x															
Lauraceae																											
sp. 1		av													x												
sp. 2		av														x											
sp. 3		av																			x						
sp. 4		av									x																
sp. 5		av																					x				
sp. 6		av																x									
sp. 7	Canelinha	av											x														
<i>Mezilaurus itauba</i> Mez	Itaúba	av																								x	
<i>Nectandra cissiflora</i> Nees		av													x												
<i>Nectandra</i> sp. 1		av																			x						
<i>Nectandra</i> sp. 2		av									x																
<i>Ocotea</i> sp. 1		av															x										
<i>Ocotea</i> sp. 2		av																x									
<i>Ocotea</i> sp. 3		av																						x			
<i>Persea</i> sp.		av																					x				
Lecythidaceae																											
<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers		av		x																							
<i>Couratari</i> sp.	Tauari	av												x							x						
<i>Eschweilera</i> Mart. ex DC.	Matá-matá	av												x													
<i>Eschweilera nana</i> (O. Berg) Miers		ab						x																			
<i>Lecythis</i> sp. 1		av												x													

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
Loganiaceae																											
<i>Antonia ovata</i> Pohl	Antonia	av		x		x	x		x						x			x									
<i>Strychnos cf. javariensis</i> Krukoff							x																				
<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Quina	av			x	x	x		x																		
Loranthaceae																											
<i>Phthirusa</i> sp.		ep						x																			
Lythraceae																											
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) Macb.		er										x															
<i>Cuphea flava</i> Spreng.		av										x															
<i>Diplusodon</i> sp.		ab					x					x															
<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Pacari	av		x	x	x	x		x							x											
<i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl	Cega machado	av				x			x		x				x		x	x	x								
Malpighiaceae																											
<i>Byrsonima cf orbignyana</i> A. Juss.	Murici	av									x																
<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	Murici rosa	av		x	x	x	x																				
<i>Byrsonima laxiflora</i> Griseb.	Murici da mata	av			x	x							x				x	x		x	x						
<i>Byrsonima pachyphylla</i> A.Juss.	Murici	av		x	x	x	x		x										x								
<i>Byrsonima</i> sp. 1	Murici roxo	av																		x							
<i>Byrsonima</i> sp. 2	Murici azedo	av	x																								
<i>Byrsonima</i> sp. 3	Murici	av									x																
<i>Byrsonima</i> sp. 4	Murici	av																x									
<i>Byrsonima umbellata</i> A.Juss.	Murici	av				x																					
<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) L.C.Rich. ex A.Juss	Murici	av			x	x																					
<i>Heteropterys byrsonimiifolia</i> A.Juss.	Murici macho	ab	x			x																					

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) H. B. K.		av						x																			
<i>Byrsonima orbignyana</i> A. Juss.			x							x																	
Byrsonima sp. 5	Murici	av					x																				
<i>Byrsonima spicata</i> (Cav.) H. B. K.		av																								x	
Malvaceae																											
<i>Byttneria melastomataefolia</i> St. Hil.		er										x															
<i>Ceiba</i> sp.	Barriguda	av														x											
<i>Ceiba</i> sp.	Barriguda	av																					x				
<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	Barriguda	av														x											
<i>Eriotheca gracilipes</i> (K.Schum.) A.Robyns	Paineira	av			x	x	x		x								x		x								
<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	Paineira	av		x	x				x																		
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	av							x						x	x	x		x								
<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.)	Imbiruçu	av	x	x	x	x	x		x																		
<i>Pseudobombax tomentosum</i> (Mart. & Zucc.)	Imbiruçu	av	x	x		x			x		x						x		x								
<i>Sterculia chicha</i> A. St.-Hil. ex Turpin	Chichá	av													x	x	x										
Marantaceae																											
<i>Calathea</i> G. Mey. sp 3	Patioba	er											x												x		
<i>Calathea</i> sp. 1	Patioba	er										x	x												x		
<i>Calathea</i> sp. 2	Guarumã	er										x	x												x		
<i>Ischnosiphon puberulus</i> Loes.		er																							x		
<i>Maranta humilis</i> Aubl.		er										x															

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Maranta pohliana</i>		er										x															
<i>Maranthus</i> sp.	Patioba	er																				x					
<i>Monotagma</i> K. Schum.		er																						x			
Marcgraviaceae																											
<i>Norantea adamantium</i> Cambess.					x																						
<i>Norantea</i> sp.		pr																							x		
Melastomataceae																											
<i>Adelobotrys</i> sp.		li																			x						
<i>Belluccia</i> sp. 1	Jambre	av											x														
<i>Bellucia dichotoma</i> Cogn.		av																							x		
<i>Bellucia grossularioides</i> (L.) Triana		av											x														
<i>Graffenrieda limbata</i> Triana		av																					x				
<i>Miconia agrophylla</i> DC.		av																							x		
<i>Miconia alata</i> DC.		av																			x						
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.		ab			x													x									
<i>Miconia chrysophylla</i> (Rich.) Urban.		av																							x		
<i>Miconia dodecandra</i> Cogn.													x														
<i>Miconia dolichorrhyncha</i> Naudin.		av																							x		
<i>Miconia egensis</i> Cogn.		av																							x		
<i>Miconia elata</i> (Sw.) DC.													x														
<i>Miconia elegans</i> Cogn.																				x							
<i>Miconia longispicata</i> Triana		av																					x			x	
<i>Miconia macrothyrsa</i> Benth.			x																								

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6	
<i>Miconia minutiflora</i> DC.		av												x											x			
<i>Miconia myriantha</i> Benth.													x															
<i>Miconia pyrifolia</i> Naudin													x															
<i>Miconia tomentosa</i> (Rich.) D. Don ex DC.																				x								
<i>Miconia urophylla</i> DC.																		x										
<i>Miconia wittii</i> Ule																							x					
<i>Miconia</i> sp. 1																	x											
<i>Miconia</i> sp. 2		av						x																				
<i>Miconia</i> sp. 3		av						x																				
<i>Miconia</i> sp. 4		av																								x		
<i>Miconia</i> sp. 5		av																					x					
<i>Miconia</i> sp. 6																					x							
<i>Mouriri apiranga</i> Spruce ex Triana													x															
<i>Mouriri pusa</i> Gardner	puçá-croa	av		x	x	x			x																			
<i>Myrdone macrosperma</i> (Mart.) Mart.		ab																								x		
<i>Tococa aristata</i> Benth.		ab																			x							
<i>Tococa bulifera</i> Mart. Schr. ex DC.		ab																								x		
<i>Tococa guianensis</i> Aubl.		ab																			x					x		
<i>Tococa</i> sp. 1		ab																					x					
<i>Tococa</i> sp. 2		ab																					x					
<i>Tococa</i> sp. 3		ab																						x				
<i>Tococa</i> sp. 4		ab																										
Meliaceae																												
<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	Marinheiro	av													x								x					
<i>Guarea</i> sp.	Marinheiro	av											x															

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Trichilia catigua</i> A. Juss.		av													x												
<i>Trichilia elegans</i> A. Juss.		av															x										
Menispermaceae																											
<i>Abuta grandifolia</i> (Mart.) Sandw.		av																						x			
Moraceae																											
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Mama cadela	ab				x	x		x																		
<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber		av														x											
<i>Brosimum potabile</i> Ducke	Amapá	av																			x						
<i>Brosimum rubescens</i> Taub.		ab									x					x	x						x				
<i>Brosimum</i> sp. 1	Mamoninha	ab																		x							
<i>Brosimum</i> sp. 2																							x				
<i>Ficus obtusiuscula</i> (Miq.) Miq.				x												x											
<i>Ficus</i> sp. 1		li																							x		
<i>Ficus</i> sp. 2															x												
<i>Ficus</i> sp. 3	Uvinha																			x							
<i>Ficus</i> sp.4	Gameleira	av														x											
<i>Ficus</i> sp. 5																	x										
<i>Ficus</i> sp. 6																							x				
<i>Ficus</i> sp. 7																		x									
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.		av																x									
<i>Pseudolmedia laevigata</i> Trécul		av																			x						
<i>Pseudolmedia</i> sp. 1		av									x																
<i>Pseudolmedia</i> sp. 2		av																					x				
<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W.C. Burger, Lanj. & Wess. Boer										x																	

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaudich.	Espinheira	av	x								x		x				x						x				
Myristicaceae																											
<i>Virola</i> cf. <i>surinamensis</i> (Rol. ex Rottb.) Warb.	Ucuuba	av																			x						
<i>Virola elongata</i> (Benth) Warb.		av																								x	
<i>Virola sebifera</i> Aubl.	Ucuuba	av					x	x										x			x						
<i>Virola urbaniana</i> Warb.	Ucuuba	av																									
<i>Virola venosa</i> (Benth.) Warb.	Ucuuba-branca	av											x														
Myrsinaceae																											
<i>Myrsine</i> sp. 1	Pororoca d'água	av																		x				x			
<i>Myrsine</i> sp. 2		av											x														
Myrtaceae																											
<i>Calypttrantes</i> sp. 1																						x					
<i>Calypttrantes</i> sp. 2											x																
<i>Calyptranthes</i> sp. 3		av									x											x					
<i>Campomanesia</i> sp.															x					x							
<i>Campomanesia velutina</i> (Cambess.) O. Berg																				x							
<i>Eugenia albicans</i> (O. Berg) Urb.													x														
<i>Eugenia aurata</i> O. Berg			x			x	x																				
<i>Eugenia biflora</i> (L.) DC.			x																								
<i>Eugenia</i> cf. <i>sparsa</i> S. Moore										x																	
<i>Eugenia dysenterica</i> Mart. ex DC.	Cagaita	av		x		x			x		x				x	x											
<i>Eugenia florida</i> DC.			x												x		x			x	x						
<i>Eugenia lambertiana</i> DC.													x														
<i>Eugenia patrisii</i> Vahl																		x									

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Eugenia puniceifolia</i> (Kunth) DC.						x																					
<i>Eugenia</i> sp. 1		av												x													
<i>Eugenia</i> sp. 2																							x				
<i>Eugenia</i> sp. 3							x																				
<i>Eugenia</i> sp. 4																		x									
<i>Eugenia</i> sp. 5										x						x											
<i>Marlierea bipennis</i> (O. Berg) McVaugh																		x									
<i>Myrcia amapensis</i> McVaugh							x																				
<i>Myrcia bracteata</i> (Rich.) DC.	av																								x		
<i>Myrcia clusiifolia</i> (Kunth) DC.							x																				
<i>Myrcia eximia</i> DC.													x														
<i>Myrcia fallax</i> (Rich.) DC.																		x					x				
<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.				x					x						x				x								
<i>Myrcia magnoliifolia</i> DC.															x												
<i>Myrcia paivae</i> O. Berg.	av													x													
<i>Myrcia rostrata</i> DC.	av			x	x	x			x						x		x		x		x						
<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.													x					x									
<i>Myrcia sylvatica</i> (G. Mey.) DC.	av						x																				
<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC.	av									x	x						x	x									
<i>Myrcia</i> sp. 1	ab							x																			
<i>Myrcia</i> sp. 2																							x				
<i>Myrciaria floribunda</i> (H. West ex Willd.) O. Berg	av														x												
<i>Myrciaria tenella</i> (DC.) O. Berg	av						x																				
<i>Psidium myrsinoides</i> O. Berg	Araçá	av		x		x			x																		

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Psidium pohlianum</i> O. Berg	Araçá	av			x																						
<i>Psidium warmigianum</i> <i>Psidium warmingianum</i> Kiaersk.	Araçá					x																					
Nyctaginaceae																											
<i>Guapira graciliflora</i> (Mart. ex J.A.Schmidt)																											
Lundell		av		x	x	x			x	x						x					x						
<i>Guapira noxia</i> (Netto)																											
Lundell	Caparrosa	av				x	x																				
<i>Neea theifera</i> Oerst.						x																					
Ochnaceae																											
<i>Ouratea castaneifolia</i> (A.DC.) Engl.		av	x			x					x						x				x		x				
<i>Ouratea cuspidata</i> Tiegh.																					x						
<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	Vassoura de bruxa	ab		x	x	x	x																				
<i>Ouratea ovalis</i> Engl.				x																							
<i>Ouratea</i> sp. 3	Azedinha												x														
<i>Ouratea</i> sp. 1		ab																							x		
<i>Ouratea</i> sp. 2		ab						x																			
Opiliaceae																											
<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & J.D.Hook.	Cerveja de pobre			x							x				x	x		x	x								
Orchidaceae																											
<i>Acacallis hoehnei</i> (Hoehne) Schltr.		er																			x					x	
<i>Bifrenaria longicornis</i> Lindl.		ep																								x	
<i>Bulbophyllum</i> sp. 1		ep																					x				
<i>Bulbophyllum</i> sp. 2		ep																			x						
<i>Campylocentrum fasciola</i> (Lindl.) Cogn.		ep																								x	

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Campylocentrum huebneri</i> Mansf.	Orquídea	ep											x														
<i>Campylocentrum micranthum</i> (Lindl.) Rolfe	Orquídea	ep											x														
<i>Campylocentrum poeppigii</i> (Rchb. f.) Rolfe		ep																								x	
<i>Catasetum discolor</i> (Lindl.) Lindl.		er						x																			
<i>Catasetum</i> sp.	Orquídea	ep											x														
<i>Cattleya violacea</i> (Kunth) Rolfe	Orquídea	ep										x	x														
<i>Coryanthes</i> sp.	Orquídea	ep																					x				
<i>Dichaea</i> sp.		ep																			x						
<i>Encyclia</i> sp. 1		ep																			x						
<i>Encyclia</i> sp. 2		ep																						x			
<i>Encyclia</i> sp. 3		ep																						x			
<i>Encyclia</i> sp. 4		ep																						x			
<i>Epidendrum micronocturnum</i> Carnevali & G.A. Romero-Gonzalez		ep																			x			x			
<i>Epidendrum nocturnum</i> Jacq.		ep																			x			x			
<i>Epidendrum smaragdinum</i> Lindl.		ep																								x	
<i>Epidendrum viviparum</i> Lindl.	Orquídea	ep																			x			x			
<i>Epistephium sclerophyllum</i> Lindl.		er																			x			x		x	
<i>Eulophia alta</i> (L.) Fawc. & Rendle		er																								x	
<i>Galeandra</i> sp.	Orquídea	ep																							x		
<i>Galeottia ciliata</i> (Morel) Dressler & Christenson	Orquídea	ep																			x		x	x		x	
<i>Houlletia juruenensis</i> Hoehne		er																			x						

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Macradenia multiflora</i> (Kraenzl.) Cogn.	Orquídea	ep																					x				
<i>Maxillaria uncata</i> Lindl.	Orquídea	ep																								x	
<i>Notylia aromatica</i> Barker ex Lindl.		ep																							x		
<i>Oncidium cebolleta</i> (Jacq.) Sw.	Orquídea	ep											x								x						
<i>Oncidium nanum</i> Lindl.	Orquídea	ep											x													x	
<i>Pleurothallis lanceana</i> Lodd.	Orquídea	ep																					x			x	
<i>Polystachya concreta</i> (Jacq.) Garay & H.R. Sweet		ep										x									x				x		
<i>Polystachya estrellensis</i> Rchb. f.		ep																						x			
<i>Polystachya foliosa</i> (Hook.) Rchb. f.		ep																			x			x			
<i>Prosthechea vespa</i> (Vell.) W.E. Higgins	Orquídea	ep												x										x			
<i>Scaphyglottis modesta</i> (Rchb. f.) Schltr.		ep																			x						
<i>Scaphyglottis sickii</i> Pabst		ep																								x	
<i>Scaphyglottis stellata</i> Lodd. ex Lindl.		ep																								x	
<i>Sigmatostalix amazonica</i> Schltr.		ep																								x	
<i>Trichocentrum</i> sp.		ep																			x						
<i>Vanilla</i> sp.		li																			x						
<i>Xerorchis amazonica</i> Schltr.		er																								x	
Oxalidaceae																											
<i>Oxalis juruensis</i> Diels.		er										x															
Passifloraceae																											
<i>Passiflora</i> cf. <i>auriculata</i> Kunth		li																								x	
<i>Passiflora coccinea</i> Aubl.		li																			x				x		

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Passiflora</i> sp.		li																								x	
Phyllanthaceae																											
<i>Hieronyma alchorneoides</i> Allemão													x														
Piperaceae																											
<i>Peperomia macrostachya</i> (Vahl) A. Dietr.		ep																						x		x	
<i>Peperomia rotundifolia</i> (L.) Kunth	Carrapatinho	ep																					x				
<i>Peperomia</i> sp.		li																								x	
<i>Piper aduncum</i> L.																	x										
<i>Piper</i> sp.		ab														x											
Poaceae																											
<i>Bambusa</i> sp.	Taboca	er																				x					
<i>Olyra latifolia</i> L.	Bambusinho	er					x																x				
<i>Olyra</i> sp. 1		er																						x			
<i>Olyra</i> sp. 2		er																			x						
<i>Pariana</i> sp. 1		er																						x			
<i>Pariana</i> sp. 2		er																			x						
sp.		er										x															
Polygalaceae																											
<i>Securidaca</i> sp.		li																								x	
Polygonaceae																											
<i>Coccoloba ascendens</i> Duss ex Lindau																x											
<i>Coccoloba confusa</i> R.A. Howard																x											
<i>Coccoloba mollis</i> Casar.		li		x											x							x					
<i>Coccoloba</i> sp. 1		li							x						x	x											
<i>Coccoloba</i> sp. 2		li																								x	

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Coccoloba</i> sp. 3		li														x											
<i>Symmeria</i> sp.																				x							
<i>Triplaris americana</i> L.		av		x																							
<i>Triplaris gardneriana</i> Weddell	Pajaú	av									x				x	x	x						x				
Proteaceae																											
<i>Roupala montana</i> Aubl.	Carne de vaca			x	x	x	x		x									x							x		
Rapateaceae																											
<i>Rapatea paludosa</i> Aubl.		er																			x			x		x	
<i>Rapatea ulei</i> Pilg.		er																			x			x			
Rhamnaceae																											
<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek									x						x		x		x								
Rubiaceae																											
<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	Marmelada	av	x			x	x				x					x	x	x									
<i>Alibertia macrophylla</i> K. Schum.	Marmelada	av							x																		
<i>Alibertia</i> sp.		av											x														
<i>Amaioua corymbosa</i> Kunth		av																		x							
<i>Amaioua guianensis</i> Aubl.		av		x							x		x					x			x		x				
<i>Amaioua intermedia</i> Mart.		av									x																
<i>Anisomeris juruensis</i> Standl.		av					x																				
<i>Anisomeris ribesinoides</i> (Bth) Rusby		ab										x															
<i>Coccocypselum guianense</i> (Aubl.) K. Schum.		ab												x													
<i>Cordia macrophylla</i> (K.Schum.) Kuntze	Marmelo	ab														x	x		x								

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Coussarea</i> <i>hydrangeifolia</i> (Benth.) Müll.Arg.		av		x					x		x						x										
<i>Fareamea bracteata</i> Benth.															x												
<i>Fareamea capillipes</i> Müll. Arg.													x														
<i>Fareamea cyanea</i> Müll. Arg.															x												
<i>Fareamea</i> sp.																							x				
<i>Ferdinandusa elliptica</i> Pohl		ab				x																					
<i>Ferdinandusa guianiae</i> Spruce		ab																			x						
<i>Ferdinandusa</i> sp.		ab													x												
<i>Ferdinandusa speciosa</i> (Pohl) Pohl		ab				x																					
<i>Genipa americana</i> L.	Genipapo	ab														x							x				
<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schltdl.				x					x										x								
<i>Ixora</i> sp. 1		ab																				x					
<i>Ixora</i> sp. 2		ab																x									
<i>Pagamea guianensis</i> Aubl.		av						x																	x		
<i>Palicourea coriacea</i> (Cham.) K. Schum.						x																					
<i>Palicourea guianensis</i> Aubl.		av																								x	
<i>Palicourea nitidella</i> (M.Arg.) Standl.		ab						x																			
<i>Palicourea rigida</i> Kunth	Bate-caixa	ab				x	x																				
<i>Psychotria bahiensis</i> DC.		ab																							x		
<i>Psychotria</i> <i>carthagenensis</i> Jacq.																					x						
<i>Psychotria</i> <i>hoffmanseggiana</i> (Willd. ex R & S) M. Arg.		ab												x										x			
<i>Psychotria</i> <i>mazaruniensis</i> Standl.		ab																								x	

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Psychotria poeppigiana</i> M. Arg. subsp. <i>poeppigiana</i>	Lábios-de-prostituta	ab																				x					
<i>Psychotria turbinella</i> Müll. Arg.		ab											x														
<i>Psychotria</i> sp. 1		ab												x									x		x		
<i>Psychotria</i> sp. 2		ab															x										
<i>Psychotria</i> sp. 3		ab										x															
<i>Psychotria</i> sp. 4	ab																						x				
<i>Psychotria</i> sp. 5	ab																									x	
<i>Randia armata</i> (Sw.) DC <i>Remija amazonica</i> K. Schum	Genipapo-bravo	av												x											x		
<i>Rudgea</i> sp. <i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.									x										x								
<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.		av	x			x	x	x		x										x							
Rutaceae <i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.		av										x															
<i>Zanthoxylum riedelianum</i> Engl.		av								x	x							x									
Salicaceae <i>Casearia arborea</i> (Rich.) Urb.	Lingua de tiú										x																
<i>Casearia grandiflora</i> Cambess		av					x				x		x												x		
<i>Casearia rupestris</i> Eichler		av				x										x		x									
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.		av				x	x											x									
<i>Casearia</i> sp. <i>Homalium racemosum</i> Jacq.		av																				x					
																							x				
Sapindaceae																											

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Camboatá	av									x					x	x	x			x		x				
<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.				x					x		x				x	x	x		x								
<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	Tinguí	av	x	x	x	x			x		x																
<i>Matayba guianensis</i> Aubl	Camboatá					x	x		x	x	x		x		x	x	x	x	x								
<i>Matayba inelegans</i> Radlk.		av																						x			
<i>Paullinia</i> sp.		li																								x	
<i>Serjania lethalis</i> St. Hil.		li																							x		
<i>Serjania</i> sp. 1		li										x															
<i>Serjania</i> sp. 2		li						x																			
<i>Serjania</i> sp. 3		li						x																			
<i>Serjania</i> sp. 4		li						x																			
Sapotaceae																											
<i>Chrysophyllum marginatum</i> (Hook. & Arn.) Radlk.		av																x					x				
<i>Manilkara bidentata</i> (A. DC.) A. Chev.	Maçaranduba	av																								x	
<i>Micropholis acutangula</i> (Ducke) Eyma													x														
<i>Micropholis venulosa</i> (Mart. & Eichler) Pierre		av									x							x					x				
<i>Pouteria elegans</i> (A. de Candolle) Baehni		av																				x					
<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	Massaranduba	av			x	x	x				x				x		x	x			x						
<i>Pouteria</i> sp.																							x				
<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk. subsp. <i>glabra</i> T.D.Pennington	Curriola	av						x							x		x						x				
Simaroubaceae																											
<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil.	Mata cachorro	av			x	x	x				x		x	x			x	x								x	

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
Siparunaceae																											
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	av							x		x		x					x									
Smilacaceae																											
<i>Smilax irrorata</i> Mart.	Japacanga	li					x																				
<i>Smilax</i> sp. 1	Japacanga	li										x															
<i>Smilax</i> sp. 2	Japacanga	li						x																			
Solanaceae																											
<i>Solanum crinitum</i> Lam.		av						x																		x	
<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	Lobeira	av				x																					
Styracaceae																											
<i>Styrax camporum</i> Pohl		av																			x						
<i>Styrax pallidus</i> A. DC.		av						x																			
Symplocaceae																											
<i>Symplocos</i> sp.																											
Taccaceae																											
<i>Tacca ulei</i> Limpricht		er																						x			
Theaceae																											
<i>Laplacea fruticosa</i> (Schard.) Koly		av																									x
<i>Ternstroemia dentata</i> (Aubl.) Sw.		av						x																			
Tiliaceae																											
<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	Jangada	av									x				x		x										
<i>Luehea divaricata</i> Mart. & Zucc.	Açoita cavalo	av		x		x			x								x	x		x							
<i>Lueheopsis</i> sp.		av																				x					
Ulmaceae																											
<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sargent	Juá mirim																										x

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume		av									x																
Urticaceae																											
<i>Fleurya aestuans</i> L.	Cansanção	er													x												
<i>Cecropia concolor</i> Willd.		av																							x		
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Imbaúba	av													x	x	x										
<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.		av						x															x				
<i>Cecropia</i> sp.	Imbaúba	av											x					x									
<i>Coussapoa trinervia</i> Spruce ex Mildbr.		av																			x						
Verbenaceae																											
<i>Aegiphila lhotzkiana</i> L.	Tamanqueira	av				x																					
<i>Vitex</i> sp. 1	Tarumã	av														x											
<i>Vitex</i> sp. 2	Tarumã	av									x																
<i>Vitex</i> sp. 3	Tarumã	av																x									
<i>Vitex regnelliana</i> Moldenke	Tarumã	av			x	x			x																		
Violaceae																											
<i>Rinoreaocarpus</i> sp.		av																			x						
Vitaceae																											
<i>Cissus erosa</i> Rich.		li																					x				
Vochysiaceae																											
<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	Jacaré	av	x	x							x					x	x		x								
<i>Qualea acuminata</i> Spruce ex. Warm.		av																			x						
<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Pau terra	av		x	x	x	x		x																		
<i>Qualea multiflora</i> Mart.	Pau terra roxo Pau terra folha	av		x	x	x	x		x		x																
<i>Qualea parviflora</i> Mart.	miúda	av	x	x	x	x	x		x																		
<i>Salvertia</i> <i>convallariodora</i> St.-Hil.		av		x	x	x	x		x																		

Espécie	Nome popular	Háb.	Sp2	Sa1	Sa2	Sa3	Sa4	Sa6	Sd1	Sd2	Sd3	Sd4	SO4	SO5	Fa1	Fa2	Fa3	Fa4	A1	A2	A3	A5	Aa4	Aa5	Aa6	D6	Da6
<i>Vochysia divergens</i> Pohl	Cambará	av	x										x							x							
<i>Vochysia haenkeana</i> Mart.	Escorrega macaco	av						x										x			x						
<i>Vochysia inundata</i> Ducke		av												x													
<i>Vochysia rufa</i> (Spreng.) Mart.	Pau doce	av		x	x	x	x		x																		
<i>Vochysia</i> sp. <i>Vochysia thyrsoidea</i> Pohl	Gomeira	av					x											x									
<i>Vochysia tomentosa</i> (G. F. Meyer) DC.													x														

Tabela 5.2-48. Listagem das espécies gerada pela Plataforma Florescer.

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Cascalheira
Alismataceae							
<i>Echinodorus</i> sp.							x
<i>Echinodorus bolivianus</i> (Rusby) Holm-Niels.		x					
<i>Echinodorus lanceolatus</i> Rataj			x				
<i>Echinodorus tenellus</i> (Mart. ex Sch. & Sch. f.) Buch.						x	
<i>Sagittaria</i> sp.						x	
Amaranthaceae							
<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuchlik ex R.E. Fr.		x					
Anacardiaceae							
<i>Spondias</i> sp.			x				
<i>Spondias lutea</i> L.					x		
<i>Thyrsodium spruceanum</i> Benth.					x		
Annonaceae							
<i>Annona aurantiaca</i> Barb. Rodr.	x		x				
<i>Annona dioica</i> A. St.-Hil.			x				
<i>Annona montana</i> Macfad.	x						
<i>Annona tomentosa</i> R.E. Fr.			x				
<i>Duguetia</i> cf. <i>lanceolata</i> A. St.-Hil.							x
<i>Duguetia marcgraviana</i> Mart.			x		x		x
<i>Ephedranthus parviflorus</i> S. Moore	x						
<i>Fusaea</i> sp.	x						
<i>Guatteria</i> cf. <i>foliosa</i> Benth.					x		
<i>Guatteria rigida</i> R.E.Fr.			x				

Espécie	Município							Rib Cascalheira
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência		
<i>Guatterioopsis blepharophylla</i> (Mart.) R.E. Fr.						X		
<i>Guatterioopsis blepliarophylla</i> Mart.					X			
<i>Rollinia</i> sp.		X						
<i>Unonopsis lindmanii</i> R.E. Fr.					X			X
<i>Xylopia cf ulei</i> Diels					X			
<i>Xylopia cf. sericea</i> A. St.-Hil.						X		
Apiaceae								
<i>Eryngium ebracteatum</i> Lam.								X
<i>Petroselinum sativum</i> Hoffm.		X						
Apocynaceae								
<i>Aspidosperma araracanga</i> Marcondes-Ferreira					X			
<i>Aspidosperma desmanthum</i> Benth. ex Müll. Arg.						X		
<i>Aspidosperma multiflorum</i> A. DC.			X		X			X
<i>Aspidosperma quirandy</i> Hassl.	X							
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don		X						
<i>Ervatamia coronaria</i> Stapf		X						
<i>Odontadenia</i> sp.								X
<i>Odontadenia puncticulosa</i> (Rich.) Pulle					X			
<i>Tabernaemontana flavicans</i> Willd. ex Roem. & Schult.								X
<i>Tassadia geniculata</i> Fontella					X			
<i>Tassadia propinqua</i> Decne.								X
<i>Barjonia cymosa</i> E. Fourn.				X				
Araceae								
<i>Anthurium</i> sp.					X			
<i>Aphyllarum</i> sp.						X		

Espécie	Município							Rib Cascalheira
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência		
<i>Philodendron</i> aff. <i>distantilobum</i> K. Krause				X				
<i>Philodendron</i> aff. <i>inaequilaterum</i> Liebm.				X				
<i>Philodendron brandtianum</i> K. Krause				X				
<i>Philodendron camposportoanum</i> G.M. Barroso				X				
<i>Philodendron pedatum</i> (Hook.) Kunth				X				
<i>Philodendron wulfschlaegelii</i> Schott					X			
<i>Syngonium vellozianum</i> Schott				X				
<i>Xanthosoma pulchrum</i> E.G. Gonçalves				X				
Arecaceae								
<i>Allagoptera leucocalyx</i> (Drude) Kuntze								X
<i>Attalea geraensis</i> Barb. Rodr.								X
<i>Desmoncus</i> sp.	X							
<i>Syagrus</i> sp.			X					
<i>Syagrus comosa</i> (Mart.) Mart.								X
<i>Syagrus flexuosa</i> (Mart.) Becc.								X
Aristolochiaceae								
<i>Aristolochia</i> sp.		X						
Asteraceae								
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.		X						
<i>Cynara scolymus</i> L.		X						
<i>Eremanthus goyazensis</i> (Gardner) Sch. Bip.								X
<i>Eremanthus mattogrossensis</i> Kuntze		X	X					
<i>Eupatorium</i> sp.			X					
<i>Eupatorium amygdalinum</i> Lam.			X					
<i>Lychnophora ericoides</i> Mart.		X						

Espécie	Município							Rib Cascalheira
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência		
<i>Mikania psilostachya</i> DC.					X			
<i>Mikania scandens</i> (L.) Willd.		X						
<i>Tachia guianensis</i> Aubl.		X						
<i>Vernonia herbacea</i> (Vell.) Rusby	X							
Balanophoraceae								
<i>Helosis cayennensis</i> (Sw.) Spreng.			X					
Bignoniaceae								
<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stelfeld & J.F. Souza								X
<i>Arrabidaea cf. candicans</i> (Rich.) DC.					X			
<i>Arrabidaea cinnamomea</i> (A. DC.) Sandwith					X			
<i>Arrabidaea corallina</i> (Jacq.) Sandwith								X
<i>Arrabidaea florida</i> A. DC.					X			
<i>Arrabidaea inaequalis</i> (DC. ex Splitg.) K. Schum.					X			
<i>Arrabidaea triplinervia</i> (Mart. ex DC.) Baill. ex Bureau					X			
<i>Clytostoma binatum</i> (Thunb.) Sandw.								X
<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.			X					X
<i>Lundia aff. corymbifera</i> (Vahl) Sandwith					X			
<i>Lundia densiflora</i> DC.					X			
<i>Macfadyena</i> sp.								X
<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers					X			X
<i>Tabebuia umbellata</i> (Sond.) Sandw.			X					
Bixaceae								
<i>Cochlospermum orinocense</i> (Kunth) Steud.						X		
Boraginaceae								
<i>Cordia aff. nervosa</i> Lam.					X			

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Casalheira
<i>Cordia bicolor</i> A. DC.					X		
<i>Cordia discolor</i> Cham. & Schltdl.						X	
<i>Cordia nodosa</i> Lam.					X		
Bromeliaceae							
<i>Vriesea</i> sp.			X				
Burseraceae							
<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B. Gillett							X
<i>Dacryodes</i> cf. <i>nitens</i> Cuatrec.					X		
<i>Tetragastris balsamifera</i> (Swartz) Oken	X						
<i>Trattinnickia glaziovii</i> Swart					X	X	
<i>Trattinnickia rhoifolia</i> Willd.						X	
Celastraceae							
<i>Anthodon decussatum</i> Ruiz & Pav.	X						
<i>Hippocratea volubilis</i> L.			X				
<i>Peritassa campestris</i> (Cambess.) A.C. Sm.			X				
<i>Peritassa dulcis</i> (Benth.) Miers			X				
<i>Peritassa laevigata</i> (Hoffmanns. ex Link) A.C. Sm.					X		
<i>Tontelea micrantha</i> (Mart. ex Schult.) A.C. Sm.							X
Chrysobalanaceae							
<i>Couepia paraensis</i> (Mart. & Zucc.) Benth. ex Hook. f.			X				
<i>Hirtella bullata</i> Benth.					X		
<i>Licania</i> cf. <i>discolor</i> Pilg.						X	
<i>Licania gardneri</i> (Hook. f.) Fritsch	X		X		X		X
<i>Licania gracilipes</i> Taub.						X	
<i>Licania humilis</i> Cham. & Schltdl.			X	X			X

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Casalheira
<i>Licania kunthiana</i> Hook. f.			x				x
<i>Licania minutiflora</i> (Sagot) Fritsch					x	x	
<i>Licania parviflora</i> Benth.					x		x
Clusiaceae							
<i>Caraipa excelsa</i> Duccke	x						
<i>Kielmeyera corymbosa</i> Mart.	x						
<i>Kielmeyera rubriflora</i> Cambess.			x				
<i>Rheedia brasiliensis</i> (Mart.) Planch. & Triana			x				x
<i>Vismia amazonica</i> Ewan						x	x
<i>Vismia japurensis</i> Reichardt					x		
<i>Vismia vismifolia</i> Sprunce ex. Warm.						x	
Combretaceae							
<i>Buchenavia capitata</i> (Vahl) Eichler	x				x	x	
<i>Combretum</i> sp.			x				
<i>Combretum laxum</i> Jacq.			x				x
<i>Combretum leptostachyum</i> Mart.					x		
<i>Terminalia lucida</i> Hoffmanns. ex Mart.			x				
Commelinaceae							
<i>Dichorisandra hexandra</i> (Aubl.) Standl.					x		
Connaraceae							
<i>Connarus martii</i> G. Schellenb.					x		
<i>Connarus perrotteti</i> (DC.) Planch.					x	x	x
Convolvulaceae							
<i>Dicranostyles ampla</i> Ducke	x						
Cucurbitaceae							

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Cascalheira
<i>Gurania</i> cf. <i>linkiana</i> Cogn.					x		
<i>Momordica charantia</i> L.		x					
Cyperaceae							
<i>Bulbostylis</i> sp.			x				
<i>Cyperus haspan</i> L.			x				
Dichapetalaceae							
<i>Dichapetalum pedunculatum</i> (DC.) Baill.					x		
Dilleniaceae							
<i>Davilla</i> cf. <i>kunthii</i> A. St.-Hil.					x		
<i>Davilla</i> cf. <i>multiflora</i> (DC.) A. St.-Hil.	x						
<i>Davilla kunthii</i> A. St.-Hil.							x
<i>Doliocarpus</i> sp.							x
<i>Doliocarpus</i> cf. <i>magnificus</i> Sleumer					x		
Dioscoreaceae							
<i>Dioscorea</i> sp.	x			x			
<i>Dioscorea alata</i> L.				x			
<i>Dioscorea</i> cf. <i>piperifolia</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.		x					
Ebenaceae							
<i>Diospyros</i> sp.						x	
<i>Diospyros obovata</i> Jacq.			x				
<i>Diospyros sericea</i> A. DC.	x						
<i>Diospyros xavantina</i> Sothers			x				
Elaeocarpaceae							
<i>Sloanea eichleri</i> K. Schum.						x	
<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth.					x		

Espécie	Município							Rib
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Cascalheira	
<i>Sloanea robusta</i> Uittien					X			
<i>Sloanea terniflora</i> (Sessé & Moc. ex DC.) Standl.			X					X
Eriocaulaceae								
<i>Eriocaulon</i> sp.								X
<i>Eriocaulon burchellii</i> Ruhland			X					
<i>Paepalanthus</i> cf. <i>microcaulon</i> Ruhland								X
<i>Paepalanthus giganteus</i> Sano			X					
<i>Syngonanthus gracilis</i> (Bong.) Ruhland								X
<i>Syngonanthus nitens</i> Ruhland			X					
<i>Syngonanthus xeranthemoides</i> (Bong.) Ruhland								X
<i>Tonina fluviatilis</i> Aubl.								X
Erythroxylaceae								
<i>Erythroxylum</i> sp.					X	X		
<i>Erythroxylum</i> cf. <i>pelleterianum</i> A. St.-Hil.								X
<i>Erythroxylum</i> cf. <i>suberosum</i> A. St.-Hil.		X						
<i>Erythroxylum citrifolium</i> A. St.-Hil.	X							
Euphorbiaceae								
<i>Alchornea schomburgkii</i> Klotzsch			X		X			X
<i>Aparisthium cordatum</i> (Juss.) Baill.					X			
<i>Chaetocarpus</i> sp.			X					
<i>Chaetocarpus echinocarpus</i> (Baill.) Ducke	X				X	X		X
<i>Chaetocarpus myrsinites</i> Baill.	X							
<i>Croton</i> sp.					X			X
<i>Croton caryophyllus</i> Benth.			X					
<i>Discocarpus brasiliensis</i> Klotzsch								X

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Casalheira
<i>Discocarpus spruceanus</i> Müll. Arg.			X				X
<i>Mabea paniculata</i> Spruce ex Benth.			X				X
<i>Mabea pohliana</i> (Benth.) Müll. Arg.			X		X		X
<i>Mabea riedelii</i> Müll. Arg.					X		
<i>Manihot caerulea</i> Pohl		X					
<i>Manihot esculenta</i> Crantz		X					
<i>Manihot esculenta</i> var. <i>crantz</i>	X						
<i>Manihot flabellifolia</i> Pohl.				X			
<i>Manihot pruinosa</i> Pohl	X						
<i>Manihot stricta</i> Baill.	X						
<i>Manihot tripartita</i> (Spreng.) Müll. Arg.				X			
<i>Manihot tripartita</i> subsp. <i>xavantinensis</i> (D.J. Rogers & Appan) Allen	X						
<i>Manihot tripartita</i> subsp. <i>indivisa</i> Allen	X						
<i>Manihot tristis</i> Müll. Arg.		X					
<i>Manihot xavantinensis</i> D.J. Rogers & Appan	X						
<i>Pera coccinea</i> (Benth.) Müll. Arg.	X				X	X	X
<i>Pera schomburgkiana</i> (Klotzsch) Müll. Arg.			X		X		
<i>Phyllanthus</i> sp.							X
<i>Phyllanthus martii</i> Müll. Arg.					X		
<i>Phyllanthus nutans</i> Sw.					X		
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.		X					
Fabaceae							
<i>Abrus</i> sp.		X					X
<i>Abrus precatorius</i> L.					X	X	
<i>Aeschynomene americana</i> L.	X						

Espécie	Município							Rib
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Cascalheira	
<i>Arachis</i> sp.								x
<i>Arachis hypogaea</i> L.	x	x						
<i>Arachis pietrarellii</i> Krapov. & W.C. Gregory	x							
<i>Arachis setinervosa</i> Krapov. & W.C. Gregory	x							
<i>Arachis stenosperma</i> Krapov. & W.C. Gregory	x		x					
<i>Arachis villosulicarpa</i> Hoehne				x				
<i>Calopogonium caeruleum</i> (Benth.) C. Wright	x							
<i>Camptosema</i> sp.			x					x
<i>Canavalia</i> sp.	x							
<i>Centrosema bifidum</i> Benth.	x							x
<i>Centrosema brasilianum</i> (L.) Benth.	x							
<i>Clitoria</i> sp.	x							
<i>Cratylia argentea</i> (Desv.) Kuntze	x							
<i>Deguelia amazonica</i> Killip					x			
<i>Deguelia nitidula</i> (Benth.)					x			
<i>Desmodium</i> sp.								x
<i>Desmodium barbatum</i> (L.) Benth.		x						
<i>Desmodium</i> cf. <i>pabulare</i> Hoehne		x						
<i>Desmodium incanum</i> DC.	x							
<i>Dioclea</i> sp.								x
<i>Dioclea virgata</i> (Rich.) Amshoff	x							
<i>Dipteryx alata</i> Vogel			x					
<i>Erythrina mulungu</i> Mart. ex Benth.					x			
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.		x						
<i>Machaerium scleroxylon</i> Tul.								x

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Casalheira
<i>Ormosia paraensis</i> Ducke			x			x	
<i>Periandra coccinea</i> (SCHRADER) Benth.							x
<i>Periandra</i> sp.	x						
<i>Pterodon pubescens</i> (Benth.) Benth.		x					
<i>Stylosanthes capitata</i> Vogel	x	x					x
<i>Stylosanthes guianensis</i> (Aubl.) Sw.	x						
<i>Stylosanthes guianensis</i> var. vulgaris	x						
<i>Tephrosia</i> sp.		x					
<i>Vigna adenantha</i> (G. Mey.) Maréchal, Mascherpa & Stainier	x						
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.				x			
<i>Bauhinia</i> sp.		x					
<i>Bauhinia longicuspis</i> Spruce ex Benth.					x		
<i>Bauhinia unguiculata</i> L.			x				
<i>Cenostigma macrophyllum</i> Tul.							x
<i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip			x		x		
<i>Cynometra</i> sp.			x				
<i>Dimorphandra pennigera</i> Tul.					x		
<i>Peltogyne confertiflora</i> (Mart. ex Hayne) Benth.			x				
<i>Pithecellobium</i> sp.			x				
<i>Sclerolobium froesii</i> Pires			x			x	x
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link		x					
<i>Senna silvestris</i> (Vell.) H.S. Irwin & Barneby					x		
<i>Senna velutina</i> (Vogel) H.S. Irwin & Barneby			x				
<i>Tachigali froesii</i> (Pires) van der Werff			x				
<i>Anadenanthera</i> sp.							x

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Cascalheira
<i>Hydrochorea corymbosa</i> (Rich.) Barneby & J.W. Grimes			X				X
<i>Inga disticha</i> Benth.			X				
<i>Inga heterophylla</i> Willd.	X				X	X	X
<i>Stryphnodendron coriaceum</i> Benth.			X				X
Gentianaceae							
<i>Schultesia brachyptera</i> Cham.			X				
Humiriaceae							
<i>Humiria balsamifera</i> Aubl.					X	X	
<i>Sacoglottis mattogrossensis</i> Malme					X		
<i>Vantanea</i> sp.							X
Hydrophyllaceae							
<i>Hydrolea spinosa</i> L.			X				
Iridaceae							
<i>Cipura xanthomelas</i> Mart. ex Klatt			X				
Lacistemataceae							
<i>Lacistema pubescens</i> Mart.					X	X	
Lamiaceae							
<i>Hyptis crenata</i> Pohl ex Benth.			X				X
<i>Hyptis carpinifolia</i> Benth.							X
<i>Hyptis hygrobria</i> Briq.							X
<i>Hyptis lantanifolia</i> Poit.							X
<i>Hyptis sinuata</i> Pohl ex Benth.							X
<i>Hyptis villosa</i> Pohl ex Benth.			X				
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.		X					
Lauraceae							

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Cascalheira
<i>Cassytha filiformis</i> L.					X		
<i>Endlicheria lhotzkyi</i> (Nees) Mez					X		
<i>Mezilaurus crassiramea</i> (Meisn.) Taub. ex Mez			X				X
<i>Nectandra</i> aff. <i>cissiflora</i> Nees					X		
<i>Nectandra amazonum</i> Nees			X				X
<i>Nectandra cuspidata</i> Nees & Mart.	X				X	X	
<i>Nectandra hihua</i> (Ruiz & Pav.) Rohwer							X
<i>Nectandra rigida</i> (Kunth) Nees		X					
<i>Ocotea caudata</i> (Nees) Mez						X	
<i>Ocotea cernua</i> (Nees) Mez			X		X		X
<i>Ocotea cf. glomerata</i> (Nees) Mez					X		X
<i>Ocotea glomerata</i> (Nees) Mez					X		
<i>Ocotea guianensis</i> Aubl.					X	X	
<i>Ocotea leucoxydon</i> (Sw.) Laness.						X	
Lecythidaceae							
<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers			X				X
<i>Eschweilera parviflora</i> (Aubl.) Miers			X				X
Lentibulariaceae							
<i>Utricularia meyeri</i> Pilg.	X						
Loranthaceae							
<i>Psittacanthus calyculatus</i> (DC.) G. Don			X				
Lythraceae							
<i>Cuphea antisiphilitica</i> Kunth	X						
<i>Cuphea myrtifolia</i> Koehne ex Bacig.			X				
<i>Cuphea odonellii</i> Lourteig	X						

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Casalheira
<i>Cuphea repens</i> Koehne			x				x
<i>Cuphea retrorsicapilla</i> var. <i>enneanthera</i>	x						
<i>Cuphea retrorsicapilla</i> var. <i>retrorsicapilla</i>	x						
<i>Diplusodon bolivianus</i> T.B. Cavalc. & S.A. Graham				x			
<i>Diplusodon speciosus</i> DC.	x						
<i>Diplusodon strigosus</i> Pohl	x	x					
Malpighiaceae							
<i>Banisteriopsis pubipetala</i> (A. Juss.) Cuatrec.					x		
<i>Byrsonima crassa</i> Nied.			x				x
<i>Byrsonima crispa</i> A. Juss.					x		
<i>Byrsonima intermedia</i> A. Juss.			x			x	
<i>Heteropterys</i> cf. <i>byrsonimifolia</i> A. Juss.	x						
<i>Heteropterys hassleriana</i> Nied.			x				
<i>Heteropterys pubipetala</i> (A. Juss.) Cuatrec.						x	
<i>Mascagnia lasiandra</i> (A. Juss.) Nied.					x		
<i>Tetrapteryx ambigua</i> (A. Juss.) Nied.	x						
Malvaceae							
<i>Gossypium herbaceum</i> L.		x					
<i>Hibiscus furcellatus</i> Lam.			x		x		
<i>Hibiscus matogrossensis</i> Krapov. & Fryxell		x					
<i>Ayenia tomentosa</i> L.	x						
<i>Byttneria fulva</i> Poepp.					x		
<i>Guazuma tomentosa</i> Kunth			x				x
<i>Helicteres brevispira</i> A. St.-Hil.							x
Marantaceae							

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Cascalheira
<i>Calathea</i> cf. <i>capitata</i> (Ruiz & Pav.) Lindl.		x					
<i>Koernickanthe orbiculata</i> (Körn.) L. Andersson		x					
Marcgraviaceae							
<i>Norantea guianensis</i> Aubl.					x		
Mayacaceae							
<i>Mayaca</i> sp.							x
Melastomataceae							
<i>Acisanthera</i> sp.			x				
<i>Clidemia</i> sp.					x		
<i>Huberia</i> sp.						x	
<i>Leandra</i> sp.					x		
<i>Macairea</i> sp.					x		
<i>Miconia</i> cf. <i>crassinervia</i> Cogn.					x		
<i>Miconia</i> cf. <i>elaeagnoides</i> Cogn.					x		
<i>Miconia</i> cf. <i>poeppigii</i> Triana					x		
<i>Miconia</i> cf. <i>pyrifolia</i> Naudin					x		x
<i>Miconia</i> cf. <i>tetrasperma</i> Gleason					x		
<i>Miconia cuspidata</i> Mart. ex Naudin					x		
<i>Miconia dispar</i> Benth.					x	x	
<i>Miconia gratissima</i> Benth. ex Triana					x	x	
<i>Miconia holosericea</i> (L.) DC.					x	x	
<i>Miconia ibaguensis</i> (Bonpl.) Triana					x		
<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.			x		x		x
<i>Miconia punctata</i> (Desr.) D. Don ex DC.						x	
<i>Miconia sellowiana</i> Naudin							x

Espécie	Município							Rib Cascalheira
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência		
<i>Miconia splendens</i> (Sw.) Griseb.					X			
<i>Miconia stenostachya</i> DC.				X				
<i>Microlicia</i> sp.			X					
<i>Pterolepis glomerata</i> (Rottb.) Miq.			X					
<i>Tococa formicaria</i> Mart.						X		
<i>Mouriri acutiflora</i> Naudin					X			
<i>Mouriri elliptica</i> Mart.			X					X
Meliaceae								
<i>Guarea macrophylla</i> Vahl					X			
<i>Trichilia micrantha</i> Benth.					X	X		
Menispermaceae								
<i>Abuta concolor</i> Poepp. & Endl.					X	X		
<i>Abuta selloana</i> Eichler					X			X
<i>Acaciasp.</i>					X			
<i>Cissampelos</i> sp.					X			
<i>Cissampelos pareira</i> L.					X			
Moraceae								
<i>Ficus catappifolia</i> Kunth & Bouché						X		
<i>Ficus</i> cf. <i>trigona</i> L. f.		X						
<i>Pseudolmedia brosimifolia</i> Ducke					X			
<i>Pseudolmedia macrophylla</i> Trécul					X	X		
<i>Pseudolmedia murure</i> Standl.						X		
<i>Sorocea klotzschiana</i> Baill.					X			
Myrsinaceae								
<i>Cybianthus detergens</i> Mart.		X	X					

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Casalheira
Myrtaceae							
<i>Blepharocalyx</i> sp.		x					
<i>Calycolpus</i> sp.					x		
<i>Eugenia chrysantha</i> O. Berg			x				
<i>Eugenia gemmiflora</i> O. Berg		x	x				x
<i>Eugenia uniflora</i> L.		x					
<i>Myrcia amazonica</i> DC.					x	x	
<i>Myrcia</i> cf. <i>regnelliana</i> O. Berg		x					
<i>Myrcia fallax</i> (Rich.) DC.			x		x		
<i>Myrcia lanuginosa</i> O. Berg							x
<i>Myrcia lingua</i> (O. Berg) Mattos & D. Legrand		x	x				
<i>Myrcia multiflora</i> (Lam.) DC.			x			x	x
<i>Myrcia pallens</i> DC.		x	x				x
<i>Myrcia sellowiana</i> O. Berg		x	x				x
<i>Myrcia variabilis</i> DC.							x
<i>Myrciaria dubia</i> (Kunth) McVaugh			x		x		x
<i>Psidium</i> aff. <i>striatulum</i> DC.			x				
<i>Psidium guineense</i> Sw.			x				
<i>Psidium hians</i> DC.			x				
<i>Psidium riparium</i> Mart. ex DC.			x				x
<i>Psidium rivulare</i> DC.			x				
<i>Psidium striatulum</i> DC.			x				x
Nyctaginaceae							
<i>Neea ovalifolia</i> Spruce ex J.A. Schmidt			x				x
Nymphaeaceae							

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Casalheira
<i>Cabomba furcata</i> Schult. & Schult. f.			x				
Ochnaceae							
<i>Ouratea discophora</i> Ducke					x	x	
<i>Ouratea floribunda</i> Engl.					x		
<i>Ouratea nana</i> Engl.							x
<i>Ouratea pygmaea</i> (V.T.) K. Yam.							x
Olacaceae							
<i>Cathedra acuminata</i> (Benth.) Miers			x				
<i>Dulacia inopiflora</i> (Miers) Kuntze			x		x		x
<i>Dulacia papillosa</i> (J.O. Rangel) Sleumer							x
<i>Heisteria ovata</i> Benth.			x		x		x
<i>Liriosma singularis</i> (Vell.) J.F. Macbr.							x
<i>Minguartia</i> sp.			x				
<i>Minuartia guianensis</i> Aubl.	x						
Onagraceae							
<i>Ludwigia</i> sp.			x				
Orchidaceae							
<i>Brassavola</i> sp.			x				
<i>Encyclia argentinensis</i> (R. Speg.) Hoehne			x				
<i>Epistephium laxiflorum</i> Barb. Rodr.		x					
Orobanchaceae							
<i>Buchnera palustris</i> (Aubl.) Spreng.			x				
<i>Esterhazyia splendida</i> J.C. Mikan			x				
Passifloraceae							
<i>Passiflora cerradensis</i>	x						

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Casalheira
<i>Passiflora mansoi</i> (Mart.) Mast.		x					
<i>Passiflora vitifolia</i> Kunth						x	
Poaceae							
<i>Paspalum</i> sp.	x						
<i>Steinchisma</i> sp.			x				
Polygalaceae							
<i>Bredemeyera</i> sp.			x				
<i>Polygala celosioides</i> A.W. Benn.			x				
<i>Polygala longicaulis</i> Kunth			x				
<i>Polygala timoutou</i> Aubl.			x				
<i>Securidaca amazonica</i> Chodat					x		
<i>Securidaca bialata</i> Benth.							x
Polygonaceae							
<i>Coccoloba glaziovii</i> Lindau					x		
<i>Coccoloba lucidula</i> Benth.	x						
Pontederiaceae							
<i>Eichornia</i> cf. <i>crassipes</i> (Martius) Solms			x				
<i>Pontederia parviflora</i> Alexander			x				
Proteaceae							
<i>Euplassa inaequalis</i> (Pohl) Engl.					x		x
<i>Panopsis rubescens</i> (Pohl) Rusby			x			x	x
Rhamnaceae							
<i>Gouania</i> sp.							x
<i>Gouania</i> cf. <i>virgata</i> Reissek					x		
<i>Gouania pyrifolia</i> Reissek				x			

Espécie	Município							Rib
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Cascalheira	
Rubiaceae								
<i>Bertea guianensis</i> Aubl.					X			
<i>Botryarrhena</i> sp.						X		
<i>Chomelia ribesoides</i> Benth. ex A. Gray							X	
<i>Cordia humilis</i> var. amplexicaulis				X				
<i>Cordia sessilis</i> (Vell.) Kuntze		X					X	
<i>Coussarea platyphylla</i> Müll. Arg.					X			
<i>Diodia kuntzei</i> K. Schum.			X					
<i>Duroia prancei</i> Steyererm.			X				X	
<i>Faramea multiflora</i> A. Rich. ex DC.			X		X		X	
<i>Faramea occidentalis</i> (L.) A. Rich.			X		X			
<i>Ferdinandusa rudgeoides</i> (Benth.) Wedd.							X	
<i>Galianthe grandifolia</i> E.L. Cabral	X							
<i>Geophila repens</i> (L.) I.M. Johnst.					X			
<i>Manettia cordifolia</i> Mart.					X			
<i>Manettia gracilis</i> Cham. & Schldtl.					X			
<i>Palicourea marcgravii</i> A. St.-Hil.	X							
<i>Psychotria</i> cf. amplexans Benth.					X			
<i>Psychotria</i> cf. capitata Ruiz & Pav.					X			
<i>Psychotria platypoda</i> DC.							X	
<i>Psychotria prunifolia</i> (Kunth) Steyererm.					X			
<i>Psychotria sciaphila</i> S. Moore					X			
<i>Randia nitida</i> (Kunth) DC.			X				X	
<i>Rudgea erioloba</i> Benth.					X			
<i>Rudgea myrsinifolia</i> Benth.					X			

Espécie	Município						
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Rib Casalheira
<i>Sabicea brasiliensis</i> Wernham			x				
<i>Sipanea biflora</i> (L. f.) Cham. & Schltdl.							x
<i>Spermacoce</i> sp.			x				
<i>Stachyarrhena</i> sp.						x	
<i>Staelia</i> sp.			x				
<i>Tocoyena brasiliensis</i> Mart.							x
<i>Uncaria guianensis</i> (Aubl.) J.F. Gmel.					x		
<i>Psychotria bracteocardia</i> (DC.) Müll. Arg.			x				
<i>Zanthoxylum</i> cf. <i>caribaeum</i> Lam.			x				
Salicaceae							
<i>Homalium guianense</i> (Aubl.) Oken			x				x
<i>Homalium racemosum</i> Jacq.					x		
<i>Ryania mansoana</i> Eichler				x			x
<i>Casearia javitensis</i> Kunth					x		
Santalaceae							
<i>Phoradendron crassifolium</i> (Pohl ex DC.) Eichler					x		
Sapindaceae							
<i>Cupania scrobiculata</i> Rich.					x	x	
<i>Matayba arborescens</i> (Aubl.) Radlk.					x	x	
<i>Paullinia</i> cf. <i>cupana</i> Kunth						x	
Sapotaceae							
<i>Micropholis egensis</i> (A. DC.) Pierre						x	
<i>Pouteria</i> cf. <i>trilocularis</i> Cronquist			x				
<i>Pouteria cuspidata</i> (A. DC.) Baehni	x						
<i>Pouteria gardneri</i> (Mart. & Miq.) Baehni			x		x	x	

Espécie	Município							Rib Cascalheira
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência		
<i>Pouteria glabrescens</i> (Mart. & Eichler) Baehni						X		
Simaroubaceae								
<i>Picramnia sellowii</i> Planch.					X			
<i>Simaba intermedia</i> Mansf.			X					X
<i>Simaba orinocensis</i> Kunth			X					
<i>Simarouba amara</i> Aubl.	X				X			
Solanaceae								
<i>Solanum nigrescens</i> M. Martens & Galeotti			X					
<i>Solanum quaesitum</i> C.V. Morton					X			
Theaceae								
<i>Ternstroemia candolleana</i> Wawra			X			X		
Tiliaceae								
<i>Luehea paniculata</i> Mart.								X
<i>Lueheopsis rosea</i> (Ducke) Burret		X						X
<i>Mollia lepidota</i> Spruce ex Benth.					X	X		
Turneraceae								
<i>Turnera</i> sp.			X					
Urticaceae								
<i>Cecropia</i> cf. <i>distachya</i> Huber					X			
Verbenaceae								
<i>Aegiphila</i> sp.			X	X				
<i>Vitex panshiniana</i> Moldenke	X		X					X
<i>Vitex polygama</i> Cham.								X
Vitaceae								
<i>Cissus acreensis</i> Lombardi					X			

Espécie	Município							Rib
	Água Boa	Canarana	Cocalinho	Comodoro	Gaucha Norte	Querência	Cascalheira	
<i>Cissus spinosa</i> Cambess.			x					x
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis					x			
Vochysiaceae								
<i>Qualea ingens</i> Warm.								x
<i>Qualea wittrockii</i> Malme					x	x		x
<i>Vochysia ferruginea</i> Mart.					x			
<i>Vochysia vismiifolia</i> Spruce ex Warm.						x		
Xyridaceae								
<i>Xyris</i> sp.			x					

5.2.4.2.2 Fauna

5.2.4.2.2.1 Entomofauna

Na amostra coletada, destacam-se duas destas relações (1) insetos com tendência sinantrópica representado principalmente por algumas famílias de moscas como os Anthomyidae, Calliphoridae, Drosophilidae e Muscidae, por exemplo e (2) insetos com caracteristicamente assinantrópicos como os neurópteros Hemerobidae e Mantispidae, ou os coleópteros Lucanidae e Carabidae, por exemplo. Estes insetos, se melhor estudados na região, podem indicar a qualidade da conservação.

Foram coletados um total de 8.174 insetos no período de amostragem. A Tabela a seguir mostra a diversidade de insetos coletados identificados no nível da Família. Destes, conforme o esperado, destacam-se pelo número de espécimens coletados os Diptera (4.969), Hymenoptera (1.459), Coleoptera (678) e Lepidoptera (422).



Figura 5.2-64. Indivíduos de Diptera e Orthoptera (Fotos: Rogério Cansi)

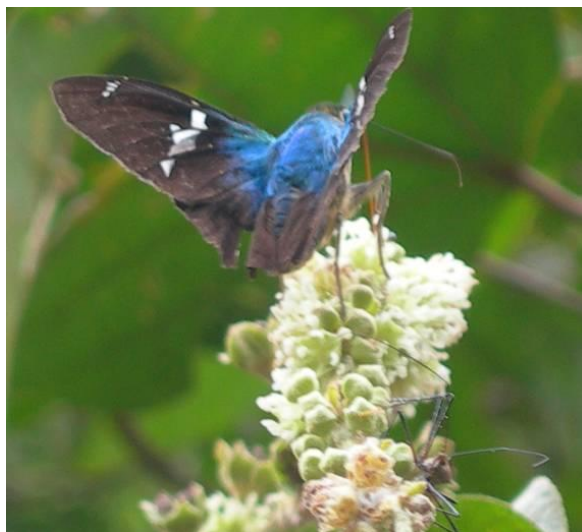


Figura 5.2-65. Indivíduos de Lepidoptera e Hemiptera (Foto: Rogério Cansi)

Tabela 5.2-49. Lista dos insetos coletados. Vilhena (VLH), Papagaio (PPG), Xingu (XNG), Cocalinho (CCL), Água Boa (AGB) e Santa Terezinha (STA).

Grupo	VLH	PPG	XNG	CCL	AGB	STA
Blataria - Blaberidae	23	0	0	0	0	0
Blataria - Blattellidae	193	37	13	2	6	16
Blataria - Blattidae	26	0	0	0	0	0
Blataria - Polyphagidae	7	2	1	0	0	0
Coleoptera	1	0	1	0	0	0
Coleoptera - Buprestidae	1	0	0	0	0	0
Coleoptera - Carabidae	65	7	2	1	0	0
Coleoptera - Cerambycidae	7	1	2	0	0	0
Coleoptera - Chrysomelidae	7	1	0	0	0	0
Coleoptera - Cleridae	0	0	0	0	0	0
Coleoptera - Coccinellidae	4	0	2	0	0	0
Coleoptera - Curculionidae	8	1	3	0	0	0
Coleoptera - Elateridae	3	0	0	0	0	0
Coleoptera - Erotylidae	49	1	0	1	2	27
Coleoptera - Histeridae	29	3	3	8	0	10
Coleoptera - Lucanidae	3	0	0	0	0	0
Coleoptera - Nitidulidae	221	20	0	0	0	0
Coleoptera - Passalidae	6	5	3	0	0	0
Coleoptera - Rhiporidae	3	0	0	0	0	0
Coleoptera - Scarabaeidae	32	11	0	1	0	0
Coleoptera - Scolytidae	2	0	0	0	0	0
Coleoptera - Silphidae	6	38	2	0	0	0
Coleoptera - Staphylinidae	44	2	2	0	0	4
Coleoptera - Tenebrionidae	19	0	0	1	0	0
Coleoptera - Trogidae	3	0	0	0	0	0
Diptera - Acaliptrados	181	16	30	3	3	118
Diptera - Anthomyiidae	5	35	9	0	0	29
Diptera - Asilidae	1	1	0	0	0	5
Diptera - Calliphoridae	779	136	72	71	317	366
Diptera - Dolichopodidae	11	10	69	0	0	1
Diptera - Drosophilidae	199	7	8	0	0	413
Diptera - Fanniidae	24	0	3	1	0	0
Diptera - Heleomyzidae	0	0	0	0	0	6
Diptera - Micropezidae	26	2	0	0	0	3
Diptera - Muscidae	105	48	70	12	20	46
Diptera - Neriidae	52	5	9	0	0	9
Diptera - Piophilidae	0	0	17	0	0	0
Diptera - Pipunculidae	11	0	0	0	0	0
Diptera - Phoridae	444	8	25	0	0	52
Diptera - Psychodidae	2	0	0	0	0	0
Diptera - Ropalomeridae	4	0	0	8	2	1
Diptera - Sarcophagidae	305	66	151	42	14	200

Grupo	VLH	PPG	XNG	CCL	AGB	STA
Diptera - Sepsidae	22	4	0	1	0	0
Diptera - Stratiomyidae	4	8	7	0	0	0
Diptera - Syrphidae	32	11	6	0	0	0
Diptera - Tabanidae	2	3	4	0	0	0
Diptera - Tachinidae	14	0	0	0	0	0
Diptera - Tephritidae	4	1	1	0	0	2
Diptera - Tipulidae	8	0	0	0	0	0
Diptera - Ulidiidae	63	15	48	1	0	20
Dermaptera - Forficulidae	3	0	0	0	0	0
Hemiptera - Aleyrodidae	1	0	0	0	0	0
Hemiptera - Alydidae	3	0	3	1	0	1
Hemiptera - Cercopidae	44	0	7	0	0	0
Hemiptera - Cicadellidae	22	1	2	0	0	0
Hemiptera - Coreidae	8	2	10	0	0	2
Hemiptera - Cydnidae	2	3	0	0	0	0
Hemiptera - Pentatomidae	3	2	0	0	0	1
Hemiptera - Reduviidae	13	2	2	0	0	2
Hymenoptera	14	0	0	0	0	0
Hymenoptera - Apidae	277	136	46	7	2	65
Hymenoptera - Bethyridae	4	0	0	0	0	0
Hymenoptera - Brachonidae	206	6	22	0	0	51
Hymenoptera - Chalcididae	22	2	0	2	0	0
Hymenoptera - Evanidae	0	0	1	0	0	0
Hymenoptera - Ichneumonidae	59	2	7	0	0	1
Hymenoptera - Figitidae	0	0	0	0	0	1
Hymenoptera - Formicidae	161	87	0	85	5	33
Hymenoptera - Pompilidae	8	0	0	0	0	0
Hymenoptera - Sphecidae	2	0	34	0	0	0
Hymenoptera - Vespidae	44	19	29	12	0	7
Isoptera - Termitidae	14	0	0	0	0	0
Lepidoptera - Borboleta	3	3	0	6	0	1
Lepidoptera - Mariposa	230	73	55	8	12	43
Mantodea - Chaetessidae	0	0	2	0	0	0
Neuroptera - Hemerobiidae	3	0	0	0	0	0
Neuroptera - Mantispidae	1	0	0	0	0	0
Neuroptera - Crysopidae	10	0	0	0	0	0
Odonata - Libellulidae	1	0	0	0	0	0
Orthoptera - Acrididae	8	3	4	0	0	0
Orthoptera - Eumastacidae	42	3	1	1	0	0
Orthoptera - Gryllidae	17	2	1	4	0	0
Orthoptera - Romaleidae	5	3	0	0	0	0
Orthoptera - Tettigidae	1	0	0	0	0	0
Orthoptera - Tettigoniidae	28	9	3	1	0	1
Total	4319	863	792	280	383	1537

Invertebrados Aquáticos

Nos 23 sítios amostrados foram encontrados 37 taxa de macroinvertebrados bentônicos, totalizando 437 exemplares (Tabela a seguir). Em relação às larvas de insetos, foi observada grande ocorrência de larvas da família Chironomidae (Insecta, Diptera), que é considerada boa indicadora de poluição aquática. Estes organismos ocorrem normalmente nos corpos d'água, mas quando as condições ambientais são preservadas, estas larvas ocorrem em número reduzido em relação aos demais taxa, pois não só são fracos competidores como servem de alimentos a outros organismos. No presente trabalho foi observada a grande ocorrência destas larvas no Rio Cavari (sítio Mar Rondon A3) e no Água Boa (sítios 1 e 3). Este fato pode ser explicado pela proximidade de pequenos municípios ou assentamentos humanos, que, provavelmente, despejam dejetos orgânicos no rio.

As larvas das ordens Ephemeroptera, Plecoptera e Trichoptera (Insecta) que são utilizadas em índices de qualidade de água, ocorreram em quantidades esperadas. Estes organismos ocorrem preferencialmente em águas limpas indicando ambientes preservados. Podemos destacar a ocorrência da família Leptophlebiidae (Ephemeroptera) e Trichoptera no sítio 1 do Água Boa. Com relação aos organismos da ordem Trichoptera (Insecta) foram encontradas um grande número de casas vazias, que indica a ocorrência do organismo no local, mas como o período de coletas foi o período chuvoso, os organismos provavelmente já haviam sofrido metamorfose e se transformado em insetos adultos, abandonando no ambiente aquático apenas suas casas (ou casulos usados como abrigo).

É importante ressaltar o grande número de indivíduos das espécies *Melanoides tuberculatus* (Mollusca, Gastropoda) e *Corbicula fluminea* (Mollusca, Bivalvia). Estas espécies são invasoras provenientes de países asiáticos. *Melanoides tuberculatus* foi provavelmente introduzida no Brasil através da aquariofilia e *C. fluminea* via água de lastro. Já existem na literatura diversos trabalhos alertando sobre a ocorrência destas espécies e do impacto que elas podem causar ao ambiente e às espécies nativas. Santos & Eskinazi-Sant'Anna (2010) registram a ocorrência de *M. Tuberculatus* no Rio Grande do Norte. Bogéa e colaboradores (2005) alertam para o fato de que *M. tuberculatus* é hospedeiro intermediário de parasita que afeta o homem (Trematoda, Digenea, Heterophyidae). No site do Instituto Horus (www.institutohorus.org.br) pode-se encontrar informações sobre a introdução desta espécie, locais de ocorrência e informações sobre sua biologia e ecologia.

Simone (..) no capítulo sobre gastrópodes de água doce editado pelo Projeto Biota Fapes cita que *M. tuberculatus* ocorria, escassamente, nos canais de Santos, SP na década de 70 e que atualmente, é encontrada em praticamente todo o alto Paraná, Pantanal e afluentes da Bacia Amazônica. Alerta ainda que *M. tuberculatus* é uma espécie partenogenética com certo grau de resistência à poluição e, portanto, espalha-se rapidamente encobrindo quase totalmente o sedimento e competindo diretamente com as espécies nativas, ou seja, com thiarídeos e pleurocerídeos. (Simone biota FAPESP www.biota.org.br/pdf/v4cap11.pdf)

Beasley e colaboradores (2003) e Pimpão & Martins (2008) registram a ocorrência de *Corbicula fluminea* na Bacia do Tocantins e discorre sobre a ampliação da ocorrência deste organismo invasor no Brasil.

Mansur e colaboradores (2004) discorrem em capítulo do livro Água de Lastro e Bioinvasão sobre a biologia, ecologia, taxonomia e invasão da espécie *Corbicula fluminea* no Brasil. Neste capítulo encontra-se referência a trabalho feito em Serra da Mesa (próximo a região de coleta do presente trabalho) em que esta espécie foi coletada pela equipe do Instituto Oswaldo Cruz.

No presente trabalho *M. tuberculatus* ocorreu em número bem expressivo no sítio 1 do Cocalinho e no sítio 1 (Rio Crixás) da Santa Terezinha, o que pode indicar águas com níveis médios de poluição e que merecem monitoramento mais freqüente. *C. fluminea* ocorreu em grande número nos sítios 2 e 4 do Cocalinho e 3 do Água Boa. Neste caso a espécie necessita de monitoramento mais freqüente para acompanhar e, se possível, propor medidas de contenção da invasão desta espécies na região.

Tabela 5.2-50. Lista dos invertebrados aquáticos coletados.

	Santa Terezinha				Cocalinho					Água Boa					Alto Xingu			Bacia do Rio Papagaio			Vilhena		
	1	2	3	4	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	1	2	3	1	2	3
Insecta																							
Colembola												1											
Odonata																							
Coenagrionidae	1																						
Gomphidae	3				3			1			2												
Libellulidae											2			1									
Diptera																							
Ceratopogonidae				2		13				1		3						1					
Chironomidae	1			3		6			1	9		8			1	2	1	17	5	1		4	1
Culicidae						1			1														
Empididae												1											
Syrphidae												1											
Tabanidae												1											
Tipulidae												1											
pupa				1	1							1							1			1	
Ephemeroptera																							
Caenidae						5				2		1											
Lepthophlebiidae										12	1												
Leptohyphidae	1																						
N/ident						2																	
Coleoptera																							
Elmidae	7								3					1									

	Santa Terezinha				Cocalinho					Água Boa					Alto Xingu			Bacia do Rio Papagaio			Vilhena		
	1	2	3	4	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	1	2	3	1	2	3
adulto						1																	
larva						45																	
Hydrophilidae						1																	
Scirtidae												1											
Trichoptera	6					2				10					2x	xx	xx	x		x	x	x	5x
Heteroptera																							
Gerridae	1								1		1			1									
Belostomatidae					1	2																	
Corixidae												2											
Naucoridae														1									
Notonectidae														2									
Plecoptera																							
Perlidae														1									
Acari				4	7	9				4		2											1
Aranae												2											
Crustacea																							
Ostracoda				5	3	5																	
Copepoda						2						3											
Isopoda												1											
Decapoda																							
Palaemonidae																							
<i>Macrobrachium</i> sp	1													2									

	Santa Terezinha				Cocalinho					Água Boa					Alto Xingu			Bacia do Rio Papagaio			Vilhena		
	1	2	3	4	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	1	2	3	1	2	3
Brachyura																							
Trichodactylidae																							
<i>Goyazana</i> sp.														1									
Nematoda						1						2											
Annelida																							
Hirudinea										1													
Oligochaeta	3			15		10				1		6			1			1		1	1		
Mollusca																							
Gastropoda																							
Neotaenioglossa																							
Thiaridae																							
<i>Melanoides tuberculatus</i>	25			1	28	2		1						3									
Bivalve																							
Veneroida																							
Corbiculidae																							
<i>Corbicula fluminae</i>	3			1	3	34		10				8	4										

5.2.4.2.2.2 Ictiofauna

Foram identificadas um total de 82 espécies, que se encontram distribuídas em sete ordens e 22 famílias (na Tabela 5.2-51 e na Figura 5.2-66 encontram-se exemplares representativos de algumas espécies). A abundância, riqueza e diversidade de Simpson, para cada sítio amostral, são apresentadas na Tabela 5.2-52. As curvas de acumulação do número de espécies em função do número de indivíduos coletados em cada sítio, gerada a partir de permutações aleatórias dos indivíduos, é apresentada nas Figura 5.2-67 A a F. A curva de acumulação de espécies para o total dos indivíduos coletados é apresentada na Figura 5.2-67 G. Percebe-se que todas as curvas geradas encontram-se ascendentes. O estimador de riqueza Chao1 e ACE para cada sítio são apresentados na Tabela 5.2-53. Esses valores sugerem que novas espécies podem ser encontradas com amostragem de novos ambientes e/ou em diferentes estações do ano. É, ainda, importante ressaltar que, por constantes extinções e invasões locais, amostragens contínuas de longo prazo podem vir a adicionar novas espécies as já existentes (Gotelli & Colwell, 2001). Ressalta-se, assim, a necessidade do incentivo a pesquisa científica na região.

Tabela 5.2-51. Abundância dos táxos para cada região (1- Santa Terezinha, GO; 2- Cocalinho, MT; 3- Água Boa, MT; 4- Alto Xingu, MT; 5- Bacia do Rio Papagaio, MT; 6- Vilhena, RO).

TÁXON	Região					
	1	2	3	4	5	6
Ordem Rajiformes						
Família Potamotrygonidae						
<i>Potamotrygon motoro</i> (Natterer in Müller & Henle, 1841)	1					
Ordem Pleuronectiformes						
Família Achiridae						
<i>Apionichthys</i> sp.						1
Ordem Characiformes						
Família Curimatidae						
<i>Curimata</i> sp.1	3		1			
<i>Curimata</i> sp.2	2	4	5			
<i>Cyphocharax leucostictus</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1889)			1			3
<i>Psectrogaster amazonica</i> Eigenmann & Eigenmann, 1889			4			
<i>Steindachnerina</i> sp.						1
Família Prochilodontidae						
<i>Prochilodus nigricans</i> Agassiz, 1829	3		2			3
Família Anostomidae						
<i>Laemolyta</i> sp.		9				
<i>Leporinus affinis</i> Günther, 1864		5	1			
<i>Leporinus frederici</i> (Bloch, 1794)	4	6	3			

TAXON	Região					
	1	2	3	4	5	6
<i>Leporinus maculatus</i> Müller & Troschel, 1844				1		
<i>Leporinus</i> sp.1	1					
<i>Leporinus</i> sp.2	1					
<i>Schizodon fasciatus</i> Spix & Agassiz, 1929			1			
<i>Schizodon vittatus</i> (Valenciennes, 1850)		1				
Família Crenuchidae						
<i>Characidium</i> sp.	1					
Família Hemiodontidae						
<i>Anodus orinocensis</i> (Steindachner, 1887)			1			
<i>Argonectes longiceps</i> (Kner, 1858)			1			
<i>Hemiodus unimaculatus</i> (Bloch, 1794)	1		2			
<i>Hemiodus</i> sp.		7				
Família Gasteropelecidae						
<i>Gasteropelecus levis</i> (Eigenmann, 1909)		4				
Família Characidae						
Subfamília Bryconinae						
<i>Brycon melanopterus</i> (Cope, 1871)		1	1			
Subfamília Characinae						
<i>Roeboides affinis</i> (Günther, 1868)	1					
<i>Roeboides</i> sp.			1			
Subfamília Iguanodectidae						
<i>Iguanodectes spilurus</i> (Günther, 1864)	1		1			

TAXON	Região					
	1	2	3	4	5	6
Subfamília Serrasalminae						
<i>Catoprion mento</i> (Cuvier, 1819)			1			
<i>Mylossoma duriventre</i> (Cuvier, 1818)	1					
<i>Pygocentrus nattereri</i> Kner, 1858		1	5			
<i>Pygocentrus</i> sp.			1			
<i>Serrasalmus gibbus</i> Castelnau, 1855	3					
<i>Serrasalmus rhombeus</i> (Linnaeus, 1766)		1	1			1
<i>Serrasalmus</i> sp.		3	2			
Subfamília Triportheinae						
<i>Triportheus trifurcatus</i> (Castelnau, 1855)		1				
<i>Triportheus auritus</i> (Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1850)	1	1	1			
Gêneros <i>incertae sedis</i>						
<i>Astyanax</i> aff. <i>bimaculatus</i>	5					1
<i>Astyanax</i> sp.1						
<i>Astyanax</i> aff. <i>kennedyi</i>	3					
<i>Chalceus epakros</i> Zanata & Toledo-Piza, 2004		1				
<i>Ctenobrycon</i> sp.	3					
<i>Hemigrammus</i> sp.1	1					
<i>Hemigrammus</i> sp.2	18					
<i>Hemigrammus</i> sp.3	78					
Família Cynodontidae						
<i>Hydrolycus armatus</i> (Schomburgk, 1841)		2	1		2	

TAXON	Região					
	1	2	3	4	5	6
<i>Rhaphiodon vulpinus</i> Spix & Agassiz, 1829						1
Família Erythrinidae						
<i>Hoplerethrinus unitaeniatus</i> (Agassiz, 1829)			1	2	4	
<i>Hoplias malabaricus</i> (Block, 1794)	2	3	1			
Família Ctenoluciidae						
<i>Boulengerella cuvieri</i> (Agassiz in Spix & Agassiz, 1829)		2			1	
Ordem Siluriformes						
Família Callichthyidae						
<i>Brochis splendens</i> (Castelnau, 1855)			4			
<i>Corydoras</i> sp.						1
<i>Hoplosternum littorale</i> (Hancock, 1828)			2			
<i>Megalechis thoracata</i> (Valenciennes, 1840)				2		
Família Loricariidae						
Subfamília Hypoptopomatinae						
<i>Hypoptopoma jaberti</i> (Vaillant, 1880)		2				
Subfamília Loricariinae						
<i>Loricaria</i> sp.	1					
Subfamília Hypostominae						
<i>Hypostomus emarginatus</i> (Valenciennes, 1840)		1				1
<i>Hypostomus plecostomus</i> (Linnaeus, 1758)	2					
<i>Hypostomus</i> sp.	1					
<i>Pterygoplichthys joselimaianus</i> (Weber, 1991)						1

TAXON	Região					
	1	2	3	4	5	6
<i>Squaliforma emarginata</i> (Valenciennes, 1840)	1					
Subfamília Ancistrinae						
<i>Baryancistrus niveatus</i> (Castelnau, 1855)		1				
<i>Panaque nigrolineatus</i> (Peters, 1877)	1					
Família Heptapteridae						
<i>Rhamdia</i> sp.		1		1	1	
Família Pimelodidae						
<i>Hemisorubim platyrhynchos</i> (Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1840)		3	1			
<i>Pimelodina flavipinnis</i> Steindachner, 1876			1			
<i>Pimelodus ornatus</i> Kner, 1858	1	1				
<i>Sorubim lima</i> (Bloch & Schneider, 1801)			1			
Família Doradidae						
<i>Hassar wilderi</i> Kindle, 1895		2				
Família Auchenipteridae						
<i>Ageneiosus ucayalensis</i> Castelnau, 1855		1	1			
<i>Trachelyopterus galeatus</i> (Linnaeus, 1766)			2			
Ordem Gymnotiformes						
Família Sternopygidae						
<i>Sternopygus macrurus</i> (Bloch & Scheneider, 1801)	1					
Ordem Cyprinodontiformes						
Família Poeciliidae						
<i>Poecilia reticulata</i> Peters, 1859	24					

TAXON	Região					
	1	2	3	4	5	6
Ordem Perciformes						
Família Cichlidae						
<i>Chaetobranchius flavescens</i> Heckel, 1840		1	9		6	
<i>Cichlasoma</i> sp.	3			3		1
<i>Crenicichla</i> aff. <i>vittata</i>						3
<i>Crenicichla</i> aff. <i>cincta</i>		2				
<i>Crenicichla lepidota</i> Heckel, 1840	1					
<i>Crenicichla</i> sp.	1					
<i>Geophagus proximus</i> Castelnau, 1855		2				
<i>Geophagus</i> sp.						1
<i>Retroculus lapidifer</i> (Castelnau, 1855)		1				
<i>Satanoperca jurupari</i> (Heckel, 1840)			1			
Família Sciaenidae						
<i>Pachyurus junki</i> Soares & Casatti, 2000		2				
Total	171	72	61	9	14	18



Leporinus frederici.



Leporinus affinis.



Astyanax aff. bimaculatus.



Pygocentrus nattererri.



Serrasalmus rhombeus.



Hoplias malabaricus.



Panaque nigrolineatus.



Rineloricaria sp.



Hemisorubim platyrhynchos.



Ageneiosus ucayalensis.



Trachelyopterus galeatus.

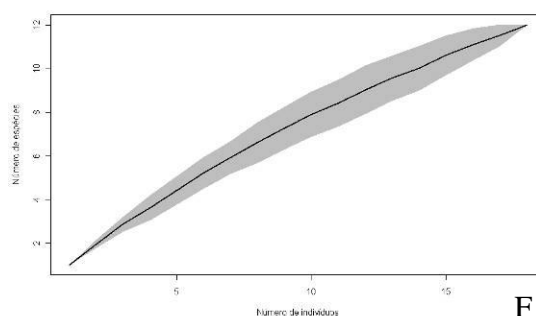
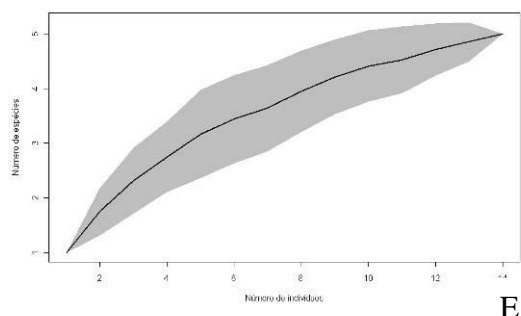
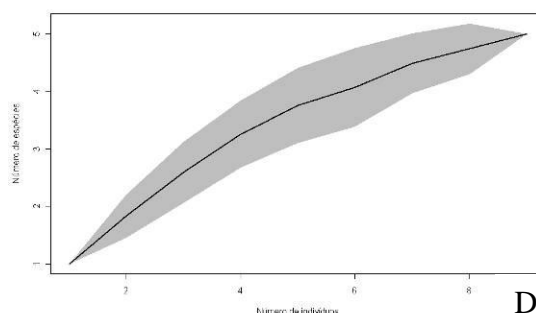
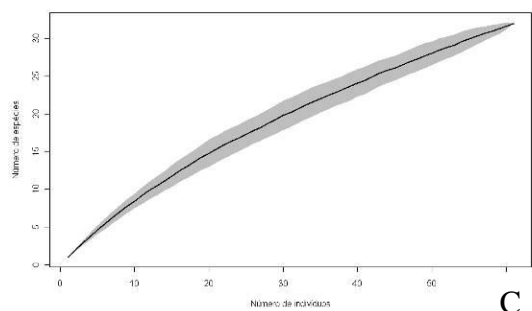
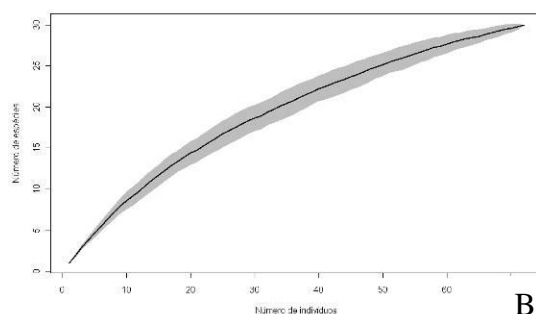
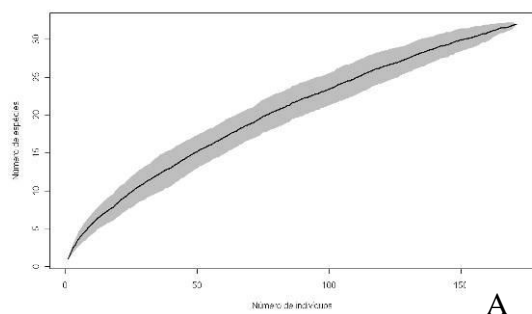


Poecilia reticulata.

Figura 5.2-66 Exemplares de algumas espécies - ictiofauna

Tabela 5.2-52. Abundância, riqueza e diversidade de espécies de peixes para cada região.

Sítio amostral	Abundância	Riqueza	Simpson
1	171	32	0,76
2	72	30	0,94
3	61	32	0,94
4	9	5	0,77
5	14	5	0,70
6	18	12	0,89



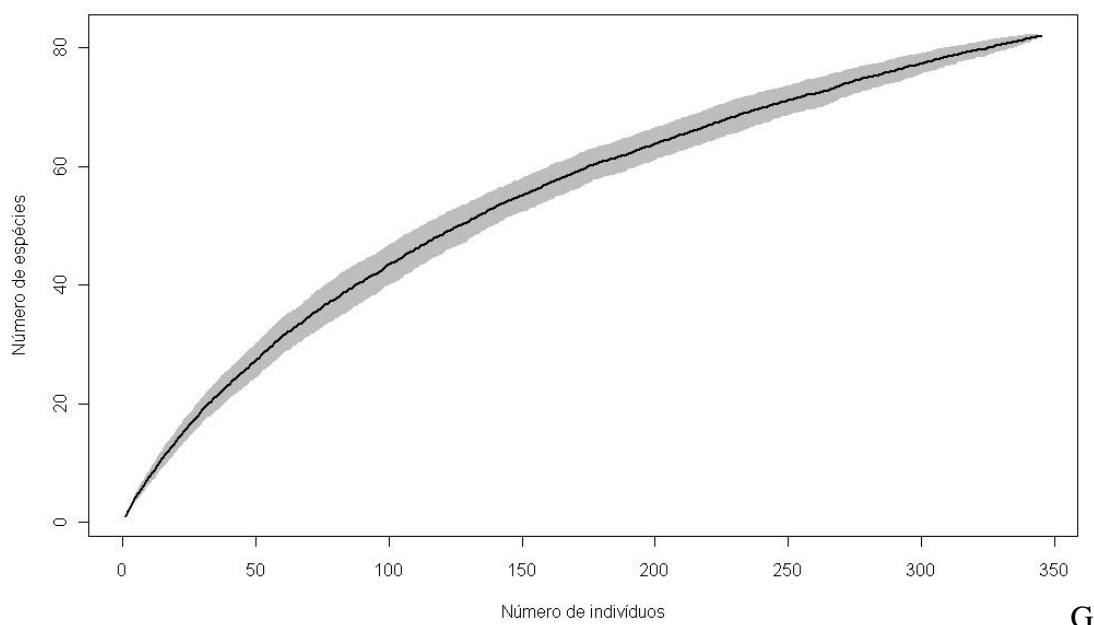


Figura 5.2-67. Curvas de rarefação das espécies de peixes pelo total de indivíduos coletados na bacia. A – Sítio 1, B – Sítio 2, C- Sítio 3, D – Sítio 4, E – Sítio 5, F – Sítio 6 e G – total. A área cinza representa o erro padrão da estimativa.

Tabela 5.2-53. Estimadores de riqueza Chao1 e ACE para cada sítio amostral.

Sítio Amostral	Chao1	ACE
1	70 ± 41	56 ± 4
2	41 ± 10	48 ± 4
3	67 ± 28	82 ± 6
4	5 ± 2	6 ± 1
5	6 ± 4	7 ± 1
6	48 ± NA	31 ± 2

A ordem com o maior número de espécies foi a Characiformes com 47 espécies (57% das espécies), seguida pelas ordens Siluriformes com 21 (26%) e Perciformes com 11 (13%) (Figura a seguir). A família que apresentou o maior número de espécies foi a Characidae com 22 espécies, seguida pela família Cichlidae e Loricariida com 10 e nove espécies, respectivamente. A ordem Characiformes apresentou a maior abundância (243 indivíduos, representando 70% da abundância total). Seguida pelas ordens Siluriformes e Perciformes com 38 e 34 indivíduos, respectivamente. A família Characidae foi a que apresentou a maior abundância com 140 indivíduos (41% da

abundância total). As altas diversidades (abundância e riqueza) de Characiformes e Siluriformes apresentam-se de acordo com o encontrado para as águas continentais, não estuarinas, da região Neotropical (Lowe-McConnell, 1987; Castro, 1999). A maioria das espécies coletadas pertence à família Characidae, refletindo o padrão encontrado nos ecossistemas lóticos brasileiros (Reis *et al.*, 2003; Buckup *et al.*, 2007). Exemplos dessa família tiveram representantes nos diversos microhabitats amostrados.

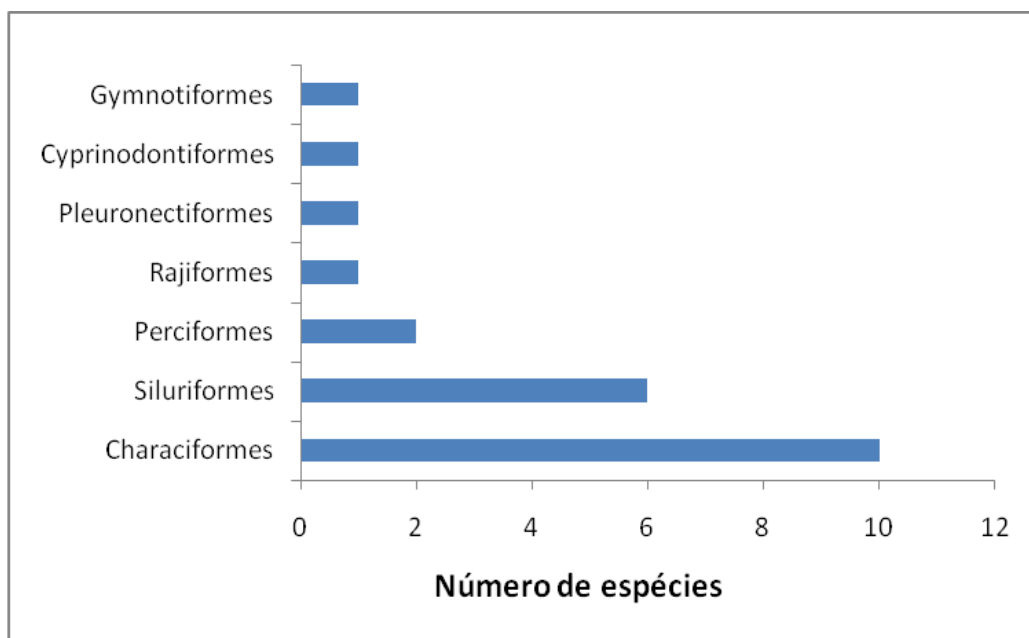


Figura 5.2-68. Número de espécies de peixes para cada ordem.

As ordens Rajiformes e Pleuronectiformes são compostas por espécies que possuem que possuem suas origens no ambiente marinho. Ou seja se estabeleceram no ambiente de água doce em um passado não muito remoto. Os representantes da ordem Rajiformes apresentam o corpo achatado dorso-ventralmente, esqueleto cartilaginoso, nadadeira anal alongada e geralmente com espinho e boca situada na porção ventral. É composto por 12 famílias e cerca de 500 espécies, sendo a grande maioria marinha (Santos *et al.*, 2004).

Os representantes da ordem Pleuronectiformes apresentam, após a fase juvenil, os olhos deslocados para um lado da cabeça. Possuem achatamento dorso-ventral, adaptação ao ambiente bentônico, e se escondem sob o fundo arenoso. Compreendem 11 famílias e 570 espécies, sendo apenas 25 de água doce (Santos, *et al.*, 2004).

As espécies pertencentes à ordem Characiformes são caracterizadas por escamas em todo o corpo, nadadeira pélvica situada atrás da inserção das peitorais e, geralmente,

presença da nadadeira adiposa. É o grupo predominante entre os peixes de água doce da América do Sul (Buckup *et al.*, 2007). Characidae apresenta-se como o grupo mais diverso entre os Characiformes (aproximadamente 950 espécies). E dentro de Characidae o gênero *Astyanax* apresenta-se como um grupo de ampla distribuição geográfica e, com isso, pouco compreendido sistematicamente (havendo muitas espécies ainda não descritas). A família Erythrinidae apresenta apenas três gêneros, dentre os quais, *Hoplias*, este apresenta espécies de grande porte, podendo atingir até 1 m de comprimento padrão.

Os Siluriformes são comumente conhecidos como peixes de couro (bagres) ou cascudos. Loricariidae é a maior família da ordem Siluriformes, com 90 gêneros e 680 espécies atualmente descritas (ressalta-se a necessidade de estudos de revisão para alguns subgrupos taxonômicos). Representantes dessa família possuem o corpo coberto por um escudo ósseo e achatamento dorso-ventral (Menezes *et al.*, 2007). A predominância da família Loricariidae sobre as demais famílias de peixes pode ser explicada pela adaptação das espécies a habitarem regiões com águas correntes (grande quantidade de oxigênio dissolvido) e substrato composto por seixos e cascalhos. Características essas muito comuns aos ambientes amostrados. Os representantes da família Heptapteridae, Pimelodidae e Auchenipteridae não possuem escamas (são conhecidos como peixes de couro ou bagrinhos) e apresentam barbilhões (órgãos com quimiorreceptores). Esses quimiorreceptores auxiliam a percepção do ambiente principalmente no período noturno momento onde muitas espécies pertencentes a essas famílias são encontradas em atividade.

Os Cyprinodontiformes possuem uma única nadadeira dorsal e pequeno corpo fusiforme. A família Poeciliidae é caracterizada por possuir fertilização através do gonopódio dos machos, sendo também vivípara.

A ordem Perciformes é a mais diversa dentre os teleósteos, com mais de 9.000 espécies, sendo a maioria marinha. A família Cichlidae é uma das que possuem grande número de espécies habitando ambientes límnicos. Algumas espécies dessa família apresentam forte dimorfismo sexual, com machos apresentando forte coloração e fêmeas menores tamanhos. Algumas espécies são também bastante utilizadas para alimentação.

Espécies ameaçadas de extinção

A perda de hábitat com a degradação ambiental vem sendo a principal ameaça para a manutenção das comunidades ícticas nos ecossistemas límnicos brasileiros. A perda de habitat pode ser observada pelo barramento dos rios com a construção de

hidrelétricas que transformam ambientes lóticos em lênticos; a retirada da vegetação ripária que funciona como fonte de abrigo e alimento para muitas espécies e poluição dos cursos d'água com a emissão de efluentes de origem doméstica e industrial (Rosa & Lima, 2005).

Nenhuma espécie citada em listas de espécies ameaçadas de extinção foi encontrada nos trechos amostrados (Rosa & Menezes, 1996; Rosa & Lima, 2005).

Espécies de interesse científico e conservacionista

Uma espécie de arraia de água doce foi encontrada nas drenagens amostradas (*Potamotrygon motoro*). Esses peixes cartilaginosos pertencem à família Potamotrygonidae endêmica da região Neotropical. A maior parte dos peixes cartilaginosos são marinhos, no entanto, esse grupo de arraias desenvolveram adaptações fisiológicas que lhes permitiu habitar os ambientes dulcícolas. Exemplos do gênero *Potamotrygon* puderam ser avistados nos rios amostrados em locais de fundo arenoso.

Além da grande importância científica, as espécies migratórias são de grande interesse conservacionistas. Por realizarem grandes deslocamentos, necessitam de uma ampla área conservada para efetivarem seu ciclo de vida. Dos grandes bagres migratórios, foram encontradas duas espécies: *Hemisorubim platyrhynchos* (popularmente conhecido como jurupoca ou bico de pato) e *Sorubim lima* (jurupecem). *H. platyrhynchos* e *S. lima* são espécies encontradas em toda bacia amazônica, no entanto, pouco é conhecido de suas rotas migratórias (Araújo-Lima & Ruffino, 2003). Já foram encontrados, nas cabeceiras de rios da bacia do Paraná, com gônadas maduras entre outubro e novembro (Resende, 2003).

Relatos para migração de espécies para o gênero *Rhamdia* já foram feitos para a bacia do Rio Uruguai. *Rhamdia quelen*, uma espécie de bagre carnívoro, ocorre predominantemente nos rios principais de maiores porte, no entanto, na época das chuvas essa espécie se desloca para regiões de cabeceiras para se reproduzir (o final de sua maturação gonadal ocorre nesses tributários de menores portes). Após a reprodução e desova, os peixes retornam para o rio principal para se alimentar. Apesar de esse padrão ser mais pronunciado em função dos ciclos sazonais, a reprodução dessa espécie, juntamente com seu deslocamento entre os tributários, pode ocorrer ao longo de todo o ano (Filho & Schulz, 2003). Nos trechos amostrados foi possível coletar uma espécie desse gênero. Seu maior porte lhe permite realizar deslocamentos com padrões migratórios semelhantes ao da *R. quelen*. Novos estudos

comparativos podem melhor categorizar a espécie *Rhamdia* sp., bem como, entender seus ciclos migratórios, tanto para reprodução como para alimentação.

Da ordem Characiformes foram encontrados representantes migradores do gêneros *Leporinus* e a espécie *Prochilodus nigricans*. Espécies do gênero *Leporinus* apresentam comportamento migratório já registrado para várias bacias brasileiras (Carolsfeld *et al.*, 2003). As espécies são geralmente onívoras, possuindo limitações quanto ao tamanho de presas devido ao pequeno tamanho de suas bocas. Algumas espécies de médio porte (20-40 cm) são bastante utilizadas como fonte de alimento (pesam entre 3 e 6 kg), já outras de menores tamanhos são apreciadas por aquarífilistas. Geralmente os indivíduos adultos são encontrados nos cursos principais dos rios e juvenis e alevinos em lagoas marginais (Carolsfeld *et al.*, 2003). *Prochilodus nigricans*, no período seco, migram entre baías formadas no canal principal dos rios. Quando começam as chuvas os adultos desovam na embocadura das enseadas. Assim, as larvas derivam pela calha principal dos rios (Araújo-Lima & Oliveira, 1998) e, eventualmente, são carregadas para as planícies inundadas.

Espécies de interesse econômico

A pesca possui importante papel socioeconômico na Amazônia. A partir da pesca se obtém o pescado para consumo humano e peixes para ornamentação. Desde a pré-história, se tem relatos da utilização de peixes amazônicos como alimento (Santos *et al.*, 2006). Seguramente a principal fonte de proteína animal consumida pela população ribeirinha amazônica é a oriunda do pescado (ultrapassando 400 g de peixe por pessoa ao dia) (Santos *et al.*, 2006). De maneira geral, as espécies de maior importância para o pescado possuem maior porte e ampla distribuição na bacia Amazônica.

As espécies de maior importância para o pescado, encontradas no presente estudo, foram: o curimatã (*Prochilodus nigricans*), os acarás (*Geophagus* spp.), os aracus ou piau (*Leporinus* spp.), os jacundás (*Crenicichla* spp.), a jurupoca (*Hemisorubim platyrhynchos*), os peixes facões (*Hydrolycus armatus* e *Rhaphiodon vulpinus*), o bico-de-pato (*Sorubim lima*), o mandi (*Pimelodus ornatus*), as piranhas (*Serrasalmus* spp. e *Pygocentrus nattereri*), o mandubé (*Ageneiosus ucayalensis*), o jeju (*Hoplerethrinus unitaeniatus*) e a traíra (*Hoplias malabaricus*). De maneira geral, essas espécies apresentam um grande porte e possuem ampla distribuição na bacia Amazônica.

Apesar do pequeno porte, algumas espécies apresentam grande potencial para a aquariofilia. As famílias Anostomidae (*Laemolita* sp.), Gasteropelecidae (*Gasteropelecus levis*), e Cichlidae (*Geophagus* spp.) apresentam representantes

muito apreciados por aquarífilistas, por apresentarem, normalmente, formas curiosas e coloração exuberante. Da família Loricariida se destaca a espécie *Panaque nigrolineatus*, o qual apresenta padrão de colorido bastante chamativo.

Espécies exóticas

A ocorrência de espécies alienígenas de peixes muitas vezes trás conseqüências inesperadas ao ambiente natural (Moyle & Light, 1996) e algumas espécies exóticas predadoras vêm sendo diagnosticadas como principal causa de perda de diversidade em diversos ecossistemas aquáticos neotropicais (Rodríguez, 2001; Vitule *et al.*, 2006; Junk *et al.*, 2006). No presente estudo, não foi encontrada nenhuma espécie exótica carnívora e nenhum dano decorrente da predação, por provável ocorrência, dessa espécie invasora introduzida pode ser observado.

A presença abundante de Cyprinodontiformes caracteriza ambientes degradados (Karr, 1981; Araújo, 1998). A utilização da família Poeciliidae (riqueza e abundância das espécies) em Índices de Integridade Biótica apresenta-se como um dos principais indicadores de qualidade dos riachos (Kennard *et al.*, 2006). *Poecilia reticulata* pertence à ordem Cyprinodontiformes e é uma espécie exótica invasora. Sua distribuição natural era restrita apenas ao norte da América do Sul e América Central. Não se sabe ao certo o histórico de introdução dessa espécie; no entanto, acredita-se que tenha sido introduzida por aquarífilistas (Bastos, 1980), ou ainda, que sua ampla distribuição em diversas bacias do mundo seja decorrente do uso dessas espécies para controle sanitário de mosquitos transmissores de doenças, visto que estes peixes se alimentam das larvas de insetos vetores. Essa espécie exótica invasora (*P. reticulata*) se alimenta de qualquer recurso disponível (onívoras), aproveitando o enriquecimento orgânico da água (oriundo do lançamento de esgoto, por exemplo) e, ainda, possui fecundação interna permitindo, assim, maiores chances de sobrevivência aos alevinos. Esses indivíduos podem permanecer nos cursos d'água muito tempo, mesmo depois que todas as demais espécies desaparecem. No Córrego Baltazar, sítio amostral 1, foi encontrada essa espécie refletindo a interferência humana na dinâmica desse ambiente.

Espécies peçonhentas, tóxicas e vetores de endemias

Nos trechos amostrados foi possível encontrar algumas espécies da família Pimelodidae (p.ex., *Pimelodus ornatus*) relacionadas com acidentes em humanos (Haddad Jr., 2000). Essas espécies possuem raios modificados (ferrões) nas nadadeiras laterais e dorsal, que podem ser venenosos ou não. Ao longo dos rios amostrados foram coletados exemplares de *Serrassalmus* spp. (piranhas) bastante

relacionados com acidentes traumatogênicos (mordidas). Foram observadas arraias (gênero *Potamotrygon*), principalmente, em ambientes rasos de fundo arenoso. Essas arraias possuem um ferrão tóxico na extremidade de suas caudas que servem de proteção. Muitos acidentes são relatados com humanos, pois ao pisarem nesse peixe podem ter seus membros inferiores atingidos pelo movimento da cauda da arraia. A toxina do ferrão causa imediata dor intensa e edema no local atingido (Haddad Jr., 2000). Apesar de não terem sido coletados, houve relatos, por ribeirinhos, da ocorrência de candirus (família Trichomycteridae). Esses pequenos peixes são atraídos pela amônia e podem penetrar e se fixar, através de espículas, em orifícios humanos. Houve relatos, também, da ocorrência de peixes-elétricos (*Electrophorus electricus*) capazes de aplicar fortes descargas elétricas dentro d'água.

5.2.4.2.2.3 HERPETOFAUNA

Região I

Foi registrado na região I um total de 37 espécies, sendo 19 espécies de anfíbios, distribuídas nas famílias Bufonidae (2), Hylidae (8), Leptodactylidae (8) e Microhylidae (1); 13 espécies de lagartos, distribuídas nas famílias Gekkonidae (2), Gymnophthalmidae (2), Polychrotidae (1), Scincidae (2), Teiidae (4), Tropiduridae (2); 04 espécies de serpentes distribuídas nas famílias Boidae (1), Colubridae (2) e Viperidae (1), além de uma espécie de jacaré (*Paleosuchus palpebrosus*).

De acordo com nossos resultados, concluímos que a Herpetofauna regional é tipicamente de Cerrado e é relativamente representativa em relação ao bioma. A região apresenta aproximadamente 15% do total de espécies de anfíbios encontradas no bioma, enquanto que os répteis apresentaram 9,8% do total de espécies presentes no Cerrado. Levando-se em consideração que a região representa uma pequena porção do território total do Cerrado e que apresenta uma significativa perda e fragmentação de habitats, essa representatividade pode ser considerada mediana.

Várias espécies registradas no presente estudo são comuns em áreas de Cerrado, normalmente possuem ampla distribuição geográfica, ocorrendo também em outros biomas, e muitas delas são generalistas em termos de uso do habitat.

Entre os anfíbios, podemos citar o sapo-cururu (*Rhinella schneiderii*) (Figura a), várias pererecas (*Dendropsophus minutus* – Figura b; *Scinax fuscomarginatus* – Figura c; *Hypsiboas raniceps* – Figura d), e algumas rãs (*Leptodactylus fuscus* – Figura e; *Physalaemus cuvieri* – Figura f).



a.



b.



c.



d.



e.



f.

Figura 5.2-69. Espécies de anfíbios com ampla distribuição geográfica: a. *Rhinella schneiderii*; b. *Dendropsophus minutus*; c. *Scinax fuscomarginatus*; d. *Hypsiboas raniceps*; e. *Leptodactylus fuscus*; f. *Physalaemus cuvieri*.

Entre os répteis, alguns exemplos de espécies relativamente comuns e que possuem ampla distribuição geográfica são os lagartos *Ameiva ameiva*, a *Mabuya nigropunctata*, o calango *Tropidurus oreadicus*, a jibóia *Boa constrictor*.



Ameiva ameiva;



Mabuya nigropunctata

Figura 5.2-70 Espécies de répteis com ampla distribuição geográfica



Figura 5.2-71. *Tropidurus oreadicus*



Boa constrictor.

Espécies Ameaçadas, Endêmicas e/ou Raras

Com relação às espécies ameaçadas de extinção, a Lista Oficial do IBAMA (2003) não contempla nenhuma espécie de répteis e anfíbios do Cerrado. No entanto, o Cerrado hoje, é um dos biomas mais ameaçados do Brasil, sendo inclusive considerado como um dos 34 hotspots mundiais. Por isso, podemos considerar todas as espécies endêmicas do bioma, como vulneráveis ou em vias de se tornarem ameaçadas de extinção.

O Cerrado apresenta um alto grau de endemismo para répteis e anfíbios. Até o momento, sabe-se que 10 espécies de tartarugas, 5 crocodilianos, 15 anfisbenas, 47 lagartos, 106 serpentes e 121 anfíbios constituem a herpetofauna do Cerrado, totalizando 294 espécies (Colli et al., 2002); sendo que desse total, 8 espécies de anfisbenas (50% do total de espécies), 12 espécies de lagartos (26%), 11 espécies de cobras (10%) e 32 (28%) espécies de anfíbios são endêmicos do bioma. O nível de endemismo é alto se comparado à taxa de endemismo das aves (3,8%) e dos mamíferos (9,1%) neste bioma (Colli et al., 2002; Macedo, 2002; Marinho-Filho et al.,

2002). Já a taxa de endemismo de anfíbenas é comparável com a registrada para a flora do Cerrado, com aproximadamente 50% (Heringer et al., 1977; Colli et al., 2002).

Entre as espécies de anfíbios registradas, destacamos como endêmicas do Cerrado, duas espécies de anfíbios, *Barycholos ternetzi* (Figura a) e *Proceratophrys goyana* (Figura b).



a.

b.

Figura 5.2-72 Indivíduos adultos de espécies de anfíbios endêmicas do Cerrado: a. *Barycholos savagei*; b. *Proceratophrys goyana*.

Entre os répteis, registramos apenas uma espécie endêmica do Cerrado, o lagarto teiú-do-cerrado *Tupinambis quadrilineatus*.



Figura 5.2-73 Indivíduo adulto de teiú *Tupinambis quadrilineatus*.

Para essa região, as espécies mais abundantes são os anfíbios *Physalaemus cuvieri*, *Scinax fuscomarginatus* e *Eupenphix nattereri*, além do lagarto *Ameiva ameiva*.

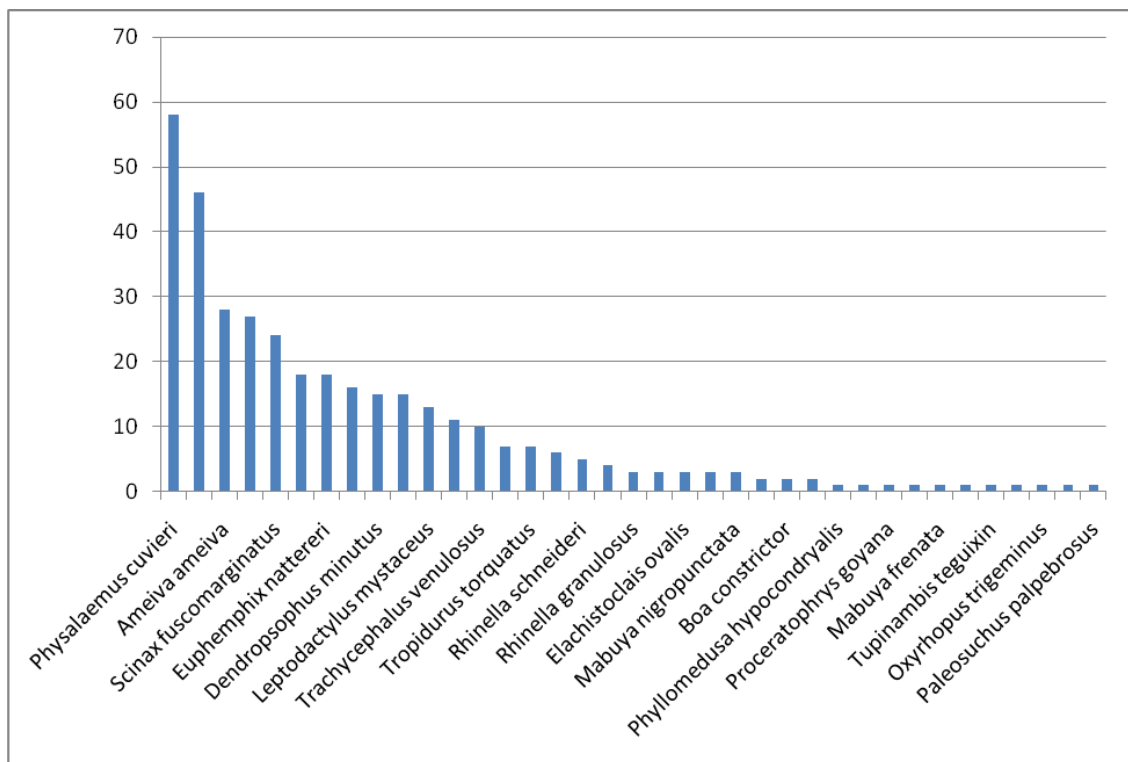


Figura 5.2-74. Abundância das espécies de répteis e anfíbios para a região I.

A curva do coletor para essa região, demonstra claramente a tendência à estabilização, mostrando que boa parte da herpetofauna regional foi inventariada.

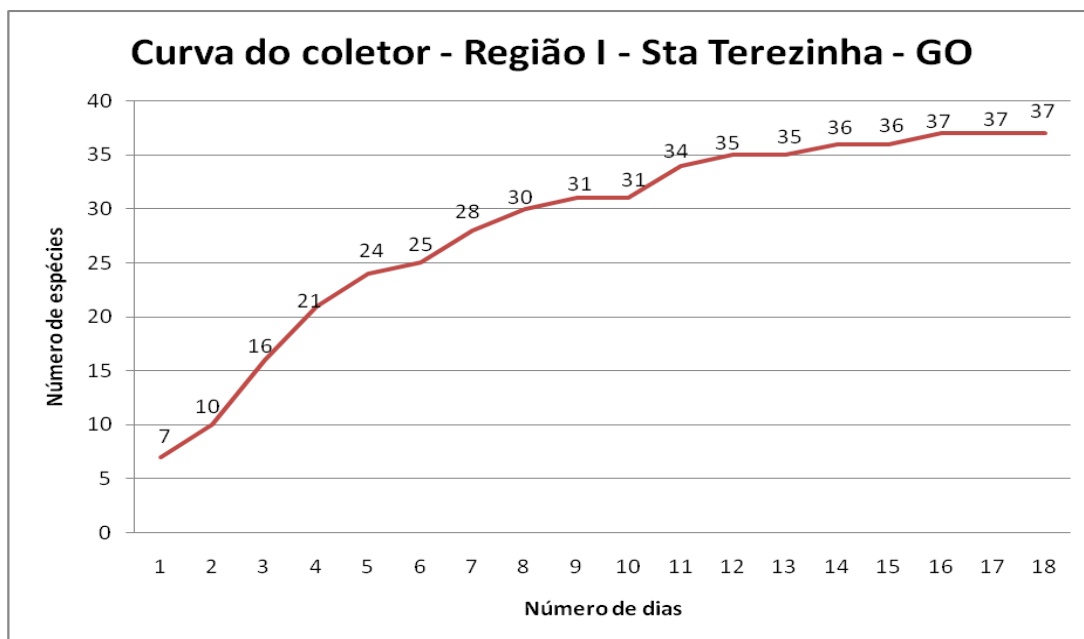


Figura 5.2-75. Curva do coletor para répteis e anfíbios na região I.

Região II

A lista de espécies registradas de répteis e anfíbios para a região II indica um total de 55 espécies, sendo 24 espécies de anfíbios, distribuídas nas famílias Bufonidae (4), Hylidae (8), Leptodactylidae (11) e Microhylidae (1); 13 espécies de lagartos, distribuídas nas famílias Gekkonidae (2), Iguanidae (1), Polychrotidae (1), Scincidae (1), Teiidae (5), Tropiduridae (3); 13 espécies de serpentes distribuídas nas famílias Boidae (4), Colubridae (6) e Viperidae (3), além de três espécies de jacarés (*Caiman crocodylus*, *Paleosuchus palpebrosus* e *Melanosuchus niger*) e duas de quelônios (*Podocnemis unifilis* e *Chelonoides carbonaria*).

Poucos estudos sobre a herpetofauna da região foram realizados, no entanto estes, indicam uma fauna composta predominantemente de espécies do Cerrado com algumas espécies típicas da Amazônia. Destacamos a ocorrência das seguintes espécies de origem amazônica: os anfíbios *Rhaebo guttatus* e *Pseudis* cf. *boliviana*, e os répteis *Kentropyx calcarata*, *Tupinambis teguixin*, *Eunectes murinus* e *Melanosuchus niger*.

Foram registradas apenas duas espécies endêmicas de Cerrado, os anfíbios: *Barycholos ternetzi* e *Rhinella ocellata*. Entre os répteis, não foi registrada nenhuma espécie endêmica.



Figura 5.2-76 Indivíduo adulto de sapo-cururu da Amazônia (*Rhaebo guttatus*).



Figura 5.2-77 Indivíduo adulto de Rãzinha (*Pseudis* cf. *boliviana*).



Figura 5.2-78 Indivíduo adulto de calango-da-mata (*Kentropyx* *calcarata*).



Figura 5.2-79. Indivíduo adulto de teiú (*Tupinambis teguixin*).



Figura 5.2-80. Indivíduo adulto de sucuri (*Eunectes murinus*).

Para essa região, as espécies mais abundantes são os anfíbios *Hypsiboas raniceps*, *Euphemphix nattereri* e *Pseudis cf. boliviana*.

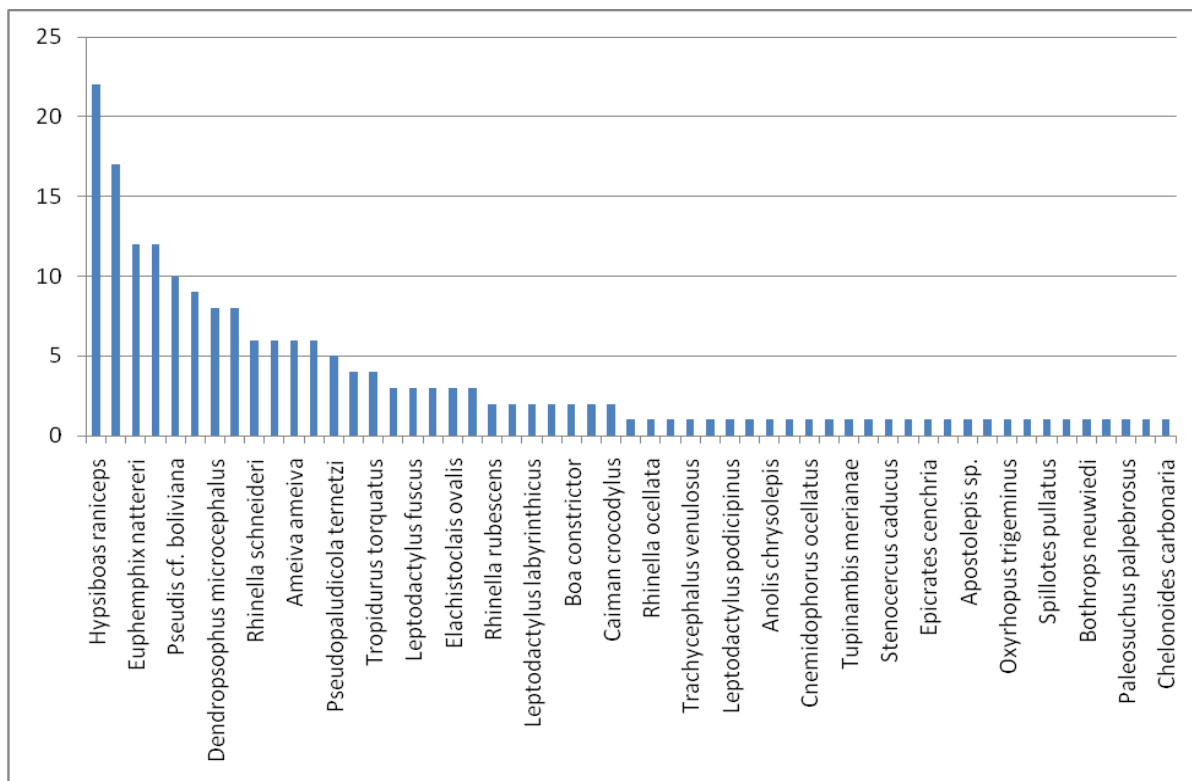


Figura 5.2-81. Abundância das espécies de répteis e anfíbios para a região II.

A curva do coletor para essa região, demonstra uma certa tendência à estabilização, sendo que o inventário realizado poderá ser ainda enriquecido com outras espécies de serpentes, sendo que este grupo necessita de estudos a longo prazo para serem quase todas registradas.

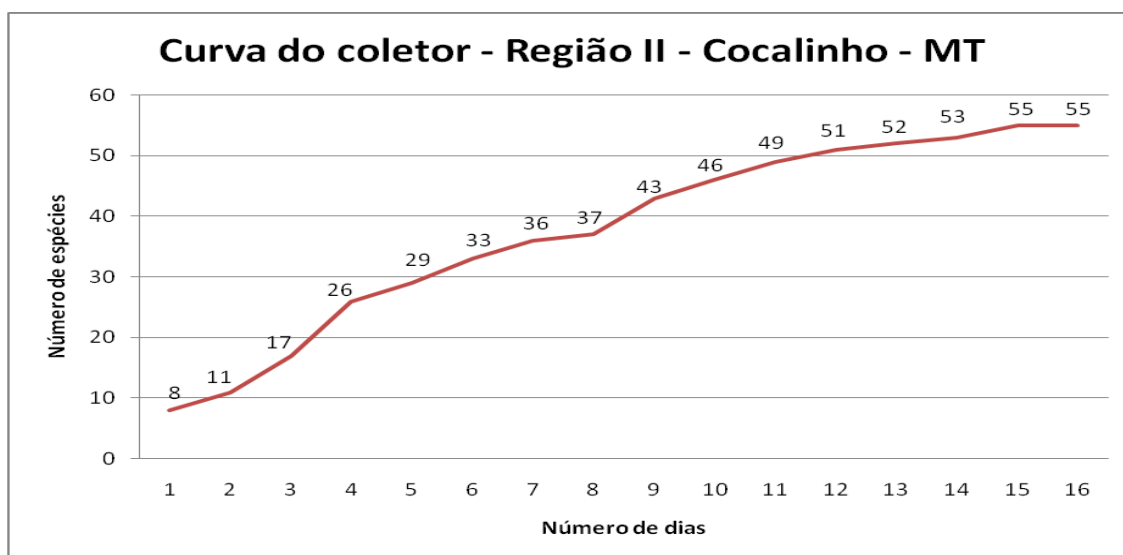


Figura 5.2-82. Curva do coletor para répteis e anfíbios na região II.

Região III

Na região da bacia hidrográfica do rio das Mortes, foram registradas para a herpetofauna 52 espécies, sendo 25 espécies de anfíbios, distribuídas nas famílias Bufonidae (3), Hylidae (9), Leptodactylidae (11) e Microhylidae (2); 14 espécies de lagartos, distribuídas nas famílias Gekkonidae (2), Gymnophthalmidae (3), Iguanidae (1), Polychrotidae (1), Scincidae (1), Teiidae (4), Tropiduridae (2); 9 espécies de serpentes distribuídas nas famílias Boidae (2), Colubridae (5) e Viperidae (2); duas espécies de jacarés (*Paleosuchus palpebrosus* e *Caiman crocodylus*) e duas espécies de quelônios (*Mesoclemmys vanderhaegei* e *Chelonoides carbonaria*).

Os resultados dos estudos de campo realizados na região, indicam uma herpetofauna típica de Cerrado, com destaque para espécies de anfíbios como *Dendropsophus rubicundulus*, *Eupemphix nattereri* (Figura 5.2-83), *Physalaemus cuvieri* e *Hypsiboas punctata* (Figura 5.2-84), que ocorre tanto no Cerrado como na Amazônia, e para os répteis teiú-açu *Tupinambis merianae* (Figura 5.2-85) e o jacaré-coroa *Paleosuchus palpebrosus* (Figura 5.2-86).

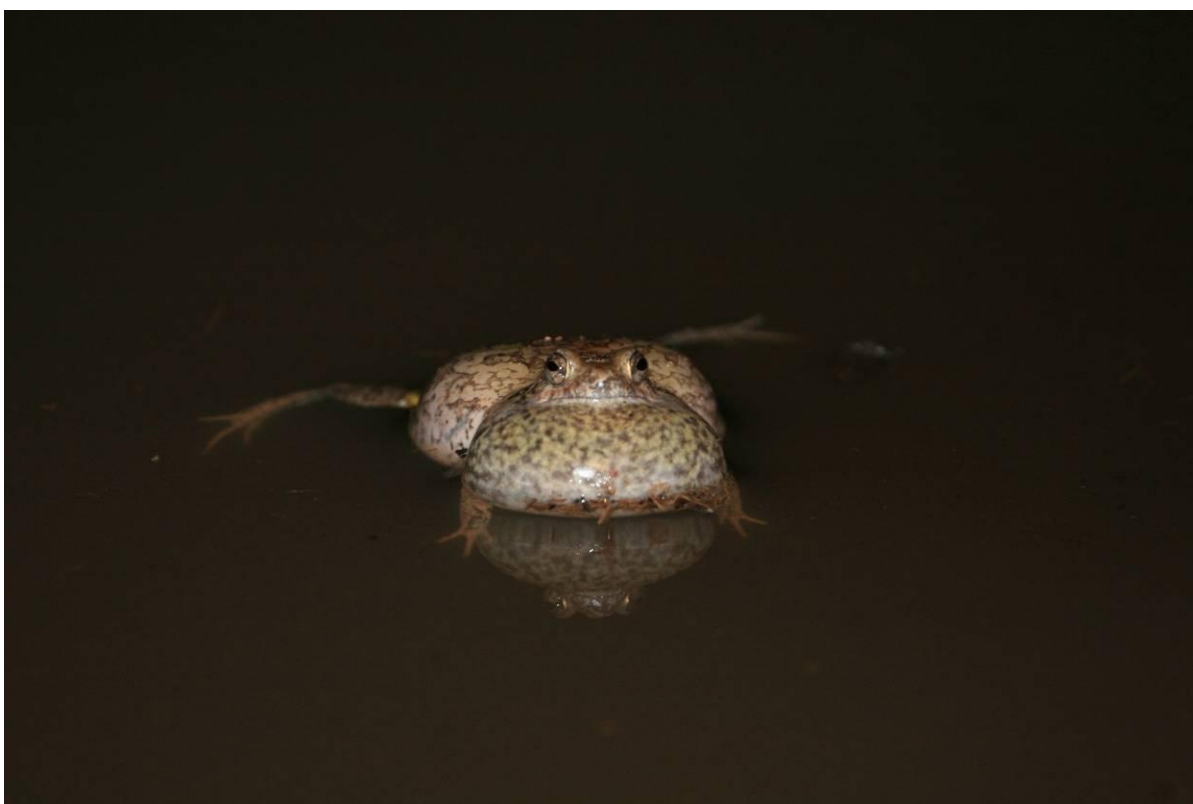


Figura 5.2-83. Indivíduo macho adulto de Rã (*Eupemphix nattereri*).



Figura 5.2-84. Indivíduo adulto de Perereca-verde (*Hypsiboas punctata*).



Figura 5.2-85. Indivíduo jovem de *Tupinambis merianae* capturado em armadilha Tomahawk.



Figura 5.2-86. Indivíduo adulto de jacaré-coroa (*Paleosuchus palpebrosus*).

Registramos duas espécies endêmicas de Cerrado, o anfíbio *Dendropsophus rubicundulus* e o lagarto *Micrablepharus atticolus*.

Para essa região, as espécies mais abundantes são os anfíbios *Physalaemus cuvieri*, *P. centralis* e *Dendropsophus minutus*, além do lagarto *Ameiva ameiva*.

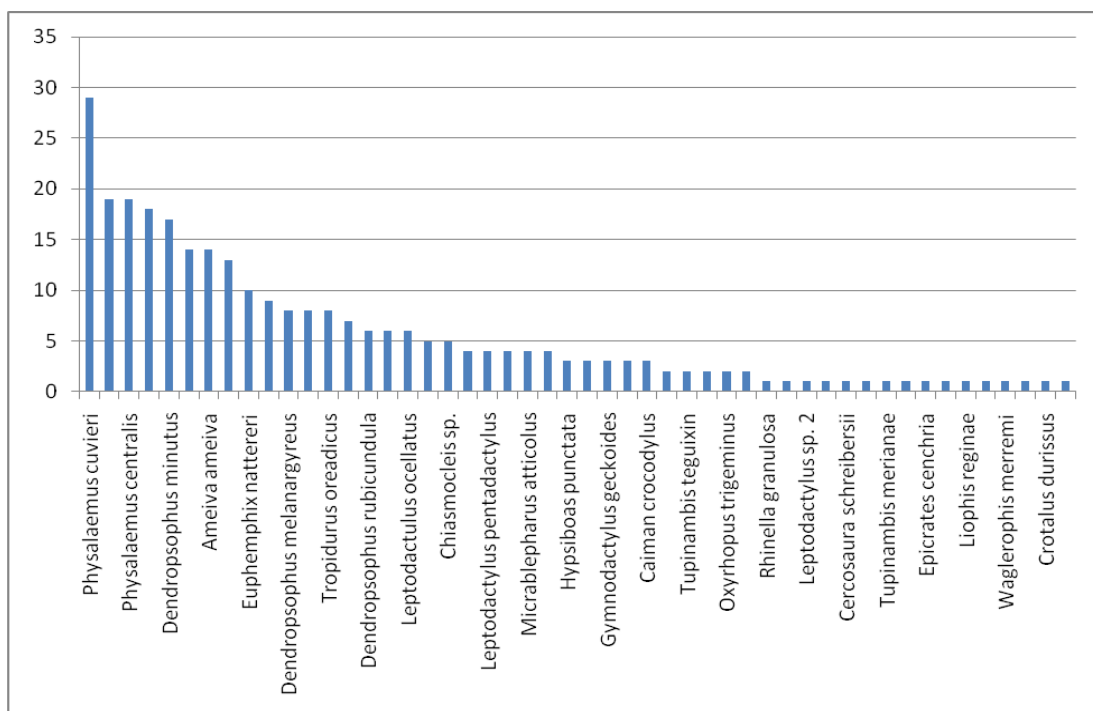


Figura 5.2-87 Abundância das espécies de répteis e anfíbios para a região III.

A curva do coletor para essa região, demonstra uma clara tendência à estabilização, sendo que o inventário realizado poderá ser ainda enriquecido com outras espécies de serpentes.

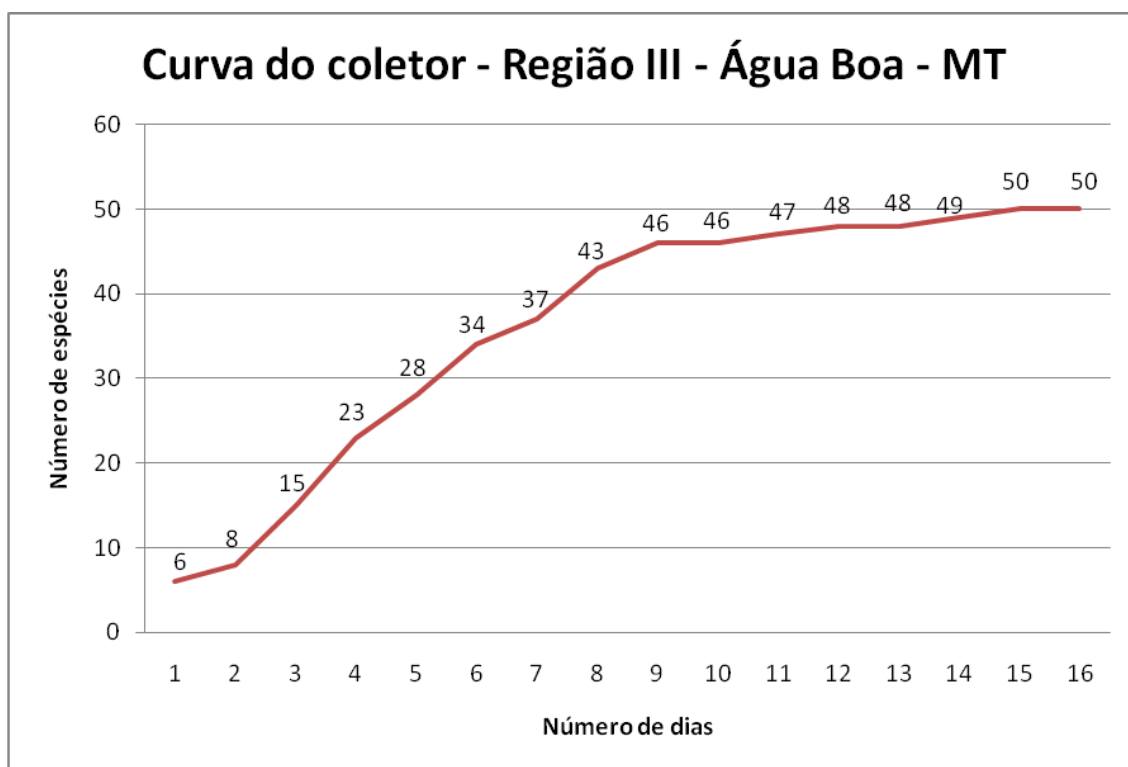


Figura 5.2-88. Curva do coletor para répteis e anfíbios na região III.

Região IV

A lista de espécies de répteis e anfíbios da região do Alto Xingu, indica um total de 62 espécies, sendo 23 espécies de anfíbios, distribuídas nas famílias Aromobatidae (1), Bufonidae (4), Hylidae (12), Leiuperidae (2), Leptodactylidae (3), e Microhylidae (1); 13 espécies de lagartos, distribuídas nas famílias Gekkonidae (3), Gymnophthalmidae (2), Iguanidae (1), Scincidae (1), Teiidae (4), Tropiduridae (2); 21 espécies de serpentes distribuídas nas famílias Anomalepididae (1), Boidae (4), Colubridae (13), Elapidae (1) e Viperidae (2), além de duas espécies de jacarés e três de quelônios.

O estudo sobre a herpetofauna realizado na região, indica uma fauna típica de Cerrado, porém com forte influência amazônica. Podemos citar como exemplos, os anfíbios *Osteocephalus taurinus*, *Rhaebo guttatus* e *Rhinella* gr. *margaritifera* (Figura a); os lagartos *Coleodactylus amazonicus* (Figura b), *Gonatodes humeralis* (Figura c), *Kentropyx calcarata* e *Tupinambis teguixin*; além das serpentes *Chironius exoletus*, *Micrurus lemniscatus* e *Bothrops atrox* (Figura d).



a.



b.



c.



d.

Figura 5.2-89. Espécies da herpetofauna de origem amazônica: a. *Rhinella gr. margaretifera*; b. *Coleodactylus amazonicus*; c. *Gonatodes humeralis*; d. *Bothrops atrox*.

Destacamos ainda a presença constante de espécies de répteis aquáticos, como o jacaré-coroa (*Paleosuchus palpebrosus*) (Figura 5.2-90), o tracajá (*Podocnemis unifilis*) (Figura 5.2-91) e a tartaruga-da-amazônia (*Podocnemis expansa*) (Figura 5.2-92).



Figura 5.2-90. Indivíduo adulto de jacaré-coroa (*Paleosuchus palpebrosus*) se alimentando de pequenos peixes.



Figura 5.2-91. Indivíduos adultos de tracajás (*Podocnemis unifilis*).



Figura 5.2-92. Indivíduo adulto de tartaruga-da-amazônia (*Podocnemis expansa*).

Foram registradas para a região, três espécies endêmicas do Cerrado: *Rhinella ocellata*, *Dendropsophis rubicundulus* e *Micrablepharus atticolus*.

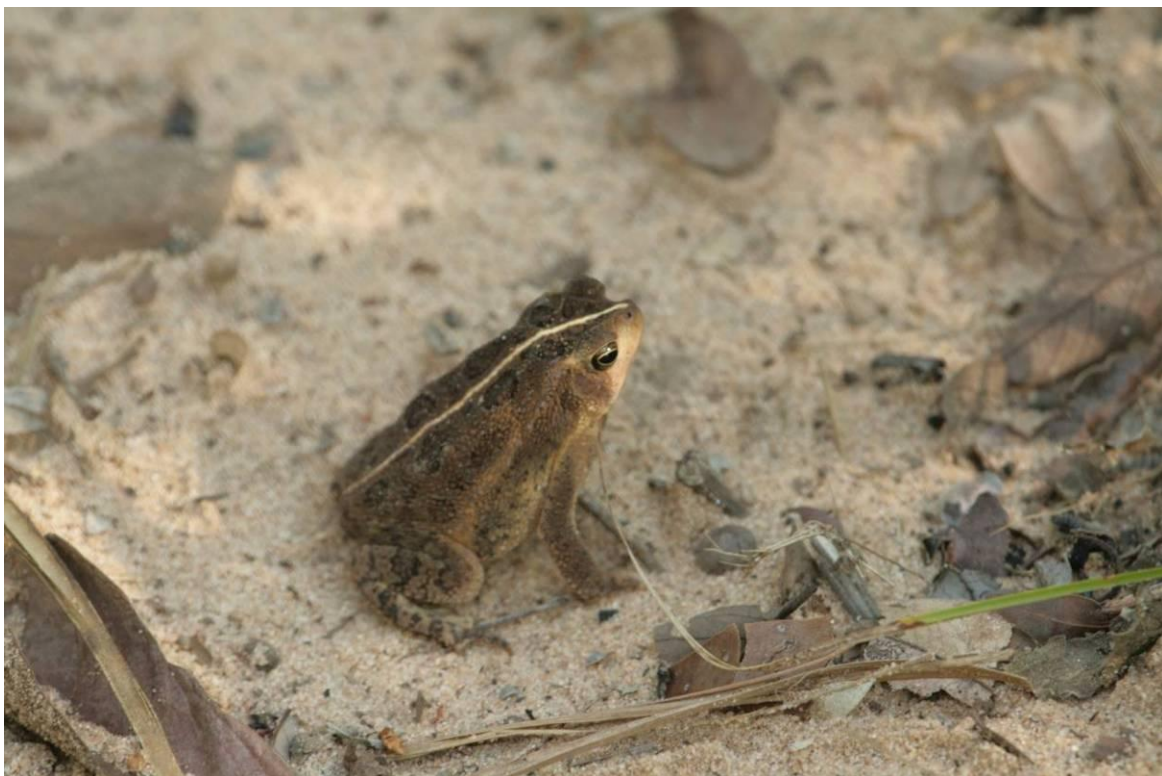


Figura 5.2-93 Indivíduo adulto de sapo-cururu (*Rhinella ocellata*).

Para essa região, as espécies mais abundantes são os anfíbios *Hypsiboas raniceps*, *Physalaemus centralis* e *Dendropsophus minutus* (Figura X).

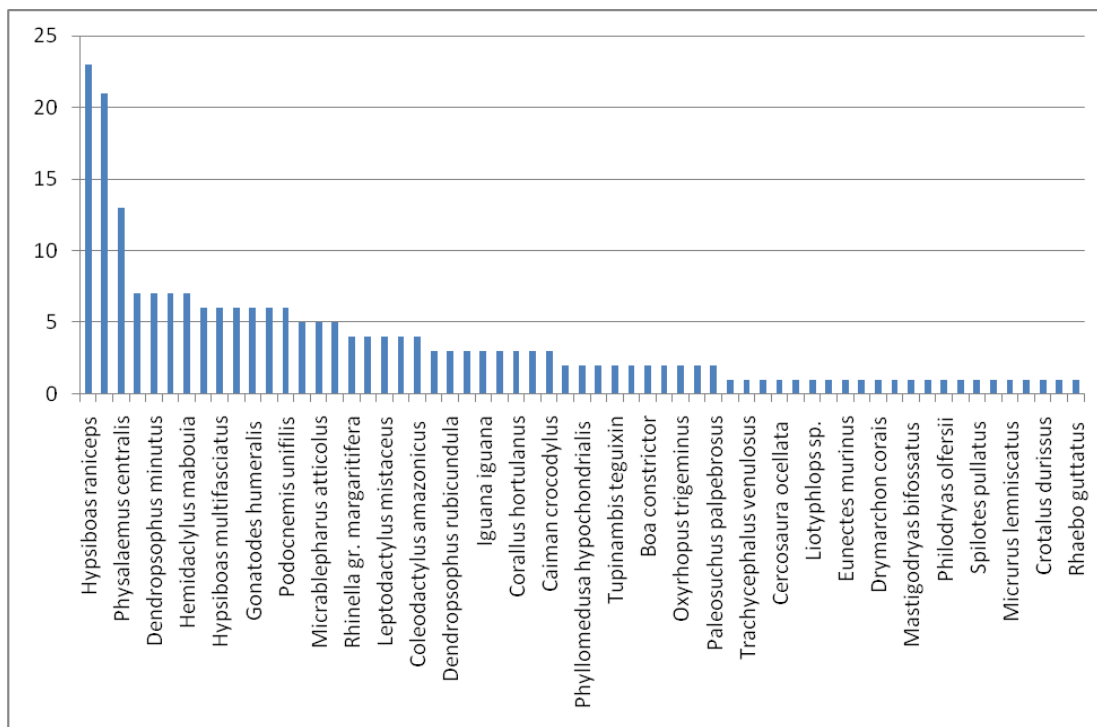


Figura 5.2-94. Abundância das espécies de répteis e anfíbios para a região IV.

A curva do coletor para essa região, demonstra uma certa tendência à estabilização.

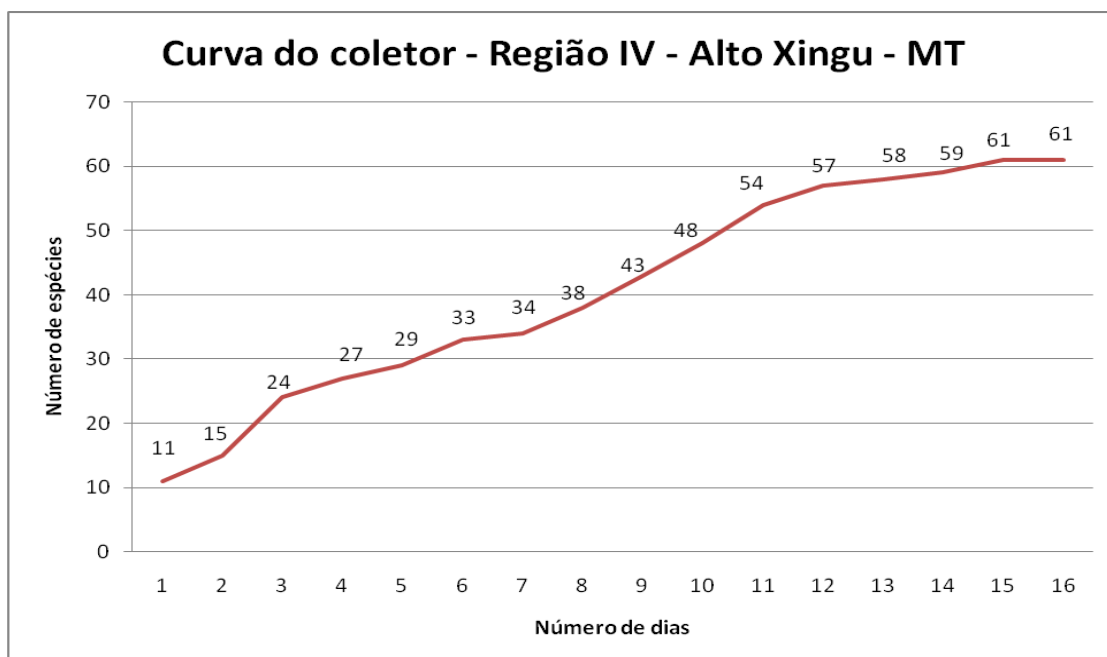


Figura 5.2-95. Curva do coletor para répteis e anfíbios na região IV.

Região V

Na região do Alto Tapajós, mais especificamente na bacia do rio Papagaio, foram registradas 43 espécies de répteis e anfíbios da região do Alto Xingu, sendo 22 espécies de anfíbios, distribuídas nas famílias Bufonidae (2), Dendrobatidae (2), Hylidae (8), Leiuperidae (3) e Leptodactylidae (7); 09 espécies de lagartos, distribuídas nas famílias Gekkonidae (3), Iguanidae (1), Polychrotidae (1), Scincidae (1), Teiidae (3), e uma espécie de anfisbena (*Amphisbaena alba*); 09 espécies de serpentes distribuídas nas famílias Boidae (2), Colubridae (6) e Viperidae (1), além de duas espécies de jacarés.

A herpetofauna da região do rio Papagaio caracteriza-se por apresentar na sua maioria espécies de distribuição geográfica ampla e que ocorrem em mais de um bioma, como o lagarto *Anolis chrysolepis* (Figura 5.2-96) e as serpentes *Corallus hortulanus* (Figura 5.2-97) e *Drymarchon corais* (Figura 5.2-98).



Figura 5.2-96 Casal de papa-vento (*Anolis chrysolepis*) em atividade de cópula.



Figura 5.2-97. Indivíduo adulto de suaçubóia (*Corallus hortulanus*).



Figura 5.2-98. Indivíduo adulto de papa-pinto (*Drymarchon corais*) predando um sapo-cururu (*Rhinella* sp.).

Além desta espécie, encontramos alguns elementos de Cerrado, bem como outros da Amazônia. Dentre os animais do Cerrado, encontramos duas espécies endêmicas: *Dendropsophus rubicundulus* e *Hoplocercus spinosus*.



Figura 5.2-99 Indivíduo macho adulto de Lagartixa-do-rabo-espinhudo (*Hoplocercus spinosus*).

Entre as espécies de origem amazônica, podemos citar os anfíbios *Ameerega picta*, *Colostethus* sp., *Hypsiboas multifasciata*, *Phyllomedusa* sp. e *Leptodactylus lineatus*; os lagartos *Coleodactylus amazonicus*, *Gonatodes humeralis*, *Tupinambis teguixin* e *Kentropyx calcarata*; e a serpente *Xenodon rabdocephalus*.

Duas espécies de anfíbios, pertencentes a famílias diferentes, merecem destaque especial: *Ameerega picta* (Figura a) e *Leptodactylus lineatus* (Figura b). Esses animais representam um fenômeno não tão comum em anfíbios, o mimetismo. Enquanto o sapo-flecha *A. picta*, pertencente à família Dendrobatidae, possui glândulas produtoras de potentes toxinas na pele, o leptodactílideo *L. lineatus* não possui um veneno potente, porém apresenta um padrão de coloração muito semelhante ao dendrobatídeo, confundindo assim seus predadores.



a.

b.

Figura 5.2-100. Mimetismo em anfíbios: (a) *Ameerega picta* e (b) *Leptodactylus lineatus*.

Para essa região, as espécies mais abundantes são os anfíbios *Physalaemus cuvieri*, *Leptodactylus fuscus* e *Dendropsophus minutus*, além do lagarto nativo *Ameiva ameiva* e do lagarto exótico *Hemidactylus mabouia*.

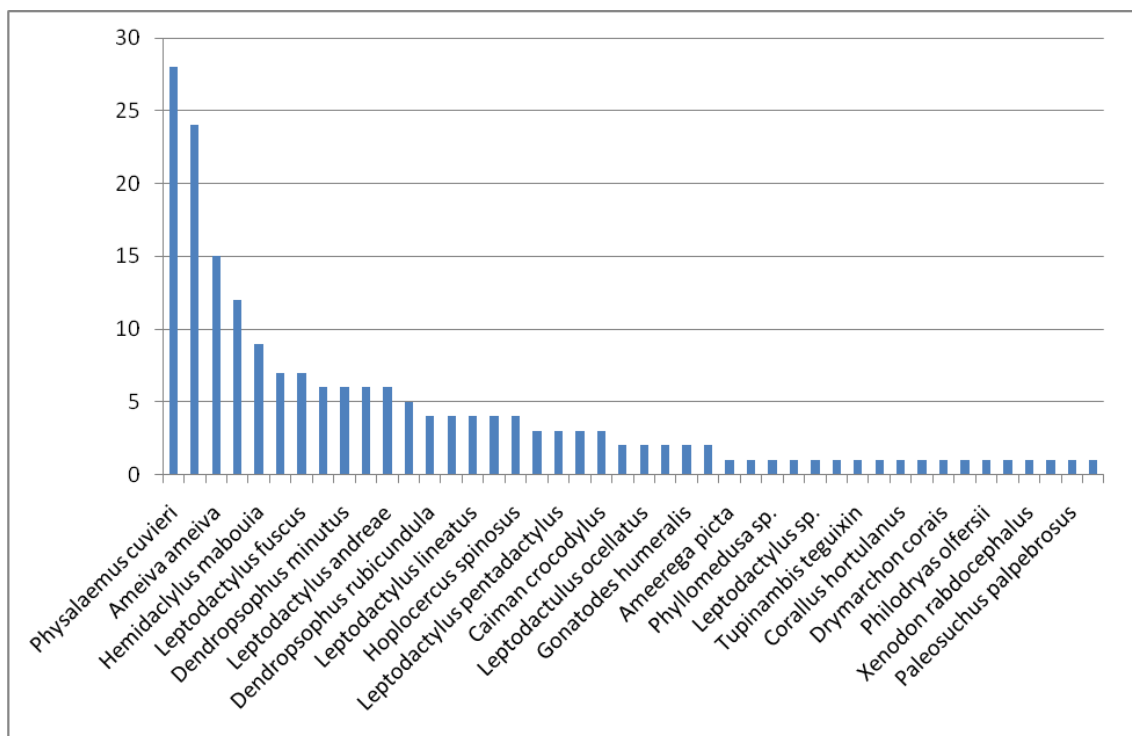


Figura 5.2-101. Abundância das espécies de répteis e anfíbios para a região V.

A curva do coletor para essa região, demonstra uma clara tendência à estabilização.

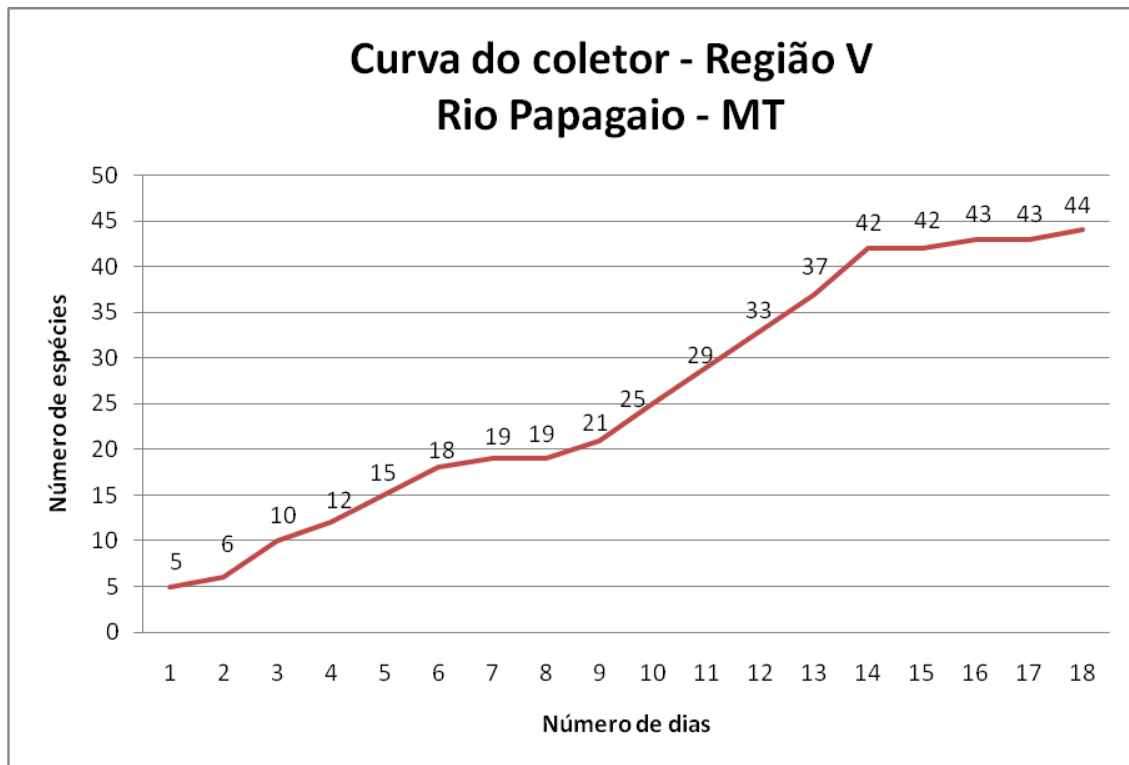


Figura 5.2-102. Curva do coletor para répteis e anfíbios na região V.

Região VI

Foram registradas um total de 40 espécies de répteis e anfíbios na região de Vilhena, sendo 17 espécies de anfíbios, distribuídas nas famílias Bufonidae (2), Hylidae (6), Leiuperidae (2) e Leptodactylidae (7); 14 espécies de lagartos, distribuídas nas famílias Gekkonidae (1), Gymnophthalmidae (2), Iguanidae (1), Hoplocercidae (1), Leiosauridae (1), Polychrotidae (1), Scincidae (1), Teiidae (3), Tropiduridae (3) e uma espécie de anfisbena (*Amphisbaena alba*); 06 espécies de serpentes distribuídas nas famílias Boidae (2), Typhlopidae (1) e Colubridae (3), além de duas espécies de jacarés.

A herpetofauna da região de Vilhena se caracteriza por espécies típicas da Amazônia, como os anfíbios *Rhinella* gr. *margaritifer*, *Dendropsophus marmoratus*, *Phyllomedusa camba* e *Scinax* gr. *rostratus* (Figura 5.2-103); os lagartos *Gonatodes hasemani* (Figura 5.2-104), *Iphisa elegans* (Figura 5.2-105), *Enyalius leechi* (Figura 5.2-106), *Anolis punctatus* (Figura 5.2-107), *Plica umbra* (Figura 5.2-108) e duas espécies de *Stenocercus* (Figura 5.2-109); além das serpentes *Echinanthera undulata* e *Typhlops reticulata* (Figura 5.2-110).



Figura 5.2-103. Indivíduo adulto de perereca (*Scinax gr. rostratus*).



Figura 5.2-104. Indivíduo macho adulto de ;agartixa (*Gonatodes hasemani*).



Figura 5.2-105. Indivíduo adulto de *Iphisa elegans*.



Figura 5.2-106. Indivíduo adulto de calango (*Enyalius leechi*).



Figura 5.2-107. Indivíduo adulto de papa-vento (*Anolis punctatus*).



Figura 5.2-108. Indivíduo adulto de calango-da-mata (*Plica umbra*).



a.

b.

Figura 5.2-109. Indivíduos adultos de a. *Stenocercus roseiventris* e b. *Stenocercus* sp.



Figura 5.2-110 Indivíduo adulto de cobra-de-vidro (*Typhlops reticulata*).

Para essa região, as espécies mais abundantes são os anfíbios *Physalaemus cuvieri*, *Scinax* gr. *rostratus* e *Dendropsophus minutus*, além dos lagartos *Ameiva ameiva* e *Hoplocercus spinosus*.

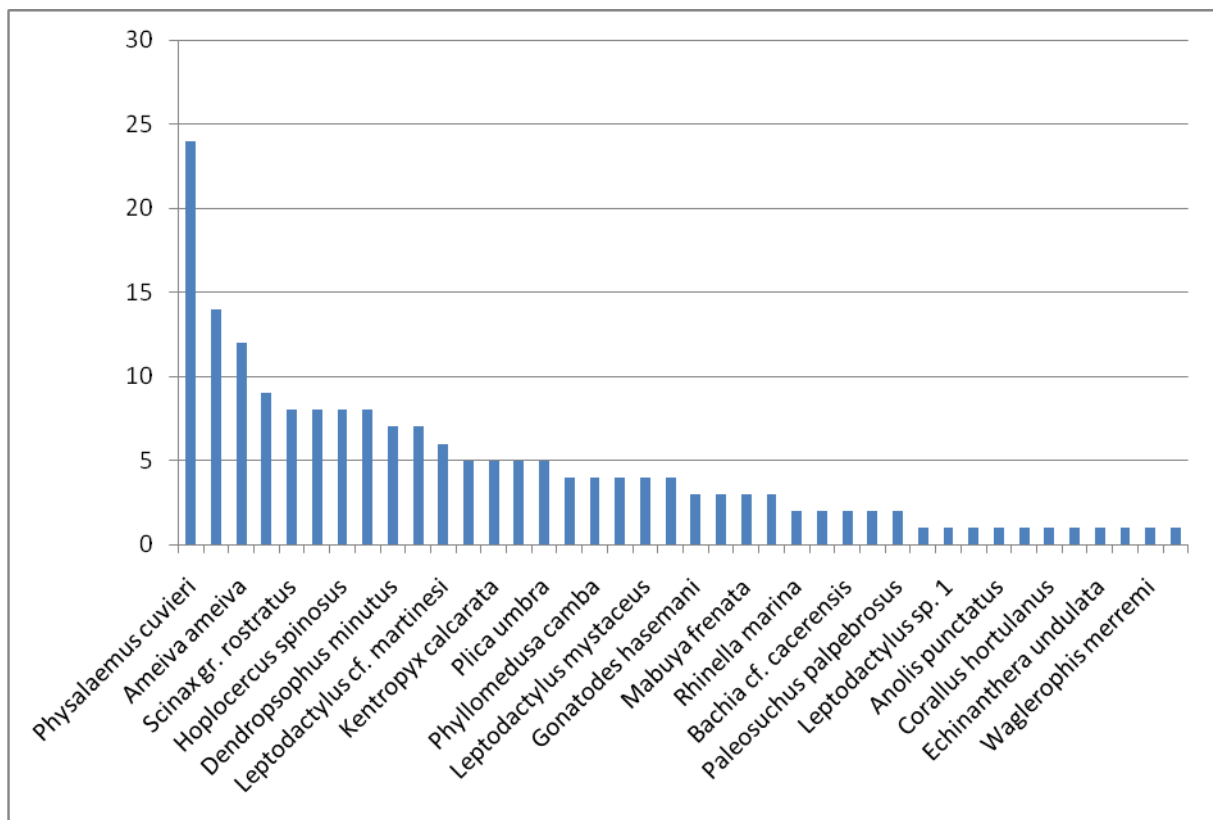


Figura 5.2-111 Abundância das espécies de répteis e anfíbios para a região VI.

A curva do coletor para essa região, demonstra uma clara tendência à estabilização.

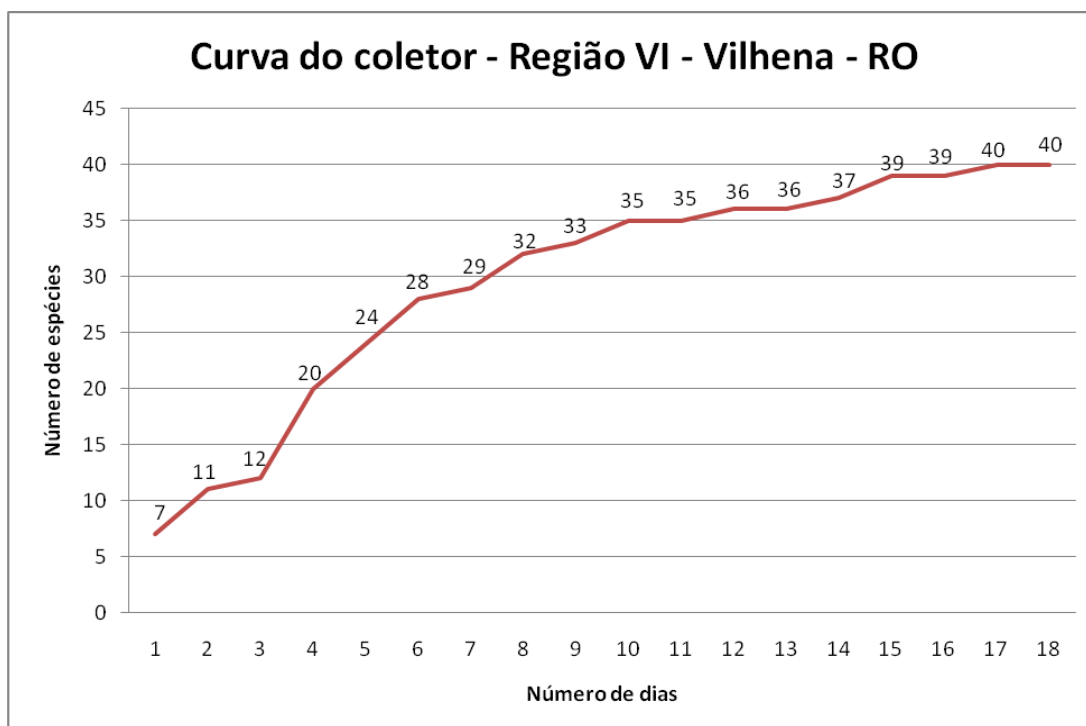


Figura 5.2-112. Curva do coletor para répteis e anfíbios na região VI.

Tabela 5.2-54. Espécies de anfíbios registradas na área de influência da ferrovia EF 354, Uruaçu-GO – Vilhena-RO, com nome popular, abundância e distribuídas nas seis regiões estudadas.

FAMÍLIA E ESPÉCIE	Nome popular	Sta Terezinha	Cocalinho	Água Boa	Xingu	Papagaio	Vilhena
AROMOBATIDAE (1)							
<i>Allobates femoralis</i>	Sapo-flecha				1		
BUFONIDAE (8)							
<i>Rhaebo guttatus</i>	Sapo-cururu		1		1		
<i>Rhinella granulose</i>	Sapo-cururu	3		1			
<i>Rhinella gr. Margaritifera</i>	Sapo-cururu				4		4
<i>Rhinella marina</i>	Sapo-cururu				7	6	2
<i>Rhinella ocellata</i>	Sapo-cururu		1		1		
<i>Rhinella rubescens</i>	Sapo-cururu		2				
<i>Rhinella schneideri</i>	Sapo-cururu	5	6	14	6	12	
<i>Rhinella sp.</i>	Sapo-cururu			18			
CYCLORAMPHIDAE (1)							
<i>Proceratophrys goyana</i>	Rãzinha	1					
DENDROBATIDAE (2)							
<i>Ameerega picta</i>	Sapo-flecha					1	
<i>Colostethus sp.</i>	Sapo-flecha					1	
HYLIDAE (21)							
<i>Dendropsophus cruzi</i>	Perereca	7					
<i>Dendropsophus marmoratus</i>							3
<i>Dendropsophus melanargyreus</i>	Perereca	3	2	8	5		
<i>Dendropsophus microcephalus</i>	Perereca		8	13	3		
<i>Dendropsophus minutus</i>	Perereca	15		17	7	6	7
<i>Dendropsophus rubicundulus</i>	Perereca			6	3	4	
<i>Hypsiboas multifasciata</i>					6	7	9
<i>Hypsiboas punctata</i>	Perereca-verde			3		2	

FAMÍLIA E ESPÉCIE	Nome popular	Sta Terezinha	Cocalinho	Água Boa	Xingu	Papagaio	Vilhena
<i>Hypsiboas raniceps</i>	Perereca	46	22	19	23		14
<i>Hypsiboas wavrini</i>					2		
<i>Osteocephalus taurinus</i>					3		
<i>Phyllomedusa camba</i>							4
<i>Phyllomedusa hypocondryalis</i>	Perereca-verde	1	1		2		
<i>Phyllomedusa</i> sp.						1	
<i>Pseudis</i> cf. <i>boliviana</i>	Rãzinha		10				
<i>Scinax fuscomarginatus</i>	Pererca	24	3	9	7	6	
<i>Scinax fuscovarius</i>	Perereca-de-banheiro	18	4	6		2	
<i>Scinax</i> gr. <i>rostratus</i>							8
<i>Scinax ruber</i>					4		
<i>Scinax</i> sp.						1	
<i>Trachycephalus venulosus</i>	Perereca-leite	10	1	4	1		
LEIUPERIDAE (5)							
<i>Eupemphix nattereri</i>		18	12			24	
<i>Physalaemus centralis</i>	Rã	16		19	13		
<i>Physalaemus cuvieri</i>	Rã-cachorro	58	17	29	21	28	24
<i>Pseudopaludicola falcipes</i>		4	5				
<i>Pseudopaludicola</i> sp.				7		5	4
LEPTODACTYLIDAE (16)							
<i>Leptodactylus andreae</i>	Rãzinha-da-mata						
<i>Leptodactylus fuscus</i>	Rã-pimenta					6	5
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	Rã	27	3	3	6	7	4
<i>Leptodactylus lineatus</i>			2	5	1	4	1
<i>Leptodactylus lineatus</i>	Rãzinha					4	
<i>Leptodactylus martinesi</i>	Rãzinha		6				6
<i>Leptodactylus mystaceus</i>	Rã	13	8		4	2	4
<i>Leptodactylus ocellatus</i>			2	6		2	
<i>Leptodactylus pentadactylus</i>	Rã			4		3	
<i>Leptodactylus podicipinus</i>	Rã		1				
<i>Leptodactylus pustulosus</i>	Rãzinha		3	4			

FAMÍLIA E ESPÉCIE	Nome popular	Sta Terezinha	Cocalinho	Água Boa	Xingu	Papagaio	Vilhena
<i>Leptodactylus siphax</i>		1					
<i>Leptodactylus</i> sp. 1				1			
<i>Leptodactylus</i> sp. 2				1			
<i>Leptodactylus</i> sp. 3						1	
<i>Leptodactylus</i> sp. 4							1
<i>Leptodactylus</i> sp. 5							1
MICROHYLIDAE (2)							
<i>Elachistoclaís ovalis</i>		3	4	8	4		
<i>Chiasmocleís</i> sp.				5			
STRABOMANTIDAE (1)							
<i>Barycholos ternetzi</i>	Rã		1	10			

Tabela 5.2-55. Espécies de lagartos e anfisbenas registradas na área de influência da ferrovia EF 354, Uruaçu-GO – Vilhena-RO, com nome popular, abundância e distribuídas nas seis regiões estudadas.

FAMÍLIA E ESPÉCIE	Nome popular	Sta Terezinha	Cocalinho	Água Boa	Xingu	Papagaio	Vilhena
AMPHISBAENIDAE (1)							
<i>Amphisbaena alba</i>	Anfisbena; cobra-de-duas-cabeças					1	1
GEKKONIDAE (5)							
<i>Coleodactylus amazonicus</i>	Lagartixinha				4	1	
<i>Gonatodes hasemani</i>	Lagartixa						3
<i>Gonatodes humeralis</i>	Lagartixa		1		6	2	
<i>Gymnodactylus geckoides</i>	Lagartixa	2		3			
<i>Hemidactylus mabouia</i>	Lagartixa-doméstica	6	9	2	7	9	
GYMNOPHTHALMIDAE (7)							
<i>Bachia cf. cacerensis</i>	Cobra-de-vidro						2
<i>Cercosaura ocellata</i>	Calanguinho			1	1		
<i>Cercosaura schreibersii</i>	Calanguinho			1			
<i>Colobosaura modesta</i>	Calanguinho	3					
<i>Iphisa elegans</i>	Calanguinho						8
<i>Micrablepharus atticolus</i>	Briba			4	5		
<i>Micrablepharus maximiliani</i>	Briba	11					
IGUANIDAE (1)							
<i>Iguana iguana</i>	Camaleão		3		4	1	3
HOPLOCERCIDAE (1)							
<i>Hoplocercus spinosus</i>	Lagartixa-do-rabo-espinhudo					4	8
LEIOSAURIDAE (1)							
<i>Enyalius leechi</i>	Calango						7
POLYCHROTIDAE (1)							

FAMÍLIA E ESPÉCIE	Nome popular	Sta Terezinha	Cocalinho	Água Boa	Xingu	Papagaio	Vilhena
<i>Anolis chrysolepis</i>	Papa-vento	1	1	1		1	
<i>Anolis punctatus</i>	Papa-vento-verde						1
SCINCIDAE (2)							
<i>Mabuya frenata</i>	Lagarto-liso	1	1				3
<i>Mabuya nigropunctata</i>	Lagarto-liso	3		3	4	1	
TEIIDAE (6)							
<i>Ameiva ameiva</i>	Calango-verde	28	6	14	6	15	12
<i>Cnemidophorus ocellatus</i>	Calanguinho		1	4			
<i>Kentropyx calcarata</i>	Calango-da-mata		1		2	3	5
<i>Tupinambis merianae</i>	Teiú-açu	1	1	1	1		
<i>Tupinambis quadrilineatus</i>	Teiú-do-cerrado	2					
<i>Tupinambis teguixin</i>	Teiú	1	1	2	1	1	2
TROPIDURIDAE (6)							
<i>Plica umbra</i>	Plica						5
<i>Stenocercus caducus</i>	Calango		1				
<i>Stenocercus roseiventris</i>	Calango						8
<i>Stenocercus sp.</i>	Calango						5
<i>Tropidurus torquatus</i>	Calango	7	4	2	2		
<i>Tropidurus oreadicus</i>	Calango	15	12	8	5		

Tabela 5.2-56. Espécies de serpentes registradas na área de influência da ferrovia EF 354, Uruaçu-GO – Vilhena-RO, com nome popular, abundância e distribuídas nas seis regiões estudadas.

FAMÍLIA E ESPÉCIE	Nome popular	Sta Terezinha	Cocalinho	Água Boa	Xingu	Papagaio	Vilhena
ANOMALEPIDIDAE (1)							
<i>Liotyphlops</i> sp.	Cobra-cega				1		
BOIDAE (4)							
<i>Boa constrictor</i>	Jibóia	2	3	1	2	1	1
<i>Corallus hortulanus</i>	Suaçubóia		1		3	1	1
<i>Epicrates cenchria</i>	Jibóia-arco-íris		1	1	1		
<i>Eunectes murinus</i>	Sucuri		1		1		
COLUBRIDAE (18)							
<i>Apostolepis</i> cf. <i>polylepis</i>	Coral-falsa					1	
<i>Apostolepis</i> sp.	Coral-falsa		1				
<i>Chironius exoletus</i>	Cobra-cipó				1		
<i>Dendrophidion dendrophis</i>	Cobra-cipó					1	
<i>Drymarchon corais</i>	Papa-pinto			1	1	1	
<i>Echinanthera undulata</i>	Papa-rã						1
<i>Helicops angulatus</i>	Cobra d`água				2		
<i>Leptodeira annulata</i>	Dormideira				1		
<i>Liophis reginae</i>	Cobra d`água	2	1	1	3		
<i>Mastigodryas bifossatus</i>	Jararacuçu-do-brejo				1		
<i>Oxybelis aeneus</i>	Bicuda				1		
<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	Coral-falsa	1	1	1	2		
<i>Philodryas olfersii</i>	Cobra-cipó		1	1	1	1	
<i>Phimophis guerini</i>	Bicudinha				1		

FAMÍLIA E ESPÉCIE	Nome popular	Sta Terezinha	Cocalinho	Água Boa	Xingu	Papagaio	Vilhena
<i>Spilotes pullatus</i>	Caninana		1		1		1
<i>Tantilla melanocephala</i>	Coral-falsa				1		
<i>Waglerophis merremi</i>	Boipeva		2	1	2	1	1
<i>Xenodon rabdocephalus</i>	Achatadeira					1	
ELAPIDAE (1)							
<i>Micrurus lemniscatus</i>	Coral-verdadeira				1		
TYPHLOPIDAE (1)							
<i>Typhlops reticulata</i>	Cobra-de-vidro						1
VIPERIDAE (4)							
<i>Bothrops atrox</i>	Jararaca				1		
<i>Bothrops moojeni</i>	Jararaca; jararacuçu	1	1	1			
<i>Bothrops neuwiedi</i>	Jararaca-pintada		1			1	
<i>Crotalus durissus</i>	Cascavel		1	1	1		

Tabela 5.2-57. Espécies de jacarés e quelônios registradas na área de influência da ferrovia EF 354, Uruaçu-GO – Vilhena-RO, com nome popular, abundância e distribuídas nas seis regiões estudadas.

FAMÍLIA E ESPÉCIE	Nome popular	Sta Terezinha	Cocalinho	Água Boa	Xingu	Papagaio	Vilhena
CROCODYLA							
ALLIGATORIDAE (3)							
<i>Caiman crocodylus</i>	Jacaré-tinga		2	3	2	3	3
<i>Melanosuchus niger</i>	Jacaré-açú		1				
<i>Paleosuchus palpebrosus</i>	Jacaré-coroa	1	1	1	6	1	2
TESTUDINES							
CHELIDAE							
<i>Mesoclemmys vanderhaegei</i>	Cágado vanderhaege			1			
PODOCNEMIDIDAE							
<i>Podocnemis expansa</i>	Tartaruga-da-amazônia		1		1		
<i>Podocnemis unifilis</i>	Tracajá		1		1		
TESTUDINIDAE							
<i>Chelonoides carbonaria</i>	Jabuti		1	1	1		
<i>Chelonoides denticulata</i>	Jabuti					1	

5.2.4.2.2.4 AVIFAUNA

Por cortar transversalmente sucessivos interflúvios amazônicos, a área de influência da Ferrovia 354 é notória por corresponder à região das maiores diversidade de aves do mundo: a Amazônia.

Considerando as seis regiões amostradas, segundo os registros de campo, para o inventário geral da área de influência do empreendimento foram registradas 452 espécies de aves até o presente momento, em um total de 110 dias de amostragem com cerca 1000 horas de observações em campo incluindo as três metodologias descritas (Anexo 1). A curva do coletor mostra a evolução acumulativa do inventário geral com o aumento dos esforços em cada novo sítio amostrado.

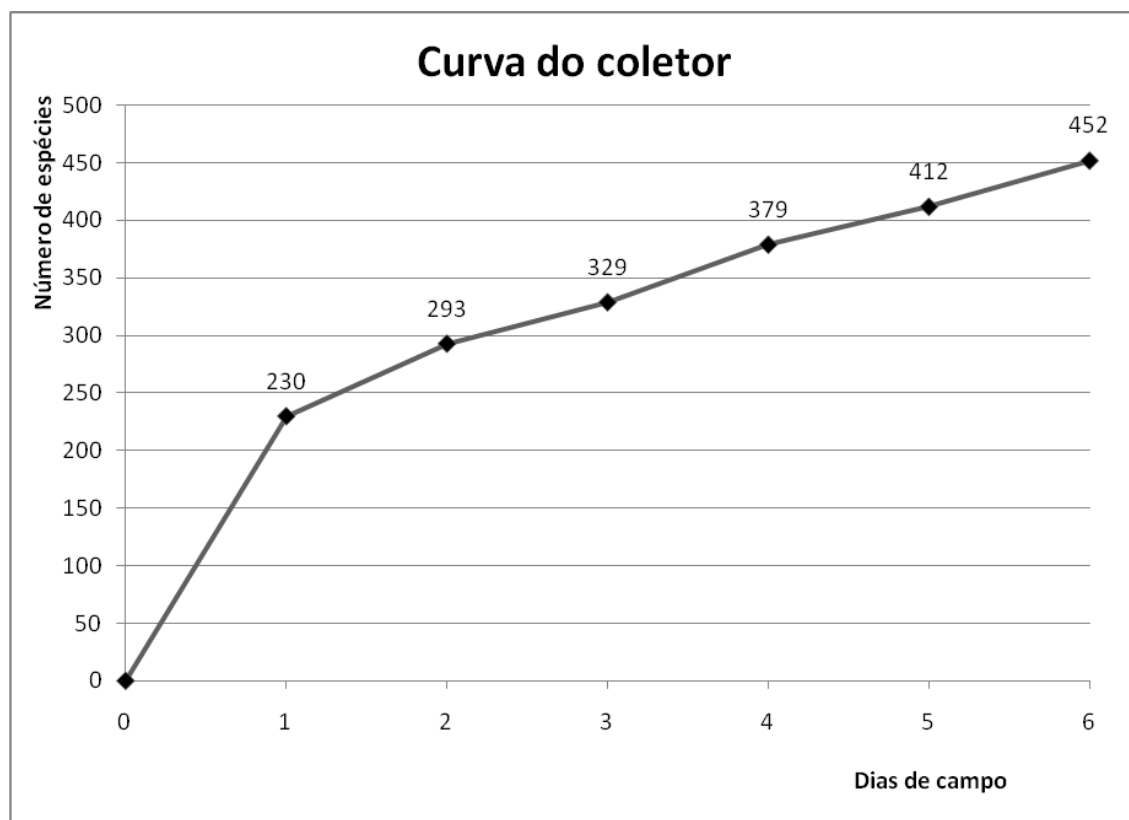


Figura 5.2-113: Curva acumulativa de espécies de aves inventariadas por sítio amostral no EIA da área de influência da ferrovia EF 354 Uruaçu – GO – Vilhena – RO, sendo Sítio 1 - Santa Terezinha; Sítio 2 - Cocalinho; Sítio 3 - Água Boa; Sítio 4 - Xingu; Sítio 5 - Papagaio; Sítio 6 – Vilhena.

Através da curva do coletor para toda a área de influência estudada, fica claro como cada nova região amostrada contribui significativamente para o aumento do inventário geral. Isto corrobora o esperado, pois existe grande variedade de ambientes presentes na extensa área de influência do empreendimento que tem início no bioma Cerrado

(Uruaçu-Go) e termina na região conhecida como Portal da Amazônia (Vilhena-GO). Este resultado reforça a importância de uma amostragem com um número significativo de unidades amostrais que visem abranger a maior diversidade possível de ambientes presentes na área de influência do empreendimento.

Por localizar-se principalmente na área de ecótono entre o Cerrado e a Amazônia, no inventário geral constam espécies características dos dois biomas, apresentando tanto ambientes típicos do Cerrado como áreas contínuas floresta estacional e ombrófila típicas da transição para a floresta amazônica.



Figura 5.2-114: Área de cerrado típico no sítio Xingu (Foto: Sandro Barata).



Figura 5.2-115 Floresta ombrófila no sítio Vilhena, fitofisionomia típica da região amazônica (Foto: Sandro Barata).

A distribuição das espécies ameaçadas nos biomas é desigual. A maioria das espécies (125) ocorre em apenas um bioma, outras 24 espécies ocorrem em dois biomas e apenas 11 espécies vivem em três ou mais biomas. Tais números refletem a restrição destes táxons a determinados ambientes e revela o quanto cada um é impactado pelas ações humanas. Esta constatação leva à tomada de decisões e ações de conservação efetivas e localizadas, e nesse ponto é extremamente importante a iniciativa do governo brasileiro e de organizações não-governamentais de fomentar pesquisas dirigidas especificamente para estas espécies ameaçadas. Sem causar surpresa, 98 dos 160 táxons de aves ameaçados de extinção ocorrem principalmente na Mata Atlântica. Em segundo lugar, também sem causar qualquer surpresa, esta o Cerrado, com 26 táxons que ocorrem primariamente no Cerrado. Juntos, o Cerrado e a Mata Atlântica somam 124 espécies (78% da lista) e demonstram, por si, o grau de degradação destes dois biomas. (MMA, 2008).

Quanto ao Status de ameaça das espécies registradas, apenas as seguintes figuram em alguma categoria de ameaça segundo os critérios já citados (IUCN 2007):

- *Rhea americana* ema: Registrada em todos os sítios de amostragem durante as duas campanhas. Figura como próximo de ser considerada ameaçada (“near threatened”) (IUCN 2007).

- *Penelope ochrogaster* jacu-de-barriga-castanha: Já citada como endêmica do Cerrado, figura como “vulnerável” tanto no Livro Vermelho da Fauna Ameaçada (MMA 2008) como na Red List (IUCN 2007).
- *Alipiopsitta xanthops* papagaio-galego: Já citado anteriormente, figura como próximo de ser considerado ameaçado (“near threatened”) (IUCN 2007).
- *Cercomacra ferdinandi* chororó-de-goiás: Também já citado anteriormente, como endêmica do Cerrado, figura como “vulnerável” tanto no Livro Vermelho da Fauna Ameaçada (MMA 2008) como na Red List (IUCN 2007).
- *Rhegmatorhina hoffmannsi* mãe-de-taoca-papuda: Registrada no sítio 6 ao longo das duas campanhas de amostragem, figura como próximo de ser considerado ameaçado (“near threatened”) (IUCN 2007).

Em relação aos endemismos, foram registradas 11 espécies endêmicas do bioma Cerrado. São elas:

- *Penelope ochrogaster* jacu-de-barriga-castanha: Registrada no sítio 2 (Cocalinho) durante a segunda campanha.
- *Alipiopsitta xanthops* papagaio-galego: Registrada nos sítios 2 e 3 nas duas campanhas.
- *Herpsilochmus longirostris* chorozinho-de-bico-comprido: Registrada nos sítios 1,2,3 e 4 ao longo das duas campanhas.
- *Cercomacra ferdinandi* chororó-de-goiás: Registrada no sítio 2 (Cocalinho) durante a primeira campanha.
- *Berlepschia rikeri* limpa-folha-do-buriti: Registrada no sítio 1 (Sta Terezinha de Goiás) durante a primeira campanha.
- *Hylocryptus rectirostris* fura-barreira: Registrada no sítio 3 nas duas campanhas de amostragem.
- *Antilophia galeata* soldadinho: Registrada nos sítios 1,3 e 4 durante a primeira campanha.
- *Cyanocorax cristatellus* gralha-do-campo: Registrada nos sítios 1,2,3 e 5 ao longo das duas campanhas de amostragem.
- *Cypsnagra hirundinacea* bandoleta: Registrada no sítio 1 durante a primeira campanha.

- *Paroaria baeri* cardeal-de-goiás: Registrada no sítio 2 durante a segunda campanha.
- *Saltator atricollis* bico-de-pimenta: Registrada nos sítios 1,3,4 e 5 ao longo das duas campanhas de amostragem.

Quanto aos endêmicos do Brasil, foram registrados em campo:

- *Nystalus maculatus* rapazinho-dos-velhos: Registrada nos sítios 1,2,3,4 e 5 ao longo das duas campanhas de amostragem.
- *Cyanocorax chrysops* gralha-picaça: Registrada no sítio 5 e 6 durante a primeira campanha.
- *Cyanocorax cyanopogon* gralha-cancã: Registrada nos sítios 1,2,3 e 4 ao longo das duas campanhas de amostragem.
- *Schistochlamys ruficapillus* bico-de-veludo: Registrada no sítio 5 ao longo das duas campanhas de amostragem.
- *Lepidothrix iris* cabeça-de-prata: Registrada nos sítios 4,5,6 ao longo das duas campanhas de amostragem.
- *Rhegmatorhina hoffmannsi* mãe-de-taoca-papuda: Registrada no sítio 6 (Vilhena) durante a primeira campanha.

Levando em consideração o centro de distribuição geográfica, 54 espécies são consideradas características da Amazônia. Porém, estas espécies ocorrem também no ecótono entre Amazônia e Cerrado, além daquelas que adentram o bioma Cerrado através de suas matas de galeria que acompanham os cursos d'água.

Todos os seis sítios de amostragem deste estudo estão localizados na faixa de transição para avifauna entre os dois biomas. Porém, quanto mais a oeste do Brasil está localizado o sítio, maior a influência da Amazônia e menor a influência de Cerrado observada tanto sobre a avifauna quanto na proporção da vegetação característica dos biomas. Isto acarreta um perceptível aumento dos registros de espécies com centro de distribuição amazônica para os sítios Xingu, Papagaio e Vilhena que estão mais a oeste, assim como é perceptível também a diminuição dos representantes endêmicos do Cerrado para estes sítios amostrais. Em Vilhena, considerada como Portal da Amazônia, esta relação atinge o ápice. O gráfico a seguir ilustra este fato com base nos dados obtidos para os seis sítios amostrais.

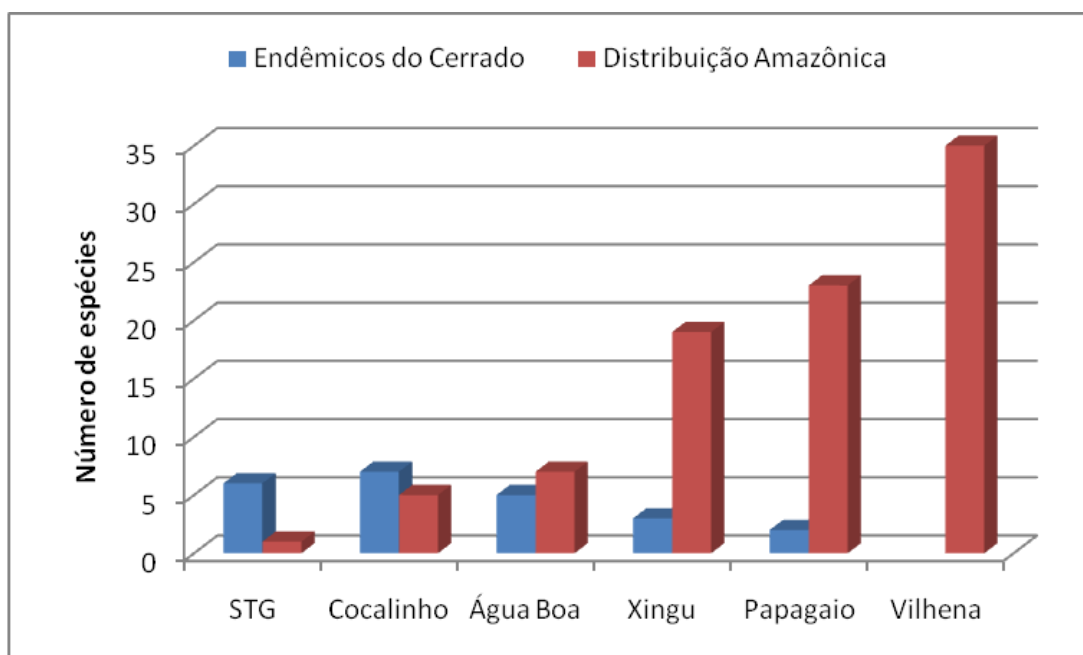


Figura 5.2-116 Proporção de espécies endêmicas do Cerrado, ou com centro de distribuição amazônico por sítio amostral.

Em relação à metodologia de captura com redes de neblina, foram capturadas 538 indivíduos em um total de 4.052 horas/rede distribuídas pelos 24 pontos de amostragens. Esta metodologia permite complementar significativamente o inventário geral mediante a captura de espécies de difícil visualização e/ou identificação sonora. Normalmente são espécies esquivas que, dependendo da época do ano quase não vocalizam ou o fazem em menor frequência, dificultando o seu registro.

Algumas das regiões amostradas estavam localizadas próximas de grandes rios contribuindo para o registro de muitas espécies de hábitos aquáticos observadas durante as rondas de barcos nas margens, nas praias de rio (Figura 5.2-117) e lagoas adjacentes. Dentre as espécies registradas estão: as marrecas *Dendrocygna autumnalis* e *Dendrocygna viduata*, o pato-corredor *Neochen jubata*; dez espécies de garças, dentre elas a garça-real *Pilherodius pileatus* (Figura 5.2-118), a garça-moura *Ardea cocoi* (Figura 5.2-119) e o arapapá *Cochlearius cochlearius* (Figura 5.2-120).



Figura 5.2-117 Rondas de barco no rio Kuluene, sítio Xingu (Foto: Sandro Barata).



Figura 5.2-118 Indivíduo de garça-real *Pelecanus pileatus* registrado no sítio Xingu (Foto: Sandro Barata).



Figura 5.2-119 Indivíduo de garça-moura *Ardea cocoi* registrada no sítio Xingu .



Figura 5.2-120 Indivíduo de arapapá *Cochlearius cochlearius* registrado no sítio Xingu(Foto: Sandro Barata).

Espécies migratórias

Durante a estação seca, a disponibilidade de água bem como de alimentos torna-se escassa em determinadas regiões, promovendo a migração de muitas espécies de aves para outras áreas em busca de boas condições para se alimentar e reproduzir. No entanto, o que parece escasso para algumas espécies pode ser satisfatório para outras, pois embora muitos recursos possam estar limitados no inverno, podem ainda ser mais abundantes do que em outras regiões. As espécies migratórias estão representadas, em sua maioria, por indivíduos classificados como residentes migratórios, ou seja, espécies que realizam deslocamentos dentro do território brasileiro, normalmente associados à busca de boas condições para se alimentar e reproduzir. Dentre estas espécies estão Irerê (*Dendrocygna viduata*), asa-branca (*Dendrocygna autumnalis*), pato-do-mato (*Cairina moschata*), gavião-tesoura (*Elanoides forficatus*), sovi (*Ictinia plúmbea*) (Figura 5.2-121), saracura-três-potes (*Aramides cajanea*), urubuzinho (*Chelidoptera tenebrosa*) (Figura 5.2-122), pararu-azul (*Claravis pretiosa*), bacurauzinho (*Chordeiles pusillus*), trinta-réis-grande (*Phaetusa simplex*) (Figura 5.2-123), papa-moscas-cinzento (*Contopus cinereus*), príncipe (*Pyrocephalus rubinus*). No entanto, destaca-se a grande representatividade de espécies visitantes oriundas do hemisfério norte (VN), provavelmente fugindo de um dos mais rigorosos invernos dos últimos anos, dentre as quais estão: águia-pescadora (*Pandion haliaetus*), maçarico-solitário (*Tringa solitária*) (Figura 5.2-124), maçarico-de-perna-amarela (*Tringa flavipes*), andorinha-do-barranco (*Riparia riparia*), sabiá-norte-americano (*Catharus fuscescens*), sabiá-de-óculos (*Catharus ustulatus*). Apenas uma espécie visitante do sul (VS) foi registrada ao longo do trabalho, a guaracava-de-crista-branca (*Elaenia albiceps*), registrada no Sítio 02.



Figura 5.2-121 Indivíduo de sovi *Ictinia plumbea* (Foto: Sergei Studart).



Figura 5.2-122: Urubuzinho (*Chelidoptera tenebrosa*) (Foto: Sergei Studart).



Figura 5.2-123 Trinta-réis-grande (*Phaetusa simplex*) (Foto: Sergei Studart).



Figura 5.2-124 Maçarico-solitário (*Tringa solitária*) (Foto: Sergei Studart).

Resultados específicos

- **Região I (Santa Terezinha de Goiás)**

Sítio composto por fitofisionomias típicas do bioma Cerrado, as quais compõem gradientes vegetacionais que variam desde brejos, veredas, cerrados denso e cerrados *sensu strictu*, a matas de galeria e matas ciliares. Na primeira campanha, dos 4 pontos selecionados para a amostragem com redes de neblina, 2 correspondem à ambientes abertos de Cerrado, cerrado *sensu strictu* e cerrado denso, respectivamente, e 2 correspondem à ambientes florestais, ambos em matas de galeria. Para a segunda campanha, em função da retirada da vegetação em 2 dos 4 pontos amostrais utilizados na primeira campanha, outros dois foram acrescentados, os quais contemplam fitofisionomias do tipo cerrado *sensu strictu* e Cerradão, respectivamente. Além dos 6 pontos principais selecionados para amostragem através da captura com redes ornitológicas, foram realizadas amostragens por censos e busca ativa em diversos outros pontos, em diferentes fitofisionomias.

Foi registrado um total de 239 espécies, das quais 25 foram acrescentadas com a realização da segunda campanha (Figura 5.2-125). Dentre as 239 espécies registradas em campo, 126 são representantes florestais (F), 83 estão relacionadas às fitofisionomias abertas de Cerrado (C), 17 são aquáticas (A) e 3 são tipicamente ripárias (R). A presença de inúmeros cursos d'água, áreas brejosas e pequenos açudes contribuiu significativamente para o registro de diversas espécies de hábitos aquáticos. Quanto à amostragem através da captura com redes de neblina, foi capturado um total de 124 espécimes.

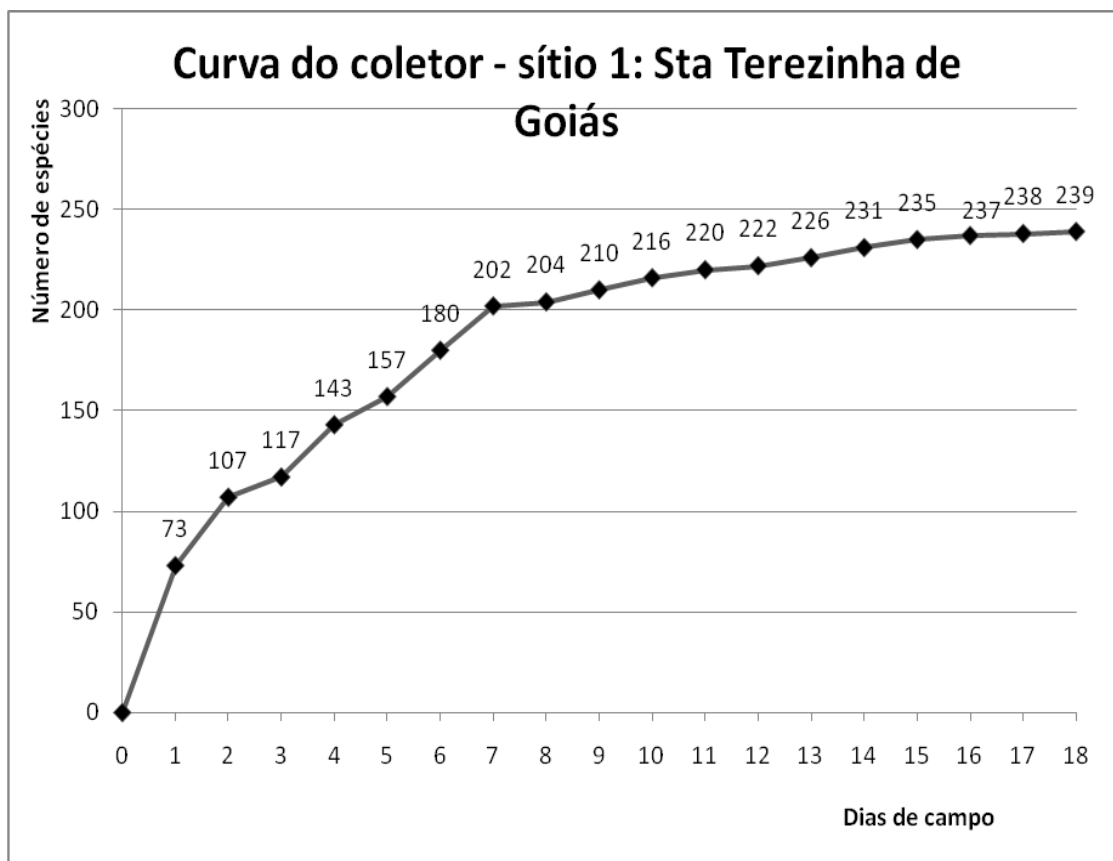


Figura 5.2-125: Curva acumulativa de espécies de aves inventariadas para o sítio 1: Sta Terezinha de Goiás.

Dentre os representantes florestais mais abundantes estão o bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), garrinchão-de-barriga-vermelha (*Cantorchilus leucotis*), balança-rabo-de-máscara (*Polioptila dumicola*), sabiá-barranco (*Turdus leucomelas*), saíra-de-chapéu-preto (*Nemosia pileata*), sanhaçu-cinzento (*Thraupis sayaca*), sanhaçu-do-coqueiro (*Thraupis palmarum*), figuinha-de-rabo-castanho (*Hemithraupis guira*), a fim-fim (*Euphonia chlorotica*), entre outros.

Dentre os representantes campestres mais abundantes estão a choca-do-planalto (*Thamnophilus pelzelni*), caneleiro (*Casiornis rufus*), saíra-amarela (*Tangara cayana*), tiziu (*Volatinia jacarina*), entre outros.

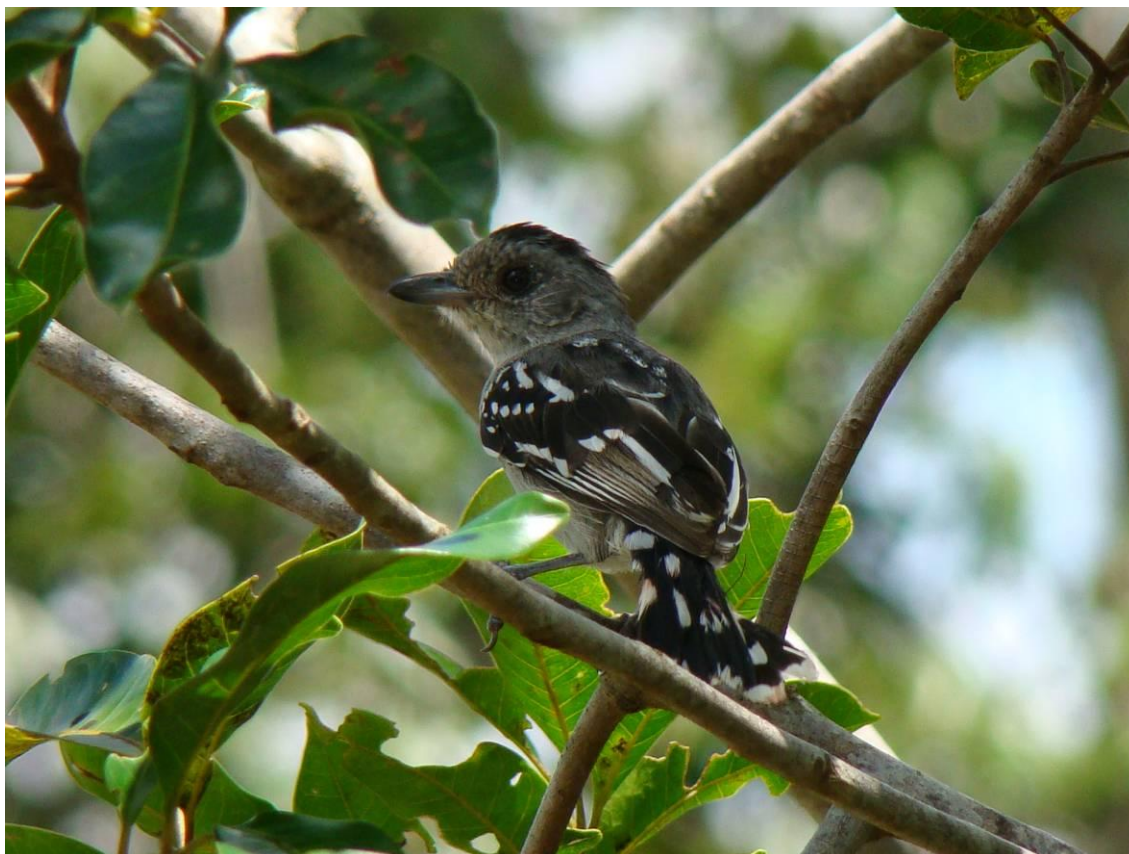


Figura 5.2-126 Macho de choca-do-planalto (*Thamnophilus pelzelni*) (Foto: Quintas-Filho)

- **Região II (Cocalinho)**

Conhecida como pantanal do Mato Grosso, a região de Cocalinho é fortemente influenciada pelo Rio Araguaia, o qual, durante o auge da estação chuvosa, chega a subir de 20 a 30 metros, alagando, significativamente, áreas de mata e campos de murundum. Na primeira campanha, dos 4 pontos selecionados para a amostragem com redes de neblina, 2 correspondem à ambientes abertos de Cerrado, campo de murundum e cerrado rupestre, respectivamente, e 2 correspondem à ambientes florestais, mata ciliar e cerradão. Para a segunda campanha, em função do grande volume d'água do rio e, conseqüentemente, do alagamento de 2 dos 4 pontos utilizados na primeira campanha, mais um ponto foi acrescentado, representado por cerrado *sensu strictu*. Além dos 5 pontos principais selecionados para amostragem através da captura com redes ornitológicas, foram realizadas amostragens por censos e busca ativa em diversos outros pontos, incluindo visitas a ilhas fluviais existentes ao longo do rio.

Foi registrado um total de 237 espécies, das quais 17 foram acrescentadas com a realização da segunda campanha. Dentre as 237 espécies registradas em campo, 120 são representantes florestais (F), 73 estão relacionadas às fitofisionomias abertas de Cerrado (C), 31 são aquáticas (A) e 9 são tipicamente ripárias (R). A grande quantidade

de espécies aquáticas (A) e aquelas relacionadas às margens, praias e barrancos de rios (R), está diretamente relacionada a presença do rio Araguaia. Quanto à amostragem através da captura com redes de neblina, foi capturado um total de 109 espécimes.

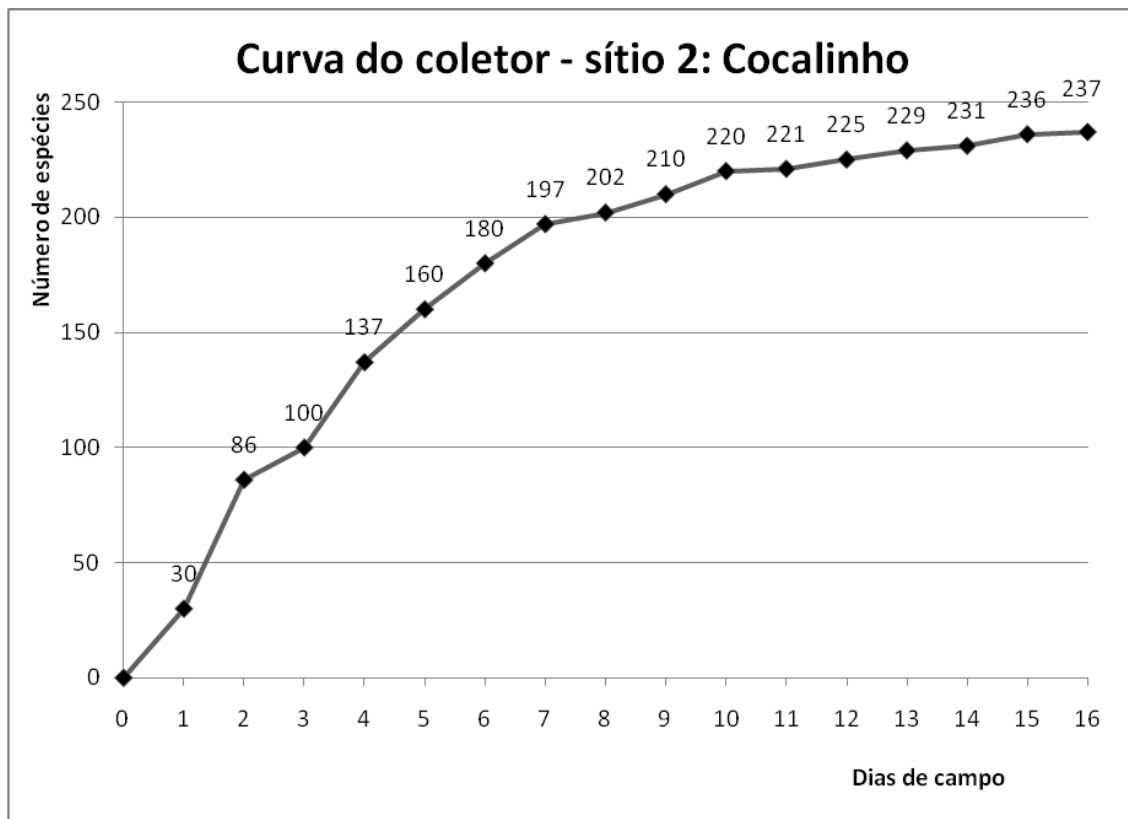


Figura 5.2-127 Curva acumulativa de espécies de aves inventariadas para o sítio 2: Cocalinho.

Dentre os representantes florestais mais abundantes estão o jaó (*Crypturellus undulatus*), udu-de-coroa-azul (*Momotus momota*), ariramba-de-cauda-ruiva (*Galbula ruficauda*), chora-chuva-preto (*Monasa nigrifrons*), pica-pau-anão-escamado (*Picumnus albosquamatus*), papa-formiga-pardo (*Formicivora grisea*), arapaçu-grande (*Dendrocolaptes platyrostris*), bentevizinho-de-asa-ferrugínea (*Myiozetetes cayanensis*), xexéu (*Cacicus cela*), entre outros.



Figura 5.2-128 Fêmea de papa-formiga-pardo (*Formicivora grisea*) (Foto: Quintas-Filho)

Dentre os representantes campestres mais abundantes estão a choca-do-planalto (*Thamnophilus pelzelni*), caneleiro (*Casiornis rufus*), arapaçu-do-cerrado (*Lepidocolaptes angustirostris*), guaracavuçu (*Cnemotriccus fuscatus*), entre outros.

- **Região III (Água boa)**

A região de Água boa, não só pelas fitofisionomias encontradas, mas por muitas das espécies registradas, pode ser classificada como ecótono entre Cerrado e Amazônia. Para este sítio, os mesmos 4 pontos selecionados para a amostragem com redes de neblina na primeira campanha, foram utilizados na segunda, os quais contemplam fitofisionomias como mata de galeria, cerrado *sensu strictu*, campo de murundum e floresta estacional semidecidual. A presença do Rio das Mortes, afluente do Rio Araguaia, e do Rio Boracaia, afluente do Rio das Mortes, provavelmente exerce significativa influência na comunidade de aves da região, funcionando como corredor para inúmeras espécies tipicamente amazônicas. Além dos 4 pontos principais selecionados para amostragem através da captura com redes ornitológicas, foram realizadas amostragens por censos e busca ativa em diversos outros pontos, em diferentes fitofisionomias.

Foi registrado um total de 212 espécies, das quais 39 foram acrescentadas com a realização da segunda campanha. Dentre as 212 espécies registradas em campo, 119 são representantes florestais (F), 73 estão relacionadas às fitofisionomias abertas de Cerrado (C), 19 são aquáticas (A) e 3 são tipicamente ripárias (R). Quanto à amostragem através da captura com redes de neblina, foi capturado um total de 82 espécimes.

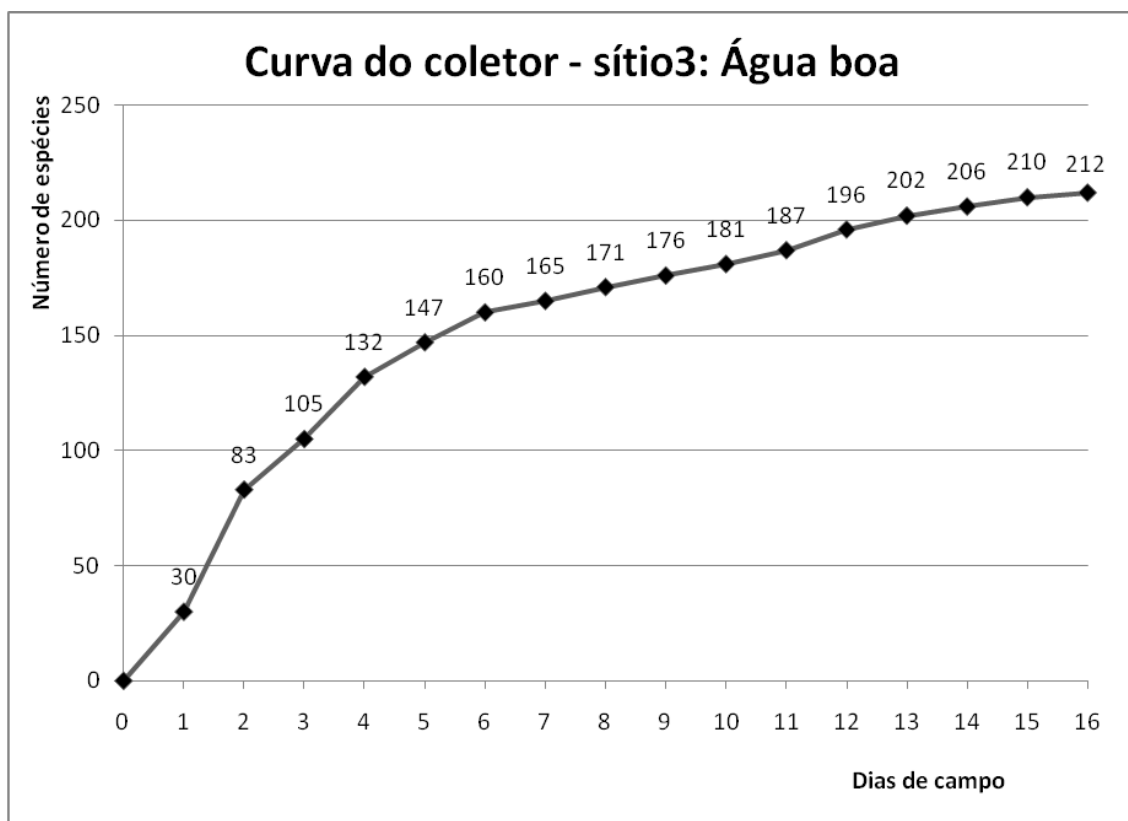


Figura 5.2-129 Curva acumulativa de espécies de aves inventariadas para o sítio 3: Água Boa.

Dentre os representantes florestais mais abundantes estão o jaó (*Crypturellus undulatus*), ariramba-de-cauda-ruiva (*Galbula ruficauda*), chora-chuva-preto (*Monasa nigrifrons*), maria-cavaleira (*Myiarchus ferox*), garrinchão-pai-avô (*Pheugopedius genibarbis*), garrinchão-de-barriga-vermelha (*Cantorchilus leucotis*), balança-rabo-de-máscara (*Polioptila dumicola*), canário-do-mato (*Basileuterus flaveolus*), entre outros.

Dentre os representantes campestres mais abundantes estão o inhambu-chororó (*Crypturellus parvirostris*), gavião-caboclo (*Heterospizias meridionalis*), tico-tico (*Zonotrichia capensis*), caneleiro (*Casiornis rufus*), graúna (*Gnorimopsar chopi*), entre outros.

- **Região IV (Xingu)**

Neste sítio foram selecionadas duas áreas principais de amostragem: uma próxima ao rio Kuluene e outra próxima ao rio Culiservo. Além dos quatro pontos principais escolhidos para amostragem através de redes ornitológicas de captura, foram realizadas amostragens por censos e busca ativa em outros pontos de amostragem que abrangessem diferentes fitofisionomias.

A região como um todo se encontra na faixa de transição entre o bioma Cerrado e o Amazônico, sendo que a área amostrada possui fitofisionomias savânicas que incluem veredas, campos-de-murundums, cerrado ralo, cerrado denso e cerrado típico e fitofisionomias florestais formadas por floresta de galeria, e transição entre floresta estacional e floresta ombrófila.

Para o inventário, neste sítio foram registradas 237 espécies de aves, sendo que 22 destes registros foram acrescentados com a realização da segunda campanha de amostragem.

Apesar de já ser clara a tendência a estabilização da curva do coletor (espécies x dias de amostragem), é perceptível a inclinação ascendente, sendo que com um aumento dos esforços amostrais a riqueza estimada para o local aumentaria significativamente.

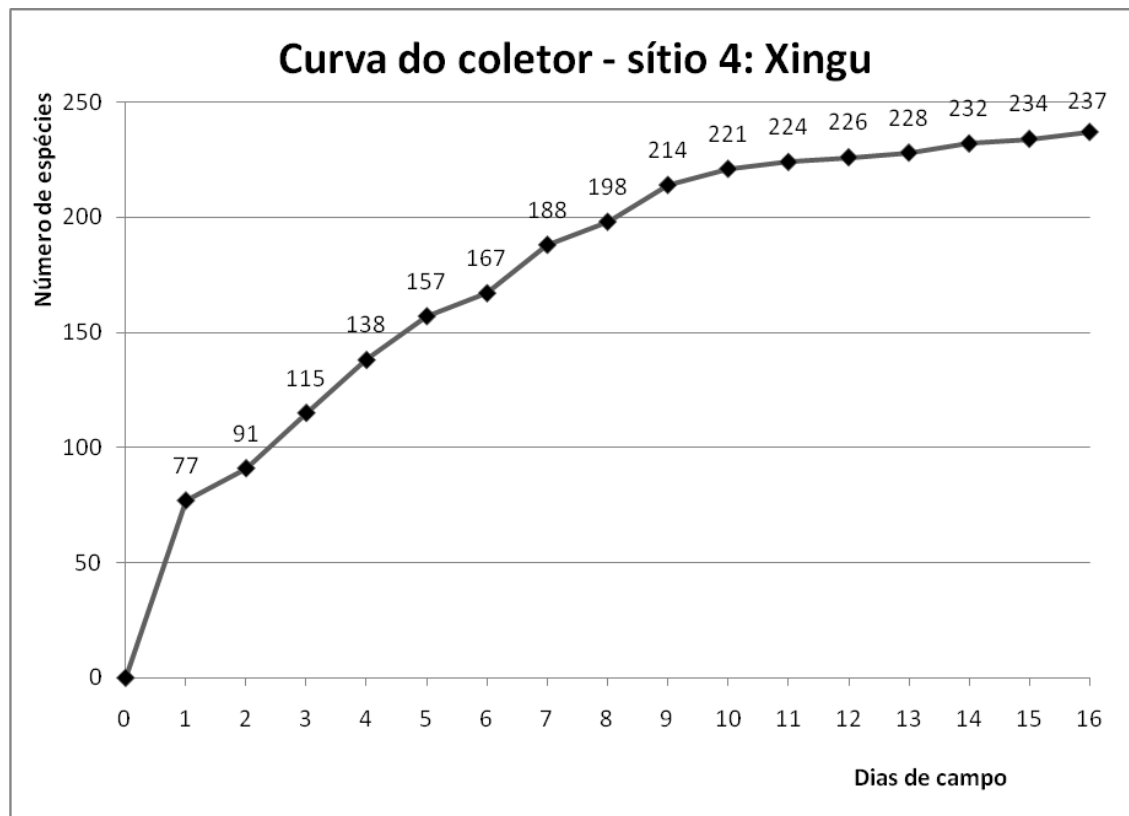


Figura 5.2-130: Curva acumulativa de espécies de aves inventariadas para o sítio 4: Xingu.

A maioria das espécies corresponde a representantes típicos de ambientes florestais (144), seguido pelos representantes típicos de ambientes abertos (62), aquáticos (27), e ripários (3). A proximidade com o rio Kuluene contribuiu para o registro de diversas espécies de hábitos aquáticos, principalmente pela formação de bancos de areia e praias de rio. Durante a amostragem com redes de neblina, foram capturados 110 indivíduos ao longo das duas campanhas.

Dentre as espécies aparentemente mais abundantes nos ambientes florestais às margens do rio Kuluene foram Bico-de-brasa *Monasa nigrifrons*, araçari *Pteroglossus bitorquatus*, udu-de-coroa-azul *Momotus momota* e o garrinchão *Canthorchilus leucotis*.



Figura 5.2-131 Indivíduo de bico-de-brasa *Monasa nigrifrons* registrado no sítio Xingu
(Foto: Sandro Barata).

Nos fragmentos de Cerrado, incluindo variações de cerrado típico a cerradão com transição para floresta de galeria e floresta estacional semidecidual, as espécies comuns foram o papa-formiga-pardo *Formicivora grisea*, a guaracava-de-crista-branca *Elaenia albiceps* e o uirapuru-cigarra *Machaeropterus pyrocephalus* (Figura 5.2-132). Devido a grande influência de ambientes florestais nesta área de transição do cerrado, algumas espécies que habitam preferencialmente áreas de floresta são comuns também em áreas de cerrado, como é o caso das chocas *Thamnophilus doliatus*, *Thamnophilus caerulescens*. Já em porções mais distantes de formações florestais, as espécies mais

comuns foram: as guaracavas *Elaenia cristata*, o arapaçu-do-cerrado *Lepidocolaptes angustirostris*, *Legatus leucophaius*.

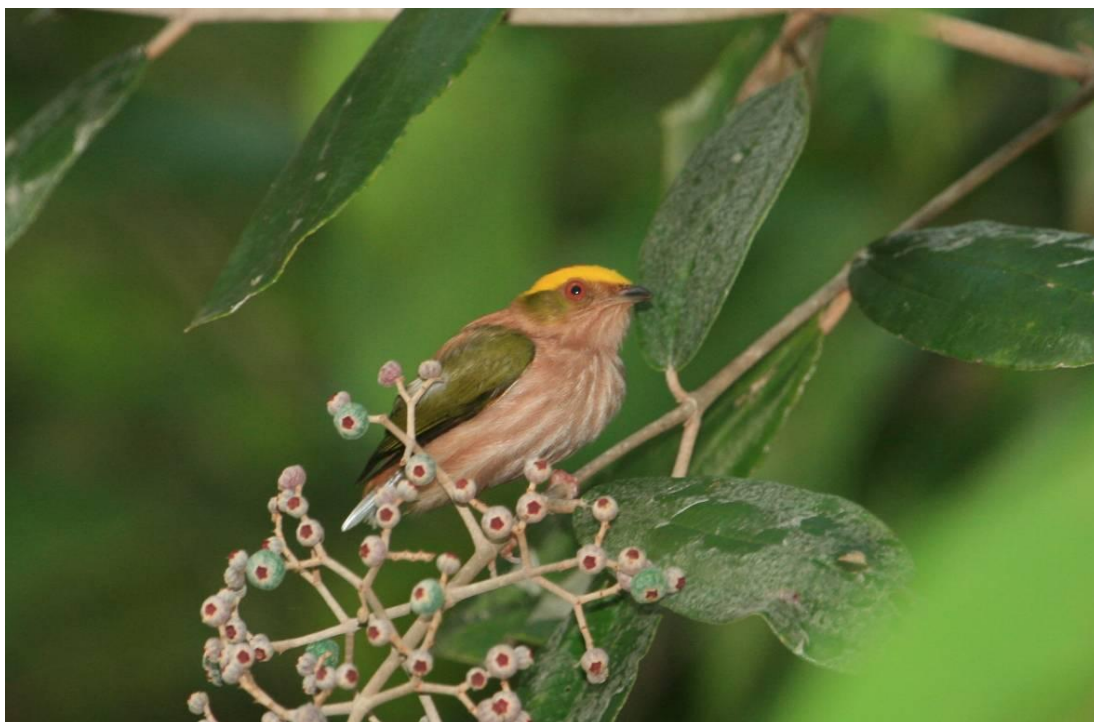


Figura 5.2-132 Indivíduo de uirapuru-cigarra *Machaeropterus pyrocephalus* (Foto: Sandro Barata).

Nas áreas de transição representadas por floresta estacional com influência de floresta ombrófila, característica do ecótono entre o Bioma Cerrado e Amazônico, foi freqüente o registro de espécies típicas amazônicas como o seringueiro-da-amazônia *Lipaugus vociferans*. Porém, em áreas de floresta de galeria neste mesmo sítio estavam presentes representantes típicos do Cerrado como o soldadinho *Antilophia galeata* e o chorozinho-de-bico longo *Herpsilochmus longirostris*.

- **Região V (Papagaio)**

Dentre os quatro pontos de estudo selecionados neste sítio, dois foram escolhidos na região do Rio Papagaio e dois na região do Rio Cravari. Este sítio também representa a faixa de transição entre o Bioma Cerrado e o Amazônico, sendo que as poucas áreas de cerrado da região estudada apresentam grande influência dos ambientes florestais devido à proximidade com as matas e devido também a uma vegetação de transição.

Os rios da região estudada possuem águas claras e fluxo intenso com correnteza forte. Não ocorre a formação de praias de rio como em outros sítios deste estudo.

Na área existe pouca variedade de fitofisionomias, sendo que a grande parte da vegetação é representada por ambientes florestais, incluindo floresta ciliar, matas de galeria, floresta estacional e floresta de transição entre estacional e ombrófila. Extensas áreas da região foram destinadas ao cultivo de soja, porém ainda estão presentes grandes remanescentes de vegetação nativa principalmente ao longo das margens dos cursos d'água.

A pouca variedade de fitofisionomias presente neste sítio deve ser levada em consideração, pois pode ter influência sobre a menor diversidade encontrada para a comunidade de aves da região

A área do rio Papagaio é vizinha a uma grande Terra Indígena chamada Tirecatinga, com ambientes florestais e savânicos que deve ter grande influência também sobre a manutenção da diversidade e abundância das espécies da região, contribuindo significativamente para a conservação da comunidade de aves local.

Para o inventário, neste sítio foram registradas 187 espécies de aves, sendo 154 na primeira campanha e 33 novos registros na segunda campanha. Apesar de já ser clara a tendência a estabilização da curva do coletor (espécies x dias de amostragem), é perceptível a inclinação ascendente, sendo que com um aumento dos esforços amostrais a riqueza estimada para o local aumentaria significativamente.

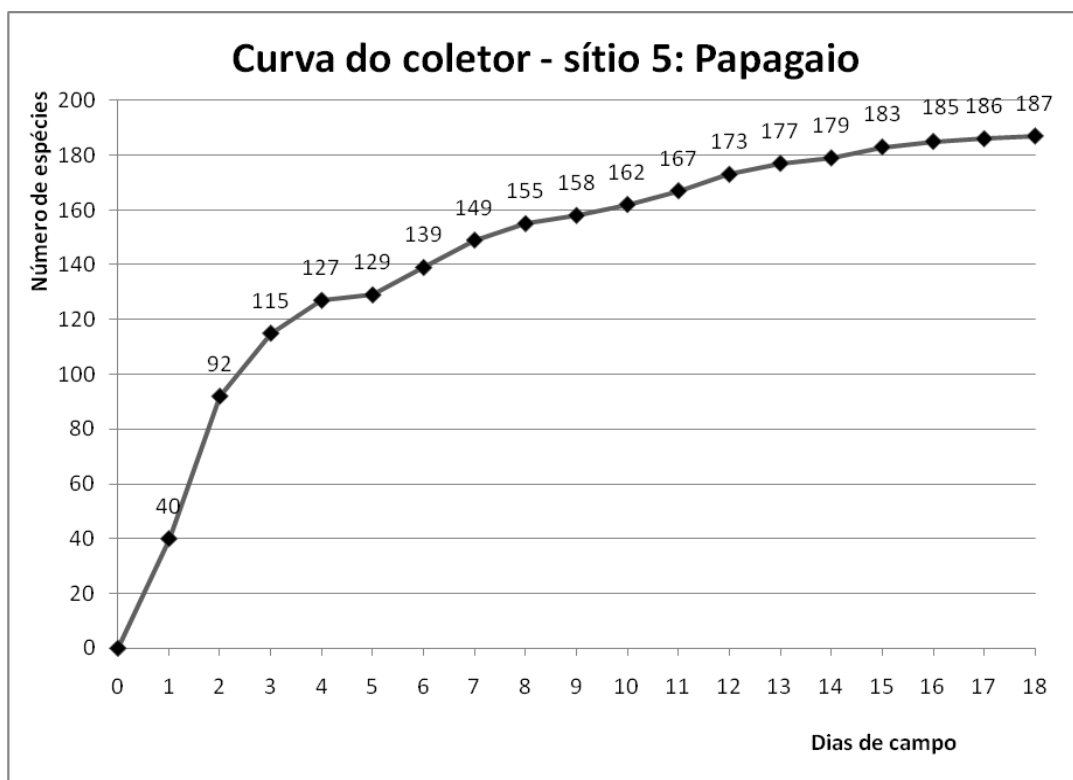


Figura 5.2-133: Curva acumulativa de espécies de aves inventariadas para o sítio 5: Papagaio.

A maioria correspondente a representantes típicos de ambientes florestais (124), seguido pelos representantes típicos de ambientes abertos (58), e aquáticos (5). Apesar da presença de rios como o Papagaio e Cravari, a pouca diversidade de espécies aquáticas avistadas nas áreas de estudo é influenciada também pela ausência de praias de rio. Durante a amostragem com redes de neblina, foram capturados 91 indivíduos ao longo das duas campanhas.

Nas matas próximas ao rio Papagaio, as espécies de aves aparentemente mais comuns foram a rendeira *Manacus manacus*, a curica *Amazona amazonica*, a curica-de-bochecha-laranja *Gypopsitta barrabandi* e a pomba-trocal *Patagioenas speciosa*.



Figura 5.2-134 Indivíduo de rendeira *Manacus manacus* registrado no sítio Papagaio (Foto: Sandro Barata).



Figura 5.2-135 Pomba-trocal *Patagioenas speciosa* registrada no sítio Papagaio (Foto: Sandro Barata).

Nas áreas de cerrado as espécies mais comuns foram o trinca ferro *Saltator similis*, o pretinho *Xenopipo atronitens* e a guaracava-de-topete *Elaenia cristata*. Esta área de cerrado representa uma transição para floresta estacional, próxima as matas de galeria e florestas aluviais do rio Papagaio e pequenos cursos d'água contribuintes.

Nas florestas às margens do rio Cravari, as espécies aparentemente mais abundantes neste ambiente foram o uirapuru-laranja *Pipra fasciata*, a saíra-galega *Hemithraupis flavicollis*, saíra-de-cabeça-azul *Tangara cyanicollis*. Em porções mais distantes da margem do rio, nas formações de floresta estacional, o fruxu-do-cerradão *Neopelma pallescens* foi a espécie mais freqüente.

- **Região VI (Vilhena)**

Conhecida como portal da Amazônia, Vilhena está localizada também na faixa do ecótono entre o bioma Cerrado e o Amazônico. Porém neste ponto as fitofisionomias florestais já apresentam mais características de Floresta Ombrófila do que nos outros pontos, estando presentes grandes fragmentos desta fitofisionomia, em uma paisagem de fragmentação com matriz predominante de extensas áreas de cultivo de soja e pasto.

Dentro da área de influência direta do empreendimento, entre Vilhena e Comodoro, as áreas de savana foram praticamente todas convertidas em áreas de cultivo agropastoris,

não sendo localizado nenhum fragmento significativo desta fitofisionomia para integrar o presente estudo. As áreas inicialmente identificadas como ambientes savânicos são na verdade ambientes de floresta secundária em regeneração, sendo que nestas áreas foram realizadas apenas busca ativa e censo por pontos. Diante disso todos os quatro pontos escolhidos para amostragem com redes de captura são formados por ambientes florestais.

Para o inventário, neste sítio foram registradas 178 espécies de aves, sendo que 142 foram registrados na primeira campanha e 36 acrescentados com os esforços da segunda campanha. Apesar de já ser clara a tendência a estabilização da curva do coletor (espécies x dias de amostragem), é perceptível a inclinação ascendente, sendo que com um aumento dos esforços amostrais a riqueza estimada para o local aumentaria significativamente.

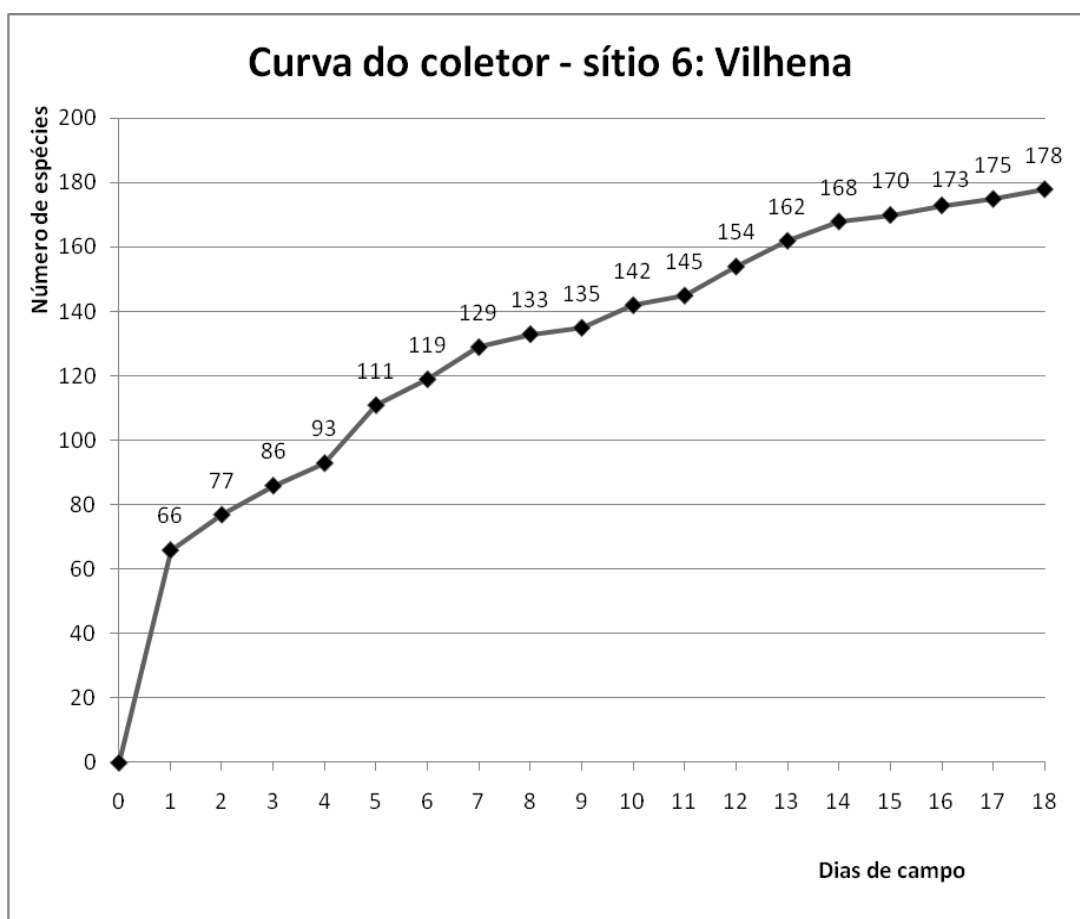


Figura 5.2-136 Curva acumulativa de espécies de aves inventariadas para o sítio 6: Vilhena.

A grande maioria dos registros corresponde a representantes típicos de ambientes florestais (133), seguida pelos representantes de ambientes abertos (39) e aquático (4).

Durante a amostragem com redes de neblina, foram capturados 89 indivíduos ao longo das duas campanhas..

As espécies mais freqüentes nos ambientes de floresta ombrófila foram representantes típicos da região amazônica como: o formigueiro-de-peito-preto *Myrmeciza athrotorax*, inhambu-relógio *Crypturelus strigulosus*, o seringueiro-da-amazônia *Lipaugus vociferans*, sete-cores-da-amazônia *Tangara chilensis*.



Figura 5.2-137 Formigueiro-de-peito-preto *Myrmeciza athrotorax* registrado no sítio Vilhena (Foto: Sandro Barata).

Em áreas de floresta de menor porte, com dossel mais baixo e sub-bosque mais denso, as espécies mais freqüentes foram o udu-de-coroa-azul *Momotus momota*, o uirapuru-cigarra *Machaeropterus pyrocephalus*, e o fruxu-do-cerradão *Neopelma pallescens*.

Análises estatísticas

O trabalho de amostragens pontuais totaliza 300 censos distribuídos em seis sítios amostrais. A Tabela a seguir mostra os índices de diversidade de Shannon (H'), índice de equitabilidade (E') e, também, a Riqueza de espécies (S') para cada um dos pontos amostrais. Os índices encontrados demonstram uma similaridade entre os sítios considerados, sendo que a maior diversidade ($n=5,05$) foi encontrada no sítio 1 Sta Terezinha de Goiás. Apesar da significativa variação na riqueza de espécies do sítio 1 em relação aos demais, a relação entre esta riqueza, a abundância das espécies e o

total de indivíduos da comunidade balanceia o resultado dos índices entre os sítios, tornando a diferença entre eles pouco significativa.

Tabela 5.2-58: Índices de Diversidade de Shannon (H'), de equitabilidade (E') e riqueza de espécies (S') de aves registradas, com base nos Índices Pontuais de Abundância (IPA's) obtidos nos censos de 300 pontos amostrais.

Região	H'	E'	S'
Sta Terezinha	5,05	0,932	226
Cocalinho	4,344	0,912	117
Água Boa	4,698	0,918	167
Xingu	4,637	0,902	171
Papagaio	4,495	0,918	134
Vilhena	4,574	0,906	156

O resultado obtido pelo agrupamento hierárquico, distância UPGMA, através do índice de similaridade de Morisita com base no índice pontual de abundância (IPA's) das espécies de aves amostradas indica as semelhanças entre os três sítios com maior influência amazônica que estão mais a oeste do Brasil (Vilhena, Papagaio, Xingu) e também entre os três sítios que se encontram mais a leste e com maior influência do Cerrado. (Água Boa, Cocalinho, Sta Terezinha). Isto corrobora os dados obtidos sobre os centros de distribuição geográfica no inventário dos três sítios e aspectos da paisagem e vegetação original predominante.

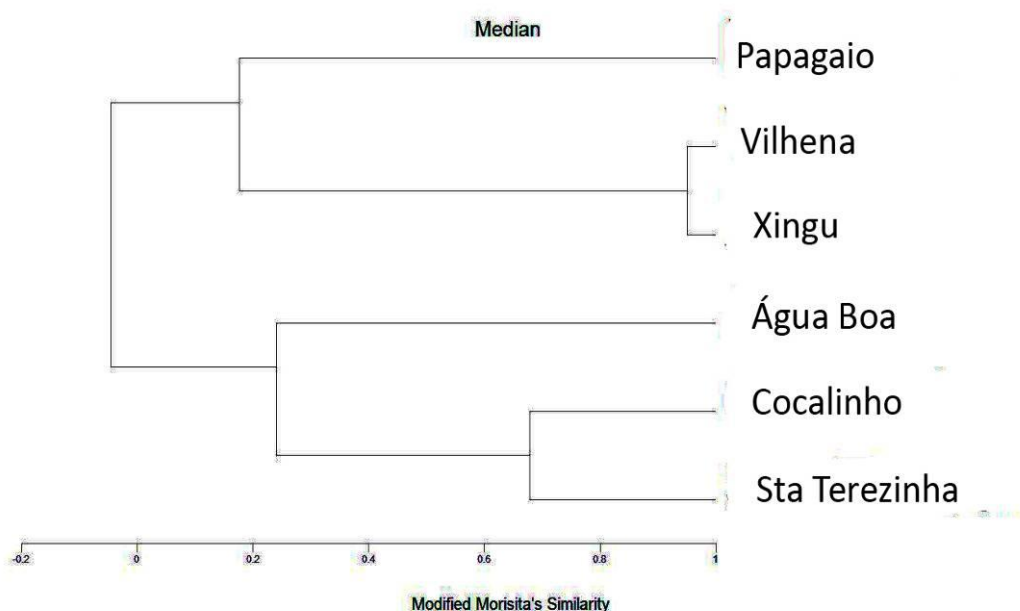


Figura 5.2-138 Dendrograma do agrupamento hierárquico, distância UPGMA, através do índice de similaridade de Morisita com base no índice pontual de abundância (IPA's) das espécies de aves amostradas nos seis sítios de estudo.

Considerações Relevantes

As áreas de ecótono entre Amazônia e o Cerrado são de relevante importância para a conservação da avifauna, pois possuem representantes característicos de ambos os biomas devido à presença de ambientes e fitofisionomias transitórias. Estas áreas correspondem aos limites de distribuição geográfica de inúmeras espécies relacionadas a biomas específicos. Diante disso, o estudo da comunidade de aves nestas áreas transitórias é para o conhecimento destes limites de distribuição e para a expansão dos mesmos diante de registros das espécies em novas localidades. Estes ambientes de transição também são áreas de ocorrência de diversas sub-espécies de aves e de encontro de raças geográficas que já apresentam significativa diferenciação.

O presente estudo alcançou uma diversidade significativa de espécies de aves (452), estando compatível ou acima de estudos semelhantes na região, o número de espécies de aves estimado para toda a ecorregião das Florestas Ombrófilas do Xingu-Tocantins-Araguaia, que compreende as partes norte e central desse interflúvio, desde o rio Amazonas até pouco ao sul da serra de Carajás, é 527 (WORLD WILDLIFE FUND, 2001). Pacheco & Olmos (2005), encontraram 408 espécies ao longo de um trecho de 700 km da BR-163 (Cuiabá–Santarém).

A grande diversidade registrada encontra respaldo em alguns fatores como a grande extensão do empreendimento e a elevada riqueza da avifauna florestal amazônica (aproximadamente 1300 espécies), que se mostrou presente principalmente nos sítios Xingu, Papagaio e Vilhena, assim como a grande diversidade característica do Cerrado (cerca de 837 espécies). Além disso, cruzamentos ou intersecções biogeográficas (biogeographic crossroads) criam regiões de rápida substituição (ou elevada diversidade beta) de habitats e espécies, aumentando a heterogeneidade ambiental e levando a níveis excepcionalmente altos de riqueza (SPECTOR, 2002), tal como verificado no setor nordeste do Mato Grosso, onde comunidades biogeográficas vinculadas ao Cerrado e à Amazônia estão em contato através de uma ampla zona de transição ou tensão ecológica. É exatamente nesta faixa de transição que se localiza a maior parte dos sítios do presente estudo.

No estudo foram registradas espécies endêmicas do Cerrado como o soldadinho *Antilophia galeata* e o chorozinho-de-bico-comprido *Herpsilochmus longirostris*, e também foram registrados representantes característicos da floresta amazônica como o seringueiro-da-amazônia *Lipaugus vociferans*. No sítio Xingu, tanto estes representantes endêmicos do Cerrado como as espécies típicas amazônicas estavam

presentes, reforçando a característica de fronteira entre os dois biomas que representa a região de inserção do empreendimento. A marcante participação de espécies amazônicas na avifauna florestal da serra do Roncador deve-se principalmente à proximidade com as matas semidecíduas do alto rio Xingu, através das quais muitas delas alcançam a região. As matas semidecíduas e de galeria nos arredores do rio Kuluene constituem ou estão muito próximo do limite sul da distribuição conhecida de uma série de espécies de aves amazônicas. Dentre elas destacam-se rapazinho-carijó (*Bucco tamatia*), choca-lisa (*Thamnophilus aethiops*), papa-formiga-de-sobrancelha (*Myrmoborus leucophrys*), cabeça-de-prata (*Lepidothrix iris*), jacamaraçu (*Jacamerops aureus*) pretinho (*Xenopipo atronitens*) e coroa-de-fogo (*Heterocercus linteatus*). É a partir do sítio Xingu, em direção a parte oeste do empreendimento, que os representantes característicos da avifauna amazônica tornam-se mais freqüentes e abundantes.

O sítio Vilhena apresentou o maior número de representantes amazônicos devido à presença de grandes áreas de floresta ombrófila na região. As áreas de cerrado sobreviventes encontram-se principalmente dentro das terras indígenas. Como estas não foram amostradas, a grande maioria das espécies inventariadas para este sítio possui hábitos florestais.

Os sítios Papagaio e Vilhena apresentam grandes áreas de ambientes nativos preservados presentes dentro de terras indígenas vizinhas a área de influência direta do empreendimento. Estas áreas contribuem significativamente para a manutenção da biodiversidade da comunidade de aves destes sítios, servindo como “área fonte” de muitas espécies de aves que dispersam e colonizam fragmentos vizinhos. Algumas espécies que também habitam as terras indígenas e diariamente se deslocam por grandes distâncias em busca de recursos alimentares também utilizam as áreas vizinhas, aumentando a biodiversidade da região, como é o caso de diversos Piscitacídeos, Ardeídeos, dentre outros.

A diferença na diversidade de espécies registrada no inventário de cada sítio parece estar diretamente relacionada à variedade de fitofisionomias presentes na área, sendo que em Vilhena, a homogeneidade na composição dos ambientes deve ter contribuído para um menor número de espécies registradas.

Toda a região estudada sofre grande pressão das atividades agropastoris, principalmente pelo cultivo de soja e criação de gado. Isto acarreta a conversão de enormes áreas de vegetação nativa em plantações e pastagens. Dentre os sítios amostrados, o sítio Xingu e o Papagaio apresentam grandes áreas de vegetação nativa

em ótimo estado de conservação correspondentes principalmente a ambientes florestais em reservas legais de grandes propriedades, localizadas às margens dos cursos d'água. Porém, apenas o sítio Xingu ainda apresentava áreas extensas e representativas de ambientes abertos característicos do bioma cerrado (*strictu senso*), sendo estes os mais afetados pelas atividades agropastoris.



Figura 5.2-139 Área de cultivo de soja, próximo a um fragmento de floresta ombrófila em Vilhena (Foto: Sandro Barata).

As matas de galerias e florestas estacionais às margens dos cursos d'água do Alto Xingu são importantes corredores de espécies características da região amazônica que permeiam pelos limites do Cerrado nesta faixa de intersecção entre os biomas. Isto intensifica a necessidade de conservação destes habitats que constituem um relevante fator responsável pela manutenção da elevada biodiversidade deste importante ecótono. Além disso, todo o complexo mosaico vegetacional que marca a transição do Cerrado para a Floresta Amazônica possui a relevante importância para a conservação da avifauna. Um pequeno conjunto de táxons possui distribuição geográfica limitada a porções restritas das bacias dos rios Xingu e Araguaia sendo a maioria deles relacionada a ambientes ribeirinhos.

5.2.4.2.2.5 MASTOFAUNA

Região I - Santa Terezinha

As armadilhas *sherman* e *tomahawk* foram colocadas no cerrado *sensu stricto*, cerrado denso, mata semidecídua e mata de galeria. A amostragem da quiropterofauna foi realizada em pomar/cerrado *sensu stricto*, borda e interior de mata de galeria, mata ciliar e mata secundária.

Através de capturas e observações diretas e indiretas de mamíferos foram registradas 39 espécies para a região I, o que corresponde a 20% das espécies conhecidas para a região do Cerrado (194 espécies de mamíferos). As espécies registradas estão distribuídas em oito ordens sendo 12 Chiroptera (e. g. *Platyrrhinus lineatus*), nove Rodentia (e. g. *Proechimys roberti*; *Oligoryzomys* sp.; *Galea spixii*; *Dasyprocta azarae*), cinco Didelphimorphia, quatro Carnivora (e. g. *Cerdocyon thous*), três Xenarthra e Artiodactyla, dois Primates e um Perissodactyla.



Foto 5.2-4 – *Platyrrhinus lineatus* capturado com a utilização de redes de neblina.



Foto 5.2-5 - *Proechimys roberti* capturado em armadilha sherman no município de Santa Terezinha.



Foto 5.2-6 – Mamíferos registrados no município de Santa Terezinha de Goiás: a. *Oligoryzomys* sp. capturado em armadilha pitfall; b. *Galea spixii* atropelada.



Foto 5.2-7 – *Dasyprocta azarae* registrada através de armadilha fotográfica durante a primeira campanha.



Foto 5.2-8 – *Cerdocyon thous* comendo um teiú (*Tupinambis* sp.) que estava dentro de uma tomahawk registrado com auxílio de armadilha fotográfica durante a primeira campanha.

A curva de acumulação de espécies sugere que muitas das espécies da região foram observadas, entretanto não atingiu a estabilidade, indicando que outras espécies podem ocorrer nesta área (Figura 5.2-140).

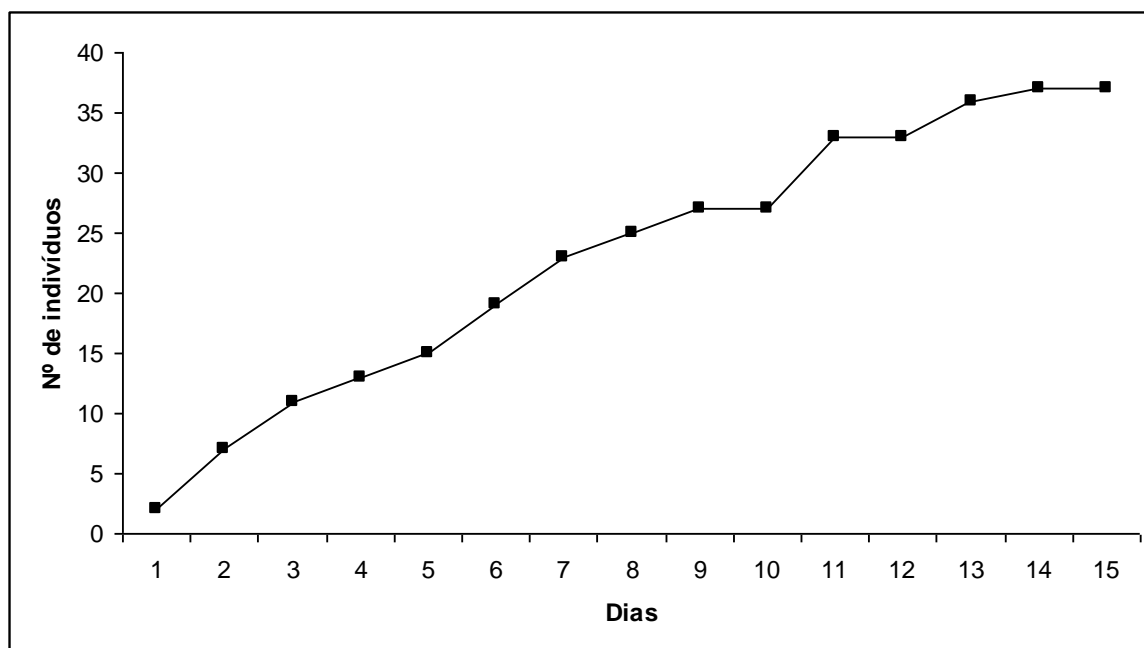


Figura 5.2-140 – Curva de acumulação de espécies registradas durante o levantamento de dados primários da mastofauna do município de Santa Terezinha, Goiás, durante as duas campanhas de coleta de dados primários.

As espécies mais abundantes nesta região durante o levantamento de dados primários foram o macaco-prego (*Cebus libidinosus*), um morcego (*Carollia perspicillata*) e um marsupial (*Gracilinanus agilis*).

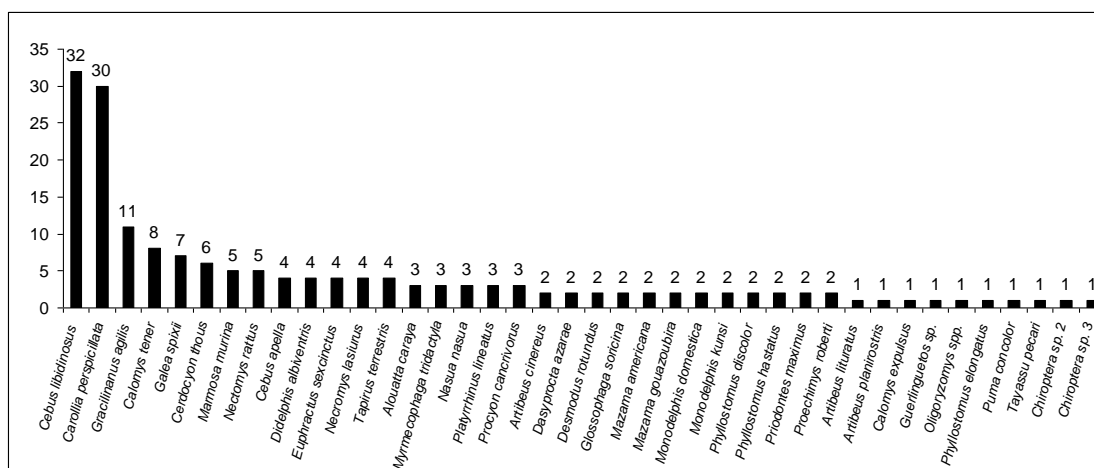


Figura 5.2-141 – Abundância das espécies registradas durante o levantamento de dados primários da mastofauna do município de Santa Terezinha durante as duas campanhas de coleta de dados primários.

Região II – Cocalinho

As armadilhas *sherman* e *tomahawk* foram colocadas em mata alagável, campo cerrado, cerrado rupestre e vereda antropizada. A amostragem da quiropteroфаuna foi realizada nas seguintes fitofisionomias: mata alagável, campo cerrado, cerrado rupestre e cerradão.

Na região II foram registradas 46 espécies de mamíferos, o que representa 23,7% das espécies descritas para a região do Cerrado. Estas espécies pertencem a dez ordens sendo 14 Chiroptera, 12 Carnivora (e. g. *Ptenorura brasiliensis*; *Leopardus pardalis*; *Eira barbara*), cinco Rodentia (e. g. *Hydrochoerus hydrochaeris*), quatro Xenarthra (e. g. *Myrmecophaga tridactyla*), três Didelphimorphia e Primates, dois Artiodactyla, e um Lagomorpha, Cetacea e Perissodactyla.



Foto 5.2-9 - ariranha (*Ptenorura brasiliensis*) registrada durante o levantamento de dados primários.



Foto 5.2-10 – jaguatirica (*Leopardus pardalis*) registrada com a utilização de armadilha fotográfica durante a primeira campanha.



Foto 5.2-11 – irara (*Eira barbara*) registrada com a utilização de armadilha fotográfica.



Foto 5.2-12 - capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) registrada durante o levantamento de dados primários no município de Cocalinho, Mato Grosso.



Foto 5.2-13 - tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) registrado durante o levantamento de dados primários no município de Cocalinho, Mato Grosso.

A curva de acumulação das espécies sugere que outras espécies de mamíferos podem ser registradas para a região, mas que esse aumento de registro está diminuindo com a passar dos dias. A amostragem com redes de neblina é responsável pelo grande

aumento de espécies registradas em um único dia, como indicado no gráfico entre os dias 11 e 12.

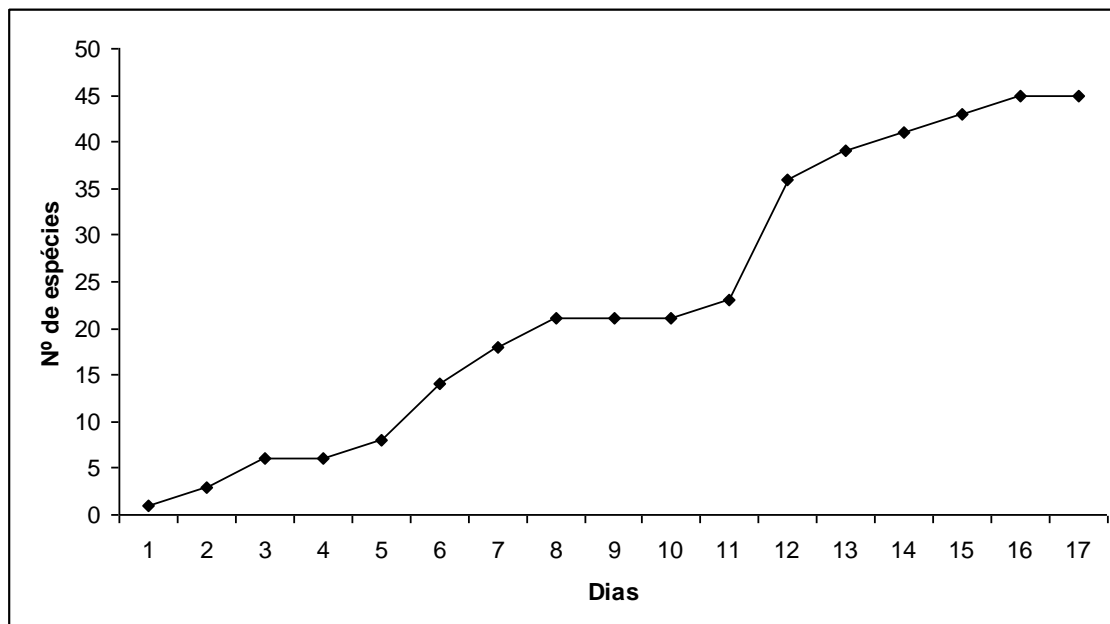


Figura 5.2-142 - Curva de acumulação de espécies registradas durante o levantamento de dados primários da mastofauna do município de Cocalinho, Mato Grosso, durante as duas campanhas de coleta de dados primários.

As espécies mais abundantes na região de Cocalinho foram o morcego frugívoro *Carollia perspicillata*, seguida de um roedor (*Thrichomys pachyurus*) e de uma outra espécie de morcego ainda não identificada.

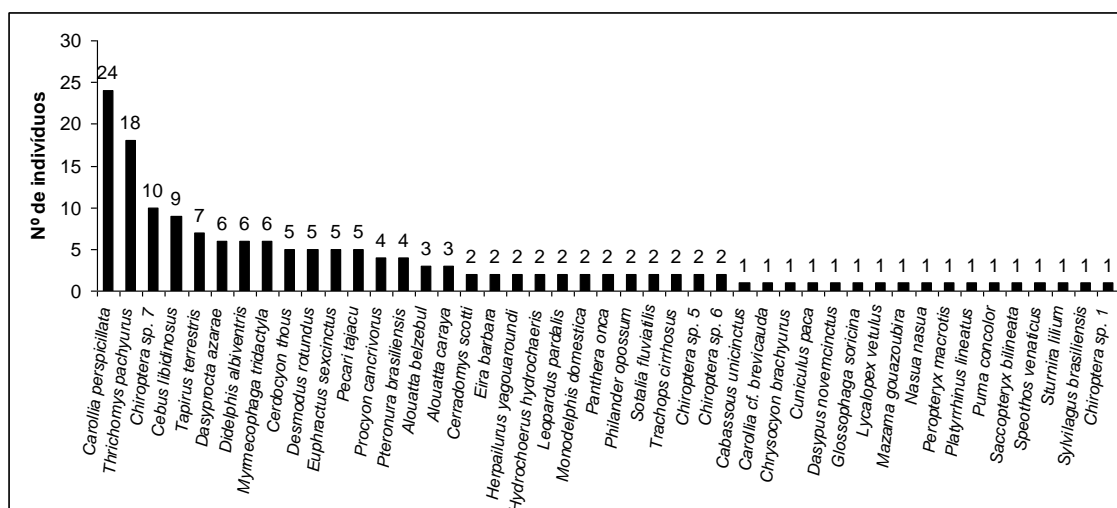


Figura 5.2-143 - Abundância das espécies registradas durante o levantamento de dados primários da mastofauna do município de Cocalinho, Mato Grosso.

Região III – Água Boa

Na região III as armadilhas *sherman* e *tomahawk* e as redes de neblina foram colocadas em cerrado *sensu stricto*, mata de galeria e mata perene. Foram registradas 41 espécies de mamíferos, o correspondente a 21% das espécies conhecidas para a região do Cerrado. Os mamíferos registrados estão divididos em dez ordens sendo onze Chiroptera, sete Carnivora (*Leopardus pardalis*; *Puma concolor*), seis Rodentia, quatro Didelphimorphia, Xenarthra (*Dasypus septemcinctus*) e Artiodactyla, dois Primates (*Cebus libidinosus*) e um Perissodactyla, Lagomorpha e Sirenia.

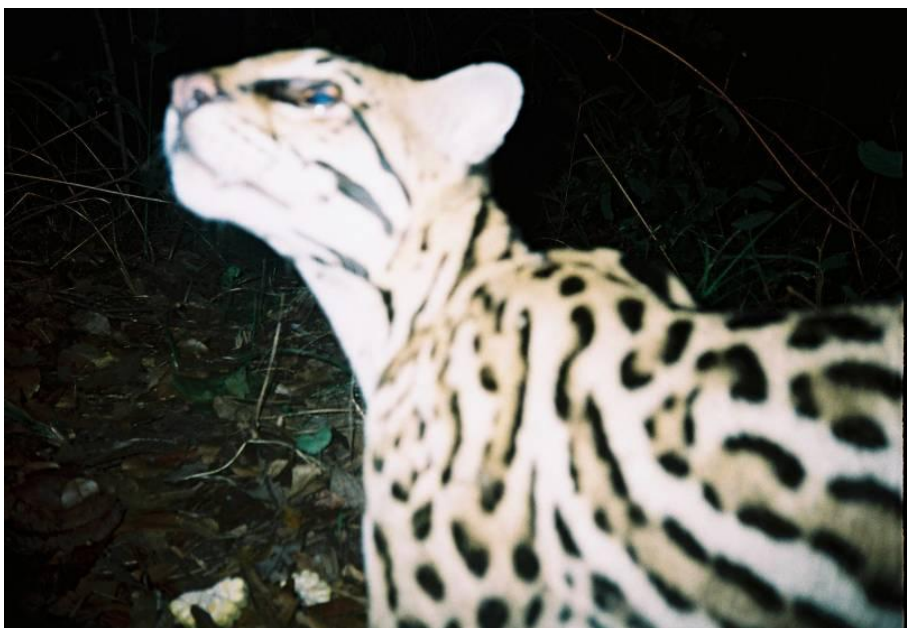


Foto 5.2-14 – *Leopardus pardalis* registrado através da utilização de armadilhas fotográficas.



Foto 5.2-15 – dois indivíduos de *Cerdocyon thous* fotografados com a utilização de armadilhas fotográficas durante a segunda campanha de coleta de dados primários, na região de Água Boa.



Foto 5.2-16 – *Puma concolor* registrada através da utilização de armadilhas fotográficas.



Foto 5.2-17 – Tatu-galinha (*Dasypus septemcinctus*) encontrado atropelado durante o levantamento de dados primários no município de Água Boa.



Foto 5.2-18 – grupo de *Cebus libidinosus* registrado através da utilização de armadilhas fotográficas.

A curva de acumulação de espécies realizada para esta região sugere que ainda existem mamíferos para serem registrados nesta região não tendo atingido a estabilidade.

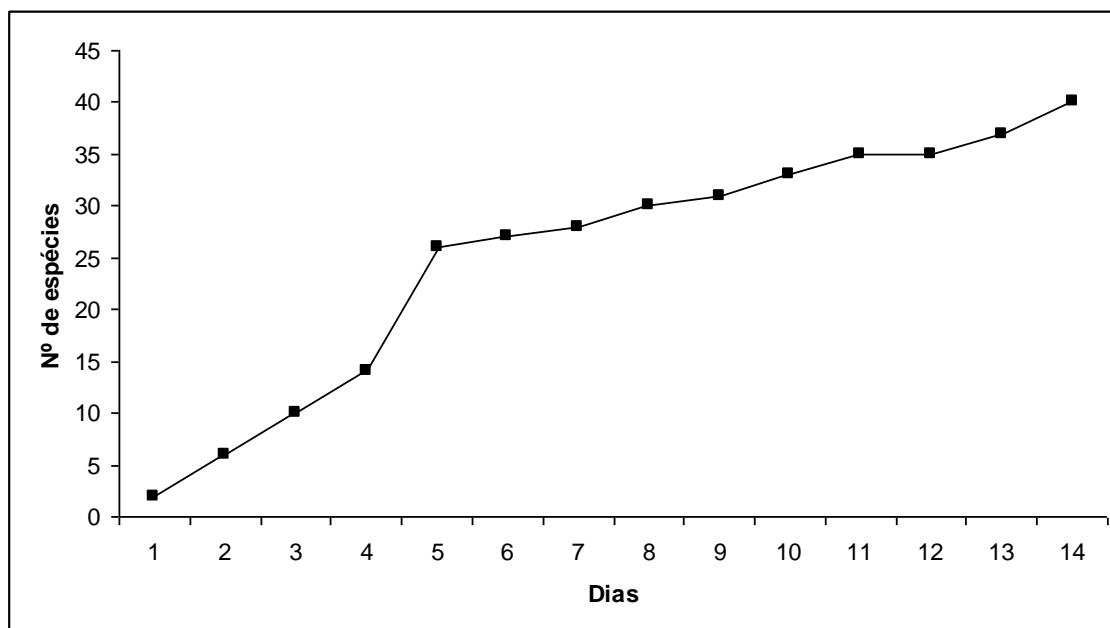


Figura 5.2-144 - Curva de acumulação de espécies registradas durante o levantamento de dados primários da mastofauna na região de Água Boa, Mato Grosso.

Dentre as espécies mais abundantes, pode-se destacar o porco-do-mato (*Pecari tajacu*), a anta (*Tapirus terrestris*) e o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*).

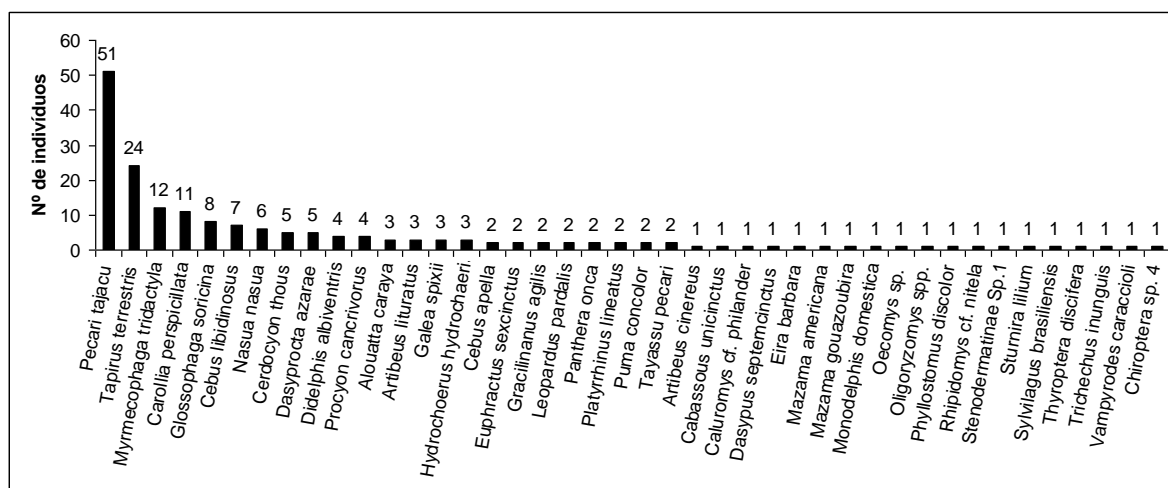


Figura 5.2-145 - Abundância das espécies registradas durante o levantamento de dados primários da mastofauna do município de Água Boa, Mato Grosso.



Foto 5.2-19 – Anta (*Tapirus terrestris*) registrada em Água Boa, Mato Grosso.

Região IV – Alto Xingu

As armadilhas *sherman* e *tomahawk* foram colocadas no cerrado *sensu stricto*, cerrado denso, mata semidecídua e mata de galeria. A amostragem da quiropterofauna foi realizada nos seguintes ambientes: pomar/cerrado *sensu stricto*, borda e interior de mata de galeria, mata ciliar e mata secundária. Foram registradas 51 espécies de mamíferos, o que corresponde a 26% das espécies conhecidas para a região do Cerrado. Estas espécies estão distribuídas em oito ordens sendo: onze Chiroptera (*Micronycteris* sp.), dez Carnívora (*Cerdocyon thous*; *Procyon cancrivorus*) e Rodentia, seis Xenarthra (*Dasypus novemcinctus*; *Priodontes maximus*), cinco Artiodactyla (*Pecari tajacu*), quatro Didelphimorphia, três Primates (*Cebus libidinosus*; *Ateles marginatus*) e um Perissodactyla e Cetacea.



Foto 5.2-20 - *Micronycteris* sp. capturado com a utilização de redes de neblina, Mato Grosso.



Foto 5.2-21 – *Cerdocyon thous* encontrado atropelado durante o levantamento de dados primários, Mato Grosso.



Foto 5.2-22 – O mão-pelada (*Procyon cancrivorus*) foi encontrado boiando no rio Kuluene, Mato Grosso.



Foto 5.2-23 - *Dasypus novemcinctus* encontrado atropelado no levantamento de dados primários, Mato Grosso.



Foto 5.2-24 – Tatu-canastra (*Priodontes maximus*) registrado com a utilização de armadilha fotográfica.



Foto 5.2-25 – Pecari tajacu fotografado com a utilização de armadilha fotográfica.



Foto 5.2-26 – Jovem *Cebus libidinosus* registrado durante a campanha de coleta de dados primários, Mato Grosso.

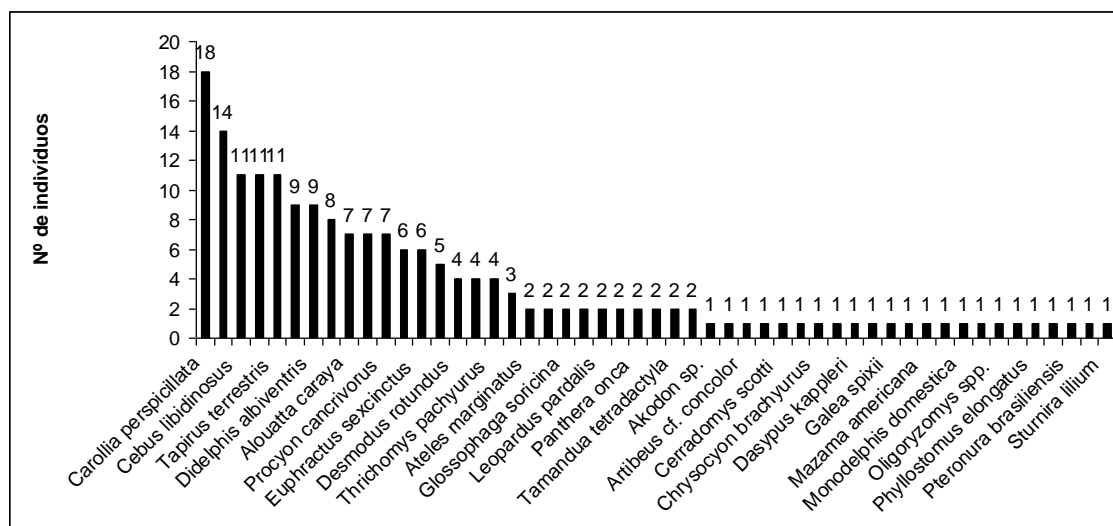


Foto 5.2-27 – Macaco-aranha (*Ateles marginatus*) avistado em mata aluvial, Mato Grosso.

A line graph showing the number of species (Nº de espécies) on the y-axis (ranging from 0 to 45 in increments of 5) against the number of days (Dias) on the x-axis (ranging from 1 to 17). The data points are connected by a solid line, showing a general upward trend with some fluctuations. The number of species increases from approximately 2 on day 1 to 40 on day 17.

Dias	Nº de espécies
1	2
2	7
3	14
4	17
5	20
6	21
7	22
8	26
9	26
10	27
11	28
12	33
13	33
14	35
15	35
16	37
17	40

As espécies mais abundantes foram: a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), o macaco-prego (*Cebus libidinosus*) e o morcego frugívoro *Carollia perspicillata*.



EIA/RIMA para implantação da Ferrovia EF – 354 – Trecho: Uruaçu/GO – Vilhena/RO 5.2-400

Região V

As armadilhas *sherman* e *tomahawk* e as redes de neblina foram colocadas em mata ciliar, mata secundária e cerradão. Na região V foram registradas 42 espécies de mamíferos, o que corresponde a 21,6% das espécies conhecidas para a região do Cerrado. Estas espécies estão distribuídas em oito ordens sendo oito espécies de Rodentia (e. g. *Necomys lasiurus*; *Hylaeamys megacephalus*) e de Carnivora (*Cerdocyon thous*), sete Xenarthra, seis Didelphimorphia (e. g. *Monodelphis kunsii*) e Chiroptera (*Carollia perspicillata*), três Primates e Artiodactyla (*Mazama americana*) e um Perissodactyla..



Foto 5.2-28 – Pequenos mamíferos capturados em mata secundária no município de Brasnorte, Mato Grosso: a. *Necomys lasiurus*; b. *Hylaeamys megacephalus*.



Foto 5.2-29 – Cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*) observado em mata secundária, município de Brasnorte, Mato Grosso.



Foto 5.2-30 – *Monodelphis kunsii* capturado em *pitfall* em mata mesofítica no município de Campo Novo do Parecis, Mato Grosso.



Foto 5.2-31 – *Carollia perspicillata* capturado em rede de neblina em mata secundária, município de Sapezal, Mato Grosso.



Foto 5.2-32 – Veado-mateiro (*Mazama americana*) observado em mata secundária, município de Brasnorte, Mato Grosso.

Três espécies foram registradas atropeladas: dois tatus (*Dasypus septemcinctus*) e *Euphractus sexcinctus*) e uma cutia (*Dasypsecta azarae*).



Foto 5.2-33 – Mamíferos encontrados atropelados em rodovias: a. Tatu-galinha (*Dasypus septemcinctus*); b. Cutia (*Dasypsecta azarae*).

A curva de acumulação de espécies ainda está inclinada sugerindo que devem ter outras espécies de mamíferos que não foram registradas durante o levantamento de dados primários.

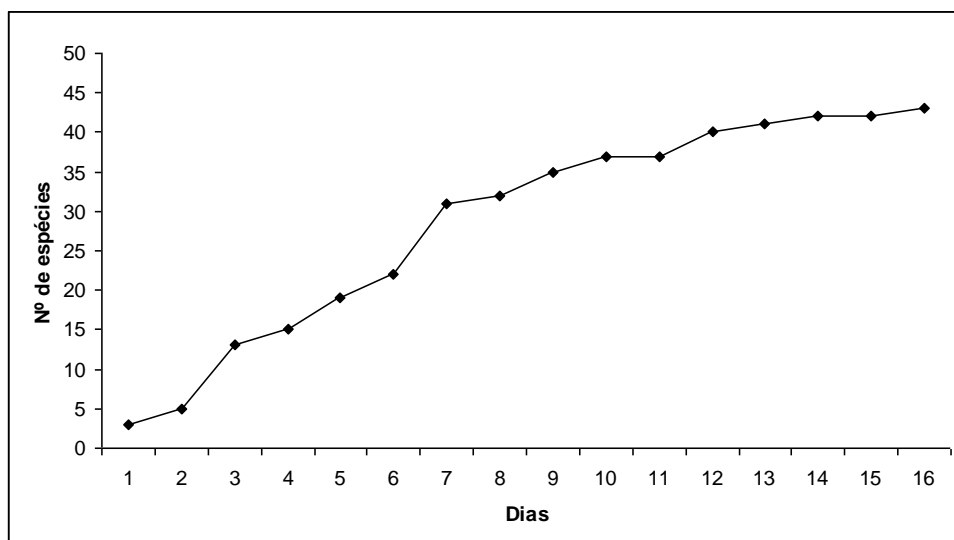


Figura 5.2-148 - Curva de acumulação de espécies registradas nos municípios de Sapezal, Brasnorte e Campo Novo do Parecis, Mato Grosso.

As espécies mais abundantes foram a anta (*Tapirus terrestris*), seguida de um morcego frugívoro (*Carollia perspicillata*) e do macaco-prego (*Cebus libidinosus*).

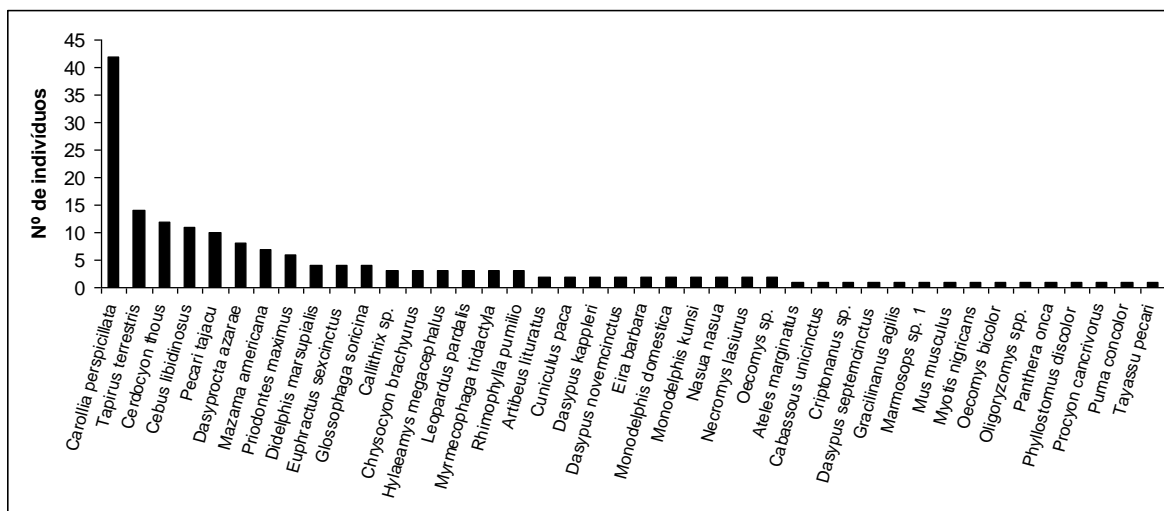


Figura 5.2-149 - Abundância das espécies registradas durante o levantamento de dados primários da mastofauna dos municípios de Sapezal, Brasnorte e Campo Novo do Parecis, Mato Grosso.

Região VI – Vilhena - Ro

As armadilhas *sherman* e *tomahawk* e as redes de neblina foram colocadas em áreas de mata de transição, uma vez que esta é a vegetação dominante da região e áreas de Cerrado só foram encontradas dentro de reservas indígenas.

Na região VI foram registradas 46 espécies de mamíferos que estão distribuídas em oito ordens sendo nove Rodentia, oito Chiroptera (*Rhinophylla pumilio*), sete Didelphimorphia (*Monodelphis* sp), seis Primates (*Callicebus* sp,; *Chiropotes albinasus*) e Xenarthra, cinco Carnivora, quatro Artiodactyla e um Perissodactyla).



Foto 5.2-34 – Morcego (*Rhinophylla pumilio*) capturado em rede de neblina.



Foto 5.2-35 – Cuíca (*Monodelphis* sp.) capturada em armadilha de queda (*pitfall*) no município de Vilhena, Rondônia.



Foto 5.2-36 – *Callicebus* sp. avistado durante a campanha de dados primários na região de Vilhena.



Foto 5.2-37 - *Chiropotes albinus* avistado durante a campanha de dados primários na região de Vilhena.

A curva de acumulação de espécies para esta região sugere que outras espécies que não foram registradas durante o levantamento de dados primários podem ocorrer na região .

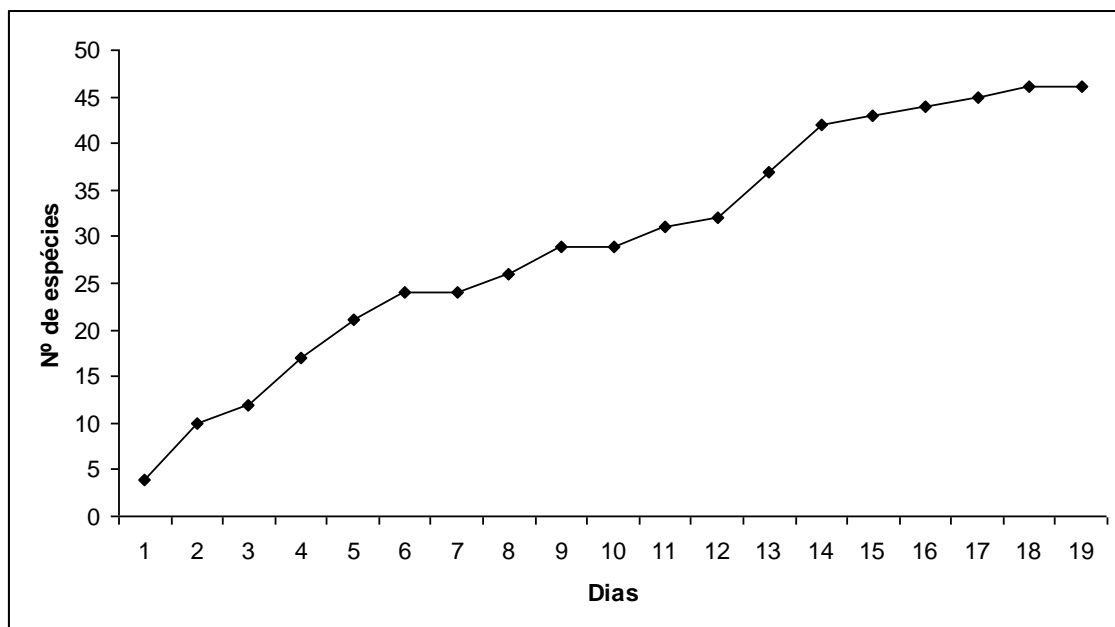


Figura 5.2-150 – Curva de acumulação de espécies registradas durante o levantamento de dados primários da mastofauna do município de Vilhena, Rondônia, realizado de 12 a 21 de novembro de 2009.

As espécies mais abundantes foram um morcego frugívoro (*Carollia perspicillata*), seguida do queixada (*Tayassu pecari*, e do macaco-barrigudo (*Lagothrix cana*).

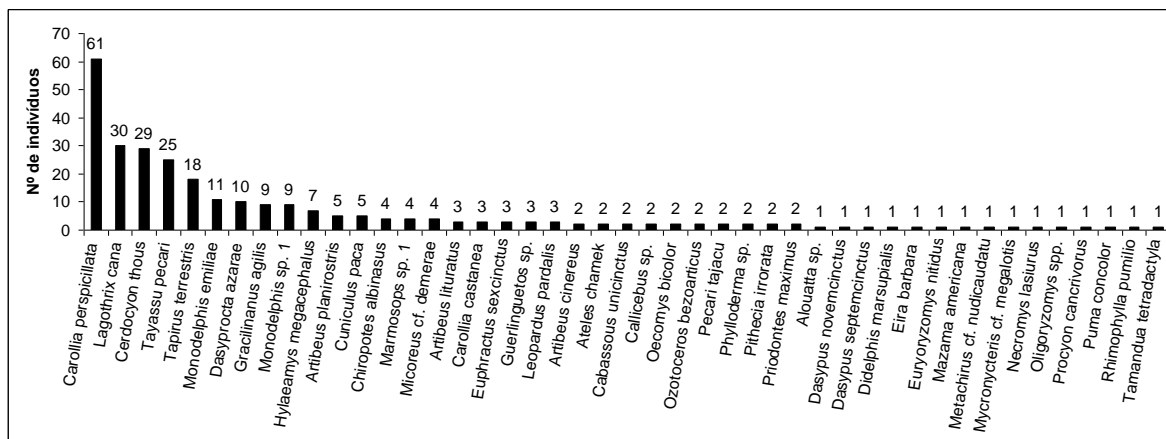


Figura 5.2-151 - Abundância das espécies registradas durante o levantamento de dados primários da mastofauna do município de Vilhena, Rondônia, realizado de 12 a 21 de novembro de 2009.



Foto 5.2-38 - *Tayassu pecari* avistado durante a campanha de dados primários na região de Vilhena.



Foto 5.2-39 – Fêmea de macaco-barrigudo (*Lagothrix cana*) carregando um filhote, avistados durante o levantamento realizado no município de Villhena, Rondônia.



Foto 5.2-40 - Macho de macaco-barrigudo (*Lagothrix cana*) avistado durante o levantamento realizado no município de Villhena, Rondônia.

Resultados gerais da campanha de coleta de dados primários da mastofauna para o empreendimento da ferrovia EF 354.

Durante todo o levantamento de dados primários da mastofauna foram registradas 109 espécies de mamíferos que estão distribuídas em 11 ordens sendo 33 Chiroptera (das famílias Emballonuridae, Phyllostomidae, Thyropteridae e Vespertilionidae) 22 Rodentia (Sciuridae, Cricetidae, Dasypodidae, Caviidae, Echimyidae, Erithizontidae), 14 Didelphimorphia (Didelphidae), 12 Carnivora (Felidae, Canidae, Mustelidae e Procyonidae), 11 Primates (Cebidae, Pitheciidae e Atelidae), oito Xenarthra (Myrmecophagidae e Dasypodidae), cinco Artiodactyla (Tayassuidae e Cervidae), um Perissodactyla (Tapiridae), um Lagomorpha (Leporidae), um Cetacea (Delphinidae) e um Sirenia (Trichechidae). O número de espécies registradas no levantamento de dados primários representa 50,5% das espécies registradas no levantamento de dados secundários, onde foram registradas 216 espécies de mamíferos para as seis regiões.

A região IV foi a região com maior riqueza de espécies de mamíferos (n=51) entre as seis regiões e apresentou o maior índice de diversidade. A região I foi região com menor número de espécies (n=39), mas está em terceiro quando comparada a diversidade desta com as das outras cinco áreas. Considerando todas as regiões, sete espécies encontram-se no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, sete estão presentes na IUCN mundial como vulnerável ou ameaçada e uma espécie *Sotalia fluviatilis* está na categoria de insuficiência de dados para classificação pela IUCN. Apesar de não ter sido registrada nenhuma espécie endêmica do Cerrado, nove são endêmicas da Amazônia. São cinco espécies de primatas, *Ateles chamek*, *Ateles marginatus*, *Lagothrix cana*, *Chiropotes albinus*, *Phitecia irrorata*, um cetáceo (*Sotalia fluviatilis*) e o peixe-boi (*Trichechus inunguis*). A espécie *Monodelphis emiliae* é considerada vulnerável pela IUCN e é encontrada apenas na bacia amazônica. Estas espécies foram registradas em áreas de transição entre Cerrado e Amazônia. As espécies cinegéticas somam 34 e estão presentes, principalmente, nas ordens Xenarthra, Primates, Carnivora e Artiodactyla. Os altos valores dos índices de equitabilidade sugerem que os indivíduos amostrados estão bem distribuídos entre as espécies.

Tabela 5.2-59 - Índice de diversidade de Shannon, equitabilidade e riqueza de mamíferos para as seis regiões amostradas durante o levantamento de dados primários da mastofauna, realizado de setembro a novembro de 2009.

	Índice de Shannon	Equitabilidade	Riqueza
Região I	2,952	0,806	39
Região II	3,338	0,872	46
Região III	2,877	0,775	41
Região IV	3,474	0,884	51
Região V	3,082	0,825	42
Região VI	2,987	0,78	46

O teste de similaridade de Morisita agrupou as regiões em cinco grupos similares. As regiões II, III e IV estão dentro de um mesmo interflúvio, porém III e IV são as mais similares entre si, formando um grupo, do que quando comparadas com as outras. As regiões I e II são mais similares entre si. As regiões V e VI apresentaram maior similaridade entre si, uma vez que sofrem maior influência Amazônica do que as outras regiões.

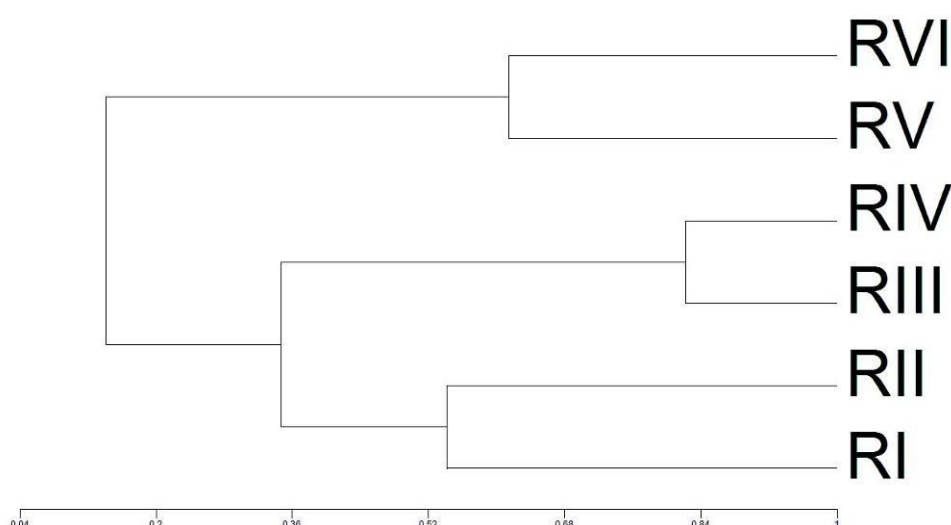


Figura 5.2-152 – Similaridade de Morisita entre as regiões estudadas durante o levantamento de dados primários da mastofauna.

Descrição das espécies ameaçadas de extinção, registrada durante o levantamento de dados primários da mastofauna das áreas de influência da ferrovia EF 354.

Ateles marginatus – Ocorre ao sul do rio Amazonas, entre os rios Tapajós e Tocantins. Habitam florestas altas em bom estado de conservação. Essencialmente arborícolas, formam grupos de 8 a 30 indivíduos. A poligamia é característica para o gênero *Ateles*, que apresenta recrutamento muito lento, com intervalo entre nascimentos em torno de 24

meses. A destruição de habitat é, sem dúvida, a maior ameaça para a manutenção de populações saudáveis desta espécie. Por ser um primata de grande porte, a espécie ainda sofre pressão da caça (MMA, 2008).

Chrysocyon brachyurus (lobo-guará) – distribui-se ao leste do Peru, Bolívia, Paraguai, norte da Argentina e Brasil. Alimenta-se de frutos e pequenos vertebrados (Marinho-Filho *et al.*, 1998). A principal ameaça para sua conservação é a destruição e fragmentação de habitats. Embora a espécie apresente uma plasticidade para tolerar certos impactos de baixo nível, a intensa ocupação humana e o desenvolvimento pode ser um risco para a manutenção das populações de lobo. Atividades humanas podem afetar estas populações através de mudanças comportamentais e ecológicas (PRÓ-CARNÍVOROS, 2009), e pode ser considerado como uma espécie rara (Marinho-Filho *et al.*, 2002).

Lycalopex vetulus – a raposa-do-campo é endêmica do Brasil e amplamente distribuída e abundante em áreas de campos naturais, Pantanal e principalmente no centro-sul do Cerrado, bioma em que já foi considerada de ocorrência restrita (Dalponte, 2009; Reis *et al.*, 2006; Marinho-Filho *et al.*, 2002). A dieta de *L. vetulus* é frugívora-insetívora, baseada principalmente em cupins dos gêneros *Syntermes* e *Cornitermes*, porém este canídeo é dispersor de diversas espécies vegetais incluindo lenhosas, bromélias e capins nativos (Dalponte, 2009; Juarez & Marinho-Filho, 2002; Dalponte & Lima, 1999). O menor dentre os canídeos brasileiros adapta-se a algumas alterações antrópicas como a implantação de pastagens, apresentando inclusive, elevada densidade populacional neste ambiente, se houver fartura de cupins e outros insetos e ausência de potenciais predadores, como o lobo-guará (Rocha *et al.*, 2008). Atualmente não existem ameaças conhecidas que resultem em um declínio na sua distribuição, por isso seu status de conservação na IUCN é considerado como pouco preocupante (Dalponte, 2009; Dalponte & Courtenay, 2008). Esta espécie é um dos hospedeiros silvestres dos protozoários *Leishmania chagasi*, causador da leishmaniose visceral e *Trypanosoma cruzi*, causador da doença de chagas e óbitos podem ocorrer derivados da infestação por sarna (Dalponte, 2009; Gontijo & Melo, 2004).

Myrmecophaga tridactyla (tamanduá-bandeira) - distribui-se nas florestas e savanas, sendo uma espécie relativamente comum em algumas localidades do Cerrado brasileiro, mas sendo extremamente rara ou já extinta em outras, constando, por isso, na lista dos mamíferos brasileiros ameaçados de extinção do MMA. Atualmente, populações grandes de tamanduás podem ser encontradas apenas em algumas poucas áreas, com destaque para o Parque Nacional da Serra da Canastra, MG e para o Parque Nacional das Emas, GO. As principais causas de declínio das populações de tamanduá-bandeira são a deterioração e a redução de habitats e, em algumas áreas, o fogo. O tamanduá-bandeira

está entre as principais presas de onças-pintadas, sendo importantes para a manutenção destes felinos (PRÓ-CARNÍVOROS, 2009).

Panthera onca (onça-pintada) - considerado o maior felino do continente americano, as onças tem massa corporal de 35 e 135 kg, podendo chegar a 158 kg. A distribuição dessa espécie vai do sul dos Estados Unidos ao sul da Argentina. No Brasil pode ocorrer nos diferentes ambientes que compõem os biomas Cerrado, Amazônia, Pantanal, Mata Atlântica e Caatinga. A *P. onca* é um predador de topo de cadeia relacionado com ambientes ribeirinhos e alagáveis, locais que apresentam altas densidades de presas. Os indivíduos dessa espécie dependem de vasta área de vida, com cerca de 33,4 km² para os machos e 10,5 km² para as fêmeas. Devido à destruição e fragmentação de habitat, somados à dependência por extensas áreas com boa qualidade ambiental e às perseguições e retaliações no meio rural, a espécie está no livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção (MMA, 2008).



Figura 5.2-153. Onça-pintada (*Panthera onca*) avistada durante os trabalhos de campo na Região V, da bacia hidrográfica do rio Papagaio, Alto Tapajós.

Priodontes maximus (tatu canastra) – é o maior tatu existente, podendo chegar a até 50kg de massa corporal. Habita áreas abertas e florestais. O Cerrado é considerado o habitat principal desta espécie. Possui ampla distribuição na América do Sul, apesar de já ter sido extinto localmente em algumas regiões (Marinho-Filho, 1998). É considerado um animal raro, visado por caçadores. A dieta é constituída de invertebrados, principalmente de cupins e formigas. É ameaçada principalmente pela alteração e destruição de seu habitat, caça, fogo e atropelamentos (MMA, 2008).

Pteronura brasiliensis – Historicamente, ocorria em todos os países da América do Sul, à exceção do Chile. A maior das lontras é um animal social que vive em grupos de até 16 indivíduos. Alimenta-se principalmente de peixes, mas também pode consumir pequenos mamíferos, aves, répteis e eventualmente invertebrados. Sua natureza curiosa e a gama de vocalizações emitidas tornam a espécie presa fácil dos caçadores. Acredita-se que,

atualmente, a espécie esteja extinta em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A literatura menciona a possibilidade de que as ariranhas do Patanal e da Amazônia sejam subespécies distintas, porém não se tem confirmação científica a esse respeito (MMA, 2008).

Speothos venaticus – a espécie ocorre do oeste do Panamá ao leste dos Andes da Colômbia, Equador, Peru, Venezuela e Guianas. No Brasil, ocorre da região Amazônica até o leste do Maranhão, e do Brasil central até Santa Catarina. É um canídeo altamente social vivendo em grupos sociais pequenos. A dieta é altamente carnívora, tendo como principais itens alimentares animais de porte considerável para o tamanho da espécie, como roedores, tatus e veados. A abrangência da distribuição geográfica atual foi reduzida nas regiões Sul e sudeste, assim como nas áreas mais densamente povoadas, de onde a espécie praticamente desapareceu (MMA, 2008).

Trichechus inunguis – é o maior herbívoro de água doce sul-americano e endêmico da bacia Amazônica. Acredita-se que ainda ocorre na maior parte da sua distribuição original, embora em números bastante reduzidos. Ocorre nas principais bacias dos rios da Amazônia. A principal causa de sua redução populacional foi a caça indiscriminada por causa de sua carne e couro. Os filhotes também são vulneráveis a rede de espera. Estes animais também são diretamente afetados por diversos poluentes. A conservação do peixe-boi depende de medidas que reduzam a degradação ambiental e preservem seus habitats naturais. Por ser uma espécie migratória é preciso estabelecer e preservar suas áreas de uso e rotas. Também é preciso implantar um programa de conscientização ambiental nas áreas onde esta espécie ainda sofre pressão de caça (MMA, 2008).

Tabela 5.2-60 – Lista das espécies registradas durante o levantamento de dados primários da mastofauna, para o empreendimento EF 354, realizado de setembro a novembro de 2009.

Taxa	Nome popular	RI	RII	RIII	RIV	RV	RVI	Campanha	Forma Registro	Ambiente	Status
DIDELPHIMORPHIA (14)											
Didelphidae (14)											
<i>Caluromys cf. philander</i>	Cuíca-lanosa			x	x			2	CAP		RA
<i>Cryptonanus sp.</i>	Guaiquica					x		1	CAP	MM	
<i>Didelphis marsupialis</i>	Saruê					x	x	1, 2	AF, CAP	MT	
<i>Didelphis albiventris</i>	Saruê	x	x	x	x			1, 2	AV, AF, CAP	CSS, MA, MS	
<i>Gracilinanus agilis</i>	Cuíca	x		x	x	x	x	1, 2	CAP	CC, CD, CSS, MG, MS, MT	
<i>Marmosa murina</i>	Cuíca	x						1	CAP	MG, CD	
<i>Marmosops sp. 1</i>	Cuíca					x	x	1, 2	CAP	CE, MM, MT	
<i>Metachirus cf. nudicaudatus</i>	Cuíca-de-quatro-olhos						x	2	CAP	MT	RA
<i>Micoreus cf. demerae</i>	Cuíca						x	2	CAP	MT	RA
<i>Monodelphis domestica</i>	Catita	x	x	x	x	x		1, 2	CAP		
<i>Monodelphis emiliae</i>	Catita						x	1, 2	CAP	MT, VE	RA
<i>Monodelphis kunsii</i>	Catita	x				x		1, 2	CAP	MS, MG	RA
<i>Monodelphis sp. 1</i>	Catita						x	1, 2	CAP	MT	
<i>Philander opossum</i>	Cuíca-de-quatro-olhos		x					1	CAP	MA	RA
XENARTHRA (8)											

Taxa	Nome popular	RI	RII	RIII	RIV	RV	RVI	Campanha	Forma Registro	Ambiente	Status
Myrmecophagidae (2)											
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira	x	x	x	x	x		1, 2	AF, AV, FE, PE	MS, CD, MG, PA	AM, CI, RA
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim				x		x	1, 2	AT, PE	MG, PA, MT	CI
Dasypodidae (6)											
<i>Cabassous unicinctus</i>	Tatu-do-rabo-mole		x	x		x	x	1, 2	AV, TO		RA
<i>Dasypus kappleri</i>	Tatu-de-quinze-quilos				x	x		1, 2	TO	FA	CI
<i>Dasypus novemcinctus</i>	tatu-galinha		x		x	x	x	1, 2	AT, AV, PE, VE, TO	CE, MM, MT	CI
<i>Dasypus septemcinctus</i>	Tatu-galinha			x		x	x	1, 2	AF, AT	CSS, PA, MG, MT	CI
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	x	x	x	x	x	x	1, 2	AT, AV, PE, TO	PA	CI
<i>Priodontes maximus</i>	Tatu-canastra	x			x	x	x	1, 2	AF, TO	MC, MT	CI, RA
PRIMATES (11)											
Atelidae (6)											
<i>Alouatta belzebul</i>	Bugio		x					1	AV	MA, CERU	VU, CI
<i>Alouatta caraya</i>	Bugio	x	x	x	x			1, 2	AV, VO, FE	MG, MS	CI
<i>Alouatta sp.</i>	Bugio						x	2	VO		CI
<i>Ateles chamek</i>	Macaco-aranha						x	1	AV	MA, MT	AM*, CI
<i>Ateles marginatus</i>	Macaco-aranha				x	x		1, 2	AV	MA	AM, AM*, CI

Taxa	Nome popular	RI	RII	RIII	RIV	RV	RVI	Campanha	Forma Registro	Ambiente	Status
<i>Lagothrix cana</i>	Macaco-barrigudo						x	1, 2	AV	MT	VU, CI
Cebidae (2)											
<i>Cebus libidinosus</i>	Macaco-prego	x	x	x	x	x		1, 2	AV, AF, PE	MA, CE, MC, MG, MM	CI
<i>Callithrix</i> sp.	Sagui					x		1	AV	MC	CI
Pitheciidae (3)											
<i>Callicebus</i> sp.	Zogue-zogue						x	1, 2	AV	MT	CI
<i>Chiropotes albinasus</i>	Cuxiú						x	1	AV	MT	CI
<i>Pithecia irrorata</i>	Macaco-velho						x	1	AV	MT	CI
CHIROPTERA (33)											
Chiroptera sp. 1	Morcego		x					2	RN	CR	
Chiroptera sp. 2	Morcego	x						2	RN	MG	
Chiroptera sp. 3	Morcego	x						2	RN	MG	
Chiroptera sp. 4	Morcego			x				2	RN	CSS	
Chiroptera sp. 5	Morcego		x					2	RN	CERU	
Chiroptera sp. 6	Morcego		x					2	RN	CERU	
Chiroptera sp. 7	Morcego		x					2	RN	CERU	
Emballonuridae (2)											
<i>Saccopteryx bilineata</i>	Morcego		x					1	RN	MA	
<i>Peropteryx macrotis</i>	Morcego		x					1	RN	MA	RA
Phyllostomidae (23)											
<i>Artibeus</i> cf. <i>cinereus</i>	Morcego	x		x	x		x	2	RN	CSS. MC	
<i>Artibeus</i> cf. <i>concolor</i>	Morcego				x			2	RN	MC	

Taxa	Nome popular	RI	RII	RIII	RIV	RV	RVI	Campanha	Forma Registro	Ambiente	Status
<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego	x		x	x	x	x	1, 2	RN	CSS, MA, MC, MP, MSEC, MT	
<i>Artibeus planirostris</i>	Morcego	x	x				x	1	RN	CE, MG, MT	
<i>Carollia perspicillata</i>	Morcego	x	x	x	x	x	x	2	RN	CE, CSS, MA, MC, MS, MSEC, MT	
<i>Carollia castanea</i>	Morcego						x	1	RN	MT	
<i>Carollia cf. brevicauda</i>	Morcego		x					1	RN	MC	
<i>Chrotopterus auritus</i>	Morcego				x			2	RN	MC	RA
<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego	x	x		x			2	RN	CC, CERU, MC	
<i>Glossophaga soricina</i>	Morcego	x	x	x	x	x		2	RN	CSS, CERU, MG, PO	
<i>Mycronycteris cf. megalotis</i>	Morcego						x	1	RN		
<i>Mycronycteris sp.</i>	Morcego				x			1	RN	CSS, MT	
<i>Phyllostomus discolor</i>	Morcego	x		x		x		1, 2	RN	CSS, MC	
<i>Phylloderma sp.</i>	Morcego						x	2	RN	MT	RA
<i>Phyllostomus elongatus</i>	Morcego	x			x			1	RN	MS, MSEC	RA
<i>Phyllostomus hastatus</i>	Morcego	x						2	RN	PO	
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	Morcego	x	x	x	x			2	RN	CE, CSS, MC	
<i>Rhinophylla pumilio</i>	Morcego					x	x	2	RN	MG, MT	
<i>Stenodermatinae sp.1</i>	Morcego			x				1	RN	MG	
<i>Sturnira lilium</i>	Morcego		x	x	x			1, 2	RN	MA, MG	
<i>Trachops cirrhosus</i>	Morcego		x					1	RN	CC	

Taxa	Nome popular	RI	RII	RIII	RIV	RV	RVI	Campanha	Forma Registro	Ambiente	Status
<i>Vampyroides caraccioli</i>	Morcego			x				1	RN	MG	
Thyropteridae (1)											
<i>Thyroptera discifera</i>	Morcego			x				1	RN	MP	
Vespertilionidae (1)											
<i>Myotis nigricans</i>	Morcego					x		1	RN	MC	
CARNIVORA (12)											
Felidae (4)											
<i>Puma (Herpailurus) yagouaroundi</i>	Jaguarundi		x		x			1, 2	AV	MC	CI, RA
<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguaririca		x	x	x	x	x	2	PE, AF	CARU, MC, MG, MT, PA	CI, RA
<i>Panthera onca</i>	Onça-pintada		x	x	x	x		1, 2	AV, PE		AM, CI, RA
<i>Puma concolor</i>	Suçuarana	x	x	x	x	x	x	1, 2	AF, AV, PE	CSS, PA, MG, MT	CI, RA
Canidae (4)											
<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	x	x	x	x	x	x	1, 2	AF, AT, AV, PE	CE, CSS, MG, PA	
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará		x		x	x		1, 2	FE, PA, PE		AM, RA
<i>Lycalopex vetulus</i>	Raposinha		x					2	AV		
<i>Speothos venaticus</i>	Cachorro-vinagre		x					1	PE		AM, VU, RA
Mustelidae (2)											
<i>Eira barbara</i>	Irara		x	x	x	x	x	1, 2	AF, AV, PE	CARU, MT	CI, RA

Taxa	Nome popular	RI	RII	RIII	RIV	RV	RVI	Campanha	Forma Registro	Ambiente	Status
<i>Pteronura brasiliensis</i>	Ariranha		x		x			1, 2	AV, PE	MT	AM, AM*
Procyonidae (2)											
<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada	x	x	x	x	x	x	1, 2	AT, V, PE	MC, VE, MT	
<i>Nasua nasua</i>	Quati	x	x	x	x	x		1, 2	AF, AV, PE	MC, MG, MS	CI
PERISSODACTYLA (1)											
Tapiridae (1)											
<i>Tapirus terrestris</i>	Anta	x	x	x	x	x	x	1, 2	PE, AF, AV	CARU, CSS, MA, MG, MP, MT	CI, RA
ARTIODACTYLA (5)											
Cervidae (3)											
<i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro	x		x	x	x	x	1	AF, AV, PE	CE, CSS, MC, MS, VE	CI, RA
<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-campeiro	x	x	x	x			1, 2	AV, PE	CD, MT	CI
<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	veado-catingueiro				x		x	2		MT	CI, RA
Tayassuidae (2)											
<i>Pecari tajacu</i>	Catitu		x	x	x	x	x	1, 2	AF, AV, PE	CARU, CSS, PA, MT	CI, RA
<i>Tayassu pecari</i>	Queixada	x		x	x	x	x	1, 2	PE, AV	MG, MT	CI, RA
RODENTIA (22)											
Rodentia sp. 1	Rato-do-mato						x	2	CAP	MT	
Cuniculidae (1)											
<i>Cuniculus paca</i>	Paca		x		x	x	x	1, 2	PE	MT	CI

Taxa	Nome popular	RI	RII	RIII	RIV	RV	RVI	Campanha	Forma Registro	Ambiente	Status
Cricetidae (13)											
<i>Akodon</i> sp.	Rato-do-mato				x			2	CAP		
<i>Calomys expulsus</i>	Rato-do-mato	x						1	CAP	CD	
<i>Calomys tener</i>	Rato-do-mato	x						1	CAP	CD	
<i>Cerradomys scotti</i>	Rato-do-mato		x		x			1	CAP	CERU, VE	
<i>Euryoryzomys nitidus</i>	Rato-do-mato						x	1	CAP	MT	
<i>Hylaeamys megacephalus</i>	Rato-do-mato					x	x	1, 2	CAP	MS, MT	
<i>Mus musculus</i>	Rato-urbano					x		1	CAP	MS	
<i>Necomys lasiurus</i>	Rato-do-mato	x				x	x	1, 2	CAP	MC, MG, MSEC	
<i>Nectomys rattus</i>	Rato-do-mato	x						1, 2	CAP	MG	
<i>Oecomys</i> sp.	Rato-do-mato			x	x	x		1, 2	CAP	MA	RA
<i>Oecomys bicolor</i>	Rato-do-mato					x	x	1, 2	CAP	CE, MA, MT	RA
<i>Oligoryzomys</i> spp.	Rato-do-mato	x		x	x	x	x	1, 2	CAP	MG, MS, MT	
<i>Rhipidomys</i> cf. <i>nitela</i>	Rato-do-mato			x				1, 2		MP	
Dasyproctidae (1)											
<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia	x	x	x	x	x	x	1, 2	AV, AF, PE	CSS, MG, MP, MT	CI
Caviidae (2)											
<i>Galea spixii</i>	Galea	x		x	x			1, 2	AV, AT, PE, FE	CSS	
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara		x	x	x			1, 2	AV, PE, FE		CI
Echimyidae (2)											

Taxa	Nome popular	RI	RII	RIII	RIV	RV	RVI	Campanha	Forma Registro	Ambiente	Status
<i>Proechimys roberti</i>	Rato-do-mato	x						1	CAP	MG	
<i>Thrichomys pachyurus</i>	Rato-do-mato		x		x			1, 2	CAP	CERU, VE	
Erithizontidae (1)											
<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro				x			1	AV	MG	CI
Sciuridae (1)											
<i>Guerlinguetos sp.</i>	Caxinguelê	x					x	1, 2	RN, AV	CD, MC, MT	CI
LAGOMORPHA (1)											
Leporidae (1)											
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapiti		x	x				1	AV		
CETACEA (1)											
Delphinidae (1)											
<i>Sotalia fluviatilis</i>	Tucuxi		x		x			1, 2	AV		DD
SIRENIA (1)											
Trichechidae (1)											
<i>Trichechus inunguis</i>	Peixe-boi			x				1	AV	MG	AM, VU

Forma de registro: AF - armadilha fotográfica, AV - avistamento, AT - atropelamento, CAP - indivíduos capturados através de rede, armadilhas sherman, tomahawk e/ou pitfall; FE - fezes, PE - pegada, RN - rede de neblina, VO - vocalização; Ambiente: CD - cerrado denso, CSS - cerrado sensu stricto, MA - mata alagável, CC - campo cerrado, CE - cerradão, CARU - campo rupestre, CERU - cerrado rupestre, FA - Floresta Alta, MC - mata ciliar, MG - mata de galeria, MM - mata mesofítica, MP - mata perene, MS - mata semidecídua, MSEC - mata secundária, MT - Mata de transição, PA - pasto, PO - pomar, VE - vereda; Status: AM - ameaçada de acordo com o Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, AM* - ameaçada de acordo com a IUCN, VU - vulnerável pela IUCN, DD - insuficiência de dados para avaliação segundo a IUCN, RA - rara (Marinho-Filho *et al.*, 2002), CI - cinegética.

5.2.5 CONCLUSÕES

O modelo de desenvolvimento praticado no mundo está longe de ser o ideal em termos de sustentabilidade social e ambiental. Nas últimas décadas no Brasil, o crescimento populacional desordenado, a expansão urbana e rural e as atividades humanas têm gerado problemas fundamentais, como a poluição, a contaminação de recursos hídricos, a degradação ambiental progressiva, o aumento das disparidades sociais e a redução da qualidade de vida. Tais problemas são resultantes da ocupação aleatória de terras e da má utilização dos recursos naturais, distribuição injusta dos benefícios, logo, da falta de sensibilidade administrativa perante as questões ambientais.

A Constituição da República Federativa do Brasil dispõe em seu artigo 225 que “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. Em seu parágrafo 1º complementa: “para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público: I – preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e prover o manejo ecológico das espécies e ecossistemas; II – preservar a diversidade e a integridade do patrimônio genético do País (...); e “VI – controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente”.

Toda a legislação ambiental brasileira, incluindo normas, regulamentações e leis complementares, em geral, destaca-se por ser minuciosa, adequada e eticamente justa, em termos de valorização dos recursos naturais e busca do equilíbrio entre o uso e a preservação destes. Entretanto, a lei é muito pouco eficiente devido à carência de sua aplicação correta por parte das autoridades jurídicas e gerenciais.

Nas últimas décadas, as atividades rurais nas regiões da Ferrovia EF 354 aumentaram significativamente, trazendo consigo a ocupação rural e urbana. Toda esta aceleração da ocupação humana e da exploração dos recursos naturais resultou no aumento dos riscos ambientais nas regiões do empreendimento em questão.

As atividades rurais nessas regiões, como: a pecuária extensiva, as monoculturas de soja, algodão, entre outras, e a exploração mineral, geram grandes impactos ambientais, como: desmatamento, a perda e a fragmentação de habitats naturais, redução da diversidade de fauna e flora, e, ainda, contaminação de rios e lençóis freáticos. Estas atividades podem ser imediatamente lucrativas para empreendedores, mas considerando as perdas ambientais para as gerações futuras, suas relações custos/benefícios tornam-se enormemente reduzidas, pelo fato de serem insustentáveis em longo prazo. A

ausência de um planejamento territorial sob abordagem de sustentabilidade repercutirá em custos extraordinários para a futura reversão do quadro de intensa degradação ambiental (MME 2002).

A ocupação desordenada e o uso exploratório dos recursos naturais poderão acarretar sérios problemas em termos de conservação da biodiversidade. Fatores intrínsecos ao aumento da ocupação humana e de atividades degradantes como a diminuição da qualidade da água, as perdas e fragmentação de remanescentes naturais certamente acarretarão impactos diretos para a fauna e flora das regiões do empreendimento, como: 1) redução na diversidade de ecossistemas e espécies, 2) a alteração na composição e estrutura das comunidades florísticas e faunísticas, 3) o isolamento das populações de espécies da flora e fauna, 4) a maior suscetibilidade à perda de variabilidade genética; 5) a redução e remoção de sítios reprodutivos; e, ainda, prejuízos indiretos como: 1) o aumento da pressão de caça de animais silvestres, 2) elevação da densidade de animais domésticos e exóticos, com a conseqüente 3) proliferação de zoonoses, 4) a facilitação ao comércio ilegal de animais silvestres; e 5) aumento na ocorrência de acidentes com animais peçonhentos.

O conceito de desenvolvimento sustentável tenta aliar a manutenção de crescimento econômico e desenvolvimento tecnológico com a preservação dos recursos naturais, dos quais a sociedade humana possui ampla interdependência. O desenvolvimento sustentável, em seu princípio fundamental, objetiva preservar condições ambientais susceptíveis de suportar as próximas gerações. Assim, o modelo econômico de capital/bens/serviços deve ter como premissa que: a exploração de quaisquer recursos ambientais não pode comprometer o equilíbrio dos componentes vitais dos sistemas antrópicos e natural. Ainda, o desenvolvimento sustentável só será efetivo se abordar o componente social, peça essencial do meio ambiente, no sentido de reafirmar e apreciar valores éticos e culturais das populações locais.

Deve-se buscar para as regiões do empreendimento, a implantação de um modelo efetivo de desenvolvimento sustentável, o qual permita o crescimento econômico e tecnológico, de forma integrada à conservação ambiental e ao desenvolvimento social, com a distribuição igualitária de bens e serviços. Este modelo sustentável deve se basear: 1) no fortalecimento dos segmentos intimamente relacionados aos recursos naturais, como p.ex.: o ecoturismo, os movimentos extrativistas e indígenas; 2) na valorização e uso sustentável dos recursos regionais; 3) na defesa, controle e manejo efetivo das unidades de conservação e áreas de preservação permanente; 4) no apoio científico e tecnológico a profissionais e serviços correlacionados ao meio ambiente; 5) na gestão responsável de investimentos produtivos e de infra-estrutura que visem,

primordialmente, as demandas locais e regionais; 6) no aumento da fiscalização e compensação ambiental por parte de setores produtivos que degradam o meio ambiente e não incorporam tecnologias sustentáveis; e, por fim 7) na melhoria da repartição dos benefícios de biodiversidade, no sentido de se reduzir as desigualdades sociais e assegurar qualidade de vida à população local.

A área de influência da futura ferrovia representa numa zona de ecótono (área de transição) entre a Amazônia e o Cerrado, os dois maiores biomas brasileiros. A região compõe-se de variadas fitofisionomias e elementos faunísticos de ambos os biomas. A fauna regional constitui-se de espécies típicas e restritas tanto ao Cerrado quanto à Amazônia, e ainda, espécies restritas aos interflúvios Xingu/Araguaia e Araguaia/Tocantins.

As comunidades de fauna e flora apresentam espécies ameaçadas e restritas (endêmicas) a regiões pouco exploradas cientificamente do Brasil Central. A marcada diversidade de fauna e a presença de bons remanescentes naturais das fitofisionomias presentes nos sítios ilustram a grande biodiversidade da região onde está sendo proposta a ferrovia.

Segundo as orientações para a Amazônia brasileira, por princípios básicos, devem ser desenvolvidas políticas públicas de conservação da biodiversidade em níveis municipais, estaduais e federais para toda a região (MMA 2001).

Para as regiões do empreendimento, têm-se como ações políticas primordiais a serem implantadas: 1) o incentivo ao desenvolvimento científico, tecnológico e ambiental; 2) o estabelecimento de um sistema de unidades de conservação integrado às terras indígenas e ao desenvolvimento dos Estados; 3) fortalecimento jurídico e administrativo de controle das atividades potencialmente degradantes e de estímulo a atividades produtivas verdadeiramente sustentáveis; 4) ações públicas de combate aos incêndios florestais, à proliferação de zoonoses, à caça e comércio ilegal de animais silvestres; à ocorrência de acidentes com animais peçonhentos, ao atropelamento em estradas federais, estaduais e municipais; e controle de espécies exóticas; e 5) a promoção de educação ambiental em todos os níveis de ensino e de conscientização pública para a preservação do meio ambiente.

O empreendimento em questão, uma ferrovia, além de se tratar de um meio mais barato e eficaz de transporte, é menos impactante aos recursos naturais do que as rodovias, já que a área desmatada é bem menor, principalmente por não incentivar a ocupação irregular e desordenada de suas margens, como acontece com as rodovias. No entanto, a implantação de um meio de transporte mais eficaz e barato, pode incentivar o aumento

das atividades agropecuárias, que já são intensas nas regiões, conseqüentemente aumentando o desmatamento, a degradação ambiental e a fragmentação de habitats. Caso isso venha a ocorrer, esse aumento nas atividades agropecuárias deve ser planejado de maneira criteriosa e fiscalizado e controlado de maneira rigorosa.

É imprescindível uma ampliação quantitativa e qualitativa dos estudos científicos que permitam análises regionais sobre gradientes de diversidade, origem, relações filogenéticas e distribuição geográfica de praticamente todas as espécies. Deve-se estimular e garantir planos adequados de manejo e conservação da fauna do Cerrado e a Amazônia, frente à rápida e intensa exploração e alteração dos ambientes originais, as quais podem resultar em prejuízos irreversíveis.

De acordo com orientações prioritárias para conservação, recomenda-se o aumento da extensão da superfície protegida do Cerrado e da Amazônia Legal Brasileira de forma a garantir, pelo menos, 10% em área protegidas de uso indireto. A concepção dos sistemas de conservação deve considerar as terras indígenas, unidades de conservação federal, estaduais e municipais, de uso direto e indireto, e estratégias de uso sustentável de recursos naturais. Com relação às unidades de conservação, são demandas cruciais: implantações efetivas e regularizações fundiárias para certas unidades, incremento de recursos humanos para gestão, o fomento a pesquisas de inventário e monitoramento de toda biodiversidade presente e, por fim, o zoneamento, manejo e gestão das unidades criadas. Os principais desafios são: a resolução de conflitos de terras indígenas e de populações tradicionais, o controle dos impactos gerados por invasões e interferências externas às unidades e, ainda, assegurar a viabilidade ecológica das unidades de conservação, através do estabelecimento de novas unidades, zonas-tampão, áreas de preservação e corredores ecológicos. Para tal deve-se considerar o tamanho mínimo viável para as populações de espécies críticas e a conectividade às áreas naturais de todo sistema de conservação.

Vale ressaltar que a área de influência do empreendimento não apresenta nenhuma unidade de conservação federal, estadual ou municipal, nem de uso sustentável e nem de proteção integral. Apesar disso, as regiões do empreendimento possuem uma importância vital para os dois biomas sob influência: Cerrado e Amazônia. Primeiro por se tratar de um ecótono entre esses biomas, apresentando espécies da fauna e da flora de ambas as regiões, além de espécies endêmicas, raras, bioindicadoras e ameaçadas. Segundo pelo fato dessas regiões serem cortadas por várias das principais bacias hidrográficas que alimentam o rio Amazonas, como as bacias do Tocantins, do Araguaia, do Xingú e do Tapajós. Todos esses grandes rios nascem no Cerrado, atravessando boa parte desse bioma e boa parte da Amazônia, até chegarem ao rio Amazonas. Por fim, as

regiões já sofrem atualmente uma pressão intensa, principalmente devido à grande expansão das atividades rurais. Por esses motivos, a conservação da biodiversidade dessas regiões, principalmente através da criação de unidades de conservação é fundamental.

A teoria das Metapopulações é de extrema importância no planejamento de um sistema de unidades de conservação. A fragmentação de habitats é hoje uma das maiores ameaças à diversidade biológica tanto pela redução dos ambientes naturais como pelo isolamento dos habitats remanescentes. A fragmentação rompe o movimento natural de indivíduos, sementes, esporos e pólen de plantas, bem como o fluxo de nutrientes e de energia dentro de diferentes partes da paisagem e entre elas (Soulé & Terborgh, 1999). Em paisagens fragmentadas, as espécies podem estar distribuídas como “metapopulações”, sistemas de populações ligadas pelo fluxo gênico. A sobrevivência dessas metapopulações está relacionada à eficiência de movimentação entre as manchas de habitat, que pode se tornar inviável devido à distância, à falta de corredores, ou de outros habitats em que as espécies possam atravessar (Noss e Csuti 1994).

Estudos demonstram a eficiência dos corredores para a conservação, sugerindo que atuam na manutenção da viabilidade genética de populações nativas, ao permitir um fluxo de indivíduos entre populações anteriormente conectadas. A magnitude e distribuição da variabilidade genética dentro e entre as populações estão relacionadas com o alcance do fluxo gênico (Pickett e Thompson 1978). Assim, a preservação da biodiversidade das regiões, tanto ao nível de espécies, variabilidade genética como de funções ecológicas, depende de um ordenamento territorial que estabeleça corredores ecológicos e regiões de contato entre as áreas destinadas à conservação.

As características bióticas das regiões do empreendimento justificam o planejamento de um sistema de unidades de conservação, integrando as unidades de proteção integral e de uso direto, com as terras indígenas e, também, as áreas destinadas à expansão urbana e de atividades rurais. Um projeto estratégico do sistema de unidades deverá ser elaborado previamente, através da participação de representantes dos órgãos públicos, das comunidades envolvidas, de instituições de pesquisas regionais e nacionais e de diversos profissionais atuantes em áreas de conhecimento relacionadas com o meio ambiente.

Este sistema deverá se referenciar principalmente pelas bacias hidrográficas, buscando a conectividade das áreas verdes das regiões e daquelas presentes em seus entornos. As áreas de proteção do sistema deverão englobar habitats representativos de todos os ambientes presentes nas regiões. A escolha das áreas deve considerar o estado de

conservação do solo, informações temáticas como sistema hidrográfico, cobertura vegetal, uso atual do solo, importância biótica (fauna e flora), potencial biológico e interesses cênicos e paisagísticos. A definição de estratégias também deverá considerar as regiões destinadas à expansão urbana e de atividades rurais, bem como rodovias e estradas de acesso, uma vez que estas progressões, em geral, são associadas a atividades de grande impacto ambiental.

O objetivo principal será proteger grandes áreas por meio de um conjunto integrado de unidades de conservação de diferentes categorias, próximas ou contíguas, e suas respectivas zonas de amortecimento e corredores ecológicos, integrando as diferentes atividades de preservação da natureza, uso sustentável dos recursos naturais e restauração e recuperação dos ecossistemas.

Numa primeira etapa devem ser efetivadas e regularizadas as unidades de conservação já consolidadas e em vias de criação nas regiões vizinhas. Deverão ser implantados o zoneamento ecológico, o manejo e a gestão destas unidades, no sentido de fomentar a pesquisas de inventário e monitoramento de biodiversidade regional.

Em seguida, o planejamento prévio deverá identificar e determinar áreas destinadas à criação de novas unidades de conservação municipais, estaduais ou federais, tanto de uso sustentável, quanto de proteção integral, visando viabilizar adjacências e conexões entre as áreas naturais.

Neste caso serão definidas as denominações, as categorias de manejo, os objetivos, os limites das novas unidades a serem criadas. Deverão ser determinadas as populações tradicionais beneficiárias e as atividades econômicas envolvidas, no caso das unidades de uso direto. As denominações deverão estar fundamentadas nas características naturais mais significativas, ou na sua denominação mais antiga, com a prioridade das designações indígenas ancestrais. Por fim competirá ao órgão executor proponente da nova unidade elaborar os estudos técnicos preliminares, realizar a consulta pública e demais procedimentos administrativos necessários à criação da unidade (MMA 2000).

O processo de criação e gestão do conjunto de unidades deverá ser feito de forma integrada e participativa; compatibilizando a presença da biodiversidade, a valorização da sociodiversidade e o desenvolvimento sustentável no contexto regional. Deve ser assegurada a permanência dos recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente. O órgão executor competente deverá indicar, de modo claro e em linguagem acessível, as implicações para a população residente no interior e no entorno da unidade proposta, no processo de consulta pública (MMA 2000).

Como já citado anteriormente, a área de influência do empreendimento não possui unidades de conservação estabelecidas dentro de seus limites, mas contém várias terras indígenas. As bacias hidrográficas dos rios que cortam a área da ferrovia são conexões naturais a numerosas terras indígenas e algumas unidades de conservação presentes nas regiões vizinhas.

Entre as seis regiões estudadas, a de Santa Terezinha de Goiás, na bacia do rio Tocantins, talvez seja a que apresenta a maior degradação ambiental e fragmentação de habitat. Não foi identificada nenhuma área em bom estado de conservação, com grande extensão territorial e com potencial sócio-ambiental para a criação de unidades de conservação. No atual estágio, é mais importante o investimento na recuperação das matas ciliares e de outros ambientes degradados, como forma de melhorar o estado de conservação e a conectividade entre os ambientes locais e áreas preservadas nas regiões vizinhas. É fundamental que se tenha uma atenção especial com a região de Goiás por onde passará a ferrovia EF 354, pois além das atividades impactantes já presentes, a região será cortada também pela ferrovia Norte-Sul.

A região de Cocalinho, na divisa entre o Mato Grosso e Goiás, que é representada pelo rio Araguaia, necessita ser conservada, principalmente por estar localizada no corredor Bananal-Araguaia. Dentro da área de influência do empreendimento encontramos ainda áreas extensas da mata do rio Araguaia e uma área de ambientes típicos de Cerrado em bom estado de conservação e que devem ser preservados, como forma de se garantir a integridade do corredor ecológico no qual essas áreas se inserem.

A terceira região, a beira do rio das Mortes, um dos afluentes mais importantes do rio Araguaia, caracteriza-se por ambientes de Cerrado em estado não muito bom de conservação. No entanto, logo adjacente à área de influência do empreendimento, encontram-se duas grandes reservas indígenas dos povos Xavantes, a Pimentel Barbosa e a Areões, que juntamente com o Pantanal do rio das Mortes, perfazem uma das maiores áreas bem preservadas do Cerrado. A conectividade dos ambientes naturais da área de influência da ferrovia com estas áreas preservadas se dá principalmente através do rio das Mortes e de seus afluentes. Portanto é fundamental que os rios e córregos da região sejam recuperados e preservados, impedindo assim a interrupção do fluxo gênico entre as espécies.

A quarta região se localiza na bacia hidrográfica do alto rio Xingu, e os rios Culuene e Curiservo são importantes contribuintes dessa bacia, além de serem corredores ecológicos que conectam a área de influência do empreendimento e os ambientes preservados do Parque Nacional do Xingu e da Reserva Indígena do Xingu. Portanto é

de suma importância a preservação das áreas naturais adjacentes a esses rios, além de suas matas ciliares, para manter intactos os corredores ecológicos. O ideal seria a criação de uma unidade de conservação que englobasse esses dois grandes rios e seus afluentes, além de uma grande área extensa de floresta de transição em bom estado de conservação que se encontra a oeste do rio Curiservo.

A região do rio Papagaio, no alto Tapajós, ainda apresenta áreas em relativo estado de conservação, apesar da rápida expansão agrícola que ocorre nessas áreas. Tanto o rio papagaio quanto seus afluentes, como o rio Craveri, podem funcionar como corredores ecológicos entre os ambientes naturais da área de influência do empreendimento e as terras indígenas da região e os ambientes preservados do médio Tapajós. Por isso é fundamental a conservação das matas do rio Papagaio e seus afluentes, além dos ambientes naturais adjacentes.

A última região, entre Vilhena, em Rondônia e Comodoro no Mato Grosso, apresenta ambientes florestais ainda em bom estado de conservação e se localiza entre as terras indígenas Vale do Guaporé e Nambikwara. Essas terras indígenas garantem a conservação dos recursos naturais da região, porém a degradação dos ambientes naturais na área de influência do empreendimento pode contribuir para o isolamento das terras indígenas. Por isso, é fundamental a conservação de boa parte dos ambientes naturais encontrados na área do empreendimento, como forma de garantir a conectividade entre essas duas áreas indígenas.

Concluindo, a grande parte das regiões do empreendimento é fundamental para a conservação de áreas importantes dos biomas Cerrado e Amazônia e para a conectividade entre ambientes naturais da área de influência e áreas protegidas das grandes bacias hidrográficas cortadas pela ferrovia, sejam elas terras indígenas ou unidades de conservação. Por isso, é fundamental que sejam feitos esforços visando à criação de unidades de conservação e/ou a recuperação e proteção dos ambiente degradados e dos corredores ecológicos das regiões afetadas.

ANEXOS

Anexo 1: Lista filogenética das espécies de aves inventariadas para a área de influência da ferrovia EF 354 Uruaçu – GO – Vilhena – RO entre setembro e dezembro de 2009, e entre janeiro e março de 2010 para os seis sítios amostrais (regiões), sendo estes: **Região I** (sítio Santa Terezinha - STG), **Região II** (sítio Cocalinho - COC), **Região III** (sítio Água Boa - AB), **Região IV** (sítio Xingu - XIN), **Região V** (sítio Papagaio - PAP), **Região VI** (sítio Vilhena - VIL).

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
Struthioniformes Latham, 1790													
Rheidae Bonaparte, 1849													
<i>Rhea americana</i> (Linnaeus, 1758)	ema	Próx., Cin		ON	FP	F,V	1,2	X	X	X	X	X	X
Tinamiformes Huxley, 1872													
Tinamidae Gray, 1840													
<i>Tinamus tao</i> Temminck, 1815	azulona	Cin		ON	F	F,V	1,2			X	X		
<i>Tinamus guttatus</i> Pelzeln, 1863	inhambu-galinha	Cin	Amaz.	ON	F	Z	1,2					X	X
<i>Crypturellus soui</i> (Hermann, 1783)	tururim	Cin		ON	FVT	Z	1	X	X	X	X	X	
<i>Crypturellus undulatus</i> (Temminck, 1815)	jaó	Cin		ON	FSCMVT	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Crypturellus strigulosus</i> (Temminck, 1815)	inhambu-relógio	Cin	Amaz.	ON	FT	Z	1						X
<i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827)	inhambu-chororó	Cin		ON	FSCMVTP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815)	inhambu-chintã	Cin		ON	F	Z	1						X
<i>Rhynchotus rufescens</i> (Temminck, 1815)	perdiz	Cin		ON	CMVTP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Nothura maculosa</i> (Temminck, 1815)	codorna-amarela	Cin		ON	SP	V,Z	1,2	X				X	
Anseriformes Linnaeus, 1758													
Anhimidae Stejneger, 1885													
<i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766)	anhuma	Tur.		ON	DR	F,V,Z	1		X		X		
Anatidae Leach, 1820													
<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)	irerê	Cin	Migr.	ON	VATP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X		

Nome do Taxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Dendrocygna autumnalis</i> (Linnaeus, 1758)	asa-branca	Cin	Migr.	ON	VATP	F,V	1,2	X	X	X			
<i>Neochen jubata</i> (Spix, 1825)	pato-corredor	Cin		ON		F,V	1,2		X				
<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	pato-do-mato	Cin	Migr.	ON	FDMVRATP	F,V	1,2	X	X	X	X		X
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	pé-vermelho	Cin		ON	FVATP	F,V	1,2	X	X	X	X	X	X
Galliformes Linnaeus, 1758													
Cracidae Rafinesque, 1815													
<i>Ortalis motmot</i> (Linnaeus, 1766)	aracuã-pequeno	Cin, Tur.	Amaz.	ON	F	V,Z	1						X
<i>Penelope supercilialis</i> Temminck, 1815	jacupemba	Cin, Tur.		ON	FSCVT	F,V,Z	1,2	X		X	X	X	
<i>Penelope ochrogaster</i> Pelzeln, 1870	jacu-de-barriga- castanha	Cin, Vul.*	Cer	ON		V	2		X				
<i>Aburria kujubi</i> (Pelzeln, 1858)	cujubi	Cin, Tur.	Amaz.	ON	F	F,V	1,2			X	X		
<i>Mitu tuberosum</i> (Spix, 1825)	mutum-cavalo	Cin, Tur.	Amaz.	ON	F	F,V	1					X	
<i>Crax fasciolata</i> Spix, 1825	mutum-de- penacho	Cin		ON	FVT	F,V	1,2	X	X	X	X	X	
Odontophoridae Gould, 1844													
Podicipediformes Fürbringer, 1888													
Podicipedidae Bonaparte, 1831													
<i>Tachybaptus dominicus</i> (Linnaeus, 1766)	mergulhão- pequeno			PI		V	1				X		
Pelecaniformes Sharpe, 1891													
Phalacrocoracidae Reichenbach, 1849													
<i>Phalacrocorax brasilianus</i> (Gmelin, 1789)	biguá			PI		F,V	1,2	X	X	X	X		
Anhingidae Reichenbach, 1849													
<i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	biguatinga	Tur.		PI	DRA	F,V	1		X		X		
Ciconiiformes Bonaparte, 1854													

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
Ardeidae Leach, 1820													
<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	socó-boi			PI	DRA	V	1	X	X			X	
<i>Cochlearius cochlearius</i> (Linnaeus, 1766)	arapapá	Tur.		PI	DRA	F,V	1,2				X		
<i>Nycticorax nycticorax</i> (Linnaeus, 1758)	savacu			PI	A	V	1				X		
<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	socozinho			PI	DRAP	F,V	1,2	X	X	X	X		
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	garça-vaqueira			CA	CAP	V	1,2	X		X		X	
<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766	garça-moura			PI	DVRATP	F,V	1,2	X	X	X	X		
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	garça-branca- grande			PI	VATP	F,V	1,2	X	X	X	X		
<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	maria-faceira			CA	TP	F,V	1,2	X	X	X	X		
<i>Pilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	garça-real			PI	FVAT	F,V	1,2	X	X	X	X		
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	garça-branca- pequena			PI	SDR	F,V	1	X	X	X	X		
Threskiornithidae Poche, 1904													
<i>Mesembrinibis</i> <i>cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	coró-coró			PI	FVAT	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Phimosus infuscatus</i> (Lichtenstein, 1823)	tapicuru-de-cara- pelada			PI	A	V	1	X					
<i>Theristicus caudatus</i> (Boddaert, 1783)	curicaca			CA	FSCVATP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Platalea ajaja</i> Linnaeus, 1758	colhereiro			ON	FDRA	F,V	1		X	X	X		
Ciconiidae Sundevall, 1836													
<i>Ciconia maguari</i> (Gmelin, 1789)	maguari			PI		V	1		X				
<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)	tuiuiú	Tur.	Pant	PI	P	F,V	1,2		X	X	X		
<i>Mycteria americana</i> Linnaeus, 1758	cabeça-seca			PI	FSDRAP	F,V	1,2	X	X		X	X	

Nome do Taxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
Cathartiformes Seebohm, 1890													
Cathartidae Lafresnaye, 1839													
1758) <i>Cathartes aura</i> (Linnaeus,	urubu-de-cabeça-vermelha	Sin		CA	FSCTP	F,V	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	urubu-de-cabeça-amarela	Sin		CA	F	F,V	1,2		X		X	X	
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	urubu-de-cabeça-preta	Sin		CA	FSCVTP	F,V	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-rei	Tur.		CA		V	1				X		
Falconiformes Bonaparte, 1831													
Pandionidae Bonaparte, 1854													
<i>Pandion haliaetus</i> (Linnaeus, 1758)	águia-pescadora		VN	CA	DR	V	1		X		X		
Accipitridae Vigors, 1824													
<i>Leptodon cayanensis</i> (Latham, 1790)	gavião-de-cabeça-cinza			CA	FC	V,Z	1,2	X	X		X	X	
<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-tesoura		Migr.	CA	F	F,V	1,2				X	X	X
<i>Gampsonyx swainsonii</i> Vigors, 1825	gaviãozinho			CA		F,V	2		X				
<i>Harpagus bidentatus</i> (Latham, 1790)	gavião-ripina			CA	F	V	1						X
<i>Harpagus diodon</i> (Temminck, 1823)	gavião-bombachinha			CA		F,V	1		X				
1788) <i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin,	sovi		Migr.	CA	FSCVT	F,V	1	X	X	X	X	X	X
<i>Geranospiza caerulescens</i> (Vieillot, 1817)	gavião-pernilongo			CA	CP	V	1,2	X	X	X			
<i>Leucopternis albigollis</i> (Latham, 1790)	gavião-branco			CA		V	2						X
<i>Buteogallus urubitinga</i> (Gmelin, 1788)	gavião-preto			CA	DR	F,V	1,2		X		X		
<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 1790)	gavião-caboclo			CA	FAP	F,V	1,2	X	X	X			X
<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham, 1790)	gavião-belo			CA		F,V	1		X				

Nome do Taxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	gavião-carijó	Sin		CA	FSCMVATP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
1816 <i>Buteo albicaudatus</i> Vieillot,	gavião-de-rabo-branco			CA	FAP	F,V	1,2	X	X	X		X	X
1790 <i>Buteo nitidus</i> (Latham,	gavião-pedrês			CA	FCP	F,V	1,2			X	X		X
Falconidae Leach, 1820													
<i>Ibycter americanus</i> (Boddaert, 1783)	gralhão	Tur.		CA	FC	V,Z	1,2				X		X
1777 <i>Caracara plancus</i> (Miller,	caracará	Sin.		CA	FSCMVATP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	carrapateiro	Sin.		CA	FSCVATP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	acauã			CA	FSCVT	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
1758 <i>Falco sparverius</i> Linnaeus,	quiriquiri			CA	FCVATP	F,V	1,2	X	X	X	X	X	
1800 <i>Falco ruficularis</i> Daudin,	cauré			CA	CP	V	1	X					
1822 <i>Falco femoralis</i> Temminck,	falcão-de-coleira			CA	TP	V	1,2	X	X	X		X	X
Gruiformes Bonaparte, 1854													
Aramidae Bonaparte, 1852													
<i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus, 1766)	carão			PI		V	1,2		X				
Rallidae Rafinesque, 1815													
1819 <i>Aramides ypecaha</i> (Vieillot,	saracuruçu			ON	FVT	F,V,Z	1,2	X	X	X			
<i>Aramides cajanea</i> (Statius Muller, 1776)	saracura-três-potes		Migr.	ON	FSAP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
1819 <i>Porzana albicollis</i> (Vieillot,	sanã-carijó			ON	MVAT	Z	1				X		
<i>Pardirallus nigricans</i> (Vieillot, 1819)	saracura-sanã			ON	VT	Z	1	X					
<i>Gallinula chloropus</i> (Linnaeus, 1758)	frango-d'água-comum			ON	A	V	1	X					
<i>Porphyrio martinica</i> (Linnaeus, 1766)	frango-d'água-azul			ON	A	V	1	X					

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
Heliornithidae Gray, 1840													
1783) <i>Heliornis fulica</i> (Boddaert,	picaparra			IN	DR	F,V	1				X		
Eurypygidae Selby, 1840													
1781) <i>Eurypyga helias</i> (Pallas,	pavãozinho-do-pará	Tur.		ON	FA	F,V	1,2			X	X		
Cariamidae Bonaparte, 1850													
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	seriema			ON	FSCATP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
Charadriiformes Huxley, 1867													
Charadriidae Leach, 1820													
1790) <i>Vanellus cayanus</i> (Latham,	batuíra-de-esporão			ON	A	F,V	1,2		X		X		
1782) <i>Vanellus chilensis</i> (Molina,	quero-quero			ON	CVATP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
Scolopacidae Rafinesque, 1815													
<i>Gallinago paraguaiæ</i> (Vieillot, 1816)	narceja			ON		F,V	1		X				
1813 <i>Tringa solitaria</i> Wilson,	maçarico-solitário		VN	ON	DVRTP	F,V	1,2		X	X	X	X	X
1789) <i>Tringa flavipes</i> (Gmelin,	maçarico-de-perna-amarela		VN	ON	TP	V	1						X
Jacanidae Chenu & Des Murs, 1854													
1766) <i>Jacana jacana</i> (Linnaeus,	jaçanã			ON	DVRATP	F,V,Z	1,2	X		X	X		
Sternidae Vigors, 1825													
<i>Sternula supercilialis</i> (Vieillot, 1819)	trinta-réis-anão			ON	A	F,V	1,2		X		X		
1789) <i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin,	trinta-réis-grande		Migr.	ON		F,V	1,2		X				
Rynchopidae Bonaparte, 1838													
1758 <i>Rynchops niger</i> Linnaeus,	talha-mar			PI	A	F,V	1		X		X		
Columbiformes Latham, 1790													
Columbidae Leach, 1820													
<i>Columbina minuta</i>	rolinha-de-asa-			GI		C	1			X			

Nome do Taxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
(Linnaeus, 1766)	canela												
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)	rolinha-roxa	Sin		GI	FSCMVATP	C,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831)	fogo-apagou			GI	FSDCMVTP	C,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Columbina picui</i> (Temminck, 1813)	rolinha-picui			GI	C	V	1	X					
<i>Claravis pretiosa</i> (Ferrari-Perez, 1886)	pararu-azul		Migr.	GI	FT	V	1,2		X		X	X	X
<i>Columba livia</i> Gmelin, 1789	pombo-doméstico		Intr.	GI		V	2	X					
<i>Patagioenas speciosa</i> (Gmelin, 1789)	pomba-trocal	Tur.		GI	FCTP	F,V,Z	1		X	X	X	X	X
<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)	pombão			GI	FSCMVTP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1792)	pomba-galega			GI	FCP	F,V	1,2		X	X	X		
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	pomba-amargosa			GI	F	V,Z	1,2					X	X
<i>Zenaida auriculata</i> (Des Murs, 1847)	pomba-de-bando			GI	S	V	1	X					
<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855	juriti-pupu			GI	FCT	C,Z	1,2	X	X	X			
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	juriti-gemedeira			GI	FCVAT	Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)	pariri			GI	F	C,V	1					X	X
Psittaciformes Wagler, 1830													
Psittacidae Rafinesque, 1815													
<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	arara-canindé	Com, Tur.		FI	FSCVTP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Orthopsittaca manilata</i> (Boddaert, 1783)	maracanã-do-buriti			FI	FVTP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Primolius maracana</i> (Vieillot, 1816)	maracanã-verdadeira		Amaz.	FI	FCP	F,V,Z	1,2				X	X	
<i>Primolius auricollis</i> (Cassin, 1853)	maracanã-de-colar	Com, Tur.	Restr	FI		F,V,Z	1,2		X	X			

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Diopsittaca nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-pequena			FI	FCVATP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Aratinga leucophthalma</i> (Statius Muller, 1776)	periquitão-maracanã	Com, Tur.		FI	FCP	F,V,Z	1,2	X	X		X	X	
<i>Aratinga aurea</i> (Gmelin, 1788)	periquito-rei			FI	CVATP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Aratinga pertinax</i> (Linnaeus, 1758)	periquito-de-bochecha-parda		Restr.	FI	F	F,V	1						X
<i>Pyrrhura perlata</i> (Spix, 1824)	tiriba-de-barriga-vermelha	Com, Tur.	Interfl.	FI	F	F,V	1						X
<i>Pyrrhura molinae</i> (Massena & Souancé, 1854)	tiriba-de-cara-suja	Com,		FI	F	F,V	1,2				X		
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	tuim			FI	FSC	V,Z	1,2	X		X	X	X	
<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1818)	periquito-de-encontro-amarelo			FI	FSCVTP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Gypopsitta barrabandi</i> (Kuhl, 1820)	curica-de-bochecha-laranja	Com, Tur.	Amaz.	FI	FC	F,V,Z	1,2					X	X
<i>Alipiopsitta xanthops</i> (Spix, 1824)	papagaio-galego	Próx, Com	Cer.	FI		F,V,Z	1,2		X	X			
<i>Pionus menstruus</i> (Linnaeus, 1766)	maitaca-de-cabeça-azul	Com		FI	FSC	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-verdadeiro	Com		FI	FSCMVTP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	curica	Com, Tur.		FI	FCTP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)	papagaio-moleiro	Com, Tur.		FI		V,Z	2						X
Opisthocomiformes Sclater, 1880													
Opisthocomidae Swainson, 1837													
<i>Opisthocomus hoazin</i> (Statius Muller, 1776)	cigana	Cin, Tur.	Amaz.	FI		F,V,Z	1		X				
Cuculiformes Wagler, 1830													
Cuculidae Leach, 1820													
<i>Playa cayana</i> (Linnaeus, 1766)	alma-de-gato			CA	FSCVT	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
Vieillot, 1817	<i>Coccyzus melacoryphus</i>			CA		F,V	1		X				
1873	<i>Coccyzus euleri</i> Cabanis,			ON		F,V	1		X				
1788	<i>Crotophaga major</i> Gmelin,	Tur.		CA	F	F,V,Z	1,2		X	X			
1758	<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus,	Sin		CA	FSCVTP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
	<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)			CA	SCVTP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
1766)	<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus,			CA	FVT	Z	1	X	X		X		
(Spix, 1824)	<i>Dromococcyx phasianellus</i>			CA	F	Z	1						X
	<i>Dromococcyx pavoninus</i>			CA		V,Z	1		X				
Strigiformes	Wagler, 1830												
Tytonidae	Mathews, 1912												
	<i>Tyto alba</i> (Scopoli, 1769)			CA	FCTP	F,V,Z	1,2	X		X	X	X	X
Strigidae	Leach, 1820												
(Vieillot, 1817)	<i>Megascops choliba</i>			CA	FCT	Z	1,2	X	X	X	X	X	X
(Cassin, 1849)	<i>Megascops watsonii</i>		Amaz.	CA	F	Z	2			X			
(Gmelin, 1788)	<i>Glaucidium brasilianum</i>			CA	FSCP	Z	1,2	X	X	X	X	X	
1782)	<i>Athene cunicularia</i> (Molina,			CA	FSCTP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
Caprimulgiformes	Ridgway, 1881												
1851	Nyctibiidae Chenu & Des Murs,												
1789)	<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin,			IN	FCP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
Caprimulgidae	Vigors, 1825												
1861	<i>Chordeiles pusillus</i> Gould,		Migr.	IN		V,Z	2		X				
1817)	<i>Podager nacunda</i> (Vieillot,			IN	FCP	F,V	1		X		X		

Nome do Taxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)	bacurau			IN	FSCVTP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Caprimulgus rufus</i> Boddaert, 1783	joão-corta-pau			IN	FTP	C,Z	1	X	X		X	X	
<i>Caprimulgus parvulus</i> Gould, 1837	bacurau-chintã			IN	FSCVTP	Z	1	X					
<i>Caprimulgus nigrescens</i> Cabanis, 1848	bacurau-de-lajeado		Amaz.	IN		C,V	1		X				
<i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789)	bacurau-tesoura			IN	DCR	V	1	X			X		
Apodiformes Peters, 1940													
Apodidae Olphe-Galliard, 1887													
<i>Streptoprocne biscutata</i> (Sclater, 1866)	taperuçu-de-coleira-falha			IN	C	V	2				X		
<i>Chaetura spinicaudus</i> (Temminck, 1839)	andorinhão-de-sobre-branco			IN	F	V	2					X	
<i>Chaetura meridionalis</i> Hellmayr, 1907	andorinhão-do-temporal			IN	FSDR	V	1,2	X				X	X
<i>Tachornis squamata</i> (Cassin, 1853)	tesourinha			IN	FCVT	V	1,2	X	X	X	X	X	
Trochilidae Vigors, 1825													
<i>Glaucis hirsutus</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-bico-torto			NI		F,V	1		X				
<i>Phaethornis ruber</i> (Linnaeus, 1758)	rabo-branco-rubro			NI	FC	F,V	1,2				X	X	X
<i>Phaethornis pretrei</i> (Lesson & Delattre, 1839)	rabo-branco-acanelado			NI	FCVT	C,V	1,2	X	X	X			
<i>Phaethornis philippii</i> (Bourcier, 1847)	rabo-branco-amarelo		Amaz.	NI		V	2						X
<i>Phaethornis malaris</i> (Nordmann, 1835)	besourão-de-bico-grande		Amaz.	NI	F	V	1						X
<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-tesoura			NI	FTP	V	1,2	X		X			
<i>Aphantochroa cirrochloris</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-cinza			NI	F	V	1	X					
<i>Colibri serrirostris</i> (Vieillot, 1816)	beija-flor-de-orelha-violeta			NI	C	V,Z	2					X	X
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	beija-flor-de-			NI	FC	F,V	1	X		X	X	X	

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
(Vieillot, 1817)	veste-preta												
1832) <i>Lophornis gouldii</i> (Lesson,	topetinho-do-brasil-central			NI		V	1						
(Shaw, 1812) <i>Chlorostilbon lucidus</i>	besourinho-de-bico-vemelho			NI	FC	F,V	1,2	X			X	X	X
1788) <i>Thalurania furcata</i> (Gmelin,	beija-flor-tesoura-verde			NI	FC	C,F,V	1,2	X	X	X	X	X	X
1818) <i>Hylocharis cyanus</i> (Vieillot,	beija-flor-roxo			NI	F	V	1			X			X
1812) <i>Hylocharis chrysura</i> (Shaw,	beija-flor-dourado			NI		V	2			X			
1788) <i>Amazilia fimbriata</i> (Gmelin,	beija-flor-de-garganta-verde			NI	FCVATP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
1832) <i>Amazilia lactea</i> (Lesson,	beija-flor-de-peito-azul			NI	S	V	1	X					
1788) <i>Heliophryx auritus</i> (Gmelin,	beija-flor-de-bochecha-azul			NI	F	F,V	1,2					X	X
(Temminck, 1820) <i>Heliactin bilophus</i>	chifre-de-ouro			NI	P	V	1,2		X	X			
(Temminck, 1823) <i>Heliomaster squamosus</i>	bico-reto-de-banda-branca			NI		V	2						
(Boddaert, 1783) <i>Calliphlox amethystina</i>	estrelinha-ametista			NI	F	V	1						X
Trogoniformes A. O. U., 1886													
Trogonidae Lesson, 1828													
1766 <i>Trogon viridis</i> Linnaeus,	surucuá-grande-de-barriga-amarela	Tur.		FI	FC	F,V	1	X	X		X	X	X
1766 <i>Trogon curucui</i> Linnaeus,	surucuá-de-barriga-vermelha	Tur.		FI	FDR	F,V	1,2	X	X	X	X	X	X
Coraciiformes Forbes, 1844													
Alcedinidae Rafinesque, 1815													
(Linnaeus, 1766) <i>Megasceryle torquata</i>	martim-pescador-grande			CA	FDRA	F,V,Z	1,2		X	X	X		
(Latham, 1790) <i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde			CA	FDVRAT	F,V	1,2		X	X	X	X	
(Pallas, 1764) <i>Chloroceryle aenea</i>	martinho			CA	A	F,V	1,2	X	X				

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin, 1788)	martim-pescador-pequeno			CA	A	F,V	1,2		X	X			
<i>Chloroceryle inda</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-da-mata			CA	C	V	1				X		
Momotidae Gray, 1840													
<i>Momotus momota</i> (Linnaeus, 1766)	udu-de-coroa-azul	Tur.		ON	FSDCT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
Galbuliformes Fürbringer, 1888													
Galbulidae Vigors, 1825													
<i>Brachygalba lugubris</i> (Swainson, 1838)	ariramba-preta	Tur.		IN	FMT	F,V,Z	1,2			X	X	X	
1851 <i>Galbula cyanicollis</i> Cassin,	ariramba-da-mata	Tur.		IN		V	2						X
1816 <i>Galbula ruficauda</i> Cuvier,	ariramba-de-cauda-ruiva	Tur.		IN	FSCMVAT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Galbula leucogastra</i> Vieillot, 1817	ariramba-bronzeada	Tur.	Amaz.	IN	F	F,V,Z	1,2					X	X
<i>Jacamerops aureus</i> (Statius Muller, 1776)	jacamaraçu	Tur.		IN	F	Z	2				X		
Bucconidae Horsfield, 1821													
1788 <i>Bucco tamatia</i> Gmelin,	rapazinho-carijó		Amaz.	IN	FC	C,F,V	1,2				X	X	
1816) <i>Nystalus chacuru</i> (Vieillot,	joão-bobo			ON	FSCM	V,Z	1,2	X	X		X		X
<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	rapazinho-dos-velhos		End	ON	SDCT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
1824) <i>Malacoptila rufa</i> (Spix,	barbudo-de-pescoço-ferrugem	Tur.	Amaz.	IN	F	C,F,V	1,2					X	X
<i>Nonnula ruficapilla</i> (Tschudi, 1844)	freirinha-de-coroa-castanha	Tur.		IN	F	C,F,V	1				X		X
1824) <i>Monasa nigrifrons</i> (Spix,	chora-chuva-preto	Tur.		ON	FSDCMVT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Monasa morphoeus</i> (Hahn & Küster, 1823)	chora-chuva-de-cara-branca	Tur.		ON	F	F,V,Z	2					X	X
<i>Chelidoptera tenebrosa</i> (Pallas, 1782)	urubuzinho	Tur.	Migr.	IN	FSCMTP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
Piciformes Meyer & Wolf, 1810													

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
Ramphastidae Vigors, 1825													
<i>Ramphastos toco</i> Statius Muller, 1776	tucanuçu	Tur.		ON	FCVT	F,V,Z	1,2	X	X	X	X		X
<i>Ramphastos tucanus</i> Linnaeus, 1758	tucano-grande-de-papo-branco	Tur.	Amaz.	ON	FCP	Z	1,2				X	X	X
<i>Ramphastos vitellinus</i> Lichtenstein, 1823	tucano-de-bico-preto	Tur.		ON	FC	C,F,V,Z	1,2				X	X	X
<i>Selenidera gouldii</i> (Natterer, 1837)	saripoca-de-gould		Amaz.	ON		V	2						X
<i>Pteroglossus inscriptus</i> Swainson, 1822	araçari-miudinho-de-bico-riscado	Tur.		ON	F	F,V	1			X	X		X
<i>Pteroglossus castanotis</i> Gould, 1834	araçari-castanho	Tur.		ON	FCVAT	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
Picidae Leach, 1820													
<i>Picumnus aurifrons</i> Pelzelin, 1870	pica-pau-anão-dourado	Tur.	Amaz.	FI		V	2						X
<i>Picumnus albosquamatus</i> d'Orbigny, 1840	pica-pau-anão-escamado			FI	FSCMATP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)	birro, pica-pau-branco			FI	FCVATP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Melanerpes cruentatus</i> (Boddaert, 1783)	benedito-de-testa-vermelha	Tur.	Amaz.	FI	FC	F,V,Z	1,2				X	X	X
<i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus, 1766)	picapauzinho-anão			FI	FCP	V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-verde-barrado			FI	FCVTP	V,Z	1,2	X					
<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-do-campo			FI	SCMVTP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Celeus elegans</i> (Statius Muller, 1776)	pica-pau-chocolate			FI	F	F,V	1				X		
<i>Celeus flavescens</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-cabeça-amarela			FI	FSC	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Celeus flavus</i> (Statius Muller, 1776)	pica-pau-amarelo			FI		V,Z	1		X				
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-de-banda-branca	Tur.		FI	FCMTP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Campephilus rubicollis</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-de-barriga-vermelha	Tur.	Amaz.	FI	F	Z	1						X

Nome do Taxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Campephilus melanoleucos</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-topete-vermelho	Tur.		FI	FCMAP	V,Z	1,2	X	X	X	X		
Passeriformes Linné, 1758													
Thamnophilidae Swainson, 1824													
<i>Taraba major</i> (Vieillot, 1816)	choró-boi			IN	FCVTP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Sakesphorus luctuosus</i> (Lichtenstein, 1823)	choca-d'água		Amaz.	IN		F,V,Z	1,2		X				
<i>Thamnophilus doliatus</i> (Linnaeus, 1764)	choca-barrada			IN	FDCTP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Thamnophilus aethiops</i> Sclater, 1858	choca-lisa		Amaz.	IN	F	Z	2					X	
<i>Thamnophilus schistaceus</i> d'Orbigny, 1835	choca-de-olho-vermelho		Amaz.	IN	F	Z	1						X
<i>Thamnophilus murinus</i> Sclater & Salvin, 1868	choca-murina		Amaz.	IN	FP	Z	1,2				X	X	
<i>Thamnophilus stictocephalus</i> Pelzeln, 1868	choca-de-natterer			IN	F	Z	1,2					X	X
<i>Thamnophilus pelzelni</i> Hellmayr, 1924	choca-do-planalto			IN	FSDCMT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Thamnophilus caerulescens</i> Vieillot, 1816	choca-da-mata			IN	FC	F,V,Z	1				X	X	
<i>Dysithamnus mentalis</i> (Temminck, 1823)	choquinha-lisa			IN	FSC	V,Z	1,2	X	X	X	X		X
<i>Thamnomanes saturninus</i> (Pelzeln, 1878)	uirapuru-selado		Amaz.	IN	F	C,F,V,Z	1						X
<i>Thamnomanes caesius</i> (Temminck, 1820)	ipeçuá			IN	F	C,F,V,Z	1,2					X	X
<i>Myrmotherula brachyura</i> (Hermann, 1783)	choquinha-miúda			IN		V	2						X
<i>Myrmotherula axillaris</i> (Vieillot, 1817)	choquinha-de-flanco-branco			IN	F	V,Z	1,2				X	X	X
<i>Herpsilochmus atricapillus</i> Pelzeln, 1868	chorozinho-de-chapéu-preto			IN	FSCP	V,Z	1,2	X	X	X			

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Herpsilochmus longirostris</i> Pelzeln, 1868	chorozinho-de-bico-comprido		Cer	IN	FS	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i> (Temminck, 1822)	chorozinho-de-asa-vermelha			IN	F	V,Z	1,2				X	X	
<i>Microrhophias quixensis</i> (Cornalia, 1849)	papa-formiga-de-bando			IN	F	F,V,Z	1,2					X	X
<i>Formicivora grisea</i> (Boddaert, 1783)	papa-formiga-pardo			IN	FSCMT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Formicivora melanogaster</i> Pelzeln, 1868	formigueiro-de-barriga-preta			IN		V,Z	2		X				
<i>Formicivora rufa</i> (Wied, 1831)	papa-formiga-vermelho			IN	FCA	C,F,V,Z	1,2		X	X	X	X	
<i>Cercomacra cinerascens</i> (Sclater, 1857)	chororó-pocua		Amaz	IN	F	V,Z	1,2				X		X
<i>Cercomacra nigrescens</i> (Cabanis & Heine, 1859)	chororó-negro		Amaz	IN	F	V,Z	1,2				X	X	X
<i>Cercomacra melanaria</i> (Ménétrières, 1835)	chororó-do-pantanal			IN		C,F	1		X				
<i>Cercomacra ferdinandi</i> Snethlage, 1928	chororó-de-goiás		Vul*.Cer.	IN		V,Z	1		X				
<i>Myrmoborus leucophrys</i> (Tschudi, 1844)	papa-formiga-de-sobancelha		Amaz.	IN	F	F,V,Z	1,2				X		
<i>Myrmoborus myotherinus</i> (Spix, 1825)	formigueiro-de-cara-preta		Amaz.	IN		V	2						X
<i>Hypocnemis cantator</i> (Boddaert, 1783)	papa-formiga-cantador		Amaz.	IN	F	F,V,Z	1,2				X	X	X
<i>Hypocnemoides maculicauda</i> (Pelzeln, 1868)	solta-asa		Amaz.	IN		C,F,V,Z	1		X				
<i>Myrmeciza atrothorax</i> (Boddaert, 1783)	formigueiro-de-peito-preto		Amaz.	IN	FS	F,V	1,2			X	X	X	X
<i>Rhegmatorhina hoffmannsi</i> (Hellmayr, 1907)	mãe-de-taoca-papuda	Próx., Tur.	End., Restr.	IN	F	C,F,V	1						X
<i>Hylophylax poecilinotus</i> (Cabanis, 1847)	rendadinho		Amaz.	IN	F	C,V	1,2					X	
Conopophagidae Sclater & Salvin, 1873													

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Conopophaga melanogaster</i> Ménériès, 1835	chupa-dente-grande		Restr.	IN	F	C,V	1						X
Grallariidae Sclater & Salvin, 1873													
<i>Myrmothera campanisona</i> (Hermann, 1783)	tovaca-patinho			IN	F	Z	1						X
Formicariidae Gray, 1840													
<i>Formicarius colma</i> Boddaert, 1783	galinha-do-mato			IN	FCT	C,F,V,Z	1,2				X	X	X
Dendrocolaptidae Gray, 1840													
<i>Dendrocincla fuliginosa</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-pardo	Vuln		IN	FC	C,V,Z	1,2				X	X	X
<i>Deconychura longicauda</i> (Pelzeln, 1868)	arapaçu-rabudo		Amaz.	IN		C,Z	1,2			X			X
<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-verde			IN	FSC	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Glyphorhynchus spirurus</i> (Vieillot, 1819)	arapaçu-de-bico-de-cunha			IN	F	C,V,Z	1,2					X	X
<i>Nasica longirostris</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-de-bico-comprido		Amaz.	IN	F	Z	1,2				X	X	X
<i>Hylexetastes uniformis</i> Hellmayr, 1909	arapaçu-uniforme		Restr	IN	F	C,F,Z	1				X		X
<i>Dendrocolaptes certhia</i> (Boddaert, 1783)	arapaçu-barrado			IN	F	Z	2					X	
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i> Spix, 1825	arapaçu-grande			IN	FMVT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X			
<i>Xiphorhynchus picus</i> (Gmelin, 1788)	arapaçu-de-bico-branco			IN	FC	C,Z	1		X		X		
<i>Xiphorhynchus elegans</i> (Pelzeln, 1868)	arapaçu-elegante		Restr	IN	S	V,Z	2			X			X
<i>Xiphorhynchus spixii</i> (Lesson, 1830)	arapaçu-de-spix			IN	FT	Z	1						X
<i>Xiphorhynchus guttatus</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-de-garganta-amarela			IN	F	C,V,Z	1,2	X	X		X		
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-de-cerrado			IN	FSCAP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X		

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Campylorhamphus trochilirostris</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-beija-flor	Tur.		IN		V,Z	1		X				
Furnariidae Gray, 1840													
<i>Furnarius figulus</i> (Lichtenstein, 1823)	casaca-de-couro-da-lama			IN	T	V	1	X					
<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788)	joão-de-barro			IN	FSCVATP	V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Synallaxis frontalis</i> Pelzelin, 1859	petrim			IN	SVT	V,Z	1,2	X	X				
<i>Synallaxis albescens</i> Temminck, 1823	uí-pi			IN	P	V,Z	2	X					
<i>Synallaxis hypospodia</i> Sclater, 1874	joão-grilo			IN	P	V,Z	2			X			
<i>Synallaxis rutilans</i> Temminck, 1823	joão-teneném-castanho		Amaz.	IN	F	V,Z	1						X
<i>Synallaxis scutata</i> Sclater, 1859	estrelinha-preta			IN	FC	V,Z	1,2	X		X	X	X	
<i>Cranioleuca vulpina</i> (Pelzelin, 1856)	arredio-do-rio			IN	F	F,V,Z	1,2		X	X			
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (Gmelin, 1788)	curutié			IN	DCR	Z	1		X	X	X		
<i>Berlepschia rikeri</i> (Ridgway, 1886)	limpa-folha-do-buriti		Cer	IN	VT	V	1	X					
<i>Philydor erythropterum</i> (Sclater, 1856)	limpa-folha-de-asa-castanha			IN	F	F,V	1,2					X	X
<i>Automolus leucophthalmus</i> (Wied, 1821)	barranqueiro-de-olho-branco		Atlant.	IN	F	V	1	X					
<i>Hylocryptus rectirostris</i> (Wied, 1831)	fura-barreira		Cer	IN	F	Z	1,2			X			
<i>Xenops minutus</i> (Sparrman, 1788)	bico-virado-miúdo			IN	F	F,V	2				X		X
<i>Xenops rutilans</i> Temminck, 1821	bico-virado-carijó			IN	F	V,Z	1,2	X	X			X	
Tyrannidae Vigors, 1825													
<i>Leptopogon amaurocephalus</i> Tschudi, 1846	cabeçudo			IN	FC	V,Z	1,2	X		X			
<i>Corythopsis torquatus</i> (Tschudi, 1844)	estalador-do-norte		Amaz.	IN	F	C,V,Z	1						X

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Corythopis delalandi</i> (Lesson, 1830)	estalador			IN	FS	C,V,Z	1,2			X	X		
<i>Hemitriccus minor</i> (Sneath, 1907)	maria-sebina		Restr.	IN	F	C,F,V	1				X		
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	sebinho-de-olho-de-ouro			IN	SCMT	F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Poecilotriccus capitalis</i> (Sclater, 1857)	maria-picaça		Restr	IN		V	2						X
<i>Poecilotriccus latirostris</i> (Pelzeln, 1868)	ferreirinho-de-cara-parda			IN	FMT	C,V,Z	1,2	X	X	X			
<i>Todirostrum cinereum</i> (Linnaeus, 1766)	ferreirinho-relógio			IN	S	V	1,2	X				X	
<i>Phyllomyias reiseri</i> Hellmayr, 1905	piolhinho-do-grotão			IN	SC	V	1	X					
<i>Phyllomyias fasciatus</i> (Thunberg, 1822)	piolhinho			IN	FSC	V,Z	1,2	X		X	X		
<i>Myiopagis gaimardii</i> (d'Orbigny, 1839)	maria-pechim			IN	FC	F,V,Z	2				X	X	
<i>Myiopagis caniceps</i> (Swainson, 1835)	guaracava-cinzenta			IN		V	2						X
<i>Myiopagis viridicata</i> (Vieillot, 1817)	guaracava-de-crista-alaranjada			IN		C,F	1			X			
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)	guaracava-de-barriga-amarela			IN	FSCMVATP	C,V,Z	1,2	X		X	X		
<i>Elaenia spectabilis</i> Pelzeln, 1868	guaracava-grande			IN	C	F,V,Z	1,2		X		X		
<i>Elaenia albiceps</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	guaracava-de-crista-branca		VS	IN	FCP	V,Z	1,2		X		X	X	
<i>Elaenia parvirostris</i> Pelzeln, 1868	guaracava-de-bico-curto			IN	SC	V	1	X					
<i>Elaenia cristata</i> Pelzeln, 1868	guaracava-de-topete-uniforme			IN	FCMT	C,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)	risadinha			IN	FCVTP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Suiriri suiriri</i> (Vieillot, 1818)	suiriri-cinzento			IN	SC	V,Z	1,2	X					
<i>Serpophaga subcristata</i> (Vieillot, 1817)	alegrinho			IN		Z	1,2		X	X			

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Phaeomyias murina</i> (Spix, 1825)	bagageiro			IN		V,Z	1			X			
<i>Capsiempis flaveola</i> (Lichtenstein, 1823)	marianinha-amarela			IN	FC	F,V,Z	1,2			X	X		
<i>Euscarthmus meloryphus</i> Wied, 1831	barulhento			IN	C	V	1	X					
<i>Sublegatus modestus</i> (Wied, 1831)	guaracava-modesta			IN	F	Z	2	X					
<i>Inezia subflava</i> (Sclater & Salvin, 1873)	amarelinho			IN		F,V,Z	1,2		X				
<i>Tolmomyias sulphurescens</i> (Spix, 1825)	bico-chato-de-orelha-preta			IN	FCVT	F,V,Z	1,2	X	X	X			X
<i>Tolmomyias flaviventris</i> (Wied, 1831)	bico-chato-amarelo			IN	FC	C,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Platyrinchus mystaceus</i> Vieillot, 1818	patinho			IN	F	V	1	X					
<i>Platyrinchus platyrhynchos</i> (Gmelin, 1788)	patinho-de-coroa-branca		Amaz.	IN		V	2						X
<i>Myiobius barbatus</i> (Gmelin, 1789)	assanhadinho			IN	F	V	1	X					
<i>Terenotriccus erythrurus</i> (Cabanis, 1847)	papa-moscas-uirapuru			IN	F	F,V	1					X	X
<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)	enferrujado			IN	FC	F,V,Z	1,2	X	X				
<i>Cnemotriccus fuscatus</i> (Wied, 1831)	guaracavuçu			IN	FSC	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Contopus cinereus</i> (Spix, 1825)	papa-moscas-cinzentos		Migr.	IN	S	V,Z	1,2	X		X			X
<i>Pyrocephalus rubinus</i> (Boddaert, 1783)	príncipe		Migr.	IN	C	V	1					X	
<i>Knipolegus orenocensis</i> Berlepsch, 1864	maria-preta-ribeirinha			IN		F,V,Z	1		X				
<i>Xolmis cinereus</i> (Vieillot, 1816)	primavera			IN	FP	V	1,2	X	X			X	
<i>Xolmis velatus</i> (Lichtenstein, 1823)	noivinha-branca			IN	P	V	1,2			X			X
<i>Fluvicola albiventer</i> (Spix, 1825)	lavadeira-de-cara-branca			IN		V	1			X			

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	freirinha			IN	VRTP	F,V	1,2	X	X	X	X		
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	viuvinha			IN	F	F,V	1				X		
<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)	suiriri-cavaleiro			IN	A	V	1	X					
<i>Legatus leucophaeus</i> (Vieillot, 1818)	bem-te-vi-pirata			FI	FSDCMR	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Myiozetetes cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	bentevizinho-de-asa-ferrugínea			FI	FDCMVRATP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	bentevizinho-de-penacho-vermelho			FI	FVT	V,Z	1,2	X			X		
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bem-te-vi	Sin	Migr.	ON	FSCMVATP	V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Statius Muller, 1776)	bem-te-vi-rajado		Migr.	ON	SC	V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	neinei		Migr.	ON	FSCMVTP	V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	peitica			FI	FC	V,Z	1	X	X	X	X	X	
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	peitica-de-chapéu-preto			ON	C	V,Z	1,2	X	X	X			X
<i>Tyrannus albogularis</i> Burmeister, 1856	suiriri-de-garganta-branca		Migr.	FI	CVATP	V,Z	1,2	X		X	X		
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	suiriri	Sin	Migr.	ON	FCATP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 1808	tesourinha		Migr.	ON	FSCTP	V,Z	1	X		X	X	X	X
<i>Sirystes sibilator</i> (Vieillot, 1818)	gritador		Migr.	IN	FC	V,Z	1	X				X	
<i>Casiornis rufus</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro		Migr.	IN	FSCMT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Myiarchus swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859	irré		Migr.	IN	FSCVT	V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira		Migr.	IN	FSDCRAP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X

Nome do Taxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Myiarchus tyrannulus</i> (Statius Muller, 1776)	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado			IN	C	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Ramphotrigon ruficauda</i> (Spix, 1825)	bico-chato-de-rabo-vermelho		Amaz.	IN	F	C,F,V	1				X		
Cotingidae Bonaparte, 1849													
<i>Lipaugus vociferans</i> (Wied, 1820)	cricrió	Tur.		FI	FDR	F,V	1,2				X	X	X
<i>Gymnoderus foetidus</i> (Linnaeus, 1758)	anambé-pombo	Tur.	Amaz.	FI		V	1			X			
Pipridae Rafinesque, 1815													
<i>Neopelma pallescens</i> (Lafresnaye, 1853)	fruxu-do-cerradão			FI	FSC	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Tyrannneutes stolzmanni</i> (Hellmayr, 1906)	uirapuruzinho		Amaz.	FI	FDR	F,V,Z	1,2				X	X	X
<i>Piprites chloris</i> (Temminck, 1822)	papinho-amarelo			FI	F	Z	2					X	
<i>Machaeropterus pyrocephalus</i> (Sclater, 1852)	uirapuru-cigarra	Tur.		FI	FC	C,F,V,Z	1,2				X	X	X
<i>Lepidothrix nattereri</i> (Sclater, 1865)	uirapuru-de-chapéu-branco			FI		V	2						X
<i>Lepidothrix iris</i> (Schinz, 1851)	cabeça-de-prata		End, Restr	FI	F	C,F,V,Z	1,2				X	X	X
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)	rendeira	Tur.		FI	FC	C,F,V,Z	1,2				X	X	X
<i>Antilophia galeata</i> (Lichtenstein, 1823)	soldadinho		Cer	FI	FSVT	C,F,V,Z	1	X	X		X		
<i>Chiroxiphia pareola</i> (Linnaeus, 1766)	tangará-falso	Tur.		FI	FSDR	F,V,Z	1,2			X		X	X
<i>Xenopipo atronitens</i> Cabanis, 1847	pretinho		Amaz.	FI	FC	C,F,V,Z	1,2				X	X	
<i>Heterocercus linteatus</i> (Strickland, 1850)	coroa-de-fogo	Tur.	Restr	FI	F	V	1					X	
<i>Pipra fasciicauda</i> Hellmayr, 1906	uirapuru-laranja	Tur.		FI	FS	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Pipra rubrocapilla</i> Temminck, 1821	cabeça-encarnada	Tur.		FI	FS	C,F,V,Z	1,2			X			X
Tityridae Gray, 1840													

Nome do Taxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Schiffornis major</i> Des Murs, 1856	flautim-ruivo		Amaz.	IN	F	C,F,V,Z	1						X
<i>Schiffornis turdina</i> (Wied, 1831)	flautim-marrom			FI	F	V,Z	1,2				X	X	X
<i>Tityra inquisitor</i> (Lichtenstein, 1823)	anambé-branco-de-bochecha-parda			FI	FP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X		X
<i>Tityra cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-branco-de-rabo-preto	Tur.		FI	F	V	1	X	X				
<i>Tityra semifasciata</i> (Spix, 1825)	anambé-branco-de-máscara-negra		Amaz.	FI	F	C,F,V,Z	1,2			X	X	X	
<i>Pachyramphus viridis</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro-verde			FI	S	V	1	X					
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	caneleiro-preto			FI	FC	C,F,V,Z	1,2	X	X	X			
<i>Pachyramphus validus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-de-chapéu-preto			FI	P	V	2			X			
<i>Xenopsaris albinucha</i> (Burmeister, 1869)	tijerila			FI	F	V	1	X					
Vireonidae Swainson, 1837													
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	pitiguari			FI	FSCMVTP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Vireo olivaceus</i> (Linnaeus, 1766)	juruvira		Migr.	FI	FSCVT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Hylophilus pectoralis</i> Sclater, 1866	vite-vite-de-cabeça-cinza			FI	FSC	F,V,Z	1,2	X	X	X		X	
<i>Hylophilus ochraceiceps</i> Sclater, 1860	vite-vite-uirapuru		Amaz.	FI	F	V,Z	2					X	X
Corvidae Leach, 1820													
<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1823)	gralha-do-campo		Cer	ON	FCA	V,Z	1,2	X	X	X		X	
<i>Cyanocorax chrysops</i> (Vieillot, 1818)	gralha-picaça		End	ON	F	V,Z	1					X	X
<i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1821)	gralha-cancã		End.	ON	FSCMT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
Hirundinidae Rafinesque, 1815													
<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio		Migr.	IN		F,V	1,2		X				

Nome do Taxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
(Boddaert, 1783)													
<i>Tachycineta leucorrhoa</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-de-sobre-branco			IN	DRA	F,V	1				X	X	X
<i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-do-campo			IN	FVT	F,V	1,2	X	X	X	X		
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	andorinha-doméstica-grande	Sin	Migr.	IN	DCRT	F,V	1	X	X				X
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-pequena-de-casa			IN	P	V	1	X					
<i>Alopochelidon fucata</i> (Temminck, 1822)	andorinha-morena			IN	FP	V	1	X				X	
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora		Migr.	IN	DVRT	F,V	1,2	X	X	X			X
<i>Riparia riparia</i> (Linnaeus, 1758)	andorinha-do-barranco		VN	IN	A	V	1	X					
Troglodytidae Swainson, 1831													
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823	corruíra	Sin		IN	FVATP	F,V	1,2	X	X	X	X		X
<i>Pheugopedius genibarbis</i> (Swainson, 1838)	garrinchão-pai-avô			IN	FVT	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Pheugopedius coraya</i> (Gmelin, 1789)	garrinchão-coraia		Amaz.	IN	F	V,Z	1,2				X	X	
<i>Cantorchilus leucotis</i> (Lafresnaye, 1845)	garrinchão-de-barriga-vermelha			IN	FCVAT	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
<i>Cyphorhinus arada</i> (Hermann, 1783)	uirapuru-verdadeiro	Tur.	Amaz.	IN		Z	2						X
Donacobiidae Aleixo & Pacheco, 2006													
<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	japacanim			IN	VT	V,Z	1,2	X	X		X		
Poliopitilidae Baird, 1858													
<i>Poliopitila dumicola</i> (Vieillot, 1817)	balança-rabo-de-máscara			IN	FSCMVATP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
Turdidae Rafinesque, 1815													
<i>Catharus fuscescens</i> (Stephens, 1817)	sabiá-norte-americano		VN	IN	F	C,F,V	1,2					X	X
<i>Catharus ustulatus</i> (Nuttall, 1840)	sabiá-de-óculos		VN	IN		V	2						X

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
1818 <i>Turdus rufiventris</i> Vieillot,	sabiá-laranjeira			IN	F	V,Z	1				X		
1818 <i>Turdus leucomelas</i> Vieillot,	sabiá-barranco			ON	FSCMVAT	C,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850	sabiá-poca	Com		ON	C	C,V,Z	1,2			X	X	X	
Mimidae Bonaparte, 1853													
<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	sabiá-do-campo			ON	FSCVTP	V,Z	1,2	X		X	X		
Motacillidae Horsfield, 1821													
<i>Anthus lutescens</i> Pucheran, 1855	caminheiro- zumbidor			IN	TP	V,Z	1					X	X
Coerebidae d'Orbigny & Lafresnaye, 1838													
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	cambacica			FI	FCP	C,V,Z	1,2	X	X	X		X	
Thraupidae Cabanis, 1847													
<i>Schistochlamys melanopis</i> (Latham, 1790)	sanhaçu-de- coleira			FI	FCMT	C,F,V,Z	1,2			X		X	
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> (Vieillot, 1817)	bico-de-veludo		End	FI	C	F,V,Z	1,2					X	
<i>Nemosia pileata</i> (Boddaert, 1783)	saíra-de-chapéu- preto			FI	CAP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X			X
<i>Cypsnagra hirundinacea</i> (Lesson, 1831)	bandoleta		Cer	FI	C	V	1	X					
<i>Piranga flava</i> (Vieillot, 1822)	sanhaçu-de-fogo			FI	C	V	1,2		X	X			
<i>Eucometis penicillata</i> (Spix, 1825)	pipira-da-taoca			FI	F	C,F,V	1,2	X	X		X		
<i>Tachyphonus cristatus</i> (Linnaeus, 1766)	tiê-galo			FI	F	F,V	1,2			X			X
<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	pipira-preta			FI	FSCVAT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Tachyphonus phoenicius</i> Swainson, 1838	tem-tem-de- dragona-vermelha		Amaz.	FI	FC	F,V	1,2					X	
<i>Ramphocelus carbo</i> (Pallas, 1764)	pipira-vermelha			FI	FSDCMVRATP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Thraupis episcopus</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaçu-da-amazônia		Amaz.	FI		V	2						X
<i>Thraupis sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaçu-cinzento			FI	FCATP	C,V,Z	1,2	X	X	X		X	
<i>Thraupis palmarum</i> (Wied, 1823)	sanhaçu-do-coqueiro			FI	FCVATP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Tangara mexicana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-de-bando	Tur.		FI	F	F,V	1					X	
<i>Tangara chilensis</i> (Vigors, 1832)	sete-cores-da-amazônia	Tur.	Amaz.	FI	F	V	1						X
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-amarela			FI	SCVATP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X		X
<i>Tangara cyanicollis</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	saíra-de-cabeça-azul	Tur.		FI	FSC	F,V,Z	1,2			X	X		
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	saí-andorinha			FI	FC	F,V,Z	1,2	X			X	X	X
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saí-azul	Tur.		NI	FSCMVTP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Cyanerpes cyaneus</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-beija-flor	Tur.		NI	FCA	C,F,V,Z	1,2		X	X		X	
<i>Hemithraupis guira</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-de-papo-preto			NI	FCMVATP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Hemithraupis flavicollis</i> (Vieillot, 1818)	saíra-galega			FI	FCP	F,V,Z	1,2			X		X	X
<i>Conirostrum speciosum</i> (Temminck, 1824)	figuinha-de-rabo-castanho			FI	F	V	1	X		X			
Emberizidae Vigors, 1825													
<i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico			GI	FCMATP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Ammodramus humeralis</i> (Bosc, 1792)	tico-tico-do-campo			GI	VTP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Ammodramus aurifrons</i> (Spix, 1825)	cigarrinha-do-campo			GI		F,V,Z	1,2		X				
<i>Sicalis citrina</i> Pelzeln, 1870	canário-rasteiro			GI	C	V	1	X					
<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	canário-da-terra-verdadeiro	Com.		GI	FSCVRTP	V,Z	1,2	X	X	X			
<i>Emberizoides herbicola</i> (Vieillot, 1817)	canário-do-campo			GI	MTP	V,Z	1,2			X	X	X	X

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu			GI	SCVTP	V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Sporophila schistacea</i> (Lawrence, 1862)	cigarrinha-do-norte			GI		F,V,Z	2						
<i>Sporophila plumbea</i> (Wied, 1830)	patativa	Com		GI	SC	V	1	X					
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho	Com	Migr.	GI		F,V	1			X			
<i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1823)	baiano	Com		GI	FA	V,Z	1,2	X	X			X	
<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1823)	coleirinho	Com	Migr.	GI	F	V	1	X	X				
<i>Sporophila bouvreuil</i> (Statius Muller, 1776)	caboclinho	Com	Migr.	GI	P	V	2			X			
<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	curió	Com, Tur.		GI	F	F,V,Z	1,2		X	X		X	X
<i>Arremon taciturnus</i> (Hermann, 1783)	tico-tico-de-bico-preto			GI	FCVT	C,F,V	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Coryphospingus pileatus</i> (Wied, 1821)	tico-tico-rei-cinza			GI	FSCP	C,F,V,Z	1,2	X	X				
<i>Coryphospingus cucullatus</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico-rei			GI	C	V	1				X		
<i>Paroaria baeri</i> Hellmayr, 1907	cardeal-de-goiás		Cer	GI		F,V	2		X				
Cardinalidae Ridgway, 1901													
<i>Saltator grossus</i> (Linnaeus, 1766)	bico-encarnado	Tur.	Amaz.	FI		V	2						X
<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	tempera-viola			FI	FSCMVT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Saltator coerulescens</i> Vieillot, 1817	sabiá-gongá			FI		F,V,Z	1,2		X				
<i>Saltator similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	trinca-ferro-verdadeiro			FI	FSC	V,Z	1,2	X	X			X	
<i>Saltator atricollis</i> Vieillot, 1817	bico-de-pimenta		Cer	FI	FSCP	V,Z	1,2	X		X	X	X	
Parulidae Wetmore, Friedmann, Lincoln, Miller, Peters, van Rossem, Van Tyne & Zimmer 1947													

Nome do Táxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Parula pitiayumi</i> (Vieillot, 1817)	mariquita			IN	SC	V,Z	1	X					
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	pia-cobra			IN	T	V	1	X					
<i>Basileuterus culicivorus</i> (Deppe, 1830)	pula-pula			IN	T	V	1	X					
<i>Basileuterus hypoleucus</i> Bonaparte, 1830	pula-pula-de-barriga-branca			IN	FSDCT	V,Z	1,2	X		X	X		
<i>Basileuterus flaveolus</i> (Baird, 1865)	canário-do-mato			IN	FSDCMVT	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	
Icteridae Vigors, 1825													
<i>Psarocolius viridis</i> (Statius Muller, 1776)	japu-verde	Com, Tur	Amaz.	FI	F	V	1				X		
<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	japu	Com, Tur		FI	FCA	C,F,V	1,2	X	X		X	X	X
<i>Procacicus solitarius</i> (Vieillot, 1816)	iraúna-de-bico-branco	Com, Tur		FI		V	1		X				
<i>Cacicus haemorrhous</i> (Linnaeus, 1766)	guaxe	Com, Tur		FI	F	V	1						X
<i>Cacicus cela</i> (Linnaeus, 1758)	xexéu	Com, Tur	Amaz.	FI	FSCP	C,F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Icterus cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	encontro	Com, Tur		FI	FCP	F,V,Z	1,2	X	X		X	X	
<i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788)	corrupião	Com, Tur		FI		V,Z	1,2		X				
<i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819)	graúna	Com		FI	SCVTP	V,Z	1,2	X	X	X	X		
<i>Chrysomus ruficapillus</i> (Vieillot, 1819)	garibaldi			FI	FR	V,Z	1,2	X					
<i>Molothrus oryzivorus</i> (Gmelin, 1788)	iraúna-grande			FI	FDCVRTP	V	1,2	X			X		X
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	vira-bosta			FI	FDRTP	V	1,2	X			X		X
<i>Sturnella militaris</i> (Linnaeus, 1758)	polícia-inglesa-do-norte		Amaz.	FI	P	V	1						X
<i>Sturnella supercilialis</i> (Bonaparte, 1850)	polícia-inglesa-do-sul			FI		F,V	1			X			
Fringillidae Leach, 1820													

Nome do Taxon	Nome popular	Import.	Distr.	Dieta	Fitofisionomias	Registro	Campanhas	STG	COC	AB	XIN	PAP	VIL
<i>Carduelis magellanica</i> (Vieillot, 1805)	pintassilgo			FI	AP	F,V	1,2			X			
<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	fim-fim			FI	FSDCMVRTP	F,V,Z	1,2	X	X	X	X	X	X
<i>Chlorophonia cyanea</i> (Thunberg, 1822)	bandeirinha			FI		V	2						X
Estrildidae Bonaparte, 1850													
Passeridae Rafinesque, 1815													
<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	pardal		Intr.	ON	TP	V	1,2		X			X	

Legenda:

- **Nome do Taxon:** Ordem taxonômica e nomenclatura científica, segundo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO 2006).
- **Importância (Import):** Aves incluídas na lista de espécies ameaçadas de extinção a nível nacional (MMA 2003) e mundial (IUCN 2006) classificadas como: 1) **Extinta**. – extinta; 2) **Vuln** – vulnerável; ou 3) **Próx.** – próxima de ser considerada ameaçada (near threatened); além de **Cin.** – espécies com valor cinegético (de caça); **Com.** – espécies com valor comercial, alvos do tráfico de animais e criação doméstica, **Tur.** – espécies de apelo turístico e **Sin.** – espécies sinântropas.
- **Distribuição (Distr.)=> End-** espécies endêmicas do Brasil, **Cer.** – espécie endêmica do Cerrado; **Restr.** = espécie com distribuição restrita a certos interflúvios amazônicos, **Interfl.** – espécie de aves com distribuição restrita ao interflúvio Xingu/Tapajós, **Amaz** - ave amazônica, isto é, espécie com centro de distribuição na Amazônia, **Pant** - espécies com distribuição associada ao Pantanal, **Migr.** – espécies migratórias; **Intr** – espécie introduzida (exótica à fauna brasileira); **VN** - visitante da América do Norte, **VS** - visitante da América do Sul, **VA** = vagante, isto é, espécie de ocorrência aparentemente irregular no Brasil; pode ser um migrante regular em países vizinhos, **VO** = visitante sazonal oriundo de áreas a oeste do território brasileiro.
- **Dieta =>** Praticamente todas as aves se alimentam de insetos em algum momento de sua vida, com exceção de algumas aves de rapina. Sendo assim, as espécies de aves foram segregadas em sete guildas alimentares, de acordo com suas dietas preferenciais (Forshaw & Cooper 1977; Grantsau 1988; Del Hoyo et al. 1994; Ridgely & Tudor 1994 e 1998; Sick 1997). As guildas consideradas foram: CA – carnívoros; FI – frugívoros e insetívoros; IN – insetívoros, NI – nectarívoros e insetívoros; PI – Piscívoros e insetívoros; GI – granívoros e insetívoros e ON – onívoros.
- **Registro:** (V) – visualização; (Z) – Zoofonia; (C) – espécies coletadas; (R) – espécies capturadas nas redes de neblina; (G) – espécies com o canto gravado; (F) – espécies fotografadas; (E) – espécies registradas através de informações repassadas por moradores locais (entrevistas).
- **Campanhas:** 1 – Primeira campanha de campo; 2 – Segunda campanha de campo.
- **Fitofisionomias:** (F) – ambientes florestais (florestas ombrófilas aluvial ou de terra firme e matas de galeria); (S) – matas secas (floresta decidual, semi-decidual e floresta de encosta); (C) – cerrados *sensu stricto*; (M) – formações campestres de Cerrado (campos de murundus, campos sujos e similares); (D) – espécie cerradão; (R) – ambientes ripários (rios, cursos d'água e corredeiras); (V) – veredas e ambientes brejosos; (A) - espécie associada a outros ambientes aquáticos (lagos, açudes); (P) – pastos e plantações; (T) – áreas alteradas e urbanas.

ANEXO

MAPA SÍNTESE COM FRAGMENTOS/REMANESCENTES FLORESTAIS